UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Simone Andriani dos Santos

Senhoras e criadas no espaço doméstico, São Paulo (1875 - 1928)

(Versão Revisada)

São Paulo

2015

Simone Andriani dos Santos

Senhoras e criadas no espaço doméstico, São Paulo (1875 - 1928)

(Versão Revisada)

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências - História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho.

São Paulo

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

Simone Andriani dos Santos

Senhoras e criadas no espaço doméstico, São Paulo (1875 - 1928)

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Ciências - História Social.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho.

Aprovada em: 25 de agosto de 2015.

Trata-se de versão corrigida após a defesa.

De acordo,

Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho

Banca examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho

Prof.^a Dr.^a Maria Izilda Santos de Matos

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida de Menezes Borrego

2015

A Eduardo, Ilca, Julia e Letícia

AGRADECIMENTOS

Durante a pesquisa, recebi contribuições importantes de inúmeros colegas, amigos, familiares e professores. Gostaria de agradecê-los e peço desculpas desde já aqueles que não foram mencionados.

Início agradecendo à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Vânia Carneiro de Carvalho por toda colaboração, incentivo, atenção e paciência. Antes mesmo de meu ingresso no Programa Pós-Graduação em História Social, quando ainda era estagiária do Museu Paulista da USP, pude contar com sua generosa orientação. Seu rigor intelectual e sua dedicação à pesquisa são para mim uma fonte de inspiração.

Agradeço às professoras Dr.^a Maria Izilda Santos de Matos e Dr.^a Maria Inez Machado Borges Pinto, pela leitura crítica de meu relatório de qualificação e pelas indicações bibliográficas que, sem dúvida, contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

Não apenas durante a pesquisa, mas antes mesmo de meu ingresso no mestrado, visitei e frequentei inúmeros acervos e gostaria de agradecer a todos os funcionários que me auxiliaram na busca pela bibliografia e pela documentação. Em especial, agradeço à Shirley Ribeiro, Tatiana Vasconcelos e Fabiana Urzua, do Serviço de Documentação Histórica e Iconografia (SVDHICO) do Museu Paulista da USP, aos bibliotecários da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, da Biblioteca do Livro Didático (BLD) e Coleções Especiais da Faculdade de Educação da USP e da Biblioteca do Museu Paulista da USP.

Às amigas Ligia Maria Araki, Bruna Bengozi, Arize Araújo Pinheiro e Vivian Wolf Krauss, da época do estágio no SVDHICO, pelas conversas animadas, almoços, cafés e risadas.

Aos meus colegas e amigos da graduação e da Pós-Graduação em História que nos rápidos (re)encontros se aninavam ao conhecer meu tema de pesquisa, incentivando-me a persistir. Aos amigos do curso de Biblioteconomia da ECA-USP, pelo encorajamento, colaboração e, claro, pelas nossas “Segundas sem classe”. Às amigas do curso de francês, pelos cafés, chás, almoços e passeios com direito a filmes, música, arte, culinária e vinhos franceses.

Às amigas do curso de Geografia da USP, Carol, Claudia, Talita A., Talita B., Glayce, Clari, Samanta, Sibele, pelas conversas, papos de bar e boteco, parcerias em shows, festas,

visitas a exposições, mas também pelas sérias discussões sobre política, educação e feminismo.

Aos queridos e essenciais amigos Sandra Ribeiro Alves, Moema Muniz, Eduardo F. de Carvalho, Erika Hahn e Diego Augusto, por todo apoio, carinho, parceria, compreensão, torcida e confiança. Muitos de vocês têm acompanhado essa jornada desde o início e sempre estiveram ao lado dando todo o suporte necessário.

Por fim, gostaria de agradecer especialmente à minha família por todo amor, carinho, incentivo e, principalmente, paciência. Aos meus pais, Eduardo e Ilca, e às minhas irmãs e amigas, Julia e Letícia, quero um dia poder retribuir tudo o que têm feito por mim. Eu não seria tão feliz se não tivesse vocês ao meu lado!

Agradeço ao CNPq, pelo financiamento de meu projeto, permitindo a realização desta pesquisa.

Muito obrigada!

SANTOS, Simone Andriani dos. *Senhoras e criadas no espaço doméstico, São Paulo (1875 - 1928)*. 324f. 2015. Dissertação (Mestrado). FFLCH-USP, São Paulo, 2015.

Resumo: A presente pesquisa propõe a análise das relações entre criadas e patroas, na cidade de São Paulo, entre as décadas de 1870 e 1920, a partir das diferenças étnicas, sociais e de gênero (re)produzidas no espaço doméstico. Utilizando como principal corpo documental os manuais de prescrição de conduta (manuais de etiqueta, de economia doméstica, de puericultura e de higiene e saúde), o intuito é compreender a formação identitária a partir do uso de objetos e espaços, entendidos estes como indutores de comportamentos e hábitos corporais.

Palavras-chave: Cultura material. Manuais. Espaço doméstico. Trabalho doméstico. Empregados domésticos. São Paulo.

Abstract: This work is an attempt to analyze the relations between servants and mistresses, in São Paulo, between the 1870's and 1920's, from ethnic, social and gender differences (re)produced in the household. Considering different kinds of manuals – etiquette, housekeeping, childcare and hygiene and health – we intend to understand how identities are connected with the use of objects and spaces in the house.

Keywords: Material culture. Manuals. Domestic space. Housework. Domestic workers. Sao Paulo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. “Livros uteis para as senhoras donas de casa”. <i>Revista Feminina</i> , n. 13, jun. 1915, p. 28.....	37
Figura 2. “Um pouco de tudo”. <i>Revista Feminina</i> , nov. 1915, p. 14.....	38
Figura 3. “Velodromo Paulistano”. <i>A Cigarra</i> , 12 out. 1914, p. 35.....	60
Figura 4. “O five o’ clock tea at Mappins”. <i>Revista Feminina</i> , mar. 1916, p. 4.....	61
Figura 5. “Um bello retrato”. <i>A Cigarra</i> , n. 127, jan. 1920, p. 25.....	62
Figura 6. “O decalogo da esposa”. <i>Revista Feminina</i> , n. 127, dez. 1924, p. 66.....	69
Figura 7. “A mãe como educadora”. <i>Revista Feminina</i> , n. 79, dez. 1920, p. 33.....	81
Figura 8. “Vista suas criadas com distincção”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 04 mar. 1923, p. 11.	107
Figura 9. “Utensilios domesticos: a nossa nova secção”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 22 dez. 1922, p. 7.....	108
Figura 10. Anúncio do <i>Mappin Stores</i> , publicado n’ <i>O Estado de São Paulo</i> , 16 jan. 1918, p. 7.....	109
Figura 11. “Secção de moveis. <i>Mappin Stores</i> ”. <i>Revista Feminina</i> , n. 17 out. 1915, p. 6.....	133
Figura 12. Fábrica de moveis de vime e de junco. <i>Revista Feminina</i> , n. 31, dez. 1916, p. 87.....	134
Figura 13. “A Residencia”. <i>A Cigarra</i> , n. 34, jan. 1916, p. 2.....	135
Figura 14. “E’ chegada a hora...”. <i>Revista Feminina</i> , n. 14 de jul. 1916, p. 29.....	140
Figura 15. Anúncio de venda Palacete. <i>O Estado de São Paulo</i> , São Paulo, 20 nov. 1928, p. 16.....	142
Figura 16. “Trabalhos de agulha”. <i>Revista Feminina</i> , n. 11, abr. 1915, p. 7.....	154
Figura 17. “As nossas novas secções abrem-se hoje”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 20 mar. 1915, p. 9.....	162
Figura 18. “Estante feita com taboas de caixas vasiaas”. <i>Revista feminina</i> , n. 30, nov. 1916, p. 37.....	163
Figura 19. “Como enfeitar minha casa”. <i>Revista Feminina</i> , n. 47, abril 1918, p. 27.....	164
Figura 20. “Aventaes”. <i>Revista Feminina</i> , n. 55, dez. 1918, p. 73.....	174
Figura 21. “Aventaes”. <i>Revista Feminina</i> , n. 55, dez. 1918, p. 74.....	175
Figura 22. “Artigos para pagens e criados”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 27 mar. 1919, p. 11.....	176
Figura 23. “Blusas de Paris”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 24 nov. 1914, p. 9.....	178
Figura 24. Roupas Brancas. <i>O Estado de São Paulo</i> , 22 jul. 1916, p. 7.....	178
Figura 25. “Semana de Elegancia. <i>Mappin Stores</i> ”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 21 out. 1928, p. 21.....	178
Figura 26. “Para maior asseio do lar!”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 11 abril 1929, p. 15.....	179

Figuras 27, 28, 29 e 30. “Varredura e espannação”.....	186
Figura 31. “O asseio da cozinha”. <i>O Estado de São Paulo</i> , 24 out. 1926, p. 11.....	187
Figura 32. “Bon ami”. <i>Revista Feminina</i> , n. 21, fev. 1916, p. 32.....	188
Figura 33. “Bon Ami e suas inumeras applicações”. <i>A Cigarra</i> , n. 47, fev. 1925, p. 7.....	189
Figura 34. “Interior de uma casa moderna”. <i>A Cigarra</i> , n. 15, dez. 1914, p. 16.....	190
Figura 35. “Maravilhas electricas”. <i>Revista Feminina</i> , n. 79, dez. 1920, p. 102.....	191
Figura 36. “Maravilhas electricas”. <i>Revista Feminina</i> , n. 79, dez. 1920, p. 103.....	192
Figura 37. “Para uma senhora ganhar dinheiro em casa”. <i>Revista Feminina</i> , n. 31, dez. 1916, p. 62.....	198
Figura 38. “Trabalhos femininos”. <i>Revista Feminina</i> , n. 54, nov. 1918, p. 30.....	199
Figura 39. “Trabalhos femininos”. <i>Revista Feminina</i> , n. 54, nov. 1918, p. 31.....	198
Figura 40. Máquinas de costura <i>Singer</i> . <i>Revista Feminina</i> , n. 20, set. 1917, p. 44.....	201
Figura 41. “Mesinhas para trabalho”. <i>Revista Feminina</i> , n. 74, jul. 1920, p. 19-20.....	202
Figura 42. Lavadeiras no rio Tamanduateí, em São Paulo, 1904.....	205
Figura 43. Cortiço em Santana, São Paulo, década de 1920.....	207
Figura 44. Crianças moradoras de cortiços da cidade de São Paulo, na década de 1920.....	208
Figura 45. Cortiço em São Paulo, década de 1920.....	209
Figura 46. Propaganda do sabão <i>Sunlight</i> . <i>O Estado de São Paulo</i> , 14 nov. 1905, p. 3.....	212
Figura 47. Tinas e tábuas para bater roupa	213
Figura 48. “Como se deve engomar uma camisa”. <i>Revista Feminina</i> , n. 43, dez. 1917, p. 49.....	215
Figura 49. “O menu do meu marido”. <i>Revista Feminina</i> , n. 67, dez. 1919, p. 129.....	218
Figura 50. “A esthetica das mesas”. <i>Revista Feminina</i> , n. 67, dez. 1919, p. 71.....	220
Figura 51. A mesa de jantar.....	221
Figura 52. “A cosinha moderna”. <i>Revista Feminina</i> , n. 43, dez. 1917, p. 52.....	230
Figura 53. “A cozinha moderna”. <i>Revista Feminina</i> , n. 55, dez. 1918, p. 79.....	231
Figura 54. “A cozinha moderna”. <i>Revista Feminina</i> , n. 55, dez. 1918, p. 80.....	232
Figura 55. Como amamentar o bebê.....	241
Figura 56. O quarto de um bebê.....	247

Figura 57. Propaganda do sabão “Aristolino”. <i>A Cigarra</i> , n. 87, mar. 1918, p. 34.....	260
Figura 58. Propaganda do sabão “Aristolino”. <i>A Cigarra</i> , n. 187, jul. 1922, p. 25	261
Figuras 59, 60, 61 e 62. Diferentes tipos de banhos.....	262
Figura 63. Propaganda do perfume “Fé”. <i>O Estado de São Paulo</i> , São Paulo, 23 dez. 1927, p. 15.....	264
Figura 64. “Crème de Ludovig”. <i>Revista Feminina</i> , n. 20, jan. 1916, p. 34.....	267
Figura 65. “A arte de ser bella”. <i>Revista Feminina</i> , n. 20, jan. 1916, p. 39.....	268
Figura 66. “Pó de arroz Mendel”. <i>A Cigarra</i> , n. 175, jan. 1922, p. 41.....	269
Figura 67. “A belleza do rosto”. <i>Revista Feminina</i> , n. 10, mar. 1915, p. 9.....	271
Figura 68. Aparelho de massagem “Florence”. <i>Revista Feminina</i> , n. 18, nov. 1915, p. 3.....	272
Figura 69. “Os penteados”. <i>Revista Feminina</i> , n. 22, mar. 1916, p. 20.....	274
Figura 70. Como escovar os dentes.....	276
Figuras 71 e 72. Como utilizar o fio dental.....	276
Figura 73. “A arte da belleza”. <i>Revista Feminina</i> , n. 74, jul. 1920, p. 49.....	279
Figura 74. ““A arte da belleza”. <i>Revista Feminina</i> , n. 74, jul. 1920, p. 50	280
Figura 75. “Estojo cutex”. <i>A Cigarra</i> , n. 242, dez. 1924, p. 2	281
Figura 76. “A arte de andar”. <i>Revista Feminina</i> , n. 14, jul. 1915, p. 20.....	296
Figura 77. “A arte de cumprimentar”. <i>Revista Feminina</i> , n. 28, set. 1916, p. 17.....	297

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Servidores domésticos	110
---------------------------------------	-----

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
LISTA DE TABELAS	11
I. Introdução.....	13
1.1. Referenciais teóricos.....	18
<i>Estudos de Gênero e História</i>	18
<i>Estudos de cultura material e História: sua relevância para a compreensão do espaço doméstico</i>	23
1.2. Pesquisa e fontes	32
1.3. Apresentação dos capítulos.....	54
II. Senhoras e criadas: representações femininas	56
2.1. Garrida, afável, honrada, dedicada e econômica: a perfeita <i>ménagère</i>	57
<i>Esposa amorosa, honrada e dedicada</i>	65
<i>Mãe zelosa e educadora</i>	74
<i>Dona de casa ordeira, econômica e vigilante</i>	82
2.2. Criadas domésticas: inimigas em potencial	89
“Precisa-se de uma criada de servir...”	94
<i>A regulamentação da profissão e os perigos de contaminação física e “moral”</i>	113
<i>Relações ambíguas: afetos, conflitos e tensões</i>	117
III. Casas e interiores	126
3.1. Novas moradias.....	136
3.2. A arte de enfeitar a casa	148
IV. Limpeza artística e serviço grosseiro: a rotina de trabalhos domésticos.....	166
4.1. O movimento diário	181
4.2. Os trabalhos de agulha e os cuidados com a roupa.....	194
4.3. A arte culinária e o laboratório doméstico	216
4.4. A amamentação e a alimentação infantil	235
V. Corpos limpos, belos, saudáveis e educados	249
5.1. Higiene corporal, beleza e saúde	252
5.2. Etiqueta: a arte de ser bem educado.....	283
Considerações finais	308
Bibliografia e fontes documentais	311

I. Introdução

Esta pesquisa retém a atenção sobre as relações entre patroas e empregadas na cidade de São Paulo, no final do século XIX e início do século XX. O objetivo é analisar a construção de suas identidades no espaço doméstico a partir das diferenças étnicas, sociais e de gênero, sob a perspectiva da cultura material. Utilizando como principal conjunto documental os manuais prescritivos, a intenção é compreender como essas obras, por meio de suas descrições e orientações, participaram do estabelecimento de dinâmicas entre corpos, objetos e espaços da habitação, as quais, por sua vez, contribuíram para a conformação das relações entre patroas¹ e criadas² dentro da casa.

As balizas cronológicas da pesquisa seguem as publicações dos manuais. A maioria dos manuais que circulava pela cidade era estrangeira. Um levantamento sistemático em bibliotecas públicas e em escolas de São Paulo permitiu constatar a existência de obras em português, inglês e francês³. Assim, o ano de 1875, escolhido como data inicial, refere-se à mais antiga publicação prescritiva localizada em São Paulo, o *Codigo do Bom-Tom*, de José Ignácio Roquette. O ano de 1928, por sua vez, foi adotado como marco final, data de publicação do manual mais próximo da década de 1930 encontrado no levantamento, *Méthode Pratique de Développement du Charme Personnel*.

Não é por acaso que os marcos temporais dessas publicações, 1875 e 1928, coincidem com o período em que a cidade de São Paulo aprofundou as mudanças advindas com os novos hábitos de consumo, intensificados pela modernização da infraestrutura e diversificação das atividades e agentes urbanos. A partir da década 1870, as atividades mercantis, que desde os setecentos representavam um papel importante para a economia da região, foram expandidas⁴. O capital acumulado passou a ser investido não apenas na ampliação da produção do café, mas na diversificação de atividades econômicas (indústrias, empresas de importação-

¹ Embora nas fontes documentais os termos empregados sejam “senhora”, “dona de casa”, “ménagère” ou “*maîtresse de la maison*”, “patroa” é aqui também utilizado em referência às mulheres empregadoras.

² O termo “criada” é utilizado aqui como uma “categoria guarda-chuva”, pois cobre diferentes ocupações que estavam vinculadas ao trabalho doméstico, tais como governanta, ama-de-leite, cozinheira, lavadeira, etc. É importante dizer também que, ainda que o vocábulo “empregada” seja extemporâneo ao contexto estudado, por vezes ele é adotado para evitar excessivas repetições.

³ Por estarem localizadas em acervos e bibliotecas de São Paulo, pode-se inferir que as obras foram utilizadas por leitores paulistanos, o que justifica, portanto, sua seleção para análise nesta pesquisa.

⁴ A historiografia vem demonstrando que os hábitos de consumo apresentavam um papel importante para a economia de São Paulo já no século XVIII. O sucesso da produção de café após a década de 1850 teria então apenas aprofundado as atividades mercantis na região. Para saber mais, ver: BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *A Teia Mercantil: Negócios e poderes em São Paulo colonial (1711-1765)*. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2010; _____. Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica mercantil na cidade de São Paulo (séculos XVIII e XIX). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.18. n.1. p. 11-41. jan.- jun. 2010.

exportação, bancos, etc.) e urbanas correlatas (linhas de transporte, redes de energia, água, luz e esgoto, habitações, etc.). As linhas de trem foram responsáveis por estruturar uma rede de cidades, reforçando o papel central da capital paulista. A primeira ferrovia, a *The São Paulo Railway Company Limited*, foi inaugurada em 1867. Inicialmente ligava o porto de Santos a Jundiaí, mas aos poucos foi estendida para outras localidades do Estado. Os trens levavam o café para ser exportado e traziam com rapidez e eficiência mão-de-obra e produtos importados (materiais de construção, alimentos, objetos de decoração, utensílios domésticos, peças do vestuário, livros, jornais, correspondências, entre inúmeros outros), alterando os aspectos materiais da vida paulistana. Ao mesmo tempo, intensificaram o ritmo das trocas culturais, ideias, técnicas, hábitos alimentares, dialetos, saberes e fazeres⁵.

O crescimento urbano atraiu uma grande quantidade de pessoas, permitindo a existência de uma estrutura social menos rígida, ou seja, que possibilitava, ainda que de forma restrita, uma maior mobilidade social, encorajando disputas por prestígio entre diferentes segmentos, entre os quais os mais abastados procuravam se consolidar de diversas maneiras como grupo de destaque. Quando observados os números relativos ao crescimento demográfico, compreende-se mais facilmente o significado de tais transformações. Em meados do século XVIII, São Paulo apresentava uma população de cerca de 4000 habitantes; em 1810 já atingia 20 mil habitantes, número que dobraria em 70 anos, na época da Proclamação da República. Em 1890, contava com cerca de 65 mil, número seis vezes mais que no início do século XIX. Mantendo o ritmo nos anos seguintes, em 1920, alcançou a média de 500 mil habitantes, dos quais quase dois terços eram imigrantes. Em 1929, a cidade aproximou-se dos 900 mil habitantes e, em 1933, ao primeiro milhão⁶.

Tratava-se, segundo as descrições do viajante carioca Alfredo Moreira Pinto, de uma população formada por “centenas de indivíduos de todas as classes e nacionalidades”⁷. Oriundos de diferentes pontos do país e do mundo, encontravam-se “em grandes ondas nas ruas, nas praças, nos arrabaldes, nos jardins, em tôda parte, dando visivelmente maior animação ao comércio, mais vida à cidade, e fazendo circular mais dinheiro”⁸. Dois tipos de movimento migratório foram responsáveis pelo crescimento populacional: o primeiro,

⁵ MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Fernand Braudel, 2005, p. 106-107.

⁶ PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001, p. 19; SAIA, Luís. *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 233.

⁷ MOREIRA PINTO, Alfredo, 1979 *apud* FREHSE, Fraya. *op. cit.*, p. 294.

⁸ Junius (DINIZ, Firmo de Albuquerque). *Em São Paulo: Notas de viagem*, p. 56, In: BRUNO, Ernani Silva. *História e Tradições da cidade de São Paulo*, 4.^a edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1983. p. 904.

intensificado a partir da década de 1870, com a transferência definitiva de famílias de fazendeiros enriquecidos para a cidade; e o segundo, formado majoritariamente por imigrantes, ex-escravos e seus descendentes em busca de moradias e empregos gerados pela implantação do comércio e da indústria e pelo aumento da oferta de serviços na cidade. O resultado de tal processo deu origem a novos grupos sociais.

Os segmentos abastados compunham um grupo bastante heterogêneo. Suas fortunas se acumulavam, não só com a produção de café, mas com os investimentos em novos setores de negócios, ou seja, em atividades econômicas que geravam um rendimento capaz de manter, em níveis diferenciados, um consumo superior ao mínimo necessário para a sobrevivência. As elites e as camadas médias eram compostas por fazendeiros, banqueiros, comerciantes, industriais, bacharéis, empresários da construção civil, comissários, funcionários públicos e profissionais liberais. A população mais pobre constituía-se por artesãos, operários e trabalhadores informais que atuavam nos mais diversos tipos de atividades: eram quitandeiros, carpinteiros, sapateiros, alfaiates, músicos, vendedores ambulantes, trabalhadores domésticos, etc.⁹

Os investimentos em infraestrutura e embelezamento da cidade foram acompanhados de transformações na antiga estrutura familiar e nos padrões de moradias dos segmentos sociais mais abastados. Estimulado por pressupostos médicos, o sentimento de privacidade familiar começou a ser concebido quando pais e filhos começaram a valorizar o convívio íntimo e exclusivo entre eles, abandonando a companhia contínua de elementos estranhos na casa. A casa deixou gradualmente de ser uma unidade de produção autônoma e passou a estar profundamente articulada à cidade. O que antes era produzido na habitação podia ser adquirido em lojas e casas comerciais instaladas na cidade. Somado a isso, a casa passou a ser uma importante forma de expressar a recente ascensão social dos novos representantes das classes dominantes. Gradativamente, as casas coloniais paulistanas foram sofrendo adaptações

⁹ Como mencionou Carlos E. C. Finocchio ao estudar a formação das elites da cidade de Santos, no final do século XIX e início do XX, é comum referir-se às elites do período como uma “elite cafeeira”. Esse termo pode ser utilizado para denominar a aristocracia latifundiária, formada por grandes produtores de café, que mantém um elenco de características peculiares bem definidas pelo poderio econômico, pelo modo como buscava distinguir-se e pela forma como exercia sua hegemonia. Porém, ele não pode ser utilizado para caracterizar as diferentes elites paulistanas. Em São Paulo, não havia apenas uma elite, mas várias (cafeeira, intelectual, econômica, política, comercial, industrial), que ganhavam cada vez mais destaque e poder à medida que a cidade crescia. Cf. PADILHA, Márcia. *op. cit.*, p. 19-20; FINOCHIO, Carlos Eduardo de Carvalho. *Elites santistas: cotidiano, moradia e suas relações (1920-1940)*. 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

que as conduziram para o que significou “morar à francesa”¹⁰. Surgiram novos tipos de habitação, mas os palacetes, tipo de habitação inspirado em modelos aristocráticos europeus do século XVIII e altamente especializados, podem ser considerados a melhor expressão do que se denominou como “casa moderna”. Para as famílias menos abastadas, pertencentes aos segmentos médios emergentes, o novo modo de vida foi caracterizado pela aquisição de bens de consumo. Para essa parcela da sociedade, se não era possível comprar uma casa nova e “moderna” ou reformar a antiga, a ascensão social poderia ser demonstrada por meio da aquisição de objetos para a casa, como itens do mobiliário e peças de decoração. Desse modo, pode-se afirmar que as novas práticas de consumo, o surgimento de novas moradias e a reorganização do espaço doméstico contribuíram para a formação de um modo de vida burguês paulistano¹¹, em outras palavras, um modo de vida baseado no consumo conspícuo e na exibição de si mesmo.

Essa modernização da habitação significou uma multiplicação das tarefas domésticas. Se durante grande parte dos períodos colonial e imperial o trabalho doméstico era realizado por escravas, após a abolição ele passou a ser feito por donas de casa e, nas habitações mais abastadas, por mulheres pobres que foram contratadas como criadas domésticas.

¹⁰ Carvalho aponta em seu comentário bibliográfico sobre gênero e espaço doméstico o lugar pioneiro dos estudos de arquitetura no Brasil. Estes contribuíram fortemente para a contextualização do tema desta pesquisa. Interessados em identificar as heranças vernaculares e coloniais na arquitetura, as adaptações e transições para o “morar à francesa”, foi nesta área que se definiram as tipologias de habitações brasileiras e o espaço físico de vivência familiar. Os estudos arquitetônicos sobre as estruturas da moradia brasileira e os resultados espaciais efetivamente alcançados sobre a formação do ideário cosmopolita burguês demonstraram ser ferramentas que auxiliam na pesquisa sobre as relações entre gênero e artefatos. Muitos trabalhos de arquitetos, diante da necessidade de compreender o processo de especialização da habitação burguesa, ultrapassaram a descrição estrutural do espaço, chegando à recuperação de informações sobre o modo de vida nas casas através de documentos fotográficos e descrições orais e textuais levantadas em inventários, correspondências ou periódicos. Exemplos são os trabalhos de Ernani da Silva Bruno, Maria Cristina Wolff Carvalho, Maria Cecília Naclério Homem, Carlos Lemos e Luís Saia. Cf. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. *Anais do Museu Paulista*, vol.8-9, n.1, p. 293-324, 2003.

¹¹ Nesta pesquisa, entende-se por “modo de vida burguês” o conjunto de valores baseado na ideologia de privatização que se consolidou na Europa ao longo do século XIX, concomitante aos avanços da industrialização, valorizando o individualismo, a separação entre o público e o privado, o universo familiar, a ritualização da vida cotidiana, a acumulação de capital, a fetichização do consumo e a ascensão social. No Brasil, nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro, o modo de vida burguês se instalou mesmo sem a existência de uma zona industrial capaz de determinar mudanças. Desse modo, quando a palavra “burguesia” é utilizada aqui para tratar do caso brasileiro, ela não está sendo empregada no sentido político-econômico que esta classe teve na França e na Inglaterra. Refere-se ao conjunto de valores burgueses que circulavam pelo mundo capitalista e que foram apropriados pelas elites locais e segmentos médios abastados. Cf. LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos. Louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no RJ, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, Nova Série, vol. 3, jan. - dez. 1995, p. 130; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil: ensaios*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978, p. 56-61.

Tal quadro de transformações se estende até o final da década de 1920. Por um lado, a cidade testemunhou a primeira crise de mão-de-obra doméstica¹². Ao mesmo tempo, o trabalho doméstico passou por um processo de mecanização, proporcionado pela instalação progressiva de redes de gás e eletricidade em residências paulistanas e pela maior difusão de eletrodomésticos. Por outro, o acesso à instrução feminina foi ampliado com o aumento do número de escolas. Com o avanço da indústria e do desenvolvimento urbano, assistiu-se a uma maior presença da mulher no espaço público e no mercado de trabalho formal. Logo, a casa deixou de ser o lugar privilegiado de condicionamento de padrões corporais associado à vida moderna¹³.

Ao leitor cabe explicitar desde já que a pesquisa se desenvolveu em torno da hipótese de que os objetos e os espaços da habitação atuaram como indutores de comportamentos e hábitos corporais. Tal hipótese baseia-se no papel ativo que as práticas domésticas diferenciadas entre patroas e empregadas teriam na conformação de identidades igualmente diferenciadas. Isto quer dizer que tais diferenças estariam baseadas não em valores abstratos ou valores exportados de conformações produzidas fora da convivência, mas em diferenças que foram construídas diariamente no uso igualmente diferenciado do espaço da casa, bem como de seus objetos, inclusive do corpo. Nesta pesquisa, constatou-se que as relações se davam a partir de um jogo de práticas de aproximações e distanciamentos, indicando que as identidades dessas mulheres formaram-se também por meio da mobilização de atributos materiais que agiram de modo semelhante. O esforço social de discriminação, ver-se-á, esteve

¹² Segundo Jean Gordon e Jan Mc Arthur, no contexto norte americano a primeira crise de mão-de-obra doméstica foi nos anos de 1870. Já em São Paulo, embora em alguns artigos de periódicos, como os da *Revista Feminina*, publicados na década de 1920 mencionavam a falta de empregadas e incentivavam o uso de utensílios e aparelhos domésticos para facilitar o trabalho da dona de casa, de acordo com Carlos Lemos e Maria Izilda Santos de Matos, o fenômeno passa a ter algum significado somente a partir de 1930. Pode-se considerar que a forte campanha médica, que alertava para os perigos gerados pela presença de servidores domésticos na casa e que contribuiu para conduzir a mulher ao território da vida doméstico, favoreceu esse processo. Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989; GORDON, Jean; McArthur, Jan, 1988 apud CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material - São Paulo, 1870 - 1920*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008, p. 246-248; LEMOS, Carlos A. C. *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da Casa Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 154; MATOS, Maria Izilda Santos de. “Porta adentro: Criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930”. In: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila. *Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994, p. 203; _____. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru: Edusc, 2002, p. 149-155; “O que interessa a toda boa dona de casa: objectos domesticos de utilidade pratica”. *Revista Feminina*, n. 113, out. 1923, p. 26-27.

¹³ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 23. Conforme citam Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, após a Primeira Guerra Mundial, tanto na Europa quanto no Brasil, assiste-se a um aumento do número de empregos femininos; entre os anos 1920 e 1940, o índice subiu 53%. Cf. MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 401-402; nota de rodapé 95.

justamente nas estratégias de diferenciar aquilo que perigosamente se mostrava muito próximo, colocando em risco a hierarquização necessária para o exercício dos micropoderes diários.

1.1. Referenciais teóricos

A pesquisa situa-se na intersecção de várias áreas de conhecimento, destacando-se as de estudos de gênero e de cultura material. Uma retomada das principais contribuições de cada uma delas faz-se necessária para apresentar os referenciais teóricos aqui adotados e situar a contribuição pretendida com esta pesquisa.

Estudos de Gênero e História

A formulação da categoria “gênero” como uma categoria de análise tem sua trajetória iniciada na década de 1960. O percurso está diretamente associado aos movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas que reivindicavam o fim de desigualdades sociais, especialmente as oriundas das diferenças sexuais¹⁴. O movimento contra ideologias sexistas passou a questionar a posição subalterna de mulheres na sociedade, no mercado de trabalho e na família, e procurou uni-las em torno de uma luta pelo direito ao corpo, ao prazer e contra o patriarcado, entendido como o poder institucionalizado dos homens na subordinação de mulheres¹⁵.

A incorporação desses debates à academia foi concomitante, uma vez que muitas mulheres e feministas, participantes de movimentos sociais e políticos pelos direitos civis, contra o racismo, a guerra no Vietnã e a corrida armamentista, estavam desenvolvendo suas pesquisas em universidades nas áreas de ciências humanas. A entrada maciça de mulheres no ensino superior, presença marcante a partir da década de 1970, foi fator importante nesse

¹⁴ BOCK, Gisela. “Challenging Dichotomies: Perspectives on Women’s History”. In: OFFEN, Karen; PIERSON, Ruth Roach; RENDALL, Jane (Eds.). *Writing Women’s History: International Perspectives*. London and Bloomington: Indiana University Press, 1991, p. 1-24; PEDRO, Joana Maria. “Historicizando o Gênero”. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O Historiador e seu tempo: encontros com a História*. São Paulo: Editora UNESP/ANPUH, 2008, p. 164.

¹⁵ HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, in: MICELI, Sérgio (Org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221; PISCITELLI, Adriana. “Recriando a (categoria) mulher?” In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002; GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006; PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 164-165.

processo. Passou-se a reivindicar o lugar feminino na História¹⁶. Segundo Joana Maria Pedro¹⁷, uma série de grupos de discussão (“grupos de consciência”) foi criada com o intuito de dar voz a essas mulheres¹⁸. No Brasil, as lutas feministas apresentaram uma orientação mais moderada com relação às diferenças entre os sexos e os papéis a eles atribuídos. Tais lutas estiveram mais articuladas aos movimentos de esquerda, que buscavam mudanças sociais e o fim da ditadura militar. Muitas brasileiras entraram em contato com o feminismo durante os anos em que foram exiladas nos Estados Unidos e em países da Europa. Ao retornarem para o Brasil, trouxeram, além de novas ideias, obras que passaram a ser lidas em grupos de discussões que se formaram entre as décadas de 1970 e 1980¹⁹.

A categoria “mulher” foi inicialmente adotada tanto na academia quanto nos movimentos sociais. Tratava-se de uma distinção em oposição à palavra “homem”, constituindo-se uma identificação separada. Como menciona Joana Maria Pedro: “Elas [mulheres] estavam afirmando que eram diferentes dos homens, ao mesmo tempo em que buscavam a igualdade com eles. Trata-se, como já sabemos, de um paradoxo”²⁰. O que se estava fazendo era um questionamento da posição diferenciada de mulheres e de homens em uma sociedade que não lhes concedia os mesmos direitos. Essa perspectiva baseava-se em uma identidade considerada comum a todas as mulheres; ou seja, todas as pessoas identificadas por um mesmo sexo (feminino) eram consideradas oprimidas da mesma forma pelo sexo masculino. Entretanto, inúmeras críticas surgiram a essa concepção, alegando principalmente que essa perspectiva feminista considerava as relações sociais atemporais e imutáveis, não sendo, dessa forma, produtos históricos. Somando-se a isso, mulheres negras, índias, pobres e trabalhadoras não se identificavam com as mesmas reivindicações de mulheres brancas e nem com os mesmos problemas por elas enfrentados; começaram a postular diferenças dentro da diferença²¹: “[...] a categoria ‘mulher’ que constituía uma

¹⁶ RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp. n. 11. 1998, p. 91; HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. *op. cit.*

¹⁷ PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 165.

¹⁸ Segundo Pedro, a prática, chamada de *bitch session*, foi iniciada nos Estados Unidos, entre os anos 1966 e 1967. Eram rodas de conversas organizadas somente por e para mulheres, cujo objetivo era a discussão de diferentes temas que perpassavam a vida de uma mulher. Ao mesmo tempo, a intenção era a união dessas pessoas e um maior engajamento político. A criação dos grupos exclusivos para mulheres foi justificada por elas com o argumento de que suas opiniões eram muitas vezes desconsideradas ou desqualificadas nos movimentos políticos que contavam com a participação masculina. Nesse momento, inspiradas por Simone de Beauvoir, as palavras de ordem utilizadas eram: “o pessoal é político”. Em outras palavras, os problemas enfrentados individualmente por cada uma delas foram considerados não apenas de ordem privada e pessoal, mas como uma situação presente na vida de todas, necessitando de uma luta política. Cf. *Ibidem*, p. 165-166.

¹⁹ HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. *op. cit.*; PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 175.

²⁰ PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 167.

²¹ PISCITELLI, Adriana. *op. cit.*

identidade diferenciada da de ‘homem’ não era suficiente para explicá-las. [...] a identidade de sexo não era suficiente para juntar as mulheres em torno de uma mesma luta”²². Todo o debate fez com que a categoria “mulher” fosse substituída por outra, “mulheres”, respeitando o pressuposto das múltiplas diferenças dentro da diferença.

Observando a presença restrita do tema (mulher/mulheres) nas pesquisas acadêmicas, de acordo com Maria Izilda Santos de Matos, os primeiros trabalhos que se preocuparam em incorporar as mulheres ao debate historiográfico encontraram dificuldade para superar a dicotomia entre a “vitimização” – análise que apresenta um processo linear e progressista de suas lutas e vitórias – e a “heroicização” – visão de “onipotência” e “rebeldia” feminina – das mulheres²³. A questão só foi resolvida com o surgimento da categoria “gênero”. Ao lado de noções como classe, raça/etnia e geração, a palavra “gênero” passou a identificar uma categoria de análise para se estudar as relações sociais. Vale lembrar, como bem observou Pedro, que a História não foi a pioneira nessas discussões²⁴. A Antropologia já utilizava o conceito de “gênero” para colocar em destaque o feminino a partir dos estudos de parentesco e de sexualidade²⁵. Sua apropriação na disciplina de História deu-se na década de 1970, porém o trabalho considerado mais influente na área é bem posterior, e foi o da historiadora norte-americana Joan W. Scott, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, publicado em 1986 no *American Historical Review*. O ponto crucial do texto de Scott é a consideração de que as relações sociais constituem o gênero. Em outras palavras, as relações sociais são baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, que se constituem no interior das relações de poder²⁶. Para Scott, influenciada pelas obras de Michel Foucault, gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais, dessa forma, é um saber relativo, pois é originado a partir de disputas. Com isso, a historiadora entende gênero como uma forma de organização social dos sexos; como, por meio da categoria, dividem-se e hierarquizam-se funções e tarefas ao longo do tempo; portanto, o gênero também possui uma historicidade²⁷. Assim, nessa perspectiva,

²² PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 169-170.

²³ MATOS, Maria Izilda Santos de. Estudos de Gênero: Percursos e Possibilidades na Historiografia Contemporânea. *Cadernos Pagu*. V. 11, 1998, p. 68.

²⁴ Um exemplo é o trabalho do psicanalista Robert Stoller, *Sex and Gender*, publicado em 1968. Cf. PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 180.

²⁵ GONÇALVES, Andréa Lisly. *op. cit.*; SCOTT, Joan W. “História das mulheres”. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 63-96.

²⁶ SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

²⁷ PISCITELLI, Adriana. *op. cit.*; PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 180-181.

ela propõe que a história seja escrita a partir da visão “de como os significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, como categorias de identidade, foram construídos”²⁸.

Os pesquisadores que seguiam a historiografia dos *Annales*, abrindo caminho para as mudanças historiográficas (a terceira geração chamada *Nouvelle Histoire*), passaram a desenvolver estudos cujos temas de alguma maneira tangenciavam as discussões sobre as relações de gênero: a vida privada, a família, o casamento, a sexualidade, o espaço doméstico, a violência doméstica e amorosa, o trabalho doméstico, etc.²⁹ Tratava-se de estudos que procuraram desconstruir as tradicionais formas de se pensar as relações de gênero, sintetizadas em três dicotomias básicas: natureza *versus* cultura, trabalho *versus* família, e público *versus* privado³⁰. Por meio de pesquisas em arquivos pessoais, periódicos, inventários, inquéritos policiais, leis e decretos, depoimentos, entre outras fontes, novos personagens femininos e novos temas foram definidos.

Embora o trabalho doméstico (remunerado e não remunerado) tenha sido a principal ocupação feminina e a que mais empregou mulheres em muitos países, inclusive no Brasil, durante o século XX o tema recebeu pouco destaque nas pesquisas acadêmicas – ainda que menos nos campos da Antropologia e da Sociologia³¹. De acordo com Jorgetânia da Silva Ferreira, a bibliografia sobre o trabalho e o emprego doméstico surgiu entre as décadas de 1970 e 1980, a partir de reivindicações dos movimentos sociais feministas³². Uma possível justificativa para a falta de atenção com o tema deve-se ao fato de o trabalho doméstico nunca ter sido considerado uma atividade produtiva, já que é realizado no espaço doméstico, entendido como esfera “naturalmente” feminina. Segundo Danièle Kergoat, existem dois princípios que organizam a “divisão sexual do trabalho”: a separação entre tarefas e funções consideradas próprias para homens e para mulheres; e a hierarquização que entende que o

²⁸ SCOTT, Joan W. Prefácio de “A Gender and Politics of History”. *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp. n.3. 1994, p. 19.

²⁹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2003, p. 309; DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991; GONÇALVES, Andréa Lisly. *op. cit.*; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1998; PEDRO, Joana Maria. *op. cit.*, p. 174; RAGO, Margareth. *op. cit.*, 1998.

³⁰ BOCK, Gisela. *op. cit.*

³¹ FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Gênero, Trabalho doméstico e Identidades: O necessário diálogo. *Revista Fato & Versões*, n. 2, v. 1, p. 17-32, 2009. Disponível em <200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes/article/viewPDFInterstitial/17/10>. Acesso em 29 set. 2013, p. 17; HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. *op. cit.*, p. 201-203; PÉREZ, Inés. “Historias del servicio domestico”. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos* [Online], Questões do tempo presente, mar. 2013, Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/65165>>. Acesso em 18 ago. 2014; SOUZA, Flavia Fernandes de. *Para casa de família e mais serviços: O trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. 2009. 255 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, RJ, 2009, p.15-25.

³² FERREIRA, Jorgetânia da Silva. *op. cit.*, p. 17.

trabalho dos homens é mais valioso e merece mais reconhecimento social que o das mulheres³³. Como resultado há uma separação física das atividades e do mercado de trabalho, que acabou relegando a homens o papel de pai-provedor da família e a mulheres o de mãe e dona de casa³⁴. A partir desses padrões, o trabalho doméstico (remunerado ou não) é visto como um trabalho desqualificado³⁵. No Brasil, a desqualificação do emprego doméstico ainda está associada à escravidão, isso porque, durante os períodos colonial e imperial, os escravos eram os responsáveis pela realização de atividades na casa de seus senhores. Sendo assim, os estudos desenvolvidos a partir desse momento, ainda que escassos no campo historiográfico, procuraram discutir as origens da exclusão de mulheres no mercado de trabalho, as diferenças entre empregos feminino e masculino, as disparidades salariais, etc., temas que articulavam, desse modo, diferentes áreas tais como História da Escravidão, História Social do Trabalho, História da Família, História do Cotidiano, Estudo de Gênero, entre outros³⁶.

Tendo em vista o muito que ainda é preciso para que o tema se estabeleça como relevante no âmbito acadêmico, o presente trabalho pretende ser uma contribuição para os estudos do trabalho doméstico no Brasil. Para tanto, foram fundamentais autores como Sandra L. Graham, Maria Izilda Santos de Matos, Maria Suely Kofes, entre outros³⁷. Os comentários sobre a produção de tais autoras serão mais produtivos associados ao desenvolvimento do tema, por isso optou-se por não apresentá-los nesta introdução.

³³ Danièle Kergoat, 2003 apud NOBRE, Miriam. “Trabalho doméstico e emprego doméstico”. In: COSTA, Ana Alice et al (Orgs.). Reconfiguração das relações de gênero no trabalho. São Paulo: CUT Brasil, 2004, p. 61-69.

³⁴ FERREIRA, Jorgetânia da Silva. *op. cit.*; NOBRE, Miriam. *op. cit.*, p. 61-69.

³⁵ Reflexos da falta de atenção ao trabalhador doméstico são observados tanto na academia quanto na vida prática. Apenas para se ter uma ideia do grau de exclusão do serviço doméstico, somente em abril de 2013, com a aprovação da “PEC das Domésticas” (Proposta de Emenda à Constituição - PEC 72/2013), a qual foi discutida até maio de 2015, os direitos dos empregados domésticos foram equiparados aos demais trabalhadores urbanos e rurais, conforme previsto no artigo 7º da Constituição Federal de 1988. A PEC estendeu a todos os trabalhadores domésticos o limite de 44 horas semanais e 8 horas diárias, além da obrigatoriedade do pagamento das horas extras, adicional noturno e FGTS. A promulgação dessa emenda constitucional pode ser considerada um passo importante para a longa e desigual história dos trabalhadores domésticos no Brasil. Vale lembrar que, como se mostrará nessa pesquisa, as propostas de regulamentação do serviço doméstico são debatidas desde as últimas décadas do século XIX. Cf. BRASIL. Emenda Constitucional nº 72, de 2 de Abril de 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc72.htm>. Acesso em 30 mar. 2015; BRASIL DE FATO. PEC das Domésticas corrige omissão da Constituição. 01/04/2013. Disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/node/12504>>. Acesso em 02 ago. 2013; Câmara aprova regulamentação de direitos trabalhistas das domésticas. Disponível em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/03/camara-aprova-regulamentacao-de-direitos-trabalhistas-das-domesticas.html>>. Acesso em 30 mar. 2015.

³⁶ FERREIRA, Jorgetânia da Silva. *op. cit.*; PÉREZ, Inés. *op. cit.*

³⁷ GRAHAM, Sandra L. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. Trad. Viviana Bosi. São Paulo: Cia das Letras, 1992; KOFES, Maria Suely. *Mulher, Mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 193-212; 2002.

Vale aqui ressaltar o que os une, que é a preocupação com a natureza histórica das categorias de gênero. O objetivo da História deve ser o estudo dos significados da diferença sexual, como eles são criados, recusados e instituídos como modelos; a intenção deve ser a de compreender os sentidos de gênero no passado e o que significava ser homem ou mulher em determinada época. O uso da categoria “gênero” como categoria de análise permitiu também que as pesquisas não mais se voltassem apenas para as relações entre homens e mulheres, mas para as relações entre os homens e entre as mulheres³⁸, analisando como os conflitos e as tensões foram produzidos a partir das noções de gênero elaboradas ao longo da história. Nas palavras de Matos: “Sobrevem a preocupação em desfazer noções abstratas de ‘mulher’ e ‘homem’, enquanto identidades únicas, a-históricas e essencialistas, para pensar a mulher e o homem como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações”³⁹.

Para que o leitor possa compreender as premissas teóricas que sustentam este trabalho, faz-se necessário estabelecer certas balizas referentes não apenas às discussões sobre gênero, mas também sobre as funções cognitivas que a dimensão material da sociedade oferece ao historiador. Ainda que parecem distantes do trabalho em si, tais digressões são necessárias para que se tenha a exata dimensão da relevância da abordagem aqui proposta e sua tentativa de inovação para os estudos em pauta.

Estudos de cultura material e História: sua relevância para a compreensão do espaço doméstico

Não importa em qual contexto de uso (social, cultural, ritualístico ou econômico), não se pode negar a ubiquidade das coisas físicas para a humanidade. A cultura material é indissociável e constitutiva da condição humana desde o seu surgimento. Por esse motivo, a materialidade é uma importante plataforma para estudo das transformações sociais. Uma História feita a partir da dimensão material não precisa necessariamente ser feita a partir de artefatos, mas pode fazer uso de diferentes tipologias documentais (fontes materiais, textuais, orais, visuais, entre outras). Não se trata de uma história dos objetos ou dos contextos físicos (produção, circulação, usos, etc.), mas das sociedades. Dito de outra forma, como bem afirma

³⁸ Embora “gênero” seja considerada uma categoria mais “neutra e objetiva”, ela é muitas vezes confundida como sendo sinônimo de mulher. Cf. MATOS, Maria Izilda dos Santos. *op. cit.*, 1998, p. 68.

³⁹ *Ibidem*, p. 71.

Ulpiano T. Bezerra de Meneses, é, contudo, a dimensão material da produção/reprodução social que é observada pelo historiador⁴⁰.

Pontuando de forma breve alguns fatos, pode-se dizer que a historiografia manteve contatos pontuais com a cultura material, fazendo muitas vezes uma história socioeconômica da dimensão palpável dos bens de consumo. De acordo com Marcelo Rede, essa relação foi marcada pela oscilação entre a precariedade e a rejeição⁴¹. Há trinta anos, Meneses observou que existiam majoritariamente três posturas que marcavam o uso de cultura material em análises históricas: a supressão total do universo físico; a complementação da documentação textual, buscando corroborar o que é dito; e a terceira postura, a de ilustração de informações presentes no texto⁴². Apesar do tempo transcorrido, tais afirmações ainda são significativas para uma boa parcela dos trabalhos historiográficos. A explicação para a defasagem se dá por fatores que serão apresentados mais adiante. É preciso reconhecer que, coube a outras áreas, como à Arqueologia e à Antropologia, o desenvolvimento efetivo de pesquisas centradas na vida material dos grupos sociais.

Foi no século XIX que a noção de cultura material emergiu de maneira mais formalizada. Por um lado, a Revolução Industrial permitiu colocar em circulação uma infinidade de produtos e consolidou um mercado em escala mundial nunca antes visto em tal velocidade. O impacto gerado com o aumento da produção despertou, já nesse período, as primeiras reflexões, como as de Marx, sobre a formação da sociedade de consumo, ainda que a partir da perspectiva da produção como agente das transformações sociais. Por outro lado, o processo de expansão territorial de nações imperialistas promoveu a colonização de populações da África, Ásia e Oceania. As relações que foram estabelecidas com as sociedades “primitivas” colocaram a Europa e, posteriormente, os Estados Unidos em contato com um grande fluxo de artefatos, tais como machados, canoas, potes, arcos etc., formando e enriquecendo coleções.

Os primeiros estudos de cultura material, diretamente ligados à formalização da Arqueologia e da Antropologia como disciplinas, foram influenciados pelas teorias de Charles

⁴⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003, p. 26.

⁴¹ REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 133.

⁴² Embora o autor esteja tratando do uso da materialidade em estudos de sociedades antigas, como Grécia e Roma, o enquadramento teórico apresentado pelo autor ultrapassa o contexto das sociedades antigas, sendo útil para as sociedades modernas. Cf. MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n.115 (Nova Série), jul.-dez. 1983, p. 103-105.

Darwin. A partir desse contato, os artefatos reunidos foram alvo de colecionamento, classificação, reflexão e exibição por parte dos autores que pensavam a história da humanidade seguindo paradigmas evolucionistas⁴³. Retirados dos mais diversos contextos e das mais distantes localidades do planeta, os objetos eram reclassificados com o intuito de servir como indicadores dos estágios evolutivos pelos quais, supostamente, todo grupo humano passaria. As abordagens seguiam um método metonímico, um sentido taxonômico e uma sequência evolutiva (partindo dos objetos mais simples para os mais complexos). A grande preocupação dos estudiosos era, sobretudo, a de identificar técnicas, materiais, formas, etc. O objetivo, como ressaltava José Reginaldo S. Gonçalves, era a organização do conhecimento sobre as sociedades e seus artefatos numa sucessão hierárquica e ascendente de estágios tecnológicos, a qual colocava os países imperialistas no topo da escala evolutiva⁴⁴. Diferentemente do que era feito entre os séculos XVI e XVIII, em que havia a priorização de artefatos extraordinários mantidos em “gabinetes de curiosidades”, o que o século XIX permitiu foi a elaboração de coleções etnográficas e a criação de inúmeros museus enciclopédicos⁴⁵.

A grande virada nos estudos da cultura material ocorreu no final da década de 1960, a partir da influência do estruturalismo de Lévi-Strauss e da Semiologia com base na linguística de Fernand de Saussure. Para essa vertente, os objetos materiais, assim como os códigos verbais, são considerados como signos, portam significados e sentidos atribuídos arbitrariamente pelos grupos sociais. Assim como os fonemas (a menor unidade sonora de uma língua) estão relacionados por oposição e binariedade, os objetos seriam organizados da mesma maneira pelas sociedades. Se forem considerados como códigos por meio dos quais as pessoas e os grupos sociais emitem e recebem informações, os artefatos são entendidos como um sistema de comunicação e como um texto. Nesse sentido, como as sociedades são

⁴³ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Teorias Antropológicas e Objetos Materiais”. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 16.

⁴⁴ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *op. cit.*, p. 16-17.

⁴⁵ O período ficou conhecido como a “era dos museus”. Foi o momento em que os intelectuais estavam produzindo conhecimento dentro dessas instituições com o intuito de narrar a história da humanidade desde suas origens mais remotas, reconstituindo o longo caminho até chegar ao que se entendia como o estágio mais avançado do processo evolutivo. Pitt Rivers foi um dos nomes reconhecidos do período. Seus estudos empíricos dos objetos foram um marco e a sua coleção etnográfica tornou-se um museu homônimo, na Universidade de Oxford, em 1884. Cf. GONÇALVES, José Reginaldo S. *op. cit.*, p. 18; REDE, Marcelo. *op. cit.*, p. 135.

organizadas como sistemas, a vida material pode ser entendida, portanto, como um sistema de objetos⁴⁶. Sendo assim, os objetos assumiram conteúdos discursivos. Nas palavras de Rede:

[...] a cultura material passou a ser considerada prioritariamente em virtude de seu potencial de criar e comunicar sentidos, ou, em outras palavras, pela sua discursividade. [...] deixa, portanto, de ser um dado inerte a ser captado para ser visto como resultado da intervenção do sujeito, de modo similar aos significados criados pelos leitores na interação dinâmica com o texto⁴⁷.

As mudanças ocorridas na década de 1960, como aponta Rede, refletiram-se em várias áreas do conhecimento, dos *American studies* à Sociologia do Consumo⁴⁸. O momento ficou conhecido como *linguistic turn*. Nas várias disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, a linguística tornou-se um modelo fundamental para entender muitos aspectos da ação humana, do pensamento e da sociedade, e essa orientação permitiu que uma ênfase fosse dada aos significados, simbolismos e representações. Muitos teóricos passaram a se questionar sobre o papel dos artefatos (e dos símbolos em geral) na vida social e os resumiram à função de sinais diacríticos de posições e identidades sociais (ignorando o suporte material em si). A cultura material seria um meio simbólico por meio do qual as práticas sociais reproduzem as estruturas de uma sociedade. Para eles, as coisas materiais não apenas demarcam ou expressam tais posições e identidades, mas são elementos que contribuem para a constituição das subjetividades, identidades e *status*⁴⁹. Sendo pensados apenas como constituintes de uma totalidade social e cultural, o artefato faz parte de sistemas simbólicos ou categorias culturais cuja função é mais do que “representar”, mas organizar e constituir a vida social.

Embora os estudos de cultura material com fundamentação no estruturalismo e na linguística tenham sido predominantes, algumas críticas surgiram a essa perspectiva. A principal delas, além de considerar as análises estáticas quanto à dinâmica histórica, ressaltava que a materialidade havia sido abandonada pelos pesquisadores. Segundo os críticos, essas análises contemplavam muito mais os aspectos imateriais dos sistemas socioculturais do que a sua dimensão física⁵⁰. Buscando reverter esse quadro, antropólogos, especialmente franceses, voltam-se para a especificidade do material e perguntam-se sobre sua capacidade de agenciamento. Dentre os inúmeros autores, destaca-se Jean-Pierre Warnier, pois ele foi o

⁴⁶ BOIVIN, Nicole. *Material cultures, Material minds: The impact of things on human thought, society, and evolution*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008, p.10-12; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *op. cit.*; MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *op. cit.*, 1983, p. 108; REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2012, p. 137-138.

⁴⁷ REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2012, p. 140-141.

⁴⁸ BOIVIN, Nicole. *op. cit.*, p. 12; REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2012, p. 139-140.

⁴⁹ BOIVIN, Nicole. *op. cit.*, p. 13; GONÇALVES, José Reinaldo S. *op. cit.*; REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2012, p. 139.

⁵⁰ BOIVIN, Nicole. *op. cit.*, p. 10; REDE, Marcelo. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 8-9, n. 9, p. 281-292, 2003, p. 285; 2012, p. 140.

responsável por sintetizar os argumentos teóricos e metodológicos da vertente francesa. Recuperando-se os aspectos materiais das coisas, o objetivo desses estudiosos era entender a relação sujeito-objeto e as ações que se desencadeiam nesse encontro, ou seja, a relação imediata entre corpo e os objetos manipuláveis. Não se trata apenas de observar o contato físico imediato do corpo com os artefatos, mas também as articulações que se dão no cotidiano e, portanto, menos perceptíveis como, por exemplo, a disposição espacial dos elementos no mesmo ambiente frequentado pelo corpo⁵¹.

Para formular suas ideias, Warnier partiu de um artigo “As técnicas do corpo”, de Marcel Mauss, escrito em 1936⁵². Embora Mauss tenha concentrado sua atenção sobre o corpo em detrimento dos artefatos, Warnier considera que essa dicotomia era muito mais pedagógica do que ontológica. O trabalho de seu antecessor preparou terreno para o exame das práticas sociais a partir das articulações entre cultura material e corpo, entre as condutas motoras e os elementos que compõem o quadro físico da vida. Assim, o que Warnier propõe, em seu livro *Construire la culture matérielle*, é uma análise da interação sujeito-objeto. Preocupando-se com a questão da motricidade, ele enfatiza que, além dos atores humanos, as coisas devem ser entendidas como capacidade de atuação social, pois permitem ações motoras, que podem limitar ou possibilitar comportamentos dos homens, a partir de sua materialidade. Em outras palavras, o universo material é parte constitutiva da própria corporeidade; os objetos são essenciais para a existência humana, funcionando como próteses. Cada objeto possui uma dinâmica própria e essa dinâmica pode ser incorporada como um aprendizado até se tornar automatizado. Quando isso acontece, a cultura material participa de uma síntese que, longe de ser estática, implica uma interação entre os elementos em jogo: corpo, objeto e espaço. Ao internalizar a dinâmica do universo físico, o homem expande sua capacidade de ação. Wanier ainda acrescenta que, como cada indivíduo possui um repertório

⁵¹ A vertente francesa foi considerada a mais orgânica entre os grupos de estudiosos que se preocuparam com a cultura material. Partindo da iniciativa dos antropólogos, a organicidade se traduziu em institucionalização: os pesquisadores se reuniram em torno de uma universidade (Paris V – René Descartes), constituíram um grupo de trabalho (*Matière à Penser*, fundado em 1995), organizaram seminários e colóquios e divulgaram publicações. Cf. REDE, Marcelo, *op. cit.*, 2003, p. 282-283.

⁵² Mauss procura estabelecer as bases para um estudo das condutas corporais; seu objetivo é demonstrar que o comportamento corporal (por exemplo, a maneira de nadar, marchar, correr, agachar-se, etc.) possui um caráter histórico e cultural. Ele considerou o corpo como o primeiro instrumento que a humanidade deveria dominar; seria aquele que intermedeia a relação com os demais. Cf. MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. In: *Sociologia e antropologia*, São Paulo, EDUSP/EPU, 1974, 2 vols., p. 209-233; REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2003; 2012.

particular de objetos, a incorporação de condutas motoras é singularizada, portanto, seria essa uma maneira de constituição de subjetividades⁵³.

A tendência dos últimos anos tem seguido os caminhos traçados pela vertente francesa. O objetivo continua sendo o resgate da materialização das realidades, da formulação de teorias orientadas pelos objetos, da valorização dos atores não humanos, da superação da oposição entre coisas e relações, ou seja, da incorporação de fontes materiais no processo de conhecimento⁵⁴. Dessa maneira, fala-se em um *material turn*⁵⁵, quando se reconhece a impossibilidade de desassociar o mundo material da vida social. Nas perspectivas anteriores, a capacidade de ação da cultura material por si só foi reduzida. A materialidade era entendida como sendo somente um reflexo físico das relações sociais. Para se superar a ideia de que o mental precede o natural/material, deve-se aceitar que a própria formulação dos sentidos, valores e significados que são atribuídos aos objetos se dá na interação com as coisas materiais. Por esse motivo, a dimensão física também é ativa, ou seja, possui capacidade de atuação, de agenciamento.

Também as coisas são dotadas de animação, também elas exercem força motriz, também elas atuam socialmente, conformando um quadro de referências, possibilidades e limites ao agente humano, independente de este ter consciência disso ou não. Longe de ser passivamente estruturada pelo homem, a materialidade, pela sua própria fisicidade, age como estruturante da ação humana, e a propriedade de agir, a aptidão a operar (expressas, normalmente, pelo termo *agency* na literatura em língua inglesa), antes reservadas ao humano, estendem-se agora à cultura material, sugerindo uma articulação, e por que não dizer, uma coexistência mais simétrica entre as várias dimensões da realidade⁵⁶.

Na Historiografia, como mencionado anteriormente, o contato com a cultura material nada equivale aos debates surgidos na Arqueologia e na Antropologia. Mesmo com as mudanças metodológicas e a ampliação do conceito de fontes documentais, ocorridas a partir da escola dos *Annales*, a relação entre História e o mundo das coisas foi marcada por contatos pontuais. A dificuldade em fazer reflexões acerca das dimensões materiais das sociedades pode ser explicada por alguns fatores. Em primeiro lugar, pelo fato de que as fontes escritas

⁵³ LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 7-8; REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2003; 2012, p. 241; WARNIER, Jean-Pierre. *Construire la culture matérielle. L'homme qui pensait avec ses doigts*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

⁵⁴ Segundo Gonçalves, com o objeto material voltando a ser foco das análises nas últimas décadas, observa-se um notável crescimento dos museus em todo o mundo. Aparentemente, o que parece estar acontecendo é uma nova “era dos museus”, semelhante (embora com diferentes significados e funções) àquela que caracterizou a segunda metade do século XIX e início do século XX. Uma série de instituições passou por reestruturações e os intelectuais voltaram a produzir conhecimento dentro dos museus. Cf. GONÇALVES, José Reinaldo S. *op. cit.*, p. 22-24.

⁵⁵ BOIVIN, Nicole, *op. cit.*; REDE, Marcelo. *op. cit.*, 2012, p. 144-145.

⁵⁶ REDE, Marcelo, *op. cit.*, 2012: 145.

sempre foram privilegiadas pela historiografia. Mesmo com as mudanças advindas com a escola dos *Annales*, o que se fez muitas vezes foi a produção de uma história socioeconômica da dimensão material das sociedades. Rede acrescenta que, pelo fato da dimensão física dos fenômenos humanos ser ubíqua e impositiva, tende-se a banalizá-la. Isto quer dizer que, embora a materialidade esteja presente em todas as ações da humanidade e é subjacente à vida biológica, psíquica e social, ela é difícil de ser percebida como um elemento a ser analisado. O foco das análises manteve-se por muito tempo centrado no homem. Acrescenta-se também a tendência da História, e das ciências sociais como um todo, de desmaterializar seus objetos analíticos e do pensamento ocidental de separar a materialidade da imaterialidade e de hierarquizá-las, conferindo um *status* superior ao segundo segmento, mais próximo do pensamento racionalizante. O que se vê na base de todas essas dificuldades é a separação dicotômica entre mente e corpo, cultura e natureza, imaterial e material⁵⁷.

No Brasil, não se pode esquecer as grandes contribuições de Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses para os estudos das coisas materiais. Segundo o autor, este é um campo que se preocupa em estudar aspectos materiais da vida humana, desdobrando-se em domínios que vão dos utensílios ao estudo da paisagem, do vestuário, da habitação, das condições materiais do trabalho e do próprio corpo. Definindo cultura material como “[...] aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem” e apropriação social como “[tudo aquilo que] o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais”⁵⁸, o autor enfatiza a importância da intervenção humana operando sobre a socialização da materialidade. As sociedades se apropriam do mundo material não de forma aleatória, mas a partir de padrões culturais, e estabelecem interações, conferindo papéis e atribuindo significados ao mundo físico. Essa apropriação pode se dar de várias maneiras que se sobrepõem: no estabelecimento de função, alterações da forma, na atribuição de sentido. Porém, como aponta Meneses, não se trata de um processo de mão única, pois os objetos, que compõem o suporte material concreto dessas análises, devem ser considerados sob um duplo aspecto: eles são produtos e vetores de relações sociais⁵⁹. Em outras palavras e que já foi afirmado anteriormente, os artefatos são o resultado de determinadas formas de organizações sociais, mas também canalizam e dão condições para que se produzam e efetivem relações sociais; atuam socialmente apresentando possibilidades e limites à ação humana. Diferentemente do que se imagina, mesmo quando o homem cria

⁵⁷ BOIVIN, Nicole, *op. cit.*, p. 13-23; REDE, Marcelo. *op. cit.* 2012, p. 143-144.

⁵⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *op. cit.*, 1983, p. 112.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 112-113.

representações, valores e significados associados aos objetos, essa ação traz a marca da materialidade: “A interação entre sociedade e materialidade tem mão dupla, e o conjunto de representações e práticas que constituem a ação social não é concebível sem a sua dimensão física”⁶⁰.

Em sua introdução bibliográfica sobre Gênero e Cultura Material, Carvalho afirma que são ainda poucos os trabalhos que abordam diretamente as áreas de estudos de gênero e de cultura material; muitos estão focados em temas próximos⁶¹. Para esta pesquisa, portanto, também é necessário ressaltar a importância de alguns trabalhos preocupados com a vida material no espaço doméstico. Segundo Eliane Morelli Abrahão, entre as novas tendências já mencionadas anteriormente, os historiadores, nos últimos anos, têm optado pela intersecção de diferentes áreas do conhecimento e de vertentes de estudos de cultura material⁶². Tornam-se relevantes, dessa maneira, pesquisas que se dedicam ao estudo da vida e espaços domésticos, formação e relações familiares, mudanças tecnológicas de artefatos domésticos, arquitetura, decoração, construção de noções de conforto, higiene, funcionalidade, tecnologias, formação da intimidade, privacidade e domesticidade brasileira, etc., tal qual as desenvolvidas por Carlos Alberto Cerqueira Lemos, Maria Cristina Wolff Carvalho, Maria Cecília Naclério Homem, Tânia Andrade Lima, João Luiz Máximo da Silva, Vânia Carneiro de Carvalho, entre outros autores⁶³.

Dentre os trabalhos citados, o da arqueóloga Tania Andrade Lima⁶⁴, que investiga o papel social da louça doméstica, é bastante relevante, pois ajuda a entender como esses artefatos foram incorporados ao universo social e simbólico do século XIX, no Rio de Janeiro, e de que modo foram utilizados para estabelecer diferenças sociais. A casa é entendida como um microcosmo que representa uma parcela da sociedade. Com forte influência dos trabalhos de antropólogos, como Mary Douglas e Daniel Miller, a habitação é vista como um objeto pertinente à análise de processos sociais e culturais em que a cultura material é abordada como um sistema estruturado de comunicação de sentidos e de valores sociais⁶⁵.

⁶⁰ REDE, Marcelo, *op. cit.*, 2012, p. 147.

⁶¹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2003, p. 293-294.

⁶² ABRAHÃO, Eliane Morelli. *Morar e Viver na Cidade. Campinas (1850-1900): mobiliário e utensílios domésticos*. São Paulo: Alameda, 2010, p. 33.

⁶³ *Ibidem*; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2003.

⁶⁴ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995, p. 128-191; _____. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, Nova Série. São Paulo, v. 3, jan. – dez. 1997, p. 93-127.

⁶⁵ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995, p. 132-133.

De maneira semelhante, João Luiz Máximo da Silva e Vânia Carneiro de Carvalho entendem a casa integrada a um sistema de relações de sociais, porém não apenas comunicacional. Em *Cozinha Modelo*, Silva estuda como a instalação e os mecanismos de expansão das redes de fornecimento de eletricidade e de gás, promovido pela empresa *The San Paulo Gas Company* e pela *The São Paulo Tramway Light and Power Company*, na cidade de São Paulo, transformaram as relações sociais na casa paulistana. A partir do incentivo ao uso de novos equipamentos domésticos, como os fogões a gás, o autor mostra que as transformações, somadas aos novos padrões de higiene e saúde, impactaram o cotidiano das relações domésticas, mudando a configuração da cozinha e da casa paulistana, a organização do serviço doméstico e suas relações de trabalho⁶⁶. Em *Gênero e Artefato*, Carvalho estuda a formação de identidades sociais diferenciadas pelo gênero e sua relação com os objetos domésticos. A autora demonstra como artefatos, portadores de valores constituídos por meio das práticas sociais, estão relacionados com a definição das figuras masculina e feminina. No caso da mulher, suas ações no espaço doméstico e relações entre corpo e objeto estariam em harmonia, de alguma forma fundida, com o espaço que a rodeia. Nesse sentido, a baixa capacidade de individualização feminina seria decorrente de uma abrangente e difusa forma de apropriação do espaço doméstico; suas ações configurariam ações centrífugas: “O resultado disso é uma continuidade entre corpo, objeto e espaço da casa”⁶⁷. Ao tratar do serviço doméstico, a autora identifica as diferentes formas que patroas e empregadas incorporaram as mudanças tecnológicas, a racionalização e a implantação dos preceitos da medicina higiênica. Como os papéis entre criadas e patroas em alguns momentos se mesclavam, havia a necessidade de marcar distinções dentro da casa – seja por meio do modo elegante de se sentar da dona de casa, em oposição à prática tradicional de se sentar no chão e que caracteriza os hábitos rústicos da criada, o uso de aventais distintos para essas duas personagens ou o domínio de técnicas e do uso de novos equipamentos domésticos que colocavam a patroa em posição privilegiada em relação às cozinheiras⁶⁸,– desse modo entende-se como hábitos corporais, mediados pela cultura material, são o lugar propício para a produção de identidades e diferenças individuais⁶⁹.

⁶⁶ SILVA, João Luiz Máximo da. *Cozinha Modelo: O Impacto do Gás e da Eletricidade na Casa Paulistana (1870-1930)*. São Paulo: Edusp, 2008.

⁶⁷ Fenômeno estudado também por Juliet Kinchin (1996, p. 18) e Beverly Gordon (1988, p. 50). Cf. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 224.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 255-257.

⁶⁹ Segundo Warnier, os esquemas corporais também constituem sistemas de significados mediante os quais as posturas das pessoas podem ser classificadas como adequadas ou não para determinados contextos. Tais

É, portanto, na confluência dessas áreas – Estudos de Gênero, Cultura Material e História – que esta pesquisa se desenvolve. Neste balanço, o objetivo foi apresentar os marcos teóricos e os trabalhos das áreas que tangenciam o tema desta pesquisa. Alguns, como mencionado, fazem a intersecção entre as diferentes áreas do conhecimento e contribuem de forma direta no desenvolvimento deste trabalho. O estudo de cultura material é fragmentado em múltiplas tendências, o que determina a coexistência de diferentes abordagens. Acredita-se ter sido esclarecido, assim, não apenas as ligações internas entre os diferentes trabalhos, mas também as linhas mestras que orientam esta pesquisa. O objetivo é contribuir para estudos do serviço doméstico no Brasil, mantendo o foco no caso paulistano, buscando compreender a formação identitária de patroas e empregadas, pensando nas diferenças étnicas, sociais e de gênero, a partir do uso de objetos e espaços como indutores de comportamentos e hábitos corporais. Considera-se, como afirma Rede, ecoando os estudiosos de cultura material, que o universo material não é um epifenômeno social, mas parte central da constituição da sociedade⁷⁰. Nesta direção, é possível pensar que a construção identitária não se dá no abstrato, mas nas ações que envolvem o corpo, as condutas e suas articulações com objetos.

1.2. Pesquisa e fontes

Para a pesquisa foram consultadas fontes textuais e iconográficas. Inicialmente, os manuais prescritivos destinados a um público leitor feminino compunham o principal corpo documental, entretanto, novos documentos foram incorporados como fontes de apoio, tais como matérias publicitárias, textos de memorialistas, relatos de viajantes, periódicos da época, como as revistas femininas, legislação sanitária e de saúde, legislação sobre o serviço doméstico e dados censitários da cidade de São Paulo.

Durante o ano que antecedeu o ingresso no programa de Pós-Graduação, foi feito um levantamento sistemático dos manuais femininos em bibliotecas públicas e universitárias e em acervos de escolas da cidade de São Paulo. Havia o interesse em reunir tais obras, buscando explorar seu potencial para pesquisas sobre o espaço doméstico. A maioria dos manuais encontra-se disponível na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (Coleções Geral e de Obras Raras), na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e na Biblioteca de Livros

julgamentos são selecionados pelos valores que permeiam as relações de classe, etnia, idade e gênero. Cf. REDE, Marcelo, *op. cit.*, 2003, p. 284-285; WARNIER, Jean-Pierre, *op. cit.*

⁷⁰ REDE, Marcelo. História a partir das Coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 4, p. 265-282, jan.-dez. 1996, p. 274.

Didáticos da Faculdade de Educação da USP (BLD/FEUSP)⁷¹. Outras obras foram localizadas na Biblioteca Nadir Gouvêa Kfoury da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, na biblioteca do Museu Paulista da USP e nas bibliotecas de duas escolas, o Colégio de Santa Inês e o Colégio Rio Branco.

Considerando que essas obras eram destinadas a mulheres leitoras, a busca pela documentação foi iniciada com visitas a acervos de bibliotecas de antigas escolas paulistas que promoveram a educação feminina, como a Escola Estadual Caetano de Campos, antiga Escola Normal Caetano de Campos, fundada em 1846 e atualmente localizada na Praça Roosevelt, e a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos, a primeira Escola Profissional Feminina, criada em 1911, atualmente umas das ETECs do Estado de São Paulo⁷².

Para este trabalho, foram selecionados 42 manuais⁷³, boa parte ainda não tratada em pesquisas acadêmicas. São obras que tratam do tema da civilidade⁷⁴, publicadas entre as

⁷¹ O acervo da Biblioteca do Livro Didático (BLD) é constituído por aproximadamente 12 mil volumes. Composto por exemplares datados desde o século XIX até o ano 2000, é considerado único em número, diversidade e antiguidade. A produção didática é organizada em vários acervos, entre eles dois especiais, “Macedo Soares” e “Paulo Bourroul”. O primeiro pertenceu ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, doado à Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que cedeu parte à biblioteca da FEUSP. Já o segundo pertencia à Escola Normal Caetano de Campos. Cf. FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP. Biblioteca do Livro Didático. Disponível em <<http://www4.fe.usp.br/biblioteca/acervos/biblioteca-do-livro-didatico>>. Acesso em 07 jul. 2013.

⁷² A ETEC Carlos de Campos possui um Centro de Memória, como mencionado em seu *site* institucional, entretanto não foi possível ter acesso ao espaço e ao seu acervo. Cf. ETEC CARLOS DE CAMPOS. Centro de Memória DA ETEC CARLOS DE CAMPOS. Disponível em <http://www.etecarlosdecampos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=120&Itemid=142>. Acesso em 07 jul. 2013.

⁷³ Inicialmente foram selecionadas 55 obras, sendo 21 manuais de etiqueta (cinco em inglês, nove em francês e sete em português), nove manuais de economia doméstica (quatro em francês e cinco em português), 17 manuais de puericultura (onze em francês e seis em português) e oito manuais de higiene e saúde (cinco em francês e três em português). Após uma segunda leitura, mais aprofundada, percebeu-se que algumas publicações não se encaixavam em nenhuma das tipologias ou apresentavam um conteúdo muito abrangente, com informações pontuais que poderiam contribuir para a pesquisa. Sua leitura foi realizada, mas não incorporada à lista de fontes. Além disso, algumas poucas obras não puderam ser localizadas novamente em alguns acervos, como ocorreu na Biblioteca de Livros Didáticos da FEUSP. Acredita-se que a dificuldade em localização se deu após a recente transferência da biblioteca para um novo prédio.

⁷⁴ Segundo Norbert Elias, uma sociedade estabelece, em diferentes épocas, instrumentos de condicionamento impostos aos indivíduos capazes de criar modelos que refletem suas próprias ideias de moralidade, de delicadeza e de polidez. Dessa forma, as regras de civilidade criadas por cada sociedade estabelecem preceitos cujo objetivo é nortear as relações entre as pessoas. Em sociedades hierarquizadas, a civilidade é uma forma de distinção social, cujo objetivo é disciplinar o indivíduo para que ele manifeste nos gestos, posturas e atitudes sua posição social. Segundo Roger Chartier, entre os séculos XVI e XIX, os manuais de civilidade teriam se popularizado entre pessoas mais humildes, afastando-se do uso aristocrático. A partir do século XIX, a civilidade pode ser definida como um conjunto de regras que tornam agradáveis e fáceis as relações dos homens entre si, sendo entendida como um código de boas maneiras necessárias na sociedade. Cf. CHARTIER, Roger. “Distinção e divulgação: a civilidade e seus livros”. In: *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004, p. 45-90; ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990; PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. *Manuais de Civilidade, Modelos de Civilização. História em Revista*, Pelotas, v. 9, p.1-16, Dez. 2003. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas; REVEL, Jacques. “Os usos da civilidade”. In:

décadas de 1870 e 1920, em inglês, francês e português⁷⁵. Para efeitos operacionais, as obras foram agrupadas em quatro categorias: manuais de etiqueta (18 obras: três em inglês, cinco em francês e dez em português), manuais de economia doméstica (oito obras: três em francês e cinco em português), manuais de puericultura (11 obras: cinco em francês, uma em espanhol e cinco em português) e manuais de higiene e saúde (cinco obras, uma em francês e quatro em português)⁷⁶. Embora tenham sido estabelecidas essas quatro categorias, quando as obras foram observadas mais detalhadamente, notou-se que não havia uma especialização extrema. Por exemplo, alguns manuais de economia doméstica não possuem apenas preceitos que ensinavam a organização da rotina de uma habitação, mas apresentam também regras de etiqueta e lições de higiene corporal; pode-se dizer que contam com um conteúdo heterogêneo e, por isso, devem ter tido um uso mais abrangente.

Após a primeira leitura de reconhecimento do corpo documental, optou-se por fazer separadamente a observação de cada tipo, para que os manuais pudessem ser examinados de forma comparativa. Tal estratégia permitiu notar a homogeneidade de posições, temas e termos aplicados ao serviço e aos ambientes domésticos e ao tratamento dos criados. No entanto, contradições existentes entre as obras também puderam ser observadas. Em seguida, a comparação se estendeu ao discurso normativo das legislações, às imagens e às demais fontes de apoio, procurando desenvolver as discussões propostas na pesquisa.

Os manuais prescritivos existem desde a Antiguidade e sobreviveram ao tempo, passando por transformações e adaptações; no século XVI já estavam amplamente difundidos pela Europa⁷⁷. Porém, foi após a Revolução Francesa que essas obras ganharam notoriedade⁷⁸.

História da Vida Privada. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 169-210; SCHWARCZ, Lília Moritz. “Introdução”. In: ROQUETTE, José Ignácio. *Código do bom tom; ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 07-39.

⁷⁵ Mesmo considerando-se que as obras estrangeiras tenham tido ampla circulação por grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, maior atenção foi dada às publicadas em português. Além de abrangerem temas mais próximos ao contexto brasileiro, acredita-se que podem ter tido maior aceitação do público por estarem escritas no idioma nativo.

⁷⁶ No texto são adotadas expressões como “manuais femininos”, “manuais prescritivos de comportamento” ou apenas “manuais” como sinônimos de “manuais prescritivos de conduta”.

⁷⁷ Em 1530, Erasmo de Roterdã publica a *Civilidade Pueril*, uma pequena obra dedicada a um jovem nobre, Henrique de Borgonha, filho de Adolfo, príncipe de Veere, reunindo uma série de tradições orais sobre como uma criança deveria se comportar em sociedade. A obra se torna uma das mais conhecidas e, para alguns autores, teria inaugurado o gênero literário de obras de civilidade. Cf. BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond. “Civilidades. Por quê? Para quê? Para quem?”. In: _____. *A arte de viver em sociedade: Estudo e actualização do texto.* Lisboa: Colares editora, 2003, p. 10-11; SCHWARCZ, Lília Moritz. *op. cit.*

⁷⁸ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores de manuais/de civilidade - Rio de Janeiro, século XIX. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 01/02, p. 139-152, Jan./Dez. 1995; SCHWARCZ, Lília Moritz. *op. cit.*

Segundo Lilia Moritz Schwarcz, os manuais são um tipo de literatura prescritiva que chegou à burguesia francesa aspirante ao poder. Com o objetivo de estabelecer distinções sociais, foram adotadas práticas comuns à corte em defesa da etiqueta e do controle dos gestos e dos sentimentos em nome da “cortesia” e da convivência social. O domínio de regras de comportamento em sociedade significava o pertencimento a grupos de destaque. Em nome da “civilização”, criavam-se e marcavam-se, de maneira visível, diferenciações sociais específicas nas habitações, no vestuário, nas expressões e nos gestos⁷⁹. Por esse motivo, os textos dos manuais aconselhavam os leitores a imitarem comportamentos e gestos para que pudessem parecer educados assim como as famílias da nobreza que frequentavam a corte. Como é possível ler no trecho seguinte do *Código de Bom Tom*, de José Ignácio Roquette, o pai aconselha seus dois filhos a repetir os bons comportamentos em sociedade. A partir da observação seria possível a reprodução dos hábitos “civilizados” e, somente assim, seria possível controlar o gesto natural e restringir os costumes considerados pouco polidos:

[...] devemos com tudo reconhecer que é esta [frequentando as côrtes e palácios] a melhor escola para aprender as boas maneiras, as expressões escolhidas, a polidez, a urbanidade e um certo ar e bom tom, que anunciam o illustre nascimento e a boa criação. Não imiteis, meus filhos, os defeitos dos palacianos e dos cortezãos, mas imitai sua polidez e suas maneiras agradáveis⁸⁰.

De acordo com Norbert Elias, durante o processo de formação dos estados nacionais modernos, a civilidade foi utilizada para manter as antigas estruturas hierárquicas sociais⁸¹. A mesma estratégia se tornou adequada aos projetos de modernização do Estado brasileiro. Como explica Schwarcz, no Brasil, os guias de comportamento foram bem recebidos pelas elites rurais escravocratas. Para essa sociedade, a chegada da Família Real, em 1808, significou a urgência em se aristocratizar, ou seja, adotar costumes e valores que permitissem às elites regionais se aproximar de seus pares europeus e se distinguir do restante da população pobre e escrava. Foram adotados em um momento em que o Império passava por transformações e o controle corporal foi a maneira encontrada para fixar marcas de distinção social⁸². Maria do Carmo Teixeira Rainho, seguindo as análises de Norbert Elias, Jacques Revel e Roger Chartier, afirma que existiam duas categorias distintas de manuais: os

⁷⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.*, p. 9.

⁸⁰ ROQUETTE, José Ignácio. *Código do bom tom; ou, Regras da civilidade e de bem viver no XIX século*. Nova edição corrigida e consideravelmente aumentada. Paris: Aillaud, 1875, p. 14.

⁸¹ ELIAS, Norbert. *op. cit.*

⁸² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.*, p. 10-11; SENA, Fabiana. A conversação como modo de distinção no Império: Tesouro de Meninos e Código de Bom-Tom nas escolas brasileiras. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 37, p. 253-265, mar. 2010.

pedagógicos (destinados aos mais jovens, adotados em colégios europeus) e os cortesãos (lido por pessoas adultas que frequentavam ambientes da corte e os salões)⁸³.

Com efeito, é só nesse momento que as cidades tomam novo impulso e que as elites rurais passam a conviver socialmente com mais intensidade. Com o café e o fenômeno dos fazendeiros absenteístas, que deixavam a sede de suas fazendas e iam viver nos grandes centros, a vida em comunidade ganha força, assim como os programas sociais propriamente ditos. Bailes, teatros, jantares e concertos são novidades nessa corte que tem, até a década de 1880, a família imperial como modelo e centro da sociedade. [...] Nesse contexto os guias transformaram-se em bíblias, e a artificialidade, em naturalidade mal disfarçada⁸⁴.

Segundo Jacques Revel, os manuais de aconselhamento e outros textos pedagógicos se tornam populares em épocas de transformação das sociedades, quando o sentimento de desorientação se instala e são geradas demandas por novas referências. Tal situação se relaciona, frequentemente, com momentos em que os grupos sociais se percebem inseridos em processos de mudanças muito acelerados ou sem uma direção clara⁸⁵. As transformações do final do século XIX vivenciadas pela sociedade brasileira geraram um grande sentimento de instabilidade. Com a República, o país presenciou uma intensa preocupação com os prelúdios da modernização de sua configuração sócio-política. Diante da necessidade de romper com as visões estereotipadas de uma nação atrasada e conservadora, os manuais prescritivos ajudaram a modelar novas práticas, comportamentos e hábitos sociais⁸⁶. Por esse motivo, em pouco tempo, caíram no gosto do público, criando-se novas categorias de manuais, como os manuais de economia doméstica⁸⁷. Segundo Sônia Roncador, autoras como Julia Lopes de Almeida ganharam notoriedade publicando obras prescritivas direcionadas ao público feminino⁸⁸, pois continham informações sobre a vida doméstica e orientações de

⁸³ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *op. cit.*, p. 145-146.

⁸⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. *op. cit.*, p. 29-30.

⁸⁵ MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*, Belo Horizonte, Argumentvm, 2007, p. 35; REVEL, Jacques. *op. cit.*, p. 174-175.

⁸⁶ CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. "Tenha Modos!" Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900-1960). In: *X Simpósio Internacional: Processo Civilizador*, Campinas, SP, 2007, p. 4; CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3. 2004, Curitiba. *Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação: Educação escolar em perspectiva*. Curitiba, Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. p. 1 - 16.

⁸⁷ As matrizes mais remotas dos manuais prescritivos voltados para os cuidados da casa são *Oeconomia*, tratado de Aristóteles e *Oeconomicus*, um diálogo literário escrito por Xenofonte. Estes dois textos serviram de referência ou foram mesmo imitados em versões surgidas no Renascimento. O conteúdo versa sobre os cuidados com a casa, sobre a importância do esplendor e magnificência da arquitetura e da decoração doméstica. Neles, a casa é tratada como um espaço ordenado e como parte formadora da sociedade. Nestes tratados são abordados os papéis de homens e mulheres e o decoro, ou seja, os tipos de objetos apropriados para uma casa, como, por exemplo, objetos religiosos para incutir hábitos cristãos, objetos 'desonestos' deveriam ser evitados. Cf. AYNLEY, Jeremy; GRANT, Charlotte. *Imagined Interiors: Representing the Domestic Interior since the Renaissance*. London: V&A Publications, 2006, p. 32-33.

⁸⁸ RONCADOR, Sônia. O demônio familiar: Lavadeiras, amas-de-leite e criadas na narrativa de Júlia Lopes de Almeida. In: *Luso-Brazilian Review*, Volume 44, N. 1, 2007a, p. 94-119.

como as donas de casa deveriam administrar seus lares. Por vezes, a divulgação de tais obras era encontrada em páginas de revistas femininas (figuras 1 e 2).

A partir do anúncio “Livros uteis para as senhoras donas de casa” (figura 1), publicado na *Revista Feminina* em junho de 1915, é possível se ter uma ideia da variedade desses manuais – documentação que foi muito desprezada tanto social quanto academicamente e que, por isso, acabou se perdendo ao longo do tempo. Com relação à circulação dessas obras, assim como acontece com os periódicos do final do XIX e início do XX, uma avaliação da dimensão do consumo é algo difícil de ser feita, a começar pela raridade de exemplares aos quais hoje os pesquisadores têm acesso. Infelizmente não se tem muitos dados sobre a tiragem das obras editadas/vendidas no país, nem sobre seu valor de mercado. Com essas informações seria possível ter uma ideia da aceitação que tiveram e por quais grupos sociais eram lidas⁸⁹.

Livros uteis para as senhoras donas de casa

1 —	A arte de Criar Pintos, 500 réis.	☐
2 —	Alimentação das aves domesticas, 500 réis.	☐
3 —	Criação de Pombos, 500 réis.	☐
4 —	Criação de canarios, 500 réis.	☐
5 —	Manual do Gallinheiro — encadernado, Rs. 4\$000	☐
6 —	Molestias das aves e seus tratamentos, Rs. 5\$000	☐
7 —	As molestias das plantas, Rs. 2\$000	☐
8 —	Leites, medicamentos, 500 réis.	☐
9 —	Jardineiro Brasileiro, Rs. 5\$000.	☐
10 —	A Sciencia no lar, Rs. 2\$000.	☐
11 —	A Dona da casa, Rs. 2\$000.	☐
12 —	Cultura das plantas em vasos, Rs. 2\$000.	☐

VALER E PEDIDOS a Casa
Editora “CHACARRAS E
QUINTAES” ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Largo do Palacio, 5-B (2.º andar) São Paulo Caixa Postal, 652

TYP. HENRIQUE GROBEL - Rua Florencio de Abreu, 102 - S. PAULO

- 1 – A arte de Criar Pinto, 500 réis.
- 2 – Alimentação das aves domesticas, 500 réis.
- 3 – Criação de Pombos, 500 réis.
- 4 – Criação de canarios, 500 réis.
- 5 – Manual do Gallinheiro – encadernado, Rs. 4\$000
- 6 – Molestias das aves e seus tratamentos, Rs. 5\$000
- 7 – As molestias das plantas, Rs. 2\$000
- 8 – Leites, medicamentos, 500 réis.
- 9 – Jardineiro Brasileiro, Rs. 5\$000.
- 10 – A Sciencia no lar, Rs. 2\$000.
- 11 – A Dona da casa, Rs. 2\$000.
- 12 – Cultura das plantas em vasos, Rs. 2\$000.

Figura 1. Propaganda de manuais de economia doméstica na *Revista Feminina*. A dona de casa poderia escolher e fazer o pedido pelo correio. “Livros uteis para as senhoras donas de casa”. *Revista Feminina*, n. 13, jun. 1915, p. 28. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁹ A listagem desses dados poderia ser feita a partir da localização dos lançamentos das obras em diferentes periódicos da época, porém o levantamento extrapola os limites desta pesquisa.

De acordo com Rainho, no Rio de Janeiro, as obras pedagógicas foram adotadas na instrução pública e sua leitura por jovens foi incentivada pelos pais. Alguns itens eram facilmente encontrados em lojas no centro da cidade e em anúncios de jornais e revistas⁹⁰. Embora não seja possível confirmar essa informação, acredita-se que os manuais prescritivos destinados a um público leitor feminino podem ter sido utilizados na educação de mulheres nas primeiras décadas do século XX. Alguns indícios permitem sustentar essa hipótese. O primeiro deles diz respeito às propagandas de manuais encontradas em periódicos femininos. Como é possível observar em um pequeno excerto, “Um pouco de tudo” (figura 2), publicado na *Revista Feminina* em novembro de 1915, a obra *Noções de economia doméstica* foi adotada pelo Governo de Minas Gerais como livro de leitura para o 4º ano das escolas primárias femininas. Com isso, considera-se que essa e outras obras semelhantes também podem ter sido utilizadas com a mesma finalidade em São Paulo.

Figura 2. Manuais femininos em periódicos. Nas revistas femininas eram encontrados anúncios de manuais prescritivos. *O lar feliz* é uma das obras que faz parte do conjunto documental desta pesquisa. O texto da propaganda informa as características desse manual: é escrita em estilo claro e conciso, um livro útil e prático para as donas de casa.

“Um pouco de tudo”. *Revista Feminina*, nov. 1915, p. 14. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

O segundo indício diz respeito aos acervos onde os manuais foram encontrados. Como mencionado, grande parte das obras utilizadas nesta pesquisa estão localizadas no acervo Paulo Bourroul, biblioteca da antiga Escola Normal Caetano de Campos. Na tentativa de encontrar alguma referência a títulos de manuais femininos prescritivos de comportamento, foram observados os *Annuarios do Ensino do Estado de São Paulo*. Trata-se de uma publicação produzida entre 1907 e 1937 pela *Directoria Geral da Instrução Publica*, subordinada à Secretaria dos Negócios e do Interior, e pela *Directoria do Ensino*, ligada à

⁹⁰ RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *op. cit.*, p. 141-148.

Secretaria da Educação e Saúde Pública. O conteúdo desta publicação é composto por informações provenientes de relatórios anuais, expedidos pelas Delegacias Regionais de Estado da capital e do interior do Estado. Essas, por sua vez, registravam as atividades escolares de suas jurisdições, tais como o movimento de alunos, dos professores, das unidades escolares, entre outras informações. Foi observado também que os *Annuarios* apresentam dados sobre a metodologia e os processos didáticos adotados pelos professores em salas de aula. Mesmo não havendo materiais didáticos citados (o que poderia comprovar a hipótese de que os manuais pudessem ter sido utilizados na instrução feminina em São Paulo), nota-se que a grade curricular de alguns tipos de escolas era composta por disciplinas cujos conteúdos eram: “prendas domésticas”, “trabalhos de agulha”, “economia doméstica”, “noções de higiene”⁹¹.

Além disso, sabe-se que no Brasil a primeira lei sobre educação, e que apresenta informações sobre o que deveria ser ensinado nas escolas, é do período imperial (1827) – só foi reformada em 1887, com a Lei nº 81. Essa primeira lei já determinava que nas escolas de Primeiras Letras as meninas deveriam receber aulas de “economia doméstica”. Segundo Fabiana Sena, as obras de civilidade, como o *Codigo de Bom Tom*, foram utilizadas nessas escolas do Rio de Janeiro. Entre os anos de 1827 e 1887, outros programas de ensino foram divulgados, mas pouco foi modificado. A Lei de 1887 manteve, para o primeiro grau, o ensino de “costura simples” para o sexo feminino (de 7 a 14 anos). A primeira escola Profissional feminina de São Paulo, criada em 1911, oferecia cursos às moças pobres e as habilitavam em “artes e ofícios femininos” (corte e confecção, rendas, bordados, flores, feitiço de chapéus e arte culinária). A mesma tendência é observada nas instituições de ensino administradas por congregações religiosas e que ofereciam cursos para meninas. Nas Escolas Normais, o curso oferecia em seu programa disciplinas como: “Economia Doméstica e Prendas” (somente para o sexo feminino), “Trabalhos manuais” (com conteúdo diferente para meninos e meninas), “Noções de Higiene” (para ambos os sexos). Ou seja, nos diferentes tipos de escolas existentes entre o final do século XIX e início do XX, que ofereciam cursos para meninas e moças, a grade curricular era composta por algum tipo de atividade “feminina” e que, portanto, também era ensinada nos manuais prescritivos⁹². Assim, a partir

⁹¹ *Annuarios do Ensino do Estado de São Paulo*. São Paulo: *Directoria Geral da Instrução Publica*, 1907-1930.

⁹² ALMEIDA, Jane Soares de. Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920): Revendo uma Trajetória. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 76, n. 184, p. 665-689, set./dez. 1995; MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.*, p. 112-119; OLIVEIRA, Sueli Teresa de. *Uma colméia gigantesca: escola profissional feminina de São Paulo – 1910/20/30*. 1992. 210f. Dissertação (mestrado em História) Pontifícia Universidade

da análise desses indícios, sustenta-se a hipótese de que tais obras prescritivas podem ter sido utilizadas na educação de mulheres.

Sobre a prática de leitura, não se pode esquecer de que a grande maioria dos brasileiros, como apontam Tânia Regina De Luca e Ana Luiza Martins, era analfabeta. Em 1890, apenas 15% da população era alfabetizada, taxa que atingiu, de acordo com o censo realizado em 1920, o patamar de 20%⁹³. Segundo Maria Luiza Marcílio, a maior parte dos leitores eram mulheres adultas que, muito provavelmente, residiam em São Paulo. Com relação à primeira afirmação, a autora explica que, para cada grupo de mil mulheres, o número de alfabetizadas mais do que dobrou entre 1872 e 1920, enquanto para os homens, o mesmo indicador viu-se multiplicado apenas por 1,7; quanto à faixa etária, a população adulta se sobressaía em comparação com a de idade escolar, fator que pode ser explicado pela intensificação das remanescentes escolas noturnas para adultos⁹⁴. Ainda segundo Maria Fernanda B. Bicalho, o contato feminino com a leitura é antigo; muito antes da existência de eventos sociais que passaram a exigir a presença feminina nas ruas, a mulher já fazia parte do grupo de leitores. Esse fator teria contribuído inclusive para o desenvolvimento do romantismo como gênero literário⁹⁵. Em referência à localização do maior número de leitoras, Marcílio explica que, no início do século XX, em São Paulo, os índices de alfabetização eram um pouco melhores do que no restante do país, devido a uma maior preocupação com a implantação de escolas públicas, iniciativa de um governo que enfatizava os ideais democráticos da proposta liberal. Com o objetivo de acabar com o analfabetismo, o Estado de São Paulo formulou duas importantes reformas do ensino público, uma em 1892 e a outra em 1920. Segundo os intelectuais que pretendiam mudanças, a educação seria a força propulsora

Católica, São Paulo. 1992; SHIEH, Cynthia Lushien. *O que ensinar nas diferentes escolas públicas primárias paulistas: um estudo sobre os programas de ensino (1887-1929)*. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação e Historiografia). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010; TAIRA Lincoln. *As Escolas Masculina e Feminina e o ensino profissional em São Paulo – 1911 a 1942*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000; SENA, Fabiana. *op. cit.*

⁹³ DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999, p. 59; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imesp, 2001.

⁹⁴ MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.* p. 200.

⁹⁵ BICALHO, Maria Fernanda Baptista. “O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX”. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1989, p. 82-84.

que acabaria com o atraso do país e o obscurantismo da população. Assim, isso poderia explicar o motivo pelo qual havia mais mulheres leitoras em São Paulo⁹⁶.

Apesar de todos os esforços do governo paulista, o acesso à educação ainda era restrito, como se pode notar pelos depoimentos do Sr. Amadeu⁹⁷: “As escolas eram poucas, a maior parte das crianças tinha pouco estudo. Não podiam ter a educação de hoje”; “Existiam poucas escolas do governo naquele tempo, as escolas eram caras. Os preços eram altos, não tínhamos condições”⁹⁸. Saber ler, atributo do cidadão em consonância com a Nova Ordem, tornou-se também emblema do Brasil republicano; pode-se considerar que a leitura foi também utilizada como uma forma de distinção social. Muitas famílias pobres procuravam dar aos filhos acesso à educação: “Eu trabalhava e minha maior ambição era dar escola e estudo para as crianças”⁹⁹; alguns tiveram de fato acesso a instituições escolares, como aconteceu com D. Alice: “Aprendi a ler no Grupo Escolar do Triunfo [...]. Entrei com sete anos, estudei até o terceiro ano, tinha uns nove anos”¹⁰⁰; e outros se valeram de estratégias para que os filhos aprendessem a ler, como foi o caso de D. Risoleta: Quando ele [meu pai] me pôs na casa da sinhá moça dele, disse: ‘Eu quero que a senhora ensina a menina a trabalhar, ler e escrever’.”¹⁰¹.

Os manuais que foram escritos por autores de diferentes esferas profissionais: professores, médicos, higienistas, literatos; homens e mulheres; leigos e religiosos¹⁰². Alguns deles chegaram a atuar como colaboradores de revistas, como é caso das autoras Julia Lopes de Almeida¹⁰³ e Maria Amália Vaz de Carvalho¹⁰⁴. Neste período surgiram as primeiras

⁹⁶ Contudo, vale lembrar que, mesmo com um maior empenho em investimentos na educação pública primária, as instituições escolares paulistas se encontravam em um grau incipiente de organização e sua disseminação era bastante restrita. De acordo com Marcílio, a estruturação de um sistema de educação pública em todo o Brasil começou a se delinear somente a partir da década de 1930, com os esforços de intervenção do governo federal voltado para a integração e a generalização do ensino no país. Cf. MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *op. cit.* p. 29; MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.* p. 108-118.

⁹⁷ Nascido em 1906, em São Paulo, Sr. Amadeu era filho de pais imigrantes italianos, o pai alfaiate e a mãe costureira. Cf. BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 124-153;

⁹⁸ *Ibidem*, p. 131; 149.

⁹⁹ Depoimento de Sr. Amadeu. Cf. *Ibidem*, p. 149.

¹⁰⁰ D. Alice, nascida no Vale do Paraíba, era filha de viúva e trabalhou como empregada doméstica; frequentou escola, até o terceiro ano. Cf. *Ibidem*, p. 95-123.

¹⁰¹ D. Risoleta, nascida em 1900, era negra e filha de escravo liberto; aos oito anos de idade foi colocada para trabalhar como empregada doméstica em troca de alfabetização. Cf. *Ibidem*, p. 363-401.

¹⁰² MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *op. cit.* p. 19.

¹⁰³ Julia Valentina da Silveira Lopes de Almeida (1862-1934) foi uma escritora, filha do professor e médico Valentino José da Silveira Lopes (Visconde de São Valentim), produziu mais de quarenta livros entre romances, contos, literatura infantil, crônicas e artigos em jornais e revistas. Iniciou sua carreira escrevendo para a *Gazeta de Campinas*. Em *A Semana* conheceu o editor e poeta português Felinto de Almeida, com quem se casou em 1887. Sua carreira se consolida entre os fins do século XIX e início do XX, com expressivas obras literárias

editoras nacionais e a imprensa começou a se consolidar no país¹⁰⁵. Nas primeiras décadas do século XX, a despeito da quantidade razoável de tipografias e mesmo casas editoras em algumas capitais, a maioria das obras literárias brasileiras era impressa pelas livrarias-editoras *Garnier*, cuja sede localizava-se em Paris, *Casa Garraux*, considerada a maior de São Paulo, e *Francisco Alves*, criada em meados do século XIX e com sede no Rio de Janeiro. Um dos limites para a produção de livros e impressos era a escassez de papel¹⁰⁶; mesmo sendo produzido no país, não supria as necessidades nacionais¹⁰⁷. Como o domínio de línguas como o francês e o inglês era um fator de distinção social, talvez tenha sido também por isso que um número considerável de obras estrangeiras circulou por grandes capitais; além disso, o custo da produção nacional era ainda muito elevado no início do século XX.

Pelo seu propósito, os manuais eram obras que deveriam apresentar textos claros e didáticos, com tópicos que permitissem uma rápida consulta¹⁰⁸. Alguns adotavam um tom imperativo, como é o caso do *DON'T, Manual de erros e impropriedades mais ou menos usuas na conversação e nas maneiras* (1926)¹⁰⁹; outras obras foram escritas em tom ficcional, como é o caso, por exemplo, do manual de etiqueta *Código de Bom Tom* (1875; 1997), onde o autor escreve como se fosse um pai aconselhando seu casal de filhos, Teófilo e Eugênia, sobre como deveriam se comportar em ambientes sociais; e o *Livro das Noivas* (1905), no qual uma mãe escreve uma carta à filha às vésperas de se casar. Outro recurso utilizado por autores (sobretudo mulheres) foi a manutenção de uma espécie de diálogo direto que os aproximava de seus leitores, como é possível observar nos manuais de puericultura *Cours de puéricultura en dix liçons* (1912), *Mulheres e crianças* (1887) e no manual feminino *Livro das Donas e Donzellas* (1906). Neste, as palavras “amiga”, “nós”, “queridas” são frequentemente utilizadas: “Minhas boas amigas, donas e donzellas, velhas e meninas,

destinadas ao público leitor feminino. A autora foi colaboradora de inúmeros órgãos de imprensa, tais como *Alm. Gazeta de Notícias*, *A Bruxa*, *A Estação*, *Gazeta de Notícias*, *A Ilustração Brasileira*, *Jornal do Comércio*, *Kosmos*, entre outros. Cf. *Ibidem*, p. 26; MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro ilustrado; sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro*. São Paulo: Saraiva, 1969.

¹⁰⁴ Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), escritora portuguesa, casou-se com o poeta português Gonçalves Crespo e conviveu com ambiente literário, artístico e político. Colaborou escrevendo críticas e crônicas para jornais portugueses e brasileiros. Cf. MENEZES, Raimundo. *op. cit.*

¹⁰⁵ MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *op. cit.*; MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.*

¹⁰⁶ Segundo Marcílio, busca-se por todos os meios e incentivos a produção nacional de papel. Em 1887, foi instalada a primeira grande fábrica de papel do país, dentro do complexo de propriedade de Proost Rodovalho, a Companhia Melhoramentos, localizada em Caieiras, nos arredores da cidade. Outro grande empreendimento no setor foi o das quatro fábricas de papel em São Paulo, a Klabin Irmãos. Cf. MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.*, p. 113-114.

¹⁰⁷ MARTINS, Ana Luiza. *op. cit.*, p. 42-43; 166-177; 209-222; MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.* p. 113-115.

¹⁰⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.*, p. 14.

¹⁰⁹ Sobre os livros prescritivos, Schwarcz afirma que “A quantidade de “nãos” [...] é de tal monta que não deixa dúvidas sobre a característica cerceadora desse tipo de obra”. Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.*, p. 23.

perdi o endereço de algumas de vós; outras... rezemos-lhes por alma, estão mortas; de sorte que esta carta, de incerta direcção, pretende ir até ás portas do CEO, na ondulação do acaso e da saudade”. Observa-se um terceiro recurso, a escrita do texto em formato de perguntas e respostas, tal como na obra *Guia das mães e das amas* (1877): “[...] para tornar mais precisas as instrucções ás mães e ás amas, dividimos o assumpto em um serie de interrogações bem dirigidas, ás quaes trataremos de dar respostas breves e concisas”¹¹⁰. Com relação às imagens, embora em pequeno número, apresentam cenas familiares ou de pessoas em ação, desempenhando atividades domésticas, acentuando as prescrições transmitidas nas lições e que reforçavam a argumentação dos autores.

Como mencionado, para a presente análise foram estabelecidas quatro categorias. Entre os manuais de etiqueta foram selecionadas dezoito obras, sete delas escritas em língua portuguesa: uma publicada em São Paulo; três em Portugal, sendo uma delas uma tradução da obra *Savoir-vivre et usages mondaines*, escrita pela Condessa de Gencé (1925); e as outras três publicadas no Rio de Janeiro, e que são traduções de obras originalmente escritas em francês e inglês, como é o caso da *DON'T, Manual de erros e impropriedades mais ou menos usuaes na conversação e nas maneiras* (1926), traduzida do inglês, e d’*O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas* (s.d.), do francês¹¹¹.

Manuais de etiqueta, tratados de cortesia, manuais de “*savoir-vivre*”, guias de “bom-tom” ou de “boas maneiras”, são obras de conteúdo didático, de fácil acesso, permitindo ao seu público leitor uma rápida consulta. Segundo Schwarcz, essas obras tiveram grande sucesso porque eram abrangentes¹¹², apresentando temas como modos à mesa, recepção de convidados (casamentos, jantares, banquetes, bailes), vestuários adequados a cada ocasião, produção de cartas, bilhetes e convites, padrões de comportamento em ambientes sociais, preceitos de higiene pessoal, entre outras regras. Ganhando destaque em meados do século XIX, Tania Andrade Lima identifica dois perfis de manuais de etiqueta no período: o que

¹¹⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das Noivas*. 2a. edição. Rio de Janeiro/São Paulo/ Minas: Francisco Alves & Cia., 1905; _____. *Livro das Donas e Donzellas*. Desenhos de Jeanne Mahieu. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Francisco Alves & Cia., 1906, p. 8; BRUCH, A. (Le Docteur). *Cours de puériculture en dix liçons*. Paris: A. Maloine, 1912; CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. *Mulheres e crianças: Notas sobre a educação*. 2.ª ed. Porto: Empreza Litteraria e Typographica – Editora, 1887; DE BREST, Dr. G. Anner. *Guia das mães e das amas*: Biblioteca Malheiro. Tradusida do original francez por Antonio Vieira Lopes. Porto: Livraria Portuense, 1877, p. 10; *DON'T: Manual de erros e impropriedades mais ou menos usuaes na conversação e nas maneiras*. [S.l.]: [s.n.], 1926; ROQUETTE, José Ignacio. *op. cit.*, 1875; 1997.

¹¹¹ DUFAUX, Ermance. *O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas*. Trad. e Adap. de Simões da Fonseca, Rio de Janeiro/Paris: H. Garnier, Livreiro-Editor, S.d.; GENCÉ, Condessa de. *Tratado de Civilidade e Etiqueta*. 8ª ed. Lisboa: Livraria e Editora Guimarães, 1930. _____. *Savoir-Vivre et Usages Mondains*. Paris, Albin Michel, Éditeur, 1925.

¹¹² SCHWARCZ, Lilia Moritz. *op. cit.*, p. 14-16; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *op. cit.*

reproduzia um modelo franco-inglês, adotado pelas “camadas mais altas da sociedade” e outro, relacionado ao processo colonizador, influenciado pelos hábitos portugueses, constituindo um conjunto de normas seguidas pelos “segmentos médios” no Brasil¹¹³.

Além do já mencionado *Código de Bom Tom*, de José Ignácio Roquette¹¹⁴, pode ser citado como exemplo *A arte de viver na sociedade*, de Maria Amália Vaz de Carvalho. São obras que prescrevem lições de polidez e bom comportamento em sociedade e trazem, em algumas passagens, definições do próprio conceito de civilidade. Abaixo encontram-se dois significados do termo, o primeiro associa-o a preceitos religiosos e o segundo considera “civilidade” como um conjunto de regras para viver bem em sociedade:

Ser polido, attencioso, previdente, é cumprir, trocada em preceitos de uso cotidiano, a mais bella virtude do christianismo: a caridade e o amor do próximo¹¹⁵.

A sociedade tem tambem sua grammatica, que é necessario estudar, e os que desprezam suas regras se não levam palmatoadas [*sic*], ou outro qualquer castigo, sam olhados como homens sem educação, e muitas vezes rejeitados de seu seio. E como nem sempre me podereis ter ao vosso lado para vos advertir do que deveis fazer em taes e taes casos, quero dar-vos por escrito algumas regras de civilidade e de bem viver, que vos serão mui uteis em todo o curso de vossa vida. [...] Ensinar-vos-hei tudo que deveis saber para vos apresentardes dignamente em qualquer sociedade, assim portugueza como franceza¹¹⁶.

Em se tratando dos manuais de economia doméstica, segundo Carvalho, essas obras eram descendentes dos manuais e revistas ingleses que, a partir do século XVIII, começaram a difundir valores burgueses com relação aos papéis da mulher como mãe, esposa e dona de casa¹¹⁷. Eram destinados às classes em ascensão e responsáveis ativamente na organização e manutenção da habitação. Ao todo, foram analisadas oito obras; cinco delas foram escritas em língua portuguesa e publicadas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Para exemplificar, são destacadas *O Lar Doméstico: Conselhos Práticos sobre a Boa Direção de uma Casa*, de Vera Cleser (1913), *o Manual da dona-de-casa: industria de domicilio, receitas e processos caseiros, arte culinaria, etc.*, de Bento Jordão Souza (1916) e o francês *L'art de bien tenir une*

¹¹³ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995, p. 149-150, 162.

¹¹⁴ Cônego português José Ignácio Roquette (1801-1870), nasceu em Alcabideche, concelho de Cascais; seu pai, Antônio dos Santos Roquette, era proprietário rural, capitão de Ordenanças e vereador na Câmara Municipal do referido concelho, e propiciou ao filho uma educação diferenciada, habilitando-o por meio dos estudos de gramática latina, retórica, filosofia e música. Entretanto, contrariando a vontade do pai, que o designaria clérigo secular, Roquette, abraça a vida monástica. É ligado à causa absolutista e apoiou D. Miguel. Foi preso em 1833, por apoiar a família real. Parte para Inglaterra, depois vive um tempo em Paris e regressa a Portugal só em 1857. Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *op. cit.*, p. 16.

¹¹⁵ CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. *A arte de viver na sociedade*. 4.^a ed. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira. 4.^a ed., [S.l.]: 1909; p. 229.

¹¹⁶ ROQUETTE, José Ignácio, *op. cit.*, 1997, p. 10-11.

¹¹⁷ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 30.

maison, da Condessa de Bassanville (1888)¹¹⁸. De modo semelhante, apresentam inúmeras informações sobre higiene da casa e pessoal, receitas (culinárias, de remédios caseiros e para limpeza e conservação de objetos da casa), cuidados com peças de roupas, alimentação e cozinha, dicas de como manter o orçamento familiar/economizar, preservar/consertar uma série de artefatos, descrição de espaços da casa (sala de visita, sala de jantar, quartos, cozinha, quintal), entre outras. É o que se observa abaixo nos excertos que ressaltam a importância de se fazer economia para uma boa administração da casa, sendo essa uma das características que uma boa dona de casa deveria ter:

A economia é o espirito de ordem applicado á administração e á organização domestica. O seu fim é administrar com prudencia os recursos da familia, impedir o desperdicio e evitar os gastos superfluos ou inuteis. A economia está sob a influencia da razão e da previsão, e nunca obra [*sic*] ao acaso ou por mero capricho [...]. A economia é a base da prosperidade do lar familiar [...]. Deste modo a dona de casa verificará a importante quantia que gasta pelo escaninho das despesas miudas e assim se esforçará para dar remedio ao mal¹¹⁹.

*C'est que la première partie de ces femmes est économie et que l'autre ne l'est pas. Là [*sic*] est toute la question*¹²⁰.

A economia é a base da prosperidade do lar¹²¹.

Tais obras merecem atenção, porque, assim como nos manuais de etiqueta, nelas são encontradas descrições de mobílias e de peças de decoração, de espaços da casa, de arranjos e usos de objetos, de hábitos de consumo que informam, por exemplo, a questão do gosto da época.

Se ha coisa em que o gosto possa manifestar-se á vontade em toda a exuberancia e em todo o capricho d'uma arte, é na maneira por que se entende a decoração interior d'uma casa¹²².

Moveis bellissimos arrumados com desprezo para os cantos mais obscuros, enquanto que a mobilia de mogno, sem caracter artistico e sem commodidade, se ostentava orgulhosamente nas salas mais frequentadas¹²³.

Além disso, os manuais de economia doméstica descrevem as características que uma mulher deveria ter para ser considerada uma boa dona de casa: qualidade moral, mãe de família preocupada com a educação dos filhos, o cuidado com o marido e a boa administração do lar.

¹¹⁸ CLESER, Vera A. *O lar domestico: conselhos praticos sobre a boa direcção de uma casa*. Sabará/MG: Unico agente vendedor A. Dilli/ S.Paulo Typographia de Oscar Monteiro, 1913; BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *L'art de Bien Tenir une Maison*. Paris: Librairie H. Anière A. Broussois, Librairie – Éditeur, 1888; SOUZA, Bento Jordão. *Manual da dona-de-casa: industria de domicilio, receitas e processos caseiros, arte culinaria, etc.* São Paulo: Hennies, 1916.

¹¹⁹ SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 6-7.

¹²⁰ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 323.

¹²¹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 42.

¹²² CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 157.

¹²³ *Ibidem*, p. 158.

*Jamais une bonne maîtresse de Maison ne sera une femme ordinaire, et les hommes même le plus hauts placés sur l'échelle de l'intelligence et du génie, prisent avant tout les qualités morales de la mère e de la femme. [...] la mère de famille, enfin, a une influence imense, non-seulement sur l'éducation de ses enfants, mais encore sur leur avenir complet, en un mot, que quand un homme se montre grand par le Coeur, on peut remonter à son berceau, on y trouvera toujours une mère qui lui a transmis son âme et qui l'a fait ce qu'il est...*¹²⁴

E, como não se pode deixar de mencionar, são nessas obras que se encontram de forma mais evidente a descrição de práticas e técnicas do serviço doméstico, além das lições de como as patroas deveriam lidar com seus empregados. No trecho abaixo já fica evidente a ligação intrinsecamente tensa e contraditória entre mulheres tão diferentes:

As criadas, cuja má vontade serve de desculpa ás senhoras indolentes, só são desmazeladas quando são desmazeladamente dirigidas. Ellas não são absolutamente responsaveis por um serviço a que a propria dona de casa não dispensa a menor atenção; alugam-se para trabalhar e, com rara exceções, estão promptas a fazel-o, mas compete á dona de casa dirigil-as e dar-lhes o exemplo da ordem e da atividade¹²⁵.

Os livros de puericultura são onze, sendo cinco deles escritos em português; três publicados em São Paulo e um no Rio de Janeiro. Aqui são destacados os seguintes títulos: *O livro das mães* (1922), escrito pelos médicos A. Almeida Junior e Mario Mursa; *Mulheres e creanças* (1887), de Maria Amália Vaz de Carvalho; *Cuidado das creanças* (1897), de Sebastian Kneipp¹²⁶, e *Cours de puéricultura en dix liçons* (1912)¹²⁷. Os principais objetivos dos autores era divulgar os princípios da higiene pré-natal e infantil de modo a contribuir para a redução das elevadas taxas de mortalidade e favorecer a formação de indivíduos saudáveis, em condições de contribuir para o desenvolvimento da nação. Acreditava-se que uma das principais causas da mortalidade era justamente a ignorância dos preceitos da puericultura. O surgimento dessa literatura está ligado à intensa valorização da infância¹²⁸. Os discursos

¹²⁴ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p317-318.

¹²⁵ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 14.

¹²⁶ Sebastião Kneipp nasceu em 1821, em Stephansried, antiga aldeia da Baviera. Filho de uma família muito pobre, seu pai era tecelão, com quem aprendeu o ofício. Em 1849, começa seus estudos de filosofia em Mônaco. Em 1852, é ordenado presbítero. Torna-se reconhecido ao criar um tratamento, um método de cura de doenças a partir do uso de água fria: o seu “systema hydrotherapico”. Morre em 1893, com 77 anos de idade, em Woerishofen, aldeia em que atuou como religioso desde 1855. Cf. KNEIPP, Sebastian. *O cuidado das creanças quando sans e quando doentes; ou Avisos e conselhos a respeito da hygiene e medicina de infância*. 3ª. ed. Porto Alegre: Mayer, 1897.

¹²⁷ ALMEIDA JUNIOR, A. de; MURSA, Mario. *O livro das mães: noções de puericultura*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1922; BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*; CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. *op. cit.*, 1887; KNEIPP, Sebastian. *op. cit.*

¹²⁸ Os primeiros manuais de conduta contendo instruções sobre como cuidar da saúde e da higiene de crianças surgiram na Europa, em meados do século XVIII, antes mesmo do desenvolvimento da Puericultura como uma especialidade médica. O principal objetivo dessas obras era melhorar os baixos índices de densidade demográfica em diversos países que passaram por sucessivas guerras. Por isso, ressaltava-se que os cuidados prestados às crianças nos primeiros meses de vida ajudariam na constituição de uma população saudável. No Brasil, os manuais de puericultura começam a ser divulgados no século XIX, sendo os primeiros escritos

médicos focavam a mulher. A mãe, tornada aliada dos médicos, era vista como a responsável pela saúde da família e pela formação dos futuros cidadãos; além de descrever cuidados especiais durante a gravidez e com o bebê recém-nascido, os livros de puericultura continham informações sobre alimentação e higiene materna, infantil e das amas-de-leite¹²⁹. Observa-se uma forte campanha em favor do aleitamento materno:

As mulheres que se propõem para ao aleitamento mercenário, frequentemente apresentam doenças capazes de se transmitirem á criança¹³⁰.

*Toutes les femmes ont donc du lait. Admettons qu'il y en ait 2% qui ne peuvent allaiter pour des raisons diverses: Celles-ci utiliseront alors l'allaitement artificiel*¹³¹.

Tenha-se bem presente que a natureza não faz cousas inuteis, e, si outras razoes de mais peso não o viessem comprovar, bastará essa consideração para se comprehender que a mãe postiça, a ama, não póde de maneira alguma supprir a mãe natural; pois ninguém melhor do que a verdadeira mãe póde dar cabal cumprimento á lei natural sobre a alimentação do recém-nascido¹³².

Por último, contabilizando sete obras no total, todas escritas em português (duas publicadas em São Paulo e duas no Rio de Janeiro), pode-se dizer que os manuais de higiene e saúde tinham o objetivo de promover o discurso médico voltado à educação sanitária da população. Como exemplo, são mencionados¹³³: *Bíblia da Saúde* (1926), escrita por Renato Kehl¹³⁴, *Higiene infantil* (1917), de Arthur Moncorvo Filho¹³⁵, e *Noções de Higiene* (1921),

somente por e para médicos com o intuito de divulgar teses sobre a saúde e a higiene infantis. Em pouco tempo, versões mais didáticas começaram a ser escritas para serem divulgadas às jovens mães. De acordo com Ana Laura Godinho Lima e Maria Martha de Luna Freire, a mãe tornava-se a principal aliada dos médicos na luta pelo desenvolvimento saudável dos futuros cidadãos da nação. Segundo Rosângela Ferreira de Souza, no Brasil as obras de puericultura foram utilizadas na educação feminina a partir da década de 1920, contribuindo para o desenvolvimento dos cursos de Puericultura incorporado aos programas das escolhas primárias (nas disciplinas específicas para meninas), normais e profissionais femininas. Cf. FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009; LIMA, Ana Laura Godinho. *Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil*. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, p. 95-122, 2007. Editora UFPR; SOUZA, Rosângela Ferreira de. *Vínculos do Feminino: Puericultura e Relações de Gênero (1920-1940)*. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

¹²⁹ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*; LIMA, Ana Laura Godinho. A recepção higiênica do bebê: um estudo a partir de manuais de puericultura publicados no Brasil entre 1918 e 1968. *Anais do VII Colóquio do LEPSI: Formação de Profissionais e a criança sujeito*, 2009, São Paulo: IP/FE-USP. Formação de Profissionais e a criança sujeito, 2008.

¹³⁰ ALMEIDA JUNIOR; MURSA, *op. cit.*, p. 92-93.

¹³¹ BRUCH, A (Le docteur). *op. cit.*, p. 44.

¹³² KNEIPP, Sebastian. *op. cit.*, p. 42.

¹³³ KEHL, Renato. *Bíblia da Saúde: Higiene*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926; MONCORVO FILHO, Artur. *Higiene infantil*. Rio de Janeiro: Nacional, 1917; PEIXOTO, Afranio. *Noções de Higiene*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1921.

¹³⁴ Renato Kehl foi um médico brasileiro, um dos mais importantes difusores das ideias higienistas e eugênicas, entre as décadas de 1920 e 1930, no Brasil. Escreveu inúmeras obras sobre o tema, entre elas o manual citado e o livro *Lições de Eugenia*, de 1929. Cf. BOARINI, Maria Lúcia. "Higienismo, Eugenia e a Naturalização do Social". In: _____ (Org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003, p. 26; DE LUCA, Tania Regina. *op. cit.*, p. 202-238; NALLI, Marcos Alexandre Gomes. "Antropologia e

de Afrânio Peixoto¹³⁶. Em um primeiro momento, dirigiam-se às mulheres de grupos mais enriquecidos, mas a expectativa era de que o discurso normativo atingisse os extratos mais pobres. Por serem escritos, em sua maioria, por médicos ou sanitaristas, eram considerados como um saber inquestionável. Apresentam, de maneira geral, instruções e procedimentos de como evitar e tratar pequenas doenças, noções de puericultura, cuidados básicos de higiene (habitação, alimentação, vestuário, pessoal), entre outros temas; a intenção era instruir as famílias a viverem de modo mais higiênico e saudável, reduzindo os índices de epidemias e de mortalidade em grandes centros urbanos. A higiene, considerada por médicos como um instrumento capaz de regenerar a raça, fortalecer a nação e, desse modo, levar o país ao progresso econômico e social, era também uma ferramenta de distinção entre as elites e os setores médios em ascensão e os segmentos mais baixos da população¹³⁷ – no caso desta pesquisa, representados pela figura das empregadas domésticas.

O emprego do sabão é constante e generalizado. Já se disse, com acerto, que a civilização de um povo póde ser calculada pelo consumo que ele faz do sabão. [...] O sabão tem a propriedade de neutralizar os ácidos gordurosos, das excreções da pele e das fermentações consecutivas, dissolver e acarretar por meio da unção e da espuma, as materias depositas na superficie. Se ele não tem propriamente valor antiseptico possui entretanto valor desinfetante notavel, atendendo á remoção facil que permite de produtos sépticos aderentes á pele ou ao vestuario. Achou-se mesmo uma certa ação bactericida. Póde-se dizer que na pratica, para a imensa maioria de todos os casos, o sabão é o mais pratico, senão o mais util dos meios ordinarios de asseio¹³⁸.

Como documentos da época, os manuais fornecem preceitos de etiqueta, economia doméstica, puericultura e higiene, por meio dos quais pode-se chegar a informações sobre a decoração da casa, o mobiliário, os arranjos e os usos de objetos, o vestuário, as técnicas e os materiais adotados no serviço doméstico, as práticas de consumo, as relações entre patroas e empregadas domésticas. Contudo, não se pode esquecer de que seus textos são produções discursivas, portanto, devem ser examinadas como percepções do social. Como aponta Chartier, devem ser compreendidas “num campo de concorrência e de competições cujos

Segregação Eugênica: uma leitura das lições de eugenia de Renato Kehl”. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003, p. 165-183.

¹³⁵ Carlos Arthur Moncorvo Filho foi um médico brasileiro, um dos principais representantes do movimento higienista no país. Foi diretor do *Instituto de Proteção e Assistência à Infância* do Rio de Janeiro, criado em 1899. Cf. MONCORVO FILHO, *op. cit.*; SILVA JÚNIOR, Nelson Gomes de Sant’Ana; GARCIA, Renata Monteiro. Moncorvo Filho e algumas histórias do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, Ano 10, n.º 2, p. 613-632, 2.º trimestre de 2010.

¹³⁶ Afrânio Peixoto foi um médico, literato, pedagogo, administrador público e professor nas áreas de medicina e educação. Ministrou aulas na Faculdade de Medicina e na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Cf. DE LUCA, Tania Regina. *op. cit.*, 202-238; MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. *Revista da SBPC*, n. 11, p. 75-81, 1994; PEIXOTO, Afrânio. *op. cit.*

¹³⁷ DE LUCA, Tânia Regina. *op. cit.*; GONÇALVES, Andréa Lisly. *op. cit.*, p. 119; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *op. cit.*

¹³⁸ PEIXOTO, Afrânio, *op. cit.*, 1921, p. 424-425.

desafios se enunciam em termos de poder e dominação”¹³⁹. Segundo Meneses, como todo documento escrito, são “[...] essencialmente *representação* (e, enquanto tal, naturalmente, parte da realidade a que se refere)”¹⁴⁰. Nesse sentido, os manuais femininos são fontes preciosas para as questões que se procura aqui desenvolver. Porém, mesmo sendo parte da realidade, não se pode negar que são documentos que fazem parte de um discurso propagado pelas elites, sendo assim, é necessário analisá-los de forma crítica, indo além do que é claramente apresentado. Segundo Maria Odila Leite da Silva Dias, o historiador deve procurar “ler nas entrelinhas” dos documentos aquilo que está oculto, como a experiência cotidiana, a vida privada, os conflitos e as resistências¹⁴¹.

Além dos manuais, outras fontes foram utilizadas nesta pesquisa, entre elas as revistas femininas. Segundo Martins, a imprensa feminina, feita por mulheres e para mulheres, é um dos segmentos de periódicos que se destaca no início do século XX. A prática da leitura já era comum entre as mulheres de grupos sociais mais elevados desde o Império. Como mencionado, no período republicano, o número de mulheres alfabetizadas aumenta. Duas imagens de mulher eram disseminadas nas revistas, uma pelo texto e outra pela publicidade. A primeira, “vendida” a mulheres de segmentos médios que se interessavam por economia doméstica e faziam aquisições mais modestas, era a da mãe-esposa que seguia os costumes e tradições, de forte influência católica e de apelo nacionalista; a segunda, dirigida àquelas de grupos mais abastados, que consumiam produtos de moda e frequentavam ambientes requintados, era a imagem da mulher moderna, elegante, esportiva, do mundo externo, representadas pela melindrosa¹⁴². Para esta pesquisa, foram selecionadas duas revistas: *A Cigarra*¹⁴³ e a *Revista Feminina*¹⁴⁴, periódicos onde são encontradas matérias sobre beleza,

¹³⁹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17.

¹⁴⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *op. cit.*, 1983, p. 111.

¹⁴¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. “Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea”. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo: EDUC, 1998, n.º 17 (Trabalhos da memória), p. 223-258.

¹⁴² MARTINS, Ana Luiza, *op. cit.*, p. 371-372; 371-387.

¹⁴³ A revista *A Cigarra*, em circulação entre os anos 1914-1975, foi uma publicação quinzenal. De circulação nacional, contou com agência em Portugal e representantes na França, Inglaterra, Estados Unidos e Argentina. Sua tiragem inicial foi de doze mil exemplares, chegando a 25 mil no ano de lançamento. Nessa revista são encontradas informações sobre as atividades sociais de mulheres das elites paulistas: clubes, restaurantes, festas, passeios, entre outros. Foi uma das mais importantes revistas de variedades da década de 1920. Cf. CRUZ, Heloisa de Faria (org.). *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana 1870-1930*. São Paulo: Contexto, 1989, p. 88-93.

¹⁴⁴ A *Revista Feminina* era publicada mensalmente em São Paulo entre os anos 1915 e 1936. Sua circulação era nacional e sua assinatura oferecida também para o exterior. Produzida por uma tradicional família paulistana (Virgilina de Souza Salles e João Salles), foi um dos primeiros veículos exclusivamente voltados para o público leitor feminino, dos segmentos mais abastados e médios da sociedade. Com o objetivo de entreter e “educar” as

higiene, decoração, culinária, educação e economia doméstica. Segundo Carvalho, as revistas femininas deram seguimento aos manuais, ampliando o número de leitores¹⁴⁵.

Junto das revistas, outro conjunto documental analisado são os textos publicitários do *Mappin Stores*¹⁴⁶. Publicados em periódicos da cidade, como *O Estado de São Paulo*, o *Jornal do Commercio*, o *Correio Paulistano* e as revistas femininas, os anúncios publicitários do Mappin, assim como as imagens de casas particulares abertas para leilões, salas de espera de consultórios médicos e estabelecimentos comerciais, hotéis e fotografias de interiores, ajudaram a construir padrões de gosto, valores de modernidade e formas de distinção social. Os consumidores observavam os arranjos de objetos, formas de se comportar, vestir e decorar, modelos que poderiam ser por eles adotados¹⁴⁷. Como aponta Márcia Padilha, a publicidade passava por um processo de expansão na década de 1910; tornou-se mais sofisticada a partir do uso de tecnologias norte-americanas e do refinamento francês. Associando consumo e sociabilidade, ajudou a construir um ideal de modernidade e urbanidade; exerceu papel fundamental ao divulgar e consolidar comportamentos, modos de vida, tendências de moda e valores de referência, de certa forma, trabalhando com a domesticação de gosto e de costumes. Alargando a oferta de produtos usualmente consumidos por famílias abastadas, o Mappin pode ser entendido como um dos pólos difusores de novos hábitos relacionados à intensificação do consumo¹⁴⁸. A documentação do Mappin oferece imagens que simulam ambientes domésticos, dando concretude às descrições encontradas nos manuais femininos.

Entre os anos 1913 e 1930, foram observadas pouco mais de 4100 imagens publicitárias da loja, disponíveis no acervo iconográfico do Museu Paulista da Universidade

leitoras, as matérias apresentavam temas como moda, decoração do lar, saúde, culinária, beleza, educação dos filhos, textos literários, vida conjugal, conselhos, entre outros. Cf. *Ibidem*. p. 224-225.

¹⁴⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 32; PADILHA, Márcia. *op. cit.*

¹⁴⁶ Inaugurado como loja de departamentos em 1913, em São Paulo, o Mappin surgiu como resultado de uma sociedade entre John Kitching e a *Mappin & Webb*, uma casa inglesa que vendia produtos importados, tais como porcelanas, prataria, cristais, entre outros artigos finos. Tendo seu primeiro endereço a rua XV de Novembro, em 1919, é transferida para um imóvel ampliado na Praça do Patriarca, permanecendo lá até 1939, quando é transferida para o outro lado do Viaduto do Chá. Inicialmente contava com 40 funcionários e onze departamentos, mas devido ao grande sucesso, em alguns anos, novas seções e filiais foram abertas. Alargando sua oferta de produtos para os segmentos médios, o Mappin pode ser entendido como um dos pólos difusores de novos hábitos diretamente relacionados à intensificação do comércio e da vida urbana em São Paulo. Ajudou a moldar gostos e padrões de comportamento para a época. Na década de 1930, em meio a uma crise que afeta o país e todo mundo, a loja marca seus preços nos produtos, buscando atrair as classes mais populares. A loja sobrevive até 1999, quando declara sua falência. Cf. ALVIN, Zuleika; PEIRÃO, Solange. *Mappin: Setenta Anos*. São Paulo: Ex-Libris, 1985. “Mappin faria 100 anos; relembre a história da loja de departamentos”. Disponível em <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/12/10/mappin-faz-100-anos-relembre-a-historia-da-loja-de-departamentos.htm>>. Acesso em 28 abr. 2015.

¹⁴⁷ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 33; _____. Cultura material, espaço doméstico e musealização. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.443-469, jul.-dez., 2011.

¹⁴⁸ PADILHA, Márcia. *op. cit.*, p. 26; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2011.

de São Paulo¹⁴⁹. De modo geral, são anúncios de peças para decoração da casa, móveis, vestuários (masculino, feminino, infantil), roupas de cama, mesa e banho, tecidos, utensílios domésticos, direcionados à mulher, agora identificada como consumidora¹⁵⁰. Dentre as imagens, foram observadas 95 em que aparecem mulheres vestindo aventais, uniformes, toucas, realizando alguma atividade relacionada ao serviço doméstico ou apenas segurando/expondo os produtos anunciados. A mensagem comunicada era sobre a venda de roupas de cama (lençóis, fronhas, cobertores), toalhas de mesa, guardanapos, peças de banho (toalhas); a minoria se refere a utensílios de cozinha (baterias de alumínio, louças, caçarolas) ou de limpeza (vassouras, espanadores, cera para brilho, sabão). Dentre as 95 imagens, em apenas seis encontramos palavras que se referem a trabalhadores domésticos (“creada” ou “criada” e “pajem”); sendo a primeira vez mencionada em 1918. Neste conjunto, duas observações merecem ser ressaltadas: há apenas uma única imagem de uma mulher negra, em um anúncio de utensílios para cozinha¹⁵¹, e uma única de um empregado do sexo masculino, em um anúncio de toalhas de mesa¹⁵². É válida, dessa forma, uma análise mais aprofundada dessas representações, buscando entender a quem/ao que era relacionado o serviço doméstico, quais atividades foram vinculadas à patroa e à empregada, quais as representações femininas na publicidade do Mappin, quais artefatos estão sendo associados àquelas imagens, entre outros aspectos.

Além das descrições de memorialistas¹⁵³ e de textos como os de Ecléa Bosi, Jorge Americano, entre outros autores, o *Fichário do Equipamento e dos Costumes da Casa*

¹⁴⁹ A coleção foi doada ao Museu Paulista, em 2007, contando mais de 60 mil recortes de jornais e peças publicitárias da loja, publicados entre 1913 e 1980; 30 catálogos de produtos; 100 fitas VHS e 65 rolos de filmes 35 mm com registros de propagandas e desfiles de moda; quatro mil fotografias e dossiê de 70 anos, material de pesquisa utilizado na produção da obra *Mappin: 70 anos*. Cf. MUSEU PAULISTA DA USP. Museu Paulista recebe coleção de peças publicitárias da famosa loja Mappin. Disponível em <<http://www.mp.usp.br/>>. Acesso em 08 ago. 2013.

¹⁵⁰ BONADIO, Maria Claudia. *Moda: costurando mulher e espaço público*. Estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913-1929. 2000. 184 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

¹⁵¹ *O Estado de São Paulo*, 22 dez. 1922, p. 7. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo. O mesmo anúncio foi publicado também no n. 104 da *Revista Feminina*, de janeiro de 1923, na página 45.

¹⁵² O empregado é um homem branco vestido de libré. Ele serve um casal vestido elegantemente sentado à mesa. A “libré” era um tipo de vestimenta tradicionalmente utilizada por criados homens que trabalhavam para famílias nobres ocupando os cargos hierárquicos mais altos no serviço doméstico (mordomos, cocheiros, copeiros, etc.). Alguns viajantes que estiveram no Brasil no final do século XIX relataram ter visto escravos usando esse tipo de uniforme. Isso demonstra que muitos senhores de escravos procuravam mostrar sua influência política, social e econômica por meio de seus empregados e escravos. Cf. “Damascos de Linho”. *Mappin Stores*, Estado de São Paulo, 03 jan. 1918. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo; SARTI, Raffaella. “Who are servants? Defining Domestic Service in Western Europe (16 th - 21 st Centuries)”, in S. Pasleau and I. Schopp (eds.). with R. Sarti, *Proceedings of the “Servant Project”*, 5 vols., vol. 2, Liege: Éditions de l’Université de Liège, 2005 (but 2006), p. 3-59.

¹⁵³ Algumas informações já puderam ser levantadas a partir do fichário organizado por Ernani Silva Bruno.

Brasileira, organizado por Ernani Silva Bruno quando assumiu a direção do Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, atual Museu da Casa Brasileira, na década de 1970, auxiliam a análise de habitações, disposição e usos de objetos, organização dos espaços domésticos, assim como dos hábitos dos moradores e das relações entre eles. Reunindo aproximadamente 28 mil fichas contendo informações¹⁵⁴ extraídas de textos de viajantes estrangeiros chegados ao Brasil no início do século XIX¹⁵⁵, cronistas, memorialistas, agentes cartoriais ou ficcionistas cujos romances ou contos tivessem interesse ao conhecimento de usos e costumes brasileiros, foi criado um fichário para atender às necessidades de pesquisa do Museu sobre equipamentos domiciliares utilizados em diferentes épocas (séculos XV ao XIX). Por iniciativa da arquiteta Marlene Acayaba¹⁵⁶, entre os anos 1998 e 2002, as fichas foram publicadas em uma coleção de cinco livros¹⁵⁷. Seguindo um esquema previamente fixado, o acervo conta com 24 itens referentes à civilização brasileira. Desses, 14 se referem especificamente à habitação: “aspectos gerais da habitação”; “anexos da casa”; “abastecimento de água”; construção: “materiais e técnicas”; “apetrechos de trabalho”; “higiene”; “iluminação”; “indústria caseira”; “decoração”; “móveis”; “acessórios de móveis”; “objetos de uso caseiro”; “rouparia e utensílios” (de cozinha e mesa)¹⁵⁸.

A legislação sobre o serviço doméstico constitui o último conjunto documental utilizado como fonte de apoio. Uma das primeiras tentativas de regulamentação do serviço

¹⁵⁴ Embora algumas delas sejam repetidas em diferentes fichas.

¹⁵⁵ Existem várias restrições à literatura de viagem. As narrativas constituídas sob o olhar do outro, o europeu, muitas vezes estavam imbuídas de preconceitos e sentimentos de superioridade. Foram diversas as dificuldades encontradas pelos viajantes. Como não dominavam o idioma, tiveram problemas para conquistar confiança entre a população local. Esse fator contribuiu para que construíssem em alguns momentos visões pouco “fidedignas” da realidade descrita. As mulheres brasileiras foram descritas como reclusas ao espaço privado da casa, longe do olhar dos estrangeiros. Ainda assim, essas memórias nos deixam descrições com informações dos aspectos materiais da vida cotidiana e social de épocas passadas e nos tornam importante documentação. Cf. ABRAHÃO, Eliane Morelli. *op. cit.*, p. 23; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 34-35; QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de Mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX*. Petrópolis, Vozes, 1996.

¹⁵⁶ ACAYABA, Marlene Milan (coord.); GUERRA, José Wilton; SIMÕES, Renata da Silva; ZERON, Carlos Alberto (Orgs.). *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, Imesp, Edusp, 2001, 4 vols.

¹⁵⁷ Hoje o *Acervo Equipamentos da Casa Brasileira, Usos e Costumes – Arquivo Ernani Silva Bruno* pode ser acessado por meio de CD-ROM ou pelo site do Museu. Cf. MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/>>. Acesso em 17 ago. 2013.

¹⁵⁸ Cada ficha contém um texto com as informações relativas à civilização brasileira ou objetos (que podem ser descritos do próprio artefato ou de seu uso), época em que o texto foi escrito, além de dados da fonte. Apresentando-se em formato de banco de dados, que proporciona ao consulente duas formas de busca (uma, dentro de cada assunto, respeitando assim a antiga estrutura do fichário, de 24 temas, podendo ser selecionada a opção por palavra-chave, localidade e século; e a outra, que permite uma busca “transversal”, utilizando-se qual palavra ou expressão seja encontrada em todos os registros do banco). Cf. MUSEU DA CASA BRASILEIRA. *Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno*. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em 17 ago. 2013.

doméstico aparece já no final do século XIX, com o *Código de Posturas da cidade de São Paulo de 1886*, em que consta um capítulo referente a “criados e amas de leite”. Durante o século XX, como se observa pela aprovação de outras leis¹⁵⁹, o tema foi mantido em discussão não apenas em São Paulo, mas em várias capitais do país. O que se apreende com a leitura da legislação é que havia uma grande preocupação com as doenças que poderiam ser transmitidas às famílias contratadoras. Os trabalhadores domésticos, pertencentes aos grupos mais pobres da sociedade, eram considerados os responsáveis pela propagação de inúmeras doenças, pois, além de serem caracterizados “sujos”, “lascivos”, “promíscuos”, entre outros comportamentos entendidos como imorais desde o período escravocrata, viviam em péssimas condições de sobrevivência. Somado a isso, havia também um grande medo de que cometessem furtos na casa de seus contratadores. Nesse sentido, a legislação foi criada pensando normas que se preocupavam mais com o empregador do que com o empregado.

Ressalta-se que o foco da pesquisa são os manuais femininos, pois se trata de um farto conjunto em que há descrições de ambientes, procedimentos relativos ao trabalho doméstico, à higiene pessoal e da casa, orientações sobre o relacionamento entre patrões e empregados. Contudo, como mencionado, outras tipologias documentais foram incorporadas à pesquisa de maneira a complementar a documentação principal. Os manuais foram priorizados, pois descrevem ações (ainda que idealizadas), inseridas em um contexto espacial mais amplo do que aquele dos anúncios publicitários, dos objetos tridimensionais ou mesmo da literatura ficcional ou de viajantes. Além disso, com mais intensidade do que outras tipologias, os manuais descrevem as cenas domésticas de maneira valorativa, sendo possível ao pesquisador o inventário dos sentidos associados aos agentes, espaços e objetos. Se aos historiadores é impossível observar sociedades do passado em funcionamento, diferente do que faz, por exemplo, um antropólogo ou etnólogo, a partir dos vestígios preservados no presente (imagens, relatos de viajantes e de memorialistas, artefatos e, no caso deste trabalho, obras como os manuais femininos), pode-se inferir os objetos em ação e, assim, relações interpessoais¹⁶⁰.

¹⁵⁹ A Lei nº 126, de 1894; a Lei nº 1794, de 1914; e a Lei nº 2996, de 1926. Cf. MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 178; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência: A Vida do Trabalhador Pobre na Cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 207.

¹⁶⁰ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2003, p. 308.

1.3. Apresentação dos capítulos

Além deste primeiro capítulo introdutório, a dissertação apresenta outros cinco. Com o título de “Senhoras e criadas: representações femininas”, o segundo capítulo analisa como as mulheres protagonistas dessa relação foram representadas na documentação. Os manuais de prescrição de conduta, além dos preceitos de etiqueta, economia doméstica, puericultura e higiene, ajudaram na construção do que se entendia como ser uma boa mãe, esposa e dona de casa, contribuindo para difundir um modelo de família burguesa. Logo, traziam uma imagem idealizada da mulher nesse período. Com relação às empregadas, além de os manuais pretenderem transmitir às leitoras preceitos que ensinavam a lidar com os servidores domésticos, eles ajudaram na construção de uma imagem totalmente depreciativa das criadas, pois as representavam como pessoas prestes a se vingar, trair, desobedecer ou abandonar a família empregadora. Se até 1888 as atividades na casa eram realizadas por escravos, após a abolição, elas passaram a ser feitas por trabalhadores livres (sobretudo mulheres pobres, ex-escravas, imigrantes e seus descendentes); essa mudança significou uma crise de autoridade, a perda de controle sobre os servidores e a instituição de uma situação desconfortável e ambígua, pois a empregada era alguém de fora do núcleo familiar, mas presente dentro da casa. Além de analisar as representações de patroas e empregadas nos manuais femininos, procura-se confrontar os manuais com dados demográficos disponíveis.

Recuperando importantes trabalhos de arquitetos e historiadores que estudaram a habitação e as formas de morar em São Paulo, o terceiro capítulo, “Casas e interiores”, tem como objetivo analisar de forma sintética as mudanças na habitação paulistana nesse período, porém mantendo o foco nas residências das camadas mais abastadas da sociedade. As casas coloniais foram gradativamente sofrendo adaptações que as levaram para o que significou “morar à francesa”. Para isso, são apresentadas informações sobre os novos tipos de habitação, o papel da decoração e da mobília. A escolha por abordar esse tema se deu porque muito provavelmente esse era o espaço onde aconteciam as relações entre patroas e empregadas domésticas de que esta pesquisa trata. Porém, a intenção aqui é entender a casa não como um cenário estático para as relações, mas como um artefato que interfere ativamente nas pessoas. As mudanças no espaço da casa, que levaram a uma especialização dos espaços, demandaram novas posturas, novas condutas corporais, novas relações entre corpo e objeto.

O quarto capítulo “Limpeza artística e serviço grosseiro: a rotina de trabalhos domésticos” identifica os mecanismos de diferenciação utilizados para estabelecer distâncias entre patroas e empregadas domésticas. Como a administração do lar era de responsabilidade feminina e, no Brasil, o costume de ter alguém, sobretudo uma mulher, trabalhando na casa foi mantido após o fim da escravidão, a condição de seres do mesmo gênero supostamente as identificariam. Contudo, as diferenças individuais, culturais e as desigualdades de estratos sociais distanciavam patroas e empregadas. A relação entre essas mulheres era marcada por limites e práticas ritualizadas, um mecanismo fundamental da construção da identidade. Desse modo, observa-se que o estabelecimento de uma divisão social do trabalho contribuiu para marcar não apenas as distâncias entre patroas e empregadas, mas para conformar identidades distintas.

No quinto capítulo, “Corpos limpos, belos, saudáveis e educados”, o objetivo é aprofundar um dos meios de distinção mais explorado entre patroas e empregadas. Por meio de preceitos de civilidade e higiene, indicava-se o que significava ser uma pessoa asseada e elegante nesse contexto e, ao mesmo tempo, marcavam-se as distâncias entre essas mulheres. Quando a família se privatizou e novas atividades sociais surgiram, houve uma maior preocupação com a aparência, os cuidados de higiene, as formas de se apresentar em sociedade e em casa. Observa-se que o corpo é alvo dos discursos da época, percebido socialmente como o lugar de construção de estratégias de distinção. Pretende-se demonstrar como o corpo é parte das práticas sociais, atuando como mediador nas relações do indivíduo com o mundo. Desse modo, também é um produto social, cultural e histórico.

Por fim, à guisa de conclusão são apresentadas as considerações referentes à pesquisa, seus limites e alcance, a partir dos principais pontos discutidos ao longo do texto.

II. Senhoras e criadas: representações femininas

Circulando pela cidade de São Paulo e tratando de temas que iam além das lições de etiqueta, economia doméstica, puericultura e higiene, os manuais prescritivos de comportamento contribuíram para a construção de representações sociais de patroas e empregadas domésticas. As senhoras que liam tais obras eram instruídas sobre como ser uma boa esposa, mãe e dona de casa, ao mesmo tempo que uma mulher elegante, honrada, dedicada, educadora e econômica. Apesar da variedade de assuntos que os manuais abordavam, pode-se afirmar que tais obras ajudaram a normatizar a conduta feminina. Com relação às empregadas domésticas, as leitoras encontravam uma série de instruções sobre como lidar com essas trabalhadoras dentro de seus lares, afinal, como dizia a autora Júlia Lopes de Almeida em seu *Livro das Donas e Donzellas*, “Não seria de mulheres este livro, donas e donzellas, se não houvesse nelle um cantinho para fallar das criadas...”¹. Se, durante os períodos colonial e imperial, as atividades na casa eram realizadas por escravas², na passagem para o trabalho assalariado, o serviço doméstico estabeleceu uma situação desconfortável e ambígua: a criada era alguém de fora do núcleo familiar, mas presente dentro da casa³. Representadas como “inimigas em potencial”, prestes a se vingar, trair, desobedecer ou abandonar a família empregadora, as criadas precisavam ser mantidas sob constante vigilância. Embora tenha havido esforços para instituir uma legislação regulamentadora, a responsabilidade por “domesticar” as empregadas ficava a cargo das patroas: “E’ das donas da casa que depende em primeiro lugar escolher os seus creados, attendendo a condições de moralidade austera, depois conserval-os, educal-os, affeçoal-os, transformal-os de inimigos disfarçados em amigos humildes, respeitosos e fieis”⁴.

Segundo a historiadora Sônia Roncador, ao propagarem uma imagem altamente depreciativa das criadas domésticas, os manuais prescritivos de conduta, assim como a

¹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 63.

² Embora o ano 1888 seja considerado o marco na passagem do trabalho escravo para o livre, segundo a pesquisadora Lorena Féres da Silva Telles, na cidade de São Paulo, antes mesmo da abolição da escravidão, a mão-de-obra doméstica era essencialmente formada por mulheres negras, livres e libertas. Além disso, como demonstram Telles e outros autores que analisam o serviço doméstico na passagem para o século XX, o fim da escravidão não significou a extinção de relações de trabalho marcadamente escravistas. Cf. TELLES, Lorena Féres da Silva. *Libertas em sobrados: Contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2011.

³ FERLA, Luis Antonio Coelho. *Corpos estranhos na intimidade do lar: as empregadas domésticas no Brasil da primeira metade do século XX. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho, 2011.

⁴ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 234.

literatura, os periódicos e os relatórios policiais, teriam contribuído para a conscientização da patroa de seu papel na renovação da vida doméstica. Considera-se também que os atributos utilizados para se referir a senhoras e criadas serviam para marcar as desigualdades sociais e estabelecer distinções entre elas. Embora as duas convivessem no mesmo espaço (a esfera privada da casa) e partilhassem atividades para a manutenção do lar (exercendo funções que faziam parte do mesmo universo), os discursos sobre elas eram diferentes. Além disso, tais discursos, ainda que formulados por preceitos normativos, dão indícios de que as relações entre patroas e empregadas domésticas eram marcadas por um jogo interminável de aproximações e distanciamentos. O esforço de discriminação estava presente nas estratégias de diferenciar para manter hierarquias. Sendo assim, o objetivo deste capítulo é investigar as representações de senhoras e criadas nos discursos normativos dos manuais.

2.1. Garrida, afável, honrada, dedicada e econômica: a perfeita *ménagère*

Bailes, representações teatrais, cerimônias da corte [...], ceias, caçadas, audições de operas italianas ou francesas, saraus em que se dance ou se converse – eis o que ocupa e enche a vida de todas as mundanas ilustres desta época de folia perpetua [...]. [Sua] educação [tinha] um fim unico: - formar essa creatura de nervos de aço, resistente e fortissima, de encantador e prestigioso aspecto, que se faz bella á força da arte, quando a Natureza se esqueceu de o ter feito, que sorri, anda, pára, dansa, cumprimenta, sempre com suprema arte; que acolhe com uma infinidade extraordinaria de nuances diversas as diferentes pessoas que lhe são apresentadas; que se veste na perfeição, conversa com uma ligeireza e uma graça inimitável, preside a um salão com uma mestria genial, e não tem um pensamento que não dimanhe da sociedade ou não convirja para ella [...]. Estas mulheres são a cristalização mais perfeita desta forma de espírito, inventada pela França [...]. Estas figuras de tão alta distinção e de tão despotica influência já não existem em parte alguma [...]. Pode-se, porem, sem se ser propriamente o que elas foram, ser uma mulher superiormente cultivada para a vida social de hoje, tão diversa da vida antiga [...]. Se não temos salões como os que conheceu o regime antigo, temos muitas senhoras que, sem descurem os seus deveres de mães de familia, sabem receber, conversar, exercer uma hospitalidade graciosa e fina, encontrar para cada pessoa a frase que mais lhe agrada ou o assunto que mais grato lhe seja⁵.

Descrevendo a vida em salões das senhoras da “alta sociedade” francesa do século XVIII, Maria Amália Vaz de Carvalho, em seu manual *A arte de viver em sociedade*, compõe um perfil idealizado da mulher burguesa. Mesmo tendo se perdido ao longo do tempo os requintes do “regime antigo”, segundo a autora, a leitora de sua obra poderia se tornar “uma mulher superiormente cultivada para a vida social” inspirando-se nas práticas aristocráticas por ela descritas. Entretanto, seria preciso conciliar a “vida mundana” com os inúmeros deveres de esposa, mãe e dona de casa. Para isso, era necessária uma série de aptidões como ser compreensiva, amável, dedicada e atenciosa com todos à sua volta. Fica evidente neste trecho a migração dos valores de sociabilidade próprios da aristocracia do século XVIII,

⁵ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 31-34.

revividos pelas mulheres burguesas ao longo dos séculos XIX e início do XX. Segundo Mimi Hellman, estudiosa da aristocracia francesa setecentista, fazia parte das atividades de ócio demonstrar extrema habilidade no tratamento social por meio de formas de sedução do outro. O confronto de opiniões, as divergências, o tratamento rude do outro eram modos de comportamento abomináveis na visão aristocrática⁶. Como Thorstein Veblen já havia notado ao observar seus contemporâneos, tais comportamentos deixaram de ser circunscritos à aristocracia para tornar-se sinônimo de refinamento, especialmente das mulheres⁷.

Em seu estudo sobre a vida cultural das elites do Rio de Janeiro entre os anos 1898 e 1914, Jeffrey Needell explica que as mulheres da alta sociedade carioca assumiram o importante papel de demonstrar a riqueza e o poder da família por meio de práticas públicas de lazer⁸. Em São Paulo, as paulistanas de famílias mais abastadas viviam uma situação muito semelhante. Com o avanço do século XIX, o investimento em novas atividades econômicas, o aumento do contato com a Europa e a intensificação das transformações urbanas, a capital paulista passou a contar com uma infraestrutura de serviços que pôde atender à demanda feminina por exibição pública. Não mais circunscritas exclusivamente à vida familiar e às práticas religiosas, as mulheres ricas, sobretudo as jovens, começaram a participar de eventos sociais, reuniões filantrópicas, encontros culturais e a frequentar espaços requintados da cidade como teatros, cinemas, confeitarias, bares, cafés e restaurantes. Como os homens eram os responsáveis pelo sustento da família e seus signos de prestígio estavam circunscritos ao trabalho e aos negócios, coube a suas esposas a função de exibição do *status* social familiar por meio de joias, roupas *chics*, posturas elegantes⁹.

Revistas ilustradas como *A Cigarra* e a *Revista Feminina* empenhavam-se em registrar em crônicas, fotografias e colunas sociais a vida das senhoras elegantes fora do ambiente doméstico. Propagandas de novos produtos e de espaços recém inaugurados na cidade, como

⁶ HELLMAN, Mimi. Furniture, Sociability, and the Work of Leisure in Eighteenth-Century France. *Eighteenth-Century Studies*, vol. 32, n. 4 (1999), p. 415-445.

⁷ VELEN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa*: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

⁸ Assim como Needell, Maureen Montgomery, ao analisar o contexto nova-iorquino do final do século XIX, observa também que as mulheres de elite tinham a responsabilidade pela exibição do *status* social do marido por meio de atividades de lazer e filantropia. Cf. NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical*: Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 159-165; MONTGOMERY, Maureen E. *Displaying Women*: spectacles of leisure in Edith Wharton's New York. New York: Routledge, 1988.

⁹ Segundo Maria Claudia Bonadio, o crescimento do consumo, principalmente, o de moda, foi um dos elementos que contribuiu para ampliar a participação da mulher nas ruas e eventos sociais, alterando, assim, sua sociabilidade. Cf. BONADIO, Maria Claudia. *op. cit.*

o Jardim da Luz, o parque Antarctica, o Velódromo, os teatros Municipal e Santana, os cinemas de luxo como o Bijou, na avenida São João, o Coliseu, nos Campos Elíseos, o Íris, na rua XV de Novembro, a Confeitaria Castelões, no largo do Rosário, e a Fasoli, na rua Direita, os bares dos hotéis Terminus e Esplanada, e o salão de chá do *Mappin Stores*¹⁰, eram publicadas frequentemente nesses periódicos, chamando a atenção de jovens moças que se identificavam com a “vida moderna”¹¹ (figuras 3 e 4). Os artigos sobre moda, beleza, etiqueta e costumes funcionavam também como modelos de comportamento para aquelas que sonhavam em ter uma vida de luxo (figura 5). A expansão dos hábitos de consumo colocou a mulher cada vez mais em contato com bens materiais e culturais que até então lhe haviam sido inacessíveis, contribuindo para a colonização dos espaços urbanos pelas mulheres das elites.

Pouco a pouco, a ampliação da participação de mulheres da alta sociedade paulistana em atividades públicas de lazer foi transformando seus comportamentos. Variados artigos da *Revista Feminina* demonstravam essa mudança de postura:

Até ha pouco tempo uma senhora não sahia á rua sem ser acompanhada, principalmente no nosso paiz. Hoje, porem, esse preconceito está muito modificado e uma senhora que conserve o seu ar modesto e uma attitude seria, que a todos imponha o devido respeito – o que é instinctivo quando se é honesta – póde perfeitamente sahir só, sem com esse procedimento nada perder¹².

Sozinha pela rua, com as mãos na direção de seu auto; sozinha no passeio e no dancing da moda. É a moça de hoje que já não precisa da mamãe vigilante, nem da senhora da companhia, complacente e hieratica¹³.

¹⁰ Em diversos anúncios publicados em periódicos da época, afirmava-se que o Salão de Chá do *Mappin Stores* se tratava de um ambiente refinado e familiar, onde as “senhoras elegantes”, após fazer suas compras e realizar o “*footing costumado*” pelas ruas do Triângulo, poderiam encontrar suas amigas para conversar, tomar um chá, e ouvir música. Esse tipo de espaço de sociabilidade voltado para mulheres já era reivindicado em revistas da época antes mesmo de surgir o Salão de Chá do Mappin. Por exemplo, no número 8 de janeiro de 1915 da *Revista Feminina* há um artigo chamado “Um salão para senhoras”, em que se reivindicava um espaço feminino onde se poderia conversar, escutar músicas, passar um tempo com as amigas ou ouvir uma “palestra litteraria”. Segundo o texto, este seria um local onde as mulheres modernas e elegantes passariam após fazer suas compras e antes de regressar para suas casas. Cf. BONADIO, Maria Claudia. *op. cit.*, p. 23; *Revista Feminina*, mar. 1916, p. 4. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹¹ BONADIO, Maria Claudia, *op. cit.*, p. 76-77; DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2002, p. 131-158.

¹² *Revista Feminina*, n. 34, mar. 1917, p. 27. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹³ *Revista Feminina*, n. 166, mar. 1928. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 3. O Velódromo Paulistano. Frequentemente pessoas dos segmentos abastados da sociedade paulistana eram fotografadas e apareciam nas páginas de periódicos como a revista *A Cigarra*.
“Velodromo Paulistano”. *A Cigarra*, 12 out. 1914, p. 35. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

MAPPIN STORES
Sociedade Anônima Brasileira

O FIVE O' CLOCK TEA AT MAPPINS

O Salão de Chá — Montado em estylo inglez

Chamamos a attenção da nossa distincta freguezia que o TEA ROOM, não só é proprio para FIVE O' CLOCK, como é um aprazivel lugar para descanço, onde se pode gosar de agradável palestra, e desfructar um encantador panorama de São Paulo e arrabaldes.

E, sendo reservada exclusivamente para as Exmas. Familias, é tambem o ponto preferido de encontro da Elite Paulistana.

CHIV MUSICAL TODOS OS SABBADOS

MAPPIN STORES

CAIXA POSTAL N. 1391 — TELEPHONE N. 4054

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 26 — S. PAULO

Figura 4. O Salão de Chá do *Mappin Stores*. O Salão de Chá, no “estylo inglez”, chamava a “distincta freguezia” para o “Tea Room”, um espaço onde mulheres das elites paulistanas poderiam desfrutar da sociabilidade no centro da cidade.

“O five o’ clock tea at Mappins”. *Revista Feminina*, mar. 1916, p. 4. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A exma. sra. d. Maria Faria Dente, virtuosa esposa do dr. João Dente. Retrato a pastel pelo cav. Domenico Failutti.

NO escol social paulistano, entre os elementos de intelligencia, de distincção e de bondade que se destacam figura o nome da exma. sra. d. Maria Faria Dente, que representa um dos aspectos mais interessantes da nossa vida social, na qual constitue, juntamente com o seu esposo, o brilhante advogado dr. João Dente, um casal de extremado affecto.

Nas sociedades modernas, nas quaes constantemente o "brou-haha" da vida intensa e agitada desvia do lar as atenções do esposo e os desvelos da esposa, não são muito communs os exemplos de amor como o que liga esse distincto casal paulista, que dá, incontestavelmente, em nossa elite, uma nota de commovido e extraordinario affecto conjugal.

Procurando conservar carinhosamente a tradição de que no lar é que reside a felicidade, resume neste o seu mais bello e melhor cuidado. Dahi a admiração que cerca os dois esposos entre os paulistas, pois, aos nossos olhos assumem um caracter de flagrante relevo os attributos de amor conjugal, de intelligencia e de bondade, de que são ambos expoentes maximos.

O retrato da sra. d. Maria Faria Dente, recentemente executado nesta capital pelo cav. Domenico Failutti e que reproduzimos ao lado, é um dos mais formosos trabalhos do consagrado pastellista italiano, que tão bellos quadros tem executado em S. Paulo.

Tivemos occasião de apreciar, "de visu" o trabalho do professor Failutti, que é um quadro de alto merito no genero, já pela sua execução, já pelo seu valor como retrato de expressão. Aproveitando-se de todos os recursos technicos de que, com admiravel vantagem, dispõe em sua arte, e pondo em jogo todos os valores physionomicos do modelo, fez o professor Failutti um quadro de real valor, conseguindo reproduzir, com habilidade, a belleza, a graça e a distincção inconfundiveis do original.

Uma das maiores difficuldades do retrato, é justamente o de fazer estudo de expressão e não são raros os pintores que, só por o ter realizado, se tornaram celebres. Taes estudos, é claro, requerem predicados de apprehensão pouco vulgares, e em pequenos detalhes de traço e de cor esses predicados se revelam soberanamente, delinindo, sem maiores argumentos, o valor do retratista.

Figura 5. O retrato de D. Maria Faria Dente na revista *A Cigarra*. "No escol social paulistano, entre os elementos de intelligencia, de distincção e de bondade que se destacam figura o nome da exma. D. Maria Faria Dente, que representa um dos aspectos mais interessantes da nossa vida social, juntamente com o seu esposo, o brilhante advogado dr. João Dente, um casal de extremado affecto". Como a exemplo de D. Maria, a revista *A Cigarra* registrava a presença de mulheres elegantes nas ruas do centro de São Paulo e em atividades sociais de lazer. Ao lado do texto, há um retrato produzido por um famoso artista da época, Domenico Failutti.

"Um bello retrato". *A Cigarra*, n. 127, jan. 1920, p. 25. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

No entanto, o aumento da presença de moças e senhoras das elites e dos segmentos médios em ambientes de lazer da cidade não foi interpretado por muitos como uma libertação¹⁴. Ao mesmo tempo em que o desenvolvimento da vida urbana e o surgimento de novas formas de sociabilidade demandavam uma maior presença feminina, a moral burguesa pregava a permanência da mulher no espaço doméstico. Embora a função de ostentação feminina tenha-lhe conferido um papel mais ativo e abrangente, era necessário conciliá-la com as responsabilidades de mãe, esposa e dona de casa. Tanto em manuais prescritivos de comportamento quanto em artigos publicados em revistas da época, as mulheres que estavam frequentemente presentes nos diversos eventos da “vida mundana” eram condenadas por muitos, pois se acreditava que não estavam cumprindo seu “elevado papel na família” e sua “verdadeira missão no mundo”. “Ao contrário da *mulher de sala* [...], a verdadeira dona de casa” deveria viver “dentro do seu pequeno e restrito imperio, cumprindo exatamente os deveres que a polidez social” impunha. O seu “templo” era o lar doméstico, onde ela se dedicava, com profunda abnegação, “[a]o marido, [a]os filhos, [a]os criados, [a]os velhos, [...], a quem é necessario attrahir, encantar, seduzir pelo bom e amavel acolhimento de todos os dias e todas as horas”¹⁵. Para exercer tais funções, havia requisitos básicos, como “Ter bom gênio, facilidade nas relações, brandura de palavras, maleabilidade de character, e uma benévola e caridosa disposição para com os defeitos alheios”¹⁶.

Manobrar com sincero desejo de agradar a todos, e com habilidade premeditada em longas horas, no meio de tantos interesses e caracteres diversos; ter a economia vigilante e inteligente, que desdenha todas as mesquinharias e dispensa todas as superfluidades; ter o gosto apurado que põe um toque de arte, de espiritualidade, de elegancia, em cada arranjo prosaico do lar domestico; ser alegre sem ser leviana; ser boa sem ser fraca e excessivamente transigente com os caprichos alheios; fazer-se respeitar e amar os mesmo tempo [...]. ah! Bem veem que estas occupações multiplas, que estes diversos deveres, que estes encargos complexos, que estas preocupações morais elevadíssimas, absorvem absolutamente uma vida inteira de mulher¹⁷.

O nascimento de uma nova mulher aconteceu ao mesmo tempo em que se solidificava o modelo de família nuclear burguesa. Segundo Maria Ângela D’Incao, esse tipo de família teve origem no século XVIII, sofreu alterações ao longo dos anos, mas pode ser caracterizada, em grande medida, por um conjunto de valores, entre eles a valorização da intimidade, do amor entre os cônjuges, da maternidade, do cultivo do papel de mãe como responsável pela educação dos filhos e do pai como provedor da família. Com a consolidação do capitalismo, o

¹⁴ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 368-373.

¹⁵ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 51.

¹⁶ *Ibidem*, p. 60.

¹⁷ *Ibidem*, p. 52.

desenvolvimento da vida urbana e o surgimento de novas formas de sociabilidade, as vivências familiares e domésticas foram reorganizadas. Ao mesmo tempo em que a industrialização da produção demandava a participação da mulher como mão-de-obra, o individualismo burguês da “Era Vitoriana” estabeleceu como “natural” uma divisão sexual do trabalho em que se atribuía à mulher a esfera privada, do lar e da intimidade, e ao homem, o espaço público, da política e dos negócios. No Brasil, a consolidação desse modelo familiar está associada aos anseios das elites por modernizar o país. Pretendia-se ajustar a sociedade brasileira aos novos padrões sociais de urbanização e civilidade¹⁸.

As obras prescritivas contribuíram para a construção de um novo modelo de comportamento ao instruir suas leitoras sobre sua verdadeira “missão” na sociedade. “Em nosso humilde entender classificariamos d'este modo os conhecimentos indispensaveis a toda a mulher, para esta ser julgada apta a exercer o sacerdocio de esposa, de mãe, e de dona de casa”¹⁹, mensagens como essa, encontrada na obra *Mulheres e creanças*, eram reproduzidas repetidas vezes. De acordo com Teresa De Lauretis, a construção de gênero ocorre por meio de várias tecnologias e discursos com o poder de controlar o campo de significado social e, assim, promover e implantar representações de gênero²⁰. Tais representações revestiam-se de conotações de fervor religioso, como é possível observar no seguinte trecho da obra *Arte de viver em sociedade*: “Será polida, affavel, carinhosa; será vigilante e activa; será garrida e requintada; fará do ménage uma arte, da vida de familia uma religião, e do seu lar o mais divino dos sanctuarios”²¹.

No entanto, os manuais não tiveram suas funções restritas à normatização de comportamentos femininos. Conforme Dyeinne Cristina Tomé, autora que estudou os preceitos educativos para mulheres em manuais de economia doméstica das décadas de 1950 e 1960, as normas e as representações acerca de um modelo feminino e de feminilidade compreendido como ideal, além de moldar formas de ser, ver, pensar e agir, constituíam-se como dispositivos capazes de produzir identidades e subjetividades²². Pautadas em ideias e

¹⁸ D'INCAO, Maria Ângela. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989; _____. *op. cit.*, 2004, p. 223; GONÇALVES, Andréa Lisly. *op. cit.*; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 367-421.

¹⁹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 47.

²⁰ DE LAURETIS, Teresa. "A Tecnologia do Gênero". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241.

²¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 64-65.

²² TOMÉ, Dyeinne Cristina. *Modas e modos domésticos: os manuais de instrução femininos e a educação da mulher – décadas de 1950 e 1960*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2013.

valores socialmente construídos, as representações sociais são entendidas como percepções do social, como discursos que produzem práticas e buscam, portanto, ir além da legitimação²³.

Esposa amorosa, honrada e dedicada

*Sim, a família parece corroída por um occulto verme, que pouco a pouco vai dando a essa arvore frondosa, cheia de fructos e de flores, um aspecto mórbido e doentio que entristece e causa profundo assombro aos que de perto lhe observam o progressivo definhar*²⁴.

Com as mudanças de comportamento que a vida urbana exigia dos indivíduos, instituições basilares da sociedade, como o casamento e a família, foram fortemente defendidas. No capítulo “A dissolução dos costumes e o casamento” da obra *Mulheres e creanças*, Maria Amália discorre sobre “os males que affligem a sociedade, que affrouxam os laços da familia, que contaminam e dissolvem lentamente os costumes”. Para ela, a causa dos conflitos conjugais, cada vez mais comuns, era bastante complexa. Passados os “risonhos dias do noivado” e a “ebriedade d'aquelles primeiros tempos” do relacionamento, o casal deixava de perdoar os “defeitos” mútuos como no início fazia e se tornava “intolerante” às pequenas “imperfeições” do companheiro. Sendo assim, a autora defendia a necessidade dos cônjuges serem respeitosos e tolerantes uns com os outros nas pequenas adversidades da vida conjugal: “E’ mister que o marido e a mulher se não julguem a suprema e alta perfeição, e que sejam complacentes para as maculas e defeitos a que ninguem escapa”²⁵. Sendo assim, reforçava-se, não apenas nesta obra, mas em diversas outras, a necessidade de se estabelecer um bom convívio entre o casal para a manutenção da felicidade e da harmonia no lar.

Os problemas que acometiam o relacionamento de homens e mulheres casados eram debatidos não apenas nos manuais femininos, mas também nas páginas de periódicos como a *Revista Feminina*. Em diversos artigos, colaboradores de ambos os sexos queixavam-se dos comportamentos de seus companheiros e apontavam no sexo oposto a origem das desavenças no matrimônio²⁶. Tais acusações indicavam a necessidade de remodelação do casamento para

²³ CHARTIER, Roger. *op. cit.*

²⁴ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 78.

²⁵ *Ibidem*, p. 78-79.

²⁶ Como exemplo, podem ser citados dois textos publicados na revista em 1916. No artigo “O que os maridos devem saber”, a colaboradora Bêbé de Mendonça Lima queixava-se do mau humor e da forma grosseira com que muitos homens tratavam as esposas: “E quantas vezes um lar feliz, calmo, tranquillo, que aguarda ancioso o regresso do seu senhor, é brutalmente desfeito em lagrimas, quando de volta da cidade, não sabe reter o seu mau humor e sacode o pó de suas luctas exteriores, no espaço suave e puro que o esperava, meio e carinhos?”. Em resposta, o colaborador René Thiollier escreveu um artigo – “O que as senhoras devem saber” –, criticando a

reforçá-lo como instituição social. Uma série de incursões feitas por literatos, religiosos, médicos e juristas de todo o país tiveram o intuito de disciplinar e harmonizar os vínculos matrimoniais, assegurar a reprodução da ordem e afastar os riscos que ameaçavam desarranjar a velha moral e os planos de organização doméstica²⁷. Para isso, os papéis sociais masculinos e femininos eram diferenciados, cabendo a cada um seguir o seu *script*. Nesse sentido, todos aqueles que fugiam à norma – casais divorciados, homossexuais, prostitutas, mães solteiras e uniões amorosas não oficializadas – eram perseguidos pelos mais conservadores por serem considerados uma ameaça ao lar burguês e à sociedade civilizada.

Embora homens e mulheres se culpassem pelos problemas de convivência familiar, a sociedade apontava a esposa como a verdadeira responsável pela felicidade do casal e, por esse motivo, ela deveria satisfazer o marido: “A qualidade mais indispensável e importante da mulher é a garridice conjugal, isto é, ter o desejo de agradar o marido”²⁸. Uma das principais obrigações femininas era amar o esposo “acima de tudo”. Julia Lopes de Almeida, aconselhando as moças prestes a se casar, reforçava a necessidade de amar o companheiro: “Ama sempre teu marido, sem humilhação, com sinceridade e alegria”; “Ama-o, mais do que o amastes até aqui, que o vias através da paixão, sem cogitares do seu carácter, dos seus defeitos, nem das suas virtudes; ama-o sobre todos os amores, porque elle será toda a tua familia!”²⁹. A institucionalização do amor, com vistas a sustentar uma determinada ordem social, tornou o casamento um sinônimo de felicidade e de realização pessoal, principalmente para as mulheres; tornou-se o sonho de toda moça³⁰: “*Pour le jeune homme, c’est le commencement de l’existence sage et utile; pour la jeune fille, c’est, ou ce devrait être la réalisation de ses rêves de jeunesse*”³¹. No artigo “Como a esposa consegue dar felicidade ao seu marido”, publicado na *Revista Feminina* em 1917, afirmava-se que o ser humano necessitava de uma companhia para tornar sua existência melhor, logo, ele estava “perfeitamente aplicado á vida conjugal”³². O século XIX e XX transformaram os comportamentos de sedução do outro, próprios da aristocracia e tidos como naturais (marcas

conduta displicente de algumas senhoras após o casamento: “Em solteira, era uma deliciosa criaturinha delgada, toda apertadinha no seu espartilho, elegante no andar, sedutora no sorriso. Agora, porém, está enorme! Abandonou-se depois de casada, não cuidou mais da toilette [...], E que genio! Ai, Jesus, que genio tem ella”. Cf. *Revista Feminina*, n. 21 de fev. 1916, p. 11 e *Revista Feminina*, n. 23 de abril 1916, p. 21.

²⁷ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 384-385.

²⁸ *Revista feminina*, n. 46, mar. 1918, p. 39.

²⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 12 e 14.

³⁰ “A vida começa hoje para ti; até agora foi um sonho, nada mais”. Cf. *Ibidem*.

³¹ GRISELIN, *Manuel du Savoir-vivre*, Bibliothèque de “La Femme Chez Elle”. Paris, Librairie de “La Femme Chez Elle”/François TEDESCO, 1903, p. 18-19.

³² *Revista Feminina*, n. 37, jun. 1917, p. 46.

de nascença) para estes grupos sociais, em sentimentos inatos da mulher, nascida com a vocação para o amor e sua realização plena no casamento³³.

No entanto, o amor ideal em um casamento era o sentimento disciplinado, “sem voluptuosidades dissolventes [...], sem extasis hystericos e sem raptos de paixão sensual”³⁴. No artigo “Como a esposa deve amar o marido”, publicado na *Revista Feminina* em 1917, o texto afirmava que esse sentimento era, na verdade, algo mais brando e calmo, como uma “amizade conjugal”³⁵. Cabia à esposa o dever de apaziguar a sensualidade do casal para a preservação do lar³⁶. Como parte de sua missão era ser mãe, a sexualidade feminina estava restrita a sua função como reprodutora. De acordo com Margareth Rago, o discurso burguês, com base em teses de médicos higienistas, instituiu padrões de comportamento que afirmavam que a mulher esposa e mãe deveria ser assexuada, honesta e casta; quase como uma santa, sua imagem era associada à de Maria. Em oposição, estava a figura da mulher libertina, de condutas “duvidosas”, a pecadora diabólica que, como Eva, atraía os homens para a perdição. À esta imagem eram associadas, por exemplo, as prostitutas³⁷.

A liberdade de frequentar o espaço público foi adquirida tendo como contrapartida um recrudescimento das normas de comportamento, inclusive dentro de casa. Nesse processo de reformulação das normas de comportamento feminino, pode-se compreender as vozes dos mais conservadores, para o quais era inapropriado às casadas saírem às ruas na companhia de um homem que não fosse o marido ou outro membro masculino de sua família: “Uma senhora sensata, principalmente sendo casada, deve evitar sahir á rua com um homem que não seja o seu pae, o seu irmão ou o seu marido. Expõe-se à maledicencia e compromette a sua honra e a do seu marido, si o tem”³⁸. Desse modo, a conduta feminina determinava o destino moral do marido³⁹: “[...] é de nós, quando esposas, que a sociedade exige o maior exemplo de dignidade e de moral”⁴⁰; “[...] só a virtude da mulher pode salvar os homens, seus filhos e seus irmãos, no descalabro das sociedades arruinadas ou em deliquêscência...”⁴¹. Como o

³³ HELLMAN, Mimi. *op. cit.*

³⁴ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 11.

³⁵ *Revista Feminina*, n. 37, jun. 1917, p. 45-46

³⁶ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 392.

³⁷ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 61-95.

³⁸ *Revista feminina*, n. 34, mar. 1917, p. 27.

³⁹ É por esse motivo que mulheres divorciadas, mães solteiras, trabalhadoras pobres que precisavam trabalhar para se sustentar ou sustentar suas famílias eram muitas vezes consideradas “desvirtuadas”.

⁴⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 13.

⁴¹ Idem, 1906, p. 38.

comportamento feminino era sempre mantido sob vigilância pela sociedade, a mulher deveria saber se comportar apropriadamente, respeitando as doutrinas da moral e dos bons costumes⁴². Representadas como delicadas, emotivas e passivas, mulheres precisavam estar sempre amparadas pela figura do homem⁴³. No capítulo “Concessões para a felicidade”, do *Livro das noivas*, Júlia Lopes de Almeida afirmava que, por ser mais forte, mais responsável e com inteligência superior”, o marido era quem precisava conduzir a esposa

[...] pelo braço atravez dos caminhos da vida que a sociedade embaraça com os seus preconceitos terríveis [...]. É preciso que nós [esposas], que somos, em força, comparaveis ao homem como a planta debil á arvore robusta, busquemos a sua sombra, não para estiolar á custa da nossa vaidade, mas para dar-lhe maior gloria com a nossa pequenez e vivermos em paz na sua protecção⁴⁴.

Mesmo sendo representadas como frágeis e desprotegidas, sobre suas costas pesavam grandes responsabilidades e inúmeras tarefas. Num artigo publicado na *Revista Feminina*, em 1924, as leitoras encontravam “Decálogo da esposa” (figura 6), uma espécie de resumo das atribuições femininas tão frequentemente repetidas nas páginas das obras prescritivas de comportamento:

⁴² MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 381.

⁴³ A ideia de fragilidade feminina, evidenciada tanto em teses médicas e em vários manuais prescritivos, segundo Rago, tem base no pensamento iluminista. Jean-Jacques Rousseau, autor cujas ideias pedagógicas se tornaram referência para médicos sanitaristas tanto na Europa quanto no Brasil, descrevia a mulher como um ser naturalmente delicado, emotivo e passivo, por isso, precisava ser conduzido por alguém que fosse forte, racional, corajoso, ativo e inteligente, predicados atribuídos à figura masculina. Sendo assim, ao receber o dever de esposa e mãe, acreditava-se que a mulher não poderia se desviar de sua natureza, fazendo cumprir sua função; para que a felicidade reinasse no lar era necessário que a esposa se mantivesse como uma mulher virtuosa, paciente, dedicada e submissa. Cf. RAGO, Margareth. *op. cit.*, p. 81-82.

⁴⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 52.

O DECALOGO DA ESPOSA

I — Ama teu esposo acima de tudo, na terra, e ama o teu proximo da melhor forma que pudes; mas lembra-te de que a tua casa é de teu esposo e não do teu proximo.

* * *

II — Trata teu esposo como um precioso amigo; como a um hospede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem se contam as pequenas contrariedades da vida.

* * *

III — Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante risonho; mas não te afflijas excessivamente, si alguma vez elle não reparar nisso.

* * *

IV — Não lhe peças o superfluo, para o teu lar; pede-lhe, sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranquillo para as creanças.

* * *

V — Que teus filhos sejam sempre bem arranjados e limpos; que tu estejas sempre asseada como elles; que elle, ao vel-os assim, possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembre dos seus, em estando ausente.

VI — Lembra-te, sempre de que casaste para partilhar com teu esposo as alegrias e as tristezas da existencia. Quando todos o abandonarem, fica tu a seu lado e diz-lhe: "Aqui me tens! Sou sempre a mesma.

* * *

VII — Si teu esposo possuir a ventura de ter sua mãe viva, sê boa para com ella pensando em todas as noites de afflicção que terá passado para protegê-lo na infancia, formando o coração que um dia havia de ser teu.

* * *

VIII — Não peças á vida o que nunca ella deu a ninguém. Pensa, antes, que si fores util poderás ser feliz.

* * *

IX — Quando as maguas chegarem não te acobardes: luta! Lucta e espera na certeza de que os dias de sol voltarão.

* * *

X — Si teu esposo se afastar de ti, espera-o. Si tarda em voltar, espera-o; ainda mesmo que te abandone, espera-o! Porque tu não és, somente a sua esposa; és, ainda, a honra do seu nome.

E quando um dia elle voltar, ha de abençoar-te.

O DECALOGO DA ESPOSA

I — Ama teu esposo acima de tudo, na terra, e ama o teu próximo da melhor forma que pudes; mas lembra-te de que a tua casa é de teu esposo e não do teu próximo.

II — Trata teu esposo como um precioso amigo; como a um hospede de grande consideração e nunca como uma amiga a quem se contam as pequenas contrariedades da vida.

III — Espera teu esposo com teu lar sempre em ordem e o semblante risonho; mas não te afflijas excessivamente, si alguma vez elle não reparar nisso.

IV — Não lhe peças o superfluo, para o teu lar; pede-lhe, sim, caso possas, uma casa alegre e um pouco de espaço tranquillo para as creanças.

V — Que teus filhos sejam sempre bem arranjados e limpos; que tu estejas sempre asseada como elles; que elle, ao vel-os assim, possa sorrir satisfeito e que essa satisfação o faça sorrir quando se lembre dos seus, em estando ausente.

VI — Lembra-te, sempre de que casaste para partilhar com teu esposo as alegrias e as tristezas da existencia. Quando todos o abandonarem, fica tu a seu lado e diz-lhe: "Aqui me tens! Sou sempre a mesma.

VII — Si teu esposo possuir a ventura de ter sua mãe viva, sê boa para com ella pensando em todas as noites de afflicção que terá passado para protegê-lo na infancia, formando o coração que um dia havia de ser teu...

VIII — Não peças á vida o que nunca ella deu a ninguém. Pensa, antes, que si fores util poderás ser feliz.

IX — Quando as maguas chegarem não te acobardes: luta! Lucta e espera na certeza de que os dias de sol voltarão.

X — Si teu esposo se afastar espera-o. Si tarda em voltar, espera-o; ainda mesmo que te abandone, espera-o! Porque tu não és, somente a sua esposa; és, ainda, a honra do seu nome. E quando um dia elle voltar, ha de abençoar-te.

Figura 6. O decálogo da esposa.

"O decálogo da esposa". *Revista Feminina*, n. 127, dez. 1924, p. 66. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Amar o esposo, dedicar-se à educação dos filhos e administrar o lar eram as principais obrigações femininas sintetizadas na função de mediadora⁴⁵; assim, ela deveria atender a um conjunto complexo de desejos e necessidades de filhos, marido, empregados e parentes: “a mulher tem sempre a mesma poesia: a de trabalhar para ser agradável, útil, bôa, para satisfazer uma necessidade moral ou intellectual do esposo e da familia, revelando-se amorosa e digna do doce e pesado encargo que a sociedade lhe destinou”⁴⁶. Diversos autores dos manuais prescritivos consideravam que o dever das mulheres era estar sempre pronta para agradar o marido. Para conseguir mediar as relações familiares, as mulheres recebiam dicas estratégicas que visavam o controle das emoções com o objetivo de evitar situações de confronto. Um exemplo está na obra *Petit Cahiers de Mme. Brunet*, em que as jovens esposas eram aconselhadas a não se irritar com as pequenas adversidades da vida de casada; dentre suas obrigações, deveriam sempre acolher o marido com um amável sorriso, evitando queixar-se sobre suas pequenas dificuldades diárias⁴⁷. Em oposição ao mundo externo, encarado como o espaço do trabalho, dos embates políticos e da luta diária, o lar passou a ser representado como o local do descanso, do aconchego e da proteção, onde o homem poderia recuperar suas “forças”.

O homem, com as preocupações da vida, com a luta pela existencia, qual um novo Hercules que deve fazer uso da sua força, do seu vigor para destruir os obstaculos que lhe embargam o passo, precisa no entanto nos momentos de cansaço e de desalento dos encantos da voz suave e carinhosa, das caricias das mãos brancas, do sorriso, dos olhos claros e do refrigerio dos labios vermelhos. E ao chegar ao lar, depois de um dia de trabalhos, descansar no peito amigo da sua companheira que só por elle vive. A mulher, a sua eterna aliada, vinda ao mundo só para fazer a sua existencia mais suave, flor do jardim da vida e jardim perene no lar perfumando-o com a sua fragrancia e bondade⁴⁸.

⁴⁵ A constituição do papel da mulher como mediadora entre os membros da família e destes com a sociedade estaria vinculada às transformações da estrutura da família tradicional. Segundo Jurandir Freire Costa, na família patriarcal, o sentimento de intimidade ou privacidade era inexistente, por isso o aprofundamento da individualidade era desestimulado pelo tipo de solidariedade que se estabelecia entre seus membros: o poder concentrava-se na figura do pai e os interesses coletivos eram privilegiados em detrimento dos individuais. As transformações do século XIX – fim da escravidão, diminuição do número de pessoas estranhas na família, incremento da vida urbana, enriquecimento dos laços de convívio familiar, maior interesse pelo desenvolvimento físico-sentimental dos filhos, intervenção médico-estatal sobre a cidade e a família – teriam sido responsáveis pela ruptura com esse modelo de vida familiar tradicional e pelo surgimento da família burguesa. Para “gerir” as necessidades individuais, agora exacerbadas e valorizadas, a mulher teria constituído sua identidade com baixa individualização, justamente para conseguir desempenhar o papel de mediadora. Cf. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 106-108; COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 85-98.

⁴⁶ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 28-29.

⁴⁷ DELORME, Marie. *Les petits cahiers de Mme Brunet: gouvernement de la famille, hygiène et médecine usuelles, recettes de ménage, économie domestique, calendrier de la bonne ménagère: dialogues*, 11ª ed., Paris : Armand Colin, 1904, p. 11.

⁴⁸ “A suavidade do lar”. *Revista Feminina*, n. 103, dez. 1922, p. 82. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Por isso, além de proporcionar ao marido, quando ele retornasse “suarento, vencido pela fadiga de um dia de labor insano”⁴⁹, todo aconchego e conforto possível na casa, a esposa não deveria importuná-lo com seus “pequenos problemas domésticos”⁵⁰. Como se vê, fazia parte dos argumentos de persuasão dos manuais, diminuir as experiências da vida doméstica, tidas como enfadonhas para o homem. Ao mesmo tempo, qualquer homem, não importa a função que exercesse fora de casa, do empresário ao servidor mais humilde, poderia contar com alguém que vivia só para ele. O lar burguês oferecia essa possibilidade de “realização” do poder masculino na esfera doméstica, em que tensões da vida pública poderiam ser “solucionadas” no ambiente de casa.

O lar deveria ser transformado, então, em um espaço alegre, agradável, elegante, atraente e confortável para o homem.

Tornar a sua casa um centro alegre, festivo, animado sem tumulto, atraente sem banalidade – eis o que incumbe à mulher que aspire a conservar eternamente o amor de seu marido, e a deixar uma impressão de indelével saudade na alma dos filhos que as vicissitudes da vida forem afastando do ninho comum⁵¹.

E’ estricto dever de toda mulher, rica ou pobre, ter a sua casa agradável e risonha e arejada, onde o marido ao voltar de seu trabalho, encontre o bem estar, o contentamento, o esquecimento dos dissabores de sua vida activa e... o cumulo de felicidade: uma esposa affectuosa, asseada e economica!⁵².

Para isso, a dona de casa precisava conhecer um pouco “da arte e das coisas belas o bastante para saber imprimir um selo de inconfundível e característico encanto em sua casa”⁵³: “Auxiliada a escolha, por meio de uma educação de arte mediana, cada dona de casa pôde constituir um interior alegre, elegante, cheio de frescura e de poesia, que seja já o indicio exterior do seu character e do seu coração”⁵⁴. Enfeitando sua casa com “mil pequenos nada”, a senhora poderia dar “um aspecto risonho e festivo à casa” da família. Vânia Carvalho afirma que, ao lado das atividades domésticas de processamento de matérias-primas, e das atividades educacionais e culturais, a dona de casa deveria se empenhar em constituir um espaço de intimidade e convívio, que sustentasse as manifestações pessoais de seus familiares⁵⁵. A habitação, a partir da segunda metade do século XIX, organizava-se de modo a produzir a

⁴⁹ “A mulher”. *Revista feminina*, n. 19, dez. 1915, p. 19. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁵⁰ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 419-420.

⁵¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 65.

⁵² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 41.

⁵³ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 59.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 171.

⁵⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2003, p. 297.

subjetividade e a identidade de cada membro da família, cabendo à mulher o papel central neste processo. A incorporação de objetos à casa assume esta finalidade:

O espaço decorado funciona como um gatilho, acionando os mecanismos de reconhecimento, harmonia, proteção e resguardo necessários para que as demandas internas dos indivíduos possam encontrar formas de expressão e interação com os demais membros⁵⁶.

Um dos papéis da decoração seria tornar a casa um ambiente propício para fazer a passagem do mundo externo do trabalho e da vida pública e urbana para aquele da privacidade e interioridade; outra função seria a de tornar o espaço doméstico agradável aos membros da família, criando um aspecto de conforto visual e gratificação pessoal⁵⁷.

Alindal-o, aperfeiçoal-o, applicar-lhe todos os requintes da sua imaginação e do seu gosto, fazer d'elle o lugar entre todos querido, onde o marido repouse e se sinta feliz, onde os filhos tenham a sensação de um bem estar *único*, eis a missão da mulher, que o mundanismo não tenha pervertido, ou que outros factores que concorrem com o *mundanismo*, e não são incompatíveis com elle, não tiverem brutalizado. Ao entrar n'uma casa, quem tem o condão de *saber* vêr, adquire logo o segredo da vida que ali se passa⁵⁸.

E' preciso que elle [o homem], ao voltar do trabalho, encontre o bem-estar de uma casa bem dirigida, onde tudo se faz a tempo e a hora, que a esposa, sempre correctamente arranjada, o receba com um sorriso e que a na sua doce atmospheria de conforto e felicidade elle possa enfim repousar dos desgostos inherentes á vida humana⁵⁹.

Pela leitura dos excertos acima, a satisfação do marido poderia ser proporcionada não apenas pela decoração dos espaços da casa, mas também pelo fenômeno de estetização do corpo feminino. Jurandir Freire Costa comenta, por meio de descrições de viajantes, que na família tradicional os cuidados com a indumentária doméstica quase não existiam: entre amigos íntimos e familiares, as mulheres andavam apenas de camisas cujas alças frequentemente caíam de um dos ombros, permitindo que às vezes os seios ficassem de fora; os pés ficavam descalços e os cabelos despenteados⁶⁰. Além disso, Maria Amália, no capítulo “A toilette”, de *Mulheres e crenças*, condenava o hábito de muitas senhoras se arrumarem para “o público” com toilette elegantes, flores no cabelo, penteados bonitos, mas estarem totalmente desleixadas, com roupas desbotadas e “cabello em papелotes ou frisado em ganchos” na presença do marido. Aconselhava a autora: “Sejam mais garridas em casa, e sejam-no menos fóra; aspirem á elegancia desprezando os mentirosos artificios; procurem,

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ Idem, 2008.

⁵⁸ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 176.

⁵⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 26.

⁶⁰ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 90-91.

antes de tudo, agradar á familia e conseguirão a pouco e pouco, sem esforço premeditado, agradar aos estranhos”⁶¹. A mesma questão levantava Vera Cleser em seu *O lar domestico*: “Em geral a mulher veste-se com esmero para sahir, mas esse esforço cessa na sua intimidade e ahi nada faz para aparecer bem arranjada aos olhos do marido”⁶². Cuidar da própria aparência seria uma maneira de manter o marido em casa, evitando que ele procurasse “distrações” no ambiente externo: “Uma mulher desmazelada, por formosa que seja, não poderá captivar o marido no lar”⁶³. A preocupação com a estética corporal estava presente nos inúmeros artigos e anúncios de produtos para beleza e higiene pessoal encontrados nos periódicos da época. Autores de obras prescritivas aconselhavam também que a mulher, ao se levantar, tomasse um banho logo cedo e se vestisse com asseio e simplicidade: “Esta bôa impressão da manhã acompanhá-lo-á ao seu trabalho, mas o aspecto da esposa pouco asseada será para elle a imagem desagradavel do dia inteiro”⁶⁴. Vê-se, dessa maneira, que a função ornamental da mulher não se applicava apenas às práticas de consumo e aos novos sinais urbanos de distinção e prestígio sociais, mas também à sua atuação dentro de casa. Sendo assim, dentre as inúmeras tarefas atribuídas à mulher, algumas das principais “missões” na família e na sociedade era amar e respeitar, acima de tudo, o marido, cuidar e educar os filhos e tornar o lar um ambiente harmônico, organizado e confortável. Embora fosse enfatizado que a mulher deveria se preocupar com a aparência, ela não poderia perder a “decência” com a vestimenta. Para manter a “honestidade” e a “virtude”, o ideal era recusar o luxo e manter a mais discreta “simplicidade”. Sendo que simplicidade no vestir-se não queria dizer “desleixo” e “desordem”, o discurso da aparência, propagado em muitos manuais prescritivos, recolocava a mulher no espaço doméstico, pois era no lar que ela deveria valorizar seus encantos físicos. Os comportamentos de ostentação pública aceitos para as mulheres de elites eram tidos como indesejados e inapropriados para as mulheres dos segmentos médios, para estas os sentidos de exibição só poderiam se constituir no circuito restrito da família e especialmente para o marido.

⁶¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 189.

⁶² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 17.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 16-17.

Mãe zelosa e educadora

No prefácio da primeira edição da obra *O cuidado das crianças*, o religioso Sebastian Kneipp afirmava que, “entre todos os estados sociaes” que uma mulher poderia assumir, o mais importante deles era o de “mãe de família”⁶⁵. Tanto nessa obra, que se pretendia como um guia sobre os cuidados necessários para a formação e a educação de uma criança, quanto em outros manuais femininos, a experiência da maternidade foi um dos temas mais abordados e enfatizados pelos autores, num reforço claro à ideia de missão primordial da mulher. Júlia Lopes de Almeida, autora que também se preocupou com a questão da maternidade em suas obras, no capítulo “Ser mãe”, do seu *Livro das noivas*, dizia que:

Ser mãe é renunciar a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegancia; é deixar de apparecer nos bailes em que a vigilia se prolonga, o espirito se excita e o corpo se cança no goso das valsas; é não sahir sem temer o sol, o vento, a chuva, na desgraçada dependencia do terror immenso de que a sua saude soffra e reflecta o mal na criança; é passar as noites num cuidado incessante, em somnos curtos, leves, com o pensamento sempre preso á mesma creaturinha rosea, pequena, macia, que lhe suga o sangue, que lhe magôa os braços, que a enfraquece, que a enche de sustos, de trabalho e de prevenções – mas que a faz abençoar a ignota. Providencia de a ter feito mulher, para poder ser mãe!⁶⁶

Apesar das inúmeras aflições e preocupações geradas pela maternidade, segundo a autora, nada era mais prazeroso à mulher do que ver o crescimento de seus filhos: “Não ha nada mais encantador do que acompanhar o desenvolvimento de uma criança; e só a mãe pode seguir com attenção, desde que o crie, o desabrochar da intelligencia e dos sentimentos de um filho”⁶⁷. Por isso, Júlia Lopes de Almeida afirmava a suas leitoras que, para ela, não havia problema em renunciar “a todos os prazeres mundanos, aos requintes do luxo e da elegancia”, como, por exemplo, abandonar o “ vaidoso prazer de arrastar num salão a longa cauda de um vestido de seda”, para poder ter a grande alegria de ver o filho, “com o rostinho côr de leite [...] e as perninhas, gordas e brancas”, acordar pelas manhãs⁶⁸.

A propagação de um ideal de família burguesa, orientada para a intimidade do lar, sedimentou a mulher no território doméstico. Difundido amplamente pela puericultura, escolas, discursos de médicos, imprensa e manuais femininos, um novo modelo normativo de feminilidade tentava convencer a mulher de que sua “missão sagrada” era ser mãe. Diante de

⁶⁵ KNEIPP, Sebastian, *op. cit.*, p. XIII.

⁶⁶ Como nesse excerto da obra de Júlia Lopes de Almeida, outras referências à cor da pele, olhos e cabelos são localizadas nas obras prescritivas de comportamento. Quando a autora afirma que seu bebê teria a pele branca, olhos claros e cabelos loiros, tem-se a evidência de quem era o público alvo dos manuais. Cf. ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 171-172.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 178.

⁶⁸ *Ibidem*, p. 53-55.

sua condição de reprodutora, ela seria, então, responsável por gerar, cuidar, educar e zelar pela saúde das crianças.

Dentre todas as práticas necessárias para a criação dos filhos, uma das mais discutidas era a amamentação: “[...] ninguém melhor do que a verdadeira mãe póde dar cabal cumprimento á lei natural sobre a alimentação do recém-nascido”, assim defendia Kneipp⁶⁹. Como bem observa Maria Izilda Santos de Matos, embora muitas mães, de fato, não pudessem amamentar seus próprios filhos, outras não o faziam por costume, falta de paciência ou vaidade (por receio de que os seios se deformassem)⁷⁰. Dessa forma, contratava-se amas-de-leite para substituir a mãe na alimentação dos bebês.

Durante o período da escravidão, a prática de contratação de amas-de-leite negras foi largamente adotada⁷¹. Além da saúde precária das mães, devido a uma série de doenças contagiosas, partos seguidos em idades prematuras, desnutrição e falta de incentivo à amamentação materna, acreditava-se também que as mulheres brancas não eram fortes o bastante para alimentar seus próprios filhos; elas seriam “fracas dos nervos” e seu leite de qualidade inferior e insuficiente. Já as mulheres negras, embora fossem representadas com inúmeros “defeitos” físicos e morais e associadas a várias doenças, eram consideradas fortes, “robustas” e produtoras de leite abundante e nutritivo. Segundo Roncador, durante o período escravista, as mulheres africanas eram vistas como fortes, melhor ambientadas ao calor dos trópicos e, portanto, produtoras de um leite mais saudável do que o das “frágeis” e “débeis” mães brancas. Somada a esses fatores, a institucionalização da ama-de-leite escrava se devia ao culto ao ideal romântico feminino que, embora naturalizasse o instinto materno da mulher, também rejeitava os aspectos físicos, considerados “grotescos”, da maternidade, como a amamentação⁷². Contudo, a partir da segunda metade do século XIX, essa prática começou a sofrer mudanças quando uma onda de epidemias se alastrou pelos centros urbanos e uma forte campanha médica passou a condenar a contratação de amas-de-leite. O “aleitamento

⁶⁹ KNEIPP, Sebastian, *op. cit.*, p. 42.

⁷⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 151.

⁷¹ Segundo Machado, essa prática era realizada muitas vezes a contragosto das escravas, pois elas eram obrigadas a se separar de seus próprios filhos para amamentar outras crianças. As relações eram permeadas por conflitos, tensões e negociações. Cf. MACHADO, Maria Helena P. T. “Entre Dois Beneditos: Histórias de amas de leite no Ocaso da Escravidão”. In: Giovana Xavier; Juliana Barreto de Farias; Flávio Gomes. (Org.). *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2012, v. 1, p. 199-213.

⁷² COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 255-256; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 109. De acordo com Machado, em quase todas as sociedades escravistas das Américas crianças brancas bem nutridas no colo de uma ama negra e robusta (a mãe negra ou a *mammy*) foram frequentemente representadas em pinturas, fotografias e descrições textuais. Cf. MACHADO, Maria Helena P. T. *op. cit.*, p. 199.

mercenário”, como se convencionou denominar tal serviço, era encarado como uma ameaça de degeneração da família, pois se acreditava que as mulheres pobres, sobretudo negras, cativas ou ex-escravas, seriam agentes de contaminação “moral” e física (doenças contagiosas como sífilis e tuberculose)⁷³.

A ama póde communicar no leite os seus vicios, os seus instinctos maus, as suas doenças ou defeitos de organização hereditaria, toda a herança fatal de um passado inteiramente desconhecido para as pessoas que tão levemente lhe confiam o que devia ser o mais precioso thesouro da sua alma⁷⁴.

Em consequência ao medo instalado, normas foram estabelecidas para controlar a relação entre amas-de-leite e os filhos de criação. Na esfera pública, a partir de 1886, com o título *Dos criados e das amas de leite* no *Código de Posturas da cidade de São Paulo*, instituiu-se a obrigatoriedade de um exame médico a toda a mulher que desejasse “empregar-se como ama de leite”⁷⁵. Poucos anos depois, em 1894, tentou-se iniciar a organização do “*Serviço de Aluguel ou contracto de amas de leite*” por meio da Lei Municipal n. 126 de 1894. Devendo ser estendida posteriormente aos demais empregados domésticos, a lei manteve a exigência do exame médico das amas e atribuía à *Intendencia de Justiça, Policia e Hygiene* a responsabilidade por organizar o serviço e impor obrigações e deveres tanto a patrões quanto às amas⁷⁶.

Art. 1º A Intendência de Justiça, Polícia e Hygiene organizará o serviço de aluguel ou contracto de amas de leite, sujeitando estas ao exame médico do instituto da maternidade, ou como, convier impondo-lhes obrigações e deveres, bem como aos patrões, com especial cuidado de evitar o abandono da amamentação iniciada velando por tudo quanto seja necessário para o exercício da profissão conforme a sciencia e o direito⁷⁷.

Além de atestar a saúde das amas e dos demais criados domésticos, regulamentar e registrar as mulheres disponíveis para essa função, o Instituto deveria servir como local de seleção, mantendo listas das que estivessem qualificadas para trabalhar, registrando o número

⁷³ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*; MACHADO, Maria Helena P. T. *op. cit.*; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a; RAGO, Margareth. *op. cit.*.

⁷⁴ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 243-244.

⁷⁵ *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*. p. 35.

⁷⁶ São Paulo (Munic.). *Leis, Resoluções, Actos Executivos da Camara Municipal da Capital do Estado de São Paulo de 1897 a 1899*. Lei nº 126, de 1894.

⁷⁷ Idem.

de partos que cada mulher tivera, data de nascimento de seus filhos, informações sobre antigos patrões, etc.⁷⁸

Mais que condenar o “aluguel” de amas-de-leite, a campanha médica, intensificada a partir da década de 1870, defendia e incentivava a amamentação do bebê pela mãe legítima. Além de considerá-lo a principal ameaça de transmissão de doenças contagiosas, o “aleitamento mercenário” era identificado com o antigo regime – especialmente com a escravidão – e associado ao atraso, distante, portanto, dos ideais de modernização do Estado⁷⁹. Tomando como base teses e discursos médicos, autores de manuais prescritivos destinados a mulheres leitoras também aderiram à campanha de conscientização das mães para que se tornassem elas mesmas as amas de seus filhos: “E’ o leite materno o melhor de todos os alimentos dados á criancinha; nenhuma mulher, desde a mais poderosa rainha até á humílma pastora, deveria fugir ao dever de amamentar seu filhinho”, assim lia-se no manual *Lar Feliz*⁸⁰. Julia Lopes de Almeida, no *Livro das noivas*, afirmava que a crença na “debilidade” da mãe branca devia-se, na verdade, à má educação dada à mulher e não a sua condição biológica inadequada (“fragilidade”). Por esse motivo, ela insistia que o aleitamento materno dependia muitas vezes do esforço das mães em querer cuidar de seus filhos: “Minhas amigas, muitas vezes depende de nossa vontade, exclusivamente da nossa vontade, o amamentarmos nossos filhos”⁸¹.

O melhor alimento para as crianças de peito é o leite materno. [...] As crianças que melhor desenvolvem são aquellas que são alimentadas ao peito, e constituiria um acto desamorável e improprio da mãe privar o seu filhinho desse alimento natural sem ponderosas razões physicas para assim proceder⁸².

O aleitamento natural estava também diretamente relacionado às preocupações com a saúde das crianças, os futuros cidadãos do país: “É a nós, como mães, que a pátria supplica

⁷⁸ As propostas de regulamentação do “aleitamento mercenário” foram inspiradas na legislação francesa. Um dos primeiros projetos que organizou o serviço de amas-de-leite foi a Lei Roussel. Criada em 1876, a lei determinava que toda mulher que se candidatasse ao cargo deveria ter sua saúde atestada por um médico. Além disso, ela deveria ser registrada em órgão competente e portar uma caderneta contendo informações pessoais e dos antigos patrões: “Toda pessoa que se quizer alugar como uma ama de leite será obrigada a munir-se de um certificado da autoridade municipal, indicando a sua residência, se seu último filho está vivo, e demonstrando ter êle sete meses completos de idade; ou, não tendo essa idade, que é alimentado por outra nutriz, nas condições impostas pelo regulamento da administração pública”. Cf. ALMEIDA JUNIOR, A. de; MURSA, Mario. *op. cit.*, 1922, p. 93. Segundo Perrot, a criação da lei contribuiu para que a prática de contratação de amas fosse diminuindo rapidamente na França. Cf. PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007, p. 75;

⁷⁹ FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 212.

⁸⁰ *LAR FELIZ*: Manual de Economia Domestica, de Jardinagem, de Avicultura, etc. para uso das jovens mães e de todos quantos amam se lar. São Paulo: Livraria Agricola da “Chacara e Quintaes”, 1916, p. 19.

⁸¹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 185.

⁸² [O] *LAR e saude da familia*: Manual domestico. 5.^a ed. São Paulo, Sociedade Promotora da Saude no Brasil: Estação de São Bernardo, [1922], p. 369.

bons cidadãos”⁸³. Por isso, as obras prescritivas, com destaque para as de puericultura, além de insistir na defesa do aleitamento materno, traziam às mães uma série de informações sobre dietas adequadas para a gestante e a nutriz, higiene corporal (das mães, dos bebês e das amas), cuidados com enxoval da criança, tabelas de crescimento do bebê, sono, berço, quarto, etc. Apesar da tentativa de se acabar com o serviço de amas-de-leite, segundo Matos, a profissão perdurou até a década de 1930, quando ainda se tinham notícias de anúncios de oferta e procura nos jornais⁸⁴.

A valorização da maternidade pelo saber médico procurava persuadir as mulheres de que o amor materno era um sentimento inato, puro e sagrado e de que a maternidade era a realização de sua “vocação natural”⁸⁵. Desse modo, aquelas que não exerciam o dever que a natureza lhe demandava, eram consideradas egoístas, más, incompetentes, “desnaturadas”, pecadoras ou criminosas⁸⁶. É o que dizia, por exemplo, Kneipp quando tratava as causas da mortalidade infantil. Para ele, as mães que prejudicavam a saúde dos próprios filhos por manter “certos vícios, como a bebida, e toda sorte de prazeres desordenados, entre os quais não é dos menos perigosos a indolência”, eram verdadeiras criminosas⁸⁷. Os autores dos manuais prescritivos enfatizavam a necessidade da mãe se preocupar com sua conduta moral e a própria saúde (e a das amas, se não houvesse alternativas e o serviço precisasse ser contratado): “Uma mãe que deseja ter filhos moral e physicamente sãos, tem de assemelhar-se no physico e no moral a uma terra amanhada. E por isso trataremos em primeiro lugar da saude do corpo”⁸⁸. De forma semelhante Júlia Lopes de Almeida ressaltava a suas “amigas” leitoras que a saúde dos filhos dependia do fornecimento de um leite saudável: “Se somos a ama de nosso filho devemos procurar na boa hygiene e no descanso tornar o nosso leite sadio e forte”⁸⁹. Como apontaram Mary del Priore e Sônia Roncador, nesse período acreditava-se que, através do leite, seria possível transmitir todos os tipos de doenças e vícios às crianças, pois, no ocidente cristão, leite e sangue sempre estiveram intimamente associados⁹⁰:

⁸³ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 13.

⁸⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 152.

⁸⁵ RAGO, Margareth. *op. cit.*, p. 79.

⁸⁶ Segundo Jurandir da Costa Freire, o discurso que culpabilizava as mães por não cuidarem e amamentarem seus filhos tinha o objetivo de controlar e disciplinar a conduta feminina. Condenando a vida mundana, os médicos higienistas garantiam a permanência da mulher no espaço doméstico. Cf. COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 255-271.

⁸⁷ KNEIPP, Sebastian. *op. cit.*, p. 49.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 5.

⁸⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 54.

⁹⁰ PRIORE, Mary del. *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Edunb; Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993, p. 242; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p.

É coisa dicta e repetida por moralistas e hygienistas, que não basta ter-se sofrido as fadigas da gravidez e as dores do parto para se ser mãe! é ainda além d'isso preciso affrontar os trabalhos do aleitamento, levando a cabo o cumprimento da missão que a natureza impõe. Porque o leite é o sangue, e no sangue pode ir a transmissão das paixões, das doenças, dos vícios constitucionaes, de defeitos de genio e de caracter, tanto como pela geração. Porque o leite de uma outra mulher pode infiltrar no nosso filhinho sentimentos de que mais tarde tenhamos que córar!⁹¹

E' fôra de toda duvida que com o leite se infiltra na creança grande parte, pelo menos, do caracter e temperamento da pessoa que a amamenta, como podem transmittir-se-lhes os germens de toda classe de enfermidades. E uma vez que se haja inoculado no organismo o gérmem de uma doença, é muito difficil desarraigá-lo e fazer desaparecer os seus effeitos. O que succede com os males do corpo, succede tambem com os desarranjos que affectam o espirito. Dentre os primeiros nada mais facil que infiltrar por esse meio os germens da thisica e a predisposição a toda classe de affecções espasmódicas; e quanto ao espirito, a inclinação ao vicio, as paixões desordenadas, o temperamento criminal trasmittem-se com o leite⁹².

O discurso que tentava convencer as mães da importância do cuidado direto e permanente com os filhos constituiu-se numa primeira abertura para a interferência médica no interior da família. Com a redefinição dos papéis de cada membro, a figura materna assumiu uma função moralizadora e foi elevada à categoria de “guardiã vigilante do lar”⁹³. Segundo Maria Martha de Luna Freire, a campanha criada por profissionais da área de saúde, que visava a remodelação dos comportamentos, a cura de doenças e vícios e a higienização dos espaços e dos corpos, foi responsável pela conformação do modelo de “maternidade científica”⁹⁴.

Para além do papel da mulher como mãe zelosa e responsável pela saúde das crianças, os autores dos manuais prescritivos reconheciam a sua função como educadora dos filhos (figura 7): “Nenhum mestre pode ser mais insinuante, mais querido, mais doce, mais persuasivo, do que a mãe!”⁹⁵. Maria Amália, em *Arte de viver em sociedade*, reforçava que “As mães são sempre e em todos os casos as melhores educadoras do sentimento e do caracter de seus filhos”⁹⁶. Ao privilegiarem o papel educacional, os autores concederam à mulher um novo e mais amplo poder na esfera doméstica e enfatizaram sua capacidade de intervenção na

108-109. Ademais, o discurso higiênico, que influenciou os autores dos manuais prescritivos, afirmava também que a conduta moral da mulher poderia influenciar na qualidade do leite. Por esse motivo, além de prescreverem que a amamentação fosse feita pela mãe, os médicos condenavam a mulher que tinha uma vida “mundana”. Cf. COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 255-271.

⁹¹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 188.

⁹² KNEIPP, Sebastian. *op. cit.*, p. 45.

⁹³ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 255-271; RAGO, Margareth. *op. cit.*, p. 78.

⁹⁴ De acordo com Freire, maternidade científica pode ser entendida como o exercício da maternidade fundamentado em bases científicas, objeto de práticas educativas próprias e supervisionado por médicos. Foram ideias amplamente divulgadas nos Estados Unidos e na França, alcançando o Brasil na passagem do século XIX para o século XX. Cf. FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 21.

⁹⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 201.

⁹⁶ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 262.

sociedade. Para a Condessa de Bassanville, por exemplo, se um homem era virtuoso, honesto, generoso e talentoso, isso significava que sua mãe havia sido uma boa mestra⁹⁷.

É assim que, no contexto de valorização da ação feminina na casa, criou-se o mito do amor materno como “natural” e a ideia de que a mãe deveria ser a primeira educadora das crianças, evitando que eles ficassem sob influência de qualquer tipo de ameaça⁹⁸. A “nova mãe” desempenhou um papel fundamental no nascimento da família nuclear burguesa. Vigilante, atenta, soberana no seu espaço de atuação, ela se tornava a responsável pela felicidade da família e pela saúde das crianças e do marido. Como a casa foi considerada o lugar primeiro de formação das crianças, enfatizava-se também a sua atuação como administradora do lar.

⁹⁷ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 317-318.

⁹⁸ MACHADO, Maria Helena P. T. *op. cit.*, p. 200; D’INCAO, Maria Ângela. *op. cit.*, 2004, p. 229.

A mãe como educadora

Porque vemos, tantas vezes, mães, que, sendo verdadeiramente boas e piedosas, não sabem entretanto educar?

Simplemente, porque ellas não se apercebem do grande egoísmo com que amam os filhos, que as fazem esquecer, que um filho não é somente um bem, do qual podem, na vida, gozar sem partilha, mas uma alma, que lhes foi confiada a qual devem zelar, á custa de qualquer sacrificio, pois de uma boa ou má educação depende, as mais das vezes, a sua felicidade.

Dizer que a educação deve começar do berço, é empregar uma phrase, que se tornou banal, á força de ser repetida; porém assim deve ser, pois a primeira educadora do homem é, sem duvida, a mãe, e diz Mg. Dupanloup: "Aos lábios de uma mãe, que cobrem de caricias estas fronteiras tão puras, é que compete ensinar as primeiras lições de piedade e despertar os primeiros clarões da intelligencia."

— Não esperar — é o grande principio da educação; não deveis portanto pensar, que perdeis vosso tempo, pois uma graça particular, vinda do alto, vos será dada por essa pressa em vos ocupar da vida moral, ainda adormecida, dessa flor do vosso amor!

Deus, que vos deu a fecundidade bendita, dar-vos-á tambem, esse instincto admiravel da educação e o tacto delicado e certo, que fará levar para o caminho seguro do bem, a alma innocente do vosso filhinho.

E como seria inutil e ridiculo edificar uma grande obra, sobre alicerces duvidosos, deveis começar desde a aurora d'essas fra-

gencia, e uma sagacidade maravilhosa, porque nem todas as crianças se podem educar do mesmo modo e não se poderá negar, que é grande a distancia, entre a bella theoria e a realidade pratica, mas isto mesmo acontece com todas as obrigações e deveres da vida!

Uma mãe intelligente saberá perfeitamente exercer essa arte delicada e aprenderá facilmente o que mais convem, ao natural e ao caracter do seu filhinho, encontrando sempre, á proposito, uma explicação e uma resposta sincera e verdadeira, ás ingenuas e muitas vezes embaraçosas, perguntas infantis. Mentir, mesmo para se livrar de uma resposta difficil, é sempre uma falta, mas toma proporções de uma grande injustiça, em se tratando de uma criança, para quem uma resposta de sua mãe, é artigo de fé! Que desastre, então, se mais tarde descobre que foi victima de uma mentira!

Como perde, essa mãe, para sempre a sua força moral!

Tão a dignidade da educadora, como para o interesse da criança, a mãe não poderá esquecer um só momento, que a justiça e a verdade se devem fazer sentir, em todas as suas palavras e seus actos, ainda mesmo n'aquelles, que parecem de pouca importancia.

Nas crianças, a primeira impressão é sempre a mais duradoura.

Quantas mães, ignorando talvez o mal que fazem, mostram claramente a predilecção que sentem por um, ou outro dos seus filhos!

As preferencias são tão funestas aos filhos preferidos, como aos

geis e míseras existencias, o vosso sublime papel de mãe, que se resume em duas palavras: — Amar e educar. —

Sem deixar de ternamente amar, a mãe providente e vigilante, começará resolutamente a obra e não perguntará se é cedo e se não será melhor esperar ainda.

Pelo contrario, deixará falar a razão, e, rejeitando os falsos principios inspirados pelo egoismo, emprehenderá corajosamente essa luta de todos os dias, contra os instinctos maus e os defeitos nascentes, que tão rapidamente crescem, evitando cuidadosamente confiar o thesouro, que lhe foi dado, á extranhas influencias, destruidoras, muitas vezes, do bem que se tem feito. Mas, para que essa luta seja efficaz e fructuosa será preciso, não só conhecer bem o terreno, mas preparar-se para esse combate silencioso, por um conhecimento perfeito dos elementos a destruir e das qualidades a aproveitar, tratando ao mesmo tempo de inculcar os bons costumes, pois como nos diz a razão, confirmada pela experiencia: — "O habito é uma segunda natureza."

E se a mãe souber unir á sua ternura, uma energia constante, se punir sempre, brandamente, os mesmos erros, a criança irá pouco a pouco comprehendendo e distinguindo o que é permitido do que é prohibido, principalmente se a mãe que repreende tiver o cuidado de nunca castigar em momentos de impaciencia, nem antes de ter feito a criança comprehender o mal que praticou.

A missão das mães é delicada, difficil e requer uma grande paciencia, torna-se orgulhosa, altiva e egoista, ao passo que aquella

que não o são. A criança, que conhece ser objecto da predilecção que se vê privada das caricias, a que tem igual direito, fica desde a mais tenra idade, desconfiada e triste, quando a inveja não cria profundas raizes em sua alma!

Que salutar influencia não exerceriam as mães se, com dedicação generosa e perseverante, possessem resolutamente mãos á obra! Seria, não somente a regenciação da familia, como a da sociedade!

ISA BIRA

Figura 7. A mãe como educadora. Nos artigos da Revista Feminina enfatiza-se também o papel da mãe como a primeira educadora dos filhos. A formação moral das crianças dependia de sua dedicação.

"A mãe como educadora". *Revista Feminina*, n. 79, dez. 1920, p. 33. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Dona de casa ordeira, econômica e vigilante

*E' dever do chefe de familia ganhar a subsistencia dos que dele dependem; mas os seus esforços serão vãos, insufficientes, inuteis mesmo, si a dona de casa ignorar ou desprezar a grande sciencia da economia e dos trabalhos domesticos*⁹⁹.

Para o bom desempenho como administradora do lar, muitos manuais prescritivos de comportamento, sobretudo os de economia doméstica, traziam a suas leitoras uma série de detalhes da vida no lar: rotina de trabalho, informações sobre culinária, receitas, relacionamento com os empregados, etc. Julia Lopes de Almeida, no manual *Livro das Noivas*, afirmava que a “poesia da vida” era composta por “ocupações leves de *toilette* e adornos de casa”, mas também por atividades trabalhosas e indispensáveis. É possível que os manuais cumprissem o papel de fazer a transição da visão romântica do casamento para aquela mais “realista”, tarefa que poderia ter faltado a uma boa parte das mães na preparação de suas filhas para o casamento:

[O casamento] não consiste só em certo numero de coisas ephemeras e graciosas, ou occupaões leves de *toilette* e adornos de casa; consiste tambem nas coisas uteis e praticas, naquellas que não entram nas phantasias das noivas quando idealisam o seu futuro, mas que surgem depois inevitavelmente, impondo-se como um dever. A poesia da vida abrange tudo, desde as obrigações mais arduas e imperiosas, até as mais futeis e subtis; e é examente nesse conjunto de antitheses que está o seu principal encanto¹⁰⁰.

Mas em que consistiam essas “obrigações mais árduas e imperiosas” de uma mulher dona de casa? Além de tocar piano, dedicar-se à pintura ou se preocupar com a decoração da casa, a “poesia do lar”, a vida doméstica era composta por atividades como limpar, lavar, passar, cozinhar, consertar uma roupa, amamentar o filho, organizar a casa. Condenado o ócio, a mulher deveria ocupar-se com a rotina de trabalhos na casa. Maria Amália, quando descreve a perfeita *ménagère* em *Arte de viver em sociedade*, dizia que ela deveria, em primeiro lugar, saber administrar as contas da casa: “É antes de tudo indispensavel que esta dona de casa perfeita [...] tenha o respeito pelas cifras, da economia e da boa administração interior”. Segundo a autora, para isso era necessário manter “uma escrituração em ordem [...] para poder sempre calcular exatamente o total da sua receita, e as diversas parcelas em que esta necessita de ser aplicada”¹⁰¹. De forma muito semelhante, Júlia Lopes de Almeida aconselhava suas leitoras sobre a necessidade de ter um livro de contas: “Capacitei-me da absoluta necessidade de um livro de assentos. Fiquei hontem perplexa quando vi que todo o

⁹⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 9.

¹⁰⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 27.

¹⁰¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 177.

meu dinheiro se tinha acabado. Mas como?! Em que?!”¹⁰². Utilizando uma caderneta, onde seria registrado o orçamento da família, a senhora teria como manter em equilíbrio suas despesas, tendo noção exata do quanto poderia gastar:

Registro das despesas. – Estabelecidas as linhas geraes do orçamento doméstico, é indispensavel que a dona de casa registre todos os gastos diarios; esse é o unico meio de conhecer o destino certo do dinheiro e de não fazer compras inuteis. O registro póde ser feito em qualquer dessas agendas que se vendem no fim de casa anno para o anno vindouro.

A dona de casa procurará sempre, cada dia, um instante para fazer sua contabilidade. Ou seja á noite, quando as crianças já se achem na cama, ou pela manhã, antes de fazer novas despesas, faça-se o total de gastos, verificando-se quando resta na carteira.

Já é isto o sufficiente, mas, querendo ir mais longe, a dona de casa, todos os domingos, ou no fim de cada mez, fará a apuração de suas despesas, pondo, em columna especial, a somma do que diz respeito á alimentação, a gastos especiaes, á conservação da roupa branca e do vestuario, etc.¹⁰³

Assim como é possível observar no manual *Lar feliz*, se o homem era o “ministro da Fazenda”, cabia a sua companheira, “mulher dedicada e com amor á ordem”, a administração do “pequeno Estado”¹⁰⁴. A dona de casa era considerada, desse modo, a economista do lar. Bento Jordão, ao falar sobre a importância de saber controlar as despesas da casa, dizia que a economia doméstica era uma ciência bastante útil que toda jovem moça deveria adquirir-la, tendo em vista o “bem comum”: “A maior parte das vezes é o marido quem, com sua actividade, com o seu trabalho adquire o dinheiro. [Mas] a mulher cumpre empregar-o nas despesas da casa; se o emprega bem, o lar prospera, se mal, vae em decadência”¹⁰⁵. Tanto Bento Jordão, Vera Cleser e a Condessa de Bassanville aconselhavam suas leitoras que, para ter o controle sobre o orçamento da casa, era preciso manter os recursos familiares sempre menores que suas despesas¹⁰⁶. A boa dona de casa economista era aquela que conseguia, no final do mês, ainda ter alguns recursos em sua poupança:

D’abord un bon comptable, puisque vous devez faire vos dépenses avec assez de sagesse pour que toujours il reste un peu d’argent à la fin du mois [...]. Une bonne

¹⁰² ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 129-130.

¹⁰³ *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 141-142.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 7-8.

¹⁰⁵ SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 15.

¹⁰⁶ A historiadora Maria Luiza Ferreira de Oliveira, ao estudar as condições de vida das classes médias paulistanas entre as décadas de 1850 e 1900, constata que o hábito de endividamento e de empréstimo de dinheiro a juros era bastante comum entre os habitantes. As dívidas ativas faziam parte da riqueza das famílias. A autora observa que entre alguns grupos, por exemplo imigrantes de uma mesma nacionalidade, estabeleciam-se fortes redes de solidariedade e de confiabilidade. Isto posto, pode-se afirmar que, quando os manuais aconselhavam as donas de casa a manterem o controle sobre o orçamento doméstico, eles estavam indo numa direção oposta, combatendo provavelmente hábitos ainda arraigados na população. Cf. OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Em casas térreas com alcovas. Formas de morar entre os setores médios em São Paulo, 1875 e 1900. *Anais do Museu Paulista*. Vol. 8/9. 2000-2001. pp. 55-75; _____. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização, São Paulo, 1850 – 1900*. São Paulo: Alameda, 2005.

*administration sera donc celle qui vous laissera toujours des ressources dans votre tiroir. Vous voyez que j'ai eu raison de vous dire qu'avant tout il fallait être bon comptable*¹⁰⁷.

Para conseguir economizar, além de ter uma pequena “carteira de notas”, uma espécie de caderninho, onde anotariam todos os gastos necessários com a casa como aluguel, alimentação, salários dos empregados, vestuário, entre outros custos, as senhoras, sobretudo as de famílias mais modestas, poderiam evitar ao máximo todo e qualquer peso excessivo ao bolso do marido, fazendo pequenos trabalhos manuais, como costuras, bordados e pinturas que poderiam ser vendidas sob encomendas, pechinchando as compras ou o pagamento de serviços, reaproveitando sobras de alimentos ou então produzindo-os em suas próprias residências (verduras plantadas em hortas, frutas colhidas em pomares ou aves criadas em galinheiros). Tratava-se de pequenas tarefas realizadas no lar que contribuía para a economia das despesas domésticas¹⁰⁸.

Cara patrícia, si quizer viver feliz em seu lar, será preciso que se contente com as rendas de que dispuser, seja em consequência de sua situação pessoal, seja pelo trabalho dos membros da sua família, ou ainda pelos recursos suplementares, vindos de seu pomar ou de sua horta¹⁰⁹.

Seja esta economia em dinheiro, em generos alimenticios, vestidos ou qualquer coisa representando dinheiro, por ella vê-se o quanto se pôde poupar ou desperdiçar. Por isso, repito, guardai tudo debaixo de chave, calculai cuidadosamente o mantimento que entregais á cosinheira e acondicionai as sobras com maior atenção, pois de todas podereis utilizar-vos, muitas podem transformar-se em iguarias succulentas, outras requeantar-se¹¹⁰.

Segundo os autores dos manuais femininos, “a organização financeira do lar domestico” era uma consequência “do espirito de ordem, methodo e economia”¹¹¹. A perfeita *ménagère* tinha que ser uma mulher metódica e ordeira para que pudesse administrar as finanças e a casa: “*L'ordre et l'économie marchent ensemble; l'un mène l'autre et les deux font les bonnes maison*”¹¹².

*Mais encore, un des points très-essentiels pour que l'ordre règne dans une maison, c'est d'y établir la régularité; il y a sans doute des circonstances où cette régularité doit céder à la necessite*¹¹³.

¹⁰⁷ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 323.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 417-418; CLESER, Vera, *op. cit.*, p. 42-55; 255-265; DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 25-26; LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 140-143; SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 24-25.

¹⁰⁹ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 140.

¹¹⁰ CLESER, Vera, *op. cit.*, p. 47.

¹¹¹ SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 24.

¹¹² DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 25.

¹¹³ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 326.

A ordem e o methodo são ás vezes coisas difficeis de adquirir, mas depois fáceis de conservar. Dependem de um esforço de vontade, de uma tenacidade sempre proveitosa, que vá corrigindo defeitos de educação e alargando a tranquilidade da nossa vida¹¹⁴.

Sem ordem no despende, e sem o conhecimento cabal dos recursos com que uma senhora tem de contar para o seu orçamento interno, nunca ela poderá atingir aquele perfeito equilibrio entre o que se recebe e o que se despende, que é o supremo ideal das familias... e das nações¹¹⁵.

Como será discutido mais detalhadamente no quarto capítulo, a questão da ordem, fortemente enfatizada nos manuais de economia doméstica, significava o estabelecimento de uma normatização do trabalho doméstico e teria contribuído, segundo Vânia Carvalho, para a fixação da mulher no espaço doméstico¹¹⁶. Portanto, esperava-se que a dona de casa fosse uma mulher que soubesse impor ordem e método ao trabalho na habitação.

Porém, ao lado de ser um importante pré-requisito para a manutenção do orçamento doméstico, a regularidade no trabalho era também exigida para a administração dos empregados. Mesmo se a senhora não executasse as tarefas domésticas, ela deveria saber gerenciar: “A bôa ordem de uma casa e de todas as suas dependencias reclama a constante vigilancia e energia da dona de casa”, assim afirmava a suas leitoras Vera Cleser¹¹⁷. Numa sociedade em que as marcas de identidade e distinção evidenciavam-se nos mínimos detalhes, os objetos que compunham o arranjo dos espaços dos lares, a organização doméstica e a administração dos comportamentos eram requisitos fundamentais para o desempenho do papel de uma dona de casa ideal, por isso valorizava-se a conduta da mulher que mantinha o controle sobre si, os criados, a família e a casa¹¹⁸, como é possível observar no seguinte excerto da obra *A arte de viver em sociedade*:

A verdadeira *senhora* de instinctos ou de raça, de educação ou de nascimento, conhece-se immediatamente na maneira por que se dirige aos seus creados e aos creados alheios, e por que se faz obedecer e respeitar. Este segredo de ser reconhecida como diferente, como superior sem contestação e sem protestos, pelos que estão em baixo na escala social, reside numa nuance quase imperceptível, que se se sente, mas que é impossível ensinar¹¹⁹.

¹¹⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 74

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 241-243.

¹¹⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 13.

¹¹⁸ HAROCHE, Claudine. “Governo de si, governo dos outros: uma questão política e antropológica”. In: _____. *Da palavra ao gesto*. Campinas, SP: Papyrus, 1998, p. 35-49; PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Labores, quitutes e panelas: em busca do lar ideal. *Cadernos Pagu*. N. 30, jan.-jun. 2008, p. 329-343. Como será discutido no quinto capítulo, a etiqueta, como forma de controle de si, foi uma das maneiras de marcar as distâncias (por meio do governo de si e dos outros) entre patroa e empregada doméstica.

¹¹⁹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 56-57.

Sendo assim, os manuais aconselhavam que, para se obter um bom serviço, os empregados da casa deveriam ser mantidos sob constante vigilância: “O olhar perscrutador da dona de casa, eis o que nunca deve faltar”, lia-se repetidas vezes na obra *O lar doméstico*¹²⁰. De acordo com Roncador, na configuração idealizada do corpo da nova mulher doméstica, privilegiam-se, além das imagens das mãos (símbolo de suas prendas domésticas) e do coração (morada de suas afeições e índole moral), os olhos atentos da dona de casa¹²¹.

A vigilância – dos criados era constantemente reforçada pelos autores dos manuais. Essa conduta da patroa era uma forma de manter sob controle a empregada – considerada uma inimiga em potencial –, mas também de garantir a realização do trabalho: “Dar ordens, sem vigiar attentamente se são executadas com esmero, de nada vale”, afirmava Cleser. Uma “criada não fiscalizada” seria totalmente inútil numa casa, isso porque, segundo a autora, “os criados que têm certeza que a ama repara em tudo, interessam-se infinitamente mais pelo seu trabalho do que os que sabem que ella é preguiçosa e desmazelada”¹²². Nota-se que a função de fiscalizadora destinada à senhora da casa acabava por submetê-la igualmente a condutas “controladas” pela criada, que “reagia” positivamente quando notava o “interesse” pelo seu trabalho. Se a criada tinha que trabalhar segundo as prescrições da dona da casa, esta não poderia se deixar observar em situações codificadas como avessas ao trabalho da casa e aos cuidados de si.

Ao mesmo tempo em que senhora e criada estavam vinculadas ao mesmo sistema disciplinador, a fiscalização constante do trabalho funcionava para manter as hierarquias estabelecidas entre ambas. Como enfatizavam os autores das obras prescritivas, mesmo para comandar os empregados, a dona de casa precisava saber fazer todo o trabalho doméstico: “E’ indispensavel que a dona de casa saiba executar todo o serviço caseiro para não ficar á mercê dos seus empregados”¹²³. Além disso, conforme apontou Sandra L. Graham e como será discutido mais adiante, para confirmar sua perícia e reforçar o comando sobre as criadas e os espaços da casa, a senhora frequentemente executava ela mesma algumas tarefas domésticas, como o preparo de sobremesas caprichadas, a confecção de roupas, bordados e trabalhos manuais para enfeitar a casa¹²⁴. Para isso, ela tinha que conhecer um pouco de “arte

¹²⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 39.

¹²¹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 30; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 104.

¹²² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 25.

¹²³ *Ibidem*.

¹²⁴ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 107.

culinária”, decoração, “bellas artes”, economia, química, ciências e puericultura¹²⁵. O aprendizado da mulher para exercer no futuro seu papel de mãe e dona de casa deveria começar desde a infância, quando a mãe atribuía à filha pequenas tarefas domésticas: “A aprendizagem da futura mãe de família começa no dia em que a menina levando ao cóllo sua boneca, põe-se a *ninal-a*, procurando fazel-a dormir”¹²⁶. Em manuais que possuem capítulos referentes à educação das crianças, há uma relação de tarefas (diferenciadas para meninos e meninas) que uma moça jovem deveria aprender; além das aulas de piano, canto, desenho, etiqueta, a menina era “treinada”, desde a “mais tenra idade”, pela mãe, a realizar todos os afazeres domésticos:

A educação de uma rapariga deve ser variada, e consistir principalmente em conhecimentos praticos que a habilitem a arrostar as duras realidades da vida. Ella não deve receber a impressão de que vestidos finos, elegancia exterior, e conhecimentos meramente decorativos de musica e de pintura, constituem a base de sua educação. Historia, sciencias, mathematicas, literatura, rethorica e gymnastica quadram tão bem ás raparigas como aos rapazes. Isto, aliado a um conhecimento pratico de todas as artes e sciencias requeridas para a constituição de um lar, é que deve formar o solido fundamento de uma rapariga.

[...]

O QUE UMA RAPARIGA DEVE SABER

Cozinhar alimentos simples e bons

Coser seus vestidos.

Ser assejada e ordeira, a começar pela sua propria pessoa e seu quarto.

Conhecer bem a arte de economia domestica e de constituição de um lar, antes de tentar estabelecer lar proprio.

Guardar recato em presença de rapazes e cavalheiros.

Que a conversação frivola não lhe fica bem.

Que as pilheiras acerca de “pretendentes” e “namorados” são improprias.

Que a modestia é um thesouro inapreciavel e será a sua melhor salvaguarda.

Que seus irmãos lhe fazem uma escolta melhor do que outros mancebos.

Que sua mãe é sua melhor companheira e conselheira.

Que seus vestidos devem ser simples e não constituir o objecto principal de sua preocupação e de suas conversações.

Que deve usar sómente estylos de roupas que lhe agazalhem o corpo com decencia e modestia.

Que é melhor ser util do que decorativo.

Que ha ainda muito tempo para aprender trabalhos de fantasia depois de haver aprendido serzir meias.

Que a antiga regra – um logar para cada coisa e casa coisa no seu logar – é excellente.

Que deve vestir-se tanto em consideração de sua saude e conforto como de sua apparencia exterior¹²⁷.

¹²⁵ A Puericultura foi incorporada como disciplina nos currículos das escolas normais a partir da década de 1930, mas, antes disso, já aparecia nas escolas profissionais femininas e escolas primárias (somente para as meninas). Outro veículo de difusão dessas ideias foram os manuais de economia doméstica, de puericultura e de saúde e higiene e as revistas femininas, que circulavam nos grandes centros urbanos. Cf. FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 19-24.

¹²⁶ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 14.

¹²⁷ LAR e saude da familia, *op. cit.*, p. 374-377.

A constatação de que a mulher estava vinculada ao desenvolvimento da sociedade, uma que vez que a felicidade da família, a saúde e o desenvolvimento das crianças e a higienização das habitações eram, em grande parte, responsabilidades femininas, ensejou uma campanha pela educação da mulher. De acordo com os autores que defendiam sua instrução, essa seria a única forma de “levar-a a compenetrar-se do seu papel providencial na família, e achal-o grande, util, elevado, digno de saciar as mais levantadas ambições e também [...] de prezar como uma responsabilidade tremenda no animo mais ativo”¹²⁸.

Defendendo uma formação que fosse além do aprendizado de atividades domésticas, trabalhos manuais e cuidado dos filhos, muitos autores entendiam que as donas de casa deveriam dominar um pouco de diferentes assuntos:

[...] as sciencias naturaes, a hygiene, a physica, a chimica, a astronomia, a mathematica, a geografia, as artes, as industrias, tudo, representa uma necessidade real! [...] E’ preciso estudo profundo sobre a formação de caracter, sobre a educação, para que ella possa aproveitar todas as manifestações dos filhos, caracter ainda em embryão e que se formará segundo a sua orientação[...]. Precisa [...] revelar gosto pela arte, imprimir seu espirito na confecção de um ramo, no modo de entrançar seus cabellos, na fórmula de combinar as peças de seu vestuario, no modo de adornar seus filhinhos [*sic*], deve procurar encantar, emfim! porque a graça e a seducção são dotes que se conquistam e fazem parte do lar, são attractivos do amor do esposo¹²⁹.

No Brasil, uma das maiores defensoras da educação feminina foi Júlia Lopes de Almeida. A autora afirmava que era necessário que as mulheres tivessem acesso a bons livros de educadores modernos e que suas leituras não ficassem restritas a romances banais: “É preciso para isso que a leitura seja sã, bem feita. O gosto bem educado transmittir-se-á sem macula e sem esforço aos filhos. [...] Vamos, minhas amigas, comecemos a lêr, mas com cuidado”¹³⁰. Sendo assim, como a mãe era a primeira responsável pela formação dos filhos, sua educação não poderia estar voltada apenas para o domínio doméstico, deveria conhecer um pouco de tudo. Além de levantar a bandeira da educação feminina, a autora ficou conhecida também pela defesa da profissionalização da mulher (principalmente das mais pobres): “Convenci-me hoje de que todas as mulheres devem ter uma profissão”¹³¹. Indicado principalmente para moças de famílias menos abastadas, o trabalho poderia ser a garantia de sustento de mulheres que permanecessem solteiras, ficassem viúvas ou precisassem complementar o salário do marido. Tal posicionamento fez com que alguns autores

¹²⁸ *Ibidem*, p. 11-12.

¹²⁹ “A mulher”, *Revista Feminina*, dez. 1915, p. 22. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹³⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 35-39.

¹³¹ *Ibidem*, p. 128.

considerassem suas ideias muito próximas às do feminismo no início do século XX, porém com restrições que acabaram por defini-la como uma “feminista patriarcal”¹³².

A representação da mulher como esposa honrada, mãe educadora e dona de casa econômica, além de criar uma carreira feminina, a carreira doméstica, contribuiu para vincular a mulher à esfera privada. A construção da casa como um espaço seguro e aconchegante para o marido e os filhos teve a mulher como seu símbolo e só foi possível devido à valorização de sua condição social e ao aumento de sua autonomia após as transformações desta sociedade¹³³. Contudo, vale lembrar que os discursos ideológicos que pregavam às mulheres o papel de “guardiã” ou “rainha do lar”, embora aspirassem alcançar toda a sociedade, atingiram diretamente, pelo menos num primeiro momento, as mulheres das elites e dos segmentos médios, pois eram estas que poderiam permanecer no espaço privado dedicando-se à família e à administração da habitação. Na formação da domesticidade burguesa, além da função de nidificação do lar, coube às mulheres da “alta sociedade paulistana” adotar estratégias de exibição do *status* social familiar em eventos sociais e ambientes de lazer. Porém, como enfatizavam os autores das obras prescritivas de comportamento, a atuação na “vida mundana” jamais poderia comprometer sua “verdadeira missão no mundo”.

2.2. Criadas domésticas: inimigas em potencial

- Que os criados de hoje não se podem comparar aos criados antigos, nem na fidelidade, nem na lealdade, nem no desinteresse, nem na moralidade[...].*
- Que dia a dia se nota n'esta classe um desapego mais profundo pelas familias a quem serve, e em cujo seio penetra.*
- Que elles são sempre ou quasi sempre os auxiliares da traição, do vicio, da desobediencia, e que portanto é profundamente corruptora a influencia que exercem na familia.*
- Que o seu interesse consiste em especularem com as fraquezas ou as maldades d'aquelles de quem dependem, e que vivem e medram na immoralidade dos seus superiores.*
- Que pelo seu comportamento se revelam inimigos natos de todos que estão acima d'elles, e que presentindo a vantagem que lhes póde provir do rebaixamento dos entes de quem receiam a severidade ou que são forçados, muito contra sua vontade, a respeitar, o fim que elles teem, e que procuram por todos os modos attingir, é o seguinte: penetrar vagarosa e cautelosamente na confiança dos amos, extorquir-lhes os seus segredos, e divulgar-os por sêde instintiva de vingança, ou exploral-os, por desejo immoderado de ganho.*

¹³² Embora a autora defendesse a educação e o trabalho femininos, seu discurso ainda era bastante conservador. Além de não acompanhar as discussões sobre o direito das mulheres ao voto, luta levantada pelas feministas sufragistas, Júlia Lopes de Almeida afirmava que o exercício de qualquer profissão não poderia atrapalhar a mulher casada na realização de sua “verdadeira missão” como mãe, esposa e dona de casa. Ademais, as ofertas de trabalho disponíveis eram, em geral, aquelas que estavam próximas do que se considerava como extensão das atribuições femininas: professora, enfermeira, datilógrafa, telefonista, secretária, empregada doméstica, entre outras. Cf. MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello, *op. cit.*, p. 43-45; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 402; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 113-114.

¹³³ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 82-83.

*Posto isto, provado está que os criados são os nossos inimigos necesarios, e que é preciso que para com elles a nossa attitude seja por em quanto inteiramente defensiva*¹³⁴.

*Os creados já não são o prolongamento humilde da familia, já não têm em commum com os amos os mesmos interesses e os mesmos fins, já não se apaixonam pela honra e pelo bom nome da casa a que pertencem, já não dependem absolutamente do tecto carinhoso e protector que os abriga de geração em geração [...]. Nas casas modernas, salvo rarissimas excepções em que subsiste ainda uma certa comprehensão do viver de outras eras, os creados entram e sahem, hospedes de um dia, espiões malevolos e inintelligentes que pervertem tudo que vêem e desfiguram tudo que ouvem, automatos que obedecem a signaes convencionaes, sem alma, sem coração, sem moralidade e sem affecto*¹³⁵.

Os excertos escolhidos como epígrafes foram retirados de dois manuais femininos – *Mulheres e creanças* e *A arte de viver em sociedade* – escritos pela autora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho. Dissertando sobre as relações entre “criados” e “amos” na Europa do final do século XIX, ela compara o comportamento e a índole dos empregados do “regime moderno” com os do passado, construindo uma representação altamente negativa dos servidores domésticos. De fieis, leais, respeitosos e obedientes, os empregados passaram a ser vistos como “espiões malévolos”, “inintelligentes” e verdadeiros “automatos” que se movimentavam de forma oculta, sendo, portanto, os “inimigos natos de todos que estão acima d’elles”. Embora considerados dessa maneira, ainda assim eram indispensáveis para a “administração da casa”, seu “aceio, arranjo, conforto e bom governo”¹³⁶. Segundo a autora, a “decadencia e desmoralização” dos criados domésticos teriam sido geradas pelo afastamento entre patrões e empregados provocado pela sociedade burguesa. Dessa forma, transformados em verdadeiras “ameaças” às famílias que, não mais sabendo lidar com seus criados, passaram a ser tratados com indiferença, autoridade e desrespeito – “Da parte dos superiores [havia] indiferença profunda, desejo de explorar de todos os modos e feitiços os dependentes, rudeza, orgulho, egoismo, desapego”¹³⁷ –, agravando ainda mais a situação. A solução proposta pela autora seria o restabelecimento de vínculos de cumplicidade, lealdade, hierarquia e respeito entre as partes envolvidas¹³⁸.

Não foi apenas nessas duas obras estrangeiras, mas em outros manuais femininos analisados nesta pesquisa, que os empregados domésticos foram retratados de maneira negativa. Nas publicações francesas, como o *Manuel du Savoir-Vivre*, *O trato do mundo na*

¹³⁴ CARVALHO, Maria Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 210-211.

¹³⁵ Idem, 1909, p. 233-234.

¹³⁶ Idem, 1887, p. 209.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 222.

¹³⁸ A autora não deixa claro quais seriam esses vínculos de cumplicidade, mas interpreta-se que seria a manutenção de uma relação baseada em tolerância e respeito mútuo.

vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas, entre outras¹³⁹, os criados domésticos foram também descritos como pessoas traiçoeiras, mentirosas, imorais, invejosas e vingativas: “*Les domestique forment une race abjecte, ils ont tous les défauts, tous les vices; ils sont menteurs, paresseux, hypocrites, corrompus, indéliçats, leurs sentiments sont bas, leur esprit nul, leur coeur mauvais*”¹⁴⁰. De acordo com Raffaella Sarti, autora que estudou o serviço doméstico na Europa Ocidental entre os séculos XVI e XX, a estigmatização dos criados pode ter origem em diversos fatores, entre eles a condição ambígua vivida por aqueles que eram empregados como domésticos na casa de parentes, a crise da família patriarcal e as mudanças na configuração do espaço doméstico, a crescente feminização da categoria a partir da cobrança de impostos sobre os empregados homens, os problemas de definição de termos utilizados para se referir a esses profissionais (“*serviteur*” ou “*domestiques*”), a intensificação da urbanização no século XIX e o surgimento de novas atividades econômicas, que provocaram o deslocamento de trabalhadores para as indústrias, e uma crise de mão-de-obra doméstica. Segundo a autora, a condição degradante à qual os empregados domésticos foram submetidos ao longo dos séculos contribuiu para que a categoria profissional se tornasse marginalizada e desvalorizada até os dias atuais¹⁴¹.

Com algumas semelhanças, no Brasil, autores de manuais femininos também escreveram sobre as relações entre patrões e criados e contribuíram para a construção de uma imagem fortemente negativa das empregadas domésticas. No capítulo “Por quê?” da obra *Livro das Donas e Donzellas*, a autora Júlia Lopes de Almeida procurou entender os motivos que teriam levado uma senhora do Rio de Janeiro a se suicidar com “uma garrucha de dois

¹³⁹ As obras que se referem ao relacionamento de patrões e empregados domésticos são: ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 119-126; 1906, p. 62-66; BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 201-280; SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*; CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 209-235; 1909, p. 232-237; CLESER, Vera. *op. cit.*; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 28-48; FOURQUIER, Marcel (Baron). *Des usages et de l'élégance*, 3eme édition, Paris: Émile Paul, 1925, p. 99-103; GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1909, p. 20-27; 1925, p. 47-69; GRISELINE, *op. cit.*; p. 159-182; ROQUETTE, José Ignácio, *op. cit.*, 1875, p. 264-271; 1997; STAFFE, La Baonne. *Usages du Monde: règles du savoir-vivre dans la société moderne*. Paris: Ernest Flammarion, [1899], p. 270-277.

¹⁴⁰ GRISELINE, *op. cit.*, p. 160-161.

¹⁴¹ Em um artigo intitulado *Who are servants? Defining Domestic Service in Western Europe (16th – 21st centuries)*, Sarti explica todos os fatores acima apontados como causadores da estigmatização dos empregados domésticos, mas afirma que um dos principais motivos foi, após a Revolução Francesa, a proibição do direito de voto aos criados considerados “*serviteurs*”. Após inúmeros debates, foram definidos como “*domestiques*” os criados que trabalhavam fora das dependências de seu senhor e os que ocupavam posições hierárquicas mais altas – professores, mordomos, etc. –, e como “*serviteurs*” os criados que não tinham autonomia para tomar suas próprias decisões – tais como os que ocupavam os postos hierárquicos mais baixos e as mulheres. Embora a autora tenha focado sua pesquisa na França e na Itália, ela observa semelhanças nos processos ocorridos em outros países europeus como Inglaterra, Espanha e Portugal. Cf. SARTI, Raffaella, *op. cit.*, p. 3-59.

canos”¹⁴². Como foi noticiado o fato pelos jornais, a mulher deixava um bilhete explicando que escolhera a morte por não suportar seus empregados. Refletindo sobre as tensas relações entre patroas e empregadas domésticas nas primeiras décadas do século XX, a autora apresentou, em poucas palavras, uma representação bastante estigmatizada das criadas brasileiras tal qual a dos servidores domésticos europeus nos manuais estrangeiros.

A dona de casa no Brasil é a martyr mais digna de commiserção, entre todas as citadas pela historia. Viver em baixo das mesmas telhas com uma inimiga que faz tudo o que póde para atormentar as nossas horas, pagar-lhe os serviços e ainda fazelos de parceria, assumindo a responsabilidade dos máos jantares que ella faz e da maneira desleixada por que arrasta a vassoura pela casa; ordenar e ser desobedecida; pedir e obter más respostas; fallar com doçura e ouvir resmungar com aspereza; advertir com justiça e ouvir responder com aggressão e brutalidade; recommendar limpeza, economia, ordem e calma, e vêr só desperdícios, porcária, desordem e violência, confessa que é coisa de fazer abalar em vibrações dolorosas os nervos os mais modestos, mais tranquillos e mais saudavelmente pacatos do mundo!¹⁴³

Além de considerar as criadas como inimigas, desobedientes, agressivas e desordeiras, os autores dos manuais prescreviam um ideal de comportamento da mulher burguesa. A partir da análise desse excerto, nota-se que, na obra de Júlia Lopes de Almeida, a imagem construída das criadas é oposta àquela das patroas: desobedece *versus* ordena; “inimiga que faz tudo o que póde para atormentar” *versus* “martyr mais digna de comiserção”; realiza o trabalho de maneira “desleixada” *versus* faz o serviço em “parceria”; resmunga “com aspereza” *versus* fala “com doçura”; ouve respostas “com agressão e brutalidade” *versus* adverte “com justiça”; “desperdícios, porcária, desordem e violência” *versus* “limpeza, economia, ordem e calma”. Sendo assim, observa-se que os termos utilizados para descrever as empregadas, além de colocar suas ações, comportamentos e atributos em oposição à das patroas, funcionaram como marcadores de suas diferenças sociais.

Em outra obra publicada no Brasil, contemporânea à de Júlia Lopes, o manual *O lar domestico*, a autora Vera Cleser reproduz uma reclamação constante: “Não achamos criadas e as raras que encontramos servem mal”¹⁴⁴. Para ela, a razão do problema é que cada vez mais as criadas estariam preguiçosas, distraídas e infiéis e as patroas menos prudentes na escolha, menos habilidosas na direção das tarefas e pouco exigentes na fiscalização do serviço. Em contraposição à imagem negativa das criadas, Cleser aponta as características necessárias para que uma empregada pudesse ser considerada uma boa funcionária: “Actividade, fidelidade, modestia, honestidade e pontual obediência são os predcados indispensaveis a uma bôa

¹⁴² ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 62.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 64.

¹⁴⁴ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 238.

criada”¹⁴⁵. Além de fidelidade, honestidade, respeito e obediência, Cleser afirma, em outras passagens da obra, que era desejável que a “bôa criada” também fosse “ordeira”, “habilidosa” e “hygienica”, qualidades que a perfeita dona de casa também precisava ter. Se a empregada não tivesse esses predicados, cabia então à patroa a tarefa de instruí-la e fiscalizá-la para que todo o serviço fosse bem feito: “[...] auxiliai em tudo e fiscalisai sem exceptuar uma hora sequer: eis o *unico* meio de terdes bôas criadas! Não vos impacientais se ao principio a criada fôr desajeitada; a pratica e a bôa direção, tornal-a-ão habil em pouco tempo”¹⁴⁶. Para isso, era necessário que a dona de casa a tratasse com “benevolencia”, “paciencia” e respeito, e caso as empregadas merecessem alguma repreensão, a autora aconselhava a jamais utilizar palavras ríspidas ou atos de violência¹⁴⁷.

Embora os manuais estrangeiros aqui citados estivessem se referindo às relações entre patrões e empregados domésticos no contexto europeu, observam-se semelhanças na representação das criadas nas obras brasileiras escritas por Júlia Lopes de Almeida e Vera Cleser. Vistos com desconfiança e considerados uma verdadeira ameaça às famílias “distintas”, pois se tratava de alguém de fora do núcleo familiar, mas presente dentro da habitação, os autores das obras prescritivas de comportamento aconselhavam manter os criados sob controle e vigilância. Como tais obras foram publicadas no mesmo período, na passagem do século XIX para o século XX, e circularam pela cidade de São Paulo, pode-se considerar que tanto os manuais femininos estrangeiros quanto os brasileiros contribuíram para a construção e a difusão de uma imagem altamente depreciativa dos empregados domésticos no Brasil. Porém, diferente do contexto europeu, as razões que justificariam a estigmatização desses trabalhadores no país estariam ligadas principalmente ao regime de trabalho escravista que esteve em vigor durante séculos. Segundo Sônia Roncador e Sandra L. Graham, no Brasil, a desconfiança nos criados está relacionada a fatores como a alta rotatividade no setor, a associação entre escravidão e trabalho doméstico, as várias epidemias que assolaram as grandes cidades brasileiras no início do século XX e a crise de autoridade dos patrões. Contudo, apesar do grande medo gerado nas famílias, aqueles que possuíam melhores condições financeiras procuravam contratar um ou mais empregados para realizar as atividades domésticas.

¹⁴⁵ *Ibidem*, p. 240.

¹⁴⁶ *Ibidem*, p. 243.

¹⁴⁷ *Ibidem*, p. 238-247.

“Precisa-se de uma criada de servir...”¹⁴⁸

Nos Estados Unidos, após a abolição da escravidão, em 1865, e na Europa, após a Revolução Industrial e principalmente após o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, o êxodo de trabalhadores para a indústria provocou uma carência da oferta de mão-de-obra disponível para os trabalhos domésticos¹⁴⁹. Diferentemente da tendência que vinha ocorrendo nessas regiões, no Brasil, o grande número de atividades necessárias para o funcionamento de uma habitação, o desejo de manter o conforto e o *status* que representava ter alguém trabalhando na casa e a disponibilidade de mão-de-obra nos centros urbanos foram os principais fatores que permitiram a manutenção de elevados índices no setor de serviços domésticos.

Em São Paulo, a economia cafeeira atraiu uma grande quantidade de trabalhadores não apenas para as lavouras de café, mas também para a capital, sobretudo imigrantes das mais diferentes nacionalidades (italianos, portugueses, sírios, espanhóis, alemães). Alguns tiveram a viagem subsidiada pelo Estado, já outros chegaram por conta própria, porém todos estavam em busca de oportunidades de emprego e de sobrevivência. A essência da política de imigração foi a manutenção de oferta de mão-de-obra superior às necessidades da lavoura, de modo a manter sempre, em níveis elevados, a concorrência entre os trabalhadores e, em níveis baixos, a faixa salarial. Além da grande massa de imigrantes, a população pobre que chegava à cidade de São Paulo em busca de emprego era composta também por ex-escravos negros

¹⁴⁸ “Criado de servir”, “creado” ou “criado” eram termos utilizados para se referir aos trabalhadores empregados no serviço doméstico. A historiadora Flavia Fernandes de Souza, em sua dissertação de mestrado, faz uma análise do termo “servir”, cujo significado implicava uma variada gama de atividades: “prestar serviços de qualquer natureza”, “estar às ordens”, “obedecer”, “estar presente”, “em casa de alguém”. Já era utilizado desde a época da escravidão para se referir aos escravos, principalmente os domésticos; nota-se que seu uso permanece mesmo após a abolição. Além disso, pode-se considerar que a adoção de um termo geral para se referir aos criados, sem determinar as especificidades das atividades realizadas – cozinhar, lavar, passar, etc. –, abria margem para a superexploração desses trabalhadores. Cf. SOUZA, Flavia Fernandes de. *op. cit.*, p. 136.

¹⁴⁹ Na França, segundo Michelle Perrot, o número de empregados domésticos começa a decair a partir da década de 1880, quando o mercado de trabalho contabilizava um quadro de quase um milhão de servidores (três quartos deles compostos por mulheres). Em 1906, esse número já havia mudado para 200 mil postos de trabalho (o que correspondia a 11% da população). Segundo a autora, assim como ocorreu nos Estados Unidos no final do século XIX quando houve um êxodo de mão-de-obra servil para a indústria, as empregadas domésticas, depois de 1914, se tornaram cada vez mais raras não apenas na França, mas em toda a Europa. As casas com elevado quadro de empregados praticamente desaparecem e são substituídas por habitações com uma pequena família e uma empregada responsável por todo o serviço doméstico. Cf. BOXSHALL, Jan. *Good housekeeping: Every Home Should Have One*. London: Ebury Press Random House, 1997, p. 16-19; GIEDION, Siegfried. *Mechanization takes command: a contribution to anonymous history*. New York: W.W. Norton, 1948, p. 518-519; PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 244-245; 2007, p. 114-118; SARTI, Raffaella, *op. cit.*

que, após a abolição, viram-se incorporados às novas relações de trabalho¹⁵⁰. Em decorrência, houve um aumento substancial nos índices demográficos em toda a região.

As transformações impulsionadas pelo sucesso da produção de café tornaram a capital paulista um grande atrativo para aqueles em busca de emprego. A diversidade de ocupações absorveu grande parte de trabalhadores, contudo, a desproporção entre o aumento considerável e repentino de uma população pobre, em número superior às limitadas necessidades da indústria, do comércio e do setor de serviços, manteve muitos na situação de desempregados, contingente composto por imigrantes e ex-escravos. Diante dessa situação, os trabalhadores buscavam formas alternativas de sobrevivência, realizando atividades autônomas, temporárias ou informais¹⁵¹. Nessa conjuntura de instabilidade do mercado de trabalho e de alta rotatividade de mão-de-obra, o serviço doméstico empregou uma grande massa de trabalhadores pobres, sobretudo mulheres e crianças¹⁵², tornando-se, entre o final do século XIX e início do XX, uma forte opção para elas¹⁵³.

¹⁵⁰ De acordo com o censo de 1890, a população negra, em São Paulo, era de 17,9%. Ao mesmo tempo, em 1893, a população estrangeira na cidade era de 54,6% (destes, 62,7% eram italianos). Segundo Maria Alice R. Ribeiro, entre os anos 1904 e 1918, 650 mil imigrantes entraram no estado de São Paulo, destes, 430 mil (62%) vieram por conta própria, portanto estavam livres para procurar emprego fora das atividades ligadas à cafeicultura. Cf. MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.* p. 11; RIBEIRO, Maria Alice Rosa, *História sem fim: inventário de saúde pública*. São Paulo: Unesp, 1993, p. 142.

¹⁵¹ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 65-66; 96-97.

¹⁵² De acordo com autores de utilizaram dados censitários em suas pesquisas, cerca de 70% a 80% dos trabalhadores domésticos eram do sexo feminino. Cf. GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994; 2002; SOUZA, Flavia Fernandes de. *op. cit.*, p. 89; TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 49-50; 129-132; 149-150.

¹⁵³ Embora o foco desta pesquisa seja as empregadas domésticas, vale à pena acrescentar que também existiam trabalhadores do sexo masculino. Segundo uma das primeiras legislações que buscaram regulamentar o serviço doméstico na cidade de São Paulo, o capítulo *Criados e amas de leite* do *Código de Posturas* de 1886 incluía tanto homens quanto mulheres na categoria “criado de servir”. Apesar de ter sido em menor escala comparando com os dados referentes ao número de mulheres contratadas, a documentação demonstra que eles podiam ser cozinheiros, mordomos, copeiros, creados e lavadores, mas geralmente eram contratados para realizar tarefas externas, trabalhando como porteiros, cocheiros, jardineiros, entre outras funções. Desse modo, observa-se que o serviço doméstico era interpretado (como hoje ainda é) como um ofício tipicamente feminino por ser realizado na esfera privada. Segundo estudiosos do serviço doméstico, a feminização da atividade se deu por vários fatores, entre eles a cobrança de impostos sobre os empregados domésticos do sexo masculino no século XVIII; as mudanças na estrutura das famílias no século XIX; a separação entre espaços de trabalho e doméstico a partir da Revolução Industrial, destinando à mulher a responsabilidade pelo cuidado da habitação e dos filhos; a separação de trabalho produtivo e não-produtivo. Tais elementos teriam sido responsáveis também por aumentar a estigmatização da categoria. Cf. ARNOLD, Erik & BURR, Lesley. “Housework and the Appliance of Science”. In: ARNOLD, Erik et alii. *Smothered by Invention: Technology in Women's Live*. Londres, Pluto, 1985, p.145-161; *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, 1911-1927; *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*. p. 33; *O Estado de São Paulo*, 1875-1930; SARTI, RAFFAELLA, *op. cit.* Para feministas e autores que estudam o tema, a interpretação de trabalho doméstico (remunerado e não remunerado) como uma atividade tipicamente da mulher é apontada como o cerne da opressão feminina. Cf. “Conselho de Administração da OIT analisa situação dos trabalhadores domésticos no mundo”. Disponível em <<http://www.oitbrasil.org.br/content/conselho-de-administracao-da-oit>>

Segundo Sandra L. Graham, no Rio de Janeiro, em 1870, 34 mil mulheres (71% da mão-de-obra feminina ativa) exerciam alguma atividade como criada doméstica. Em 1906, essa proporção havia sido pouco alterada, girando em torno 77 mil mulheres (76% da mão-de-obra feminina ativa), o que significa que, mesmo após a expansão urbana e a abolição da escravidão, em 1888, o quadro de servidores domésticos se manteve elevado. Em São Paulo, de acordo com Maria Izilda Santos de Matos, em 1914, estimava-se um número de aproximadamente 40 mil trabalhadoras no setor, com cerca de 10 a 15 mil substituições por ano, período em que a população paulistana era em torno de 375 mil habitantes¹⁵⁴. Solteiras ou casadas, brancas ou negras, nativas ou estrangeiras, algumas mulheres chegavam acompanhadas pelo marido com ou sem filhos, os quais eram também contratados para integrar o corpo de empregados domésticos: “Offerece-se uma familia francesa, o marido para encerrar ou qualquer outro serviço, a mulher boa cozinheira, a menina de 17 anos para copeira ou arrumadeira”¹⁵⁵. De acordo com Maria Inez M. B. Pinto, elas trabalhavam desempenhando as mais diversas funções – cozinheiras, lavadeiras, engomadeiras, arrumadeiras, copeiras, pajens, governantas, amas-de-leite, costureiras e ajudantes – nas casas de famílias abastadas e de médios recursos, como “fazendeiros, comerciantes, financistas, profissionais liberais, pequenos funcionários públicos, pequenos vendedores” e de pequenos trabalhadores

analisa-situacao-dos-trabalhadores-domesticos-no-mundo>. Acesso em 9 jul. 2014; FERREIRA, Jorgetânia da Silva. op. cit., p. 17; HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. op. cit., p. 200-203; NOBRE, Miriam. op. cit.

¹⁵⁴ GRAHAM, Sandra L. op. cit., p. 18-26; 208; MATOS, Maria Izilda Santos de. op. cit., 1994, p. 206; 2002, p. 172-173; São Paulo (Munic.). *Leis e Resoluções da Câmara Municipal de São Paulo*, 1914. Os trabalhos de Sandra L. Graham e Maria Izilda Santos de Matos são bastante significativos para esta pesquisa, pois apresentam análises sobre o cotidiano dos empregados domésticos, as relações com seus empregadores e suas negociações e estratégias de sobrevivência, assim como inúmeras descrições da rotina de trabalho doméstico. Graham, historiadora norte-americana, publica, na década de 1985, a obra *Proteção e Obediência: criadas e seus padrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. Baseando-se em fontes diversas, dentre as quais estão incluídos dados censitários, periódicos, processos criminais, relatos de viajantes e material literário, a autora realiza um trabalho sobre o serviço doméstico no Rio de Janeiro entre o final do século XIX e início do XX. Em linhas gerais, Graham procurou enfatizar a natureza das relações estabelecidas entre empregadas domésticas (livres e escravas) e seus padrões; as relações seriam estabelecidas entre a proteção e a obediência, a casa e a rua, o privado e o público. Já Matos, em sua obra *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*, publicada em 2002, reflete acerca do cotidiano urbano e de trabalho de imigrantes nas cidades de Santos e São Paulo, entre os anos 1890 e 1930. Utilizando como documentação fontes médicas e sanitárias, boletins e estatísticas oficiais, atos, leis e resoluções municipais, Anais da Câmara Municipal de São Paulo e de Santos, além de jornais da época, textos de cronistas, memorialistas e depoimentos orais, a autora foca sua atenção nas experiências vividas por mulheres (particularmente imigrantes portuguesas) empregadas no serviço doméstico, nas “experiências por dentro”. Ela mostra que essas relações foram marcadas por dominação e exploração, mas também por cumplicidade e solidariedade. A obra se torna especialmente interessante para essa pesquisa, porque reconstrói diversas frações da história de empregadas, apresentando informações sobre a rotina de trabalho, as atividades de cozinha, o trato das roupas, o cuidado com louças, pratarias e demais utensílios utilizados no espaço e serviço domésticos.

¹⁵⁵ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 06 set. 1917, p. 11.

autônomos que haviam conseguido, com as mudanças na economia paulista, “uma modesta ascensão social, como era o caso de muitos ferreiros, sapateiros, marceneiros, etc.”¹⁵⁶.

Diante do grande número de atividades necessárias para o funcionamento de uma habitação, as famílias com melhores condições financeiras contratavam um ou mais servidores domésticos. Algumas casas, como a da família de Rafael Tobias Aguiar Paes de Barros (irmão da Marquesa de Itu e Barão de Piracicaba II), chegaram a ter até dezessete empregados¹⁵⁷. Porém, a despeito de um mercado favorável para se conseguir uma empregada, na capital paulista uma parcela significativa possuía apenas uma única criada responsável por realizar todas as tarefas da casa. Os perfis mais requisitados eram o da “criada para todo o serviço” e o da cozinheira “perita”¹⁵⁸. A grande maioria da população não podia arcar com os custos de uma doméstica, então era bastante comum que famílias menos abastadas, de classe média empobrecida e de operários com poucos recursos (alguns até muito pobres), contratassem ou pegassem para criar meninas órfãs e carentes¹⁵⁹, as chamadas “creanças desvalidas”, para auxiliá-las nas tarefas do lar. Sem receber salários, elas trabalhavam em troca apenas de casa, comida, roupas e até algum tipo de instrução: “Encontrando a dona de casa uma menina de bôa índole e querendo dispensar-lhe, a par de uma severidade justa e necessária, o carinho indispensavel ao desenvolvimento de suas bôas qualidades, poderá [...] ter uma auxiliar de primeira ordem”¹⁶⁰. Esse foi o caso, por exemplo, de D. Risoleta; aos oito anos de idade, foi encaminhada pela sua família para trabalhar como empregada em troca de alfabetização e de aprender o serviço doméstico¹⁶¹.

Tal atitude demonstra que as elites paulistanas impunham padrões de comportamento e de vida doméstica às famílias de poucos recursos financeiros. Sendo um modelo imitado em menor escala, trata-se de um estilo de vida que, em todas as suas variantes, dependia dos

¹⁵⁶ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 97.

¹⁵⁷ As famílias mais ricas que possuíam uma grande quantidade de escravos domésticos, após a abolição, procuraram manter a tradição de ter um extenso corpo de empregados trabalhando na casa. Segundo depoimento recolhido por Maria Cecília Naclério Homem, os netos do barão, que moraram no início do século XX, no palacete da família localizado na Rua Alegre, relataram que trabalhavam dezessete empregados: um porteiro, hortelão, dois cozinheiros, uma encarregada de rouparia, duas *femmes de cambre*, duas costureiras, duas pajens, uma criada auxiliar de todos, jardineiro, cocheiros, tratador de cães e mordomo italiano. Cf. HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O Palacete Paulistano e Outros Formas de Morar da Elite Cafeeira (1867-1918)*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 91.

¹⁵⁸ TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 49-50; 129-132; 149-150.

¹⁵⁹ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 97.

¹⁶⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 31.

¹⁶¹ A própria D. Risoleta, quando deixou a fazenda de D. Cotinha, em Ribeirão Preto, para morar em São Paulo, levou “uma italianinha [...] para cozinhar, lavar roupa, tomar conta da casa”. Cf. Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 371; 389.

empregados domésticos não apenas para suprir as necessidades da existência diária, mas também para exibir uma posição social de privilégios. Como afirma Sônia Roncador, ter um criado à sua disposição nesse período não significava apenas um conforto para as famílias privilegiadas, mas também certo *status* social que não foi abandonado após o fim da escravidão¹⁶².

Nas residências com muitos empregados havia uma rigorosa hierarquia estabelecida segundo as especialidades de cada função. Algumas obras prescritivas, principalmente os manuais franceses, preocupavam-se em descrever as atividades desempenhadas por cada criado doméstico: “Cada divisão do serviço tem um emprego correspondente, e cada emprego duas pessoas, em previsão dos descuidos e das doenças. Nenhuma d’ellas seria capaz de fazer qualquer cousa que não fosse de suas atribuições, por mais urgente que fosse a necessidade”¹⁶³. Embora na França as categorias fossem mais numerosas, no Brasil, como é possível observar pelos anúncios publicados em periódicos, algumas delas eram bem populares¹⁶⁴.

As governantas trabalhavam normalmente em lares sem dona de casa, de homens viúvos e solteiros, e ficavam responsáveis por administrar o trabalho dos demais empregados: “Certas casas de grande tratamento têm um independente ou um mordomo encarregado de alugar os criados e vigiar que o serviço se faça com regularidade *mathematica*”; “É elle que recebe as ordens geraes para o dia e as transmittre. Os alugueis e as gratificações são pagos por elle”¹⁶⁵. Nos manuais estrangeiros, sobretudo os franceses, essa função era de responsabilidade masculina (os mordomos), mas no Brasil, conforme os anúncios em jornais, a ocupação ficava a cargo de mulheres. Dava-se preferência às mulheres de meia idade e às alemãs, pois eram consideradas mais rigorosas e dinâmicas¹⁶⁶. No geral, eram mulheres que se diferenciavam por um nível educacional mais elevado, sendo assim, em algumas famílias,

¹⁶² RONCADOR, Sônia, *op. cit.*, 2007a., p. 95

¹⁶³ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 33.

¹⁶⁴ Nos manuais franceses são encontradas descrições das funções de um grande quadro de funcionários que uma habitação poderia ter: *le groom, le valet d’écurie, le cocher, le cuisinier e la cuisinière, le valet de chambre, la serviteur pour tout l’ouvrage de la maison, la bonne pour tout le faire, la femme de chambre, la bonne d’enfant, la gouvernante étrangère, la nourrice, la nou-nou*, etc. Porém, no Brasil, como a maior parte das famílias não poderia arcar com os custos de uma empregada doméstica, as descrições encontradas nas obras francesas não se aplicavam à realidade local. A partir de anúncios publicados nos periódicos, as categorias mais populares eram: governantas, cozinheiras, engomadeiras, copeiras, amas-de-leite, pajens e lavadeiras. Cf. BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 228-287; *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, 1911-1927; GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 68; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 125-136.

¹⁶⁵ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 33-34.

¹⁶⁶ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 117; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 135.

elas assumiam o papel de professoras e preceptoras das crianças¹⁶⁷, como foi o caso de Ina von Binzer e D. Jovina¹⁶⁸. Completando a educação das moças, ensinavam uma língua estrangeira, regras de etiqueta, técnicas de desenho e pintura, a tocar piano e a confeccionar pequenos trabalhos manuais¹⁶⁹. Chamadas de “madame”, “mademoiselle” ou “Fräulein”, os manuais de prescrição de conduta aconselhavam a tratá-las sempre com muito respeito, sendo a categoria profissional com que os patrões toleravam maior proximidade¹⁷⁰. Nos jornais, os anúncios indicavam os predicados esperados para essas profissionais: “alemã, falando português”; “moça educada e diplomada”; “senhora de educação distinta”.

*Governante – Professora allemande, enseignant le français, l’anglais, travaux manuels, désire place dans famille distinguée. Diplom. et hautes références*¹⁷¹.

Precisa-se de uma ama governanta alleman que queira acompanhar uma familia a uma fazenda, encarregando-se de leccionar a um menino de 8 annos e fazendo outros serviços de casa¹⁷².

Sendo um dos perfis mais requisitados, as cozinheiras eram majoritariamente brasileiras e negras (correspondendo a 85% delas). Embora sua especialidade fosse o serviço da cozinha – produção, beneficiamento, limpeza e preparo de alimentos, abastecimento de água, organização e higienização do espaço e, em alguns casos, abastecimento da despensa da casa¹⁷³ –, de acordo com Lorena Féres da Silva Telles, nas casas onde elas eram a única

¹⁶⁷ No Brasil, as famílias mais endinheiradas contratavam professoras e preceptoras para ensinar, sobretudo jovens moças, a ler, tocar piano, aprender francês, regras de etiqueta e trabalhos manuais. Em geral, eram imigrantes europeias que possuíam alguma instrução. Cf. AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; BARROS, Maria Paes de. “No tempo de dantes”. In: MOURA, Carlos Eugênio de (org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Unesp; Imprensa Oficial, Sec. Estado da Cultura, 1998, p. 91-140; BINZER, Ina von. *Os Meus Romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994; Depoimento de D. Jovina. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 267, 286-287; LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec/Fundação Nacional Pró-Memória, 1984, p. 126-128.

¹⁶⁸ A alemã Ina von Binzer trabalhou entre os anos 1881 e 1884 como preceptora na casa de várias famílias de elites do Rio de Janeiro e de São Paulo. Cf. BINZER, Ina von. *op. cit.*. D. Jovina nasceu em 1897, em Ribeirão Preto; era filha de um engenheiro da Estrada de Ferro Mogiana. Estou na Escola Normal e se tornou, anos depois, professora, lecionando para crianças de famílias das elites paulistanas. Cf. Depoimento de D. Jovina. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*

¹⁶⁹ BARROS, Maria Paes de. *op. cit.*, p. 94; 100; 107; LEITE, Miriam Moreira (Org.). *op. cit.*, p. 46; 85.

¹⁷⁰ Em várias obras prescritivas são encontrados capítulos referentes a professores e preceptoras. Na hierarquia de trabalhadores domésticos, essa categoria tinha alguns privilégios dos quais outros empregados não gozavam. Como exemplo, a eles era permitido fazer refeições junto à família patronal, enquanto os demais empregados deveriam comer na cozinha ou em outro espaço destinado a eles. De acordo com Raffaella Sarti, a origem dessa separação remonta os séculos XVII e XVIII, quando os criados domésticos foram divididos em duas categorias: *serviteurs* e *domestiques*. Cf. BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 63-64; BINZER, Ina von. *op. cit.*, p. 18-19; SARTI, Raffaella, *op. cit.*; STAFFE, La Baonne. *op. cit.*, p. 33-36.

¹⁷¹ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 abr. 1914, p. 13.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ Sandra L. Graham comenta que durante o século XIX, no Rio de Janeiro, as atividades de obtenção de água em chafarizes e a compra de alimentos no mercado ficavam sob a responsabilidade de escravas domésticas mais

criada, elas acumulavam outras atividades como limpar, lavar e passar¹⁷⁴: “ALUGADA: Na rua Direita, n. 20, sobrado, aluga-se uma preta de meia idade, que sabe cosinhar, lavar e engommar, sadia e sem vícios. Quem precisar dirija-se á casa acima referida que achará com quem tratar”¹⁷⁵. As copeiras ficavam encarregadas do serviço de mesa e dos cuidados com a louça, cristais e prataria¹⁷⁶. Em alguns casos, poderiam ajudar nas atividades da cozinha. Em casas de famílias abastadas, jantares cerimoniais e festas, indicava-se que o serviço fosse feito por um criado homem – “Grandes banquetes exigem que o serviço seja feito pelos criados (homens) vestidos de casaca ou “libré”, luvas de escocia branca e guardanapo sobre o braço esquerdo”. As mulheres deveriam ser empregadas apenas em jantares íntimos e vestiriam avental mais simples, “preto, com touca e colarinho brancos [...], conforme o uso da casa”¹⁷⁷.

As amas-de-leite eram mulheres brancas ou negras, casadas ou solteiras, imigrantes ou estrangeiras, contratadas para amamentar os filhos dos patrões. Tendo de dormir “no aluguel”, algumas poucas recebiam a permissão para levar consigo seus próprios filhos, o que resultava na redução do valor do pagamento; outras eram contratadas para criar as crianças em suas próprias residências, as chamadas “amas criadeiras”¹⁷⁸. Tratava-se de uma atividade de grande responsabilidade já que os patrões confiavam a vida de seus filhos. Além disso, tal função requeria paciência, dedicação, alimentação especial e cuidados que iam além do constante asseio corporal. Para ser contratada, indicava-se aos patrões que exigissem o registro no *Livro de Inscrição de Empregados* da polícia, caderneta de trabalho doméstico e um atestado de que não tivesse nenhuma doença contagiosa¹⁷⁹. Além da “boa saúde”, algumas famílias pediam que a ama tivesse “bons costumes”, fosse “carinhosa”, “fiel” e “obediente”. Após o período de amamentação, quando permaneciam servindo a mesma família, eram deslocadas para realizar outras atividades, trabalhando como cozinheiras, “amas secas” e “criadas de todo o serviço”.

velhas, pois além de mais experientes na compra, sabiam se mover e se defender no espaço da rua. As atividades na cozinha ficavam a cargo das criadas “de dentro” que se dedicavam exclusivamente a essas tarefas. Com o crescimento do comércio e o aparecimento de vendedores ambulantes que passaram a fazer entregas de uma série de produtos na porta das casas, diminuiu-se a necessidade de sair às ruas para fazer alguma compra. Cf. GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 62.

¹⁷⁴ TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 49-50; 129-132; 149-150.

¹⁷⁵ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1875, p. 3.

¹⁷⁶ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 48.

¹⁷⁷ D’ÁVILA, Carmen. *Bôas Maneias: Manual de Civilidade*. Rio de Janeiro: Editora Companhia Nacional S/A, s.d., p. 148.

¹⁷⁸ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 110-111; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 149.

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 149-155.

As amas secas e as pajens eram contratadas para cuidar de crianças e adolescentes. As primeiras, geralmente mais velhas, eram antigas amas-de-leite que permaneciam na casa dos patrões após o período de amamentação: “CRIADA: Precisa-se de uma para servir de ama secca para uma criança; é para passar temporariamente n’uma fazenda no interior. Paga-se perfeitamente”¹⁸⁰. Para a ocupação de pajem, dava-se preferência às meninas de 11 ou 12 anos, que recebiam os menores salários (tabela 1), pois era considerada uma atividade mais “leve” ou até mesmo uma “brincadeira”¹⁸¹: “Offrece-se uma menina de 13 annos, portugueza, para pagem ou serviços leves. Tratar á rua d. José de Barros, 22”¹⁸².

Como é possível observar em anúncios publicados nos jornais, embora começasse a entrar em desuso, algumas famílias mais abastadas ainda mantinham o hábito aristocrático, herdado da época da escravidão, de contratar acompanhantes e “criados pessoais” (“criados de quarto”, “damas de companhia” ou “*femme de chambre*”) para realizar pequenos serviços íntimos, tarefas de confiança ou ficar à disposição dos donos da casa ou de seus filhos para o que fosse necessário¹⁸³: “Precisa-se de uma creada de quarto, não tendo de lavar nem engomar. Exige-se boas referências”¹⁸⁴. Esse foi o caso, por exemplo, do pai de D. Risoleta, que era “um mulato bonito, filho de pai português e mãe pretinha, que tinha cabelo bom, ondulado, falava muito bem, foi mucamo de luxo pra família de Egídio de Souza Aranha”. Durante o período que trabalhou para a família, “atendia os meninos, ia buscar o correio na cidade, acompanhava os moços quando saíam e quando era tempo da colheita do café tomava conta dos camaradas”¹⁸⁵. No caso das empregadas mulheres, elas eram responsáveis também por acompanhar as senhoras e as moças em passeios por vias públicas¹⁸⁶.

Eventualmente contratavam-se trabalhadores temporários, como arrumadeiras, diaristas, enceradores, engomadores, lavadeiras, costureiras, entre outras categorias de criados domésticos¹⁸⁷. Destaca-se, em especial, a ocupação das lavadeiras; essa se tornou uma das atividades autônomas mais procuradas por mulheres pobres, sobretudo, as casadas. Sendo um

¹⁸⁰ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 jul. 1891, p. 2.

¹⁸¹ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 35-36; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 204; 2002, p. 123.

¹⁸² *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 fev. 1918, p. 13.

¹⁸³ Faziam trabalhos pessoais aos patrões como as antigas mucamas da época da escravidão. Cf. GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 50; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 136.

¹⁸⁴ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 09 ago. 1898, p. 3.

¹⁸⁵ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 363; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 98.

¹⁸⁶ Embora o hábito começasse a mudar no início do século XX, algumas senhoras e moças de certa posição social não saíam desacompanhadas às ruas.

¹⁸⁷ MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 106; 2002, p. 25-136.

trabalho doméstico realizado geralmente fora da habitação dos patrões (rios, chafarizes públicos e pátios coletivos de cortiços)¹⁸⁸, proporcionava maior liberdade a essas mulheres que podiam cuidar de suas próprias casas, filhos e demais interesses, além de permitir angariar alguns trocados para complementar o orçamento familiar¹⁸⁹: “Ganhava o sustento no tanque e no fogão. E engomava blusa, vestidinho, saião de linho, terno. Vinha pra lavar, passar, engomar e fazer tiotê nas rendas”¹⁹⁰. Como frequentemente envolviam-se em brigas e acabavam na polícia, eram consideradas mulheres briguentas¹⁹¹. Assim como as amas-de-leite, no final do século XIX, as lavadeiras foram acusadas de propiciar a propagação de doenças e epidemias, havendo uma forte tentativa de controle de suas atividades por parte das autoridades e médicos.

Além da prática habitual de solicitar a um empregado que recomendasse um parente, vizinho ou conhecido, uma das principais maneiras de recrutar uma criada era por meio de anúncios publicados em jornais¹⁹². Seguindo praticamente o mesmo padrão – texto pequeno e direto, muitas vezes com expressões como “CRIADA”, “SERVIÇO DOMESTICO” ou “PRECISA-SE” destacadas em letras maiúsculas –, nota-se uma grande variedade de oferta e procura de diferentes categorias profissionais de “criados de servir” em periódico de grande circulação como *O Estado de São Paulo*:

Alugada – Precisa-se de uma para cosinha e que durma na casa. Paga-se bem¹⁹³.

Creada – Precisa-se de uma para o serviço interno de casa de família¹⁹⁴.

Precisa-se de uma criada que durma no aluguel¹⁹⁵.

SERVIÇO DOMESTICO – Ama de leite, de 26 annos, leite de 4 mezes, offerece-se para casa dos patrões¹⁹⁶.

¹⁸⁸ Havia lavadeiras que trabalhavam como mensalistas na casa dos patrões. Cf. AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 44-45.

¹⁸⁹ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 54; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 198-201; 2002, p. 149-155; TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 159-175.

¹⁹⁰ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 321-322.

¹⁹¹ Segundo Matos, os conflitos que envolviam lavadeiras, registrados na imprensa diária e nos relatórios dos chefes de polícia, eram causados principalmente por disputas pelo uso de espaços e materiais de trabalho nos rios, bicas e chafarizes. Cf. MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 143-146.

¹⁹² No Rio de Janeiro, conforme estudou Flávia F. de Souza, tais anúncios eram administrados por agências de recrutamento ou casas de comissão que, desde o período da escravidão, eram um valioso instrumento para quem procurava emprego ou precisava recrutar empregados. Mesmo operando por intermédio de taxas a serem pagas, a grande quantidade de anúncios encontrada nos periódicos sinaliza que essa foi uma prática efetiva. Além disso, tais anúncios também podem indicar uma das características do setor: a alta rotatividade. Apesar de na documentação analisada nesta pesquisa não haver qualquer informação sobre a existência desse tipo de serviço na cidade de São Paulo, pode-se considerar que aqui as agências também tenham atuado. Cf. SOUZA, Flavia Fernandes de. *op. cit.*, p. 77-78; 75-143.

¹⁹³ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18 abr. 1875, p. 3.

¹⁹⁴ Idem.

¹⁹⁵ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 11 mar. 1902, p. 3.

Como não se conhecia, muitas vezes, a procedência dessas trabalhadoras, algumas famílias exigiam, como também era aconselhado por autores de manuais femininos, cartas de “boas referências de conducta”, escritas por antigos patrões, e atestado de “boa saúde”, expedido por uma autoridade médica (principalmente para os cargos de amas-de-leite): “E’ de toda vantagem procurar obter informações sobre a criada. Em geral as donas de casa preferem as que já estiveram empregadas [...]. Sendo possível, deve a dona de casa em pessoa tomar informações com os amos primitivos, embora não os conheça”¹⁹⁷. A preferência por empregadas experientes oferecia a possibilidade de se obter informações sobre seu comportamento, estado de saúde e habilidades.

Ainda sobre a publicidade de oferta e procura de criados, analisando os anúncios encontrados em periódicos da época, dois pontos chamam a atenção e valem aqui ser ressaltados. O primeiro deles refere-se ao termo utilizado para contratar um empregado: “aluguel”. Durante o período escravista, um cativo poderia ser “alugado” por seu senhor para a prestação de serviços a terceiros. A permanência do uso do termo, encontrado não apenas em anúncios de jornal após 1888, mas também na legislação da época, demonstra que o imaginário escravista ainda estava muito presente na sociedade brasileira no início do século XX. Além disso, como também supôs Flavia F. de Souza, pode-se pensar que, mesmo com a abolição, trabalhadores livres tenham permanecido exercendo modalidades de trabalho que se assemelhassem ao trabalho escravo¹⁹⁸. O segundo ponto que chama atenção é a preferência de famílias por criadas estrangeiras.

Creada – Precisa-se de uma creada para arranjos de casa de casal só e que saiba encerrar. Só serve estrangeira, de preferência franceza, ingleza ou alleman, que seja bastante aseada e de boa apparencia. Dorme no aluguel; paga-se até 50\$000 por mez. E’ inutil apresentar-se sem ser nestas condições¹⁹⁹.

Um cazal allemão, sem filhos deseja empregar-se em casa particular ou hotel. O marido como copeiro, a mulher como criada ou engommadeira. Boas recommendações. A. E. J. Caixa do Correio, n. 18, S. Paulo²⁰⁰.

Copeira ou arrumadeira – oferece-se moça portuguesa de 17 anos para casal estrangeiro ou pequena familia de tratamento²⁰¹.

¹⁹⁶ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 abr. 1914, p. 13.

¹⁹⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 240.

¹⁹⁸ SOUZA, Flavia Fernandes de. *op. cit.*, p. 110-114.

¹⁹⁹ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 09 de fev. 1915, p. 10.

²⁰⁰ *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 07 jun. 1888, p. 3.

²⁰¹ *Diário Popular*, 21 jan. 1926. Anúncio extraído de MATOS, Maria Izilda Santos de. *Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano*. São Paulo séculos XIX e XX. Bauru: EDUSC, 2012, p. 90.

Precisa-se de uma criada de todo o serviço, menos cosinhar e lavar em casa de pessoa só. Exigem-se referências e que seja branca, de preferência portuguesa, pague-se bem²⁰².

A ampliação da participação dos imigrantes no serviço doméstico se insere num quadro de transformações mais amplas do mercado de trabalho brasileiro. Como argumentou Jeffrey Needell, a maior presença de habitantes europeus (não-portugueses) no Brasil faz parte de um contexto de apogeu do neocolonialismo. Junto à urbanização *à la européenne* (uma urbanização seguindo modelos europeus), à manutenção de uma economia agroexportadora e à emergência de elites urbanas ávidas por adquirir produtos e hábitos europeus, houve um forte incentivo à imigração de estrangeiros brancos após a abolição da escravidão²⁰³. Como observam vários viajantes do período, o aumento no número de imigrantes alterou o público das ruas, a mão-de-obra nas lavouras e nas fábricas e, como não poderia deixar de ser, também nas casas de famílias burguesas que passaram a empregá-los como criados²⁰⁴. Contudo, não se pode esquecer que a política de imigração adotada no Brasil estava pautada em teorias evolucionistas e raciais, amplamente divulgadas no século XIX, que dividiam a humanidade entre “raças dominantes” ou “superiores” (branca) e “raças inferiores” (negra, indígena, mestiças) que deveriam ser civilizadas. Com o ideal de promover o “embranquecimento” da população, acreditava-se que, por meio de várias miscigenações, a introdução do “branco”, com o incentivo à imigração de populações europeias, poderia extinguir o elemento negro da sociedade e, assim, tornar o país uma nação moderna²⁰⁵.

Ademais, a preferência por empregadas brancas está relacionada também à associação que era feita entre escravidão e serviço doméstico. Durante boa parte da história do país, quase todas as atividades em uma habitação eram realizadas por escravos negros. Estabelecendo uma relação ambígua e tensa com seus senhores, marcada por sentimentos de desconfiança e ódio, mas também de afeição e cumplicidade, os escravos domésticos eram considerados muitas vezes uma ameaça à “paz doméstica”, um inimigo em potencial. Nos últimos anos do século XIX, principalmente após a aprovação da Lei do Ventre Livre, em

²⁰² *Diário Popular*, 7 jan. 1926. Anúncio extraído de MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2012, p. 90.

²⁰³ NEEDELL, Jeffrey. *op. cit.*, p. 167.

²⁰⁴ Telles apresenta dados numéricos que explicitam a crescente presença de imigrantes brancos no serviço domésticos na cidade de São Paulo. Cf. TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 126-141.

²⁰⁵ As teorias evolucionistas e raciais do século XIX consideravam que a miscigenação era uma das principais causas da decadência moral e econômica de um país. Então, para superar o caráter imobilizante do determinismo racial, os intelectuais brasileiros interpretaram, revisaram, renovaram tais teorias, e inverteram o paradigma racial defendendo a mestiçagem como um caminho para o aprimoramento da raça. Desse modo, seria a mestiçagem que levaria ao “embranquecimento” do povo, que anularia os traços herdados das populações indígenas e negras. Cf. DE LUCA, Tania Regina. *op. cit.*, p. 202-238; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

1871, esse sentimento de desconfiança foi intensificado. Visto como alguém dotado de “malícia”, “vícios”, “ignorância” e “inveja”, os cativos eram vistos como uma verdadeira ameaça à integridade física e moral das famílias senhoriais; considerava-se que eles não hesitariam em praticar, “por inveja ou vingança”, atos de violência contra seus senhores. Mesmo após a abolição, ao contrário do que se acreditava, o medo que as elites tinham da população ex-escrava não foi superado; permaneceu-se no imaginário a ideia de que o negro representava uma ameaça à propriedade, à segurança, à saúde e à moral das famílias “distintas” e bem estabelecidas da sociedade. Sendo assim, os trabalhadores domésticos – a maioria deles, desde a década de 1880, mulheres negras (ex-escravas libertas ou já nascidas livres)²⁰⁶ – acabaram herdando todos os estigmas da escravidão²⁰⁷. Logo, a preferência pela contratação de mulheres estrangeiras e brancas para trabalhar como empregadas em casa de família não pode ser entendida somente como uma maior disponibilidade no mercado de uma mão-de-obra feminina europeia, mas como parte de um contexto mais complexo em que se valorizava o imigrante branco como um indivíduo civilizado, honesto, ordeiro, sincero e pacífico, preenchendo, portanto, o perfil considerado ideal para o serviço doméstico²⁰⁸.

A fascinação por europeias brancas era revelada não apenas pelos anúncios de jornais, mas também pelos manuais femininos, pela literatura e pela publicidade. Júlia Lopes de Almeida, em sua obra *Livro das Noivas*, ao descrever romanticamente o interior de uma habitação, incluiu a perfeita empregada doméstica: “a criada, suíssa deslavada, de faces côr de nata e cabelo côr de milho maduro”²⁰⁹. Essa descrição em nada se assemelhava à imagem das domésticas negras presentes nas obras literárias. Em *A viúva Simões*, obra também de autoria de Almeida, a “mulatinha” Simplícia, uma das criadas que trabalhava na casa de Ernestina Simões, apesar de ter embutido em seu nome a simplicidade, inspirava o medo e a desconfiança do narrador por causa de seus traços brutalizados e animalizados: a moça de quinze anos, baixa e magra, tinha “um focinho de fuinha e olhos pequenos, perspicazes e

²⁰⁶ Apesar da declarada preferência pela contratação de empregadas estrangeiras e brancas, conforme demonstrou Lorena F. S. Telles, no final do século XIX, a maioria das mulheres contratadas como servidoras domésticas eram brasileiras e negras. Muito provavelmente esses dados tenham sofrido alterações nas décadas seguintes, porém ainda assim pode-se considerar que o percentual de empregadas negras tenha continuado elevado. Cf. TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*

²⁰⁷ RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 95; _____. Histórias paranóicas, criados perversos no imaginário literário da *Belle Époque* tropical. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007b, p. 138.

²⁰⁸ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 35; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 122; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 101.

²⁰⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 153.

terríveis”. Simplícia é descrita como atrevida; na ausência de Ernestina, aproveitava para furtar alimentos e mexer nos pertences da patroa²¹⁰.

No que concerne à publicidade, como já mencionado, das 95 imagens de empregadas domésticas localizadas nos anúncios do *Mappin Stores*, publicados entre os anos 1913 e 1930, em apenas uma delas foi retratada uma mulher negra. Confrontando dois anúncios (figuras 8 e 9), pode-se fazer algumas proposições. No tocante à primeira imagem, trata-se de uma propaganda de aventais e toucas para empregadas. O título do anúncio informa “Vista suas criadas com distinção”. Representando o perfil ideal de doméstica, as mulheres na propaganda são brancas, magras e vestidas com uniformes; suas poses são elegantes e as mãos expõem delicadamente os utensílios utilizados na limpeza da casa, não deixando transparecer quão pesada era a rotina de trabalho. O texto informa “As visitas ficarão bem impressionadas”, sugerindo que elas deveriam ser exibidas aos visitantes. Comparando as modelos desse anúncio com as de anúncios de roupas para senhoras (figura 10), nota-se uma grande semelhança em suas silhuetas e posturas corporais. Isso permite pensar que a criada distinta seria aquela que se assemelharia fisicamente à patroa²¹¹. Como relação à outra publicidade, que anuncia a nova seção de “Utensílios domésticos”, a mulher representada é uma cozinheira negra, corpulenta, com avental simples e pano na cabeça; seu corpo, de perfil, não é visto por completo e suas mãos aparecem em ação, mexendo as panelas. Como a cozinha era um dos locais mais desprestigiados da casa e onde, portanto, as visitas não se aproximavam, fica subentendido que ali seria o lugar das empregadas negras. Logo, os patrões não precisavam se preocupar com a aparência de suas vestes. Acredita-se também que a representação da cozinheira como uma mulher negra e forte está relacionada ao mesmo fator que considerava o leite das amas negras mais nutritivo que o das mulheres brancas: as negras estariam mais adaptadas aos trópicos, seriam mais fortes e, dessa forma, mais aptas aos trabalhos mais pesados.

²¹⁰ Idem, 1999 apud RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 101; 2007b, p. 134.

²¹¹ A comparação entre as figuras 8, 9 e 10 aponta também outra questão relevante: nos anúncios do *Mappin Stores*, a única negra era uma empregada doméstica. Dito de outra maneira, nenhuma patroa foi representada pela imagem de uma mulher negra. Isso não significa que não existiam patroas negras – D. Risoleta, por exemplo, contou que pegou uma “italianinha” da fazenda de D. Cotinha para trabalhar em sua casa –, mas que patroas sempre eram associadas a mulheres brancas.

4/3/23 RM
23/54, C1

MAPPIN STORES

SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

Vista suas criadas com distincção

As visitas ficarão bem impressionadas. As roupas que mencionamos abaixo são bonitas e duráveis.

TOUCA branca plissada na frente
6\$000

AVENTAL de superior morim, com ponto "à jour",
6\$500

LAÇO de nanzouck com bord. e applicações
3\$000

VESTIDO de tricotine de algodão preto com pregulhas
35\$000

TOUCA de mol-mol toda bordada
4\$000

AVENTAL de forte morim com bolso e bordados
6\$800

TOUCA branca com en-felte bordado
6\$000

AVENTAL de mol-mol branco com renda e ponto fantasia
9\$500

MAPPIN STORES

Figura 8. Aventais para criadas. *Mappin Stores*. "As visitas ficarão bem impressionadas. As roupas que mencionamos abaixo são bonitas e duráveis".

"Vista suas criadas com distincção". *O Estado de São Paulo*, 04 mar. 1923, p. 11. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

15/12/22 12/205, RM, C.S.G.

MAPPIN STORES
SOCIÉDADÉ ANÓNIMA INGLEZA

UTENSÍLIOS DOMESTICOS
A NOSSA NOVA SECÇÃO

BATERIAS DE ALUMÍNIO

Possuímos um sortimento completo de utensílios de alumínio, das melhores marcas nacionais e estrangeiras.

BATERIA DE ALUMÍNIO completa, 12 peças com garantição de metal, a saber:

2 caldeirões	2 frigideiras	Preço especial
3 caçarolas	1 passador para massa	120\$000
1 concha	1 passador para caldo	
1 espumadeira	1 forma para pudim

"PYREX"
DE VIDRO À PROVA DE FOGO E CALOR

"PYREX" é a última palavra em utensílios para cozinha. Os doces e assados feitos em "PYREX" têm aspecto apetitoso, e assado.

Além disso, o vasilhame "PYREX" aquece mais depressa que qualquer outro.

Louça esmaltada "ANGLO"

É a melhor louça esmaltada que há actualmente em S. Paulo. Artigo inglês garantido.

BATERIA completa, composta as seguintes peças

2 caldeirões	1 fervedor para leite
3 caçarolas	1 passador para massa
2 frigideiras	
1 chaleira	110\$000
1 concha	
1 espumadeira	

SECÇÃO DE "UTENSÍLIOS DOMESTICOS" — NO 2. ANDAR

MAPPIN STORES

Figura 9. Propaganda de utensílios domésticos. *Mappin Stores*.

"Utensílios domésticos: a nossa nova secção". *O Estado de São Paulo*, 22 dez. 1922, p. 7. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

16/7/12

MAPPIN STORES

SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

19/20, C. J. G.

Continuamos a receber, por todos os vapores da Inglaterra e França, mercadorias destinadas as diversas secções da casa — Para as secções de Modas recebemos esta semana artigos de alta novidade e caprichoso gosto que não deixarão de interessar as nossas distintas freguezas.

BLUSAS

Da nossa grande e variada collecção de Blusas, destacamos um modelo gracioso que deverá ter muita acceitação.

D 98 — Blusa de cambré, branca, bordada a mão e gola de organdy. 23\$000
Temos a mais fina collecção do Brasil.

Vestidos para o verão

QUATRO MODELOS CHICS IMPORTADOS DA EUROPA

Estes modelos, que são de uma notavel simplicidade, são do Crapo Georgette de algodão, com guarnição de bordado de seda, e botões de fantasia. — Os preços são desde 14\$55 até 17\$55
Temos bonito sortimento de cores

Chapéus

Chamamos a attenção de nossas freguezas para os lindos chapéus para o verão em organdy, branco e cores — estilo «Capellins» com barra bordada.
Preço 35\$000

BORDADOS E RENDAS

Temos um grande sortimento em todas as larguras e qualidades

Tecidos de algodão

O nosso stock de tecidos para o verão está completo com as ultimas novidades.
VOILE «ALSA» em diversos numeros de cores finas.
Larg. 1,10 m. metro 6\$500
CAMBRAIAS e linho em cores claras. Larg. 1,10 m. 10\$000
ESTABANIS bordados em cores de vestido metro 1\$5 até 1\$5

GRANDE OCCASIAO EM SEDAS — Continuamos por mais alguns dias a nossa offerta de 300v mts. de seda francesa por preços de occasião.

FITAS DE LINGERIE

Qualidades optimas em todas as cores

	1	2	3	5
LIBERTY	1\$400	3\$200	4\$500	9\$
LAVAVEL	2\$800	4\$500	6\$	8\$500
SERIRANIS	—	9\$20v	9\$	1\$5

Secção branca Especial!

CAMBRAIA DE LINHO ARTIGO FINISSIMO
Largura 90 cm. metro 8\$000
Preço regular 10\$000

Meias de seda

Acabamos de receber mais uma grande remessa das nossas alfama das qualidades
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
7\$500 8\$500 9\$800 12\$500
Preço especial por 3 pares

Artigos para bebê

Acabamos de receber uma bonita collecção de TOUCAS BORDADAS, CHAPEUS DE TULLE e NANSUK enfeitados de renda
de 22\$000 até 35\$000

Novidades em todas as secções da casa

MAPPIN STORES - S. PAULO

Figura 10. “Continuamos a receber por todos os vapores da Inglaterra e França, mercadorias destinadas as diversas secções da casa — Para as secções de Modas recebemos esta semana artigos de alta novidade e caprichoso gosto que não deixarão de interessar as nossas distintas freguezas”. Com esse texto, a loja anunciava a chegada de blusas, vestidos para o verão, chapéus, tecidos de algodão, fitas de lingerie, meias de seda, peças da “secção branca”, vestidinhos para crianças e artigos para bebê, demonstrando que a maioria dos produtos do Mappin, nesse momento, estavam ligados, direta ou indiretamente, ao público feminino. Com relação às quatro

mulheres localizadas na posição central e representadas no anúncio de “Vestidos para o verão”, pode-se dizer que suas posturas são muito semelhantes às das empregadas do anúncio “Vista suas criadas com distinção” (figura 8).

Anúncio do *Mappin Stores*, publicado n’ *O Estado de São Paulo*, 16 jan. 1918, p. 7. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Além das questões raciais, segundo Matos e Graham, os patrões distinguiam suas criadas também por idade. Enquanto as crianças eram recrutadas para realizar atividades mais “leves”, algumas famílias davam preferência às mulheres mais velhas, pois as consideravam mais experientes e confiáveis para o serviço. Diferente das jovens moças que precisavam de treinamento para aprender os afazeres domésticos, uma senhora de meia idade competente já conhecia toda a rotina de uma casa. Acreditava-se também que elas causavam menos problemas, porque dificilmente ficariam grávidas ou levariam consigo os filhos pequenos. Logo, o casamento e, principalmente, a maternidade alteravam a participação da mulher na função de doméstica, pois geralmente a função era abandonada ou passava-se a trabalhar como diarista²¹². Tais elementos demonstram que não apenas o gênero, mas também a cor da pele, a idade e o estado civil determinavam os cargos a serem ocupados pelas criadas.

Os salários dos servidores domésticos eram definidos arbitrariamente pelos patrões e podiam variar muito de uma casa para outra, embora órgãos institucionais estabelecessem uma média de valores. De acordo com o Boletim do *Departamento Estadual do Trabalho*, referente ao 3.º trimestre de 1912 (tabela 1), os ordenados dos servidores domésticos do Estado de São Paulo eram estipulados entre 15\$000 e 150\$000 mensais. Além dos homens receberem os maiores valores, observa-se também que a categoria feminina melhor remunerada era a das amas-de-leite²¹³. Comparando-os com os ordenados de outras categorias profissionais, os salários dos trabalhadores domésticos eram ainda mais baixos: por exemplo, enquanto uma “creada para todo o serviço” ganhava em torno de 40\$000 a 60\$000 por mês, um cocheiro recebia de 120\$000 a 150\$000, um eletricitista, de 210\$000 a 250\$000 e um maquinista de trem a vapor, de 120\$000 a 180\$000²¹⁴. Ademais, de acordo com Pinto, o elevado custo de vida nas primeiras décadas do século XX fazia com que muitas famílias de trabalhadores pobres tivessem dificuldades para arcar com as despesas mais ordinárias²¹⁵.

²¹² MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 160.

²¹³ Embora esta documentação não demonstre, segundo Telles, havia ainda a diferença de salários pagos para empregadas brancas e negras; estas recebiam os ordenados menores, chegando em alguns casos a ser metade do valor das primeiras. Cf. TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 126-175.

²¹⁴ “Salarios correntes na cidade de São Paulo”. In: *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*. Anno I, n. 4, 3.º Trimestre, São Paulo, 1912, p. 525-529.

²¹⁵ Analisando o Boletim do *Departamento Estadual do Trabalho* referente ao segundo trimestre de 1913, obtém-se informações sobre o valor dos produtos de primeira necessidade: o quilo de açúcar refinado custava,

SERVIDORES DOMÉSTICOS		
Categoria de profissionais	Salários por dia	Salários por mês
Cozinheiro		80\$000 a 150\$000
Cozinheira		50\$000 a 80\$000
Creada (para todo o serviço)		40\$000 a 60\$000
Creado (para todo o serviço)		50\$000 a 70\$000
Copeiros		50\$000 a 100\$000
Pagens (menores)		15\$000 a 30\$000
Amas de leite		100\$000 a 150\$000
Amas secas		30000\$ a 50\$000
Lavador de casa	3\$000 a 6\$000	
Lavadeira de casa	3\$000 a 5\$000	
Lavadeira de roupa		60\$000 a 70\$000
Enceradores de assoalho	4\$000 a 6\$000	
Costureiras	3\$000 a 6\$000	
Jardineiros	4\$000 a 6\$000	

Tabela 1. “Serviços Domesticos e connexos”. In: *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*. Anno I, n. 4, 3.º Trimestre, São Paulo, 1912, p. 528.

Para compensar o valor ínfimo dos salários, algumas empregadas, principalmente as solteiras, residiam na casa nos patrões. Embora isso, muitas vezes, significasse para elas mais trabalho, pois estavam sempre disponíveis para os patrões, e o comprometimento de sua privacidade, já que não poderiam ter autonomia para gerir a própria vida (por exemplo, receber visitas de namorados e amigos)²¹⁶, morando num “quartinho” na casa dos patrões, elas não precisariam arcar com os gastos com aluguel e comida. Nesses casos, dava-se preferência às mulheres sem filhos, porém, se a empregada fosse reconhecida como uma boa funcionária, uma “cozinheira de forno e fogão, uma criada dinâmica e eficiente”, recebia a permissão para levar consigo os filhos²¹⁷. As criadas que não residiam na casa dos patrões, principalmente as casadas, tinham a possibilidade de negociar a obtenção de outros benefícios, como sobras de comida, vestimentas, sapatos e roupa de cama usados²¹⁸. Assim, como ressaltou Pinto, a possibilidade de levar as sobras do consumo das famílias empregadoras para os filhos e o marido era um dos principais atrativos do serviço doméstico em habitações abastadas,

em média, de \$500 a \$700, o de feijão \$200, o de carne bovina de \$600 a \$800, o de pão de \$300 a \$500 e o litro de leite \$400 a \$500. Nesse mesmo ano, uma moradia de seis a nove metros quadrados, “um cubículo sem ar e sem luz”, poderia ser alugada pagando-se entre 40\$000 e 50\$000 mensais. A tabela completa é encontrada em: “Custo de generos de primeira necessidade”. In: *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*. Anno II, n. 7, 2.º Trimestre, São Paulo, 1913, p. 339-341; “Federação Operária de Santos (Brasil)”, Santos, jan. 1913 apud PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 76-77.

²¹⁶ Sandra L. Graham apontou que, embora a rua e as praças públicas fossem consideradas locais ameaçadores e perigosos, para muitas criadas representavam a possibilidade de maior autonomia. Cf. GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 66-67.

²¹⁷ O serviço doméstico, diferente do trabalho do campo e das fábricas, possibilitava às mulheres manter os filhos juntos de si. As crianças, como o foi o caso de D. Alice, eram colocadas para fazer algum “servicinho doméstico”. Quando sua mãe foi contratada como empregada doméstica, D. Alice foi morar com a mãe na casa dos patrões, passou a trabalhar como pajem, cuidando das crianças do casal. Cf. Depoimento de D. Alice. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 95.

²¹⁸ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 74-75; 78

incentivando mulheres pobres a deixar seus próprios filhos em casa, sob o cuidado dos irmãos mais velhos, parentes ou vizinhos, para poder trabalhar como criadas, mesmo que isso significasse ter de pagar-lhes uma pequena quantia em dinheiro²¹⁹.

Por ser realizado na esfera privada, o trabalho doméstico era considerado um trabalho “natural” da mulher, além de monótono, não produtivo e invisível aos olhos dos membros da família por não ser possível quantificá-lo. O desprestígio social do trabalho doméstico, associado também à escravidão, era interiorizado pela maior parte das próprias mulheres, tanto que a atividade era vista, muitas vezes, como uma “ajuda” prestada ao marido, mesmo se a renda obtida fosse igual ou superior ao salário do chefe da família: “Minha mãe sempre lavava roupa, alguma roupa assim pra fora com tudo isso ainda trabalhava, né. Coitada, fazia um biquinho, a gente falava assim: ‘bico’...”²²⁰. Ainda assim, apesar de ser uma ocupação desvalorizada, muitas empregadas conseguiam garantir sozinhas a subsistência de suas famílias e filhos²²¹. Desse modo, era comum que moças pobres recebessem treinamento para ocupar o cargo de domésticas, aprendendo, desde muito pequenas, a lavar, passar e a cuidar dos irmãos mais novos²²².

Sendo assim, diferentemente do que ocorria em países com alta industrialização, no Brasil, o serviço doméstico era uma das atividades que mais empregava mulheres no final do século XIX e início do XX. Em São Paulo, diante de um mercado de trabalho instável, o serviço doméstico representou para muitas mulheres pobres (negras ex-escravas e brancas imigrantes) um meio de sobrevivência ou a possibilidade de complementar o salário do marido. Embora muitas famílias não pudessem arcar com os custos de ter uma doméstica, algumas conseguiam negociar a possibilidade de trocar serviços prestados por alimentação e moradia, driblando, assim, os altos custos de vida. A presença constante da empregada na casa, o alto índice de rotatividade no setor e as doenças que assolaram os grandes centros urbanos no Brasil nesse período parecem ter agravado as tensas relações com os patrões e, conseqüentemente, a imagem negativa das criadas.

²¹⁹ Idem, p. 75; Depoimento de D. Alice. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 99; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 166-168; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 98-101.

²²⁰ Depoimento de D. Tereza Pereira de Campo, Banco de Memórias de Famílias Negras, p. 7. Excerto extraído da obra: MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 162.

²²¹ *Ibidem*; AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 74-75.

²²² Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 369.

A regulamentação da profissão e os perigos de contaminação física e “moral”

A presença de empregadas na habitação trouxe uma série de problemas que deveriam ser enfrentados pelos patrões. Uma das primeiras providências foi a regulamentação da profissão. No contexto pós-abolicionista, de intensa imigração e de constituição de um novo regime político, buscava-se adequar não apenas os servidores domésticos, mas todos os trabalhadores a uma nova situação de mercado de trabalho, inculcando-lhes valores, formas de comportamento, disciplina rígida (no espaço e no tempo)²²³. Conforme a documentação, as mulheres, sobretudo as domésticas, deveriam assumir uma postura de submissão, ordem e eficiência. A antiga estabilidade dos servidores domésticos, garantida pelos vínculos da escravidão, foi sendo substituída por uma alta rotatividade (como já mencionado, cerca de 10 a 15 mil substituições por ano em São Paulo)²²⁴, que passou a preocupar patrões e instituições públicas. A grande massa de população pobre na cidade era considerada um foco de criminalidade que precisava ser controlado e disciplinado. A regulamentação da profissão serviria, então, para tentar tornar mais estável essa mão-de-obra e diminuir os problemas de violência, reclamações de furtos, frequentemente denunciados na imprensa, demissões sem justa causa e abandono de emprego²²⁵.

Em São Paulo, uma das primeiras tentativas de regulamentação dos contratos estabelecidos entre os patrões e os criados foi elaborada ainda antes da abolição: o capítulo referente a *Criados e amas de leite* presente no *Código de Posturas* de 1886²²⁶. O principal ponto dessa legislação era o estabelecimento da obrigação da inscrição do empregado na Secretaria da *Polícia Sanitária*. Feita a matrícula, o trabalhador recebia uma caderneta, uma espécie de carteira de identidade, contendo seu número de registro, informações pessoais, como “nome, idade, naturalidade, filiação, estado, côr, classe de ocupação e mais característicos [sic] que possam de futuro servir de base a prova de sua identidade”²²⁷, além de algumas páginas do Código de Posturas referentes à regulamentação da profissão. Nesse

²²³ Como menciona Matos, a tentativa de regulamentação dos “criados de servir” localizava-se num contexto mais geral que procurava regulamentar várias outras profissões existentes. Esse mecanismo foi importante para o processo de formação de um mercado de trabalho e também para os poderes municipais, que viam nessa atitude um meio de prover-se de fundos através da cobrança de impostos sobre as profissões. Cf. MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 206; 2002, p. 173.

²²⁴ Os patrões queixavam-se que as criadas abandonavam o emprego sem dar satisfação. Cf. MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 172-173; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 206.

²²⁵ FERLA, Luis Antonio Coelho. *op. cit.*; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*

²²⁶ *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*. p. 33.

²²⁷ *Ibidem*.

documento, assim que contratado, o patrão deveria reproduzir o contrato firmado, o valor do salário, seu nome e endereço e a data de entrada e de saída do criado no emprego. Ficando registrada na caderneta a trajetória profissional do empregado, os patrões tinham como conhecer de modo mais efetivo quem iriam “colocar dentro do seu lar e consigo conviver com a sua privacidade”²²⁸.

No mais, o Código definia os deveres dos patrões, como informar a Secretaria da Polícia a contratação do criado, oferecer-lhe um bom tratamento, alimentação, hospedagem, salário e assistência médica em caso de acidentes ou doenças; e as obrigações dos empregados, como ter uma boa conduta moral, obedecer com boa vontade, realizar o trabalho com competência e zelar pelos interesses do patrão, evitando expô-lo a qualquer dano²²⁹. Os casos desviantes eram condenados a pagar multas e a passar algumas noites na cadeia pública²³⁰. Segundo Telles, os artigos da lei evidenciavam, além da perda de autoridade e do controle dos patrões sobre os trabalhadores livres e libertos, uma tentativa de transformar práticas enraizadas de tratamento dispensado por senhores às escravas dentro da casa e, posteriormente, às empregadas²³¹.

Promulgado no final do século XIX – o Código de Posturas era ainda do período escravista –, as determinações sobre os “criados de servir” presentes na legislação vigente passaram a ser consideradas ineficazes. Segundo Matos, o vereador Alcântara Machado propôs então um novo projeto para regulamentar a profissão, o qual foi divulgado na imprensa e amplamente discutido. Os opositores à sua aprovação alegavam que a medida era desnecessária e inoportuna, uma vez que consideravam as relações entre patrões e criadas pacíficas, envoltas de laços de fidelidade, confiança e afeto; afirmavam que, além de criar obstáculos à oferta de empregados, os patrões poderiam interpretá-la como uma interferência em sua autoridade, pois seriam obrigados a abandonar a supervisão pessoal e a autonomia de

²²⁸ *Ibidem*; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 177.

²²⁹ *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*, p. 35-36; MATOS, Maria Izilda dos Santos. *op. cit.*, 2002, p. 173-174.

²³⁰ Para incentivar os trabalhadores a se inscreverem nos livros de registros da Secretaria de Polícia, o Código alertava aos que se empregassem sem registro prévio que sofreriam a pena de oito dias de prisão e uma multa de 20 mil réis. Os patrões que contratassem trabalhadores informais e livres de cadernetas corriam o risco de serem punidos com o mesmo valor da multa de seus subalternos. Contudo, como observou Telles, tais penalidades não surtiram o efeito desejado: a polícia e os agentes fiscais não davam conta de registrar, fiscalizar, prender e multar os infratores. Os certificados de trabalho analisados pela autora demonstram o real alcance da legislação: entre julho de 1886 e julho de 1887, foram registrados no “Livro de Inscrição de Empregados” somente 1011 pessoas, número bastante restrito diante da estimativa de mulheres trabalhando como domésticas no período. Cf. TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 39.

²³¹ *Idem*, p. 40-41; *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*.

escolha²³². Apesar dessas discussões, em 12 de junho de 1914 foi aprovada a Lei nº 1794, que regulamentava a matrícula e identificação dos “criados de servir”. Embora promulgada, tal lei não entrou rapidamente em vigor. Como determinado no artigo primeiro, a prefeitura deveria organizar um serviço de identificação dos servidores:

Art. 1.º Ninguém poderá exercer qualquer exercido [sic] domestico, como profissão, sem estar matriculado na Prefeitura Municipal [...]. Art. 7.º Fica o Prefeito autorizado: a) a entrar em accôrdo com o governo do Estado para a criação de uma agencia de collocação de criados, annexa ao Departamento Estadual do Trabalho; b) a regulamentar as agencias particulares de collocação; c) a organizar, annexa á Directoria de Policia e Hygiene, a secção de matricula e identificação, podendo também entrar em accôrdo com o governo do Estado, para ser feito o serviço de identificação dos criados, pela Secretaria da Justiça e da Segurança Publica²³³.

De acordo com Matos, a criação da *Diretoria de Fiscalização dos Serviços Domésticos*, para fazer o registro dos empregados domésticos, somente viria acontecer em 1926, com a aprovação da Lei nº 2996. Contudo, até 1930, a Diretoria não teve um funcionamento efetivo²³⁴.

Analizando o artigo n.º 278, do *Código de Posturas de 1886*, e os artigos n.º 5 e 6 da Lei n.º 1794 de 1914, que institui a matrícula dos “criados de servir”, Matos observa que uma das principais preocupações por trás das tentativas de regulamentação do serviço doméstico não era apenas garantir os bens materiais dos patrões, mas proteger as famílias dos “perigos de contaminação física e ‘moral’” decorrentes da proximidade entre patrões e empregados²³⁵. Um dos maiores medos dos empregadores era a possibilidade de transmissão de doenças. Dentre as “causas justas” para a demissão de um “criado de servir”, a primeira destacada era a contaminação por doenças infecciosas, em seguida, eram citadas embriaguez, indisciplina, incompetência e negligência para o serviço contratado²³⁶.

Art. 278º – São causas justas para isto [quebra de contrato com o empregado doméstico]:
§ 1.º - Doença do criado que o impossibilite da prestação dos serviços para que se contratou²³⁷.

²³² MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 176-177.

²³³ São Paulo (Munic.). *Leis, Resoluções, Actos Executivos do Município de São Paulo de 1914*. Lei nº 1794, de 1914, p. 75.

²³⁴ Idem, 1994, p. 207; 2002, p. 178; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*; *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*; PREFEITURA de São Paulo. *Leis, Resoluções, Actos Executivos da Camara Municipal da Capital do Estado de São Paulo de 1897 a 1899*. Lei nº 126, de 1894; Lei nº 1794, de 1914; Lei nº 2996, de 1926.

²³⁵ MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 174-175.

²³⁶ *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*, p. 35.

²³⁷ *Ibidem*.

Art. 5º A matrícula será cancellada quando o matriculado vier a soffrer de molestia contagiosa; mas ficará sem effeito o cancellamento no caso de cura devidamente comprovada.

Art. 6º Quando o matriculado soffrer condemnação, passada em julgado, por crime ou contravenção, o facto será averbado na matrícula e na carteira de identidade²³⁸.

O medo que as elites cultivavam de suas empregadas domésticas, como já foi mencionado, está relacionado à construção de uma imagem altamente negativa divulgada não apenas em manuais femininos de prescrição de conduta da época, mas também na literatura, em periódicos e em relatórios policiais. Vistas, segundo Roncador, como sujas, criminosas, lascivas, supersticiosas e contagiosas, além de desonestas, vingativas, infiéis, preguiçosas, desobedientes e insolentes, apenas para citar alguns dos adjetivos também encontrados na documentação, as criadas eram consideradas como um grande perigo à saúde e ao bem estar das famílias burguesas.

Além da associação entre escravidão e trabalho doméstico e da alta rotatividade no setor, a desconfiança que existia com a presença constante de criadas na casa era associada também às várias epidemias que assolavam as grandes cidades brasileiras no início do século XX. No tocante a este último ponto, pode-se dizer que ele estava relacionado às condições de vida da população pobre. Os empregados que não residiam na casa de seus patrões viviam em habitações precárias, representadas, em grande parte, por cortiços – habitações insalubres, sem acesso à água corrente e à rede de esgotos –, o que contribuía para a propagação de doenças contagiosas e o surgimento de epidemias²³⁹. De acordo com Maria Lúcia Boarini, como a maioria da população pobre vivia nessas condições, criou-se o mito de que a pobreza era a causa da proliferação de doenças contagiosas²⁴⁰. Dentre os servidores domésticos, as categorias mais visadas por médicos, higienistas e autores de manuais prescritivos eram as lavadeiras e, principalmente, as amas-de-leite. Estas duas profissões tornavam “promíscuos” dois mundos diferentes, o higiênico e confortável das elites e o insalubre e pobre dos cortiços. Os empregados representavam, então, uma grande ameaça à integridade moral e físico das famílias empregadoras. Defendia-se, desse modo, a necessidade de educar os servidores domésticos em preceitos de higiene, cabendo à dona de casa fazer essa educação e fiscalização.

²³⁸ São Paulo (Munic.). *Resoluções, Actos Executivos da Camara Municipa da Capital do Estado de São Paulo de 1897 a 1899*. Lei nº 1794, de 1914.

²³⁹ É interessante observar que, quando falava-se em transmissão de doenças, apenas considerava-se a possibilidade de contágio dos patrões pelos seus criados e, em nenhuma hipótese, o contrário.

²⁴⁰ BOARINI, Maria Lúcia (Org.). *op. cit.*, p. 35.

Além da necessidade de se manterem atentas às condições higiênicas, as senhoras tinham a obrigação de controlar todos os movimentos das empregadas na casa. Segundo Roncador, em resposta à posição ambígua que a criada passa a ter na família burguesa, ou seja, era alguém de fora, mas mantida dentro, enfatizava-se a necessidade da dona de casa exercer a vigilância, que se torna parte das responsabilidades femininas²⁴¹. Assim, ao lado da emergência de mecanismos estatais de controle dos empregados na casa (Código de Postura e legislações), que tinham o objetivo de proteger as famílias patronais dos problemas com furtos e, principalmente, dos perigos de transmissão de doenças, os preceitos divulgados em manuais femininos ajudavam as donas de casa na “ádua” tarefa de domesticar a criada. A constante fiscalização mantida sobre as empregadas agravava ainda mais as relações com as patroas, que já eram bastante conflituosas, revelando uma crise de autoridade decorrente da passagem da escravidão para o trabalho assalariado.

Relações ambíguas: afetos, conflitos e tensões

Apesar do grande temor que as famílias tinham de seus servidores domésticos, a presença constante de empregadas nas casas e a manutenção de uma proximidade muito estreita com os patrões possibilitaram o estabelecimento de uma complexa teia de relações, as quais eram marcadas pela subordinação, dependência, exploração, proteção e obediência, mas também por vínculos de fidelidade, solidariedade e afeto. Embora não seja fácil resgatar os meandros dessas relações estabelecidas no espaço doméstico, pesquisas sobre o serviço doméstico, a partir da análise documental, conseguiram recuperar, ainda que de forma sutil, algumas pistas da permanência de mecanismos paternalistas típicos de dominação e poder que orientavam essas relações de trabalho.

No depoimento registrado por Ecléa Bosi, na obra *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, D. Risoleta conta sua trajetória de vida. Nascida em 1900 em uma fazenda no interior paulista, como já mencionado anteriormente, era filha de ex-escravos e começou a trabalhar como empregada doméstica aos oito anos de idade. Em meio às memórias da época de criança, dos pais, do marido e dos filhos, D. Risoleta relembra a vida profissional, as atividades desempenhadas, a rotina de trabalho e o relacionamento com as senhoras. Em uma atmosfera relativa de intimidade, patroas e empregadas trocavam confidências, segredos

²⁴¹ RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007b, p. 130.

personais, conflitos conjugais, preocupações com os filhos, inseguranças, entre outros medos. Lembrando com orgulho seu desempenho no ambiente de trabalho, D. Risoleta conta como fazia para conquistar a confiança das patroas:

Eu que tivesse vontade de trabalhar, que serviço não faltava e eu não era preguiçosa, então conquistei as patroas, elas gostavam de mim e eu gostava delas. Se tinham tristezas, eu sentava no chão e ficava fazendo carinho pra elas. Se brigavam com o marido eu não deixava ficar de mal: ‘Por que que brigou? Não precisa brigar’²⁴².

Quanto aos filhos dos patrões, muitas criadas, sobretudo as amas-de-leite e as pajens, mantinham relações de grande intimidade e afeto²⁴³. Maria Paes de Barros e Jorge Americano relembram a infância, quando as domésticas da casa contavam histórias às crianças. Sentadas no chão, “Depois do jantar, [Narcisa] contava histórias, de feitio folclórico, onde havia narrativa falada e versos cantados”²⁴⁴. Narcisa, assim como D. Risoleta, ficara longos anos trabalhando em uma mesma casa de família. Aos 18 anos começou como pajem, mas tornou-se depois a cozinheira da casa. Competindo com a educação das mães e das preceptoras estrangeiras, as criadas tiveram um papel fundamental na criação das crianças das elites paulistanas. Além da instrução permeada de lições de línguas estrangeiras, aulas de música, pintura, ciências, etiqueta, os filhos das famílias ricas entravam em contato com o diversificado universo da cultura popular brasileira, assimilando elementos das culturas indígenas, africanas e europeias (músicas, contos, religião, idiomas, etc.)²⁴⁵:

Como era boa a Joaquina! Nela estava personificada a devotada afeição que as africanas sentem em geral pelas crianças. Quando estavam doentes, levava-lhes alimento e o remédio que a mamãe mandava; quando adormeciam, sentava-se no chão, ao pé da cama, vigiando-lhes o sono; quando são, contava-lhes histórias... Era um prazer ouvir as lendas africanas sobre meninas roubadas que, metidas em sacos, cantavam pelas ruas. Ou, então, sobre cavaleiros perseguidos que fugiam a todo galope do inimigo e atiravam para trás um alfinete que se transformava em bosque de espinhos!²⁴⁶

No convívio estreito com as famílias, às vezes como forma de retribuição ao carinho e ao trabalho, recompensas materiais ou quantias em dinheiro eram deixadas nos testamentos às

²⁴² Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 382.

²⁴³ Como aponta Machado, o emprego de amas-de-leite para o aleitamento natural permitia não apenas laços de afeto e intimidade, mas relações de conflito e poder. As tensões e negociações por trás dessas relações muitas vezes não são aparentes nos documentos aos quais os pesquisadores tiveram acesso. Por exemplo, nas representações de amas escravas negras com as crianças brancas em uma cena sentimental idealizada, como as fotografias produzidas em estúdios no final do século XIX, não permitem indagar a condição dos filhos das próprias amas. A autora cita o caso de disputa entre as crianças pelo aleitamento, separação entre mãe e filho, pois poucas amas tinham a permissão de levar consigo a prole para a casa do senhor, etc. Cf. MACHADO, Maria Helena P. T. *op. cit.*, p. 199-213.

²⁴⁴ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 58, 39-43.

²⁴⁵ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 104; NEEDELL, Jeffrey. *op. cit.*, p. 166-167.

²⁴⁶ BARROS, Maria Paes de. *op. cit.*, p. 120.

antigas domésticas: “às vezes, uma ou outra patroa tinha o coração no peito, [e] deixavam um dinheirinho para as empregadas que trabalharam com elas mais de trinta, quarenta anos, como fez nhá Moça Fortes lá de Campinas com as empregadas dela, como a Quetita”, contava D. Risoleta²⁴⁷. Esse tipo de atitude, provavelmente pouco recorrente, podia assegurar às empregadas uma velhice tranquila e sem muitas privações, já que os reduzidos salários ganhos, durante anos servindo como domésticas, impossibilitavam que a maioria acumulasse uma pequena poupança: “As empregadas que trabalhavam a vida inteira ficavam na miséria, morriam no asilo, coitadinhas, sem nada! Minha avó; minha mãe não, porque morreu cedo, mas senão tinha morrido também lá”²⁴⁸. D. Risoleta, já idosa quando relembra sua vida, recordava com amargor sobre os anos de trabalho não reconhecidos e mal retribuídos: “Só morei em casa alugada, com essas lutas que tive, nunca ganhei pra comprar uma casa [...]. Eu tinha vontade de ter minha casa, de ser dona da minha casa”²⁴⁹.

Todavia, como apontaram Matos e Pinto, o autoritarismo e a exploração dos patrões era o que mais caracterizavam as relações de trabalho nos domicílios²⁵⁰. Em diversas passagens de seu testemunho, D. Risoleta se queixava da dura rotina, do trabalho pesado, do autoritarismo de algumas senhoras e das ameaças de castigo²⁵¹:

Areava tudo que ficava brilhando e botava no sol antes de guardar. Eu sabia que a patroa gostava de coisa bem-feita, então queria fazer mais bem-feita ainda. E tinha que fazer, senão ficava de castigo²⁵².

Assim como D. Risoleta, sabe-se que grande parte das empregadas domésticas eram cruelmente exploradas. Além de um excessivo, duro e rígido regime de trabalho, elas obtinham poucos salários, corriam risco de acidentes de trabalho, dormiam em ambientes improvisados e insalubres e se alimentavam de restos de comida severamente dosadas, segundo Graham, Matos e Pinto e como é possível observar os dados encontrados em periódicos da época e nos Boletins do *Departamento Estadual do Trabalho*²⁵³. Mantendo ainda os resquícios das tradições escravistas, eram frequentes os casos de violência física e sexual: “Muitas senhoras de elite proprietárias surravam de fato as suas domésticas, resultando destas agressões físicas inúmeros casos de mutilações diversas, queimaduras,

²⁴⁷ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 389.

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 385.

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 397.

²⁵⁰ MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*

²⁵¹ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 371.

²⁵² *Ibidem*, p. 371.

²⁵³ *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, 1911-1927; GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*

escoriações”²⁵⁴. Por mais que as patroas procurassem esconder os casos de maus-tratos, alguns chegavam a ser relatados às autoridades policiais, outros eram noticiados na imprensa diária. Um desses casos, citado por Pinto, foi o da criada de nome Anna, “uma mísera preta [...] que tinha trinta e poucos annos de idade”; após conseguir fugir da casa dos patrões com a ajuda dos vizinhos, a moça denunciou a patroa Fabrícia Ramalho à polícia:

Há muitos annos já não lhe era permittida sahir à rua pelos donos da casa, nem mesmo acompanhando a familia. Não tinha licença de chegar à porta da rua. Não era bem tratada na casa de Julio Ramalho, soffrendo alli castigos por parte da mulher daquele cidadão, Fabrícia de Ramalho. Era castigada com chicote, tomava bofetadas, murros nas costas e nos braços, dos quaes, em consequência dessas pancadas, mal podia erguer à altura da cabeça. Que Fabrícia Ramalho, além de espancá-la constantemente, dava-lhe bofetões na bocca, com os quaes lhe arrancou os dentes²⁵⁵.

Como demonstrou Pinto, em inúmeros documentos havia referências de fuga de empregadas, sobretudo meninas (crianças e adolescentes), que aproveitavam as saídas para a rua a mando das senhoras para escapar dos empregos e dos constantes atos de violência a que eram submetidas²⁵⁶.

O poder e o medo caracterizavam a trama das relações entre patroas e criadas. Num cotidiano marcado por uma ambiguidade de relações, marcadas por dominação e exploração, mas também por cumplicidade e afeto, não se poderia esperar das empregadas apenas conformismo e passividade. Como forma de resistência, algumas domésticas se recusavam em manter relações sexuais forçadas pelos patrões; outras mantinham a “cara emburrada” para demonstrar a profunda insatisfação com sua situação, o que gerava um clima bastante desagradável nas casas. Pode-se pensar também que os numerosos casos de roubos noticiados nos jornais teriam se dado por vingança de maus-tratos ou até mesmo para compensar a exploração e os baixíssimos salários²⁵⁷. Havia aquelas, como conta D. Risoleta, que desaceleravam propositalmente o ritmo de trabalho, rigidamente controlado pelas patroas, e

²⁵⁴ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 105.

²⁵⁵ *Correio Paulistano*, 5 set. 1908 citado por PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 105.

²⁵⁶ *Ibidem*.

²⁵⁷ Lorena F. da S. Telles menciona o caso de algumas criadas presas por roubos. Constava-se que, no final do século XIX, as empregadas domésticas constituíam número significativo de mulheres presas por furtos e roubos. Com receio de “despertar a inveja dos criados” e acabarem sendo furtados por eles, alguns autores de manuais femininos aconselhavam que as donas de casa escondessem os objetos de valor da família e trancassem as portas das dispensas. As histórias sobre roubos, abandonos e infidelidade de criados eram muito recorrentes em jornais, o que reforçava ainda mais a desconfiança dos patrões. Dessa forma, os servidores domésticos, assim como os demais trabalhadores pobres, eram frequentemente associados à criminalidade. Cf. ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 126; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 20 e 44; ROQUETTE, José Ignácio, *op. cit.*, 1875, p. 268-269; TELLES, Lorena Féres da Silva. *op. cit.*, p. 158.

prolongavam as estadias na rua, faziam um trabalho mal feito ou ainda não aceitavam realizar determinadas tarefas²⁵⁸:

Quando eu estava trabalhando em casa de família, de manhã ficava andando na horta, passeando daqui e dali. A patroa gritava: ‘Você não vai fazer almoço hoje?’. ‘Já vou indo minha senhora, tenha paciência que já vou indo’. E pedia: ‘Me ajude são Benedito, que sua filha está atrasada, foi passear e ficou apertada’. Chegava na cozinha, parece que tinha uma porção de mãos me ajudando. Num instante eu fazia tudo²⁵⁹.

Todas essas manifestações eram consideradas formas de resistência, algumas sutis e veladas, outras mais descaradas, mas faziam parte também das complexas relações entre patrões e criadas domésticas²⁶⁰. Como aponta Roncador, não é de se surpreender que nesse período tenham surgido, somadas às já tradicionais queixas de desobediência e incompetência das criadas, inúmeras críticas aos comportamentos rebeldes das empregadas²⁶¹. Segundo Graham, durante o período da escravidão, como não existia nenhum código para regular as relações entre senhores e escravos, o tipo de autoridade exercida era privada e pessoal. Através de favores ou coerções, os senhores procuravam deter o controle sobre seus escravos. Com a transição para o trabalho livre assalariado, surge uma situação de estranhamento entre os que serviam e eram servidos. Não mais obrigados a permanecer na casa de seus senhores, os criados passaram a ter liberdade para negociar suas condições de trabalho, salário, moradia e a reagir ao tratamento recebido²⁶². Muitos deles simplesmente optavam por abandonar seus postos de trabalho, o que aumentava ainda mais o receio das famílias contratantes: “E a criadagem vai e volta como quer, sem dar referências; depois de uma experiência de mais de dois meses, sou levado a acrescentar que jamais se preocupa com o que faz”²⁶³. Sentindo os efeitos da perda ou da falta de controle sobre seus empregados, os patrões se referiam às criadas como trabalhadoras insolentes, desleixadas, preguiçosas, infiéis e desinteressadas – como já dito, adjetivos frequentemente encontrados na documentação.

Sendo assim, diante de tais circunstâncias (medo, estranhamento e impossibilidade de forçar o trabalho mediante a ameaça de castigos físicos), os patrões se viram obrigados a adotar outras estratégias para manter o domínio sob suas domésticas. Além da legislação que

²⁵⁸ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 68; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 210-201; 2002, p. 170-171; PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 106-107;

²⁵⁹ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 382.

²⁶⁰ PINTO, Maria Inez Machado Borges. *op. cit.*, p. 105-107; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 1994, p. 210.

²⁶¹ RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 103.

²⁶² GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 102.

²⁶³ Ulick Ralph Burke, 1827, p. 108-109. In: LEITE, Miriam Moreira (Org.). *op. cit.*, p. 135.

buscava regulamentar a profissão, surge uma série de esforços para tornar as empregadas dóceis, obedientes e servis. Os autores dos manuais femininos aconselhavam então as leitoras a tratar os empregados com profundo respeito, bondade e educação, pois essa seria a melhor maneira de conseguir um trabalho bem feito e a submissão dos criados: “[Não]... fale com altivez aos criados e subordinados. [...] é este o meio de ser bem servido e de educar a natureza de alguém para a benevolencia e sympathia: habitue-se á brandura”²⁶⁴.

Como é possível notar no manual francês (com edição também publicada em português) *Savoir-Vivre et Usages Mondains*, a Condessa de Gencé explica que a única maneira de conseguir obediência, “devoção” e “zelo” era demonstrando bondade, paciência, educação e apreço pelos empregados. Segundo a autora, a partir do momento que um acordo de prestação de serviços fosse firmado, o criado passava a ser considerado “inferior” a seu “amo”. A “superioridade” do “*maître*” não lhe dava, porém, o direito de considerar o empregado como um “escravo”. Pelo contrário, encontrando-se nesta posição, um dos deveres do patrão era dispensar aos criados um tratamento respeitoso²⁶⁵. No capítulo “Do modo de tratar os inferiores” da obra *A arte de viver em sociedade*, Maria Amália Vaz de Carvalho afirmava às leitoras que, mantendo um bom relacionamento com os criados, eles se tornariam obedientes, mais afetuosos e prestativos:

Se em vez de se sentirem despresados e tolerados como trastes necesarios ou animaes domesticos indispensaveis, elles sentirem que na doença, na adversidade, no trato quotidiano, elles são considerados como pessoas humanas e como taes soccorridos, consolados, e respeitados – sim, *respeitados*, porque todo o sêr humano tem direito ao respeito de outro sêr – tenham a certeza de que em breve essa influencia moral se há de fazer sentir de um modo benefico no organismo interno do *ménage*²⁶⁶.

Em outro manual, no *Código do Bom-Tom* de José Ignácio Roquette, o pai aconselha os filhos a melhor forma de lidar com os criados. Ser “boa, polida e afável” era a maneira com que a filha Eugenia deveria se reportar a sua criada de quarto²⁶⁷. Caso houvesse a necessidade de chamar a atenção da empregada, nesta e em outras obras desaconselhava-se gritar, usar palavras ofensivas e aplicar castigos físicos:

Quando reprehenderdes algum criado, não ralheis descomedidamente, nem lhe digais injúrias nem afrontas; não fareis senão exasperá-lo, e expor vossa dignidade. Permite-se a severidade, mas não o insulto e a humilhação. Respeitai-vos, e

²⁶⁴ DONT. *op. cit.*, p. 57.

²⁶⁵ GENCÉ, Condessa de. *Savoir-Vivre et Usages Mondains*. Paris, Albin Michel, Éditeur, 1925, p. 47-48.

²⁶⁶ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 235-236.

²⁶⁷ ROQUETTE, José Ignácio, *op. cit.*, 1997, p. 299.

respeitar-vos-ão. Não deis reprehensões, ou como se diz vulgarmente, recados ou foguetes, em publico, é raro que um criado não seja sensível a esta atenção²⁶⁸.

*Nous devons toujours faire les reproches mérités, tout en usant de tact, de mesure et d'équité. Une observation ne doit jamais être injurieuse, ni inutilement humiliante. Ne cherchez pas à blesser vos domestiques [...]*²⁶⁹.

Guardai para com ellas um humor egual ao do primeiro dia e, caso mereçam um reprehensão, nunca lh'a dirijais gritando ou usando de termos violentos²⁷⁰.

Ainda assim, por mais que se recomendasse o apreço e a educação no relacionamento com os empregados, jamais se permitia manter intimidade: “*Traitez bien vos domestiques, si vous voulez en être bien servi. Parlez-leur toujours poliment, sans brusquerie ni familiarité, et ils gardetont vis-à-vis de vous le respect qu'ils doivent avoir*”²⁷¹. Segundo os autores das obras prescritivas, relacionar-se com um criado com “familiaridade” era considerado um risco de perda da autoridade: “E’ ocioso recomendar que a maneira de tratar os inferiores deve ser ao mesmo tempo affavel e digna. Nem a familiaridade que lhes permita o desrespeito; nem a seccura e a altivez que lhes auctorisce o odio hypocritamente coberto sob as formulas de veneração official”²⁷². Além disso, na tentativa de amenizar os conflitos gerados pelas ambíguas relações estabelecidas entre empregados e patrões, os manuais femininos também aconselhavam as leitoras a cumprir rigorosamente seus deveres quanto ao pagamento dos salários, estabelecimento de dias de descanso, fornecimento de alimentação, assistência nos casos de doenças e acomodações dos empregados que coabitavam as casas dos patrões²⁷³:

Ao contractar uma criada informai-a de modo calmo e preciso sobre o serviço que della exigis e dizei-lhe o que terá de fazer com exactidão.

Esclarecei-a sobre os seus deveres e combinai o aluguel [...]. Si ella tiver pais, concedei-lhe uma ou duas saídas por mez para visital-os, mas não permittis nunca que frequente bailes em que esteja ameaçada a moral [...]. Um bom costume consiste em augmentar de anno em anno o aluguel mensal ás boas criadas [...].

Dai a vossa criada uma alimentação sufficiente assim servis-vos-á com melhor vontade, conservará a saude e afeiçoar-se-á á casa. Si cahir doente tratai pessoalmente della; dai-lhe com toda pontualidade o medicamento que o vosso medico ordenar e visitai-a a miudo [...]. Cuidai do renovamento indispensavel do ar puro, da limpeza do quarto e fazei-o sem mostrar repugnancia; este pequeno exercicio de humildade assegurar-vos-á uma criada fiel e agradecida²⁷⁴.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 269.

²⁶⁹ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, p. 60-61.

²⁷⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 243.

²⁷¹ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 354.

²⁷² CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 56.

²⁷³ Se havia a necessidade de reforçar, pelos preceitos nos manuais, a importância de dispensar um bom tratamento aos empregados, assim como oferecer orientações sobre o pagamento de salários, oferecimento de outros benefícios como alimentação, assistência médica, boas acomodações, etc. é porque muito provavelmente, na prática, o costume fosse o contrário. Com relação à alimentação, sabe-se que muitas famílias ofereciam comida diferenciada para os empregados, deixando para eles os alimentos de menor qualidade. Cf. GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*

²⁷⁴ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 241-246.

Desse modo, percebe-se que longe de serem consideradas como trabalhadoras assalariadas, nas tensas e ambíguas relações com os patrões, as empregadas domésticas eram tratadas ora como alguém “quase da família” e ora como escravas. Como se mostrou, existiam casos em que as criadas mantinham boas relações (de intimidade e afeto) com os patrões, mas sabe-se que a maioria delas sofria maus-tratos, castigos, violência física e sexual e era extremamente explorada. Não mais obrigadas a permanecer trabalhando para a mesma família, como na época da escravidão, muitas domésticas se rebelavam fugindo da casa dos patrões, atrasando o trabalho, negando-se a cumprir alguma determinação ou apenas reivindicavam melhores condições de trabalho, salários, etc. Tal quadro de alta rotatividade no serviço doméstico pós-abolição demonstrou uma crise de autoridade patronal e intensificou o medo das famílias contratantes. Embora a figura da criada doméstica tenha canalizado grande parte dos medos sociais (roubo e doenças) daqueles tempos, aqueles que possuíam melhores condições financeiras procuravam contratar um ou mais empregados para realizar as atividades domésticas, isso porque ter alguém trabalhando na casa não deixou de representar *status* e conforto para as elites dominantes após a abolição da escravidão. Por esse motivo, havia uma grande necessidade de manter os empregados sob vigilância.

Com relação às imagens de senhoras e criadas em manuais femininos prescritivos de comportamento, pode-se afirmar que enquanto as primeiras foram representadas de forma altamente positiva, sendo consideradas esposas honradas, mães educadoras e donas de casa econômicas, as segundas eram retratadas como pessoas desonestas, mentirosas, imorais, sujas, contagiosas, insolentes e vingativas, ou seja, verdadeiras “inimigas em potencial”. Ao propagarem representações tão dispares, os manuais ajudaram a reforçar as desigualdades sociais, a estabelecer as distâncias e a manter as hierarquias entre patroas e empregadas domésticas.

Além disso, considera-se também que, ao reproduzir uma representação altamente negativa dos servidores domésticos, tais obras teriam contribuído para a renovação da vida doméstica, cujo objetivo era fixar a mulher no lar, conscientizá-la de seu papel como esposa, mãe e dona de casa, normatizar o trabalho doméstico e valorizar a maternidade. Engajadas nessa missão, as senhoras das elites e dos segmentos médios, além de exercer sua função como mulher ornamento, mostravam sua preocupação com a casa, o marido e os filhos ao se ocuparem também da vigilância das possíveis inimigas (as criadas) presentes em seus lares.

Por fim, pode-se afirmar que, junto à legislação que estava sendo proposta para regulamentar o serviço doméstico em São Paulo, as obras prescritivas também contribuíram para reger as tensas relações entre patroas e criadas. Enquanto as donas de casa eram ensinadas a tratar seus empregados com respeito, bondade e educação, mesmo com autoridade e distanciamento, uma série de preceitos de higiene pessoal, limpeza doméstica, organização da rotina de trabalho, comportamento, entre outros, eram incutidos nas empregadas. Desse modo, os manuais podem ser entendidos também como uma obra que transforma seu leitor em um agente multiplicador. Seu didatismo e seu discurso, apresentado como regras universais e naturais, tendem a fazer com que seus leitores tornem-se difusores das normas introjetadas. Portanto, inseridas num quadro de transformações mais gerais da família e do mercado de trabalho, tais obras fazem parte de uma tentativa de disciplinamento dos criados no processo de aburguesamento da vida e do espaço domésticos que se ambicionava na modernidade.

III. Casas e interiores

Na obra *São Paulo Naquele Tempo (1895-1915)*, Jorge Americano registra suas lembranças de infância e juventude em pequenas crônicas cujo tema principal é a capital paulista. No capítulo “Casas e interiores”, o autor descreve como eram e onde se localizavam as habitações de ricas famílias paulistanas: “Quem quiser saber como tinha sido antes uma residência rica, vá à sede da Companhia Prado Chaves, na Rua de São Bento, onde residia até o fim do século passado a família Prado”¹. Quando menciona as habitações dos bairros Campos Elísios e Vila Buarque, onde “localizavam-se toda gente de boa sociedade”, o autor apresenta uma descrição detalhada da distribuição dos espaços internos, divididos em áreas íntima, social e de serviço, da mobília e da decoração dessas construções. Segundo Americano, as casas tinham o pé direito de quatro e meio a cinco e meio metros de altura e eram constituídas por diversos cômodos: saguão, sala de visitas, sala de jantar, vários quartos, copa, cozinha, banheiro, quarto de criadas e quintal. Nas paredes, utilizavam-se papéis decorativos: nas salas de jantar, normalmente, “tons de verde e ‘beije’ com estampados de caçadas, patos e perdizes suspensas pelos pés, ou frutas”, e, nos quartos, um estampado “azul, rosa ou verde-claro, com flores”². Com relação aos móveis e demais objetos de decoração, ele descreve:

No saguão, um canapé de palhinha.

[...]

A sala de visitas conservava mobília de palhinha, estilo império, com um sofá, duas poltronas, oito cadeiras, um lustre de cristal pendente ao centro. Um piano, uma banquetta, uma estante para álbuns de música; no sofá e nas poltronas, almofadas de seda, pintadas a “gouache”, com flores, ou bordadas em fio de seda, uma borla em cada canto. Vitrina com bibelôs, predominando o “biscuit”, um grande espelho com moldura de cristal, recortada em forma barroca, um ou dois retratos a óleo. A mesinha de centro com toalha bordada e um vaso de porcelana com flores.

Na prateleira inferior da mesinha, álbuns com retratos de família. Em cima do piano uma toalha bordada em seda, vaso e bandeja com cartões de visita ou cartões postais de boas festas, do último Natal.

Na sala de jantar, uma “étagère”, cujo armário inferior era para guardar a louça do uso. Acima dele, duas gavetas, uma para talheres, outra para tochas e guardanapos. Em cima, uma laje de mármore, onde pousavam compoteiras e fruteiras de cristal ou porcelana, e, no centro, o licoreiro, com duas garrafas, contendo duas qualidades de licor. No desvão em que repousavam colunas de suporte do armário superior, havia, ao fundo, um espelho.

O armário superior constava de duas prateleiras que as criadas alcançavam subindo numa banquetta. Numa delas ficava todo o aparelhamento de chá e café. Na outra, os copos e cálices. Suas portas eram de vidro “biseauté”. A manipulação desse armário era causa de quebra de muito copo e muita xícara. Às vezes, a copeira não tinha paciência de trazer da copa a banquetta, subia numa cadeira e furava a palhinha.

¹ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 51.

² *Ibidem*, p. 51-53.

Noutra parede ficava encostado o aparador, com superfície de mármore. Pousava nele a bandeja de servir almoço e o jantar, recuando, para isso, o vaso de begônias do centro.

Além disso, a um canto estava a coluna com uma begônia.

Algun quadro vulgar, com motivos comestíveis, ou a Ceia de Cristo.

Ao canto a cadeira de balanço³.

Segundo a descrição feita pelo autor, as abastadas habitações paulistanas do final do século XIX, localizadas em bairros ricos como o Campos Elísios e Vila Buarque, possuíam inúmeros espaços especializados e eram repletas de móveis e artefatos de decoração. Embora a descrição seja muito generalizante, pois é evidente que havia diferenças entre cada residência, ela permite iniciar uma reflexão sobre as transformações que ocorreram em São Paulo, entre as décadas de 1870 e 1920, nos padrões de moradia, sobretudo dos segmentos privilegiados da sociedade. Mais do que um período de mudanças nas formas de morar, a passagem para o século XX foi um momento de transformação na vida familiar e urbana.

Até o século XIX, a maioria das casas paulistanas havia modificado muito pouco sua organização e seu perfil arquitetônico. Somada à função de moradia, a casa era local de trabalho e templo religioso. Do ponto de vista arquitetônico, mantinha-se o padrão colonial, identificado como “partido bandeirista”. Eram construções feitas com a mesma técnica construtiva (taipa de pilão), variando apenas no tamanho⁴. Segundo Maria Cristina Wolff Carvalho, nas cidades, a arquitetura doméstica era baseada em sobrados, onde a riqueza se expressava no volume e tamanho dos edifícios e não no investimento em soluções formais sofisticadas ou inovadoras⁵. A circulação e a distribuição nessas habitações eram sempre as mesmas: casas construídas no alinhamento, em lotes estreitos e profundos; planta simples, em forma quadrada ou retangular; na frente, sem comunicação com o corpo principal da casa, um alpendre central ligado, de um lado, à capela e, de outro, ao dormitório de hóspedes; nos fundos, os ambientes íntimos se mesclavam entre os usos diários de comer e dormir (embora uma área exclusiva da família e isolada das áreas sociais, a sobreposição de espaços inviabilizava a intimidade dos moradores); por fim, a cozinha e demais áreas de serviço num puxado no quintal⁶.

³ *Ibidem*.

⁴ LEMOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa: breve histórico da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. 2.^a ed. rev. ampl. São Paulo: Nobel, 1989; _____. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 22; SAIA, Luís. *op. cit.*

⁵ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 4, p. 165-200, jan./dez. 1996; _____. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 251-353.

⁶ LEMOS, Carlos A. C. *op. cit.*, 1976; 1999; SAIA, Luís. *op. cit.*

As casas são raramente de mais de um pavimento [...]. Na parte dos fundos estão os quartos da mulher e do resto da família, que aqui, segundo o costume português, logo se retiram para esses cômodos, quando chegam pessoas estranhas. [...] A cozinha e o rancho dos criados, em geral um pobre telheiro, acham-se no fundo do quintal, atrás da casa [...]⁷.

Como mencionavam os viajantes estrangeiros que passaram pela região, devido à disposição dos cômodos e o reduzido número de janelas, as habitações bandeiristas eram consideradas abafadas, úmidas, escuras e, do ponto de vista médico, insalubres: "Mandaram-nos a chave do nosso quarto que não tinha soalho nem janela, e a não ser pela porta que se abria diante de nós, não recebia ar nem luz"⁸.

Com relação aos móveis e demais utensílios domésticos, pode-se afirmar que na maioria das habitações eles correspondiam "à efêmera construção e ao material pobre" das habitações. Segundo relatos de vários viajantes estrangeiros, restringiam-se aos "estritamente" necessários, como bancos simples, tamboretas, mesas retas, baús, caixas, arcas, redes, esteiras, jiraus e, nas casas mais ricas, camas de madeira: "O mobiliário dessas casas limita-se ao estritamente necessário; às mais das vezes, consiste, apenas, em alguns bancos e cadeiras de pau [...] uma cama com tabuado assentado sobre quatro paus (jirau) coberta com esteira ou couro de boi"; "O mobiliário dos aposentos mais elegantes é escasso e pobre. Vêm-se neles, em geral, um sofá de madeira, ao mesmo tempo tosco e fantástico no formato, acompanhado de umas poucas cadeiras de modelo semelhante"⁹.

Segundo o autor Jurandir Freire Costa, tais características – arquitetura e organização dos interiores domésticos – refletiam a maneira como a família tradicional se organizava e a relação que a casa mantinha com cidade¹⁰. Embora em São Paulo a maioria das famílias tenha se constituído de maneira distinta da chamada "família patriarcal extensa"¹¹, de modo geral,

⁷ SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *Viagem pelo Brasil (1817-1818)*. vol. I, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938. p. 193 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2014.

⁸ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil, Rio de Janeiro e Províncias de São Paulo (1837-1838)*. São Paulo, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1972. p. 216 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2015.

⁹ SPIX, Johann Baptiste von; MARTIUS, Carl Friedrich Philippe von. *op. cit.*, 1938. p. 193 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2014.

¹⁰ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 79-151.

¹¹ Núcleo familiar constituído por pais, filhos, escravos e agregados ligados por vínculos de parentesco, trabalho ou amizade, e cujo poder centrava-se na figura do chefe patriarca. No entanto, a historiadora Eni de Mesquita Samara demonstrou que, na cidade de São Paulo, durante o século XIX, esse tipo de composição familiar correspondia apenas a 26% das famílias paulistanas – as mais abastadas ou ligadas à pequena lavoura. A maioria dos núcleos familiares era composta por um número reduzido de pessoas (de uma a quatro). Cf. SAMARA, Eni

pode-se dizer que o convívio íntimo entre pais e filhos era pouco valorizado. Dependente do trabalho escravo, a casa era uma unidade de produção autônoma cuja responsabilidade por sua administração ficava com a mulher dona da casa. Fora o monopólio do poder do pai e o pouco interesse do homem pelo espaço doméstico, o baixo investimento na moradia é ainda explicado pela indiferenciação na casa entre lazer e trabalho; pelas condições técnicas e econômicas que dificultavam a aquisição de itens importados e determinava a fabricação artesanal dos móveis; pela instabilidade social e econômica que obrigavam muitas famílias a viajar carregando consigo todos os seus pertences; e, por fim, porque a prática de investimento na habitação para afirmação de *status* social ainda não estava sedimentada na cultura local, esse costume estava restrito a apenas algumas famílias abastadas, já familiarizadas com o significado social do luxo e do consumo de bens restritos para a maioria. Até meados do século XIX, a principal forma de demonstração do prestígio social de famílias abastadas era em ocasiões públicas e festas religiosas¹².

Sabe-se que as mudanças nos modos de morar não aconteceram no mesmo ritmo para todos, sendo inúmeras as combinações entre o tradicional e o novo, entre as sobriedades coloniais e o gosto pela decoração e aparelhamento da casa. Sabe-se igualmente que já no século XVIII surgiram interiores domésticos refinados, ainda que circunscritos às elites enriquecidas, no caso de São Paulo, por exemplo, pelo comércio¹³. No entanto, essa tradicional forma de organização da família e da casa só começou a se modificar, no século XIX, com a emergência de um novo sentimento, associado a valores de privacidade e subjetividade, que se convencionou chamar de domesticidade¹⁴. Nesse sentido, as colocações de Jurandir Freire Costa, ainda que muito generalizantes, não deixam de apontar uma tendência de implantação desse fenômeno nas residências brasileiras e paulistanas. Segundo o autor, com a abolição da escravidão, a diversificação das atividades econômicas e a consequente dinamização da vida urbana, a família patriarcal se metamorfoseou na família

de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983; _____. *As mulheres, o poder e a família (São Paulo, século XIX)*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria Estadual de Cultura, 1989.

¹² COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 85-86. Segundo Maria Luiza Ferreira de Oliveira, até 1900, as categorias de objetos presentes nos inventários de famílias de setores médios em São Paulo não eram muito variadas. Eram basicamente móveis para sentar, dispor objetos, escrever, comer, guardar, dormir ou para higiene. Ou seja, aqueles que tinham uma “funcionalidade” mais imediata. Cf. OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *op. cit.*, 2000-2001, p. 55-75; 2005.

¹³ ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo. N. Sér. v.12. p. 129-160. jan./dez. 2004; BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *op. cit.*, 2010.

¹⁴ RICE, Charles. *The emergence of the interior: architecture, modernity, domesticity*. London and New York: Routledge, 2007; STOREY, John Storey; TURNER, Graeme. *Cultural Consumption and Everyday Life*. New York: Oxford University Press, 1999.

nuclear burguesa. A casa foi então reestruturada, modernizada e higienizada de acordo com preceitos médicos¹⁵. O interior doméstico, organizado e decorado com os objetos disponíveis em um mercado de consumo emergente, passou a fomentar hábitos pessoais e sentidos associados aos desejos, ao caráter e à personalidade de seu proprietário e do grupo familiar. Em outras palavras, como dentro de casa o indivíduo preparava-se para incorporar a *persona* que representaria no mundo externo, a aparência do interior doméstico, com sua riqueza nos detalhes do arranjo e ornamentos, servia para diferenciar e expressar a identidade dos moradores¹⁶. Essa propriedade é inclusive mencionada em um dos artigos da *Revista Feminina*, publicado em 1923. Quando o autor escreve “o mobiliário e a ornamentação de um interior, revelam claramente o grão de bom gosto pessoal, o espírito, e muitas vezes, mesmo, o próprio temperamento das pessoas”, ele está dizendo exatamente isso: a casa revela quem são seus moradores:

Entre o ambiente que nos rodeia e as nossas qualidades de caracter, os nossos gostos, as nossas predilecções, existe um nexó, um élo occulto, estabelecido muitas vezes, mesmo, sem a nossa intervenção directa. E esse élo é a revelação da nossa psychologia, pois 'que, como acabamos de dizer, tudo o que nos cerca, faz parte do nosso "home", é, até certo ponto, o producto de nosso espirito. Todo o cuidado é pouco, portanto, quando se trate de organizar a decoração e o mobiliário de nossos interiores¹⁷.

Mas mais do que expressão do caráter de seus proprietários, nesse contexto de mudanças que caracterizou o intervalo entre as décadas de 1870 e 1920, a casa foi eleita um importante espaço de demonstração de poder econômico, reconhecimento social e refinamento cultural. Diante de uma estrutura social menos rígida, o número dos representantes dos grupos dominantes expandiu-se, exigindo novas formas de distinção social. Aqueles que possuíam melhores condições procuraram se estabelecer em residências luxuosas localizadas em bairros mais próximos do centro. Foi nesse momento de busca por integração e prestígio entre os novos segmentos sociais em ascensão que as pessoas passaram a investir na decoração de fachadas de suas residências. As casas, cuja arquitetura no período colonial caracterizava-se pela simplicidade e ausência praticamente total de ornamentação aplicada às fachadas, incorporam os adornos (feitos em estuque e cimento) retirados do repertório clássico utilizados na decoração de edifícios públicos e presentes também nos aparatos das

¹⁵ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 79-151.

¹⁶ RICE, Charles. *op. cit.*

¹⁷ “A esthetica dos interiores: pela distincção e propriedade do mobiliário pode-se julgar do bom gosto e da personalidade de seus donos”. *Revista Feminina*, n. 115, dez. 1923, p. 87.

festas de ruas¹⁸. Os palacetes, tipo de habitação inspirada em modelos aristocráticos europeus do século XVIII e altamente especializada, podem ser considerados a melhor expressão do que se denominou como “casa moderna”¹⁹. Atendendo às aspirações cosmopolitas burguesas baseadas no consumo conspícuo e privado, o palacete seria a representação ideal de um modelo de habitação para as elites²⁰. No entanto, não foi somente a arquitetura que assumiu um significado simbólico. Os interiores domésticos, organizados e decorados com os objetos disponíveis em um mercado de consumo emergente, tornaram-se eficazes no atendimento das novas necessidades de expressão de *status*. Para as famílias menos abastadas, pertencentes aos segmentos médios emergentes, que não tinham a possibilidade de comprar uma casa nova e “moderna” ou reformar a antiga, a ascensão social poderia ser demonstrada por meio da aquisição de objetos para a casa, como itens de mobiliário e peças de decoração²¹.

Como na sociedade burguesa os papéis de gênero são diferentes, mesmo entre casais de um mesmo grupo social, a responsabilidade por cuidar do lar e, desse modo, torná-lo um espaço confortável, caloroso, bonito, agradável e elegante era da esposa. Com um mercado cada vez mais em expansão, a oferta de artefatos concebidos para a casa se tornou ainda maior. Móveis, utensílios domésticos, aparelhos elétricos, prataria, porcelanas, cristais, louças, jogos de chá, bibelôs, quadros, tecidos, papeis de parede, roupas de cama, almofadas, vidros, tapetes, cortinas, sedas, enfim, uma infinidade de produtos disponíveis em lojas instaladas na cidade²² e anunciados em periódicos da época (figuras 11, 12 e 13). Dessa maneira, a mulher (sobretudo das famílias mais abastadas) precisava saber combinar os mais diversos objetos domésticos, feitos em diferentes cores, formas e matérias-primas. Segundo a

¹⁸ LIMA, Solange Ferraz de. *Ornamento e cidade: ferro, estuque e pintura mural em São Paulo (1870-1930)*. 2001. 136f. + anexos, Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001, p. 62.

¹⁹ O termo palacete é um diminutivo irregular de palácio, residência urbana, vasta e suntuosa, de príncipes, pessoas da nobreza, chefes de Estado ou até construções onde se instalavam setores do poder público. Na Europa, o programa do palacete foi definido no século XIX a partir dos exemplos aristocráticos de habitações na cidade: os palácios, palazzi, hotéis, casas ou mansões da cidade. Cf. HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*, p. 18; CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*, 2000, p. 257.

²⁰ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*, 2000; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008; 2011; QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *op. cit.*, p. 53-60.

²¹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 21-22.

²² Segundo Marisa Deaecto, entre as décadas de 1890 e 1930, o consumo e as atividades aumentaram aumentou significativamente. Dentre os inúmeros estabelecimentos que se fixaram na região central da cidade de São Paulo, encontravam-se lojas de móveis e objetos decorativos. De acordo com Maria Angélica Santi, durante o surto industrial vivido entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foram instaladas as primeiras fábricas de móveis com produção mecanizada e em grande escala no país. Em São Paulo, a autora menciona a atuação da Companhia Tapeçaria e Móveis Santa Maria, fundada em 1885; a Fábrica de Móveis Antônio de Mosso, em 1888; a Irmãos Reffinette, em 1888; a Móveis Pastors, em 1926, entre outras. Cf. DEAECTO, Marisa Midori. *op. cit.*; SANTI, Maria Angélica. *Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização*. São Paulo: Editora Senac, 2013, p. 119-147.

autora Marize Malta, além de manuais de decoração, ilustrações veiculadas em periódicos, charges, fotografias, artigos de moda em revistas ilustradas e anúncios publicitários, os manuais femininos de prescrição de conduta – o principal conjunto documental desta pesquisa – teriam contribuído para a formação de um gosto pela decoração e para o aprendizado de técnicas para produzi-lo, o que a autora denominou como “olhar decorativo”²³.

²³ Segundo a autora, o “olhar decorativo” teria ganhado consistência na experiência cotidiana quando as pessoas passaram a conviver com a decoração dos ambientes das casas. Ele teria se constituído a partir da cultura visual dos ambientes domésticos (fotografias em revistas ilustradas e descrições de ambientes em manuais de decoração e de administração doméstica) e formaria o gosto da época. Cf. MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011. Em 2008, Vânia Carneiro de Carvalho descreveu o fenômeno denominando-o como “conforto visual”, nomenclatura que dava ênfase ao efeito que a decoração produzia sobre seus moradores. Cf. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p.. 276-291.

MAPPIN STORES

SOCIEDADE ANONYMA INGLEZA

SECÇÃO DE MOVEIS

Alguns exemplares de nosso stock de moveis para
salão em estylo "SHERATON" Preços sob applicação

A Belleza e graça dos desenhos dos moveis Inglezes, é conhecido no mundo inteiro desde o tempo de "Chippendale & Hepplethwarti". ha 150 annos atraz. Os moveis de que se compõe o nosso stock, são o que ha de melhor nos estylos Inglez e Francez, aos quaes uma inspecção, torna-se um verdadeiro prazer, para os conhecedores,

Fornecemos orçamentos para a installação completa de casas, com moveis, tapeçaria, decorações, etc. Os moveis podem ser importados ou feitos aqui, com as bonitas madeiras do Brazil de accordo com os melhores estylos Inglezes

MAPPIN STORES

Rua 15 de Novembro N. 26

Telephone N. 4504
Caixa Postal N. 1391

SÃO PAULO

Figura 11. Propaganda de móveis do Mappin Stores.

"Secção de moveis. Mappin Stores". *Revista Feminina*, n. 17 out. 1915, p. 6. Arquivo do Estado de São Paulo.

Grande Fabrica de Moveis de vime e de junco

— J. CARNEIRO BRAGA —

RUA BRIGADEIRO TOBIAS N.º 124

TELEPHONE N. 243 - SÃO PAULO

As Exmas. Familias rogamos uma visita ao nosso estabelecimento onde temos a exposiçào mais completa e de fino gosto que se pode imaginar em moveis e muitos outros objectos de vime e de junco.

Pegam preços, catalogos e informações que enviaremos gratiis a quem solicitar citando o nome desta Revista.

Atenção a mais importante Fabrica de moveis, de vime e de junco. a

Rua Brigadeiro
Tobias N. 124

Escovas com pranchas de ferro especialidade da fabrica.

Espanadores

de todas as qualidades

Escovas

de qualquer systema

Cestas

de qualquer qualidade

Gaiolas e

Viveiros

Enceradeiras
para soalhos

Vassouras de
cabello, artigo fino, para
soalhos encerados

Vassourões de piaçava, para
terreiros de café.

Figura 12. Propaganda de móveis da Fábrica J. Carneiro Braga.

"J. Carneiro Braga: Fábrica de moveis de vime e de junco". *Revista Feminina*, n. 31, dez. 1916, p. 87. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 13. A Residencia. Loja de móveis e de tapeçaria
 “A Residencia”. *A Cigarra*, n. 34, jan. 1916, p. 2. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Para situar as relações entre senhoras e criadas, parece relevante apresentar, ainda que de forma sintética, as mudanças na habitação paulistana entre o final do século XIX e início do XX. Recuperando importantes trabalhos de arquitetos e historiadores que estudaram a habitação e as formas de morar em São Paulo, a intenção é explorar as novas residências e as adaptações nas antigas casas coloniais que as levaram para o que significou “morar à francesa”. Para isso, são apresentadas informações sobre os novos tipos de moradia, entre elas os palacetes. Notando que os manuais femininos fornecem descrições de espaços da casa, mobília e peças de decoração, considera-se que eles teriam contribuído para a formação de um gosto, apontando tendências da época. O foco, portanto, é mantido nas residências das camadas mais abastadas da sociedade. Como será possível observar mais detalhadamente no capítulo seguinte, o incremento de móveis, objetos de decoração e áreas na casa, decorrente da especialização de seus cômodos, significou um aumento do trabalho doméstico²⁴. Desse modo, a intenção aqui é entender a casa não como um cenário estático para as relações, mas como um artefato que interfere ativamente nas pessoas. As mudanças no espaço da casa que

²⁴ COWAN, Ruth Schwartz. *More Work for Mother*. New York: Basic Books, 1983.

levaram a uma especialização desses espaços, demandaram novas posturas, novas condutas corporais, novas relações entre corpo e objeto.

3.1. Novas moradias

Já foi mencionado anteriormente que o intervalo entre as décadas de 1870 e 1920 foi um período de aprofundamento da urbanização, diversificação de atividades econômicas, aumento da oferta de serviços e, conseqüentemente, crescimento demográfico na cidade. Porém, vale acrescentar que esses fatores geraram uma grande demanda por habitações para várias camadas da população. As antigas casas coloniais feitas até então com a mesma técnica construtiva (taipa de pilão), rótulas, postigos e cancelas foram sendo substituídas por novos tipos de moradias, atendendo não apenas aos desejos das elites, mas às regulamentações governamentais que procuraram redefinir as moradias dos segmentos mais baixos. Esse processo expandiu os limites da cidade, levando ao surgimento de novos bairros, ruas e loteamentos.

Vale mencionar três redes que foram de extrema importância para a redefinição do espaço urbano e o surgimento de novos tipos de moradias na capital paulista: a rede de transporte (bondes), a de água e esgoto e a de abastecimento de gás e energia elétrica²⁵. Da mesma forma que as ferrovias, elas foram instaladas e operadas por empresas concessionárias majoritariamente estrangeiras. Detentora do monopólio quase absoluto do oferecimento de energia e bondes elétricos, a Companhia *Light* tornou-se a empresa estrangeira mais importante na montagem e no oferecimento de infraestrutura urbana.

À medida que a cidade crescia, os antigos métodos para abastecimento de água e esgoto tornavam-se ineficientes e condenados por médicos e higienistas preocupados com o tema da transmissão de doenças. Até a instalação de uma efetiva rede, os dejetos eram descartados por escravos domésticos e o fornecimento de água era garantido por chafarizes instalados em diversos pontos da cidade (Luz, Carmo, Gasômetro), bicas e poços domésticos, além de vendedores de água em domicílio (“carregadores d'água [...], guiando uma imensa

²⁵ CAMPOS, Cristina. A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875 - 1892. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.2, v.13. p. 189-232. jul./dez. 2005; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*

pipa, montada sobre rodas, e conduzida por uma mula”)²⁶. Como o antigo sistema não dava mais conta das novas necessidades da cidade, foi criada, em 1877, a *Companhia Cantareira & Esgotos*, uma empresa privada responsável por implantar e administrar os serviços de água e esgotos na cidade. A água era captada na Serra da Cantareira e armazenada em um reservatório instalado na Consolação. Devido ao mau desempenho na prestação de serviços e a atrasos na entrega das obras, em 1892, o contrato de concessão com a companhia foi rescindido e, no ano seguinte, o governo do Estado assumiu o abastecimento, criando a *Repartição Técnica de Água e Esgotos* (RTAE). Segundo Cristina Campos, nesse momento existiam pouco mais de 5.702 prédios servidos de esgotos e apenas 5.503 abastecidos de água, mostrando que o fornecimento da Companhia não era suficiente devido à intensificação do crescimento demográfico. Sendo assim, apesar dos esforços, a instalação de uma rede de água e esgotos não ofereceu soluções muito abrangentes, sendo disponível predominantemente nas zonas centrais e nos bairros luxuosos²⁷.

O abastecimento de energia seguiu o modelo de concessão de exploração e esteve a cargo de dois grupos estrangeiros: a *The San Paulo Gas Company*, constituída em Londres, em 1869, responsável pelo abastecimento de gás, e a *The São Paulo Tramway Light and Power Company*, constituída no Canadá, em 1899, para o fornecimento de energia elétrica. As duas empresas concorreram na disputa pela instalação e administração de um sistema de iluminação (pública e particular) e pelo fornecimento de combustível para fins domésticos (aquecimento e cozinha). Até esse momento, a iluminação era obtida por meio da queima de querosene e óleos (óleos de mamona ou oliveira e azeites de peixe, foca ou baleia)²⁸ em lampiões instalados em vias públicas ou residências; nas casas mais pobres eram usadas velas de sebo (frequentemente listadas, junto de castiçais, em inventários de famílias paulistas do século XIX)²⁹: “Nesse tempo não existia luz elétrica na rua, só lampiões de querosene”, “De noite, os ‘lampioneiros’ vinham acender os lampiões e de madrugada voltavam para apagar”; “Em casa também, os lampiões eram pendurados na sala, no quintal e na cozinha”³⁰. Em 1912, após assumir o controle das ações da *The San Paulo Gas Company*, o grupo *Light*

²⁶ KIDDER, Daniel Parish e FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os Brasileiros* (1851-1865). vol. 1, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1941, p. 193 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. *Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno*. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2014.

²⁷ CAMPOS, Cristina. *op. cit.*, p. 189-232.

²⁸ PEIXOTO, Afrânio. *op. cit.*, p. 135-136.

²⁹ MUSEU DA CASA BRASILEIRA. *Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno*. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2014.

³⁰ Depoimentos de Sr. Amadeu e Sr. Ariosto. Cf. BOSI, Ecléa, *op. cit.*, p. 125 e 154.

passou a controlar os serviços de eletricidade, bondes, gás e telefone em São Paulo, no Rio de Janeiro e em outras cidades do interior paulista. Além do fornecimento de energia, as duas empresas tiveram papel importante na introdução de novos equipamentos domésticos, como o fogão a gás, contribuindo para a transformação da habitação, da atividade doméstica e, conseqüentemente, das relações de trabalho³¹.

Com relação ao transporte público, se as ferrovias contribuíram para interligar São Paulo e outras cidades do Estado à Europa, nas mediações da capital as linhas de bonde desempenharam tarefa semelhante. À medida que se expandia a área urbana, aumentavam as dificuldades de integração centro-bairros. Os primeiros bondes começaram a circular em 1872; eram movidos por tração animal e ficavam a cargo da *Companhia Viação Paulista*. Após grande pressão, em 1899, o serviço foi assumido pela *The São Paulo Railway, Light and Power Company Limited*, empresa que faria parte pouco tempo depois do grupo *Light*. Após 1900, foi dado início à ampliação da rede de linhas de transporte público com a instalação de bondes elétricos, promovendo mudanças na acessibilidade urbana e conferindo maior agilidade aos trajetos³².

Os investimentos em melhorias urbanas, obras de infraestrutura e embelezamento da cidade foram acompanhados por um grande impulso edificatório³³. De acordo com Bruno, em 1900, São Paulo contava com 21 mil prédios, em 1905, com 25 mil e, em 1910, com 32 mil³⁴. Com mão-de-obra predominantemente imigrante, sobretudo italianos que trabalhavam como pedreiros, mestres-de-obras e arquitetos, as construções que foram “colocadas de pé” receberam os mais variados fins: administração pública, comércio, educação, hospitais, fábricas e, um dos principais interesses desta pesquisa, residências. Como se pôde observar, algumas áreas (sobretudo as centrais) foram privilegiadas no fornecimento de luz, transporte, água e esgoto. Conforme colocou a autora Raquel Rolnik, isso se refletiu no valor do solo e no aumento da especulação imobiliária. Se até a década de 1870 a propriedade da terra era pouco relevante do ponto de vista da renda, com o desenvolvimento econômico, o mercado imobiliário se tornou extremamente lucrativo, atraindo capital antes investido na posse de escravos. Com novos loteamentos, abertura e regularização de ruas, a zona urbana foi

³¹ SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 33-39.

³² MARCÍLIO, Maria Luiza. *op. cit.*, p. 106-107; 111; 147; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 33-39.

³³ CAMPOS, Cristina. *op. cit.*; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*

³⁴ BRUNO, Ernani Silva. *op. cit.*, 1983, p. 912.

ampliada e a cidade enfrentou uma grande segregação sócio-espacial³⁵. Nicolau Sevcenko descreveu o processo nada espontâneo de loteamento da cidade conforme os interesses da especulação imobiliária:

O mais danoso agente especulador, que comprometeu definitivamente o futuro da cidade, forçando seu desenvolvimento em bolsões desconexos, espaços discriminados, fluxos saturados e um pavoroso cemitério esparramado de postes e feixes de fios pendurados como varais por toda a área urbana, foi o monopólio do fornecimento de gás, eletricidade, transportes urbanos, telefones e mais tarde de água, obtido pela *Light and Power*, uma empresa de capital misto canadense-anglo-americano. Esse monopólio simultâneo dos serviços mais essenciais dotara a empresa do poder de manipular o mercado de valorização do solo urbano, de forçar associações com particulares em manobras especulativas e eventualmente de corromper autoridades e instituições [...] ³⁶.

O núcleo central, que compreendia historicamente às ruas do Triângulo, foi se especializando como uma área de comércio. Como descreveu o Sr. Amadeu no excerto abaixo, enquanto os mais ricos e os segmentos médios partiram em direção aos bairros residenciais localizados na região sudoeste, inicialmente nos Campos Elíseos e depois se deslocando para Higienópolis, Santa Cecília, Vila Buarque, Avenida Paulista, Jardim América, a população mais pobre se estendeu pelas várzeas dos rios Tamanduateí e Tietê, onde se localizavam os terrenos mais baratos e muitas vezes sujeitos a inundações, acompanhando as indústrias e as linhas de trem nos bairros operários como Mooca, Belenzinho, Brás, Ipiranga, Bom Retiro, Barra Funda, Água Branca, Lapa. As zonas intermediárias tornaram-se áreas que aos poucos iam se valorizando com a especulação imobiliária, como é possível observar no anúncio de venda de terrenos na Vila Pompeia (figura 14). Essa configuração da cidade, além de resultar em uma heterogeneidade de bairros desconectados entre si, servia para definir o alcance das obras de infraestrutura³⁷:

Na minha infância o bairro fino mesmo era a avenida Paulista, avenida Angélica e imediações [...]. Pra esse lado do Brás, Cambuci, Belenzinho, Moóca, Pari, aqui tudo era uma pobreza, ruas sem calçadas, casas antigas, bairros pobres, bem pobres. A iluminação era a lampião de querosene. Lembro quando em minha casa puseram um bico de luz, foi o primeiro bico que puseram naquela rua [...]. Punham um bico só porque a luz era muito cara, mais de duzentos réis por mês. Com o tempo punham um bico na cozinha, no quarto, no quintal e assim por diante. Mas era usada como uma luz bem econômica porque não dava para pagar no fim do mês [...]. A mudança não foi assim tão rápida. O progresso da periferia começou porque no centro já estava ficando difícil morar. O comércio progrediu e ocupou as casas dos inquilinos.

³⁵ ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997, p. 102.

³⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Estático na Metrópole*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 122.

³⁷ ROLNIK, Raquel. *op. cit.*, SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*

As pessoas mudavam para pagar um aluguel mais barato. Iam para Penha, para a Lapa, para o Ipiranga³⁸.

E' chegada a hora...

... de comprar terrenos na CRISE para os vender daqui a um anno, na ALTA, quando terminar a guerra... Os melhores terrenos, os mais vendaveis e mais baratos de S. Paulo são os da

VILLA POMPEIA

Situados na Agua Branca, desde a Avenida, cortando o Parque Antarctica.
A Villa Pompeia tem uma area de um milhão e trezentos mil metros quadrados dividida em 17 ruas e uma grande avenida que parte da linha de bonds do Parque Antarctica e se dirige para a Avenida Municipal fechando o grande circuito futuro de avenidas, do largo do Rosario ao largo S. Francisco; — Avenidas S. João, Agua Branca, Pompeia, Municipal, Paulista e Luiz Antonio. São terrenos de valorização fatal; fica no amago dos grandes melhoramentos da Capital.

Em 18 mezes vendemos oitocentos mil metros!

Acaba de ser installado ao alto da Villa Pompeia o grande reservatorio das aguas da Cotia. Dentro de alguns mezes a Villa Pompeia estará abastecida com a melhor agua potavel da Capital e é sabido a valorização dos terrenos abastecidos d'agua.

Porque V. não compra terrenos na Villa Pompeia?

PORQUE NÃO TEM DINHEIRO? Nós emprestamos o dinheiro, pois vendemos os terrenos em lotes, SEM JUROS, a prazo muito largo, com qualquer prestação mensal.
E' um negocio ideal; o terreno valorisa-se dia a dia, vai portanto ganhando juros porque augmenta de valor e V. o vai pagando sem juros, aos bocadinhos... Quer V. negocio mais intelligente? S. Paulo cresce espontaneamente. Antes de cinco annos terá o dobro da população. Com a guerra européa e a miséria subsequente a immigração augmentará. A nossa crise é toda de momento; a pujança de S. Paulo será sempre victoriosa.
E' no momento de crise que se fazem os bons negocios. Não ha em S. Paulo nenhum terreno dos que são annunciados em prestações, que se possa comparar aos terrenos da Villa Pompeia.

Para informações LARGO DA SÉ 3 ou

VILLA POMPEIA (Bond da Agua Branca)
Trav. II, n.º 2 com o C.º Passos

Figura 14. Anúncio de venda de terrenos no bairro Pompeia.

Como uma zona intermediária, na década de 1910 já era possível observar a especulação imobiliária na região. O texto informa que os terrenos, vendidos à prestação, estavam localizados próximos a linhas de transporte público, grandes avenidas e reservatório de água.

“E’ chegada a hora...”. *Revista Feminina*, n. 14 de jul. 1916, p. 29. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

São vários os autores, a maioria arquitetos, que estudaram a variedade de habitações paulistanas nesse contexto. Carlos Lemos divide os tipos de habitação em São Paulo em sete categorias: palacetes, casas de soluções mistas (estabelecimentos comerciais com moradia), casas da classe média alta, casas da classe média, casas da baixa classe média, casas operárias e cortiços. Raquel Rolnik optou por reuni-las em quatro grupos: palacetes, vilas operárias

³⁸ Depoimento de Sr. Amadeu. Cf. Bosi, Ecléa. *op. cit.*, p. 132 e 140.

(construídas por industriais próximas a fábricas ou por companhias prediais construtoras de imóveis), casas de “autoconstrução” (habitação popular construídas pelas próprias famílias ou a partir da contratação de um pedreiro) e cortiços. Já Maria Cecília N. Homem as divide de forma mais simples: palacetes (casas de elites), casas médias e casas populares (incluindo as de operários e os cortiços)³⁹. Aqui se adotou a divisão em apenas três categorias: palacetes, casas populares (incluindo vilas e cortiços) e casas de classe média (habitações variadas de padrão médio).

Os primeiros palacetes começaram a aparecer em São Paulo por volta da década de 1880, atendendo aos anseios de modernidade (embelezamento e limpeza das cidades e das casas) das elites paulistanas. Um dos principais responsáveis pela introdução de novidades na arquitetura paulistana, não apenas com relação aos novos tipos de residências, foi Ramos de Azevedo⁴⁰. As modificações introduzidas pelo arquiteto expressavam os ideais de “progresso” e “civilização” almejados pelas elites e intelectuais brasileiros no final do século XIX e que significavam romper com um passado identificado com o “atraso” nacional.

Construídos seguindo o movimento Eclético⁴¹, os palacetes apareceram em vários bairros ricos de São Paulo. Caracterizavam-se como habitações unifamiliares, de um ou dois andares, porão, afastadas das divisas do lote, de preferência dos quatro lados, situadas em meio a jardins, ostentando apuro estilístico. Embora tenha havido variações⁴², de um modo geral, pode-se dizer que os espaços internos dos palacetes eram divididos em três áreas básicas: íntima, social e de serviço, independentes umas das outras, mas com cômodos interligados por ambientes de transição (vestíbulo, *hall*, escadas, corredores, antecâmaras,

³⁹ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*; LEMOS, Carlos A. C. *op. cit.*, 1989; 1999; ROLNIK, Raquel. *op. cit.*, p. 50-87.

⁴⁰ Fazendo parte do conjunto de intelectuais brasileiros europeizados, Ramos de Azevedo graduou-se em 1878 na Universidade de Gand (Bélgica), uma instituição com forte influência francesa. De volta ao Brasil, no ano seguinte abriu seu primeiro escritório em Campinas, colocando em prática a experiência adquirida com seus professores no que diz respeito ao zoneamento, estilos e técnicas de construção encontradas nas residências europeias do século XIX. Cf. CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*, 2000, p. 260.

⁴¹ Inspirado principalmente na *École des Beaux-Arts* de Paris, na arquitetura o ecletismo é um estilo que incorporou um amálgama de tradições distintas, combinando elementos dos mais diversos estilos franceses e italianos com as novas possibilidades técnicas do período: o ferro e o vidro. Os telhados com mansardas, as cúpulas, o ferro fundido e o uso de uma ampla gama de cores – tornando possível uma decoração mais rica – acabaram, assim, por se tornar característicos. Cf. NEEDLE, Jeffrey. *op. cit.*, p. 172.

⁴² As variações dependiam da situação socioeconômica e cultural dos proprietários e das famílias. Maria Cristina Wolff Carvalho, quando estudou os projetos de residências de Ramos de Azevedo, localizou quatro grupos de palacetes criados em seu escritório. Essa variedade de estilos demonstra a flexibilidade e a liberdade possíveis para o programa habitacional na visão arquitetônica que o arquiteto seguiu. No geral, eram palacetes confortáveis que variavam na forma dos ambientes, mas não em seu funcionamento. Dessa maneira, eram habitações que satisfaziam os desejos de exteriorização da individualidade, respeitabilidade, gosto, cosmopolitismo e refinamento de seus clientes. Cf. CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*, 2000, p. 251-353.

antessalas, salinhas)⁴³, disposição muito semelhante à descrição feita por D. Jovina⁴⁴ da casa de sua família e àquela encontrada em um anúncio de venda de um palacete da Alameda Eduardo Prado (figura 15). As três áreas deveriam ser distribuídas de acordo com um rígido ritual social e conformadas às regras de conforto, higiene e salubridade (“Aspecto agradável, notando-se tanto exterior, como interiormente, perfeitas commodidades, condições hygienicas e estheticas, segurança e conforto”⁴⁵). Dessa forma, seus cômodos deveriam ser amplos, com janelas largas, e ricamente decorados. Os palacetes sintetizavam, então, a melhor expressão do que significou “morar à francesa”.

Nossa casa tinha um corredor na entrada, um vestíbulo, uma sala de jantar muito grande, quatro quartos, dando dois para a sala e dois para o corredor que ia da sala à cozinha. Uma escadinha levava para o porão alto onde a dependência mais importante era a sala de estudos [...]. A casa tinha um jardim de lado, muito gostoso, e no quintal uvas enxertadas por um jardineiro português [...]. Para o terraço davam duas portas: a da sala de jantar e a do vestíbulo. Uma escada curva subia para o terraço com um jasmim-de-italia e uma roseira⁴⁶.

Figura 15. Anúncio de venda Palacete.

“Vende-se um, á alameda Eduardo Prado n.º 5, com as seguintes accomodações distribuidas pelos seus dois pavimentos: - 5 dormitorios amplos e arejados; sala de visitas; sala de jantar; saleta de estar; jardim de inverno, hall, escriptorio, quarto para criados, cozinha, cópia, instalações sanitárias; optimo porão habitavel e dividido. O predio, que foi construido pelo dr. Ramos de Azevedo, acha-se edificado numa área de 24 metros de frente por 70 metros de fundos, e dispõe de jardim, bom quintal, garage para dois automoveis, lavanderia e dependencias para empregados. Aspecto agradável, notando-se tanto exterior, como interiormente, perfeitas commodidades, condições hygienicas e estheticas, segurança e conforto. Preço: RS 350:000\$000. Trata-se á rua Libero Badaró, 46 (sobreloja). Escriptorio do dr. Alfredo Egydio”. “Palacete”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1928, p. 16.

⁴³ *Ibidem*, p. 267.

⁴⁴ Depoimento de D. Jovina. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 267, 286-287.

⁴⁵ “Palacete”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 nov. 1928, p. 16.

Segundo Maria Cecília N. Homem, alguns elementos dos sobrados e chácaras permaneceram incorporados aos palacetes de São Paulo: o gabinete, o quarto de hóspedes e a sala de jantar ampla. Na parte fronteira do térreo ficavam o gabinete e o quarto de hóspedes, seguindo a tradição colonial de manter distantes pessoas estranhas aos membros da família. Em posição central, as salas de jantar, antigas varandas ou salas de viver da habitação colonial eram mais amplas do que os demais cômodos da casa. Como é possível observar pela descrição de Ina von Binzer e outros viajantes, a varanda era o local onde a família se reunia com todos sentados em volta de uma grande mesa, próximos ao fogo, tanto para fazer as refeições quanto em momentos de lazer e de trabalho caseiro. Posicionada nessa época nos fundos, contígua à cozinha e demais áreas de serviço, dali a dona de casa comandava os trabalhos dos empregados (exercendo “verdadeira fiscalização”), recebia as visitas mais íntimas, mantinha uma máquina de costura e passava as roupas. Por esse motivo, porque a varanda era um espaço multifuncional e informal, no Brasil as salas de jantar dos palacetes herdaram a tradição de manter a amplitude do espaço⁴⁷:

Às nove da manhã e às três da tarde em ponto, encontramos-nos na ‘veranda’ [sic] para o café e para o almoço ‘Veranda’ é como os brasileiros [...] chamam a sala de jantar [...], sempre goza da vantagem de ter uma porta dando para o exterior e que é ao mesmo tempo a porta traseira da casa [...]. Os servidores pretos e as pretas atravessam-na de cá para lá; água, lenha, mantimentos, roupas, tudo passa para dentro e para fora em grandes baldes e cestas sobre suas cabeças; como geralmente o local comunica com a cozinha e até mesmo com as acomodações reservadas às pretas, torna-se um precioso posto de observação para a dona de casa [...]. D. Maria Luísa, ao contrário da maior parte das donas-de-casa brasileiras, exerce verdadeira fiscalização. Está em toda a parte, não perde as pretas de vista [...], costura incansavelmente na máquina Singer, confeccionando roupas brancas e vestidos para as crianças e até mesmo camisas e casacos grossos de inverno para os pretos da casa [...]. Nesse chão de terra batida, há um braseiro em volta do qual se reúne a família durante as noites frias do ano, como em nossa terra nós nos aconchegamos em volta do *Ofen*. [...]. De um lado dessa sala surpreendentemente está a mesa de jantar, onde se toma o café, almoça-se e toma-se o chá da noite, à luz de vela. [...] notei do meu lugar as múltiplas utilidades dessa ‘veranda’; enquanto tomávamos o nosso chá, uma preta do lado oposto da sala passava roupa [...]. Ao lado dessa, uma outra escrava assava o pão de farinha de trigo. [...] Não pode haver dúvida: esta ‘veranda’ é o ‘*non plus ultra*’ da versatilidade e sua variada utilização como padaria, sala de passar roupas, banca de engraxate e matadouro ou açougue, economiza [...] a agitação sem proveito das donas-de-casa, eliminando as descomposturas⁴⁸.

Estando de acordo com preceitos médicos que determinavam o que era uma cidade higiênica – salubre, bela, harmônica, equilibrada, racional, eficiente, arborizada, ordenada, planejada, funcional, compartimentada, etc., onde poderia ser garantido o bem-estar da população –, os palacetes de São Paulo foram considerados o melhor exemplo de habitação

⁴⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 165-166; HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*, p. 14; LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1993, p. 99; 103; 1976, p. 123; 136-138.

⁴⁸ BINZER, Ina von. *op. cit.*, p. 121-124.

“moderna” e modelo para outros tipos de construção⁴⁹. Seu programa de necessidades foi defendido por arquitetos, médicos e higienistas como o padrão ideal para o conjunto da sociedade. Evidentemente, o modelo sofreu adaptações (com cortes drásticos) para ser aplicado aos projetos de habitação popular, mas se tornou o tipo de habitação ideal. Por exemplo, em 1916, durante o governo de Washington Luís, foi criado um “Concurso de Moradias Econômicas”. Diante do problema de falta de moradias, dos altos preços dos alugueis e da grande preocupação com os cortiços que se alastravam pela cidade, esse concurso tinha o objetivo de eleger projetos para “habitações higiênicas” e baratas para serem alugadas ou vendidas às populações pobres. Dos 49 projetos apresentados, oito foram premiados. Eram como palacetes em miniatura: casas agrupadas no máximo duas a duas; entre elas, recuos laterais e frontais, muitas vezes correspondentes a pequenos jardins murados, a cozinha e o banheiro, nos fundos, ficavam isolados dos dormitórios, que muitas vezes se situavam no segundo pavimento de sobrados; na frente, pequenas salas de visitas. Desse modo, observa-se que os arquitetos projetaram habitações seguindo os mesmos preceitos de higiene, comodidade e estética encontrados nos palacetes das elites. Essas casas jamais foram construídas pela prefeitura, mas o modelo de “habitação higiênica”, que conseguiu, mesmo de forma mais simplificada, acabar com a sobreposição de espaços, já possuía um projeto definido.

Enquanto a população com maior poder aquisitivo procurou fixar residência em áreas mais elevadas da cidade, acreditando que os ares “viciados”, os maus odores ou “miasmas” transmitiam doenças, os mais pobres buscaram soluções alternativas para fugir da especulação imobiliária e dos elevados preços dos aluguéis⁵⁰. Segundo Blay, Bonduki, Piccini e Rolnik, autores que estudam as habitações populares no início do século XX, a população de baixa renda residia em casas coletivas denominadas geralmente por cortiços (também conhecidos como “cabeça-de-porco”, “estância”, “zungu”, “caloji” ou “pensão”). Espalhavam-se em grande quantidade (em 1906, em torno de 50% dos prédios na cidade) tanto pela região

⁴⁹ Alguns manuais femininos, como *O lar feliz*, a casa descrita era pequena e de um único andar; possuía porão, onde ficavam guardados alguns utensílios e a lenha. A entrada era feita pela cozinha que, com uma “uma boa meza, algumas cadeiras”, seria de sala de jantar. Não era mencionada a sala e o número de quartos era três. Este era considerado um bom exemplo de “uma pequena casa higienica”. Cf. *LAR FELIZ. op. cit.*; ROLNIK, Raquel. *op. cit.*, p. 108-112.

⁵⁰ BOARINI, Maria Lúcia (Org.). *op. cit.*, p. 35.

central, (por exemplo, “onde [hoje] é a rua Xavier de Toledo eram casas pobres que alugavam cômodos”), quanto pela periferia⁵¹.

O cortiço era um tipo de moradia popular, ao lado das vilas operárias, onde residiam trabalhadores dedicados ao comércio, aos serviços e à indústria. Mesmo havendo variações na sua disposição⁵², de modo geral, podem ser definidos como um conjunto de quartos ocupados cada um por uma família e que apresentavam uma infraestrutura externa coletiva: pátio, cozinha e área de serviços higiênicos com tanques, chuveiros e latrinas com pias. Podiam estar localizados em casarões abandonados, que eram subdivididos para serem ocupados por vários grupos familiares, ou em construções específicas para este fim. Apresentavam também como características predominantes a alta rotatividade, a sobreposição de espaços e a grande concentração de moradores. Eram normalmente edifícios com falta de manutenção, precárias instalações de energia elétrica, água e esgoto, problemas com infiltração e, muitas vezes, com cômodos que não possuíam ventilação natural. Portanto, a antítese da casa higiênica.

Tal como hoje em dia, devido à infraestrutura precária, à “desorganização” e à excessiva lotação, os cortiços eram considerados locais insalubres e focos de doenças. Várias pesquisas da época apontavam que essas características se tornavam elementos determinantes para o surgimento de comportamentos sociais “imorais” como a criminalidade e a violência⁵³. Alguns manuais de higiene e saúde, como o *Bíblia da Saúde*, de Renato Kehl, partilhavam da mesma ideia e continham trechos que alertavam as leitoras sobre os perigos da “degeneração humana”. No capítulo “Flagellos sociaes”, o autor explica que, onde as pessoas se aglomeram “[...] expondo-se á intensa luta de competições, á fome, á miseria, á vida em casas anti-hygienicas, sem conforto, sem ar, nem luz”, havia “degeneração”, “criminalidade” e “delinquência”⁵⁴. Problemas concretos eram transformados em deficiências morais de pobres e negros. Tais discursos serviram para manter sob vigilância e controle as empregadas

⁵¹ BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985; BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. 4.^a ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004; PICCINI, Andrea. *Cortiços na cidade: Conceito e Preconceito na Reestruturação do Centro Urbano de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1999; ROLNIK, Raquel. *op. cit.*; Depoimento de D. Risoleta. Cf. BOSI, Ecléa, *op. cit.*, p. 388.

⁵² De acordo com Blay e Piccini, existiam vários tipos de habitações coletivas, as mais comuns constam nas primeiras classificações, em 1893. São citados: “cortiço de quintal”, “cortiço casinha”, “casa de cômodo”, “cortiços improvisados”, “hotel-cortiço”. Cf. BLAY, Eva Alterman. *op. cit.*, p. 68-69; PICCINI, Andrea. *op. cit.*, p. 17-18.

⁵³ BOARINI, Maria Lúcia (Org.). *op. cit.*, p. 35; PICCINI, Andrea. *op. cit.*, p. 26.

⁵⁴ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 98.

domésticas dentro das casas dos patrões, isso porque as criadas faziam parte da população pobre muitas vezes vista como ameaça à paz das famílias ricas.

Por causa do medo da proliferação de doenças e do surgimento de epidemias, a permanência de cortiços na cidade contrariava a opinião de políticos, médicos, engenheiros e arquitetos. Além da exaltação da modernidade e do progresso, do culto à saúde e à beleza, nesse período, o discurso médico-higienista esteve fortemente presente na legislação e nas reformas urbanas. Códigos e leis sanitárias⁵⁵ foram elaborados pelo Estado com o objetivo de fiscalizar e regulamentar obras e edificações na cidade. Para as habitações populares, o *Código de Posturas de 1875* (revisado e ampliado em 1886) trazia normas referentes, por exemplo, ao local de construção de cortiços. Admitia-se ainda esse tipo de habitação no centro, mas era preciso obedecer à padronização rigorosa com relação à altura e área de construção, disposição no terreno (“juntos das casas de habitação, devem esses terrenos ter mais de quinze metros de largura”; “a altura dos cortiços do sólo á cimalha poderá variar de quatro a quatro e meio metros”) e determinações quanto às portas e às janelas (“os cortiços de uma só ou mais peças interiores deverão ter em todas elas portas e janelas, sendo a largura destas de noventa centímetros a um metro e o duplo correspondente na altura”)⁵⁶. Entretanto, em 1894, o *Código Sanitário do Estado de São Paulo* passou a proibir “terminantemente” a existência desse tipo de habitação em qualquer área central da cidade, fazendo com que muitas famílias se deslocassem para regiões periféricas. No entanto, nenhum dos Códigos e leis elaborados posteriormente conseguiu colocar fim a esse tipo de moradia popular, nem no centro, nem em outras áreas da capital paulista. Ao determinar regras de construção para

⁵⁵ Dentre essas legislações, vale citar, no âmbito municipal, o *Código de Posturas do Município* de 1875, revisto em 1886, que define o Padrão Municipal de São Paulo, identifica cortiços e má qualidade nas habitações, estipula medidas específicas para as construções e regulamenta abertura de ruas, alinhamento e calçamento; a Lei n.º 315 de agosto de 1897, que permite, legaliza e define o partido das Vilas Operárias; as Leis n.º 1788 e n.º 1874, respectivamente de 1914 e 1915, que dividem a cidade em perímetros, definindo áreas específicas para cada tipo de construção; (no âmbito estadual) o *Código Sanitário do Estado de São Paulo de 1894*, o primeiro elaborado, e sua reforma de 1917; além de ordenar como se deveria calçar e limpar as ruas da cidade, determinava regras para a construção de casas e edifícios (tamanho, ventilação, material de revestimento das paredes, piso, etc.); a Lei n.º 43, de 1892 que criou o *Serviço Sanitário do Estado de São Paulo* com objetivos de prevenir, combater ou atenuar as moléstias endêmicas, epidêmicas e transmissíveis; a Lei n.º 1.413, de 1911, que tratava da arrecadação da taxa sanitária para o serviço de limpeza pública e particular, entre outras. Cf. RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *op. cit.*, p. 120-127.

⁵⁶ *Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886*. Resolução 62, 1886, p. 5.

habitações, a legislação criava áreas específicas para as elites e as populações pobres, segregando-as espacialmente⁵⁷.

Na esperança de solucionar os problemas identificados nos cortiços – sujeira, desorganização, promiscuidade, sobreposição dos espaços que geravam proliferação de doenças –, as casas de vilas foram propostas como alternativas à população pobre. Caracterizadas como moradias unifamiliares, em 1900, a Lei n.º 493 de novembro previa que os empresários que construíssem habitações em vilas, destinadas à venda ou ao aluguel, receberiam isenção de impostos. Como descreveu Sr. Ariosto, as vilas eram construídas lado a lado de maneira semelhante, mantendo praticamente o mesmo agenciamento: de um a três cômodos dispostos em fila, além de cozinha e banheiro nos fundos para cada residência; algumas dispunham de equipamentos coletivos como escola, comércio, igreja, etc.

Ficamos só um ano ali, depois papai arrumou na rua da Moóca uma casa numa série de casas iguais, de propriedade do senador Lacerda Franco. Era dessas casas que quando se abre a porta se vê tudo, os quartos, a cozinha com fogão de lenha. A gente descia para o quintal e num barracão puseram um chuveiro. Antes da rua da Moóca, tomávamos banho de bacia⁵⁸.

Aqui cabe diferenciar os dois tipos de vilas, aquelas que eram empreendimentos realizados por construtoras (como a Companhia Iniciadora Predial, a Companhia Progresso Paulista e a Habitação Popular), e as chamadas vilas operárias, construídas por donos de fábricas para abrigar seus empregados nas proximidades do local de trabalho, estratégia que garantia maior controle sobre os trabalhadores ao mesmo tempo que diminuía os gastos com transporte. Como exemplo podem ser citadas a Vila Maria Zélia, contígua às instalações da Companhia Nacional de Tecidos, no Belenzinho, e a Vila Clark, construída pelos proprietários da Industria Clark de Calçados, na Mooca. Embora tenham sido incentivadas pelas autoridades para evitar os problemas de higiene que caracterizavam os cortiços, devido à especulação dos terrenos, aos elevados aluguéis e à carência de habitações, sabe-se que algumas eram sublocadas para famílias mais pobres⁵⁹.

Entre os dois extremos (palacetes e casas populares), existiam ainda as habitações dos segmentos médios. Segundo Homem, Lemos e Silva, a definição desse tipo de moradia é mais fluída e está relacionada ao número de cômodos: variável, mas sempre acima de três. Embora

⁵⁷ BLAY, Eva Alterman. *op. cit.*; BONDUKI, Nabil. *op. cit.*; PICCINI, Andrea. *op. cit.*; ROLNIK, Raquel. *op. cit.*, p. 95-135.

⁵⁸ Depoimento Sr. Ariosto. Cf. BOSI, Ecléa, *op. cit.*, p. 161.

⁵⁹ ROLNIK, Raquel. *op. cit.*; LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1989.

houvesse uma divisão espacial interna e formas de implantação no lote mais próximas do modelo dos palacetes, a habitação mediana não chegava a realizar uma completa especialização de seus espaços já que não havia um critério claro que restringisse a função de cada cômodo. O principal ambiente era a sala de jantar. Guardando ainda vestígios da tradição colonial, era o local de estar da família. A sala localizava-se quase sempre na frente e a cozinha nos fundos. Os corredores externos, descobertos em princípio, causavam muita confusão no planejamento, pois obrigavam os quartos centrais a serem peças de passagem forçada⁶⁰. Um dado curioso dessas habitações era a presença de um quarto para empregada, comprovando a existência para esses segmentos sociais de uma grande disponibilidade de mão-de-obra para o serviço doméstico⁶¹.

Desse modo, os investimentos em infraestrutura em São Paulo, somados ao crescimento demográfico, permitiram o surgimento de novos tipos de habitações. Enquanto as famílias mais ricas fixaram residência em regiões mais altas, locais abastecidos por transporte, luz, água e esgotos, os mais pobres sobreviviam em precárias moradias instaladas em vilas e cortiços. A insalubridade, a superlotação e a sobreposição de espaços contribuíram para a proliferação de doenças, tornando as habitações populares condenadas por políticos, médicos e higienistas. Embora uma série de leis tenha sido criada com o objetivo de higienizar e disciplinar as construções e os comportamentos, elas promoveram, na verdade, a segregação de grupos sociais em determinadas áreas da cidade.

3.2. A arte de enfeitar a casa

No capítulo “As refeições”, da obra *Tratado de civilidade e de etiqueta* – versão em português de *Savoir-vivre et usages mondains* da Condessa de Gencé –, a autora inicia escrevendo sobre como deveria estar organizada uma sala de jantar em uma habitação: “A sala de jantar deve ser alegre e clara. [...] deve ser mantida a uma temperatura agradável: nem muito fria e nem muito quente [...]. A boa dona de casa deve ter o maior cuidado em que aqueles que recebe à sua mesa fiquem comodamente instalados”⁶². A partir da leitura do excerto, observa-se que a composição dos ambientes de recepção da casa deveria ser uma das

⁶⁰ LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1976, p. 138-144.

⁶¹ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*; LEMOS, Carlos. *op. cit.*, 1989;1999; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*

⁶² GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 98.

preocupações da anfitriã na hora de receber seus convidados. Na obra francesa *L'art de bien tenir une maison*, a Condessa de Bassanville demonstra a mesma atenção quando escreve dois capítulos de seu manual: *De l'arrangement physique d'un salon* e *De la salle à manger*. Porém, diferente da Condessa de Gencé, a autora afirma que, mais importante do que agradar seus convidados em um dia de festa, era ter uma casa em que a ordem, o conforto e a beleza reinassem todos os dias para seus entes queridos⁶³.

Como foi discutido no capítulo anterior, a esposa era a responsável por tornar o lar um espaço alegre, agradável, elegante, atraente e confortável para sua família, sobretudo para seu marido. Ao retornar do trabalho, o homem deveria encontrar em casa todos os elementos que permitiriam seu descanso. Quando as atividades de produção foram separadas do espaço privado, a habitação se transformou em lugar capaz de garantir aos indivíduos privacidade, proteção e conforto para enfrentar os perigos e as frustrações sofridas na vida pública. Segundo Charles Rice, com a emergência da modernidade, o ser humano teria perdido a capacidade de ter uma experiência integral no espaço público da cidade. Para substituir essa experiência “perdida”, o homem procurou reformulá-la dentro de casa, ilusória e individualmente, por meio de objetos. Com isso, todo morador teria se tornado, na sociedade moderna, um colecionador. Ao tentar recriar a experiência perdida, ele reuniria os objetos de acordo com seus interesses pessoais e montaria uma narrativa de si mesmo dentro de sua casa⁶⁴. Assim, a estética doméstica, como um gatilho inicial, teria a capacidade de proporcionar nos indivíduos sensações de conforto, gratificação, harmonia e proteção⁶⁵.

Os manuais prescritivos de conduta, quando descrevem ambientes domésticos, apresentam uma profusão de detalhes. Obras como *O lar domestico*, de Vera Cleser, e *Livro das noivas*, de Julia Lopes de Almeida, destacam-se por apresentarem um passeio imaginário pelos espaços da casa⁶⁶. As descrições de interiores domésticos e a contextualização de objetos mencionados nessas obras, ainda que idealizadas, pois se tratava de um caminho visual fictício, são importantes para compreender as tendências da época.

⁶³ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 80-122.

⁶⁴ Para o autor, o senso de domesticidade teria emergido, no século XIX, como “um duplo interior”, ou seja, um interior que seria conscientemente entendido tanto como imagem quanto como condição espacial. O processo de construção de ambientes doméstico é dinâmico e marcado por uma complexa rede de escolhas, combinações e mudanças. Cf. RICE, Charles. *op. cit.*

⁶⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2003, p. 297.

⁶⁶ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905; CLESER, Vera. *op. cit.*

Começando o percurso pelas áreas sociais da habitação⁶⁷, Vera Cleser afirma: “Os estranhos avaliam as qualidades domesticas duma dona de casa pela sua sala de entrada”⁶⁸. Ocupando uma posição central, através desse espaço – também chamado de vestíbulo, entrada social e/ou hall – se tinha acesso a outros cômodos da casa. Ali os convidados geralmente eram recebidos pelos empregados ou donos da casa. Segundo a autora, a mobília deveria ser composta de “um porta-chapéus, munido de espelho [...], tres a quatro cadeiras, uma mesa com tinteiro, porta canetas, [...] papel e enveloppes”, caso o visitante quisesse escrever algum bilhete. Poderia haver ainda “um *cache-pot* com uma planta bem tratada”, nas paredes alguns quadros ou painéis “com uma figura heráldica, caçadas, scenas maritimas, campestres, etc.” Nas janelas, aconselhava-se colocar cortinas do tipo *stores*⁶⁹ (figura 19), no lugar das de renda⁷⁰. Como a função da sala de entrada é fazer a transição entre os espaços público e privado, os artefatos que a compõe deveriam fazer referência a esses dois mundos⁷¹. Na obra *O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas*, para as habitações mais modestas que não possuíam esse espaço, aconselhava-se o uso de um biombo como solução para separar a porta de entrada das portas da sala de visitas ou da sala de jantar⁷².

Seguindo o caminho pela área social, o destaque ficava para a sala de visitas (também chamada de *salon*, *grande salle*, *parloir* ou somente *salle*): “Em quasi todas as habitações, a dependencia colocada em primeiro logar, logo á entrada, e a mais cuidada pelos moradores, é, certamente, a sala de visitas”⁷³. Neste espaço concentravam-se a riqueza e os elementos de representação da família; funcionava como um teatro, onde se encenava para os visitantes presentes⁷⁴; era, então, onde aconteciam as recepções e festas:

Cette pièce-ci n'est plus le lieu intime du ménage; elle appartient à tous; c'est là où l'on reçoit, où l'on s'occupe plus des étrangers que des siens; en un mot, c'est le

⁶⁷ Neste capítulo, foram priorizadas as áreas sociais da habitação. Em primeiro lugar, porque são espaços de recepção de convidados e, desse modo, a decoração era provavelmente priorizada. Depois, porque no capítulo seguinte, as descrições dos quartos e da cozinha serão utilizadas nas análises. O intuito também é evitar repetições.

⁶⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 123.

⁶⁹ É um tipo de cortina, semelhante a persianas. Como explicado no manual de Vera Cleser “O pequeno aparelho colloca-se no interior dos portaes da janella. O *store* deve ter a largura exacta da vidraça e excedel-a de vinte centimetros no comprimento, para as bainhas [...]. Ha varas automaticas, divididas em duas partes entre as quaes se aperta a bainha superior do *store*”. Cf. CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 114.

⁷⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 123-124.

⁷¹ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*; LEMOS, Carlos. *op. cit.*, 1989; 1999; HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*

⁷² DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 9-10.

⁷³ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341.

⁷⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 153-155; CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 168; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 126-132; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341.

*théâtre où s'échangent une foule de riens et où tout ce qui reluit n'est pas or, pour me servir d'une expression*⁷⁵.

Por esse motivo, as salas de visita demonstravam o poder monetário e a cultura do dono da casa: “o chefe de família que tiver meios abundantes, mobiliará com facilidade uma sala de confortavel em tudo – moveis, quadros, lustre, tapetes, lampadas e bibelots – estará em perfeita harmonia com sua fortuna e posição social”⁷⁶. Sua decoração variava de acordo com as “questões de gosto, de circunstancias pecuniarias” ou com “a necessidade de harmonizar moveis novos com outras já existentes”⁷⁷.

Julia Lopes de Almeida, relatando um passeio fictício pela casa de uma amiga recém-casada descreve o ambiente onde fora recebida pela empregada: “Sobre o *parquet* de mosaico, encerado, tinham posto a um canto um estrado coberto de um velludo persa côr de oiro e azul, e em cima do estrado um bronze artístico, uma encantadora venus negra, esculptura de mestre, que deu áquelle corpo de africana virgem, com a doçura da forma, a selvageria arrogante do modo e a innocencia estúpida do olhar”. Além da estatueta, a autora descreve a existência de “quadros originaes de pintores modernos”, uma mobília “leve, graciosa, fresca e disposta com graça”, “um piano novo”, posicionado em um canto da sala, entre um divã e uma estante de música, e um “bello vaso antigo”, onde havia uma planta exótica. Para a autora, ali “havia um luxo delicado, que não se impunha á vista de ninguem, nem fazia lembrar casas de outrem”⁷⁸.

Além dessa descrição de Julia Lopes de Almeida, outros manuais apresentavam conselhos sobre a decoração dos interiores domésticos. No manual *O lar domestico*, a autora Vera Cleser aconselhava para esse cômodo “soalho cerado”, pois tinha aspecto “lindissimo”, pintura a “oleo” com “bellissimos effeitos decorativos” que poderiam ser feitos por “um habil pintor”. Deveriam ser espaços amplos, iluminados e com várias janelas, sempre limpas e “sem sinaes de mãos sujas”⁷⁹. Para a decoração, as obras francesas indicavam os estilos Luís XIV, XV ou XVI, mas ressaltavam a importância de escolher apenas um deles, pois a mistura poderia causar uma “*cacophonie du plus mauvais goût*”⁸⁰. As cortinas, que deveriam “descer do alto da guarnição das janellas até ao soalho”, tinham que ser feitas de tecidos leves (para evitar o acúmulo de poeira), como renda, *étamine*, *mousseline* ou grenadine creme, “côr de

⁷⁵ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 80.

⁷⁶ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 126-132.

⁷⁷ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 153-155; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 126-132; DEBASSAVILLE, Mme la Comtesse. *op. cit.*, p. 80; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341.

⁷⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 153-154.

⁷⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 126-132; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341.

⁸⁰ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 80.

ouro”, narciso, etc., com “entremeios de *crochet-guipure*, *filet-guipure* e filó bordado”, “galerias douradas e os arranjos complicados no alto das cortinas”⁸¹. Os manuais franceses, como o *L’art de bien tenir une maison*, da Condessa de Bassanville, propunham para as donas de casas o uso de cortinas feitas com tecidos leves no verão: “*les rideaux des fenêtres seront en lampas couleur jonquille, commeles dessus de nos meubles, avec franges et torsades en soie pareille. Quant aux petits rideaux, ils seront en belle mousseline brodée et festonnée tout autour*”. Os tecidos mais pesados, como os veludos, poderiam ser adotados no inverno, muito mais rigoroso na França que o do Brasil. Os tapetes teriam a mesma função, permitindo economizar com o aquecimento da residência. Porém, nesse contexto, médicos e higienistas aconselhavam a eliminação de tecidos pesados, pois acumulavam poeira e poderiam ser prejudiciais à saúde. Isso é o que dizia o marido da amiga de Julia Lopes de Almeida: “Estás reparando para as cortinas de renda, não é assim? pois olha que é de proposito! meu marido é um higienista, nem imaginas! Os reposteiros de reps, de seda, de lã, são ninhos de microbios. A renda branca não; alegra o olhar e de vez em quando, záz! lava-se e engomma-se, e acabou-se a bicharia”⁸².

No comentário sobre a cortina de renda utilizada na sala de visitas da amiga de Julia Lopes de Almeida, a impressão que o leitor tem é a de que se tratava de uma peça feita com tecido leve e, conseqüentemente, mais fácil de higienizar. Se comparada a outros tipos de tecido como a lã e o veludo, de fato, a renda é bem mais leve, porém, como ficará mais claro no capítulo seguinte sobre as práticas domésticas, o aumento de itens decorativos na casa significou muito mais trabalho. A toalha de renda branca provavelmente deveria ser lavada, batida, quarada, passada e engomada. Com a medicina intervindo cada vez mais nas cidades, nas habitações e na vida privada, a frequência com que os objetos domésticos precisavam ser limpos aumentou drasticamente.

Dando continuidade ao passeio pela sala de visitas, os manuais informavam que a disposição dos móveis ficava a cargo da dona de casa, pois “cada senhora devia saber dar ao seu lar domestico uma feição pessoal; devia esforçar-se por achar disposições originais, novas, *suas*, emfim”. Segundo Cleser, a mobília desse ambiente seria composta de: cadeiras, poltronas, *puffs* e banquetas; os “sofás se colocam obliquamente aos cantos e tambem em linha reta, conforme o gosto pessoal, o tamanho da sala e a disposição das portas e janellas”;

⁸¹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 126-132.

⁸² ALMEIDA, Julia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 154-155.

no centro, uma “conversadeira sobre um grande tapete de uma só cor ou uma mesa portacartões, uma columna, um *cache-pot*” com uma planta decorativa, como “as palmeiras, a romeira, a musa, a azálea, os magníficos crotons, a begonia, a gloxinia, o coquelicot, etc.”⁸³. Além de Cleser, outros autores de manuais prescritivos descrevem várias mesinhas de diferentes tamanhos e matérias-primas que poderiam ser ornamentadas com “fracos de crystal” com flores, “fotografias” – “O lugar dos retratos de família é na sala de visitas” –, *bibelots*, que ficariam à escolha da dona da casa – “*quantaux [...] bibelots que vous voudrez mettre dans votre salon, je les laisse à votre choix*” – e inúmeros trabalhos manuais, como “cestinhas de vime”, “toalhinhas de *crochet-guipure, filet-guipure, frivolité*”, etc.⁸⁴, que as donas de casa poderiam elas mesmas confeccionar a partir de receitas encontradas em revistas femininas (figura 16).

⁸³ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 203.

⁸⁴ ALMEIDA, Julia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 153-155; BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 87; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 16-132; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 12.

Trabalhos de agulha

A pedido de diversas leitoras incumbimo-nos de enviar para o Interior tudo quanto fôr necessário para os trabalhos de agulha. Vide em nosso n.º anterior as gravuras e texto para o filet.

Renda dinamarqueza. — A renda dinamarqueza também chamada renda Hedebo, é um lindo trabalho de agulha, muito simples e muito fácil.

Uma vez calçado o desenho fixa-se o papel tela sobre um papel encerado; traça-se em seguida as rodinhas sobre as quaes se cosem dois fios presos por pontos de circundura.

Fig. N. 1. Modo de trabalhar a renda dinamarqueza.

Volta-se ao ponto de partida, cobrem-se as rodinhas de caseado, sob as quaes conduz-se ainda uma vez os dois fios vindos do traçado. Antes de terminar inteiramente as rodinhas executam-se as pequenas pyramides com ponto de caseado por cima dos pontos de caseado das rodinhas, lançando cada vez o fio e voltando, sobre a carreira de pontos terminados, de modo a começar cada carreira do mesmo lado.

O fio distendido é circundado pelos pontos caseados da carreira seguinte. Diminuindo um ponto de cada vez chega-se finalmente a formar uma ponta e d'ahi se reconduz o fio às rodinhas por pequenos pontos de circundura collocados ao longo da pyramide. Faz-se em seguida uma segunda pyramide opposta á primeira, termina-se a rodinha e cortam-se os fios.

No lugar em que as rodinhas se tocam ellas são ligadas entre ellas por alguns pontos. A rodinha do interior que liga as oito pyramides é guarnecida ao centro por uma carreira de tiras circundadas, que devem ser bem espaçadas para formar uma carreira aberta. As rosaceas são em seguida ligadas ao alto numa tira de fazenda, com um entremeio desfiado: os espaços vazios entre as rosaceas e o bordo são guarnecidos com pequenas pyramides.

Fig. N. 2. Um pedaço de renda dinamarqueza.

Tres rosaceas ligadas a uma tira de fazenda, guarnecida de um entremeio desfiado. Entre as rosaceas quatro pequenas pyramides para ornar os espaços vazios.

Recebemos diversas cartas sobre a nossa chronica do numero passado referente ao filet, pedindo-nos agulhas e moldes, que immediatamente enviamos.

Satisfazendo o pedido de diversas leitoras damos a seguir o ponto de linho para o filet bordado, que é o ponto que se encontra mais communmente nos bordados antigos: o fundo de flores, de folhas e os bordos são geralmente executados com este ponto. Depois de haver fixado o fio a um dos nós do filet elle é levado e traziado duas vezes por cima e por baixo dos fios do filet, de modo que, cada segundo fio passe *sob* o fio do filet ao fim de cada volta e *sobre* o fio do filet quando é trazido para cima. Assim se forma a carcassa do ponto de linho, que é completada pela segunda serie de pontos. Procede-se como para lavrar o linho; levanta-se um fio e abaixa-se outro. Póde-se também lançar o fio por cima dos fios dos quadrados. Neste caso

colloca-se um numero impar de fios nos quadrados, para contrariar, regularmente, ao fim da volta, os fios distendidos. Com numero par de fios o cruzamento não será regular no ultimo quadrado.

Quando o ponto deve formar um canto lança-se primeiramente o fio por cima de um numero determinado de quadrados. Nesta primeira volta os fios deverão ficar lassos e para poder dar a todos o mesmo comprimento, colloca-se uma agulha grossa de tricot sobre o ultimo quadrado, por cima do qual se distenderão os fios. Depois de ter feito alguns quadrados tira-se a agulha,

Fig. N. 3. Collocação dos primeiros pontos

Os fios primeiros encolherão pouco a pouco, visto serem elles abaixados e erguidos successivamente pela passagem dos segundos fios e elles acabarão por

Fig. N. 4. Collocação dos segundos pontos

ter o comprimento necessario para impedirem que os ultimos quadrados fiquem espichados. Chegado ao canto, crusa-se o fio da carreira seguinte. Os primeiros fios do segundo lado formam o fundo no quadro do angulo; do segundo quadro do angulo

Figura 16. Trabalhos de agulha.

Na *Revista Feminina*, era possível encontrar artigos, com texto e imagem, que descreviam o “passo a passo” para a confecção, por exemplo, de uma renda. Se não era possível adquirir a peça nos mais diversos estabelecimentos disponíveis na cidade, a dona de casa adequaria sua casa às condições financeiras da família, produzindo ela mesma o objeto decorativo de que necessitava. “Trabalhos de agulha”. *Revista Feminina*, n. 11, abr. 1915, p. 7. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Na sala de visitas de famílias mais abastadas havia também o piano – “Onde se ha de pôr o piano a não ser senão na sala de visitas, principalmente hoje em dia que se costuma tocar musica nos dias de recepção?”, questionava Ermance Dufaux⁸⁵. Este instrumento musical, tocado por mulheres durante as recepções com amigos e parentes, funcionava também como uma peça decorativa e poderia ser “guarnecido com uma graciosa *draperie* de seda e rendas”. Próximo ao piano Cleser indicava colocar uma estante alta para se colocar fotografias, “alguns *bibelots* artisticos” e outros objetos de decoração. Aconselhava-se ainda a adoção de um “grande espelho”, colocado “rente á parede, entre duas janellas ou ao lado”, caixas, *cache-pot* e mesinhas com flores, quadros “originais de pintores modernos, bem escolhidos” e colunas com “estatuetas”: “uma sala luxuosa exige imperiosamente quadros feitos por artistas de nomeada, bronzes e marmores *authenticos*”⁸⁶.

Para as famílias que viviam em condições mais “modestas” e de “orçamento apertado”, o manual *Arte de viver bem em sociedade* de Maria Amália Vaz de Carvalho recomendava “fornar as paredes” da sala com “papeis de um verde agua delicioso”, “côr de rosa desmaiado e tenue, de um *mauve* agonisante, em que destacam girasões côr de ouro vivo, lyrios amarelllos e roxos de folhagem esguia, ramos de *glycinias* pendentes em desordem artistica, folhas largas das que desabrocham á beira dos lagos solitários, formosas *nympheas* feitas de graça, elegancia mysterio...”. Além dos papéis, poderiam ser adotados “tecidos variados” e mais simples e baratos, como a “chita” e, desse modo, com textura, segundo atributos indicados no texto, mais espessa e opulenta. Porém, de qualquer forma, as famílias teriam um espaço com “a mesma belleza de cores, a mesma variedade elegante de folhagens, de flores, de formas fantasticas e caprichosas”⁸⁷. Para Cleser, o mais importante na habitação das famílias com recursos modestos era a manutenção da simplicidade, da ordem e da limpeza dos ambientes: “A qualidade essencial que dá á casa mais sumptuosa como á mais modesta todo o seu merecimento é a limpeza mais escrupulosa, a ordem mais meticulosa”. A autora indicava que as paredes não ficassem sem nenhum objeto de decoração; porém na impossibilidade de adquirir quadros de artistas renomados, a família poderia escolher “bôas gravuras á agua forte, em aço, etc.” colocadas “em caixilhos largos e escuros com um ou dois

⁸⁵ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 11.

⁸⁶ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 173; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 126-132.

⁸⁷ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, p. 168.

frisos de ouro fosco”, sobre a mesa “uma jardineira de crystal ou de faiança com flôres vulgares, mas bem tratadas e terá uma sala elegante ainda que não seja sumptuosa”⁸⁸.

Presente também na área social, a sala de jantar era destinada às refeições em família e aos jantares com convidados, por isso, nas habitações mais abastadas como os palacetes, ficava localizada próxima à copa e à cozinha. Deveria ser um espaço amplo e com janelas para garantir a ventilação e a entrada de luz solar durante o dia. Como descreve detalhadamente Cleser, a decoração e a mobília deveriam estar em perfeito estado; dar a “impressão de durabilidade, elegancia e real utilidade”; manter a harmonia entre todas as peças; demonstrar a fortuna do chefe de família, além da elegância, o bom gosto e o esmero da “joven dona de casa”. Indicava-se o branco para a pintura do teto; para as paredes, “bem secas, lisas, altas”, o “papel envernizado” ou a tinta “a oleo” de louro, para que pudessem ser lavadas “duas ou tres vezes por anno” e ainda conservar “um bom aspecto” – o uso do óleo de louro afastava do ambiente as moscas e outros “nojentos insectos”. Além disso, um papel de parede e uma pintura que pudessem ser lavados, assim como as “cortinas e os pannos de mesa para uso diario que as fazendas supportam bem a lavagem” significavam menos gastos para as famílias mais modestas⁸⁹.

Para a decoração, os manuais franceses diziam que a sala de jantar poderia ser adornada de forma moderna ou antiga, mas, em todo caso, não se indicava os estilos Luís XV e XVI, pois o ambiente demandava uma característica séria – “*mais ni le Louis XV ni le Louis XVI ne sont de mise dans une salle à manger qui demande un caractère sérieux dans son ameublement*”⁹⁰. De acordo com Maria Amália, o estilo que conferiria essa característica de seriedade às salas de jantar seria o “de genero inglez moderno”⁹¹. Assim, como coloca Cleser, a mobília “simples, sólida e de bom gosto” era sempre a mesma. Os objetos ali colocados tinham uma função prática: “As salas de jantar não devem ter moveis que não sejam proprios á função especial a que são destinados”. No centro uma “mesa elastica ou quadrada sobre um grande tapete de côres claras”, “uma *étagère*” com tampo de mármore”, “um guarda-louça, contendo em bôa ordem a louça fina, copos, garrafas, compoteiras de crystal, a prataria, tudo emfim que não fôr de uso diario”; “uma mesinha leve em fórmula de bandeja com duas alças e uma ou duas prateleiras”, podendo ser movida facilmente para outros cômodos (jardins, sala

⁸⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 130 e 132.

⁸⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 133-139.

⁹⁰ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 113-114.

⁹¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, p. 173.

de visitas) para acomodar peças do aparelho de chá; “uma mesinha servida com pedra marmore para o filtro, alguns *cache-pots*” com plantas, que poderiam ser confeccionados pela própria dona da casa; “uma *mesa-trinchante* e seis a doze cadeiras completam a mobília de uma boa sala de jantar”. Quadros “feitos por pintores talentosos”, pratos pintados ou algumas “boas lithographias representando bonitas paisagens, factos historicos, fabulas” e adornos com “flôres e folhagens”, contribuíam para demonstrar o bom gosto dos donos da casa⁹². Junto com a sala de visitas, a sala de jantar era um lugar formal e equipado para a recepção de visitantes; nos eventos mais completos, os convidados a utilizavam para as festas seguidas de jantares. Ali, então, aconteciam a socialização e exibição do *status* social de todos os presentes. Desse modo, como observou Lima, a mobília da sala de jantar simbolizava

[...] fortemente o grupo familiar e os valores que deveriam cimentar seus membros: ordem, união, harmonia, coesão, expressos nas cadeiras perfeitamente alinhadas à volta da mesa; respeito, apreço pela hierarquia, nos lugares especialmente reservados aos mais proeminentes, assim como pelo patrimônio familiar, nas pratas, cristais e porcelanas ostensivamente exibidos à sua volta⁹³.

Para as famílias mais modestas, Júlia Lopes de Almeida aconselhava organizar o ambiente com simplicidade, mas mantendo o “bom gosto”, ou seja, combinando os objetos de forma a manter o espaço com um aspecto “agradável” e “confortável”.

Quando uma sala de jantar não puder ter cristaes e marmores encantadores, terá umas trepadeiras perfumadas e lindas às janelas, uma mobília leve e bem tractada, embora singella e barata, um canario gorgeiador, um tapete de oleado em baixo da mesa, qualquer d’esses retoques, que fazem sorrir o barro vermelho das moringas d’entre a folhagem das avencas, ou a doçuras das rosas d’entre o colorido das fructas. Ha uma fortuna seductora de ser simples, tendo bom gosto⁹⁴.

Observando as descrições das salas de visitas e de jantar nos manuais femininos e comparando-os com o programa de necessidade⁹⁵ dos palacetes, revela-se o ideário burguês de especialização e hierarquização dos indivíduos na casa. Nessa discriminação estava prevista a separação de esferas masculinas e femininas na habitação. Vânia Carvalho, quando estuda o espaço doméstico paulistano, observa que a difusão do modo de vida burguês em São Paulo trouxe para as formas de morar não apenas a divisão em áreas íntima, social e de serviço, mas também as ênfases sexuadas. O processo de aburguesamento no Brasil, irradiado da Inglaterra e da França, alterou, dessa forma, os padrões de moradia através do aprofundamento da especialização do espaço doméstico; com ele, aumentou-se o consumo de

⁹² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 133-139.

⁹³ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995.

⁹⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 91.

⁹⁵ Programa de necessidades é o conjunto das atividades cujo exercício vai-se dar no espaço arquitetônico destinado a satisfazer às expectativas momentâneas próprias de seus usuários. Cf. LEMOS, Carlos. *op. cit.*, 1999.

objetos para a casa e os ambientes domésticos foram divididos em funções relativas aos gêneros. Segundo a autora, o *hall*, o escritório, o *fumoir*, a biblioteca e a sala de jantar eram cômodos com funções atribuídas à figura masculina, por esse motivo recebiam uma ornamentação mais simplificada e resistente, móveis utilitários, rústicos, com ângulos retos, de madeira e couro, com cores escuras, característicos do estilo inglês, concentrando sentidos como estabilidade, segurança, força, tradição e respeito⁹⁶. As descrições dos ambientes em manuais prescritivos permitem observar esses sentidos atribuídos aos espaços da casa:

As salas de jantar não devem ter moveis que não sejam proprios á função especial a que são destinados [...]. No nosso entender as casas de jantar ricas, em que possam ostentar-se pratos antigos ou modernos, pratos artisticas do artistico joalheiro que se chama Leitão; louças da China de Sèvres, de Saxe, de Wedgewood ou Japão, em grandes armarios com forma de *vitrines*, sempre ficarão mais hamonicas quando lhes completar o adorno uma mobilia classicamente antiga. Podem aproveitar-se para estas casas de jantar os bellos armarios hollandezes [...], os bufetes de pés torneados que servirão de aparadores, as cadeiras de espaldar de couro e pregaria, os moveis de estylo em toda a sua opulenta grandeza [...]. Ha para estas casas de jantar moveis de generoinglez modernos que são encantadores⁹⁷.

Já a sala de música, a sala de visitas, o *boudoir* e o quarto eram marcados como peças femininas, por esse motivo recebiam uma ornamentação mais intensa, e suntuosa, característica dos estilos franceses Luís XV e XVI – grande variedade de móveis e acessórios, investimentos em estofamentos adamascados, em dourados e cores mais claras que aquelas utilizadas nas salas de jantar, grande diversidade de materiais e cores, organização espacial pouco rígida, concentrando sentidos como graça, delicadeza e leveza. Sendo assim, os artefatos deixavam de ser somente itens utilitários ou símbolos de sucesso para serem revestidos de significações pessoais. Adquirindo uma série de associações que muitas vezes em nada se relacionavam ao seu uso, o interior doméstico passou a expressar, por meio dos hábitos pessoais e de consumo, os anseios, o caráter e a individualidade de seus moradores.

[...] havia em tudo um luxo delicado, que não se impunha á vista de ninguem, nem fazia lembrar casas de outrem [...]. Sobre o *parquet* de mosaico, encerado, tinham posto a um canto um estrado coberto de um velludo persa côr de oiro e azul, e em cima do estrado um bronze artistico, uma encantadora venus negra, escultura de mestre [...]. Nas paredes vários quadros originaes de pintores modernos, bem escolhidos. A mobilia era leve, graciosa, fresca e disposta com graça. Um piano novo, de grande formato, tomava outro canto da sala, entre a estante de musicas e um divan, atraz do qual erguiam-se, de um bello vaso antigo, as hastes bem tractadas de uma planta exotica⁹⁸.

⁹⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008; 2011.

⁹⁷ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, p. 173-175.

⁹⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 153-154.

Além das salas de entrada, visitas e jantar, na área social havia ainda outros cômodos de receber como escritório, gabinete de trabalho, biblioteca, sala de estudos, jardim de inverno, salões de jogos, *fumoir*, sala de senhora e “instalações sanitarias”⁹⁹, porém a maioria dos manuais femininos não priorizava ou ignora esses ambientes. Sobre as instalações sanitárias das habitações desse período, Maria Cecília N. Homem aponta que, assim como as cozinhas, elas puderam ser incorporadas ao espaço interno da habitação após a instalação das redes de água e esgoto¹⁰⁰. Apenas quatro obras prescritivas mencionaram em suas páginas como deveria ser a composição material desse espaço: *Livro das noivas*, *Livro das donas e donzelas*, *O lar e a saúde da família* e *Bíblia da saúde*. Indicava-se que as instalações sanitárias tivessem janelas, azulejos, torneiras e demais peças de louça sanitária, como banheira, pia e privada¹⁰¹ – “Tendo visto o banheiro, todo luzidio de marmores; o *warte-closet* escrupulosamente limpo com seu aparelho automatico e um *sachet* de *fleur de lavande* na parede”¹⁰².

Na área privada, os principais cômodos eram os quartos: do casal e dos filhos – estes sendo de sexos diferentes, deveriam ter cada um o seu próprio quarto¹⁰³. Como recomendavam os preceitos higienistas, os quartos deveriam ser “espaçosos, bem ventilados, e situados de modo a receber a luz do sol” durante grande parte do dia. Ar puro, luz solar e espaços amplos eram consideradas condições ideais para se manter uma boa saúde: “Onde o ar é renovado e ha luz bastante, elles [os micróbios] pouco resistem, exceção feita, naturalmente, de certos germes espirulados, capazes de resistir por mais tempo. Nos locais de confinado, humido ao resguardo da luz, os microbios teem garantidas a vitalidade e a virulenta por muitos mezes e mesmo anos”. Desse modo, o número de janelas era variável, mas imprescindível que todas tivessem “boas dimensões”. A forma adequada do cômodo era a retangular e recomendava-se o mínimo de móveis e “trastes dispensáveis”, pois poderia impedir a circulação de ar e ocasionar o acúmulo de poeira. A mobília mais importante era a cama, que deveria ser “baixa e larga”, feita de metal, também chamada de “cama higiênica” e

⁹⁹ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008; LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1989, p. 68.

¹⁰⁰ HOMEM, Maria Cecília Naclério. Mudanças espaciais na casa republicana. A higiene pública e outras novidades. *Pós-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. São Paulo, FAUUSP, n. 3, p. 6, jun. 1993, p. 5-18; _____. O princípio da racionalidade e a gênese da cozinha moderna. *Pós-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, n. 13, jun. 2003, p. 131.

¹⁰¹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 162; 1906, p. 52; *LAR e saúde da família*. *op. cit.*, p. 83-85; PEIXOTO, Afranio. *op. cit.*, p. 336-339.

¹⁰² ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 162.

¹⁰³ Como mencionado, os quartos serão analisados com mais detalhe no quarto capítulo.

estar posicionada “quasi ao centro do quarto, com a cabeceira encostada á parede”. Não era aconselhado o uso de cortinas, somente do tipo *stores*; se houvesse dosséis ou mosquiteiros, estes deveriam ser de tecidos leves (indicava-se a renda). As roupas de cama ou acolchoados também não deveriam ser feitos com tecidos pesados¹⁰⁴.

Além dos quartos, a área íntima era composta também por outros cômodos como os quartos de vestir ou de *toilette* com guarda-roupas, *lingeries*, toucador e armários com gavetas para os mais diferentes tipos de roupas (peças íntimas, roupa de cama, roupa de mesa, chapéus, casacos, travesseiros, etc.)¹⁰⁵; todos deveriam ser amplos, ventilados e ricamente ornamentados.

Com relação à área de serviço, localizada nos palacetes nos fundos da habitação, poucos manuais se dedicaram a descrevê-la. O cômodo mais importante era a cozinha¹⁰⁶, cuja instalação deveria estar atenta ao distanciamento das áreas íntima e social, evitando que seus odores incomodassem moradores ou visitantes – “em ultimo, disposta nos fundos, bem escondida, para não ser vista, a cosinha”¹⁰⁷. Como era o espaço onde as refeições eram preparadas, dela dependia a saúde e a felicidade da família¹⁰⁸. Para isso, indicava-se que o espaço fosse amplo, arejado, limpo, organizado e bem equipado. Com relação a este último item, isso significava que a cozinha deveria ter fogões modernos (principalmente os a gás) em substituição aos antigos, “atrasados” e sujos fogões à lenha¹⁰⁹. A copa (*service* ou *office*) era a peça que tinha, então, a função de manter essa distância: ficava localizada entre a cozinha e a sala de jantar e servia para a distribuição dos pratos, talheres e toalhas ou para que donas da casa e criados preparassem entradas, sobremesas e bebidas antes de servir à mesa. Dessa forma, a cozinha ficava próxima das copas, despensas, quartos dos empregados, lavanderia, salas de passar e engomar, quintal; e eram localizadas no mesmo pavimento principal da casa ou no subsolo/porão “habitável”. Em algumas habitações francesas admitia-se também sua instalação em sótãos.

¹⁰⁴ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 140-149; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 221; 232-233; *LAR e saude da familia. op. cit.*, p. 78.

¹⁰⁵ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*; LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1989, p. 68.

¹⁰⁶ Como mencionado, a cozinha será melhor detalhada no quarto capítulo.

¹⁰⁷ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341.

¹⁰⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 95.

¹⁰⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 161-162; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 175-191; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341-343; *LAR e saude da familia, op. cit.*, p. 86; SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 17. A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52; “A cozinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 55, dez. 1918, p. 79-80. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Como se observa, ao mesmo tempo em que os ambientes da habitação se especializavam, ocorria um maior investimento na mobília e em acessórios para o lar. Os manuais prescritivos se tornavam guias para as senhoras que desejavam aprender a decorar suas habitações. Aqueles que tinham melhores condições financeiras, além de investir na aquisição de casas mais luxuosas, higiênicas e confortáveis, encomendavam itens para a casa durante as temporadas pela Europa ou solicitavam por encomenda os importados oferecidos, por exemplo, pelas casas *Allemã, Garraux e Worms*¹¹⁰. Já as famílias de segmentos médios, o novo modo de vida pôde se realizar por meio da aquisição de bens de consumo acessíveis em lojas de departamentos, como o *Mappin Stores*, que ofereciam peças em diferentes estilos e valores (figura 17). As senhoras que não podiam adquirir móveis e objetos decorativos tinham ainda a possibilidade de adornar suas casas confeccionando elas mesmas seus objetos de decoração a partir de receitas caseiras divulgadas em revistas, como por exemplo na seção “Como enfeitar minha casa” da *Revista Feminina* (figura 18), e em manuais de economia doméstica¹¹¹ – “Quem souber um pouco de desenho e tiver a fortuna de conhecer um marceneiro inteligente, modesto e docil, pode inventar a sua mobilia, e fazê-la executar barato e com gosto seu, aplicando-lhe madeiras claras, e formas de simples e elegante comodidade”¹¹². Era esse, então, o caminho que tomava uma sociedade com estratificações sociais mais evidentes, isto é, na expressão vebleniana, expandia-se um modo de vida baseado no consumo conspicuo¹¹³.

¹¹⁰ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*, p. 56, 89, 95; OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *op. cit.*, p. 2000-2001; 2005.

¹¹¹ No manual de Vera Cleser, por exemplo, encontra-se um capítulo cujo título é “Moveis fabricados no lar” e em *Lar e a Saude da Familia*, um outro chamado de “Reparação da Mobilia”. Cf. CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 276-282; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 152-157.

¹¹² CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, p. 170.

¹¹³ CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. *op. cit.*; OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *op. cit.*, 2000-2001, p. 65-71.

RM
15/19, C16

AS NOSSAS NOVAS SECÇÕES

20/3/15 **ABREM-SE HOJE**

MOVEIS

Exemplares de Mobílias simples e embutidas para o Hall, o Quarto e a Sala, em estylos Chippendale, Sheraton, Hollandez, Luiz XV e Moderno.

Uma collecção de Moveis de desenho antigo em Carvalho Inglez.

Moveis estofados para Gabinete — Secretárias para Senhoras — e tudo o que é necessario para tornar a Casa confortavel e chic.

TAPEÇARIA

Tapetes Axminster, Indianos e Orientaes — Novidades em Cortinas — Grande variedade em Linhos estampados e Cretones, incluindo o novo tecido «SUNDOUR», de cores que nunca desbotam.

**ROUPA PARA
CAMA E MESA**

Lenções e Cobertores das melhores qualidades Inglezas e Irlandezas — Colchas bordadas e estampadas — Fronhas e Edredons — Travesseiros de Pennas e Colchões de Crina — Toalhas para banho e rosto — Roupas e Guarnições para Mesa, em Damasco Irlandez — Pannos bordados para o «5 o'clock» — Centros de Mesa de phantasia, d'Oyleys, etc.

Convidamos aos nossos Exmos.
Amigos e Freguezes para uma
inspecção a estas novas Secções,
que reúnem todo o necessario para
a Casa, nos ultimos estylos de
Londres e Pariz. — — — —

MAPPIN STORES

26 — Rua 15 de Novembro — S. PAULO

Figura 17. Anúncio de novas seções do *Mappin Stores*.

O anúncio do Mappin informava a abertura de “novas secções” na loja: As seções de “Moveis”, “Tapeçaria” e “Roupa para cama e mesa” ofereciam aos “exmos. amigos e freguezes” variados estilos (“Chippendale, Sheraton, Hollandez, Luiz XV e Moderno”), de acordo com a moda de “Londres e Pariz”, de tudo o que era “necessario” para “tornar a casa confortavel e chic”. “As nossas novas secções abrem-se hoje”. *O Estado de São Paulo*, 20 mar. 1915, p. 9. Arquivo da loja Mappin, acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Figura 18. O texto começa explicando: “As leitoras encontrarão neste desenho a maneira simples de fabricar uma estante muito útil, por suas próprias mãos. Com algumas caixas de madeira branca, que tenham comprimento indicado no *croquis* [sic] se faz a armação”. Por meio dessas receitas, a dona de casa tinha a oportunidade de equipar sua casa de forma semelhante àquelas descritas nos manuais femininos, porém utilizando materiais mais acessíveis. Desse modo, se não era possível adquirir uma “uma *étagère*” com tampo de mármore, ela poderia ter uma “estante feita com taboas de caixas vazias” com as coberturas de tecido substituindo a “nobreza” dos materiais da estrutura do móvel.

“Estante feita com taboas de caixas vazias”. *Revista feminina*, n. 30, nov. 1916, p. 37. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

CÔMO ENFEITAR MINHA CASA

Store ou reposteiro. — O modelo tem 1m e 50 de comprimento, e compõe-se de duas tiras de etamine bordada a ponto de Gobelins, e mede 48 cent. de largura cada uma e unidas com tranças de macramê de 40 cent. de comprimento; a barra termina por uma franja de macramê, formando nós de 75 cent. de altura. Para fazer a franja introduzem-se na etamine fios de 2m 50 cent. de comprimento e se reúnem 2 de cada vez, com um intervalo de 2 fios de etamine para cada grupo de fios de linha. Executam-se carreiras de pontos com 8 fios de cada vez, no fim se passam os fios através da orela da etamine, finalmente passam-se fios através da orela da etamine bordada, tira-se o nó pelo avesso do trabalho com o auxílio de alguns pontos, e cortam-se as extremidades.

Para a franja da barra introduz-se na ultima tira bordada, de etamine uma carreira de pontos de 11 cent. de comprimento, e trabalha-se da seguinte maneira:

1.ª e 2.ª carreiras — Deitam-se os dois primeiros fios como fio-mestre, para a direita por cima dos

outros fios e se executam 2 nós festão sobre o fio-mestre, tomando 2 fios juntos de cada vez; 3.ª carreira — 21 pontos com os 12 fios mais proximos, depois alternando passam-se os 56 fios mais proximos e 21 pontos com os 12 fios seguintes.

Depois trabalha-se com os 56 fios passados e collocam-se em vriez o 25.º até o 28.º fios como o fio-

mestre para a esquerda por cima dos outros 24 fios e executam-se 2 nós festonados sobre o fio-mestre, tomando 2 fios juntos cada vez e retomando 2 vezes depois; trabalha-se em sentido inverso 3 carreiras semelhantes com os outros 28 fios e passando-os com o auxílio de uma agulha de crochet os fios-mestres da ultima fila, através do 5.º nó das tranças e se termina por um nó festão. Para o meio do desenho se executa

um nó mexicano com os 16 fios do meio, utilizando 8 fios como fios-mestre; ajuntam-se de cada lado 8 fios e se executam 2, depois 3 nós mexicanos semelhantes e deixando-os tomar 8 fios de cada lado, se trabalha 2, depois 1 nó mexicano.

Executam-se ainda 3 filas enviezados de nós festão, que se reúne ao meio dos 8 fios-mestre por um nó mexicano. Com outros fios de nó festão, executam-se 5 pontos marinhos com os 12 primeiros fios, 1/2 ponto marinho com os 12 fios mais proximos, outro 1/2 ponto marinho com os 12 fios seguintes, e 5 pontos marinhos com os 12 fios que restam.

Depois se executa ainda um desenho quadrado como precedentemente, prendem-se os fios-mestre ao 16.º ponto marinho, depois das primeiras filas de nós de festão.

Em seguida formam-se 8, 6, 4, 2, 4, 6, e 8 pontos marinhos, tomando 8 fios de cada vez, e se atam os fios; enlaça-se este ultimo nó de fios de 50 cent. de comprimento com o qual se forma uma borla, e finalisa-se com a mesma.

Original Store ou reposteiro em macramê e etamine bordada.

Ao oferecerem às leitoras sugestões de como os interiores domésticos poderiam ser ornamentados, os manuais femininos, como os de Vera Cleser e o de Julia Lopes de Almeida, ainda que fazendo de forma idealizada, podem ser considerados importantes fontes para se pensar as tendências de gosto de uma época. Conforme observou Marize Malta no Rio de Janeiro, no contexto paulistano eles também podem ser entendidos como obras que contribuíram para ajudar as senhoras preocupadas em adornar seus lares. Com um número cada vez maior na cidade de casas comerciais que ofereciam infinitas possibilidades de compra, havia a necessidade de se encontrar algumas orientações para a formação de um “olhar decorativo”. A casa nesse contexto se tornou um instrumento para se expressar não apenas a personalidade de seu proprietários e membros familiares, mas também do prestígio social. Os que tinham a possibilidade adquiriram luxuosas habitações, como os palacetes, já os segmentos médios expressavam a ascensão social por meio da compra de objetos concebidos para a casa. A intensificação do consumo na vida doméstica, com a incorporação de itens decorativos e peças de mobiliário feitos de diferentes tecidos, cores e matérias-primas (seda, renda, *mousseline*, *étamine*, chita, creme, “côr de ouro”, “rosa desmaiado”, mármore, cristal, couro, madeira), significou uma série de novos estímulos sensoriais (visuais, olfativos e táteis), que davam a sensação de conforto e bem-estar, permitindo uma nova relação com os objetos. Mas mais do que isso, como será discutido no capítulo seguinte, o incremento de móveis, objetos de decoração e áreas na casa, decorrente da especialização de seus cômodos, significou também um aumento do trabalho doméstico¹¹⁴.

¹¹⁴ COWAN, Ruth Schwartz. *op. cit.*

IV. Limpeza artística e serviço grosseiro: a rotina de trabalhos domésticos

Coabitar o mesmo espaço representava para patrões e empregados uma situação complexa. Para as famílias, embora ter alguém servindo na casa pudesse significar conforto e *status* social, gerava também preocupações e medos. Já para as criadas, essa circunstância indicava economia de gastos, porém falta de privacidade. Sendo alguém de fora do núcleo familiar e presente constantemente na habitação, a empregada deveria se manter circunscrita somente às áreas de serviço, enquanto os ambientes íntimos e confortáveis eram interditados a ela – a não ser apenas para a realização de determinado serviço doméstico. Desse modo, ela não poderia desfrutar do direito de descansar na sala de visitas, fazer uma refeição na sala de jantar ou administrar o conteúdo de despensas, armários e gavetas. O único cômodo onde poderia ter certa privacidade seria seu próprio dormitório. Ainda assim, nem as áreas de trabalho e nem o quarto pertenciam exclusivamente à criada já que sua organização e limpeza eram sempre supervisionadas pela patroa. Ademais, como se tratava de uma pessoa de fora, de um grupo social distinto, uma potencial ameaça à integridade moral e física da família e uma mulher que partilhava com a dona da casa tarefas domésticas, as diferenças entre empregada e patroa precisavam ser constantemente reforçadas. A sinalização do distanciamento entre elas pode ser compreendida a partir da dimensão material¹.

Observando as descrições de ambientes domésticos feitas por memorialistas, viajantes estrangeiros e autores de manuais prescritivos, nota-se que a composição material dos quartos de patroas e empregadas domésticas representava as diferenças sociais dessas mulheres e as tentativas de manutenção da hierarquia estabelecida entre elas. Nas casas mais abastadas,

¹ Apesar de concentrar suas preocupações em período mais recente, o trabalho de Maria Suely Kofes é especialmente importante para esta pesquisa, pois nele a autora procura compreender as relações de identidade entre patroas e empregadas domésticas, assim como diferenças e semelhanças de papéis atuais na dinâmica estabelecida entre essas duas categorias de mulher. Tais questões são igualmente estratégicas para os estudos do final do século XIX e início do XX. A autora utilizou enfoques, recursos e ferramentas metodológicas próprias da antropologia para entender como se davam essas relações de gênero: foram observados os modos de interação, “os sujeitos aparecem como pessoas concretas dialogando”; e os discursos inferidos a partir de um conjunto de entrevistas com empregadas e donas de casa, incluindo suas histórias de vida. Além disso, a pesquisadora coletou informações de agências de empregos; participou de associações profissionais e analisou os materiais oferecidos em cursos profissionalizantes. O universo doméstico foi o palco dessas cenas; a condição comum do sexo, como seres do mesmo gênero, supostamente as identificaria em uma única categoria “mulher”, mas Kofes demonstrou que as diferenças individuais e as desigualdades de estratos sociais as distanciavam. A relação entre empregadas e patroas foi marcada a partir de limites e práticas ritualizadas, um mecanismo fundamental da construção da identidade. Daí a necessidade da autora de compreender como eram estabelecidas essas distinções: o uniforme, o elevador de serviço, o sino de chamar a empregada durante as refeições, etc. – “Há que se pressuporem certas regras neste jogo de alteridade que se instala. Regras estas que, ou podem ser explicitadas através de uma sobrecarga simbólica (gestos, roupas, demarcações de espaços, comensalidades etc.) ou podem ser definidas em um código legal, ou as duas coisas simultaneamente”. Tratou-se, portanto, de um jogo entre identidade e diferença, entre proximidade e distanciamento, o qual exigia muitas vezes ritualizações a fim de clarear as fronteiras incessantemente obscurecidas. Cf. KOFES, Maria Suely. *op. cit.*

geralmente os donos da casa possuíam dois quartos: o de dormir e o de vestir (também chamado de quarto de *toilette*): “Todos os objetos de toilette não se devem achar n’um quarto de dormir elegante mas sim n’um quarto especial”². De acordo com os preceitos higienistas, esses cômodos deveriam ser amplos, arejados e receber bastante luz solar. Por isso, os manuais femininos indicavam que os quartos tivessem uma ou mais janelas grandes. O assoalho deveria ser encerado e as cortinas de tecidos leves para não acumular poeira (renda ou do tipo *stores*). Para as paredes indicava-se geralmente pintura a óleo ou papeis envernizados de “côres inoffensivas” como branco, rosa, azul, “verde-mar”, “côr de perola” ou “côr de malva”, “isto é, côres suaves que não prejudiquem pela sua intensidade”. A decoração geralmente seguia o estilo francês Luís XVI, pois era considerado muito elegante³:

O quarto era amplo, com tres janellas para o jardim, de paredes pintadas a oleo, numa côr de rosa suavissima⁴.

Duas janellas largas, cujos vidros devem ser opacos, deixarão o recinto ser banhado pela luz do dia, e para de noite um lustre ou globo collocado ao centro do tecto distribuirá por egual luz clara que permitirá analysar os mais pequenos detalhes da meticulosa e complicada operação de toilette feminina⁵.

Como se tratava de um cômodo apenas para o repouso, o quarto de dormir deveria ser bastante confortável. Na obra *O lar domestico*, a autora Vera Cleser recomendava que a mobília fosse composta por uma cama, contendo um “bom colchão de crina vegetal, almofadas e travesseirinhos de paina de seda, com capas de damasco de linho ou de seda”, uma *chaise-longue*, duas poltronas, um genuflexório e dois criados-mudos⁶. Além desses itens, o quarto poderia ter as paredes adornadas com “um relógio de bronze, um crucifixo, uma pia d’agua benta” e algumas gravuras religiosas⁷. A roupa de cama deveria ser de linho ou cretone de boa qualidade e com bainhas (simples ou laçadas) com as iniciais do casal bordadas⁸. No manual *Livro das Noivas*, ao descrever os ambientes de uma habitação mais modesta, Júlia Lopes de Almeida afirmava que, embora o quarto de dormir não fosse grande, era “fresco, bem illuminado por uma janella larga, sem cortinas”, o “chão, todo encerado, não tinha tapetes e nas paredes reinava a mesma simplicidade”; e a mobília era composta apenas

² DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 12.

³ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 156-157; BARROS, Maria Paes de. *op. cit.*, p. 93; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 140-156; “A alcova moderna”. *Revista Feminina*, n. 79, dez. 1920, p. 70. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 156.

⁵ “Variedades. O toucador e o seu mobiliário”. *Revista Feminina*, n. 58, mar. 1919, p. 43. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁶ “*Chaise-longue*” é uma espreguiçadeira, também chamada de divã; “genuflexorio” é um móvel para fazer orações.

⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 140-149.

⁸ *Ibidem*, p. 96.

por “cama, criado-mudo e cabide de pés”, onde se pendurariam as roupas utilizadas durante o dia⁹.

O segundo quarto, o quarto de *toilette*, deveria ser próximo ao dormitório. Como se tratava de um espaço reservado para a troca de roupa e os cuidados com a aparência, recomendavam-se espelhos, luz abundante, móveis para as abluções, armários e guarda-roupas (compostos com múltiplas gavetas e pequenos ganchos para pendurar casacos, chapéus ou outros itens do vestuário). Era considerado um ambiente “alegre”, “confortável” e “gracioso”.

Se o espaço permitir collocam-se nelle o guarda-vestidos, o guarda-casacas com o espelho, o armario da roupa branca, um *puff* defronte do toucador, duas poltronas de vime ou de bambú, o lavatorio, o toucador, o cabide de pés sempre desocupado durante o dia, o porta-toalhas, tudo enfim que fôr necessario á toilette¹⁰.

Dias depois, passava o pequeno para o quarto de vestir, habituando-se à luz nessa peça clara e alegre, toda forrada de acetinado papel branco, com ramos de rosas pálidas atadas com fita azul-celeste; o soalho era coberto por esteirinha fina. Mobiliavam-na, a um lado, a cômoda preta ornada de incrustações douradas e, tomando toda a parede adjacente, o vasto guarda-roupa, com seus cabides engenhosos e grandes gavetas¹¹.

A mobília era leve, graciosa, composta de cinco ou seis peças – o guarda-casacas com o espelho, o guarda-vestidos, o toucador, uma commoda e um divan. O lavatorio era de agua corrente, amplo e todo de mármore [...]. Juncto ás janellas os jasmineiros emmaranhavam as suas hastes em arrendados verdes, e um pé de murta fornecia aroma mais deliciante ao quarto que todas as essências de Guerlain expostas no toucador¹².

Dentre os móveis que compunham um quarto de *toilette*, dois deles se destacavam: o lavatório e o toucador – peças consideradas indispensáveis e que também serviam para decorar o ambiente. Na obra *Arte de viver em sociedade*, Maria Amália Vaz de Carvalho, ao descrever a mobília e a decoração do interior das casas, afirmava que era “muito elegante ter sobre o toucador e lavatorio todos os objectos de uso, taes como escovas, pentes, caixas de pós de arroz, estojo de unhas, frascos de vinagre de toilette ou de perfumes, de agua de Colonia etc., etc.”¹³.

O lavatório era um móvel usado para se fazer o asseio do rosto e das mãos. Sobre ele, colocavam-se bacias, jarros e vasilhas para água (quente e fria), saboneteiras, esponjas, escovas, frascos de cristal ou vidro contendo glicerina, “agua dentifricia” e demais itens de

⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 156-157.

¹⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. Cleser, p. 150

¹¹ BARROS, Maria Paes de. *op. cit.*, p. 93.

¹² ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 156.

¹³ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 178.

higiene pessoal¹⁴. Ao seu lado havia sempre um “porta-toalhas de madeira ou de bambú”, para prender as toalhas úmidas, e os “balde de ágatha branca com ramagens”¹⁵. Nas casas mais ricas, como é descrito no manual *O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas*, o lavatório costumava ser feito de “marmore branco, guarnecido de bellos cristaes e porcelanas finas e com seus marfins massiços”¹⁶. Já nas casas mais modestas, como aconselhava Vera Cleser em *O lar domestico*, uma mesa de madeira poderia ser transformada em um lindo lavatório acrescentando apenas uma prateleira; para adornar, o móvel poderia ser coberto com toalhas de seda ou de renda, bordadas pela própria dona de casa¹⁷. O toucador seria uma espécie de mesa ou cômoda, encimada por um espelho, utilizado para a mulher se maquiar e pentear. Sobre ele, as senhoras costumavam colocar uma infinidade de frascos, perfumes, estojos, caixinhas, pentes, escovas de cabelo, “aparelho para as unhas”¹⁸. Todos esses itens, além de servir para o uso pessoal, tinham a função de ornamentar o móvel:

A cada lado do espelho fica uma elegante almofadinha, a que se destina aos alfinetes, cheia de limalha de ferro, póde-se revestir com casimira branca ou azul desmaiado e ornar com bordado rococó, rendas e laços de fitas; a outra destinada aos grampos, cobre-se com um crochet de malhas largas feito de lã *poil de chèvre* superposto duas ou tres vezes sobre crina animal com que se enche uma caixinha de papelão e que se guarnece com folhos de casimira branca e de seda côr de rosa, rendas finas e laços de fita¹⁹.

O sumptuoso arsenal arrumado em cima do toucador de setim guarnecido de ricas rendas começa a ser o predado exclusivo das mulheres da moda. São cousas feitas para o mysterio do gabinete de toilette e a senhora de bom senso comprehende que alli o verdadeiro luxo consiste em ter com abundancia agua quente e fria, luz á profusão, e fresco como se puder²⁰.

Segundo Marize Malta e Michelle Perrot, até meados do século XIX, os casais de famílias ricas dormiam em quartos separados. Entre os dois apartamentos²¹, havia um salão que fazia a comunicação entre eles. Com a consolidação da sociedade burguesa e a valorização da intimidade e do amor entre os cônjuges, aos poucos, passou-se a recomendar um único cômodo para o casal. Sendo o quarto um dos espaços mais reclusos da casa, ele

¹⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 156-157; CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 178; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 150-156; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 13; “Variedades. O toucador e o seu mobiliário”. *Revista Feminina*, n. 58, mar. 1919, p. 43. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁵ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 154

¹⁶ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 13.

¹⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 152-154.

¹⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 157; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 154-155; “Variedades. O toucador e o seu mobiliário”. *Revista Feminina*, n. 58, mar. 1919, p. 43. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 155.

²⁰ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 12-13.

²¹ O termo “apartamento”, de origem francesa, refere-se a um conjunto de cômodos, organizados de forma sucessiva, pertencentes a uma pessoa. Cf. MALTA, Marize. *op. cit.*, p. 94.

passou a ser identificado com a figura feminina²². No manual *L'art de bien tenir une maison*, o quarto de uma mulher era entendido como “o reflexo de si mesma”; segundo a Condessa de Bassanville, “tudo [nele] deve[ria] ser modesto e casto, se é que eu poderia usar estas palavras pomposas para me referir a decoração e mobiliário”²³. Como já mencionado, adotava-se para a decoração os estilos franceses dos luíses. Analisando as descrições dos quartos de dormir e de *toilette*, nota-se uma grande profusão de objetos, de vários tamanhos, cores, matérias-primas e funções. Alguns itens serviam somente para decorar o ambiente, outros eram feitos de materiais de qualidade, bastante delicados e de alto custo, como a seda, a renda, a porcelana, o mármore, o cristal, o ouro e os tecidos adamascados. A temática encontrada nos bordados, coberturas dos móveis e nas peças componentes do lavatório e do toucador era extraída do universo natural: fitas, flores, ramagens, pássaros e paisagens bucólicas. As cores geralmente eram claras e os adjetivos utilizados para descrever o ambiente, os móveis e os ornamentos eram os mesmos que normalmente se atribuía ao gênero feminino, tais como “leve”, “graciosa”, “simples”, “suavíssima”, “elegante”, “modesto”, “casto”, “formosa”. Todas essas características também podiam ser observadas no quarto da moça Eugênia, da obra de civilidade *Código de bom tom* de José Ignácio Roquette:

Vêm-se ali com profusão quadros, pinturas de preço, sanefas, bambinelas, cortinas tomadas a trechos com rosas de maravilhas, ou apanhadas em florões dourados; banquinhas de madeira aromática e preciosa, ou guarneçadas de damasco, franjadas de seda ou de ouro; pias de cristal ou de raríssimas conchas; guarda-roupas de grande custo pelo precioso da madeira e bem-acabado da obra; caçoletas, espelhos, jarras, ramalhetes, porcelanas, frascos, figuras de alabastro ou de gesso; caixas, cofrinhos, escrínios, escarlates, escritórios; carteiras de gabinete e de viagem; carteirinhas de algibeira para memórias ou cartas de visita ou para marcar contradanças nos bailes; estojos de tocar e de costura; papeleirinhas recheadas de cabos de marfim ou de ágata para penas metálicas, lacres aromatizados, sinetes de camafeus ou emblemáticos, obreias transparentes ou efêmeras, papel de cores, estampado, aberto em tarjas, guarnecido de debuxos entrelaçando armas, iniciais ou emblemas; uma prateleira cheia de bagatelas, de marfim, porcelana, cristal e filigrana...²⁴

No que concerne ao quarto da criada, recomendava-se que fosse higiênico e confortável²⁵. Segundo Cleser, para isso, era necessário que o cômodo estivesse “sempre bem arejado e em ordem”. As paredes deveriam ser “caídas e limpas” – “a caiação a ocre é a mais conveniente e deve se fazer todos os annos; assim o quarto nunca chegará a estar sujo”. A

²² MALTA, Marize. *op. cit.*, p. 94; PERROT, Michelle. *História dos Quartos*. Trad. Alcilda Brant. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 54-70; 131-132.

²³ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 42.

²⁴ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 392-393.

²⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 159-160; BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 201; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 167-168; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 45; GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1925, p. 52.

mobília seria composta de “um catre solido com um bom colchão de palha, travesseiros decentes e cobertas suficientes para resistir ao frio”. Além da cama, aconselhava-se oferecer “um cabide de prateleira, um lavatorio de ferro com bacia e jarro de ágatha branca (com ramagens, para distinguil-os das vasilhas da cosinha e da despensa), um espelho, uma mesinha, uma cadeira um bahú para roupa branca e, encostada á parede, uma bacia para o banho diário”²⁶. Para a roupa de cama, indicava-se colchas de chitão vermelho e lençóis de algodão forte com bainhas marcadas com linha vermelha²⁷. Segundo a Condessa de Bassaville, se houvesse uma janela, as cortinas deveriam ser pequenas e de chita, assim como as colchas da cama²⁸.

Aqui tens o quarto da criada, que é o ultimo da casa. [...] O quarto era pequeno, caído, com uma janella, um cabide de prateleira coberto de chita de ramagens azul e branca, um lavatorio de ferro com bacia de jarro de louça branca e azul, como a chita. A um canto, um bahú para roupa branca e no outro canto uma bacia de agatha para banho, encostada á parede. No leito de ferro (os menos sujeitos ás invasões de insectos e do pó) os lenções, a colxa de chita e a fronha do travesseiro bem alisados e limpos. Aos pés da cama o enxugador do banho e juncto ao lavatorio a toalha de algodão para o rosto²⁹.

Nas habitações que de fato possuíam dormitórios para os empregados, esse espaço normalmente ficava localizado nos fundos, próximo a áreas de serviço, cozinhas, despensas, porões ou em construções apartadas nos quintais, as chamadas edículas³⁰. Segundo Sandra L. Graham, no Rio de Janeiro do final do século XIX, um quarto de empregada raramente, ou nunca, correspondia às condições de saúde e ao “estilo decorado riscado de branco e azul prescrito para alojamentos ideais”³¹. Geralmente, os alojamentos eram espaços úmidos, escuros, sem janelas e ventilação. Embora os manuais prescritivos indicassem que o “quartinho da criada” fosse confortável, arejado e higiênico, os relatos de viajantes e de memorialistas e as obras literárias do período demonstram que, na maioria das casas³², as criadas dormiam em ambientes mal localizados ou em espaços improvisados nas áreas de serviço da casa, muitas vezes onde toda a tralha doméstica era guardada³³.

²⁶ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 167-169.

²⁷ *Ibidem*, p. 96-97.

²⁸ BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 202-203.

²⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 159-160.

³⁰ LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1976, p. 142-146.

³¹ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 109.

³² AZEVEDO, Aluísio. *A Condessa Vésper* (1877-1882). 10ª edição, São Paulo, Martins Editora/Instituto Nacional do Livro (MEC), 1973, p. 291-293 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2014; BINZER, Ina von. *op. cit.*; LEITE, Miriam Moreira (Org.). *op. cit.*

³³ Michelle Perrot e Pascal Dibie afirmam que na Europa os quartos dos empregados também eram mal localizados, improvisados e em espaços com precárias condições. Em geral, eram compostos por poucos objetos.

Ao voltar a nossos quartos, os pés tropeçaram numa esteira, estendida no corredor, atravessada na porta. ‘É o leito da negra, colocada a seu serviço’, nos disse sorrindo Dona M.; ‘vocês sabem, ela estará à sua disposição noite e dia’. Nós agradecemos reconhecidos, prometendo-nos, porém, não perturbar o sono da pobre mulher, a não ser por necessidade imperiosa³⁴.

Cleser menciona que muitos patrões não seguiam os conselhos dados nos manuais sobre a disposição dos quartos dos empregados e ofereciam a seus servidores o “peior canto da casa, às vezes debaixo de uma escada”, onde a “criada” estendia “uma esteira, servindo-lhe de travesseiros alguns molambos enrolados e completando a cama um velho cobertor esfarrapado. A’ madrugada tem a obrigação de enrolar este miserável arranjo e de escondel-o atrás de uma porta”³⁵. Ina von Binzer, quando descreveu a sua amiga alemã as condições materiais de seus dormitórios, contou que no lugar da cama, ela dormia em “um banco rústico de madeira, sem cabeceira mas com braços aos lados”; o colchão feito de folhas, galhos e gravetos secos era bastante desconfortável e mais parecia um “banco de tortura coberto com um lençol”; e o travesseiro era uma “miniatura” que muito provavelmente não lhe proporcionava qualquer conforto³⁶.

Meu conforto material também deixa muito a desejar. ‘Meu quarto’ é uma alcova sem janelas [...] recebendo luz apenas através da porta! Sua mobília consiste somente numa cama [...], um lavatório, uma cadeira. Não tenho armário, nem cômoda. Minha mala serve de rouparia e para meus vestidos melhores espero poder conquistar [...]. Escrevo justamente do quarto da francesa, que, apesar da tradicional inimizade, é com quem mais simpatizo nesta casa. Seu quarto não é muito melhor que o meu, mas possui uma mesa e uma janelinha alta, perto do teto; ao passo que no meu buraco escuro, que existe em todas as casas brasileiras, sinto-me quase asfixiada³⁷.

Comparado aos quartos de dormir e de *toilette* da patroa, o dormitório da empregada (quando de fato existia) era pequeno e apertado; o repouso, a higiene e os cuidados pessoais eram feitos num mesmo ambiente. Contendo apenas uma janela (quando havia), era abafado, mal arejado, mal iluminado e possivelmente com umidade e mofo. Nas paredes não havia ornamentação e recebiam cobertura simples – pintura “caída” no lugar da colorida a óleo e do papel envernizado. A mobília, a decoração e os demais artefatos eram simples, feitos de materiais baratos e com qualidade inferior – um catre, uma “esteira” ou um “banco rústico”

Localizados normalmente nos sótãos, eram mal iluminados, mal arejados, abafados no verão e gelados no inverno. Próximos às cozinhas e aos locais de lavagens, eram sujos, com baratas, percevejos, mal cheirosos, barulhentos e desprovidos de qualquer privacidade. Cf. DIBIE, Pascal. *O quarto de dormir: um estudo etnológico*. Rio de Janeiro: Globo, 1988, p. 145; PERROT, Michelle, *op. cit.*, 2011, p. 148.

³⁴ LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1976, p. 126; Virginie Léontine B..., 1857, p. 47-48. In: LEITE, Miriam Moreira (Org.). *op. cit.*, p. 133-134.

³⁵ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 167-168.

³⁶ Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em maio 2014; BINZER, Ina von. *op. cit.*, p. 32.

³⁷ *Ibidem*, p. 88.

para dormir, uma cadeira, um “cabide de prateleira” e um “bahú para roupa branca”; um “lavatorio de ferro com bacia de jarro de louça branca e azul” ou uma “bacia de agatha para banho”; cortinas, toalhas, colchas e lençóis feitos de materiais resistentes, porém grosseiros e sem requinte como a chita e o algodão. Os objetos ali presentes eram “sufficientes” e sem qualquer propósito de ornamentação. Como se observou nas descrições dos quartos das patroas, aqui também havia uma correspondência entre os predicados adotados na qualificação material do ambiente e as características atribuídas aos servidores domésticos: “esfarrapado”, “miserável”, “rustico”, “nojento” e “sujo”. Sendo assim, como a dimensão material é parte constituinte da vida social, pode-se dizer que os artefatos que compunham os quartos de patroas e de criadas representavam os meandros dessa relação e reproduziam as estruturas dessa sociedade.

Os sinais de distinção entre patroas e empregadas são notados também em suas indumentárias de trabalho. Em um artigo publicado em 1918, a *Revista Feminina* apresentava às donas de casa vários modelos de aventais ricamente ornamentados com bordados, rendas, fitas e laços (figuras 20 e 21). Com receio de serem confundidas com as empregadas, muitas senhoras resistiam ao uso da peça. Por isso, o texto do artigo deixava claro: “O avental da cozinheira, de panno grosseiro e sem ornatos, nunca poderá confundir-se com o avental de linho enfeitado de entre-meios, bordado de rendas e passado de fitas, que serve mais de ornamento que de protecção a uma elegante ‘toilette’ caseira”³⁸. Além de não possuir detalhes, os aventais e os uniformes das domésticas eram geralmente feitos com tecidos mais resistentes e flexíveis, isso porque, como a rotina de trabalho numa casa era dinâmica e árdua, as peças não poderiam limitar os movimentos. No *Mappin Stores*, onde as senhoras encontravam para si peças importadas de seda, musselina, renda, crepe e linho, para as empregadas eram oferecidos vestidos, aventais, toucas, colarinhos, entre outros artigos feitos de algodão e tecidos mais “duráveis”, o que provavelmente tornava sua vestimenta menos delicada e menos elegante (figuras 8 e 22).

³⁸ “Aventaes”. *Revista Feminina*, n. 55, dez. 1918, p. 74-75. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

AVENTAES

Fig. 1 — Avental-saco com pinhas

Aventais-sacos

Na Europa os aventais sempre estiveram em uso, sendo de notar que, sejam quizes forem as transformações por que passam as modas, elles tiveram sempre e continuam a ter a mais ampla divulgação. Entre nós, porém, o avental não goza das mesmas sympathias. As nossas patricias têm por elle uma certa desconfiança, pela razão provavel de que esse elegante e fresco ornato de «toilette» domestica, é mais proprio das creanças de servir do que precisamente das moças finas e das donas de casa. Essa razão é injustificavel. O avental da cozinha, de paninho grosseiro e sem ornatos, nunca poderá confundir-se com o avental de linho enfeitado de entre-meios, bordado de rendas e passado de fitas, que serve mais de ornamento que de protecção a uma elegante «toilette» caseira. De resto, uma senhora, enquanto espera as suas vizitas, necessita encher o seu tempo com algumas tarefas domesticas, e, nesse caso, veste o seu avental, podendo apparecer com elle ás vizitas, sob o pretexto, sempre louvavel, de que esteve trabalhando. O avental precisa ser adoptado francamente pelas nossas patricias.

Os modelos são numerosos. Ha-os pequeninos, com dois bolsos aos lados, bordados de renda; ha-os longos, que descem dos hombros até á barra do saia; ha-os de phantasia, enriquecidos de ornatos; ha-os de todos os typus e feições, amarrados atrás por uma faixa, etc. Os modelos que apresentamos nestas duas paginas são os que, dentre muitos, nos pareceram mais bellos e interessantes, e chamamos para elles a attenção das nossas leitoras.

O primeiro modelo é o que chamaremos

Avental com pinhas

Este avental compõe-se de duas partes: o corpo e o bolso.

O bolso é ornado de uma decoração de pinhas bordadas á ingleza com cordonnet ou soutache de seda. O bolso é ajuntado ao avental por meio de uma costura feita sobre os tres lados; o alto é franzido para formar a cintura, sendo, nesse ponto,

enfeitado muito ligeiramente com desenhos em haste executados com cordonnet.

Alguns centimetros á altura do bolso como do avental, á mesma altura, é mister preparar, por meio de um ferro, uma especie de «mullises» ou corrediça, na qual se passará uma fita, que, puzada, dará ao avental a forma de um sacco.

Todo o avental é guarnecido de rendas.

É muito proprio para pequenas tarefas domesticas e notavelmente elegante. Nos bolsos podem ser guardados todos os utensilios de costura ou de bordado. Como se vê, o avental não é apenas um lindo ornato, mas é tambem um ornato de utilidade impressionavel.

Este outro modelo, que é igualmente interessante e, sob certos pontos, mais elegante até, a despeito da simplicidade do seu conjunto, é enfeitado, nos angulos da barra, com «bouquets» de hortensias.

Avental com hortensias

Examine-se bem a fig. 2. Este avental compõe-se de um retangulo de tecido bordado ao redor de um festão, e, em cada angulo, de um massico de hortensias cujas flores são «ajourées» á ingleza, enquanto que as folhas e hastes devem ser tratadas por processos communs.

Desde a cintura até abaixo e obedecendo á direcção do bordado, deve estar disposta uma carreira de cascas pelas quaes passará uma fita larga, alternando, da maneira como está representada na gravura. É inutil acrescentar que o tamanho da casa deve corresponder á largura da fita, além de que esta não encolha. Esta fita, precisa estar pregada na cintura por alguns pontos ligeiros, depois em baixo onde se remata numa laçada de seis bicos.

Chamamos «aventil sacco» a estes dois modelos, porque elles, tambem podem servir de saccos para guardar utensilios de costura e bordado. Têm, portanto, esta dupla utilidade. Para se transforma-

Fig. 2 — Aventais-sacos com hortensias

rem em saccos basta, tanto no primeiro como no segundo modelo, puzer a fita. Entretanto, apresentamos esses modelos apenas a titulo de curiosidade. O que importa, acima de tudo, é a adopção.

avental, sendo de notar que elle, por mais simples que seja, um recanto de linho ou batiste bordado de renda, é sempre um ornato bonito, util e encantador.

O modelo representado na figura 3 é o

Avental para chá

cujas gracas elegantes se impõem á primeira vista. Esse modelo vai bem a qualquer «toilette», mesmo á «toilette» de passeio, quando a dona da casa, aguardando a hora de sair, veste o seu avental para se distrahir com qualquer dessas pequenas actividades caseiras.

O conjunto se compõe de tres peças: o avental, os folhos de baixo e os folhos das dragonas, ao alto. A fôrma, tal como se vê na gravura numero 3, é obtida por meio de entre-meios incrustados, segundo o desenho indicado pela gravura. Comece-se primeiramente por ajustar, sobre a fazenda que se escolher, o entre-meio, dando-lhe a fôrma que se queira.

A qualidade da fazenda e o padrão são coisas que devem ser tomadas em consideração. Com fazendas grosseiras, amarelhadiças, ou com padrões improprios, não se pôde obter um avental elegante, como o que convém a uma senhora de bom gosto. Escolhida a fazenda e o padrão, formam-se as pontas em cima e em baixo, nas quaes se desenhão os motivos, que são, em seguida, «ajourés» á

Fig. 3 - Avental bordado e ornado de renda

Fig. 4 - Avental ornado de bordado e renda

inglesa. O volante ou folho é ornado, em baixo, com um motivo semelhante. No meio desse volante far-se-á uma série de pequenas pregas, que se vão estreitando gradativa e suavemente. Isso é feito o suficiente para diminuir a largura do volante. O avental deve ser applicado sobre o volante. Confecciona-se e incrusta-se em ponto de cordonnet. Aos lados far-se-ão, com antecedencia, algumas pregas. O volante é bordado com um entre-meio, depois com um picot. Os volantes são reunidos no alto por um pequeno nó de «linon».

Na cintura, uma série de pequenas pregas sobre uma altura de 10 centímetros.

MATERIAES

Tecido em 120.	1 m. 20
Entre-meios	5 m. 50
Renda.	4 m.

Outro modelo

Este modelo é verdadeiramente encantador. Este avental, como se vê na gravura sob numero 4, é extremamente simples, e de uma execução muito mais facil do que, á primeira vista, parece. Compõe-se de um grande rectangulo de fazenda com 1 metro de comprimento e 0m.60 de largura. Em baixo devem ser compostos esses lindos motivos de flores miúdas, que formam uma especie de largo entre-meio. Folhas e florinhas são bordadas á inglesa. Os suspensorios cruzam-se por traz e voltam sobre os lados para formar a cintura. No alto do avental, a alguns centímetros do bordo, far-se-ão uns folhos, que diminuirão a largura a cerca de 30 centímetros. Na cintura far-se-á a mesma coisa, tendo o cuidado de reduzir um pouco mais a largura. Enfim, o avental será guarnecido ao redor de uma renda estreita.

MAPPIN STORES
Donneres Avenue - Niterói

ARTIGOS PARA PAGENS E CRIADOS

OPTIMO "STOCK" DE ARTIGOS
DURAVEIS, PRATICOS
E MODERNOS

Aventaes de cretonne branco para enfermeiras — 3\$500 e 4\$500

Aventaes com peito de nanzouk branco, bordados, por 5\$000 — 3\$500 — 7\$500 e 8\$500

Aventaes para pagem, com peito, em nanzouk e babado plissé, preço de reclame — 2\$500

Aventaes para pagem, em cassa branca guarnecida com bordados, a 5\$500

Aventaes pretos, para criada, em superior cretonne 4\$500

Toncas para criada, em baptiste de côres diversas 2\$000

Toncas brancas em nanzouk ou cassa, diversos modelos graciosos, preços desde 1\$500

Collarinhos para criada, de linho com gomme, a 1\$500

Punhos de linho engommados ... 2\$500

Cintos, a 2\$500

Vestidos para criadas, em tecido forte, côres diversas, desde ... 14\$000 até 21\$000

Idem, em côres lisas, com cinto, por 28\$000

Mappin Stores

Rua 15 de Novembro, 26 — São Paulo

Figura 22. "Artigos para pagens e criados". *O Estado de São Paulo*, 27 mar. 1919, p. 11. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Essa questão também fica aparente em uma das crônicas de Jorge Americano e na fala de D. Risoleta. O autor contou o caso de uma personagem de sua obra, possivelmente sua mãe, que precisou se deslocar até o centro da cidade para fazer compras. Quando entrou na *Casa Allemã* em busca de tecidos, o caixeiro da loja começou a mostrar-lhe os produtos nacionais; a senhora reclamou dizendo que só lhe serviam as fazendas estrangeiras: "O senhor acha que eu vou comprar fazenda nacional? [...] eu não estou fazendo compras para as

criadas”³⁹. Já D. Risoleta, em depoimento a Bosi, lembrou que havia diferenças entre as roupas simples das empregadas e as “caríssimas” utilizadas pelas patroas:

A gente ganhava uma bagatela que não dava pra nada, nem pra se vestir. Tinha que comprar as fazendinhas baratas da Pernambucanas pra fazer os vestidinhos e as patroas compravam as fazendas caríssimas delas e não davam nunca para a empregada vestir, pra ela não ficar chique. Que espírito atrasado que elas tinham!⁴⁰

A análise da composição material dos quartos e das indumentárias revela que os repertórios de objetos de patroas e empregadas domésticas eram distintos. Observando algumas imagens publicitárias de moda do *Mappin Stores*, nota-se que, enquanto as mulheres que apareciam expondo modelos de vestidos eram geralmente representadas com as mãos livres, apoiadas na cintura, enroscadas em colares ou segurando objetos como leques, flores, espelhos ou guarda-chuvas (figuras 10, 23 e 24), as raras figuras de criadas eram representadas vestindo uniformes, portando utensílios de trabalho – panos, vassouras e espanadores –, e em ações que demonstravam estar realizando alguma atividade doméstica (figuras 8, 9, 22 e 26). Embora a dona de casa fosse a responsável pela administração do lar e, em muitos casos, obrigada a efetuar o serviço ao lado da única criada, suas práticas domésticas eram diferenciadas. N’*O lar domestico*, Vera Cleser menciona repetidas vezes que o trabalho pesado e desqualificado – o “serviço mais grosseiro” – deveria ser realizado pela empregada, enquanto a patroa se preocupava com a ornamentação – a “limpeza artística” – e o trabalho leve:

Emquanto a criada fôr preparando o café, a dona de casa ou sua filha arrume as chicanas, o assucareiro, a cestinha de pão e dê a tudo uma disposição agradável á vista; a família sentir-se-á mais a gosto em torno de uma mesa bem arranjada e os filhos acostumar-se-ão á bôa ordem e ao serviço asseado⁴¹.

Emquanto a dona de casa fôr cuidando da limpeza especial – eu ia dizer artistica – dos commodos, a criada faça a limpeza da cosinha. Esfregue as prateleiras, o armario e a mesas com areia, sabão e um pouco de potassa, lave o chão, passe um panno limpo e humido sobre os azulejos das paredes, areie os metaes do fogão e das torneiras, passe um panno de lâ embebido de oleo sobre o fogão, torre o café, etc.⁴²

Emquanto a filha da casa fôr fazendo as camas póde encarregar a criada do serviço mais grosseiro⁴³.

³⁹ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 77.

⁴⁰ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 385.

⁴¹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 19-20.

⁴² *Ibidem*, p. 90.

⁴³ *Ibidem*, p. 147.

Figura 23. Imagens retiradas do anúncio do *Mappin Stores*. “Blusas de Paris”. *O Estado de São Paulo*, 24 nov. 1914, p. 9. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Figura 24. Imagens retiradas do anúncio do *Mappin Stores*. “Roupas Brancas: novos exemplares das lindas produções da França”. *O Estado de São Paulo*, 22 jul. 1916, p. 7. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Semana
de
Elegancia

ORGANISAMOS para toda a semana vindoura **Grandes Exposições de Modas** na sobreloja, onde mostraremos, em dias consecutivos, as ultimas e mais notaveis criações em

Vestidos de verão
Chapeus modelos
Finos atavios

importados da Europa e mul
especialmente marcados, para
este certamen, por
PREÇOS MODICOS.

MAPPIN STORES

Figura 25. “Semana de Elegancia. *Mappin Stores*”. *O Estado de São Paulo*, 21 out. 1928, p. 21.

11/4/29 **MAPPIN STORES** 29/7/29 Rm
Sociedade Anônima Limitada

Para maior asseio do lar!

Artigos indispensáveis na limpeza geral de uma residência moderna e que são apresentados na sua maior e mais selecta variedade em nossa secção de

Utensílios domésticos

O Cedar Mop e Besco Mop
Escovas de algodão embebidas em essência especial, próprias para sacos encherados.

Vassouras finas
Em legítima cerda de javali. O mais durável que existe.

Espanadores
de pennas e de cabelo. Sortimento variadíssimo.

Cera "Mappin"
Líquida ou concreta, nas cores vermelho, branco e laranja.

O Cedral
O melhor preparado para limpeza de móveis. Limpa e lustra ao mesmo tempo.

Capachos ingleses
de coco, com desenhos de bello efeito. Apresentamos neste artigo o maior e o melhor sortimento de São Paulo.

"Brillo"
A famosa lan de aço para limpeza de todos os objectos de cozinha. Vendas por atacado e varejo. Novos preços.

Sabão Inglês
Das conhecidas marcas "Sunlight" e "Lux". Em pacotes de diversos tamanhos.

Vassouras para tapetes
Em diversos tipos e preços das reputadas marcas "Bissell's" e "Ewbank".

FLYOCID. — Poderoso insecticida de odor muito agradável, infallível na destruição de mosquitos, traças, baratas, etc. O melhor que existe actualmente no mercado.

Visitem as exposições deste departamento no 2.º andar

Mappin Stores

Figura 26. "Para maior asseio do lar!". *O Estado de São Paulo*, 11 abril 1929, p. 15. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Nos Estados Unidos, a crise de mão-de-obra doméstica e o sentimento de intimidade que reagia mal à presença de estranhos na habitação redirecionaram o trabalho doméstico exclusivamente para a dona de casa⁴⁴. Para engajar a mulher de classe média, sem ou quase sem criados, nos afazeres domésticos, houve investimentos em embelezamento de utensílios e

⁴⁴ GIEDION, Siegfried. *op. cit.*, p. 23.

uma valorização das atividades da casa. A noção de *housework*, entendida como trabalho pesado, árduo e repetitivo, foi substituída pela de *home-making*, que demandava hábitos refinados e conhecimento artístico. Dessa forma, o trabalho doméstico passou a ser associado à ideia de satisfação pessoal⁴⁵. No Brasil, com um mercado favorável para a contratação de empregados, o fenômeno de estetização dos afazeres no lar teve a função de diferenciar patroas e empregadas. Com alguém responsável pela limpeza pesada – ou seja, o serviço “sujo”, desvalorizado, que demandava força física e grande engajamento corporal –, a dona de casa podia organizar a rotina diária, cuidar da manutenção das roupas, criar pequenos trabalhos artísticos, elaborar os cardápios e se preocupar com a formação das crianças.

Em suma, para que a “mulher brasileira” pudesse assumir a “missão sagrada” de zelar pelo lar doméstico, foi necessário estabelecer uma divisão social do trabalho. Como patroas e empregadas participavam em parceria cuidando dos afazeres da casa, havia a necessidade de reforçar as diferenças entre elas. As práticas domésticas diferenciadas, sustentadas por repertórios de objetos e condutas motoras⁴⁶ igualmente diferenciadas, conformaram identidades distintas. Diferentemente de Kofes, que vê o processo de distanciamento como construções ritualísticas, em que as diferenças são estabelecidas para comunicar categorias de mulheres diferentes, o que se pretende aqui é ampliar esta perspectiva, demonstrando que as diferenças entre patroas e empregadas não estão apenas na dimensão simbólica, mas na construção de corpos e subjetividades materialmente distintas. É assim que, embora a condição de seres do mesmo gênero supostamente as identificasse, as práticas individuais as distanciavam; dimensões materiais e simbólicas atuam de modo indissociável, em um jogo de aproximações e distanciamentos, em que se constrói concretamente, de fato, as fronteiras entre estes dois tipos de mulheres.

⁴⁵ ARNOLD, Erik; BURR, Lesley. *op. cit.*, p. 155-159; BOXSHALL, Jan. *op. cit.*, p. 16-33; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 247.

⁴⁶ Na obra *Construire la culture matérielle*, Jean-Pierre Warnier define como conduta motora ou síntese corporal a relação indissociável entre o corpo e as próteses materiais utilizadas por ele para efetuar ações no meio ambiente. A produção da subjetividade, para este autor, estaria vinculada às diferentes próteses que cada indivíduo acionaria ao longo da vida. Assim, uma empregada doméstica, ao praticar trabalhos de outra natureza que o de sua patroa e utilizar outros objetos, não se distinguiria desta última somente na dimensão simbólica, mas elas seriam feitas de fato de “matérias” diferentes. Cf. WARNIER, Jean-Pierre. *op. cit.*

4.1. O movimento diário

Outra função da dona de casa era fiscalizar a limpeza e arrumação. O chão era varrido pela manhã. Quando as crianças saíam para a escola, era varrido de novo e umedecido com pano molhado enrolado em vassoura, para tirar o resto da poeira. Desde a última epidemia de febre amarela, a água do pano molhado tornava-se leitosa com a mistura de creolina.

Uma vez por semana, lavava-se a casa inteira com escova e lixívia. Uma vez por semana, vasculhava-se o teto de madeira com vassoura de cabo comprido, entre três e quatro metros de altura, dimensão que, somada à estatura da empregada, dava o 'pé direito' do quatro a cinco metros e meio. Nas casas muito antigas, o 'vaculho' tinha cabo de quatro metros e meio, para alcançar o pé direito de seis metros⁴⁷.

Até o século XIX, a casa brasileira era um misto de unidade de produção e consumo. Grande parte dos víveres, utensílios domésticos, vestuário e demais objetos necessários para a sobrevivência de uma família eram fabricados na própria habitação. Embora a família e a casa paulista tenham tido configuração e desenvolvimento diferentes da chamada “família patriarcal extensa”⁴⁸, nos séculos XVIII e XIX a casa dependia fortemente do trabalho escravo para as atividades domésticas⁴⁹. Como acentuou Lúcio Costa,

A máquina brasileira de morar ao tempo da Colônia e do Império dependia dessa mistura de bicho e de gente que era o escravo. Se os casarões remanescentes do tempo antigo parecem inabitáveis devido ao desconforto, é porque o negro está ausente. Era ele que fazia a casa funcionar: havia negro para tudo – desde negrinhos sempre à mão para recados, até negra velha, babá. O negro era esgoto; era água corrente no quarto, quente e fria; era interruptor de luz e botão de campainha; o negro tapava goteira e subia vidraça pesada; era lavador automático, abanava que nem ventilador⁵⁰.

Nesse contexto, o papel da dona de casa era gerenciar a “máquina de morar”, supervisionando todo o serviço feito pelos escravos. A disposição arquitetônica das habitações coloniais – ausência de redes de água e esgoto, em alguns casos elevados números de quartos e zonas de serviço localizadas na parte externa – e a quantidade de pessoas a serviço da família exigiria da mulher uma mobilização física exaustiva e desordenada. Por isso, o comando do trabalho era feito de um ponto de referência fixo, onde a mulher passava a maior parte do tempo sentada. Embora essa postura tenha sido identificada por viajantes europeus como ócio, tratava-se de um costume português, herdado por sua vez das culturas árabes, e que se constituía como uma posição estratégica para o desenvolvimento do trabalho⁵¹. No entanto, as transformações urbanas intensificadas a partir de meados século XIX, a introdução de novos equipamentos domésticos e o desenvolvimento de normas

⁴⁷ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 64-65.

⁴⁸ Conforme já explicado na nota de rodapé número 11 do capítulo anterior. Cf. SAMARA, Eni de Mesquita. *op. cit.*, 1983; 1989.

⁴⁹ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 83; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 141.

⁵⁰ LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1976, p. 114.

⁵¹ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 83-84; LEITE, Miriam Moreira (Org.). *op. cit.*, p. 43-44.

higienistas modificaram essa organização doméstica, exigindo da dona de casa um outro tipo de arranjo das tarefas.

Porém, a modernização não significou sempre uma redução de trabalho⁵². A intensificação do comércio e o aumento da disponibilidade de bens de consumo de uso pessoal e para a casa multiplicaram as tarefas na habitação. Além dos cômodos, portas, janelas com vidros e assoalhos que precisavam ser frequentemente espanados, lavados e encerados, os diferentes tipos de móveis, armários, estofados, tapetes, cortinas, roupas de cama, toalhas de renda, louças, quadros, espelhos, entre inúmeros outros artefatos de decoração passaram a exigir um trabalho de limpeza pesado, regular e especializado⁵³. Ao gosto pela densidade decorativa, somavam-se as novas noções de higiene e a diversificação do cardápio. No Brasil a abolição da escravidão em 1888 poderia ter alterado a rotina de trabalho doméstico ao retirar sua principal mão-de-obra, como ocorreu nos Estados Unidos. Porém, como visto no segundo capítulo, o grande número de trabalhadores desempregados nos principais centros urbanos gerou uma mão-de-obra disponível para ocupar os postos no serviço doméstico. Apesar de um mercado de trabalho favorável, a maioria das famílias com melhores condições financeiras podia arcar apenas com os custos de uma única empregada. Por isso, não raro a dona de casa era obrigada a trabalhar ao lado da criada, supervisionando seu trabalho ou até mesmo efetuando algumas tarefas. A falta de valorização da vida íntima familiar e o desprestígio que acompanhava o trabalho doméstico exigiram esforços para engajar a dona de casa nessas atividades. Nos manuais femininos, sobretudo os de economia doméstica, e em artigos de periódicos voltados para a mulher, como os da *Revista Feminina*, o trabalho doméstico passou a ser valorizado e associado à ideia de gratificação pessoal – cuidar da casa, dos filhos, do marido era algo que dava prazer à dona de casa que assim cumpria o seu papel na sociedade.

Se a casa é alegre, aceiada, cheia dos pequenos nada que dão encanto á vida quotidiana, se ha flores, minúcias de arranjo, se o jantar é saboroso e bem escolhido, se tudo denuncia ordem, methodo, inteligencia – é feliz essa familia, a mulher comprehendeu o dever maximo da sua vida e sabe cumpril-o⁵⁴.

Crear um lar propriamente dito para aquelles que amamos, contribuir para a sua felicidade, mesmo com sacrificios de nossas fantasias e caprichos, tornar o lar da familia o logar mais querido neste mundo, tanto do marido como dos filhos, requer

⁵² COWAN, Ruth Schwartz. *op. cit.*

⁵³ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 255-236; DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 148-153; GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 48-49.

⁵⁴ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 177.

os maiores incentivos, a um verdadeiro devotamento á economia domestica, um devotamento que torne todos os ramos da mesma igualdade interessantes⁵⁵.

Para a “bôa ordem domestica”, ou seja, a realização sem atropelos de todas as tarefas a se desempenhar, era necessário a elaboração de “um plano de inabalavel regularidade para todo o serviço diario”⁵⁶. Enfatizava-se a importância da dona de casa ter “método”, “ordem” e “regularidade”, de organizar racionalmente as atividades e a aproveitar bem o tempo⁵⁷. No capítulo “Falta de tempo” de seu *Livro das Noivas*, a autora Júlia Lopes de Almeida contou a suas leitoras o caso de uma moça que, para organizar a rotina de afazeres na casa e, assim, ter tempo para se dedicar aos momentos de lazer, elaborou três tabelas para o serviço da semana: uma para a cozinheira, com “os *menus* determinados, dias de lavagem do assoalho, de portas e de janellas, polimento do fogão, torneiras, etc.”; uma para o copeiro que, “além do serviço da copa, limpeza de botas, etc.”, tinha “nella marcados também os dias de lavagem d’estes ou d’aquelles compartimentos, de vidros, lampeões, armarios, de passar oleo nos moveis e arear metaes”, e uma terceira tabela para a criada, determinando “além do serviço diario da limpeza do quarto, da *toilette*, e do passeio matinal com as crianças”, uma lista de tarefas que deveriam ser desempenhadas durante a semana, tendo somente o domingo livre. Sendo assim, com “um methodo rigoroso”, afirmava a autora, as inúmeras atividades sujeitas ao comando da dona de casa poderiam ser feitas com tranquilidade e exatidão⁵⁸.

Iniciae esse trabalho [de limpeza geral da casa] methodicamente. Não é necessario pôr em desordem a um tempo todos os commodos da casa. Basta limpar um ou dois commodos da cada vez. E’ essa a occasião de fazer reparos, empapelamentos, retoques, pinturas, caiações, etc. Examinam-se bem as installações de esgoto, e limpam-se e desinfectam-se rigorosamente todas as peças relacionadas com o mesmo⁵⁹.

Assim como no excerto acima do manual *O lar e a saude da familia*, Vera Cleser apontava que o trabalho na casa deveria ser feito seguindo um método. Segundo a autora do manual *O lar domestico*, embora fosse difícil apresentar a suas leitoras um plano infalível que pudesse ser adotado em todas as casas – “pois elle depende das circumstancias de fortuna e numero de criados” –, ela indicava um exemplo de como uma senhora de uma família de recursos modestos poderia organizar o “movimento diario” de sua casa⁶⁰. Assim, contando com a participação da dona de casa e de suas filhas, o trabalho da empregada começava logo

⁵⁵ *LAR e saude da familia*, op. cit., p. 12.

⁵⁶ CLESER, Vera. op. cit., p. 13.

⁵⁷ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. op. cit., p. 406.

⁵⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. op. cit., 1905, p. 73-77.

⁵⁹ *LAR e saude da familia*, op. cit., p. 144.

⁶⁰ CLESER, Vera. op. cit., p. 13.

cedo: “A criada deve levantar-se no inverno às 6 horas, no verão às 5 ½”⁶¹. As tarefas de limpeza e organização dos cômodos da casa, de manutenção e produção de objetos (trabalhos manuais) e de preparo das refeições eram então divididas sistematicamente em horários pré-estabelecidos e supervisionadas constantemente pela patroa: “Assim como a dona de casa determina todo o serviço, deve também revistar todos os cantos de sua casa para saber como são cumpridas as suas ordens”⁶². Desse modo, tratava-se de um mecanismo orientado por rígidas normas de trabalho. Ainda ao lado dessas atividades diárias, o cotidiano incluía também uma série de outros afazeres difíceis e demorados, distribuídos ao longo da semana, mês e ano⁶³. Algumas obras prescritivas, como, por exemplo, o manual francês de economia doméstica *Les petits cahiers de Mme. Brunet*, sugeriam calendários anuais contendo uma relação de atividades a serem desempenhadas⁶⁴. Tais obras prescritivas contribuíram então para a difusão de valores burgueses que sistematizavam o trabalho doméstico; a lógica que orientava o trabalho urbano e industrial era introduzida e adaptada ao espaço doméstico para garantir a prosperidade familiar⁶⁵.

Como ressaltou Carvalho, esse processo não consistia apenas na normatização das tarefas, mas na domesticação feminina. A ordenação das atividades na casa se estabeleceria como “um sistema de classificação e manutenção dos objetos domésticos” que teria como resultado a fixação da mulher no espaço da casa⁶⁶. No entanto, ao contrário da mulher da casa colonial, que comandava o trabalho dos criados de um ponto fixo, a nova dona de casa tinha uma dinâmica diferente em relação ao espaço. As mudanças de estrutura da casa e de rotina doméstica, bem como dos preceitos de higiene recomendados por médicos e sanitaristas, exigiam que a mulher se deslocasse pelas dependências da habitação. Como a organização do trabalho doméstico era feita pela dona de casa, ela teve seu papel elevado ao de gestora do lar; a empregada, sempre sob sua supervisão, passou então a ser encarada como mera executora de tarefas⁶⁷. Desse modo, a racionalização dos afazeres domésticos, que no

⁶¹ *Ibidem*, p. 17-18.

⁶² *Ibidem*, p. 30.

⁶³ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905; CLESER, Vera. *op. cit.*; DELORME, Marie. *op. cit.*; LAR FELIZ, *op. cit.*; LAR e saúde da família, *op. cit.*; “As virtudes do método em nossa casa” e “Falta de Tempo”. *Revista Feminina*, n. 28, set. 1916, p. 34 e n. 49, jun. 1918, p. 29. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁶⁴ DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 154-191.

⁶⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 241-242; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 144-145.

⁶⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 242.

⁶⁷ SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 145.

Brasil significou ordem e limpeza, serviu também para reacomodar novas diferenças entre patroas e empregadas.

Além da divisão do tempo e das atividades, a regularização do trabalho doméstico devia estar de acordo com as normas de higiene recomendadas por médicos e sanitaristas. Métodos de desinfecção foram elaborados após a descoberta da Microbiologia e alteraram as formas de higienização doméstica (e dos corpos)⁶⁸. Os manuais femininos, em especial os de economia doméstica, de puericultura e de higiene e saúde, se encarregaram de difundir entre suas leitoras técnicas de como varrer a casa, lavar as roupas, espanar os móveis, limpar os objetos (figuras 27, 28, 29 e 30), além de divulgar receitas de fabricação de produtos desinfetantes⁶⁹:

Convencido que a gente estiver do perigo que envolve para a família o pó fluctuante, não se duvidará jamais empregar os meios razoáveis de apanhar-o convenientemente, evitando tanto quanto possível qualquer movimentação do mesmo.

Não ha nada que revele tão prompta e nitidamente a intelligencia e destreza de uma dona de casa do que seja o modo de varrer [...].

O varrimento deve ser feito methodica e intelligentemente. Logo que o commodo estiver em condições de ser varrido, começae num canto do mesmo e varrei em direcção ao centro. Limpae os cantos com uma escova se tanto fôr necessario. Imprimi á vassoura movimentos lentos e suaves, operando cautelosamente afim de não agitar o pó. A vassoura deve deslizar suavemente e não levada aos empuxões⁷⁰.

Cada dona de casa deve ter bastante conhecimento pratico de desinfecção e de desinfetantes, afim de poder conservar sempre em perfeitas condições sanitarias os esgotos e seus pertences, limpar e desodorizar os utensilios domesticos, e conservar limpos e saudaveis os arredores da casa⁷¹.

⁶⁸ Até esse momento, segundo Denise Bernuzzi de Sant'Anna, o asseio das habitações baseava-se em eliminar a sujeira que podia ser atestada pela visão humana. Após a difusão da microbiologia, as preocupações se tornaram maiores e mais detalhadas; uma série de métodos e produtos passou a ser necessária para a desinfecção de microorganismos que não poderiam ser detectados sem o uso de um microscópio. Cf. SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Higiene e higienismo entre o Império e a República". In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 283-312.

⁶⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 255-335; DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 148-153; *LAR e saude da familia, op. cit.*, p. 183-188.

⁷⁰ *LAR e saude da familia, op. cit.*, p. 66-67.

⁷¹ *Ibidem*, p. 430.

Figuras 27, 28, 29 e 30. “Varredura e espanação”. In: *LAR e saude da familia*, op. cit., p. 65-69.

Embora os manuais indicassem algumas receitas que poderiam ser feitas em casa, anúncios de produtos específicos para a higienização da habitação, como a esponja de aço *Brillo* e o sabão *Bon Ami*, eram encontrados cada vez com maior frequência nas páginas de periódicos da época (figuras 31, 32 e 33).

As propagandas com imagens de mulheres sorrindo enquanto executavam as tarefas e com informações como “Vejam como é fácil”, “Absorve rapidamente a gordura”, “eficiência na limpeza”, “incrível rapidez” deixavam implícita a ideia de que tais produtos tornavam a rotina de trabalho mais leve, porque demandavam menor engajamento físico, resultando em economia de tempo: “Limalha por demais flexível e resistente, ‘*Brillo*’ remove com espantosa facilidade qualquer sujeira ou gordura dos utensílios de alumínio, vidros, marmores, esmaltes, espelhos e banheiras, deixando as respectivas superfícies perfeitamente polidas”⁷². Como em nenhum momento os textos publicitários se referissem ao trabalho da empregada, pode-se supor o público-alvo da propaganda era aquela considerada a responsável pela casa, e, portanto, pela decisão de quais produtos deveriam ser adquiridos para a sua manutenção.

⁷² “Reduzindo trabalhos! Brillo”. *O Estado de São Paulo*, 23 ago. 1928, p. 13. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

24/10/26 **MAPPIN STORES** Sociedade Anônima de Importação 24/1926, 400

O ASSEIO DA COZINHA

Dos Estados Unidos, onde não ha uma só familia que o dispense, recebemos nova e avultada partida de BRILLO, ultimo producto para a efficiente limpeza dos utensilios de cozinha.

BRILLO é uma lan de aço ligeiramente comprimida em almofadas e é indicado, com os mais satisfactorios resultados, na limpeza de louças esmaltadas, vidros, banheiros, aquecedores, etc.

Aos utensilios de aluminio, BRILLO dá-lhes, com incrível rapidez, o incontundível aspecto de novos.

Devido a enorme importação que ora fizemos, os preços actuaes baixaram a cerca de 50 por cento, conforme passamos a demonstrar:

BRILLO	
Pacote de 4 almofadas e 1 sabão	1\$500
Pacote de 6 almofadas e 1 sabão	2\$000
Pacote de 12 almofadas e 1 sabão	3\$500

Lan de aço	
Pacote de 12 almofadas, tamanho grande	4\$000

Secção de utensilios domesticos

MAPPIN STORES

Figura 31. Anúncio da esponja de aço Brillo. "O asseio da cozinha". *O Estado de São Paulo*, 24 out. 1926, p. 11. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

BON AMI

VEJAM COMO É FACIL! Esfreguem simplesmente um panno molhado em um pedaço de BON AMI obtendo uma espuma branca, com a qual cubram todos os vidros. Cerca de um minuto depois está completamente secca. Limpem com um panno secco e macio e toda a sujeira desaparecerá ao mesmo tempo. Não ha nada como o BON AMI para limpar Vidraças, Espelhos, Objectos de Metal, Prataria, Sapatos brancos, Azulejos, Ladrilhos, etc. etc. — Unico que não arranha

BON AMI, limpa e pode tudo

E. H. Krischke

Agente geral para os Estados do Brazil —
RUA DA BOA VISTA, 30 — SÃO PAULO

Figura 32. Sabão Bon Ami. *Revista Feminina*. "Bon Ami. Vejam como é facil! Esfreguem simplesmente um panno molhado e um pedaço de Bon BON AMI obtendo uma espuma branca, com a qual cubram todos os vidros. Cerca de um minuto depois está completamente secca. Limpem com um panno secco e macio e toda a sujeira desaparecerá ao mesmo tempo. Não ha nada como o BON AMI para limpar Vidraças, Espelhos, Objectos de Metal, Prataria, Sapatos brancos, Azulejos, Ladrilhos, etc. etc. — Unico que não arranha. BON AMI, limpa e pode tudo".

"Bon ami". *Revista Feminina*, n. 21, fev. 1916, p. 32. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Para vidraças

Para latão e cobre

Para vidros e nickel

Para alumínio

Bon Ami

É suas inúmeras aplicações

Sem duvida, V. S. usa BON AMI para limpar espelhos e vidraças — isto todos o fazem. Mas, muitas donas de casa descobriram varios outros modos de utilizar o seu "bom amigo".

BON AMI é inigualavel para a limpeza de banheiras e azulejos, para todos os utensilios de latão, cobre, nickel e alumínio, bem como para madeiras brancas esmalgadas.

Absorve rapidamente a gordura e sujeira dos tapetes de Linoleum e Congoleum.

E assim percorre todos os recantos da casa — tudo fica brilhando pelo toque magico do BON AMI.

Para sapatos brancos

Para linoleum e congoleum

Para espelhos

Para banheiras

Para esmalte branco

Unicos depositarios para o Brasil:

Telles, Irmão & Cia.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 5

SÃO PAULO

Alguns eletrodomésticos começavam a ser divulgados em periódicos da época, nas primeiras décadas do século XX. Importados dos Estados Unidos e da Europa, onde a oferta de aparelhos elétricos para a casa já era grande, no Brasil eles começaram a ser vendidos por iniciativa da companhia *Light*, que tinha o objetivo de aumentar o consumo de energia elétrica nas habitações. No entanto, eram poucos os aparelhos que serviam para a limpeza: enceradeiras, aspiradores, ferros de passar, máquinas de lavar, vassouras de sucção e fogões. Para convencer os consumidores, ideias de praticidade, economia, modernidade, conforto e higiene eram associadas aos equipamentos (figura 34). Em um artigo da *Revista Feminina* que anunciava as “Maravilhas electricas”, vários eletrodomésticos eram apresentados como facilitadores do trabalho na casa. Além de econômicos, higiênicos e práticos, poderiam substituir a mão-de-obra tão inconveniente de criados (figuras 35 e 36). Como ficará mais claro adiante – quando for tratada a introdução dos fogões a gás nas habitações –, a entrada desses equipamentos na casa trouxe alterações no trabalho doméstico. Porém, como nesse momento poucas casas tinham acesso às redes de fornecimento de energia (gás e eletricidade), o consumo de eletrodomésticos era ainda muito pequeno⁷³. Desse modo, o impacto gerado pela introdução dessas “maravilhas” para casa foi mais evidente a partir das décadas 1940 e 1950, quando a difusão em lares de classe média já era bastante ampliada⁷⁴.

Figura 34. Embora as propagandas atribuísem ideias e sentidos de conforto, modernidade, economia e higiene a eletrodomésticos, considerando uma “casa moderna” aquela que fosse equipada com tais aparelhos, a maioria das habitações não possuía acesso a redes de abastecimento de energia. Portanto, eram poucos os consumidores que poderiam usufruir de cafeteiras, chaleiras, torradeiras de pães, ferros de engomar e luminárias anunciadas em periódicos da época.

Propaganda veicula da revista *A Cigarra*. “Interior de uma casa moderna”. *A Cigarra*, n. 15, dez. 1914, p. 16. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁷³ Com exceção dos fogões que, segundo estudo de Silva, provocaram já nas primeiras décadas do século XX grande impacto na rotina de trabalho doméstico. Cf. SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 134-139.

⁷⁴ ARRUDA, Márcia Bomfim. *Objetos Turbulentos, Territórios Instáveis: Uma História das Representações dos Aparelhos Elétricos no Espaço Doméstico (1940-60)*. 2010. 250 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

MARAVILHAS ELECTRICAS

PORQUE NÃO TER EM CASA UTENSÍLIOS QUE FACILITEM O TRABALHO?

Estas paginas serão de immenso interesse para as leitoras, e da sua leitura podem muito bem aproveitar para o conforto, economia e hygiene da sua casa. Na

primeira gravura vêm as leitoras uma moça em sua cozinha, ao pé da sua estufa electrica. A utilidade dessa estufa é indispensavel em todas as casas. Geralmente nós usamos, como combustivel, a lenha. Ora, a lenha apresenta muitos inconvenientes, principalmente nas capitães, onde cada vez mais está rareando, devido á devastação das florestas, e o seu preço já está attingindo uma somma exorbitante. Além disso, o seu maior inconveniente é o excesso

de fuligem que forma e de fumaça. As panelas e utensílios que estão em contacto com o fogo de lenha ficam cobertos de uma crosta negra, cuja limpeza é difficil e penosa. O carvão tem os mesmos inconvenientes, accrescendo ainda o do preço, que é mais elevado. O gaz pobre em de agua, que se usa nas cozinhas, tem as desvantagens do seu perigo, que consiste em deixar aberta uma torneira de escapamento, o que pôde ocasionar incendios e explosões, sem falar no perigo, constatado a miudo, de entrar muita agua na composição desse gaz, o que tem produzido casos fataes de intoxicação.

As vantagens do emprego de uma estufa electrica são muitas, além do seu asseio e da sua hygiene. As vasilhas, que se põem na estufa, não se sujam, e nem é preciso lavá-las por fora, porque se mantêm tão limpas como se não fossem usadas. Preparado o alimento e collocado na estufa, esta começa automaticamente a cozer-lo, podendo-se, após alguns minutos, isolar a corrente electrica, o que não obsta a que o alimento continue a cozer-se a fogo lento. Esta especie de estufa, representada na gravura, não requer que se retire o disco para aquecer, e possui, de resto, um regulador automatico de calor.

Um utensílio tambem de summa utilidade para toda dona de casa é um aquecedor electrico para agua, o qual se colloca sobre uma mesinha de serviço de chá e presta serviços inestimaveis em qualquer hora do dia. A utilidade desse aparelho é indiscutivel. Ha momentos em que uma dona de casa, que não tem cozinha a gaz, necessita preparar á pressa um chá ou ferver uma pouca de agua para umas compressas quentes em caso

de enfermidade, e se não tem espirito de vinho e um fogareiro, ver-se-á em sérias dificuldades. Um utensílio, como esse que se vê no alto da segunda gravura, é, portanto, indispensavel.

A lavagem dos pratos é tambem uma coisa que causa terríveis embaraços a uma dona de casa, quando é ella mesma que se vê obrigada a fazer o serviço da cozinha, á falta de cozinheira. A falta de cozinheira é coisa de que todas as senhoras vivem a queixar-se, e não sabemos quando acabarão essas queixas, porque os governos municipaes, em nosso paiz, ainda não curaram de organizar os empregos

domesticos, fazendo obrigatorio o uso da caderneta para cozinheiros e copeiros, a exemplo do que se faz nas capitães europeas. Por isso as mães de familia são forçadas constantemente a exercer esses serviços grosseiros, dos quaes o peor é a lavagem dos pratos.

Figura 35. Os primeiros aparelhos domésticos elétricos eram anunciados como facilitadores do trabalho na casa: "E, assim, uma senhora que se apetreche, em sua casa, de todos estes utensílios e de inumeros outros que já se encontram á venda em nossa capital, poderá facilitar grandemente as suas tarefas domesticas, economizando o dinheiro que despende com ordenados dos creados, e mantendo em seu interior o maior asseio e a máxima hygiene".

"Maravilhas electricas". *Revista Feminina*, n. 79, dez. 1920, p. 102. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

que sacrifica a delicadeza das mãos e o polido das unhas. Entretanto, essas dificuldades cessariam de todo se se adquirisse uma máquina, como essa que se vê em baixo da segunda gravura, a qual não somente tem a vantagem de lavar e secar os pratos, senão também a de servir de mesa de cozinha quando está

com a tampa fechada. De mais, é um móvel muito gracioso e decorativo.

Agora, tratemos do assumpto mais importante da hygiene domestica. O paiz em que a hygiene publica é tratada com mais rigor, é a America do Norte. Nova York é uma cidade organizada sob moldes hygienicos modelares. Lá não se usam vassouras de fibra ou cerda nem espanadores de penna. As vassouras de pia-saba ou outras quaisquer que se usam no Brasil, constituem um constante perigo para a saúde. Basta dizer que ellas têm o destino de levantar o pó, que está no chão, para fazel-o entrar nos nossos pulmões ou fazel-o subir para ficar acamado nos quadros, nos reposteiros e em todos os objectos que estão collocados acima das nossas cabeças. Nesse pó residem colonias de bacterias produtoras das mais variadas infecções e enfermidades, como o typho, a tuberculose e outras muitas. Se o pó das ruas não é tão perigoso, porque está em contacto directo e perenne com o sol, que é um dos melhores microbicidas, o pó domestico está sempre habitado por germens causadores de doenças e epidemias. De resto, espanar o pó que está sobre um móvel ou varrel-o do soalho é o mesmo que transportal-o de um logar para outro, sem o tirar do mesmo ambiente, acerescendo que uma respeitavel porcentagem delle entron a fazer parte do nosso organismo penetrando pelas vias respiratorias. A maior parte das enfermidades de que nos queixamos são provenientes do pó domestico. Resta ainda o recurso, para evitar esse mal, que é passar um panno humido no soalho em vez de varrel-o. Mas esse processo, que é, de facto, mais asseado, acaba por apodrecer o soalho e comprometter o proprio vigamento.

Nenhum outro invento de uso domestico economisa tanto trabalho, evita tanto cansaço e garante o asseio e hygiene como uma boa vassoura de sucção. Uma casa, embora toda illuminada por electricidade, como a maior parte das casas em quasi todas as cidades do nosso Estado, não estará á altura dos tempos que correm, se não possuir este engenhoso aparelho, tão facil de manejar, e com o qual se obtem um maguffico resultado, pois penetra em todos os cantos da casa e deixa em

sua passagem a mais escriptulosa limpeza nas habitações, nos corredores, nas escadas, etc.

A lavagem da roupa é tambem um problema. O serviço das lavadeiras só excepcionalmente é que satisfaz. Se a lavadeira se recommenda pela alvura com que apresenta as peças de roupa, é, ainda assim, passivel de cansura por outras coisas, como, por exemplo, a falta de uma peça que consta do rol, a troca de uma peça por outra, um rasgão produzido pelo varal de arame farpado... Esses são ainda os inconvenientes menores, sobre os quaes a mãe de familia é obrigada, não raro, a fazer vistas grossas para não ferir as susceptibilidades exaggeradas da lavadeira... As lavadeiras, nas capitais, são exigentissimas e têm o direito de ser assim, porque não ha concorrência na praça. As mulheres do povo difficilmente condescendem em exercer essa tarefa; e muita razão têm ellas, justificavel na constante falta d'agua, nos longos dias sem sol e na falta, em seus quintaes, de espaço bastante amplo para cõr as roupas. Porisso as donas de casa são forçadas a soffrer todas as faltas da lavadeira, pelo receio de lhe desagrada. Ora, esses inconvenientes desapareceriam se se adoptasse um dos ultimos inventos electricos, que é uma machina para lavar roupa, que possui grandes e indiscutíveis vantagens: economisa largas horas de arduo trabalho, gasto de energia, impertinencias da lavadeira, etc.

Assim, uma senhora que se apetreche, em sua casa, de todos estes utensilios e de innumerous outros que já se encontram á venda em nossa capital, poderá facilitar grandemente as suas tarefas domesticas, economizando o dinheiro que despende com ordenados dos creados, e mantendo em seu interior o maior asseio e a maxima hygiene.

Além desses aparelhos, que, como se vê, são de immensa utilidade, e, mais tarde, quando foram vulgarizados, serão de utilidade imprescindível, outros ha, muitos outros, electricos ou não, destinados a facilitar o trabalho de uma dona de casa.

Figura 36. "Maravilhas electricas". *Revista Feminina*, n. 79, dez. 1920, p. 103. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Contudo, como descreveram D. Risoleta e Jorge Americano, a normatização do trabalho doméstico, segundo preceitos de ordem e higiene, e a introdução de novos equipamentos para higienização da casa não tornaram a rotina das criadas menos árdua. Ao contrário, deixaram-na ainda mais rigorosa, isso porque, além do maior número de atividades a serem desempenhadas, a empregada era impedida de controlar seu próprio ritmo de trabalho. Os afazeres iniciavam-se logo cedo, muitas vezes ainda de madrugada, e eram finalizados às altas horas da noite, permitindo-lhes poucas horas de sono; mesmo entremeado por pequenas pausas para descanso, passava-se o dia trabalhando. As folgas, quando permitidas, eram apenas uma vez por semana e somente após o cumprimento de toda a atividade na casa.

[...] eu levantava às quatro da manhã, trabalhava o dia inteirinho [...]. Eu que fazia tudo: fazia pão, lavava passava roupa às vezes a noite inteira [...]. Para limpar o assoalho eu espalhava areia na tábuas [*sic*] e esfregava de joelhos com um tijolo. Depois varria, jogava água e puxava com um pano torcido, rodo nem existia. Imagine como ficava o rim de quem esfregava o tijolo!⁷⁵

Quem trabalhava não tinha direito a nada [...]. Descanso, domingo, só depois que fazia todo o serviço e deixava a mesa do lanche pronta, era muito difícil eles comerem fora. Então saía pra passear, mas de noite já estava lá porque segunda tinha que levantar às quatro horas⁷⁶.

De manhã (6 horas): fazer o café, ferver o leite, varrer o vestibulo, o escritório, a sala de jantar. Espanar tudo. Arranjar a mesa do café, servir e tirar. Lavar a louça do café. Arranjar os quartos. Varrer a saleta e a copa, as escadas e o jardim. Arranjar a mesa do almoço, servir, desmanchar a mesa, almoçar.

Depois do almoço: varrer a sala de jantar, lavar a louça e arear os talheres, guardar. Lavar o banheiro, passar o pano molhado na copa e no banheiro, varrer e arrumar o porão

SERVIÇO DA SEMANA

Segunda: Encerar os quartos e escritório dos rapazes.

Terça: Virar colchões e encerar os quartos.

Quarta: Vasculhar os tetos e encerar a sala de jantar.

Quinta: Bater todos os tapetes e encerar a sala de visitas.

Sexta: Encerar o escritório e o vestibulo e lustrar os móveis.

Sábado: Lavar as vidraças.

Entremeando nas horas vagas:

Arrumar os armários de louça e de roupas, passar sapólio nos metais, pontear meias, lavar os globos da luz.

Saídas, um domingo sim, outro não, depois do almoço, voltando para servir o jantar⁷⁷.

⁷⁵ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 371-372.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 382

⁷⁷ “Notas para o serviço diário da copeiras e da arrumadeira (1914)”. In: AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 88-89.

Considerado como uma habilidade natural da mulher, o trabalho doméstico ficou submetido ao estereótipo da feminilidade. Além disso, pelo seu desprestígio histórico⁷⁸, o trabalho doméstico sempre foi encarado como uma atividade leve, não especializada, inofensiva e sem riscos à saúde. Ao contrário, os Boletins do *Departamento Estadual do Trabalho* indicam um elevado número de acidentes de trabalho envolvendo servidores domésticos⁷⁹. Embora os dados não mostrem a totalidade das vítimas, pois muitos casos não eram reportados ao Departamento, as informações obtidas nesse conjunto documental são importantes para se demonstrar que se tratava de uma atividade pesada e que requeria um grande esforço físico. Nada que correspondesse à imagem de fragilidade da natureza feminina pregada pelos médicos. Os acidentes mais comuns eram aqueles que resultavam em contusões, torções, arranhões, incisões e queimaduras⁸⁰.

Portanto, o estabelecimento de uma nova rotina de trabalho doméstico, baseada em rígidas normas orientadas pela dona de casa, que seguiam preceitos higienistas, acabou negando os antigos hábitos das empregadas e seu saber cotidiano. As diferenças entre patroas e criadas se constituíam por meio de atividades diferentes para elas: enquanto a senhora ficava responsável pelo comando da rotina e pela realização de pequenas tarefas – a limpeza especial –, a empregada ficava com o trabalho pesado, braçal, cansativo e repetitivo.

4.2. Os trabalhos de agulha e os cuidados com a roupa

Em determinado momento do dia, geralmente após o almoço e antes do retorno do marido, a dona de casa poderia se dedicar à costura:

Estando a casa limpa e em ordem (o que com um bom plano domestico e uma activa inspecção se consegue ás onze horas pouco mais ou menos), a dona de casa deve vestir-se conforme sua fortuna e posição social.

Depois terá algumas horas para ocupar-se com a costura⁸¹.

⁷⁸ Tradicionalmente o “trabalho manual” é desvalorizado. Na Antiguidade, ele era colocado em oposição ao “trabalho intelectual”, o qual era considerado mais digno ao homem. Em sociedades estamentais, a aristocracia estava impedida da realização de qualquer trabalho manual, o que também contava com um fator de distinção social. A isso se sobrepôs o desprestígio do trabalho manual associado ao escravo e, posteriormente, ao espaço doméstico, outro lugar em que o trabalho sempre foi visto com desprezo.

⁷⁹ Depois dos carroceiros, os trabalhadores que mais sofriam acidentes eram os empregados no serviço doméstico. Cf. MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 163-165.

⁸⁰ Idem, 1994, p. 204-205; *Boletim do Departamento Estadual do Trabalho*, 1911-1927.

⁸¹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 24.

Considerada uma das principais ocupações femininas⁸², a costura assumia um importante papel na vida doméstica. Para as famílias de recursos médios e pobres, essa atividade representava um alívio nas contas, no final do mês. Seguindo modelos divulgados em periódicos femininos⁸³, a dona de casa poderia “confeccionar a roupa necessaria a seu lar” e, assim, dispensar os trabalhos da modista: “Para modernisar um vestido velho, mas ainda em bom estado, para transformar outros em vestidinhos para os filhos e para ter todas as peças do vestuario em harmonia com as exigencias da moda, é indispensavel que cada senhora seja sua propria modista”⁸⁴. Mas a costura não servia apenas para vestir a família, com alguns consertos e remendos preservava-se também toda a roupa utilizada no cotidiano doméstico, como lençóis, toalhas e guardanapos⁸⁵. Quando os tecidos já estavam bastante puídos, recomendava-se transformá-los em panos que poderiam ser utilizados na limpeza da casa: “As partes mais estragadas da toalha fornecirão, superpostas duas ou tres vezes e solidamente unidas, excelentes pannos para limpar moveis”⁸⁶. Por esse motivo, a máquina de costura era considerada a “companheira inseparavel da boa dona de casa” e a mulher casada que não dominava a “arte de costurar”, “digna de lastimas”⁸⁷. Vera Cleser enfatizava também a importância da atividade para a “prosperidade do lar domestico” e aconselhava as mães a ensinarem às suas filhas as técnicas de costura:

A primeira recommendação que dirigirei a toda mulher, seja qual fôr a sua fortuna e posição social, é a de aprender a cortar e costurar todos os objectos de seu uso, desde a roupa branca até os seus vestidos de preço. Esta sciencia occupa o primeiro logar entre todos os trabalhos de agulha, é a mais indispensável á dona de casa e ás moças contribue largamente para a prosperidade do lar domestico⁸⁸.

Minhas senhoras! exige inflexivelmente que vossas filhas se aperfeiçoem na costura á mão e á machina de roupa branca, no remendar e no serzir. Estes trabalhos cuidadosamente executados honram mais do que a sabia combinação de sedas, canotilhos, froco, etc., cujo preço está muitas vezes superior ás nossas circunstancias⁸⁹.

Em momentos de baixo orçamento familiar, a costura e, em geral, os trabalhos manuais podiam se convertidos em um meio de subsistência. Trabalhando sob encomenda, as mulheres produziam as peças dentro de casa e, assim, se resguardavam de expor o marido à

⁸² *Ibidem*, p. 10.

⁸³ SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 18.

⁸⁴ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 105.

⁸⁵ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 64; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 104-119; *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 35-39; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 418.

⁸⁶ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 116.

⁸⁷ *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 35-36.

⁸⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 104.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 105.

maledicência⁹⁰. Desse modo, os trabalhos manuais foram um meio legítimo de profissionalização feminina. Em 1911, a Escola Profissional Feminina de São Paulo foi criada com o objetivo de habilitar moças – a maioria de origem imigrante e de classes trabalhadoras – como mão-de-obra a ser empregada em indústrias. Além dos cursos de português, aritmética, geografia, desenho geométrico, as alunas tinham aulas de rendas, bordados, confecção de roupas, flores e chapéus. A partir da década de 1930, a Escola acrescentou ao seu currículo cursos de dietética, puericultura e economia doméstica. Ao serem preparadas nas artes e ofícios ditos femininos, as jovens eram também iniciadas na vida e nas tarefas domésticas⁹¹. Para incentivar a profissionalização de mulheres sem recursos ou apoio da família, a *Revista Feminina* trazia artigos explicando como uma “senhora podia ganhar dinheiro em casa” com suas prendas domésticas. A *Revista* mantinha em suas instalações um salão onde os trabalhos de artesanato produzidos por suas leitoras eram expostos para a venda⁹² (figuras 37, 38 e 39).

Mas além de representarem economia nas despesas da casa e possibilidade de fonte de renda familiar, a costura, os trabalhos de agulha – tais como a tapeçaria, as rendas, o bordado, o tricô, o macramê e o crochê –, e os demais artesanatos caseiros viravam presentes, adornos em peças do vestuário ou objetos de decoração. Nas habitações menos abastadas ou mesmo mais pobres, a ausência de móveis refinados e bem-acabados era suprida pela presença de pequenos itens que podiam ser confeccionados pelas donas de casa, como abajures, almofadas, arranjos de mesa, biombos, caixas decoradas, cortinas, prateleiras, toalhas bordadas, entre inúmeros outros (figuras 16, 18, 19, 38 e 39). Para criar suas próprias peças decorativas, as senhoras inspiravam-se em modelos e receituários divulgados nos periódicos e manuais femininos⁹³. Quando Vera Cleser descreve os móveis do quarto de *toilette* de uma senhora, ela sugere que o lavatório e o toucador fossem cobertos por toalhinhas bordadas e rendadas pela dona de casa:

Para cobrir a mesa [do lavatorio] faça uma toalha de brim branco ou de fustão, ornada de uma cercadura bordada com seda (*soie lavable*) preta ou azul escuro e guarneça tres lados de uma bonita renda de *crochet-guipure* tendo dez a doze centímetros de largura. A toalha deve ter as dimensões exactas da mesa, excedendo-

⁹⁰ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 418.

⁹¹ A *Cigarra*, n. 19, mar. 1915, p. 54-60. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo; MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Júlia Falivene. (Orgs.). *Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo: uma História em Imagens (álbum fotográfico)*. São Paulo: Centro Paula Souza, Governo do Estado de São Paulo, 2002; TAIRA Lincoln. *op. cit.*

⁹² BONADIO, Maria Claudia. *op. cit.*; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 74.

⁹³ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 69-78; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 419.

a sómente a renda. Uma segunda toalha de fustão branco ou de brim protegerá a parede. Guarneça os dois lados e a parte inferior de uma renda mais estreita do que a da toalha da mesa e borde ao centro, a ponto de haste, um grupo de cabeças de cherubins, de passaros, ou uma pequena paizagem, como se vêem nos pratos de Delft. Prenda esta toalha á parede, em tres ou quatro ganchinhos de metal e dê-lhes o lugar geralmente occupado pelo espelho; terá a largura exacta da mesa e 50-60 centímetros de altura. Para cada lavatorio deve-se ter ao menos dois pares dessas toalhas⁹⁴.

⁹⁴ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 153.

PARA UMA SENHORA GANHAR DINHEIRO EM CASA

Fig. 1 — Coloca-se a caixa sobre uma folha de papel phantasia, que se compra em qualquer casa de papéis pintados.

Fig. 2 — Dobra-se o papel nas margens e corta-se aos cantos.

de nosso fornecedor, que quasi sempre é o «armazem da esquina» ou por intermedio de um menino, que vai de casa em casa.

O doce custa pouco, quando feito em casa. As caixinhas custam mais caro que o doce. Eis a razão pela qual achamos útil ensinar nossas leitoras a fazer as caixinhas.

Como material caixas velhas de papelão que se pedem nas lojas ou que se compram muito barato, quando se trata de caixas

PRENDAS DOMESTICAS

Uma linda e rendosa occupação é fazer artisticas caixinhas, como as que vêm do Extranjero, para vendel-as aos fabricantes de *boubons*, ou ainda para encher-as de doces feitos em casa, tijolinhos de marmelada, de goiabada, de doce de araçá, etc. e fazel-as vender por intermedio

Fig. 3 — Vira-se cada um dos quatro pedaços, alisa-se e ajusta-se.

Fig. 4 — Deve-se deixar uma margem de 1/2 pollegada, para ser voltada para dentro.

Fig. 5 — Uma folha de papel branco, bordado, é insinuada por baixo da tira e servirá para cobrir os doces.

Fig. 6 — Feita a caixinha e cheia de doces, completa-se com uma fita.

xas de papelão commum, sem forro. Além das caixas ha a comprar, apenas algumas folhas de papel phantasia, que se encontram em qualquer casa de papel pintado para parede.

Com a variedade de doces que possuímos o arranjo interno dos tijolinhos pôde ser muito artistico, variando as cores, o vermelho da goiabada, o amarello da marmelada, o verde do araçá, etc. com os quaes se pôde formar um lindo mosaico.

Trabalhos Femininos

LINDO PRESENTE PARA UM MEDICO

*Bolsa Lutz XVI**Detalhe do bordado do grupo de atributos da Bolsa Lutz XVI*

O fundo do tafetá cor de marfim; 55 centim. X 60. Tons a empregar: A Grinalda: — as rosinhas ao "passé", com quatro tons graduados de vieux rose; o mais carregado no centro da flor. Os ramos ligeiros que aureolam cada corolla são feitos ao ponto de argolinha (bouclete) e ponto lançado, no mesmo tom vieux rose com hastes verde pallido e folhas ao "passé" chato em verde delicado, com hastes e nervuras bruno escuro. As flores são reunidas entre ellas por ovais alongados, formado de traços duplos que devem ser executados ao ponto de "tige" em seda vieux bleu claro e medio; no meio do oval, uma fila de pontos de nó oiro velho. Nos angulos estão grandes folhas que se desprendem de um ornamento em forma de voluta; esta ultima será bordada ao "passé" relevo, em tons graduados oiro velho, as folhas ao "passé" chato em tres tons verdes. *Moldura.* Linhas ao "passé" chato, de pontos obliquos, em seda cor de camurça. Aos lados uma serie de traços

paralelos: — No meio, "passé" chato de pontos obliquos, cor de camurça mais clara que a moldura, cercado de bruno vermelho e uma linha exterior ao ponto de "tige" em vieux bleu. O grupo de attributos se compõe de uma fila ao "passé" relevo em quatro tons oiro velho, cercado em branco carregado: de tres rosas, uma das quaes vieux rose carregado, as outras vieux rose claro; as folhas ao "passé" nos tons verdes já empregados; uma serpente é bordada nos pontos transversaes alternativamente verde claro, verde medio e verde carregado; uma lança e um caduceu, emblema da Medicina em relevo, branco e cinzento com um pouco de oiro velho sobre as partes que apparecem mais carregadas na gravura. As duas pomboas ao "passé" em relevo, branco, cinzento, de dois tons, beije e alguns pontos negros. Este grupo é a unica parte um pouco mais difficil do trabalho. As folhinhas são bordadas ao "passé" em beije claro e medio. Forro de setim branco. Cordão ao lado.

Porta-jornaes ou coberta da cadeira de vime, para terraço ou jardim. O desenho representa o canto de um tanque, cercado por um bordado mosaico. O nenuphar em "passé" évidé em cinco tons oiro vivo; os tons mais carregados no alto da flor. Os caninos; as folhas em passé chato de pontos obliquos, com quatro tons verde folha, os mais carregados em baixo. Os cylindros são cobertos por feixas de pontos de nó apertados; metade em tabaco carregado e metade em tabaco leve. A agua em pontos lançados, horizontaes em dois tons misturados, verde pallido e dois tons azues.

Cacha-corset bordado, muito elegante para acompanhar as blusas leves e transparentes de verão. A parte central françada com pequenos motivos do plumetis. Os suspensorios com bordado inglês. Guarnição externa de valencienne.

Figura 38. "Trabalhos femininos". *Revista Feminina*, n. 54, nov. 1918, p. 30. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Trabalhos de senhora

Figura 1. — Colleção para escriptorio.

Linda colleção de escriptorio em pyrogravura: classificador, mata-borrão e estojo para sellos. A pasta é feita em papelão e coberta de seda bordada, segundo o risco n.º 3. O classificador pode também ser feito em papelão grosso, forrado a seda e bordado. Para tal fim cortam-se três rectângulos de papelão, um de 12 cent. x 25, outro de 16 x 25 e outro de 22 x 25. O fundo será um rectângulo de 12 x 25; os lados terão 12 cent de largura e serão recortados superiormente de modo que os tres pontos correspondam exactamente como altura ás diferentes alturas dos 3 rectângulos que formam as divisões dos compartimentos.

Figura 2. — Modelo para o mata-borrão e para o estojo de sellos.

Figura 3. — Modelo para a pasta

Figura 4. — Motivo para a frente do classificador.

Fazendo parte da rotina doméstica, os trabalhos manuais voltados para a produção de artefatos decorativos eram utilizados para tornar o lar agradável, bonito e aconchegante e, ao mesmo tempo, funcionavam como camuflagem ao cobrir engrenagens de maquinário ou objetos explicitamente funcionais⁹⁵. As toalhinhas, as coberturas de objetos, as caixas para guardar itens, os inúmeros “porta-coisas” eram confeccionados para transformar a habitação em uma antítese do mundo externo, caracterizado pelo ritmo frenético da urbanização e da industrialização. Por esse motivo, peças funcionais e objetos mecânicos, como as máquinas e as mesinhas de costura, recebiam coberturas e tampos que escondiam sua utilidade primordial (figuras 40 e 41).

Figura 40. Propaganda de máquinas de costura *Singer*. *Revista Feminina*, n. 20, set. 1917, p. 44. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁹⁵ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 71-72.

Mesinhas para trabalhos

A mesinha de trabalhos é, juntamente com o toucador, um dos móveis mais encantadores e mais úteis dos que

usam as senhoras cuidadosas e que têm hábitos de elegância. Essa mesinha deve ser installada no melhor lugar da casa, no boudoir, perto da janella, e é nella que se devem collocar, não sómente as tesouras, o dedal, os retalhos de seda, as fitas, mas todos os objectos que merecem da mulher a sua particular preferença, inclusive a sua correspondência íntima.

As fórmulas das mesinhas de trabalhos são extremamente variáveis, como se pôde verificar pelos modelos que illustram esta pagina. Não ha muito, em França, em uma exposição do mestre decorador Linke, installada na praça Vendôme, foram admiradas as mais lindas e ricas peças desse genero. A variedade era immensa. Dentre tantas peças, nós escolhemos essas quatro, que apresentamos á apreciação das leitoras, e que nos pareceram, senão as mais ricas como criação de marcenaria artistica, pelo menos as mais graciosas e elegantes.

Attentem bem as leitoras em cada um dos modelos. O primeiro modelo é o mais simples, mas é tala graça das suas linhas, que a propria simplicidade adquire, logo á primeira vista, um aspecto de luxo; o segundo é porventura mais pratico, porque no meio ha um outro compartimento cuja utilidade é servir de deposito provisório para as peças de trabalho que vão ser aproveitadas; o terceiro é, como se vê, de uma originalidade encantadora, lembrando talvez, com a sua tampa aberta, a fórmula classica de um velho cravo; o último modelo não se caracteriza por nenhuma originalidade, com sua fórmula de tambor de orchestra, mas é, como móvel do genero, o mais pratico e commodo.

As senhoras que nos lem e que desejem obter para o seu uso uma destas peças, em vão as procurá em nossos estabelecimentos de moveis, onde ha, no genero, muita coisa interessante, é verdade, mas onde mingum as verdadeiras criações artisticas. Póde-se, porém, mostrando o modelo a um marceneiro de talento, incumbil-o da execução, obedecendo, ao menos no effeito de

conjuncto, o modelo escolhido. A imitação pôde resultar graciososa, desde que seja escolhida uma boa e linda madeira e fique perfeito o acabamento. Para o desenho da tampa aconselhamos o emprego da taboa serrada contra a fibra, de maneira a, juxtapostas as peças, fazer destacar o desenho caprichoso da madeira. Podem ser empregados outros processos de arte de marcenaria, como a talha ou a sembladura, com os quaes tambem se executam trabalhos de muito effeito. Os embutidos com madeira de outra côr, em desenhos meudos, symetricos, em fórmula de aspas, dentáculos, escamas, entrelaces, gregas, imbricação, ondas, óvulos, torçai, tripolios, xadrez, vermiculares ou quaesquer outras, são de um extremo não gosto e tornam o trabalho excessivamente grosseiro por mais cuidadosos que sejam feitos os embutidos. Não é ocioso lembrar isso, porque a maior parte dos nossos marceneiros, por falta de educação artistica e por falta do ambiente onde possam educar o seu gosto, são inclinados a fazer embutidos quando se propoem executar peças de luxo.

As mesinhas, já se vê, não têm gavetas. As gavetas são inúteis e incommodas. Ellas têm a tampa movel, que, uma vez aberta, mostra o interior destinado a guardar os objectos de costura. Com a leitura desta pagina e com a meditação dos conselhos que aqui damos, muito aproveitarão as leitoras que desejem educar o seu gosto e adquirir, para o seu uso, um móvel de luxo. Em geral, as nossas patricias, mesmo aquellas que se dedicam aos bordados e a pequenos trabalhos de costura, não têm uma mesinha destinada a essas uteis e repousantes tarefas. Ellas contentam-se de ter a sua "cesta de costura", que é, quasi sempre, uma cesta de vime, obra grosseira, que transportam d'aqui p'ra alli conforme as necessidades. Ora, uma moça elegante, tem o dever de mandar confeccionar para esse fim uma obra apresentavel, digna de ser vista e que offereça, á hora da tarefa, commodidade e conforto.

Figura 41. As mesinhas femininas de costura e de trabalhos manuais eram pequenas mesas leves e portáteis que podiam ser instaladas no *boudoir* ou em qualquer cômodo da casa: "A sua vantagem [...] é ser o mais portátil, o mais leve. De facto, como se trata de um móvel de luxo, elle pôde figurar em qualquer canto da sala e mesmo da sala de jantar. Quando se tornar necessario, nada custa transportal-o para o *boudoir* ou qualquer outro commodo". Feitas em formatos delicados, possuíam tampos removíveis que permitiam guardar os objetos de

costura – dedais, carreteis, linhas, agulhas, alfinetes – ou esconder o trabalho que estava sendo feito no caso da chegada de uma visita ou mesmo do marido. Neste artigo da *Revista Feminina* são apresentados diferentes modelos de “mesinhas para trabalho” que, a pedido da dona de casa, poderiam ser confeccionadas por um bom marceneiro⁹⁶.

“Mesinhas para trabalho”. *Revista Feminina*, n. 74, jul. 1920, p. 19-20. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

As técnicas, as matérias-primas e os estilos empregados nos trabalhos domésticos artesanais eram diversos, o que permitia às mulheres darem vazão à criatividade e à imaginação. Os temas geralmente remetiam ao universo natural – flores, folhas, ramagens, borboletas, pássaros –, próprios de repertórios artísticos do rococó, ao mesmo tempo que faziam referência à natureza, dimensão própria do feminino. Em 1920, o *Mappin Stores* informava aos clientes, por meio de anúncio, a venda de um “sortimento excepcionalmente variado de linhas, como sejam, as afamadas ‘Flox’ e ‘Velveno’, sedas, lãs, pannos riscados, bastidores, agulhas, etc., por preços perfeitamente razoáveis”. Com o título “TRABALHOS DE AGULHA” e o subtítulo “PRAZER E ECONOMIA”, o texto informava que, além de representarem uma considerável economia, os “trabalhos caseiros de tricot, bordados, costura, etc.” eram um meio praticável das mulheres obterem prazer pessoal: “Fácil é imaginar toda a satisfação que sente quem em cada recanto do lar percebe um vestígio característico do seu gosto pessoal: Um centro de mesa, uma almofada de efeito especial, as iniciaes na roupa branca, etc., pequenas cousas que emprestam á casa um encanto particular”⁹⁷. Desse modo, o prazer que muitas donas de casa sentiam durante a elaboração dos trabalhos, quando não era feito simplesmente por necessidade ou obrigação, proporcionava momentos de evasão do cotidiano doméstico. O manual *O lar feliz* lembrava que “os mil trabalhinhos que uma senhora habilidosa e de bom gosto consegue executar para ornar seus vestidos e o lar” jamais deveriam “servir de pretexto para que corram em desídia os verdadeiros serviços caseiros”⁹⁸; os trabalhos de costura não poderiam, por exemplo, afastar a dona de casa de sua tarefa de conduzir e fiscalizar os trabalhos dos empregados.

Outra atividade essencial para a manutenção vida doméstica era o cuidado com a roupa – lavar, engomar e passar – que ficava sob a responsabilidade de lavadeiras e criadas que trabalhavam na casa.

⁹⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 71; 286-287; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 109-110; “Mesinhas para trabalho”. *Revista Feminina*, n. 74, jul. 1920, p. 19-20. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁹⁷ “Trabalhos de agulha”. *O Estado de São Paulo*, 05 ago. 1920, p. 9. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

⁹⁸ *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 39.

As famílias mais ricas usavam no cotidiano uma grande quantidade de roupa branca. Além de lençóis, fronhas, toalhas, guardanapos de linho, panos de prato, entre outras peças de roupas de cama, mesa e banho que eram regularmente trocadas, havia também as próprias roupas de uso pessoal de homens, mulheres e crianças que, em geral, exigiam cuidados especiais para lavar, alvejar, secar, engomar e passar. Nos manuais da Condessa de Bassanville, de Júlia Lopes de Almeida e de Vera Cleser, as donas de casa eram aconselhadas a ter uma quantidade suficiente de “roupa branca” – nem em excesso, pois ocupavam muito espaço e ficavam amareladas com o tempo, e nem em exiguidade, pois era preciso dar conta dos períodos de chuva prolongados e de possíveis imprevistos no caso de atrasos das entregadas das lavadeiras⁹⁹:

Nada mais de deploravel do que um armario [de roupas brancas] insufficientemente sortido; ha casas em que as prateleiras ficam quasi *limpas* todas as vezes que se muda a roupa de cama e da mesa. Não sei como estas pessoas se arranjam em caso de molestia ou em tempo de chuvas prolongadas!

[...]

Deve-se evitar comprar roupa demais; mas deve-se evitar com mais cuidado ainda, comprar de menos. E’ absolutamente indispensavel que a roupa branca possa *descançar*; a que estiver ininterruptamente em uso gastar-se-á com enorme rapidez¹⁰⁰.

Antes da instalação de redes de abastecimento de água e energia elétrica nos principais centros urbanos, ou seja, durante grande parte da história do país, as roupas eram lavadas em ambientes externos: rios, riachos ou córregos. Assim como outras atividades domésticas, durante grande parte do período da escravidão, a lavagem de roupa era feita por escravas domésticas. Aos poucos foi assumida por mulheres pobres (imigrantes e ex-escravas). De acordo com descrições de viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro, até meados do século XIX era possível ver e ouvir lavadeiras trabalhando nas margens dos rios situados em regiões mais afastadas das áreas povoadas da cidade. Observando o cartão postal produzido por Guilherme Gaensly, em 1904, retratando lavadeiras negras na beira do rio Tamanduateí, supõe-se que em São Paulo essa situação não devia ser muito diferente (figura 42). As cenas descritas são de um trabalho que começava logo cedo pela manhã. As lavadeiras caminhavam até os rios, percorrendo longas distancias, carregavam “enormes trouxas de roupas suja na cabeça”, passavam o dia com a água até os joelhos, lavando, esfregando, torcendo e batendo as peças em “pedras lisas do leito dos rios”. Para a higienização, utilizavam “vegetais saponáceos como a folha de aloés e a folha da árvore

⁹⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 19-26; BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *op. cit.*, p. 75; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 92-99.

¹⁰⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 92-94.

chamada timbubu, bem como as de muitas outras”, além de outros materiais e técnicas para tirar manchas e fixar as cores em tecidos coloridos. No chão, por sobre a grama, ou em varais esticados, a roupa era quarada e seca ao sol. O retorno era feito somente no final do dia quando as roupas deveriam ser engomadas, passadas e perfumadas para depois ser entregues aos fregueses¹⁰¹.

Figura 42. Cartão postal de Guilherme Gaensly, 1904.

No cartão postal produzido por Guilherme Gaensly, lavadeiras negras foram retratadas lavando roupas na beira do rio Tamanduateí, em São Paulo, em 1904. Acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

Com a instalação de chafarizes públicos durante o século XIX, muitas lavadeiras passaram a recorrer à lavagem em rios somente em períodos de seca. Ali, nos chafarizes, o “bate-bate da roupa que ia sendo sovada podia ser ouvido o dia inteiro”¹⁰². Em São Paulo, como descreveu Jorge Americano, em períodos de estiagem, algumas lavadeiras costumavam lavar suas encomendas na várzea do Carmo onde, entre os braços do rio Tamanduateí, formava-se uma pequena ilha:

A várzea do Carmo (hoje parque D. Pedro II) era alagadiça no tempo das chuvas. Na seca, entre o Gasômetro e o Carmo, dois braços do Tamanduateí formavam uma ilha. Um desses é o leito atual e o outro corria paralelo à Rua 25 de Março, até juntar-se ao primeiro, ali pela altura do atual mercado. Da Rua Glicério e de toda a encosta da colina central da cidade, desciam lavadeiras de tamancos, trazendo

¹⁰¹ Jean-Baptiste Debret, 1816, p. 274-275; Thomas Ewbank, 1846, p. 64-65; D.P. Kidder e J. C. Flecher, 1851, p. 116 em LEITE, Miriam Moreira (Org.). *op. cit.*, p. 107-111.

¹⁰² GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 54.

trouxas e tábuas de bater roupa. À beira d'água, juntavam a parte traseira à dianteira da saia, por um nó no apanhado da saia, a qual tomava aspecto de bombacha. Sungavam-na pela parte superior, amarravam-na à cintura com barbante, de modo a encurtá-la até os joelhos ou pouco acima, tomando agora o aspecto de calção estofado.

Deixavam os tamancos e entravam n'água debruçando-se sobre o rio, sem perigo de serem mal vistas pelas costas.

Terminada a lavagem recompunham o vestuário, calçavam os tamancos e subiam a encosta.

Isso durou até que o poder público resolveu aterrar e ajardinar a Várzea do Carmo¹⁰³.

Como em geral o trabalho era realizado ao ar livre, a organização e o ritmo da atividade das lavadeiras estavam submetidos às interferências das condições climáticas: o frio, a chuva ou a época de seca poderiam dificultar a realização do trabalho e da secagem das roupas, provocando atrasos nas entregas¹⁰⁴. Para lavar, quarar, passar e engomar, as lavadeiras dominavam uma série de técnicas e estratégias que faziam parte de sua ocupação e que eram adquiridas com a experiência. D. Ilma rememorou como fazia para clarear a roupa e fazer sabão utilizando sebo e cinzas; os segredos foram transmitidos por sua avó que havia sido escrava e trabalhado como lavadeira: “minha vó até fazia sabão em casa, sabão de cinza, né... cozinhas sebo... a potassa, que era a soda..., não usava candida mas uma folha larga que chamava pariparoba. Então a gente pegava aquelas folhas e esfregava com a roupa né, com sabão... ficava nova, parecia uma neve de tão branca que ficava a roupa”¹⁰⁵.

Com o crescimento urbano nas últimas décadas do século XIX, algumas medidas tomadas pelas autoridades contribuíram para o processo de mudança no trabalho doméstico, sendo considerado esse o início do processo de domesticação do serviço de lavanderia. Com o objetivo de encaminhar providências para resolver as dificuldades sanitárias na cidade, procurou-se organizar a distribuição e a generalização da água encanada, além da imposição de leis proibitivas às lavadeiras. Tentando forçar os moradores de certos bairros a ter água em suas casas, em 1893, a *Companhia Cantareira & Esgotos* mandou destruir os chafarizes (dos largos do Carmo e do Rosário) que havia entregado anos antes ao público. Como a maioria das casas não possuía uma fonte direta de água e a expansão da água encanada demorou para ser uma realidade, eram poucas as lavadeiras que tinham um local privado para lavar a roupa. Apesar dos esforços da Companhia, o fornecimento de água encanada era predominantemente garantido apenas nas zonas centrais e nos bairros luxuosos. A destruição dos chafarizes

¹⁰³ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 131.

¹⁰⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002.

¹⁰⁵ Lembranças de D. Ilma, Banco de memórias de famílias negras, p. 3 em MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 145.

públicos foi alvo, então, de uma série de protestos. Para conter as manifestações, particularmente das lavadeiras do Brás e de outros bairros populares, a empresa instalou torneiras em pontos estratégicos e no lugar dos antigos chafarizes¹⁰⁶.

Com relação às leis que afetaram diretamente os trabalhos das lavadeiras, o aumento populacional gerou medo da proliferação de doenças e do surgimento de epidemias. Acusadas de propiciar a propagação de pestes e epidemias que assolavam as cidades, as lavadeiras foram proibidas de realizar seu trabalho em rios e chafarizes públicos e de transitar pelos bondes carregando trouxas de roupas sujas. Nesse período, acreditava-se que a origem das doenças se dava por influência da qualidade do ar, da água e dos maus odores, os chamados “miasmas” que empestevam os ambientes, sendo, desse modo, a sujeita considerada um veículo de contaminação. Pois que a maioria das lavadeiras morava e trabalhava em cortiços, as autoridades médicas informavam que essas mulheres recolhiam roupas para lavar em tinas comunitárias e que a mistura feita na hora da lavagem propiciava o contágio das famílias¹⁰⁷ (figuras 43, 44 e 45).

Figura 43. Cortiço em Santana, década de 1920. Após serem proibidas de realizar seu trabalho em rios e chafarizes públicos e de transitar pelos bondes carregando trouxas de roupas sujas, as lavadeiras lavavam a roupa de seus fregueses nos pátios dos cortiços onde moravam. A imagem retrata as precárias condições em que

¹⁰⁶ BRUNO, Ernani Silva. *op. cit.*, 1983, p. 1127; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 404; MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 142.

¹⁰⁷ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 409; RONCADOR, Sônia. *op. cit.*, 2007a, p. 107-108.

viviam os moradores dessas habitações populares. © Centro de Memória da Saúde Pública/Faculdade de Saúde Pública/USP.

Figura 44. Crianças moradoras de cortiços da cidade de São Paulo, na década de 1920. Fotografia de Geraldo Horácio de Paula Souza. A imagem retrata a precariedade no abastecimento de água e na rede de esgotos nos cortiços da cidade. Cf. SOUZA, 1925 apud VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa; RODRIGUES, Jaime. A fotografia como instrumento do trabalho do higienista (São Paulo, primeira metade do século XX). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 477-491, jun. 2006.

Figura 45. Cortiço em São Paulo. Fotografia de Geraldo Horácio de Paula Souza, década de 1920. A imagem retrata a precariedade no abastecimento de água e na rede de esgotos em cortiços da cidade de São Paulo, década de 1920. Cf. SOUZA, 1925 apud VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa; RODRIGUES, Jaime. A fotografia como instrumento do trabalho do higienista (São Paulo, primeira metade do século XX). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 477-491, jun. 2006.

Influenciados por tais ideias higienistas, autores dos manuais de aconselhamento alertavam suas leitoras sobre o perigo que as lavadeiras representavam para a saúde da família. As senhoras que tinham filhos eram aconselhadas a lavar as roupas das crianças em suas próprias casas para evitar o risco de transmissão de doenças:

As pessoas que residem em cidades populosas devem procurar sempre, com o maximo cuidado, dar a sua roupa de uso a lavadeiras que morem fora, em arrabaldes isolados, onde a agua corra abundantemente e as hervas tenham frescor, viço e perfume.

Detestei sempre as roupas lavadas em tanques e nas tinas de *cortiços* ou dos quintaes apertados da cidade. Alli, com o mesmo sabão e na mesma agua as lavadeiras misturam a roupa de toda a gente, sem distincção, extendendo-a depois a seccar sobre pedras ou sobre zinco, em um ar viciado e doentio. Á noite recolhem e guardam a roupa no mesmo quarto em que dormem com a filharada, entre o amontoado dos trastes e dos trapos.

[...]

Quem tem crianças nada perderá lavando a roupa d'ellas em casa, desde que o espaço o permita e que a sua lavadeira não seja de absoluta confiança.

Assim, a roupa de seus filhos não se misturará com outras menos cuidadas e de cujo contacto possa advir qualquer mal. Agora, só poderá fazer isso quem dispuzer de um quintal onde bata o sol e haja limpeza¹⁰⁸.

¹⁰⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 20.

Sempre que fôr possível, a roupa branca deve ser lavada em casa; haverá com isso economia, porque a lavagem feita fóra custa caríssimo e estraga, em pouco tempo, toda a roupa, além de que poder-se-á ter a certeza de que não houve contacto com peças contaminadas por doentes¹⁰⁹.

A roupinha de criança não se devia lavar fóra de casa. Além das peças pequeninas que se extraviam mui facilmente, ha o perigo do contacto com roupa estranha de que possa resultar uma doença mais ou menos grave¹¹⁰.

Ha tempos quiz verificar o modo por que minha lavadeira tratava de minha roupa e entrei inesperadamente na sua casa. Achei a pobre mulher doente, de cama, em um quarto imundo em que emanções pútridas e o vapor de carvão dum commodo adjacente me entonteciam. Em cima de miseraveis enxergas vi amontoada a roupa dos freguezes. Num quintal asqueroso uma rapariga estava a ensaboar minha roupa misturada com roupa desconhecida. Que graves inconvenientes não podem resultar desta desordem e immundice!¹¹¹

Para evitar que as roupas de uma família fossem misturas com as de outras pelas lavadeiras, os autores também recomendavam às donas de casa que fizessem pequenos bordados para identificá-las:

Além das iniciais, com que quasi toda a gente marca a sua roupa branca, não é mau adoptar um sinal que sirva para distinguir todas as peças de uma só casa. Isso não é difícil. Uma setta, uma tesoura, uma estrella, um triangulo, qualquer coisa indicará á lavadeira (que geralmente não sabe lêr) que todos os panos de pratos, todas as toalhas, fronhas, lençóes, saias, ceroulas ou camisas pertencem á mesma casa, visto terem, o mesmo signal¹¹².

Sendo assim, vê-se que, de diferentes formas, as autoridades tentavam normatizar o serviço de lavanderia. Gradativamente e com muitas resistências, na capital paulista a lavagem de roupa para as famílias foi perdendo seu caráter público e externo – em particular o uso das margens dos rios e chafarizes, a prática de quorar roupas em espaços públicos e de secar em pontes dos rios, gramas, praças da cidade – e foi sendo incorporada ao espaço doméstico. Contratar os serviços de uma lavadeira foi se tornando cada vez mais raro e dispendioso. Tanto que a autora Vera Cleser chegou a aconselhar suas leitoras a deixar de utilizar esses serviços e passar a fazer o trabalho de lavagem de roupas em suas próprias casas. Além de manter as peças em melhores condições, ela dizia: “ha o lucro pecuniário que a lavadeira necessariamente aufere e que poderemos considerar como uma economia si lavarmos em casa”¹¹³. Prioritariamente, mas não exclusivamente, o serviço de lavanderia passou a ser realizado nas propriedades dos patrões, onde era feito por lavadeiras que trabalhavam como mensalistas ou pelas próprias criadas da casa. Embora esse seja o início de um processo de domesticação dos cuidados com as roupas, só é possível considerar sua

¹⁰⁹ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 39.

¹¹⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 85.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 53-54

¹¹² ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 22.

¹¹³ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 52-53.

efetivação quando a maioria das habitações passou a ter acesso à água encanada, aos “repuxos com tanques” e aos eletrodomésticos como ferros de passar e máquinas lavadoras de roupas¹¹⁴.

Realizada no pátio dos cortiços pelas lavadeiras ou no quintal das casas pelas criadas, a rotina de cuidados necessários para a “Conservação da roupa branca e do vestuário” era bastante árdua, o que demandava a dedicação de muitas horas. Os manuais de economia doméstica (e os artigos de periódicos voltados para a mulher como, por exemplo, os da *Revista Feminina*) divulgavam às donas de casa uma série de receitas com técnicas de como lavar, passar, preparar a goma e tirar diferentes tipos de manchas, principalmente da roupa branca. As preocupações em manter a roupa branca eram enormes. Na Europa, o branco sempre foi significado de asseio; marca de *status* social, funcionava como símbolo de distinção da aristocracia. Em meados do século XIX, quando a limpeza passou a ser associada a valores burgueses como força, austeridade, simplicidade, autenticidade, auto-controle e produtividade, o branco passou a ser associado à saúde¹¹⁵. Contudo, não perdeu o valor de ostentação. No Brasil, a importância da cor não foi menor¹¹⁶. Nos manuais prescritivos, a roupa branca era extremamente valorizada e demonstrava o amor da mãe pelo marido e filhos: “Não ha nada mais gostoso, entre os nossos habitos caseiros, do que ter sempre bem arranjadinha a roupa branca. É nella que o nosso capricho e o nosso zelo melhor se podem revelar”¹¹⁷.

¹¹⁴ Quando Rudi Laermans e Carine Meulders estudam o processo de domesticação da lavagem de roupas nos Estados Unidos e na Europa, eles observam que, antes da atividade ser efetivamente incorporada à habitação, ela era realizada em lavanderias públicas e profissionais. Depois da proibição da lavagem em locais públicos, lavanderias públicas foram criadas para suprir a necessidade das donas de casa e se tornaram espaços de sociabilidade feminina. A lavagem de roupas é introduzida na casa somente após a popularização das máquinas de lavar modernas (nos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1950 e na Europa após a Segunda Guerra Mundial) que passaram a utilizar energia elétrica. De acordo com Siegfried Giedion, sabe-se que máquinas de lavar roupas movidas por manivelas, que substituíam o movimento das mãos, eram projetadas desde o século XVIII. Existiram vários modelos patenteados em diferentes países, como Alemanha, Estados Unidos, França e Inglaterra. Porém o desenvolvimento de máquinas mecanizadas só foi iniciado no final do século XIX, quando um pequeno motor elétrico foi acoplado ao equipamento para mover as pás giratórias – antes movidas por manivelas. Pouco tempo depois, máquinas domésticas elétricas começaram a ser produzidas por indústrias de equipamentos para a casa. Donas de casa de classes médias foram as pioneiras no uso das lavadoras modernas, pois os equipamentos respondiam ao ideal de modernidade, higiene e racionalidade que deveria ser aplicado aos trabalhos domésticos. No Brasil, a incorporação ao espaço da casa de máquinas de lavar modernas e outros eletrodomésticos começa a se popularizar a partir da década de 1950. Cf. ARRUDA, Márcia Bomfim. *op. cit.*; GIEDION, Siegfried. *op. cit.*; LAERMANS, Rudi; MEULDERS, Carine. “The Domestication of Laundering”. In: CIERAAD, Irene (ed.). *At Home: an anthropology of domestic space*. New York: Syracuse, 2006, p. 118-129; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*

¹¹⁵ VIGARELLO, Georges. *O sujo e o limpo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 45-102; LAERMANS, Rudi; MEULDERS, Carine. *op. cit.*, p. 119-121.

¹¹⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 286-288.

¹¹⁷ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 19.

Descrevendo detalhadamente os cuidados com a roupa, os manuais instruíam sobre a realização de todo o processo. Nas casas sem água encanada, o trabalho começava com a obtenção da água em alguma bica, chafariz ou poço para encher o tanque. A roupa era colocada em grandes tinas (bacias de madeira), sobre as quais se derramava sabão e água fervente. Dependendo do tecido e da quantidade de sujeira, o processo deveria ser repetido outras vezes. Para tirar manchas e clarear a roupa branca, fazia-se a barrela ou a lixívia¹¹⁸. Depois de esfregadas e batidas nas mãos ou em tábuas de madeira próprias para bater (figuras 46 e 47), a roupa branca era anilada¹¹⁹, quarada¹²⁰, enxaguada, torcida e engomada; já os tecidos coloridos tinham que ser estendidos do avesso e colocados para secar na sombra. O linho, o algodão e o morim eram tecidos muito utilizados na confecção de roupas de cama e mesa. Após molhados, o peso e a dificuldade de manuseio dessas peças eram muito maiores. No final de todo o processo, além da roupa limpa e seca, acumulavam-se queimaduras nas mãos já calejadas e dores em todo o corpo¹²¹.

Figura 46. “O primeiro sabão do mundo. O melhor para lavar roupa e usos domesticos”. A figura representa uma mulher lavando roupas em uma tina de madeira. Os sabões que precisavam ser produzidos em casa eram, aos poucos, oferecidos no comércio. Cf. “Sunlight”. *O Estado de São Paulo*, 14 nov. 1905, p. 3.

¹¹⁸ A barrela é uma espécie de caldo obtido das cinzas provenientes da queima de espécies vegetais; a roupa era colocada em grandes bacias, as cinzas derramadas e misturadas com água fervente, e deixada de molho até o dia seguinte. A lixívia é uma solução alcalina, geralmente de carbonato de sódio, hipoclorito de sódio ou potássio. O processo consiste em ferver a roupa por cerca de duas horas e meia em latas contendo a solução dissolvida em água (de 25 a 30 litros). Ambos os processos eram utilizados para tirar sujeira, manchas e clarear a roupa. Cf. *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 126; *LAR FELIZ*, op. cit., p. 39; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. op. cit., p. 408.

¹¹⁹ O anil é uma espécie de corante (vendido na forma de pequenas pedras ou tabletes) que, após adicionado à água em pequenas quantidades, era utilizado para clarear as roupas brancas, dando-lhes um tom levemente azulado.

¹²⁰ Para clarear peças de roupa brancas, utilizava-se o método de quarar que consistia em expor a água ao sol, borrifando água frequentemente com sabão ou algum produto para alvejar.

¹²¹ CLESER, Vera. op. cit., p. 52-54; 318-322; *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 108-134; *LAR FELIZ*, op. cit., p. 35-44; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. op. cit., p. 403.

Figura 47. Tinas e tábuas para bater roupa. Disponível em: <<http://www.oldandinteresting.com/history-of-washing-clothes.aspx>>. Acesso em 10 dez. 2014.

Para engomar, era necessário preparar a goma, uma mistura feita com água, amido (geralmente polvilho) e sterina¹²², e depois passar a roupa com o ferro bem quente. Assim como a água encanada, a eletricidade ainda não era acessível para a maioria das casas. Os ferros de passar elétricos, que aparentemente facilitavam o processo de passar roupas, nas primeiras décadas do século XX ainda eram muito restritos. A maioria das pessoas utilizava ferros de estufa, a cunha ou a carvão (que variavam conforme o tamanho, mas que no Brasil pesavam entre três e três quilos e meio)¹²³. Embora os conselhos dos manuais parecem descrever um processo bastante simples, o manejo desse tipo de utensílio, como rememoram D. Risoleta e D. Ilma, era bastante árduo e, segundo Carvalho, um trabalho incompatível com as mãos que aparecem nos artigos de economia doméstica da *Revista Feminina* (figura 48)¹²⁴. Além disso, o domínio desse equipamento demandava um conhecimento que era adquirido somente pela experiência. Por exemplo, uma boa engomadeira, além de saber controlar a temperatura ideal para cada tipo de tecido, tinha que tomar cuidado para não abrir o ferro e derrubar o carvão sobre a roupa. Para tornar o trabalho mais rápido e eficiente, evitando longas interrupções, era preciso utilizar mais de um aparelho, que deveriam estar previamente aquecidos.

¹²² Para a fazer a goma, os autores dos manuais receitavam que a mistura fosse geralmente fervida e batida (para evitar a formação de pequenos grumos) até que atingisse o ponto ideal; depois de pronta era coada. A roupa, depois de molhada na goma, deveria ser torcida e seca ao sol. Um pouco antes de ser passada a ferro, ela deveria ser umedecida (rociada/orvalhada) novamente. Cf. CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 320; *LAR e saúde da família, op. cit.*, p. 122-133; *LAR FELIZ, op. cit.*, p. 42-44.

¹²³ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 269.

¹²⁴ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 269; Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 371; Lembranças de D. Ilma, Banco de memórias de famílias negras, p. 3 em MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 145.

Levantava de madrugada, trabalhava o dia inteirinho, de noite acendia cinco ferros de carvão para engomar a roupa de linho que tinha que passar tudo úmido: eu largava um ferro e pegava outro, largava um e pegava outro. Hoje está uma beleza esse tergal que não precisa nem passar, sacode bem, dobra e guarda. O ferro era pesado, não era ferro de estufa: o linho tinha que passar muito bem, com ferro bem quente¹²⁵.

[...] Então a gente ficava a noite todinha engomando roupa... fazia também a goma com amido... às vezes era cru né, aqueles saiotes que existia naquela época, é... bem duro, então a goma era cozida; ...camisa de homem, então a gente tinha que ter uma goma mais fraca, então era uma, então era crua. E naquela época não tinha esse ferro elétrico, era ferro a de [sic] carvão. Então a gente limpava bem o ferro, punha o carvão dentro do ferro né, e com brasa de carvão aí ele esquentava né. Aí a gente fechava o ferro e começava a passar a roupa... quando acabava o carvão e já tinha que ir lá pôr carvão outra vez. De repente, às vezes, o ferro abria. Tava engomando aquelas camisas limpinhas né, aí de repente o ferro abria. Ai! Voava carvão por cima das camisas suja tudo, perdia todo o trabalho¹²⁶.

Embora os manuais de economia doméstica ajudassem a difundir algumas das técnicas empregadas para lavar, passar e engomar, a boa execução de tais atividades demandava muito mais um saber que era adquirido com a experiência. Pelas descrições dos processos envolvidos no cuidado com as roupas, vê-se que, ainda no início do século XX – momento em que a água encanada e a eletricidade não estavam amplamente difundidas para a maioria das habitações –, a introdução na casa do serviço de lavanderia não significou uma redução do tempo empregado no trabalho; essa era uma atividade doméstica que demandava, além de muito tempo para ser realizada, um grande engajamento do corpo. Como se tratava de uma atividade que causava um enorme desgaste físico, ficava a cargo de lavadeiras e criadas domésticas. Às donas de casa era reservado o trabalho de costura e de produção de objetos decorativos. Dessa forma, pode-se dizer que tanto o artesanato quanto os cuidados necessários para a conservação da roupa eram atividades que serviam para reforçar as diferenças entre patroas e empregadas domésticas.

¹²⁵ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 371.

¹²⁶ Lembranças de D. Ilma, Banco de memórias de famílias negras, p. 3 em MATOS, Maria Izilda Santos de. *op. cit.*, 2002, p. 145.

COMO SE DEVE ENGOMAR UMA CAMISA

Fig. 1
Como se deve plissar a frente de uma camisa

Parece um trabalho sem importância o engomado de uma camisa, entretanto tem sua sciencia. Perde seu valor uma roupa mal passada, mesmo que seja muito fina e que suas rendas sejam verdadeiras. E' indispensavel que a roupa esteja muito

sar em agua com sabão á qual se adicionam 9 gotas de espirito de vinho; as de urina tiram-se, lavando a nodoa com ammoniaco dissolvido em agua; as de sangue deve-se untar com petroleo e lavar em agua quente e sabão; nas de bolor deve-se deitar summo de limão e sal e deixal-as expostas ao sol, durante algum tempo; as de ferrugem desapare-

cia de tercibentolina 5,5 partes, benzina incolor 4, 5, e misture-se bem; enquanto a massa ainda está em fusão core-se com a materia que se desejar, juntem-se-lhe algumas gotas de ammoniaco, molde-se o sabão e somente passados alguns dias é que se poderá fazer uso d'elle. Para applicar use-se uma escova; toda a nodoa de corpos gordos desaparece sem estragar a fazenda.

Fig. 2
Plissagem das pregas das costas

cem com o seguinte: Cremor de tartaro em pó 32 grs. Acido oxalico 63 grs. essencia de limão 1 gr. Humidece-se a nodoa com este composto; tirada a nodoa, lava-se com bastante agua; para as de summo de limão e laranja é sufficiente embeber a fazenda numa porção de alcali volatil, que neutralisa o acido.

Faz-se o seguinte sabão que dá muito bom resultado applicado sobre as nodosas. Toma-se 200 partes do

Fig. 3
Passagem do ferro sobre as pregas para bem fixal-as

A roupa bem lavada auxilia muito o engomado.

Para dar a roupa branca um brilho extraordinario, empregue-se a seguinte gomma: Amido fervido 1 litro. Silicato de potassa 100 grs. Gomma arabica 30 grs. Assucar refinado 60 grs. Tudo que fór engomado com esta mistura, apresentar-se-á polido e lucido como um espelho.

Fig. 4
Fixação das pregas das costas

clara, em primeiro lugar; nada mais desagradavel que uma roupa encardida, na qual o azul foi empregado para encobrir os restos de impurezas de que o tecido estava impregnado. Não se deve molhar uma peça de roupa que esteja enodoad, sem primeiro eliminá-la esta.

Fig. 5
Plissagem terminada

Vamos dar alguns ensinamentos para eliminar as nodosas á que estão mais sujeitas as roupas.

Para as de café: deve-se depois de as ter lavado em agua pura pas-

Fig. 6
Como se deve dobrar a camisa

melhor sabão e reduz-se a pequenos pedaços; colloca-se este sabão num frasco de boeca larga com 85 partes de agua e 15 partes de fel de boi. Tapa-se bem bem o vidro e deixa-se de infusão durante 12 horas. Passado este tempo aquece-se levemente, afin de que o sabão se dissolva sem comtudo ferver. Quando a agua tiver evaporado e a massa tomar um aspecto de mel—juntem-se-lhe essen-

Fig. 7
Dobra dos lados sobre as costas

So se deve empregar gomma muito branda para dar um aspecto de nova a roupa. Para que as rendas e bordados tenham uma bonita apparencia deve-se passal-as pelo avesso e com a ponta de um alfinete estirar suas pontinhas.

Em nossas gravuras ensinamos a maneira como se deve engomar uma camisa.

Fig. 8
Plissagem terminada

Vamos dar alguns ensinamentos para eliminar as nodosas á que estão mais sujeitas as roupas.

Para as de café: deve-se depois de as ter lavado em agua pura pas-

melhor sabão e reduz-se a pequenos pedaços; colloca-se este sabão num frasco de boeca larga com 85 partes de agua e 15 partes de fel de boi. Tapa-se bem bem o vidro e deixa-se de infusão durante 12 horas. Passado este tempo aquece-se levemente, afin de que o sabão se dissolva sem comtudo ferver. Quando a agua tiver evaporado e a massa tomar um aspecto de mel—juntem-se-lhe essen-

Dobra dos lados sobre as costas

So se deve empregar gomma muito branda para dar um aspecto de nova a roupa. Para que as rendas e bordados tenham uma bonita apparencia deve-se passal-as pelo avesso e com a ponta de um alfinete estirar suas pontinhas.

Em nossas gravuras ensinamos a maneira como se deve engomar uma camisa.

4.3. A arte culinária e o laboratório doméstico

A atividade doméstica considerada mais importante era a chamada “arte culinária”¹²⁷. “Nenhuma ocupação feminil reclama tão grande exactidão como o cosinhar”, assim afirmava Vera Cleser logo em uma das primeiras páginas de seu manual *O lar domestico*¹²⁸. De acordo com as obras prescritivas de conduta, sobretudo as de economia doméstica, por meio dessa tarefa a mulher proporcionava satisfação ao marido: “É da cozinha que muitas vezes depende a felicidade do homem!”¹²⁹; “é seu inilludível dever preparar a comida de tal modo que o chefe da família, ao voltar de suas ocupações diárias, se sente com prazer á mesa em que tudo deve estar disposto com elegancia e extremo asseio”¹³⁰; “*la bonne humeur et la bonne santé du mari dépendent de la bonne cuisine que lui fait sa femme*”¹³¹. Preparando ela mesma a comida ou comandando o trabalho da cozinheira, a dona de casa garantia não apenas o prazer do marido, mas também a saúde de toda a família¹³².

Uma alimentação saudável começava pela aquisição de bons produtos. Durante a escravidão, tudo aquilo que não era produzido na habitação precisava ser comprado na cidade. Sob orientação das patroas, as escravas mais velhas e experientes saíam para fazer as compras em mercados ou em zonas de comércio de rua¹³³. Com a intensificação da urbanização e a maior presença de mulheres nas ruas, a atividade foi se tornando uma responsabilidade da dona de casa. Alguns autores de manuais femininos afirmavam que, mesmo sendo uma tarefa incomoda, a *ménagère* tinha a necessidade de abastecer as despensas de sua casa. Além de escolher produtos frescos e saudáveis e atender às predileções do marido e dos filhos, ela garantia a economia de somas no orçamento familiar, pois não corria o risco dos empregados adquirirem alimentos mais caros e de má qualidade:

Trajada com uma *toilette* matinal e simples, ella segue, acompanhada pelo criado, por entre as alas da verdura, de fructas, de peixes, etc., parando aqui, ali e acolá, provendo-se dos ovos mais frescos, da hortalica a mais tenra e nova, de carne mais sã. De carteira na mão, faz as suas contas, comprando por juncto, examinando com attenção todas as coisas, sem medo de que olhos curiosos a tachem de impertinente ou ridícula! Tem consciencia de que anda a cumprir um dever de *ménagère* e continua placidamente a assoprar as pennas das gallinhas, verificando se estão

¹²⁷ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 89-98; CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 61-63; CLESER, Vera. *op. cit.*; DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 77-137; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*; *LAR FELIZ*, *op. cit.*; SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*

¹²⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 11.

¹²⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 95.

¹³⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 248.

¹³¹ DELORME, Marie. *op. cit.*, p. 78.

¹³² SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 35.

¹³³ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 55-56.

gordas, a erguer as guelras dos peixes, para saber se estão frescos, a revirar entre os dedos os pecegos maduros para não levar bichados ou podres para a sua mesa!¹³⁴

Além de abastecer a casa, a dona de casa deveria elaborar os *menus* que seriam preparados pelas cozinheiras: “O *menu* do jantar e do almoço também deve ser ella quem sempre o determine; obedecendo ás indicações da sciencia elementar que toda mãe de familia tem de conhecer, se aprecia a saude do marido e dos filhos”¹³⁵. Uma boa nutrição não significava necessariamente o consumo de grandes quantidades de alimentos; com “intelligencia e criterio”, era possível combinar os alimentos com regularidade¹³⁶: “O valor nutritivo de uma substancia se compõe, não de seu volume, mas do que ella contém em albumina, em gordura, em materias feculentas e açucaradas, e em diferentes saes. Cada um d’estes principios desempenha sua missão em nosso organismo”¹³⁷. O ideal era que os ingredientes fossem variados e que a dona de casa conhecesse o valor nutricional de todos eles. Nas casas mais modestas, a variedade podia ser conquistada com o reaproveitamento e a reelaboração de alguns pratos, o que também correspondia a uma economia no orçamento¹³⁸. Para auxiliar a dona de casa, os autores de manuais prescritivos e de artigos de periódicos femininos sugeriam receitas que poderiam ser organizadas em um caderno formando um livro (figura 49).

A’ boa dona de casa nunca deve faltar um livro de receitas culinárias, mas um livro que ella mesma o faça. E que dificuldade haverá n’isso? E’ bastante que ella vá colando em um caderno, as boas receitas que encontrar pelos jornaes e revistas, e que copie aquellas que lhe fornecerem as amigas. Assim cada senhora possuirá um livro de cozinha todo seu, reflectindo seu gôsto. De tal modo é que se formam as grandes *quituteiras*¹³⁹.

¹³⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 90.

¹³⁵ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 63.

¹³⁶ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 93.

¹³⁷ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 98.

¹³⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 47-50; 249-252.

¹³⁹ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 110.

O MENÚ DO MEU MARIDO

Constitue-se e volta ao fogo até começar a ferver. Então retira-se, deixa-se esfriar e põem na sorveleira. Deve-se adoçar bem.

Balas de café

Em uma caçarola põem-se 2 gemmas, 2 colheres de farinha de trigo e 2 copos de leite, vai ao fogo cozinhar mexendo-se sempre, depois junta-se 2 copos de café, 1 kilo de açúcar mal pesado, 1 colher de manteiga, 3 ditas de mel. Vai ao fogo forte mexendo-se sempre, quando estiver bem grosso tira-se ponto como de açúcar. Despeja-se em mármore untado de manteiga, quando esfriar corta-se os quadrinhos e embrulha-se em papel.

Crème de café

12 gemmas de ovos meche-se um pouco e mistura-se um copo de leite, 1 de café e 1 dito de calda em ponto de pasta, passa-se tudo em peneira fina e vai ao fogo engrossar, mexendo-se continuamente. Despeja-se em cremelras ou gela-se.

Bolo de café

Bate-se bem 2 gemmas de ovos com uma xícara grande de açúcar escuro e 1 colher grande de manteiga; 2 de chocolate em pó, 1 xícara de mel, melaço ou calda, 1 dita de café e um pouco de canella em pó, 1 colherinha de sodio e farinha de trigo penetrada suficiente para fazer uma massa de boa consistência. Junta-se as claras bem batidas, mistura-se bem e vai ao forno quente em forma untada de manteiga. Depois de assado e frio glaça-se com massa de suspiro e vai seccar ao forno.

Ally

Leve-se ao forno por espaço de 2 a 4 horas, conforme a espessura do alguidar que deve ser tampado hermeticamente.

Perú recheado

Pica-se juntamente com o fígado uma dúzia de castanhas cozidas, salsa, cebolas e um alho; delta-se-lhe também sal, pimenta e duas gemmas de ovos, fazendo-se de tudo uma mistura. Enche-se com ella o peru e enfia-se no espeto, envolta em uma folha de papel bem engordurada de manteiga.

Em estando assado, tira-se-lhe o papel e cõra-se com um ovo, e logo que tenha boa cor serve-se com molho picante. Pelo mesmo processo se prepara o pato e a galinha.

Pés de porco albardados

Depois de bem cozidos alguns pés de porco, passa-se por ovos com pão ralado, deitando-se nestes umas pedras de sal, e frigem-se num tacho.

Na mesma manteiga que fica de os frígir delta-se-lhe uma pinga de caldo, salsa picada miuda, pimenta, sal, vinagre e pão ralado e deixa-se ferver um bocadinho num tacho. Fervidos isto e reduzidos a um molho, delta-se este em cima dos pés, que devem estar já em uma caçarola e abafam-se junto do lume.

Sorvete de café

Ferve-se 1 copo de leite, 2 de café e açúcar a vontade. Depois de frio junta-se 6 gemmas de uma em uma

Ovos recheados

Cozinhase o numero de ovos que se quizer. Uma vez duro deixa-se esfriar e corta-se no sentido do comprimento e tira-se as gemmas, deixando os ovos em uma travessa.

Faz-se um molho de mayonnaise. Dispõe-se em torno de um prato folhas novas de alface e sobre estas os ovos, cujo vacuo deixado pelas gemmas será preenchido pelo molho de mayonnaise e por camarões escolhidos e refogados de ante mão.

Salpica-se o todo com gemmas cozidas tiradas, que se deve passar por uma peneira fina. Serve-se.

Coelho á caçupa

Começa-se por guarnecer um alguidar com fatias de toucinho. Em seguida, dispõe-se pedaços de coelho, não muito espessos, formando-se a primeira camada. A segunda será de batatas partidas em rodellas, sal, pimenta, cebolinha e outros temperos á vontade.

Figura 49. Na seção "O menu do meu marido", a Revista Feminina oferecia às leitoras opções de pratos e receitas que podiam ser elaborados por ela ou por sua cozinheira.

"O menu do meu marido". *Revista Feminina*, n. 67, dez. 1919, p. 129. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Como é possível notar nesse artigo da *Revista Feminina*, os pratos servidos, além de saudáveis, deveriam ser sempre bem apresentados. Vera Cleser afirmava que a arte culinária consistia também no “modo elegante e apetitoso” que as iguarias eram servidas¹⁴⁰: “a comida, mesmo a mais simples, deve ser saborosa e vir á mesa disposta com graça em travessas asseiadíssimas. A dona de casa se esmere neste arranjo tão agradável á vista”¹⁴¹. Para isso, a autora aconselhava enfeitar as travessas de assados com folhas de alface, rodela de batatas, raminhos de agrião ou de salsa crespa; as sopas poderiam ser incrementadas com o acréscimo de pitadas de tempero e as saladas dispostas em lindas saladeiras – “occupe-se emfim com os numerosos *nadas* que não custam dinheiro, mas que as criadas não sabem fazer e que comunicam á mesa familiar esse aspecto poético com que a mulher bem educada sabe idealisar os arranjos mais prosaicos da vida domestica”¹⁴². Além dos pratos, as donas de casa também poderiam pensar, seguindo as orientações encontradas em artigos da *Revista Feminina* e nos manuais prescritivos, na ornamentação da mesa e do ambiente onde eram feitas as refeições (figuras 50 e 51). Segundo Júlia Lopes de Almeida, os encantos de um jantar não estavam apenas na quantidade e variedade do *menu*, mas na sua leveza, no sabor dos seus alimentos e na maneira como a mesa era disposta: “linho alvo, flores frescas, crystaes limpidos, porcelana e talheres bem tractados, constituem o principal elemento para tornar uma mesa attrahente e risonha”¹⁴³. E a autora acrescentava dizendo que, para ela, uma refeição se tornava ainda mais deliciosa se a mulher tornasse a sala de jantar um ambiente com “physiognomia amavel”¹⁴⁴.

Uma sala de jantar attraente

A sala de jantar é o principal ponto de reunião da família, e deveria abranger tão completamente todos os requisitos de um lar, com sua influencia edificante de repouso e contentamento, que um pouco de tempo cada membro da família pudesse ahi esquecer os seus cuidados e gozar da plenitude de bom humor, tão indispensavel a saude do corpo.

Um ambiente alegre e radiante dá um sabor especial ao jantar, e favorece particularmente a digestão [...].

Estende-se na mesa uma toalha branca e perfeitamente limpa, ornando-a com alguns ramalhetes de flôres frescas e plantas ornamentaes. Haja gosto na disposição do serviço e dos talheres; uma mesa posta com arte e bom gosto exerce uma influencia nobilitante sobre a família, e quando os filhos crescerem e deixarem o lar paterno, jamais hão de esquecer-se disto. O brilho dos talheres, da porcelana e os copos, revelando o cuidado que presidiu á sua limpeza, accrescenta ainda á frescura e belleza da mesa, fornecendo incentivos á etiqueta e ao cavalheirismo¹⁴⁵.

¹⁴⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 227.

¹⁴¹ *Ibidem*.

¹⁴² *Ibidem*, p. 28.

¹⁴³ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 89.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 90.

¹⁴⁵ *LAR e saude da familia, op. cit.*, p. 238-239.

A esthetica das mesas

Uma perfeita dona de casa não deve somente possuir a requintada sciencia de preparar para seus convivas iguarias saborosas. Saber apresental-as, eis um problema.

Nossas patricias são verdadeiras artistas na maneira com que enfeitam um prato de doces ou arrumam um peixe numa travessa. Esse gosto esthetico parece que augmenta sabor ao prato. Gosa-se tanto com o paladar como com os olhos.

Não basta isso, porém. É mister que essa elegancia de dispor, de alindar, de enfeitar, alcance tambem a mesa. Essa preocupação deve começar desde a escolha da toalha, em jantares de etiqueta.

O linho, a cor das fitas, a harmonia da disposição, tudo entra como contingente esthetico que denuncia o gosto e a arte de uma boa dona de casa.

Mas, num banquete de cerimonia, a maior preocupação de uma senhora, deve ser elegante distribuição dos talheres e da prataria, da porcelana, dos guardanapos e das flores, de modo que o conjunto seja harmonioso e bello.

Damos hoje, com as nossas gravuras, dois exemplares de apuro e bom gosto na organização de uma mesa de ceia para Natal.

Como os leitores vêm, tudo alli obedece a um criterio superior de esthetica. Desde o grupo central

da gravura superior, onde se vêm infos de ramagens e flores, guirlandas graciosas e laços de fita, até a collocação e alindamento dos guardanapos, presidiu um superior criterio de graça e de belleza.

As leitoras intelligentes podem aproveitar esses

modelos e, juntando ao feito, a originalidade de algo de seu, estamos certos que, durante a festa tradicional que celebra o nascimento do loiro filho de Maria, oferecerão aos seus convivas, a esplendida visão de uma mesa linda, que tornará a festa de uma delicia sem igual.

Entretan-

to, se a mesa apparenta um tão bello aspecto, parecendo com suas flores, com seus crystaes, com sua prataria e com suas fitas um verdadeiro jardim magico, um canteiro polychronico e florido, é mister que igual cuidado esthetico se tenha com o arranjo dos quitutes e doces que ali se servirem.

Os doces, principalmente, se prestam para se apresentarem de uma maneira linda. E, nas mesas taes, quizes as que se vêm nas gravuras, só pratos de bello effeito é que devem apparecer.

E, como se trata de ceia do Natal, não será de mais se a arte re-

quintada da doceira tentar algum "gâteau" com geito de presepe ou algo que, lembrando o burrinho, a mangedoura ou o tourinho da gruta de Belém, dê ás creanças a alegria de uma surpresa.

Figura 50. "Uma perfeita dona de casa não deve somente possuir a requintada sciencia de preparar para seus convivas iguarias saborosas. Saber apresental-as, eis um problema".

"A esthetica das mesas". *Revista Feminina*, n. 67, dez. 1919, p. 71. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Figura 51. A mesa de jantar. Cf. ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 91.

Contudo, a felicidade e a saúde da família não eram conquistadas apenas com a aquisição de bons produtos, a escolha variada do *menu* e uma linda decoração; uma alimentação saudável era garantida principalmente pelo bom preparo dos alimentos. De acordo com Cleser, para uma pessoa cozinhar bem era preciso “[...] saber quaes os tempêros, as proporções e medidas exactas, qual a intensidade do fogo para este ou aquelle alimento e muitas, muitas coisas mais”¹⁴⁶. Na obra *Mulheres e creanças*, Maria Amália Vaz de Carvalho dizia a suas leitoras que elas não precisavam se fatigar na preparação de um prato, bastava designar a tarefa a outra pessoa: “O jantar tem de ser bem feito, economico e salubre. Eis o grande problema [...]. Não estragues as tuas finas mãos de duqueza, não desças á humilhante posição de *cordon bleu* da tua propria casa, mas dirige tu esse ramo tão importante da administração domestica”¹⁴⁷. Se à dona de casa cabia a administração da rotina doméstica e as tarefas mais leves da “arte culinária”, nas casas onde era possível contratar uma empregada, as atividades diretamente relacionadas ao preparo das refeições ficavam a cargo das cozinheiras, em outras palavras, a parte mais árdua dos trabalhos na cozinha: lavar, descascar, picar, mexer, bater, amassar, refogar, fritar, cozinhar e assar. Como já mencionado, essa era a especialidade mais requisitada nas contratações para o serviço doméstico. Uma “cozinheira perita” era aquela que sabia combinar os temperos, dosar os ingredientes e, sobretudo, utilizar os equipamentos domésticos. Porém, mesmo que dominasse muito bem as técnicas de seu ofício, a cozinheira deveria ser sempre mantida sob a fiscalização da patroa: “Numa casa em

¹⁴⁶ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 249.

¹⁴⁷ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 158.

que a dona por ignorancia ou preguiça se subtrahe á meticulosa inspecção do serviço da cozinha, em que tudo está entregue á criada, achar-se-á frequentemente comida ruim na mesa!”¹⁴⁸. Eram as donas de casa que dominavam os novos modos de preparo, as combinações dos ingredientes, as composições bioquímicas e as características físicas dos alimentos. Eram elas que submetiam a prática culinária a normas higienistas calcadas em uma racionalidade científica. A higiene da alimentação, tão importante para a elaboração de pratos saudáveis, era garantida não apenas pela habilidade e conhecimentos da dona de casa e de sua cozinheira, dependia também das condições materiais da cozinha: deveria ser um espaço limpo, organizado e bem equipado. Portanto, a cozinha, que sempre foi o local mais desprestigiado da casa, tornou-se, com o tempo, o centro da atenção de autoridades, médicos, engenheiros, arquitetos e higienistas:

Em quasi todas as habitações, a dependencia collocada em primeiro lugar, logo á entrada, e mais cuidada pelos moradores, é, certamente, a sala de visitas; em ultimo, disposta nos fundos, bem escondida, para não ser vista, a cosinha.

Entretanto, para os hygienistas, como para os habitantes da casa, importa muito mais esta que aquella. Com isto quero dizer que para se afferir do trato de uma familia vale menos a belleza e o valor das jarras, quadros, das tapeçarias e o brilho do assoalho da sala de visitas, do que o asseio da cozinha, o reluzir das panelas e o conteudo delas... nas horas de fritar o bife ou de frigar os ovos¹⁴⁹.

Desde meados do século XIX, antes mesmo da mecanização dos fogões e de outros equipamentos domésticos, a cozinha já era alvo de preocupações, em outros países, de diversos grupos sociais. Segundo Siegfried Giedion, as mudanças que determinaram sua modernização iniciaram-se nos Estados Unidos com o objetivo de tornar o trabalho de donas de casa mais eficaz e econômico¹⁵⁰. O final da Guerra de Secessão e a abolição da escravidão evidenciaram os problemas com o serviço doméstico. Além de uma reação cada vez maior à presença de pessoas estranhas no lar, o país passava por uma carência de mão-de-obra doméstica. Os afazeres na casa, que se tornavam ainda maiores com o aumento da oferta de bens de consumo, ficaram então a cargo exclusivo das próprias donas de casa. Inspiradas nos princípios de gestão científica introduzida em fábricas pelo taylorismo, autoras de manuais de economia doméstica formularam propostas de racionalização do trabalho doméstico e de organização das tarefas na cozinha¹⁵¹. Tais ideias foram fortemente defendidas por grupos

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 250.

¹⁴⁹ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341.

¹⁵⁰ GIEDION, Siegfried. *op. cit.*, p. 519-520.

¹⁵¹ Giedion cita as seguintes obras destinadas a donas de casa: a *Treatise on Domestic Economy*, publicado em 1841, e a *The American Woman's Home*, em 1869, da autora de Catherine Esther Beecher, e a *Household Engineering: Scientific Management in the Home*, publicada em 1915, por Christine Frederick. Cf. *Ibidem*, p. 519-527.

femininos¹⁵², pois prometiam diminuir a rotina de trabalho das donas de casa. Nesse processo, engenheiros também tiveram um papel importante. Estimulados pela demanda social, eles desenvolveram estudos dos deslocamentos espaciais e movimentos corporais das donas de casa, necessários para a execução das tarefas e elaboraram novas formas de organização espacial da habitação que almejavam aumentar a aproximação, compactação e contiguidade dos espaços, mobiliário e artefatos da casa. O movimento em busca da racionalização do trabalho doméstico se tornou ainda mais evidente com a criação de novos equipamentos. A mecanização das tarefas domésticas, aliada à infra-estrutura propiciada pelas empresas fornecedoras de serviços (gás, água e eletricidade), completou a transformação da rotina de trabalho doméstico e ainda contribuiu para a reestruturação dos lares norte-americanos, começando pelo espaço da cozinha.

Na Europa, onde a introdução da gestão científica nas fábricas foi posterior, o movimento em busca de simplificação do trabalho doméstico foi introduzido por arquitetos. Na década de 1920, pesquisas sobre a habitação racionalizada criaram uma cozinha altamente especializada e com medidas reduzidas, a chamada “cozinha de Frankfurt”; o destaque era dado à padronização dos componentes e à disposição dos equipamentos (pia, fogão e armários) em superfície contínua. De acordo com Maria Cecília N. Homem, esse movimento arquitetônico, que propunha a racionalização da cozinha, teria influenciado as discussões sobre habitação social no Brasil a partir da década de 1930¹⁵³. Porém, antes disso, a cozinha brasileira e o trabalho doméstico já passavam por mudanças que, diferentemente dos fenômenos estadunidense e europeu, foram impulsionadas não por uma questão social ou formal, mas pela introdução de novos preceitos de saúde defendidos por médicos e higienistas e pela instalação de redes de abastecimento de energia para uso doméstico (gás e eletricidade)¹⁵⁴.

Até esse momento, a imagem da cozinha na antiga casa paulistana era a de uma área suja. O relato de John Mawe, que visitou São Paulo no início do século XIX, dá ao leitor a medida de sua precariedade:

¹⁵² Segundo Dolores Hayden, grupos femininos, como as *material feminists*, que propunham a coletivização dos trabalhos domésticos, a criação de cozinhas coletivas e a remuneração de donas de casa, também eram favoráveis a simplificação da rotina de atividades na casa. Cf. HAYDEN, Dolores, *The Grand Domestic Revolution: A History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhood, and Cities*, London, Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, p. 6.

¹⁵³ HOMEM, Maria Cecília Naclério. *op. cit.*, 2003, p. 124-154.

¹⁵⁴ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 248; GIEDION, Siegfried. *op. cit.*, p. 528-529; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 96-97.

Para dar uma ideia da cozinha, que deve ser a parte mais limpa e asseada da habitação, o leitor pode imaginar um compartimento imundo com chão lamacento, desnivelado, cheio de poças d'água, onde em lugares diversos armam fogões formados por três pedras redondas, onde pousam as panelas de barro, em que cozinham a carne; como a madeira verde é o principal combustível, o lugar fica cheio de fumaça, que, por falta de chaminé, atravessa as portas e se espalha pelos outros compartimentos, deixando tudo enegrecido pela fuligem. Lamento ter que afirmar que as cozinhas das pessoas abastadas em nada diferem destas¹⁵⁵.

Instalada no lado externo, dispersava-se pelo quintal. Ali, onde se dava não apenas o preparo dos alimentos, mas o beneficiamento, a estocagem e a produção, eram acomodados, em unidades isoladas, o fogão a lenha, a despensa, o depósito, o tanque, o galinheiro, o pomar, as instalações sanitárias e o alojamento dos escravos.

O trabalho nessa cozinha também não era nada fácil. Como demonstrou Sandra Graham, as precárias condições materiais exigiam das cozinheiras um trabalho pesado, cansativo e demorado, seja por conta da preparação dos pratos ou da limpeza das panelas engorduradas ou enegrecidas pela fuligem: “O trabalho na cozinha era acalorado, sujo e cansativo, mesmo quando dentro de casa. Até os pratos mais comuns requeriam preparações laboriosas e sanguinolentas”¹⁵⁶. Mesmo nas habitações mais abastadas, o costume de criar nos quintais animais para consumo próprio (porcos, galinhas, patos e perus) ainda era mantido. Por exemplo, para o preparo de um frango, primeiro o animal precisava ser examinado, para a identificação de possíveis doenças, antes de ser abatido. “Com um corte pequeno e preciso na veia do pescoço [...], a cozinheira o matava e sangrava rapidamente, chamuscava-o, depenava-o e, então, aprontava-o para cozinhar”¹⁵⁷. Depois de picado e temperado, finalmente era cozido ou assado. Como também relatou D. Risoleta, antes da mecanização da cozinha e do surgimento das indústrias alimentícias, “quase tudo se fazia em casa”. As carnes eram cortadas em tábuas de madeira e trituradas em moedores de metal; o açúcar mascavo, para ser transformado em branco, precisava ser cozido por longas horas em tachos de cobre; o sal era esmigalhado com uma garrafa até se tornar refinado; o pão sovado e enrolado em lajes de mármore; o milho e o café moídos em pilão de madeira; o arroz escolhido e lavado diversas vezes; e o feijão batido para separar os grãos da vagem seca. Como poucas casas possuíam despensas ou ganchos, os alimentos geralmente eram atacados por formigas, baratas, moscas ou ratos e acabavam contaminados ou mofados. As cozinhas que não tinham acesso à rede de água e esgoto exigiam o armazenamento de água em jarros de barros de diversos tamanhos. Para a limpeza das panelas, frigideiras e demais utensílios de ferro, pedra, barro e cobre,

¹⁵⁵ MAWE, John Mawe, 1807 apud LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1976, p. 204-205.

¹⁵⁶ GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 62.

¹⁵⁷ *Ibidem*.

utilizava-se sabão feito em casa, com uma mistura de cinzas e pau de pita, e areava-se com areia, cacos de telha em pó e batatinha¹⁵⁸.

No final do século XIX, as preocupações com a saúde pública colocaram a casa em destaque e impulsionaram a modernização da cozinha. Para combater a persistência das precárias instalações, sobretudo em cortiços e habitações populares, uma série de leis foi criada. Segundo o médico Renato Kehl, no início do século XX, havia casas onde esse espaço era “uma ‘vergonha’ de sujeira, de fumaça, e de picuman”¹⁵⁹. Mesmo integrada à área interna da casa, as cozinhas, localizadas geralmente nos fundos, eram “mal arejadas, mal ventiladas, escuras e sujeitas a elevadas temperaturas, tal o acanhado das suas dimensões”; dispostas “no pior canto da casa”, ficavam “encurraladas entre quatro paredes ou entre tabiques, sem janelas e por isso tudo transformadas em verdadeiras fornalhas e focos de doenças”¹⁶⁰. Determinando regras de construção quanto ao tamanho, disposição e materiais utilizados, o objetivo da legislação era definir o que deveria ser uma cozinha higiênica¹⁶¹.

No que concerne ao serviço doméstico, os manuais de economia doméstica e os raros artigos de revistas femininas publicados em São Paulo sobre cozinhas prescreviam orientações às donas de casa no sentido de organizar a rotina de trabalho. Assim como na legislação, aconselhava-se que o espaço fosse bem determinado, amplo, arejado, claro e com janelas. Para o piso, indicavam-se ladrilhos brancos e impermeáveis. As paredes deveriam ser revestidas, até 1,70m de altura, de azulejos brancos ou azuis e na parte superior, assim como o teto, receber pintura “caiada a ocre”, “saturado de pedra hume” ou “pintura a óleo de louro e ocre” para espantar as moscas¹⁶². As pias (uma para lavar os pratos e outra para as xícaras e os copos) deveriam ser servidas de água corrente (quente e fria), munidas de ralos de cobre e localizadas próximas a uma janela, pois era um local claro; ao lado delas, uma mesinha para o depósito dos utensílios a lavar e já lavados. Ao alcance das mãos, sobre uma pequena

¹⁵⁸ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 251; GRAHAM, Sandra L. *op. cit.*, p. 46-48; 62;63; Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 367-369; MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. *op. cit.*, p. 412-413.

¹⁵⁹ Picumã é sinônimo de fuligem; teias de aranha enegrecidas pela fuligem.

¹⁶⁰ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 341-342. Como apontou Carlos Lemos, em muitas casas a cozinha “suja”, com fogão a lenha e onde eram feitos os serviços pesados, sobreviveu ativa por muito tempo convivendo com a “cozinha de dentro”. Cf. LEMOS, Carlos, *op. cit.*, 1976, p. 81. Segundo Silva, nos cortiços e habitações populares, elas eram improvisadas em áreas em quartos ou espaços considerados inapropriados pelas autoridades e médicos. Cf. SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 106-113.

¹⁶¹ Segundo Silva, desde o final do século XIX, as autoridades públicas tentavam determinar normas de construção para as habitações e nelas estavam incluídas regras para as cozinhas. O autor menciona o Código de Posturas de 1886, o Código Sanitário de 1894 e o Padrão Municipal de 1920. Cf. SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 106-121.

¹⁶² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 173.

prateleira ou pendurados em ganchos, deveriam estar o sabão, o pote com a areia peneirada e os panos de serviço para esfregar a louça. Para o preparo das refeições, indicava-se o fogão a gás, que deveria ser conservado sempre limpo, “com os seus metaes escrupulosamente areados e brunidos” – Cleser reforçava, “Nada produz uma impressão mais desagradável do que um fogão sujo e mal tratado”¹⁶³ – e ao seu lado uma “mesa de cortar”, coberta com uma pedra de mármore. Para guardar panelas, frigideiras, vasilhas, formas, conchas, escumadeiras, facas, batedores, taboas, picadores, garfos de manusear assados, espátulas, entre inúmeros outros utensílios utilizados na cozinha, aconselhava-se o uso de ganchos, armários e prateleiras. Ainda sobre a “bateria da cozinha”, os autores dos manuais e dos artigos de revistas indicavam o uso de panelas de alumínio e de “vidro inquebrantável”, que, além de mais leves, eram considerados mais saudáveis, pois não liberavam nenhuma substância nociva à saúde na hora da lavagem ou do cozimento dos alimentos¹⁶⁴.

– Vacillei na escolha do material da cozinha, disse-me Annita. O cobre é mau. O menor descuido pode fornecer-nos um veneno que nos leve d’esta para a outra em momento inoportuno... A agatha, comquanto seja leve e limpa, offerece o mesmo inconveniente. Quebrado o esmalte, o que se dá com facilidade, aparece a camada de chumbo assassino.

O barro é pesadão e leva muito mais tempo a aquecer. Optei pelo ferro, não estanhado nem esmaltado, mas confesso-te que não estou contente...¹⁶⁵.

O vidro inquebrantável é asseiadíssimo e resiste á bruscas mudanças de temperatura, vantagem que as panellas de ferro nunca possuiram. Recommendo a toda dona de casa faça a experiencia com a bateria de vidro inquebrantável¹⁶⁶.

Ainda para uma boa organização, indicava-se o uso de um relógio, uma mesa para as refeições dos criados, duas cadeiras, um espaço, “não muito á vista”, para guardar os objetos e produtos de limpeza (escovas, vassouras e espanadores) e ganchos niquelados para pendurar os diversos panos de secar (pratos, talheres, copos, cristais e prataria) e as toalhas para as mãos – “Em dois ganchos atraz da porta se conservam as toalhas para enxugar as mãos; uma

¹⁶³ *Ibidem*, p. 177.

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 175-181; ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 160-162; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 338-342; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*; *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 8; “O aluminio”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 74; “A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52; “A cozinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 55, dez. 1918, p. 79-80. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo; “Já conhece V. Exa. O Pyrex?”. *O Estado de São Paulo*, 30 mar. 1926, p. 9. Coleção Mappin, Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

¹⁶⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 161.

¹⁶⁶ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 182.

de algodão grosseiro para a criada, a outra mais fina para o uso exclusivo da dona de casa [...]. A dona de casa não tolere que a criada enxugue na toalha mãos mal lavadas”¹⁶⁷.

Além do local de preparo das refeições, a cozinha moderna geralmente teria ao seu lado uma copa, fazendo a ligação com a sala de jantar, e uma despensa. Ambas deveriam ser igualmente limpas, arejadas, iluminadas e claras; as paredes revestidas de azulejo ou “caiadadas” e o piso ladrilhado ou de cimento. Como a despensa tinha a função de guardar os alimentos, recomendava-se que as janelas fossem gradeadas ou tivessem uma fina tela que permitia a troca de ar, mas impedia a entrada de insetos. Os mantimentos deveriam ser pendurados em ganchos fixados no teto e armazenados muito bem tampados em vidros, garrafas e latas com rótulos estocados no “guarda-comida” ou em prateleiras. Por fim, mencionavam-se alguns móveis considerados indispensáveis: uma mesa, uma balança e uma caixa para temperos e especiarias¹⁶⁸ – “Uma despensa limpa e arrumada denota uma dona de casa bem educada, activa e ordeira”¹⁶⁹.

Observando as prescrições dos manuais publicados no Brasil – *Bíblia da saúde, Lar Feliz, Livro das Noivas, Manual da dona-de-casa e O lar doméstico* –, nota-se que o foco dos autores girava em torno de dois princípios: ordenação e, sobretudo, limpeza. Mas diferente das propostas de racionalização da cozinha defendidas nos Estados Unidos, que buscavam diminuir o trabalho da dona de casa e liberá-la do serviço doméstico, no Brasil, como havia uma grande quantidade de criados disponíveis, essas preocupações eram pouco importantes. Na verdade, a introdução de uma série de medidas de higiene aumentou ainda mais o tempo de trabalho dispensado não apenas na cozinha, mas em toda a habitação. Os manuais de economia doméstica indicavam uma rigorosa rotina de trabalhos onde estavam incluídas lavagens, polimento, espanação, desinfecção e manutenção de utensílios, equipamentos, assoalhos, azulejos, teto, janelas, portas, etc.: “Uma vez por semana, em dia determinado, deve a criada arejar todos os utensílios da cozinha, bem como as prateleiras, o fogão, os ladrilhos e azulejos [...]. As janellas e portas, o tecto e as paredes, os metaes do fogão e das torneiras devem sempre conservar um aspecto irrepreensivelmente limpo e luzido”¹⁷⁰.

¹⁶⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 180-181; *LAR e saúde da família, op. cit.*, p. 85-89; “A cozinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52 e “A cozinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 55, dez. 1918, p. 79-80. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁶⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 161-162; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 170-174; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 342-343; SOUZA, Bento Jordão. *op. cit.*, p. 17.

¹⁶⁹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 174.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 185.

Uma preocupação mais destacada com a ordenação, visando economia de tempo e de movimentos, é encontrada apenas em único manual de economia doméstica, *O lar e a saúde da família*, e nos dois artigos da *Revista Feminina* aqui mencionados sobre a “cozinha moderna” (figuras 52, 53 e 54): “Economisar tempo, passos e trabalho é uma das melhores normas que uma boa dona de casa deve procurar seguir. [...] uma boa dona de casa e uma boa criada anda [*sic*] dentro de casa e sem ser preciso, alguns quilômetros por dia, perdendo tempo e esforço”¹⁷¹. Sobre o manual, vale acrescentar que se trata de uma tradução para o português de uma obra publicada em 1907, nos Estados Unidos¹⁷². Já os dois artigos, tentando se aproximar das questões que estimulavam os norte-americanos, apresentavam uma cozinha modelo, ou seja, uma representação de um espaço ideal e, portanto, longe da realidade de muitas habitações¹⁷³.

Nos três textos, duas propostas de organização da cozinha se destacavam. A primeira dizia respeito à disposição dos utensílios; aconselhava-se colocá-los pendurados e em fila de modo a propiciar que tudo ficasse “à mão” nos armários e nas prateleiras: “Estudae todas as conveniencias na disposição das prateleiras e outras peças desse genero. Buscae aggrupar os objectos que correspondem a uma dada qualidade de trabalho”, lia-se n’*O lar e a saúde da família*¹⁷⁴; “Na parte interna [do armario] leva uma boa disposição dos pregos para collocar os utensilios e tel-os sempre á mão. Na parte posterior da porta ha umas prateleiras para as peças que não se possam pendurar”, recomendava um dos artigos da *Revista Feminina*¹⁷⁵. A segunda proposta aconselhava as donas de casa a aproximarem móveis e equipamentos domésticos: “Este armario deve collocar-se o mais perto possivel da pia de lavar, afim de evitar os passos inuteis”¹⁷⁶. Sendo assim, embora os três textos se destacassem quanto às sugestões de ordenação do espaço visando economia de tempo, as propostas eram muito tímidas. Além disso, não se fazia qualquer referência à ideia de planificação das superfícies de trabalho. O único conselho que se aproximava dessa questão era no tocante à altura da pia, mas em momento algum o autor orientava igualá-la à mesa de trabalho ou ao fogão:

A instalação da pia ou lavadouro é uma das coisas mais importantes da cozinha [...]. O lavadouro terá a altura conveniente, porque, muito alto, fatiga terrivelmente os

¹⁷¹ “A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁷² O título original da obra é: *Home and health: a household manual*.

¹⁷³ “A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52; “A cozinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 55, dez. 1918, p. 79-80. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁷⁴ *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 87.

¹⁷⁵ “A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁷⁶ *Ibidem*.

braços de quem trabalha sobre elle, e, muito baixo, obriga a pessoa a estar curvada, o que, como se sabe, compromette os rins¹⁷⁷.

Apesar das propostas que visavam economia de trabalho e de tempo na cozinha, a análise dos três textos demonstra que, assim como nos demais manuais de economia doméstica, a maior preocupação dos autores era, sobretudo, com as questões de higiene. As orientações sobre ordenação visavam organizar o espaço para facilitar sua limpeza. Vânia Carvalho chama a atenção para a semelhança entre a cozinha e o consultório médico: ambos seguiam os mesmos princípios de higiene e organização espacial, assim como matérias-primas e funções¹⁷⁸. Não deixa de ser interessante também o fato de que na documentação o espaço da cozinha fosse tratado como um laboratório onde as refeições saudáveis da família eram elaboradas: “Todos concordarão com isso, quando se lembrarem de que ella [a cozinha] é o laboratorio da casa”¹⁷⁹; “[...] é absolutamente indispensavel que volvamos toda a nossa atenção para o canto mais desprezado da casa, que vigiemos de perto o *laboratorio domestico* do qual sai o bem-estar physico e moral da nossa familia!”¹⁸⁰.

¹⁷⁷ “A cozinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 55, dez. 1918, p. 79. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁷⁸ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 257-261.

¹⁷⁹ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 95.

¹⁸⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 35.

A COSINHA MODERNA

Economisar tempo, passos e trabalho é uma das melhores normas que uma dona de casa deve procurar seguir. Isso, para ella e para os seus, representa commodidade e conforto e torna mais suave a tarefa dos creoulos, pois é preciso fazer entrar seriamente em linha de conta esta questão, porque se torna cada vez mais difficil encontrar, como antigamente, creoulos dedicados e pouco exigentes que, pouco a pouco, se irma-navam com a família e ficavam a fazer parte da casa.

O trabalho da cosinha, ás vezes bastante duro, pôde suavizar-se por uma boa disposição dos instrumentos de trabalho e pela collaboração mais intelligente do mobiliário. Com os fogões económicos e sobretudo com os fogões a gaz, essa dependência da casa diminuiu de importância nos edificios modernos, impondo portanto melhor critério no aproveitamento do espaço.

Uma cosinha convenientemente disposta, em que tudo esteja á mão, facilita extraordinariamente o traba-

lho e satisfaz essa necessidade imperiosa de conforto que as cosinheiras sentem, como toda a gente e torna-se um meio de as prender ao serviço, e as ligando-as ao lar onde prestam os seus serviços. Ainda uma vez, esta questão das creoulos complica-se mais e mais e hoje, a não haver muita paciência, muito tacto, muita condescendência, uma dona de casa arrastará constantemente mais dano de pessoal, o que é um grande aborrecimento para todos e um principio de desordem.

Procure-se, pois, melhorar a situação material da cosinheira e para isso tanto basta introduzir na cosinha um pequeno numero de regras bem praticas e uma installação sufficientemente commodada.

As illustrações que publicamos nesta pagina são assás claras. A primeira representa um armario bem construido, contendo varios utensilios de cozinha. E' de construção muito simples e qualquer carpinteiro é capaz de o fazer. Na parte interna leva uma boa disposição de pregos para collocar os utensilios e telas sempre á mão. Na parte posterior da porta ha umas prateleiras para as peças que se não possam pendurar.

Este armario deve collocar-se o mais perto possivel da pia de lavar, afim de evitar os passos inuteis.

A' esquerda vê-se outro armario para diferentes utensilios de louça e a mesma disposição se esclarece melhor na gravura do centro.

Em baixo vê-se como intelligentemente se pôde

aproveitar a mesa grande da cosinha para engomiar. E' tão claro e tão simples que não exige explicações.

Uma das coisas que mais attenção demandam numa cosinha é a pia. E' preciso dispor as coisas de maneira que ella fique bem ao alcance e faça evitar passos inuteis. Conviem notar que uma boa dona de casa e uma boa creola anda dentro de casa e sem ser preciso, alguns kilometros por dia, perdendo tempo e esforço.

Veja-se que tudo anda bem limpo. Ha certas cosinheiras e certas cosinhas que se a gente as visse ao trabalho, dão teria coragem de comer...

Sempre varrido, esfregado, lavado deve ser tudo diariamente. Porisso, e que se aconselha e até mesmo a hygiene mais exat obriga o varrer e ás paredes de azulejo, as pias de marmore, etc.

Quando houver de comprar baterias de cosinha ou reformar algumas peças, deve preferir a louça de aluminio. E' mais cara mas dura mais, economisa calor e é mais limpa.

Uma boa dona de casa deve zelar particularmente pela sua cosinha que é o laboratorio da família, para que haja o maior asseio, a maior commodidade, o preciso conforto. Lembra-se tambem que a economia é uma das mais imperiosas virtudes e veja se pôde poupar na lenha, no carvão, no gaz, na luz, nos mantimentos etc. etc. O que não deve poupar é no sabão e na lixívia para manter a mais esmerulosa limpeza.

Figura 52. "A cosinha moderna". Revista Feminina, n. 43, dez. 1917, p. 52. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A cozinha moderna

Uma cozinha deve estar aparelhada de maneira que haja o máximo de eficiência e commodidade para o trabalho, que tem de ser executado nella. Não nos referimos aqui á cozinha modesta das famílias que têm hábitos excessivamente frugaes, mas á cozinha moderna, que tem de ser modelar.

Uma cozinha nestas condições, quer esteja aparelhada para os grandes serviços permanentes, quer a de família, onde, por vezes, a própria dona da casa

vae superintender o serviço, precisa accommodar-se a todas as necessidades, de fôrma a, nas occasiões excepcionaes, poder funcionar sem faltas nem lacunas de especie alguma.

Na cozinha, que é, por certo, a parte mais

importante do lar, deve-se pôr o maior cuidado, convertendo-a num lugar hygienico, escrupulosamente asseado, pratico até ao exaggero, commodo, muito commodo, tanto quanto o permittam as circumstancias. Demais, uma cozinha alegre desperta alegria e inspira boa vontade para o esmero do serviço, e, sendo limpa, contribue para crear o verdadeiro appetite, que é o de que o organismo necessita para digerir e assimilar perfeitamente os alimentos.

Antes de mencionar os detalhes que são precisos para collocar uma cozinha á altura das exigencias que lhe dêem o titulo de modelar, devemos, em primeiro lugar, attentar nas seguintes coisas: na preparação dos alimentos antes de serem levados ao fogo ou ao forno, nos guisados em si proprios, e no modo como tem de servir cada prato. Como é de ver, tudo deve estar, com antecedencia, rigorosamente asseado, estregado e polido. Só assim é que se comprehende uma cozinha modelar, preparando-a para attender a essas operações tão variadas, com a maior efficacia possivel.

E' mister que haja um lugar apropriado onde se guardem as provisões e uma mesa destinada ao seu preparo. Muitas senhoras, de indole pratica, preferem um armario, cuja parte inferior esteja provida de uma taboa postiga, que se puxa para fóra, na occasião do serviço, fazendo-a entrar, depois do serviço executado. Na parte da taboa para cima guardam-se certas provisões, como: arroz, assucar, pastas, conservas, e na parte de baixo, as batatas, os legumes, as verduras frescas e o azeite. A razão é porque, não só a parte inferior do armario é mais fresca por causa da visinhança do solo, como porque a taboa movel serve para isolar as provisões conforme a sua qualidade. A taboa, pois, substitue vantajosamente a mesa, e, o que mais é, economisa espaço e poupa passos inuteis.

Adopte-se, portanto, como elemento mais pratico, essa mesa auxiliar. O fogão deve estar ao lado. Essa mesa precisa ser recoberta de zinco ou de oleado branco, com bordos mais elevados, em feltro de taboleiro.

Serve isso para evitar que corram para o chão as gorduras e as aguas. Sobre essa mesa é que se executam todos os preparos que vão ser empregados na comida.

Um detalhe que merece attenção é o assento. Uma cadeira commum não serve, por causa do espaldar. O melhor é uma banquetta alta, que permitta á cozinheira estar sentada enquanto prepara as salsas ou descasca as batatas, servindo-lhe tambem para approximal-a do fogão de gaz, segundo os casos. Advirta-se

que muitas são as horas em que a cozinheira tem de estar de pé e esses pequenos descansos são-lhe necessarios.

De resto, além do fogão commum ou economico, é requisito indispensavel que haja outro, electrico ou

A cozinha é um lugar hygienico, escrupulosamente asseado, pratico até ao exaggero, commodo, muito commodo, tanto quanto permittam as circumstancias.

de gaz, e, entre um e outro, um deposito de agua quente, guardada no deposito, é providencia da cozinheira, que, sem ella, se vê forçada a malbaratar o seu tempo, a aquecer agua, toda vez que precisa.

Nas casas modernas esse mesmo deposito serve para abastecer de agua quente o compartimento de banho.

A installação da pia ou lavadouro é uma das coisas mais importantes da cozinha. A pia deve ser bastante ampla e de ferro esmaltado, servida por duas torneiras, uma quente, outra fria.

O rebordo plano que circunda a pia, onde se empilham os pratos e talheres para lavar, precisa ser levemente inclinado para dentro, para que as aguas entornadas não escorram, para fóra. O lavadouro terá a altura conveniente, porque, muito alto, fatiga terrivelmente os braços de quem trabalha sobre elle, e, muito baixo, obriga a pessoa a estar curvada, o que, como se sabe, compromette os rins.

Outro pormenor que não é para desprezar é o sitio onde se haja de collocar o lavadouro. E' preferivel deante de uma janella, para que recolha maior quantidade de luz a fim de ser bem verificada a limpeza dosapparelhos, sem receio ás lacunas de asseio. Mas não é só pela luz mas porque, como o trabalho da limpeza e esfrega é summamente desagradavel para quem quer que se dedique a elle, o ar sempre renovado se faz necessario ao osfato de quem trabalha entre os diversos cheiros que erram no ambiente. Quanto mais perto estiver a pia do armario de pratos ou da prateleira onde se empilham as cassarolas e outros utensilios, melhor, e serão mais poupados os passos inuteis, considerando ainda que esteja na visinhança da despensa.

Os utensilios de outra especie, como escovas, esfregões, esponjas, sabões, tijolos de arear, frascos de desinfectantes, pannos, etc., requerem tambem um lugar apropriado e que esteja ao abrigo do pó. Inutil é acrescentar que a iluminação ha de ser perfeita. Além da lampada electrica no centro, para distribuição geral

da luz, ponha-se outra sobre a pia. Um refectoriosinho hygienico, installado na propria cozinha, é um pormenor preciso e utilissimo, quer para a refeição dos creados, quer, em casos excepcionaes, para a propria familia que soffra momentaneamente a falta de creados.

Attentem as nossas leitoras, que se deram ao trabalho de ler estas considerações, nas gravuras que illustram as nossas paginas. Por ellas poderão orientar-se as donas de casa.

Dito isto, façamos algumas considerações geraes sobre a arte da cozinha. A preparação dos alimentos comprehende a

escolha d'esses alimentos, e o modo de os preparar, segundo a sua natureza, antes de os pôr a cozer. A coacção significa ao mesmo tempo o modo de os cozer, e o grão d'esse cozimento. Consiste nelle o verdadeiro segredo da cozinha. Ha quatro modos diferentes de submetter á cocção os alimentos: ferver-os em agua; cozê-los na sua propria substancia, frigi-los, ou assal-os. Em geral a ebulição torna-os mais tenros, mas não convem que seja excessiva, porque a agua apodera-se de todas as substancias soluveis. O caldo é o resultado d'esse modo de cocção das carnes. Quanto mais forte e prolongada é a cocção, mais substancioso fica o caldo, e menos materias nutritivas e saborosas se conservam na carne. No processo que se chama "Estufar" a carne penetra-se de vapor quente: fica tenra, e coze perfeitamente, conservando toda a sua substancia. Os alimentos cozidos por esse processo são effectivamente os de mais facil digestão, e os mais nutritivos. A fritura torna igualmente as carnes muito tenras mas é necessario que seja bem feita, e que a crôsta, que a envolve, fique extremamente delgada, aliás, a agura que lhe é communicada pela banha, ou pelo azeite, a torna nociva aos estomagos delicados. O assado feito com perfeição conserva quasi todas as partes soluveis da carne; a acção directa do fogo, carbonisa-lhe as partes exteriores, e concentra no interior todos os liquidos, que allí ficam retidos pela crôsta carbonifera. O assado é nutritivo e tónico, o seu sabor appetitoso, e esta ultima qualidade o torna preferivel, para muitos estomagos, a toda e qualquer preparação. É geralmente conhecido o modo usual de cozer as carnes, aves,

peixes e legumes pelo decocção na agua, mas é lórá de duvida que os alimentos cozidos em agua simples, apesar de mollificados pela decocção prolongada, são menos tónicos, menos appetitosos, do que se fossem fritos, grillados, ou assados. A carne cozida, sobretudo, é a menos nutritiva por isso que foi submettida,

por maior tempo, á ebulição, que adespoja infalivelmente das suas partes aromaticas e nutritivas.

Diz, porém, um habilitado pratico, que é possível cozer uma carne qualquer, por decocção, sem lhe roubar a sua substancia. Se, por exemplo, em vez de agua, deitarem n'u-

ma panella caldo já feito, e lhe juntarem a carne, esta perderá menos substancias, porque a agua, ao passo que se concentra com as substancias que dissolve, perde a sua propriedade dissolvente. Obtem-se o mesmo resultado deitando na panella muita carne e pouca agua.

Na decocção, as carnes brancas perdem mais a substancia do que as outras. Fazendo-as cozer em muita agua, sem lhes juntar outra carne qualquer, a parte fibrosa é a unica que se não conserva insipida. Se, pelo contrario, se fizer cozer uma ave com muita carne e pouca agua, e haja o cuidado de a tirar quando começa a delir, conserva quasi toda a sua substancia, e torna-se um alimento saboroso.

Vejamos agora, para terminar, como se estufam as carnes, as aves, etc.

Coloca-se a carne em uma cassarola proporcionada ao seu tamanho, guarnece-se o fundo com pranchas de toucinho e tiras de vitello, ou de outra qualquer carne, e tempera-se. Podem juntar-se legumes, taes como, cebollinhas, cenouras, cogumellos, e um ramo de cheiros. Molha-se tudo, com um pouco de caldo, ou com metade caldo e metade vinho, ou mesmo com vinho só. Póde, igualmente, não se lhe juntar nem vinho nem caldo, mas nesse caso é necessario guarnecer a cassarola com pranchas de toucinho, e cozer a fogo lento. Será bom barrar com massa a tampa da cassarola, para evitar a evaporação mas nesse caso, como se não póde voltar a carne, deve usar-se de uma cassarola cuja tampa possa comportar brazas ou cinzas quentes. Por este meio a carne recebe a impressão do calor de todos os lados.

A cozinha modelo

Refectorio hygienico dentro da propria cozinha

Figura 54. "A cozinha moderna". Revista Feminina, n. 55, dez. 1918, p. 80. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Ainda sobre os três textos, outro ponto chama a atenção do leitor. Quando menciona-se que uma melhor organização da cozinha poderia facilitar o trabalho de quem executava as

tarefas culinárias (criadas e cozinheiras), os autores pautavam-se nos problemas gerados pela alta rotatividade de empregadas domésticas no início do século XX. Enquanto o artigo da *Revista Feminina* de 1917 sugeria que a instalação de uma cozinha moderna seria capaz de “prender” a criada ao trabalho, pois proporcionava “conformo”, “comodidade” e “satisfação”, o autor d’*O lar e a saúde da família* dizia que boa parte das desavenças entre patroas e empregadas poderia ser resolvida com a criação de um ambiente agradável e bem equipado¹⁸¹. Embora já existissem vários aparelhos mecanizados para uso doméstico (batedeiras, moedores, liquidificadores, lavadoras de pratos, etc.), nesse período, uma cozinha bem equipada se resumia a um fogão moderno (a gás ou elétrico):

Os fogões americanos, pequenos, prateados, servidos a gaz são praticos, commodos e asseiadissimos¹⁸².

Com os fogões economicos e sobretudo com os fogões a gaz, essa dependencia da casa diminui de proporções nos edificios modernos, impondo portanto melhor criterio no aproveitamento do espaço. [...] Procure-se, pois, melhorar a situação material da cosinheira e para isso tanto basta introduzir na cosinha um pequeno numero de regras bem praticas e uma instalação sufficientemente commoda¹⁸³.

Hajam cozinhas higienicas, e havemos de ter donas de casa mais pacientes e criadas mais voluntarias [...]. Aparelhae bem a cozinha, mas com objectos que possam ser facilmente limpos [...]. A peça capital de uma cozinha é sem duvida o fogão [...]. Na aquisição dessa peça é preciso a gente guiar-se pelo tamanho da cozinha, pelo numero de pessoas a que tem de servir, e pela qualidade de combustivel que se tem a empregar. Um fogão a gaz ou á gasolina é indubitavelmente os que maiores vantagens offerecem ao ponto de vista da economia de tempo e de combustivel: de tempo, porque pode estar quente e em condições de funcionar dentro de poucos minutos; de combustivel, porque pode ser promptamente apagado depois de feita a refeição¹⁸⁴.

Nos manuais, nos artigos da *Revista Feminina* e principalmente nas propagandas de fogões modernos veiculadas pelas empresas fornecedoras de gás e eletricidade, o equipamento considerado mais moderno, higiênico, prático, eficiente, econômico e cômodo – termos comumente encontrados na documentação – era o fogão a gás¹⁸⁵. Suas características morfológicas e técnicas sintetizavam para o Brasil a tendência de compactação, proximidade e contiguidade dos centros de trabalho da cozinha norte-americana. O tamanho compacto (cúbico), a presença dos pés fazendo a sustentação e o revestimento de esmalte branco assemelhavam o fogão a gás a um móvel. Esse aspecto, por sua vez, dava a impressão de leveza, embora fosse bastante pesado (feito de ferro fundido, pesava cerca de 90 quilos), e

¹⁸¹ *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 86; “A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁸² CLESER, Vera. op. cit., p. 177.

¹⁸³ “A cosinha moderna”. *Revista Feminina*, n. 43, dez. 1917, p. 52. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

¹⁸⁴ *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 86-88.

¹⁸⁵ SILVA, João Luiz Máximo da. op. cit.

sugeriria um alto grau de adaptação ao ambiente, não obstante tivesse que ser fixado em lugar determinado pela saída da tubulação do gás de rua. Já os botões, as torneiras e os queimadores (em vários formatos: espirais, circulares, em forma de estrela), que permitiam controlar o gasto do combustível e influíam na intensidade da chama (concentrada, atomizada e ininterrupta), tornavam o equipamento mais eficiente, econômico e controlável em comparação aos “obsoletos” fogões a lenha. Estes, considerados ainda os principais concorrentes dos equipamentos modernos, eram construídos diretamente no espaço da casa. Feitos de barro ou de alvenaria, os fogões a lenha eram uma peça única, grande, geralmente de formato retangular e com fornalha. Na parte superior, onde as painéis eram colocadas, havia uma pesada chapa de ferro com queimadores (orifícios redondos cujas circunferências podiam variar, utilizando anéis de ferro de acordo com a necessidade). A chama obtida era difusa e entrava em contato direto com o fundo das painéis. A abertura para a colocação da lenha, próxima ao chão, servia como entrada de ar para a combustão. A fumaça saía por uma chaminé ou, na ausência desta, invadia a cozinha. Tais características configuravam, portanto, padrões corporais mais orgânicos no uso desses equipamentos, na medida em que demandavam das cozinheiras uma mobilização integral e exaustiva do corpo, além de formas diretas de controle – como sentir a temperatura com as mãos, usar a força física para manusear as chapas de ferro, controlar a fonte de energia observando a quantidade de lenha, etc.¹⁸⁶

De fato, o uso dos fogões a gás possibilitou um menor engajamento corporal, um menor desgaste físico e resultou numa economia de movimentos. Porém a quantidade de controles exigidos demonstrava uma complexidade que também significou dificuldades no manuseio e na compreensão dos novos procedimentos tecnológicos. Acostumadas a trabalhar a vida toda de uma determinada maneira, as criadas foram obrigadas a se adaptar a um novo padrão corporal de trabalho. Isso justificaria a resistência às inovações. Ademais, o conhecimento tradicional das cozinheiras, transmitido de geração em geração e adquirido com a experiência, foi desprezado e de certa forma descartado. A patroa, que se esforçava para dominar os novos códigos, assumiria um papel de destaque ao ter de supervisionar e reeducar a cozinheira nas novas formas de trabalho e de preparo das refeições. Assim, a normatização

¹⁸⁶ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 256-257; MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “O Fogão da Société Anonyme du Gaz. Sugestões para uma Leitura Histórica de Imagem Publicitária”. *Projeto Histórico*. São Paulo, n. 21, p. 105-119, 2000; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 142-150.

dos afazeres segundo preceitos de higiene e a introdução de nova tecnologia aprofundou ainda mais as distâncias entre patroas e empregadas domésticas¹⁸⁷.

Além disso, como demonstrou João Luís Máximo da Silva, a presença do fogão a gás nas habitações paulistanas provocou uma série de outras transformações de natureza estrutural, técnica e cultural. Por exemplo, o equipamento passou a exigir diferentes utensílios, técnicas de limpeza, mudou o tempo e a sequência de atividades no preparo das refeições; alterou os cardápios e criou novas receitas e, por fim, transformou não apenas a cozinha, mas toda a estrutura da habitação¹⁸⁸.

Em suma, a busca para proporcionar uma alimentação saudável à família caminhou junto às transformações da cozinha paulistana. De feia, suja e precária, com a introdução de normas de higiene e de organização, ela passou a ser considerada um dos espaços mais importantes na habitação. A introdução dos fogões modernos, com destaque para o gás, apesar de ter diminuído o desgaste físico e emocional na hora do preparo das refeições, gerou dificuldades de adaptação à nova tecnologia e ampliou as diferenças entre criadas e patroas. Além da responsabilidade pelas tarefas leves da “arte culinária” – comprar os alimentos saudáveis, elaborar os menus e ornamentar pratos e ambientes –, o domínio dos novos códigos por parte da dona de casa a colocou em posição privilegiada e permitiu engajá-la cada vez mais nas questões que envolviam a alimentação da família. Antes disso, a presença da dona de casa na cozinha se resumia apenas à supervisão das cozinheiras ou ao preparo de sobremesas especiais cujo intuito era somente agradar ao marido e aos filhos¹⁸⁹.

4.4. A amamentação e a alimentação infantil

Como já assinalado no segundo capítulo, a emergência de um discurso médico a respeito da “maternidade científica” elegeu a mãe como a principal aliada na luta pela queda

¹⁸⁷ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 256-257; SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*, p. 142-150.

¹⁸⁸ A introdução da eletricidade e do gás nas residências paulistanas significou não apenas incorporação de novos equipamentos à rotina doméstica, mas a dependência da casa a um “sistema” de infra-estrutura que articulava, de forma indireta, o espaço privado ao espaço público. Por exemplo, a presença do fogão a gás resultou em perda de controle da fonte de energia, seja por conta do fornecimento de energia, seja pela necessidade de manutenção dos equipamentos, medidores e tubulações. Cf. SILVA, João Luiz Máximo da. *op. cit.*

¹⁸⁹ Os docinhos coloniais são um exemplo de sobremesas elaboradas pelas senhoras. Diferente dos pratos triviais da chamada “cozinha salgada”, eles eram associados aos sentidos de delicadeza, suavidade, graça e beleza, tais como as características que também identificavam a figura feminina. Além disso, como eram feitos para agradar, afastavam-se da ideia de rotina e obrigação e eram considerados verdadeiros trabalhos artísticos.

dos índices de mortalidade infantil e pelo desenvolvimento saudável dos futuros cidadãos do país. Dentre todos os cuidados necessários com as crianças, a alimentação era destacada como o mais importante, pois se acreditava que muitas moléstias infantis eram ocasionadas por erros, impropriedades e distúrbios alimentares. Segundo os médicos, por falta de informação muitas “jovens mãisinhas”, “querendo tudo fazer para serem seus filhinhos fortes”, acabavam cometendo equívocos que correspondiam a risco de morte – “Quanto e quantas ha que, por não observarem certas prescrições, principalmente sob o ponto de vista alimentar, arruinam por longos anos a saude de seus petizes, fazendo com que a terrivel diarréa produza todos os seus maléficos efeitos! E que se dêem ainda por muito felizes se seus filhinhos queridos não lhe forem arrebatados pela morte cruel”¹⁹⁰. Ao vincular diretamente mortalidade infantil e alimentação, propunha-se como solução a educação de mulheres para a vida maternal.

Desde o final do século XIX, na Europa, cursos e palestras sobre puericultura e higiene infantil começaram a ser ministrados a meninas em escolas e a gestantes e lactantes em instituições médicas. Os temas abordados eram diversos: abrangiam desde mortalidade infantil, higiene e alimentação na gestação, desenvolvimento da criança (pesos e medidas) até asseio corporal, banho e vestuário da criança recém-nascida, posição correta do berço e na amamentação, moléstias comuns à primeira infância e educação física infantil; o destaque ficava geralmente com a alimentação, onde se aprendia a importância do aleitamento materno, métodos de esterilização do leite e receitas de mingaus e papas. A autora Maria Martha de Luna Freire menciona como exemplo a “escola de mães” criada pelo obstetra Pierre Budin, na França, em 1892¹⁹¹. Obtendo grande sucesso, as palestras influenciaram outros profissionais pertencentes a instituições de assistência pública e privada não apenas na França, mas em outros países. No Brasil, tais cursos foram incluídos nos currículos de escolas femininas somente no final da década de 1920. Porém, antes disso, manuais de puericultura – escritos, sobretudo, por médicos e higienistas – ajudaram as mães nessa difícil tarefa de criar seus filhos¹⁹².

Segundo Renato Kehl, por falta de informação, verdadeiros absurdos eram cometidos “não só em relação á alimentação, como em relação ás vestes, ao banho, aos passeios, aos cuidados hygienicos e aos que se devem ter em caso de accidentes mórbidos. Uma

¹⁹⁰ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 14.

¹⁹¹ FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 207.

¹⁹² FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 205-221; LIMA, Ana Laura Godinho. *op. cit.*, 2007, p. 95-122; SOUZA, Rosângela Ferreira de. *op. cit.*

lastima!”¹⁹³. O médico afirmava que, chegando na idade de se casar ou estando no período de gestação, a mulher deveria “lêr com atenção alguns livros elementares de hygiene e puericultura”: “Esse é o unico recurso, emquanto não se criam escolas para as mãezinhas, e não forem incluídas, nos programmas escolares, estas importantes questões”. Para ele, as jovens deveriam “esforçar-se para aprender os meios de evitar os males que attentam contra as crianças e como conjural-os. Desse modo garantirão a alegria do lar, preservando a saude e belleza do maior encanto que nelle se abriga: a criança”¹⁹⁴. Conselho muito semelhante era encontrado também no *Livro das Noivas*:

Recommendo ás minhas leitoras, isto é, áquellas a quem esta parte do livro possa interessar, que não deixem de lêr as obras consagradas á hygiene infantil e aos deveres das mães para com seus filhos. Eu li os conselhos do Dr. Garnier, guiei-me por eles e para este capitulo os irei trasladando, certa de fazer alguma coisa útil. [...] Todas as senhoras devem, repito, lêr com escrupuloso cuidado, antes do nascimento do seu primeiro filho, algum livro concernente á boa hygiene das amas e á amamentação das crianças. [...] Ficarão sabendo assim que devem alimentar-se bem, evitando os alimentos muito envinagrados ou ardentes, não sendo o seu regimen, nem exclusivamente vegetal, nem exclusivamente animal; que devem dormir pelo menos de seis a sete horas, fazer exercicios moderados ao ar livre; que devem seccar o seio com uma esponja ou panno fino, cada vez que a criança acabar de mamar, evitando assim as escoriações ou as aphtas (sapinhos) na boca do recém-nascido; que não deverão nunca dar ao seio á criancinha depois de um acesso de cólera, de um grande susto ou de uma grande alegria, sem esperar que se restabeleça a calma¹⁹⁵.

Um diálogo entre duas senhoras, reproduzido por Jorge Americano em uma de suas obras, resume perfeitamente as principais orientações que as leitoras dos manuais de puericultura (assim como dos artigos sobre o mesmo tema publicados em revistas femininas) encontravam sobre os cuidados com a alimentação dos recém-nascidos:

SOBRE RECÉM-NASCIDOS E OUTROS ASSUNTOS

(Conversa entre senhoras)

- Viva! Que surpresa! Pensei que nunca mais você aparecesse.
- Não vim atrapalhar? A senhora está com a mesa cheia de moldes. Está cortando alguma coisa?
- Estou cortando camisinhas para a pequena. Nasceu enorme e aos quatro meses já está perdendo o enxovalzinho. Tudo ficou pequeno. Também com esta eu passei mal, vivi quase sempre enjoada. Depois que nasceu não tive leite, e não houve jeito de arranjar ama. Uma, porque o doutor examinou e disse que não era de boa saúde. Outra, porque já tinha leite de seis meses, não servia para uma criancinha recém-nascida. A terceira, porque o marido era insuportável. A última tinha bom leite, mas pouco, não dava para o filho dela e para a nossa. A menina ficou magrinha.
- Como é que a senhora fez? Ela está tão gordinha agora! Uma tetéia!
- O doutor mandou tomar leite de vaca esterilizado.
- Mas não é muito forte?
- O doutor fez a tabela de mistura com água, até um mês em certa proporção, no mês seguinte menos água. Quando tiver sete para oito meses vai tomar leite puro.

¹⁹³ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 198.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 198-199.

¹⁹⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 188-189.

Mas dá um trabalhão para esterilizar. Primeiro, a proporção de água, porque eu não confio nas criadas. Depois coloca-se nas mamadeiras e põe-se para ferver em banho-maria durante duas horas marcadas no relógio. De repente é fralda que se tem de mudar. É o banho. Chega a hora de mamar¹⁹⁶.

Primeiramente, afirma-se que a aleitamento materno era a maneira mais segura de alimentar um bebê. Os médicos e autores das obras prescritivas sobre saúde infantil apontavam: “O *alleitamento materno* exclusivo é o primeiro [alimento]; é o unico verdadeiramente bom, o unico realmente aproveitável que a creança, e se comsigo desgostos e dificuldades, offerece tambem seus gozos e recreações”¹⁹⁷. As justificativas em defesa dessa prática eram diversas. Á princípio, proclama-se seu caráter natural. Em seguida, justificava-se que o leite materno era o mais saudável e adaptado às necessidades nutricionais de um recém-nascido: “o leite da mãe pertence ao filho e deve ser por isso inalienável; tanto que, a composição do leite varia, contemporaneamente, com possibilidades digestivas e às necessidades de nutrição da criança”¹⁹⁸. Para comprovar tais considerações, os médicos então ofereciam às mães uma série de informações quantitativas obtidas por meio de cálculos e pesquisas laboratoriais – “*Le lait moyen contient chez la femme normale, environ 40 gr. de beurre par litre, 20 gr. d’albumine, 75 gr. de sucre, des sels et des fements*”¹⁹⁹. Somando-se a isso, alegava-se também que, por meio do aleitamento materno, os vínculos entre mãe e filho eram reforçados, o que permitia a constituição de uma família feliz e saudável:

A AMAMENTAÇÃO MATERNA E A FAMÍLIA

Sem o assíduo cultivo, não existe afeição profunda entre mãe e filho. E’ o íntimo contacto de amamentação que se fortalece o amor materno e se gera o amor filial. A mãe que abandona a outrem o privilégio de amamentar o filho, ou, para comodidade sua, lhe dá alimentos artificiais, cava entre si e a criança um grande abismo, depois difícil de transpor. Mais tarde, em lugar da profunda e indestrutível amizade recíproca, o mais belo sentimento da natureza humana, haverá apenas descaso e frieza, especialmente por parte do filho, que pagará com a indiferença o pouco zelo da mãe²⁰⁰.

Apresentando uma série de dados estatísticos, tabelas e gráficos, os médicos tentavam convencer as mulheres sobre a relevância de sua nobre missão. Ao transformarem a alimentação infantil em novo “objeto de saúde”, os médicos chamavam para si a responsabilidade de normatizá-la segundo os princípios de higiene. Sendo assim, embora

¹⁹⁶ AMERICANO, Jorge. *op. cit.*, 2004, p. 79-80.

¹⁹⁷ DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. 39-40.

¹⁹⁸ PEIXOTO, Afrânio. *op. cit.*, p. 354.

¹⁹⁹ MULON, Dr. Clotilde. *Manuel élémentaire de Puericulture: à l’usage des merès, des infirmières visiteuses, du personnel des creches, pouponnières, chambres d’allaitement, garderies, consultations de nourrissons et des diverses ouvres d’assistance a la maternité*. 12ª ed. Paris: Masson et Cie, 1925, p. 111.

²⁰⁰ ALMEIDA JUNIOR, A. de; MURSA, Mario. *op. cit.*, 1922, p. 51; _____. Noções de puericultura: Para as Mães e para as Escolas. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1927, p. 49.

considerada natural, a amamentação foi submetida a uma série de regras. Ao ser subordinada à racionalidade médica e explicada segundo cânones da higiene, a prática se tornou alvo de um processo pedagógico específico²⁰¹. As obras de puericultura se dedicavam, então, a ensinar as mães como e por que amamentar seus filhos.

Antes de tudo, afirmava-se que a mulher precisava preparar seu corpo para amamentação. Desde a gestação, os médicos indicavam às futuras mães caminhadas leves ao ar livre e banhos de sol. Para evitar fissuras e inflamações das glândulas mamárias (mastite), os seios deveriam ser massageados com esponjas e óleos hidratantes. Os movimentos prescritos tinham a função também de torná-los salientes e preparados para a amamentação. Quanto à higiene corporal, os banhos deveriam ser mornos e frequentes. A cada mamada, os seios deveriam também ser higienizados para evitar proliferação de bactérias que poderiam ser transmitidas aos bebês. Com relação à alimentação, sugeria-se que a mãe seguisse uma dieta adequada que pudesse estimular a produção de leite saudável. De modo geral, os manuais afirmavam que “O regimen alimentar não deve[ria] ser nem exclusivamente animal, nem exclusivamente vegetal [...]. E’ preciso um e outro; carne e caldos, mas de legumes e tambem de féculas”²⁰². O mesmo conselho constava na obra francesa *Cours de puéricultura en dix liçons*: “Une femme qui allaite ne doit pas se nourrir exclusivement de viandes ou exclusivement de legumes; elle doit panacher ses repas”²⁰³. As únicas interdições eram os alimentos apimentados (cebola, alho, pimenta, etc.), as substâncias “excitantes” (chá, café e chocolate) e as bebidas alcoólicas (aguardente, licores, vinho e cerveja)²⁰⁴.

Além de cuidar da própria higiene e alimentação, a nutriz precisava de descanso suficiente. Por isso, os autores indicavam que a amamentação fosse regradada de forma sistemática. De modo geral, sugeria-se que fosse iniciada às seis horas da manhã e finalizada às dez da noite. Mantendo um intervalo de mais ou menos três horas entre cada mamada, para que os bebês pudessem fazer uma melhor digestão, contabilizavam-se em média oito refeições durante todo o dia. Segundo os autores, seguindo esse método, em pouco tempo o bebê se

²⁰¹ FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 218.

²⁰² DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. 126-127.

²⁰³ BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*, p. 64.

²⁰⁴ BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*, p. 66; DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. 126-127; KNEIPP, Sebastian, *op. cit.*, p. 6-7; MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 109-111.

acostumava com a rotina e passava a acordar nos horários exatos das refeições²⁰⁵. No manual *O lar feliz*, o autor reforçava a necessidade de habituar o recém-nascido desde a primeira mamada: “E’ urgente habituar o recém-nascido, *desde a primeira vez que mamar*, a procurar o seio materno só em horas determinadas. Nos primeiros dias, elle ingere, de cada vez, muito pouco leite – apenas dez ou quinze gramas – devendo mamar de oito a dez vezes ao dia”²⁰⁶. Conforme se apontava também em outros manuais, a quantidade de leite que deveria ser ingerida variava de acordo com a idade do bebê. Para saber com exatidão, os médicos indicavam que as mães fizessem pesagens:

A criança deverá mamar do 2º dia do nascimento até o 6º mez ao numero de cinco vezes durante o dia, de 4 em 4 horas, isto é, ás 6-10-2-6-10. No 1º dia ella permanece em jejum ou toma chá, adoçado com sacharina. Se a criança fôr muito exigente, dar-se-á o seio tambem cinco vezes, porém, de 3 em 3 horas: ás 7-10-1-4-7 da noite, e para illudil-a, se fôr preciso, chá mate ou de tília adoçado com sacharina, na dóse de 30 a 40 grammas²⁰⁷.

A quantidade de leite fornecida á criancinha, em vinte e quatro horas, é, mais ou menos, a seguinte:
650 gr., do primeiro ao segundo mez;
750 gr., do terceiro mez;
950 gr.; do terceiro ao novo mez;
Todavia, estes números nada têm de absoluto, porque o leite è mais ou menos rico em matérias nutritivas e as crianças mais ou menos fortes e vigorosas²⁰⁸.

Quanto à duração do período da amamentação, a maioria dos autores concordava que esta deveria durar, de forma exclusiva, até o final do sexto mês de vida da criança – É o que dizia Renato Kehl em sua *Bíblia da Saude*: “As crianças recém nascidas devem ser alimentadas exclusivamente ao seio materno até a idade de seis meses, quando será iniciada a alimentação binaria ou mixta. O leite de peito, até essa idade, é insubstituível, representa o alimento natural adequado á criança”²⁰⁹. A partir dessa data, iniciava-se, até o desmame completo, o que os médicos chamavam de “alimentação binária” ou “aleitamento misto”, ou seja, quando outros alimentos (frutas, legumes, mingaus, caldos, sopas e papinhas) eram ministrados junto ao aleitamento materno.

Quanto ao método de amamentação, para as mães de “primeira viagem”, os manuais de puericultura descreviam detalhadamente uma sequência de ações (figura 55). Para começar, era necessário escolher um lugar tranquilo e confortável para se sentar. O ideal era

²⁰⁵ MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 113-115; PÉREZ, Dr. Juan Fernán. *Cartas a una novia: Consejos de Puericultura*. Madrid: Centro Editorial Minerva, Madrid, 1929, p. 41-47.

²⁰⁶ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 201; *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 19); PÉREZ, Dr. Juan Fernán. *op. cit.*, p. 41-47; MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 76-77;

²⁰⁷ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 201.

²⁰⁸ *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 19.

²⁰⁹ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 200.

que a mãe tivesse um bom apoio para as costas e que não ficasse muito inclinada para trás. O passo seguinte dizia respeito ao posicionamento do bebê. No colo, a mãe deveria então segurar a criança com uma das mãos e com a outra oferecer o seio à criança, tomando cuidado apenas para não obstruir sua respiração. Após mais ou menos cinco ou dez minutos, quando os movimentos de sucção se tornavam cada vez mais espaçados, era chegada a hora de encerrar a amamentação. Se caso a criança ainda não estivesse satisfeita, a mãe ouviria um choro e novamente deveria oferecer o seio ao filho. Finalizada a mamada, os médicos recomendavam que a mãe colocasse o bebê por alguns minutos na posição vertical a fim de eliminar o ar engolido durante a alimentação²¹⁰.

Figura 55. Como amamentar o bebê. Cf. RUDAUX, P.; MONTET, Ch. *op. cit.*, p. 63.

Embora os autores alegassem a naturalidade do aleitamento materno e afirmassem que todas as mulheres podiam amamentar, havia casos em que as mães eram impedidas de dar prosseguimento à prática e obrigadas a adotar alternativas para alimentar seus filhos. Dessa forma, recomendava-se o “aleitamento misto” às mães “fracas”, de “leite insuficiente” ou que fossem obrigadas a trabalhar fora de casa:

É fácil de acontecer que uma senhora, depois de haver aleitado desde os primeiros dias nas melhores condições, vê, ao cabo de algumas semanas, diminuir-lhe o leite. Outras ha que, pela sua constituição pouco resistente, correm o risco de se tornarem fracas, em consequencia de dar de mamar ao petiz robusto. Em outras mães ainda, a necessidade de ganhar o pão fazem [*sic*] com que ellas sejam obrigadas a procurar crèche visto não poderem trazer o filhinho sempre ao peito. Em todos esses casos é indispensavel combinar o aleitamento materno com o artificial, podendo-se alternal-os²¹¹.

²¹⁰ PÉREZ, Dr. Juan Fernán. *op. cit.*, p. 46-47; RUDAUX, P.; MONTET, Ch. *Guide pratique de la mère: les deux premières années de l'enfant. Notions élémentaires de puericulture*. Paris: Masson et Cie, 1927, 112-113.

²¹¹ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 19-20.

Se havia a possibilidade da criança ser alimentada com leite materno, mesmo em pequena quantidade, a opção era considerada mais válida do que a total substituição do aleitamento. Sendo assim, somente em casos de doença grave ou contagiosa das mães é que a amamentação era desaconselhada – “Mas á falta deste ultimo [o leite materno], se pelo facto de uma rasão maior e affirmada pelo medico, o leite materno não poder ser dado, deve evidentemente recorrer-se a outros meios”²¹². Os manuais de puericultura divergiam quanto à melhor alternativa à amamentação pela mãe. Alguns autores afirmavam que as mães deveriam recorrer à alimentação artificial; outros preferiam que fossem contratados os serviços de uma ama-de-leite, pois, mesmo sendo considerada uma ameaça à criança e à família, ainda se tratava de uma alimentação proveniente diretamente do seio de uma mulher. De qualquer modo, não importava qual método fosse escolhido, uma série de regras higiênicas era prescrita.

*Toutes les femmes ont du lait! Il y en a, malheureusement, c'est vrai, dans le nombre, qui ne peuvent momentanément pas nourrir; mais elles sont en petite minorité: 98% peuvent et doivent nourrir leur enfant de leur lait; 2% seulement s'en abstiendront parce qu'elles sont ou malades ou infirmes. [...] Toutes les femmes ont donc du lait. Admettons qu'il y en ait 2% qui ne peuvent allaiter pour des raisons diverses: Celles-ci utiliseront alors l'allaitement artificiel*²¹³.

3º - *O aleitamento artificial.* – O leite materno, dado embora em pequena porção, é sempre o melhor alimento para a criança, mesmo que se pratique o aleitamento mixto. Existem casos, porém, em que se deve recorrer exclusivamente á amamentação artificial. É innegavel que elle tem seus defeitos; entretanto, quando bem comprehendido e carinhosamente dirigido por uma mãe ás direitas, é muitas vezes preferivel ao aleitamento mercenário, quasi sempre muito difficil de ser vigiado²¹⁴.

Si me perguntar o que acho melhor, si confiar a creança a uma ama ou si alimentar-a artificialmente, isto e, dando-lhe uma alimentação natural, adequada, responderei que este segundo modo de alimentação é perfeitamente sufficiente, comtanto que se proceda com prudencia²¹⁵.

No caso da alimentação artificial, o leite de vaca era o alimento mais indicado para substituir o materno. Como era considerado um pouco indigesto, os médicos receitavam o acréscimo de água e açúcar. No *Manuel élémentaire de Puericulture*, a médica francesa Clotilde Mulon prescrevia que, no primeiro mês, a medida ideal era uma mistura de 1/3 de água com 2/3 de leite; no segundo mês, 1/4 de água e 3/4 de leite; no terceiro mês, 1/5 de água e 4/5 de leite. A partir do quarto e do quinto mês, já era possível dar leite puro para a criança acrescentando 25 gramas de açúcar por litro. Embora as medidas variassem de criança para

²¹² DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. , p. 44.

²¹³ BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*, p. 43-44.

²¹⁴ LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 19-20.

²¹⁵ KNEIPP, Sebastian, *op. cit.*, p. 45.

criança, de mês a mês, pois algumas podiam tolerar o leite puro mais cedo do que outras, a doutora Mulon ressaltava que as mães jamais deveriam administrá-las sem o consentimento de um médico²¹⁶.

As críticas feitas em relação ao consumo de leite animal ressaltavam a dificuldade em encontrar, ao menos nos principais centros urbanos, um produto de qualidade e sem adulteração. Por mais que as mães seguissem os preceitos de higiene na hora de preparar mingaus e mamadeiras²¹⁷, em muitos casos o leite era contaminado durante seu processo de produção²¹⁸. Sendo assim, alguns autores ressaltavam cuidados importantes. Na obra *O lar e a saúde da família*, dizia-se que as mães deveriam oferecer somente leite fresco aos seus filhos. Devido à dificuldade de mantê-lo refrigerado – no início do século XX eram raras as habitações que possuíam refrigeradores –, o ideal era que o produto fosse consumido logo após ser ordenhado²¹⁹. Em *O lar feliz*, a leitora era aconselhada a dar às crianças somente produtos cuja proveniência fosse conhecida; atestando a saúde do animal, recomendava-se extrair o leite sempre da mesma vaca²²⁰. No caso de falta de conhecimento da proveniência do produto, o que acontecia geralmente nos centros urbanos, as mães poderiam então recorrer à esterilização:

Ignorando-se a proveniencia do leite, deve-se esterilizá-lo; de tal modo ficará garantida a sua conservação e serão destruídos todos os microbios nocivos, que elle, porventura, contenha.

Em todas as drogarias e pharmacias encontram-se á venda os aparelhos que servem para esterilizar o leite que deve ser mamado no espaço de 24 horas. Em casa, pôde-se tambem perfeitamente fazer dita esterilização, usando-se umas garrafinhas e uma marmitta comum, como está mais adeante explicado para as conservar pelo systema de Appert²²¹.

²¹⁶ MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 133-134.

²¹⁷ Patenteada a mamadeira em 1841, por C. Windship, e o bico em 1845, por Elijah Pratt, o objeto tinha que ser corretamente higienizado. Cf. MACHADO, Maria Helena P. T. *op. cit.*, p. 201. Nos manuais de puericultura, os autores recomendavam esfregá-la com “escova apropriada” em água e sabão, depois lavá-la com água fervente e, por fim, deixa-la escorrer de boca para baixo em um recipiente esmaltado. No manual *O lar feliz*, as mães liam: “*Limpeza da mamadeira*. – Uma das condições de successo com o aleitamento artificial está na limpeza absoluta da mamadeira. Assim que a criança tenha mamado, tira-se o bico de borracha que, bem como a mamadeira serão lavados em agua fervente. Quando não esteja em uso, o bico da mamadeira nadará sempre em agua limpiissima. As antigas mamadeiras com tudo estão condemnadas em absoluto, visto ser impossivel uma limpeza perfeita no interior do tubo”. Cf. *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 21.

²¹⁸ Devido à má qualidade do leite fornecido às capitais, alguns médicos receitavam como alternativa o leite condensado, as farinhas lácteas, entre outros produtos industrializados que começavam a ter sua divulgação ampliada no Brasil. Indústrias alimentícias como a *Nestlé* se aproveitaram dessa situação para divulgar seus produtos em periódicos. Nas revistas *A cigarra* e *Revista Feminina* encontra-se uma grande quantidade desses anúncios, sobretudo, a partir da década de 1920.

²¹⁹ *LAR e saúde da família*, *op. cit.*, p. 207.

²²⁰ *LAR FELIZ*, *op. cit.*, p. 21.

²²¹ *Ibidem*.

Os manuais de puericultura explicavam às mães diferentes técnicas de como fazer a higienização do leite. Por exemplo, na obra espanhola *Cartas a una novia*, à leitora eram apresentados cinco métodos possíveis de esterilização do leite²²²: “*los procedimientos de esterilización de la leche más comúnmente empleados son la ebullición simple, la ebullición al baño-maría o procedimiento de Soxhlet, la pasteurización y la esterilización al autoclave*”²²³. Porém como a maioria dos procedimentos só poderia ser realizada pela indústria ou demandava um equipamento específico, os médicos receitavam a esterilização por meio da técnica de “banho-maria” – em um frasco fechado, o leite era mantido por cerca de cinco minutos em um recipiente com água fervente; passado esse período, deveria ser imediatamente refrescado. Para ser consumido, deveria ser novamente aquecido²²⁴. Sendo assim, seguindo as orientações médicas dos manuais prescritivos, as mães conseguiam garantir a qualidade do alimento artificial dado a seus filhos.

As mulheres que optavam por contratar os serviços de uma ama-de-leite deveriam estar cientes de alguns requisitos. Segundo os manuais de puericultura, essa opção somente era válida se a criança não se adaptasse à alimentação artificial como alternativa ao aleitamento materno e se um médico julgasse realmente indispensável²²⁵. Além do registro na Secretaria da *Polícia Sanitária*, recomendava-se a exigência de um exame médico que comprovasse a saúde da candidata à ama e de seu filho. Como reforçavam Almeida Júnior e Mario Mursa, não bastava que a mulher fosse “‘pessoa nossa conhecida há muito tempo’, ou ‘que nunca esteve doente’, ou que ‘tem um filhinho sadio’”, todas essas considerações poderiam ser ilusórias se não fossem atestadas²²⁶. Conforme estudo realizado pelo médico Moncorvo Filho, no Rio de Janeiro, início do século XX, de 1742 mulheres que foram ao seu Dispensário se candidatar a amas-de-leite, 1030 foram recusadas; em outras palavras, apenas 712 foram consideradas aptas a exercer a profissão. Os motivos pelos quais elas foram rejeitadas eram diversos, mas principalmente por causa de doenças – das dispensadas, 105 tinham tuberculose, 71 sífilis, nove “imundice extrema” e uma estava com lepra²²⁷. Desse modo, nas obras prescritivas de puericultura, os médicos procuravam deixar claro às mães

²²² Segundo Machado, desde a metade do século XIX os médicos tinham conhecimento de técnicas de higienização do leite. Em 1859, era feita a descoberta da pasteurização do leite; em 1886, a esterilização tornou cada vez mais segura a alimentação artificial dos bebês recém-nascidos privados da alimentação natural. Cf. MACHADO, Maria Helena P. T. *op. cit.*, p. 201.

²²³ PÉREZ, Dr. Juan Fernán. *op. cit.*, p. 62-64.

²²⁴ MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 130-134.

²²⁵ ALMEIDA JÚNIOR, A. de; MURSA, Mario. *op. cit.*, 1922, p. 94; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 201.

²²⁶ ALMEIDA JÚNIOR, A. de; MURSA, Mario. *op. cit.*, 1922, p. 94.

²²⁷ *Ibidem*, p. 93; MONCORVO FILHO, Artur. *op. cit.*, p. 188.

todos os parâmetros necessários para a seleção de uma boa ama: idade, peso, aspecto e tamanho dos seios, quantidade e qualidade do leite, entre inúmeros outros atributos físicos e comportamentais. Ainda segundo Kneipp, a candidata a ama-de-leite deveria ter uma boa conduta moral²²⁸. Por isso, as mães deveriam tomar conhecimento e fiscalizar o “regimen de vida” das amas. Além de dormir cedo, ter uma alimentação saudável e não consumir bebidas alcoólicas, elas não poderiam frequentar ambientes considerados “promíscuos”. Alguns autores ressaltavam inclusive que as mães não permitissem que as amas saíssem sozinhas:

La nourrice mercenaire, sur lieux, ne sera jamais autorisée à sortir seule: elle devra toujours être accompagnée de la mère de famille ou d'une personne de confiance. Le plupart des nourrices sortant seules vont soit dans les cabarets, soit dans d'autres lieux malsains; lorsqu'elles sortent avec le bébé, pendant que madame fait ses visites, elles vont s'asseoir sur les bancs des promenades publiques, exposant les petits aux poussières, aux courants d'air, oubliant de le couvrir à temps si le temps change, elles oublient l'enfant qui leur est confié, tout absorbées qu'elles sont par leurs papotages et commérages avec leurs collègues²²⁹.

Seguindo todos os princípios estabelecidos pela ciência, chegava-se assim a um perfil padrão da perfeita ama-de-leite: mulheres jovens, entre 20 e 30 anos, contendo “robusta constituição”, “qualidades moraes”, boa saúde, hábitos saudáveis, além de leite suficiente para o bebê da família que a contratava e para seu próprio filho²³⁰.

[A boa ama deve]: Ter 20 a 30 annos. – Nesta época, está em todo o vigôr e frescura da idade.

Ter parido ha pouco tempo. – O seu leite deve ter dous a seis mezes, não menos de dous mezes completos. Terá então mais analogia com o da mãe, e estará mais em relação com as vias digestivas da creança²³¹.

Apresentêmos immediatamente as garantias, que deve dar uma boa ama.

Deve:

Ter 20 a 30 annos. – Nesta época, está em todo o vigôr e frescura da idade.

Ter parido ha pouco tempo. – O seu leite deve ter dous a seis mezes, não menos de dous mezes completos. Terá então mais analogia com o da mãe, e estará mais em relação com as vias digestivas da creança.

Ser indemne de toda a cicatriz. – No pescoço, debaixo dos maxillares; manchas na pelle, principalmente nas palmas das mãos, e entre os dedos, proximos das unhas.

Ter o couro cabelludo intacto. – isto é, nem crostas nem borbulhas. A côr dos cabelos não têm grave valor; as louras são tão boas como as trigueiras.

Ter os seios (mamas) bem conformados. – isto é, nem muito grandes, nem muito pequenos; os primeiros não são sempre os melhores; os bicos dos peitos devem ser salientes e não muito sensiveis.

Ter sido vaccinada. – Não deve escapar o exame dos braços, para ver se existem as cicatrizes brancas características.

Não ter menstruação. – Não estar grávida. – Tambem: *ter musculos carnudos e bem desenhados, - as espadoas largas; - a respiração regular, - os bates do coração não*

²²⁸ KNEIPP, Sebastian, *op. cit.*, p. 45.

²²⁹ BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*, p. 67.

²³⁰ *Ibidem*, p. 60; DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. 47-48 KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 201.

²³¹ DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. 47.

*muito precipitados – a côr do rosto clara, - rosto agradável, - labios e gengivas vermelhas, - dentes sãos e brancos, são sobretudo*²³².

Sendo assim, independente do processo adotado como alimentação infantil, o importante era que os bebês crescessem saudáveis. Para que as mães pudessem saber se os filhos se desenvolviam com saúde, os manuais de puericultura apresentavam ainda tabelas e gráficos de crescimento. Cumprindo rigorosamente as regras prescritas, os bebês aos poucos ganhariam peso. Segundo o médico Renato Kehl, em sua *Bíblia da saúde*, a criança que prosperava, que aumentava seu peso, era aquela que estava sendo alimentada convenientemente²³³. Com a valorização do peso como indicador confiável da saúde das crianças, a balança se tornou um equipamento higiênico essencial não apenas nos consultórios médicos, mas em qualquer casa de família – “a balança é o melhor informante. Por esse motivo convém pesar as crianças systematicamente, todas as semanas”²³⁴. No manual *Guide pratique de la mère*, numa imagem que demonstra como deveria ser composto o quarto de um recém-nascido, um dos elementos que se destacavam era, portanto, a balança (figura 56). Alçado como símbolo de força, vigor, beleza e saúde, o peso da criança seria um dos requisitos mais importantes para a avaliação em concursos de robustez infantil²³⁵.

Em suma, no início do século XX, as preocupações com a mortalidade infantil promoveram uma normatização da maternidade. Tentando proporcionar o desenvolvimento saudável dos futuros cidadãos do país, médicos convocaram como suas aliadas as “jovens mães”. Entre todos os cuidados necessários para a higiene infantil, a alimentação foi identificada como o mais importante. Como ainda não existiam cursos que capacitassem as mulheres com informações sobre puericultura, médicos se dedicaram a escrever obras prescritivas com orientações para a vida maternal. Sendo o aleitamento materno indicado como a maneira mais segura de alimentar um bebê, a amamentação foi normatizada segundo regras que a subordinaram à racionalidade médica. Ao submeter uma prática que era “natural” (intuitiva) do ser feminino à racionalidade científica – representada, neste caso, pela medicina e pelos autores das obras de puericultura –, o saber tradicional da maternidade “leiga” foi

²³² ALMEIDA JUNIOR, A. de; MURSA, Mario. *op. cit.*, 1922, 1927; BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*, p. 60; DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p.47-48; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 201.

²³² BRUCH, A. (Le Docteur). *op. cit.*, p. 67; DE BREST, Dr. G. Anner. *op. cit.*, p. 47.

²³³ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 200.

²³⁴ *Ibidem*, p. 200-201.

²³⁵ Criados em 1902 pelo Dr. Moncorvo Filho, os concursos de robustez infantil foram realizados por 33 anos no Brasil. Segundo Freire, eles eram defendidos como uma das estratégias de incentivo ao aperfeiçoamento da raça por meio da alimentação adequada. Com clara inspiração eugênica, esses concursos conferiam premiação em dinheiro ao bebê mais saudável. As crianças inscritas deveriam ter até 12 meses de idade e terem sido amamentadas com leite materno por no mínimo até o sexto mês de vida. Cf. FREIRE, Maria Martha de Luna. *op. cit.*, p. 237-238; RAGO, Margareth. *op. cit.*, p. 79.

relegado a segundo plano. As mulheres que não dominavam as regras de como proteger a saúde infantil, por exemplo, aquelas que se candidatavam a amas-de-leite, eram desvalorizadas, desprezadas ou até mesmo consideradas uma forte ameaça. Portanto, pode-se dizer que a maternidade científica, com respaldo do discurso médico, contribuiu para aprofundar ainda mais as distâncias entre patroas e criadas domésticas.

Figura 56. O quarto de um bebê. Cf. RUDAUX, P.; MONTET, Ch. *op. cit.*, p. 20.

Apesar de considerada uma inimiga em potencial, a criada era uma figura constantemente presente na vida das famílias dos segmentos médios e mais abastados. A grande disponibilidade de mão-de-obra doméstica fez com que o desejo por ter alguém trabalhando na casa fosse mantido. Desde que patroas e empregadas trabalhavam em parceria, cuidando dos afazeres da casa, uma divisão social do trabalho era necessária. Desse modo, elas deveriam ter tarefas diferenciadas na casa. Ficando o “serviço grosseiro” – ou seja, o trabalho “sujo”, desvalorizado, que demandava força física e grande engajamento corporal – sob responsabilidade da criada, a dona de casa poderia se dedicar à “limpeza de artística” da habitação – organização da rotina doméstica, cuidados com as roupas, criação de pequenos trabalhos manuais, elaboração dos cardápios e preocupação com a saúde e a higiene infantil. Sendo assim, muito mais do que um processo em que a dimensão material (decoração e mobília dos quartos, uniformes, utensílios domésticos) é interpretada como um conjunto de símbolos que representava as diferenças sociais dessas mulheres e as tentativas de

manutenção da hierarquia estabelecida entre elas – tal qual considerou Maria Suely Kofes ao estudar o fenômeno contemporâneo –, vê-se que a cultura material fazia parte de fato da construção dessas diferenças. Desse modo, as práticas domésticas diferenciadas, sustentadas por repertórios de objetos e condutas motoras igualmente diferenciadas, conformaram identidades distintas para patroas e empregadas domésticas.

V. Corpos limpos, belos, saudáveis e educados

A primeira cousa que te recommendo é o asseio constante: porque tenho visto muitas meninas de tua idade que guardavam limpar os dentes, as orelhas e as unhas para os dias de festa ou de baile: este cuidado deve ser diario [...]. Não tenhas horror á agua fria [...]. Os banhos de todo o corpo fazem uma parte do asseio [...]. A primeira coisa que deves fazer depois de te lavar é arranjar o cabelo; e se por algum incidente o não poderes fazer logo pela manhã põe uma touca ou coifa com que escondas teu desalinho. Não há objecto mais desagradavel do que uma mulher desgrehada e mal penteada [...]. Tem como regra geral, minha filha, que o penteado, o calçado, os vestidos simples e modestos, tudo bem feito, asseiado, e bem composto; poucas côres vivas, e nunca contrastando umas com as outras, como as de arlequins; certo discernimento e juízo em modificar as modas naquillo em que offendem a decencia e prejudicam a saude, sam as cousas em que deves pôr todo o seu desvê-lo, e pelas quaes darás provas de ter recebido uma boa educação, e te ternarás estimavel a todas as pessoas que sabem apreciar o verdadeiro merecimento e a modestia acompanhada do bom gosto¹.

Na obra *Codigo de Bom Tom*, um aristocrata português viúvo aconselha seus filhos como se comportar em sociedade. Como é possível observar no excerto que introduz este capítulo, a filha Eugênia era instruída a estar sempre bem asseada, vestida e penteada – e não apenas nos dias em que participaria de festas. O cuidado com a higiene pessoal e a aparência física, além de demonstrar que a jovem moça possuía hábitos saudáveis, significava que ela era educada. Conselho semelhante a autora Vera Cleser, no manual *O lar domestico*, oferecia a suas leitoras:

Uma dona de casa deve sempre estar vestida de modo que possa receber uma visita inesperada, sem sentir-se humilhada por estar mal arranjada. Uma senhora bem educada não se animará a apparecer á porta de sua casa sem ter banhado o rosto, com o cabelo em desordem, calçando chinellos sem meias, vestindo uma saia immunda e um paletot rasgado, pregado a alfinetes; não consentirá em se mostrar, tão excessivamente mal vestida, aos seus fornecedores, aos criados, aos filhos, ao marido².

Assim, mesmo na intimidade doméstica, uma “senhora bem educada” jamais poderia se apresentar da forma indisciplinada com que as mulheres do período colonial costumavam ser representadas por viajantes estrangeiros. John Luccock, em visita ao Rio de Janeiro, relatava que, “quando entre amigos íntimos”, as mulheres do início do século XIX, andavam “apenas de camisa, cingida à cintura pelos cordões da saia e com as alças frequentemente caindo de um dos ombros”; não usavam “meias” e raramente vestiam “chinelos ou mesmo os socos de madeira com correias pardas a que chamam de tamancas”; os cabelos eram “compridos e em geral despenteados e seguros por uma fita bem rente por detrás da nuca, com as pontas cortadas para o alto da cabeça e ali torcidas ao redor de uma espécie de travessa”³.

¹ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1875, p. 288-296.

² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 56.

³ LUCCOCK, John. *Notas Sobre o Rio de Janeiro e Partes Meridionais do Brasil* (1808-1818). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1975. p. 75-76 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em fev. 2015.

Pouco tempo depois, Auguste de Saint-Hilaire testemunhava: “Com exceção de uma ou duas, tais casas só denotam miséria, e o vestuário de seus habitantes não é feito para desmentir tal idéia. As mulheres trazem a cabeça descoberta, e os cabelos na maior desordem; trajam como única vestimenta uma camisa de algodão grosso quase sempre rasgada e muito suja”⁴. E mesmo no final do século XIX, a alemã Ina von Binzer também observou que, “nas grandes reuniões ou na rua”, as senhoras brasileiras mais distintas estavam sempre muito bem vestidas, mas, em casa, encontravam-se em desalinho, com “as suas tranças soltas, saias de chita sem cintos e largos paletós”⁵.

Na obra *Ordem médica e norma familiar*, Jurandir Freire Costa explica, por meio de trabalhos de Gilberto Freyre e de relatos de viajantes estrangeiros, que até meados do século XIX as preocupações com a aparência, refletidas em cuidados com a higiene, roupas, beleza e condutas corporais consideradas elegantes, não faziam parte dos costumes domésticos da família tradicional brasileira. Segundo o autor, a negligência com os cuidados pessoais devia-se principalmente à escassez ou à inexistência de um sentimento de decoro no espaço da casa. Essa, por sua vez, demonstrava a ausência da noção de subjetividade tal qual é entendida na modernidade. Com a intensificação da urbanização e a emergência de um modo de vida burguês no final do século XIX, a medicina, preocupada em erradicar doenças e epidemias que assolavam os principais centros urbanos do país, passou a intervir diretamente na organização e funcionamento das cidades – o que resultou em novas distribuições e configurações –, bem como na vida pessoal e coletiva dos indivíduos. Por meio de pressupostos higiênicos, a cidade foi “modernizada” e “civilizada”. Na vida privada, o modelo de família tradicional foi rompido quando pais e filhos começaram a valorizar o convívio íntimo e exclusivo entre eles, abandonando a companhia contínua de elementos estranhos na casa. Associados a este processo estão outras mudanças como o aprofundamento da individualidade dos membros familiares e a transformação na maneira como as pessoas se relacionavam com seus corpos. Assim, pode-se dizer que o processo de constituição da família nuclear burguesa incluiu o aumento das preocupações com a aparência, os cuidados de higiene, as formas de se apresentar em casa e em sociedade. Sem dúvida, todas essas mudanças estavam de acordo com a busca das elites pela modernização do país, cujos parâmetros de julgamento do que era bom para o país vinham de suas experiências na corte e

⁴ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822). São Paulo, Belo Horizonte, EDUSP/ Itatiaia Editora, 1974. p. 79 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em fev. 2015.

⁵ BINZER, Ina von. *op. cit.*, p. 109.

suas expectativas de replicação dos hábitos europeus, especialmente daqueles da França e Inglaterra.

Se antes a riqueza e o prestígio social das famílias mais abastadas se baseavam na propriedade de terras e de escravos, com a diversificação das atividades econômicas e a intensificação da urbanização, as formas de exibição do *status* social também sofreram alterações. Nas palavras de Costa:

A sociedade brasileira, até a chegada da Corte, comportava-se como uma sociedade pré-comprometida nos termos descritos acima. Com a implantação da aristocracia e dos representantes da burguesia industrial europeia este sonolento poder ‘latifundiário’ foi sacudido. Face àqueles grupos, comerciantes nativos e potentados rurais passaram a equivaler-se em rudeza e estupidez culturais. A Corte era mais exigente. Para participar de seus favores já não bastavam dinheiro, escravos, terras, brancura de pele, catolicismo da alma ou outra qualquer tradição de importância ligada aos costumes locais. A condição para introduzir-se junto à aristocracia era aristocratizar-se⁶.

No Rio de Janeiro após 1808 e em São Paulo após o sucesso da produção cafeeira, surgiram novas formas de sociabilidade. A esposa assumiu o papel de exibir o sucesso econômico do marido. Além de ir às compras no centro da cidade, participar de eventos sociais e frequentar o mundo dos teatros, bares, cafés e restaurantes, ela se expunha em recepções e eventos sociais – festas, saraus, jantares e *soirées* – que passaram a acontecer nas abastadas habitações paulistanas. Desse modo, a aparência física, as boas maneiras, o requinte na educação, a sofisticação do gosto, etc. ingressaram na contabilidade do poder. Segundo os preceitos de civilidade e higiene da época, a mulher deveria manter-se sempre asseada, arrumada e bem vestida – tal qual aconselhavam José Ignácio Roquette e Vera Cleser nos excertos presentes no início deste capítulo –, assim como saber receber as visitas, conduzir conversações e se portar à mesa. Para isso, era necessário o aprendizado de novas práticas de higiene e de condutas corporais que fossem compatíveis com a sociedade moderna. Além de aconselhar na organização da habitação, decoração dos espaços e condução da rotina doméstica, os manuais prescritivos de conduta ofereciam às leitoras informações sobre como tomar banho, lavar os cabelos, higienizar os dentes, receber visitas, andar, cumprimentar e conversar elegantemente. Sendo assim, pode-se dizer que os corpos foram adestrados, adaptados de acordo com novos comportamentos, deixando para trás os hábitos da época colonial.

⁶ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 106.

Em uma escala diametralmente oposta, a população pobre – representada nesta pesquisa pelos servidores domésticos – era associada aos hábitos rústicos e atrasados da época colonial, sintetizados na figura do Jeca Tatu, personagem criada pelo escritor Monteiro Lobato⁷. Consideradas pelas classes dirigentes como ignorantes, sujas, desleixadas e pouco asseadas, as criadas domésticas não dominavam os novos códigos de conduta pessoal interpretados como modernos, por isso, cabia às patroas, leitoras dos preceitos de comportamento divulgados em manuais e revistas femininas, ensiná-las tais regras. Assim, como bem colocou Costa, a higiene e os cuidados com a aparência serviram para estabelecer distinções sociais: “A higiene [e a etiqueta], ao mesmo tempo em que plantava[m] mais um enclave no ventre da família promíscua, oferecia[m]-se como emblema de diferenciação social”⁸.

Portanto, o objetivo deste capítulo é, por meio dos preceitos de civilidade e higiene, analisar o que significava ser uma pessoa asseada e elegante nesse contexto e demonstrar que, além das representações e das atividades domésticas diferenciadas, as práticas de higiene e as normas de etiqueta social foram utilizadas para marcar as distâncias entre patroas e empregadas domésticas. Contudo, faz-se necessário explicitar ao leitor que as indicações de conduta adequada tinham como referência comportamentos negativos destas prescrições. Assim, embora os manuais não mencionassem nada sobre os criados, é preciso deixar claro que eles eram sempre o lado negativo das posturas descritas.

5.1. Higiene corporal, beleza e saúde

Nas primeiras décadas do século XX eram frequentes os textos sobre a beleza da mulher publicados em revistas e manuais de conduta direcionados ao público feminino. Em *O lar e a saúde da família*, a beleza é considerada um dom de Deus. Fazendo uma distinção clara entre “belleza exterior e belleza do coração”, o autor afirmava que a mulher bela não poderia se preocupar apenas com sua aparência física, mas possuir uma conduta virtuosa e recatada⁹. Na obra *Mulheres e crianças*, Maria Amália Vaz de Carvalho dizia a suas leitoras que ser bonita não era “ter fôrmas esculturaes [...], colo de *alabastro*, cabellos de *ebano*, labios de *rubis*, dentes de *perolas*, olhos de *diamante preto*, testa de *marfim*, etc., etc., etc.”,

⁷ DE LUCA, Tania Regina. *op. cit.*, p. 202-203; 276-277.

⁸ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 130.

⁹ *LAR e saúde da família*, *op. cit.*, p. 375-376.

mas possuir graça, inteligência e, principalmente, bondade. E acrescentava: a mulher que vivia uma vida voltada para os prazeres mundanos, a garridice, a vaidade, o luxo e as pequenas futilidades elegantes sacrificava os seus deveres de mãe, esposa e dona de casa¹⁰. Já para o médico Renato Kehl, na *Bíblia da saúde*, a beleza feminina era considerada de um ponto de vista eugênico: “para uma mulher ser verdadeiramente bella, é necessario possuir além dos predicados de belleza, tudo que se resume na palavra *normalidade*, – entendida tanto para o lado physico, como moral”¹¹. Contudo, como apontou Tânia Regina De Luca, no período, a eugenia era facilmente confundida com a higiene – quando não, eram ciências que compartilhavam objetivos muito próximos¹² –, talvez por esse motivo Kehl acrescentasse que a beleza não se restringia à “posse de bellas fórmulas e proporcionalidade canonica das partes”, mas também significava ter saúde: “É necessario que a mulher, além dos predicados plasticos seja dotada de saúde e de robustez”¹³. Ainda a respeito dessa mesma questão, em um artigo publicado na *Revista Feminina*, em 1916, afirmava-se que, além de inspirar simpatia, ternura e afeição permanente, a mulher bela era aquela que era saudável: “A mulher que quer ser bella ou parecer bella a primeira cousa a aconselhar, é que trate de sua saúde. Toda a doença é inimiga da belleza [...]. Mulher, se queres ser bonita, tens que ser saudavel”¹⁴. Desse modo, nota-se que no início do século XX a beleza feminina era entendida como resultado de vários elementos, tais como graça divina, eugenia da raça, vida virtuosa, ausência de doenças.

De acordo com os manuais de higiene escritos por médicos, a maneira mais eficaz de uma pessoa prevenir o surgimento de doenças e garantir sua saúde era manter uma vida repleta de hábitos higiênicos. Segundo Kehl, em sua *Bíblia da saúde*, o corpo se apurava, se tornava robusto e se embelezava quando se obedeciam aos “preceitos ditados pela hygiene”¹⁵. Considerada ora como arte, ora como ciência ou área pertencente à medicina¹⁶, a higiene

¹⁰ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1887, p. 161-168.

¹¹ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 120.

¹² DE LUCA, Tania Regina. *op. cit.*, p. 223.

¹³ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 120.

¹⁴ “A belleza feminina”. *Revista Feminina*, n. 57, fev. 1919, p. 32.

¹⁵ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 18-19.

¹⁶ Enquanto nos manuais franceses *Guide pratique d'économie domestique* e *Notions élémentaires d'hygiène pratique suivies d'un appendice contenant tous les renseignements utiles à consulter par les familles*, a higiene era definida como a ciência capaz de preservar a saúde e a vida por meio da prevenção do surgimento de doenças, para médicos brasileiros como Afrânio Peixoto e Renato Kehl, ela era uma área que fazia parte da medicina; preocupados em regenerar a raça brasileira e fortalecer a nação, por meio de práticas higiênicas, eles acreditavam que seria possível alavancar o progresso econômico e social do país. Por sua vez, na obra *O lar feliz*, a higiene era definida como uma arte, “a arte de conservar a saude, procurando-se afastar todas as causas das moléstias”, por isso ela deveria “atingir a habitação, o ar, a alimentação, o vestuário, o exercício physico, os antisepticos”. Cf. GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr. *Notions élémentaires d'hygiène pratique suivies d'un appendice contenant tous les renseignements utiles à consulter par les familles*. Paris: Armand Colin, 1913, p. 5;

abrangia diferentes aspectos da vida, como a organização do espaço doméstico, a preparação saudável das refeições, os cuidados com o vestuário e, sobretudo, o asseio do corpo. Em relação às práticas de higiene corporal, os manuais prescritivos de conduta apresentavam a suas leitoras uma série de informações sobre as diferentes técnicas de tomar banho, lavar os cabelos, tonificar a pele, higienizar a boca, cuidar das mãos, etc. Desse modo, lendo e seguindo tais regras, a leitora instruíria-se sobre como se tornar saudável e, conseqüentemente, ser uma mulher bela.

No que diz respeito aos banhos, pode-se dizer que essa era a principal forma de fazer o asseio do corpo – “A limpeza corporal faz-se pelo banho, pelo ensaboamento que o acompanha ordinariamente e pelo cuidado adequado a cada parte do corpo”¹⁷. Apresentando diversas variações, sua realização dependia da quantidade de água disponível. Na Europa, onde o acesso à água abundante era mais restrito, até o século XIX os banhos eram raros. A higiene corporal era garantida pela troca de roupa branca, enxaguaduras, esfregas e lavagens parciais¹⁸. No Brasil, o calor dos trópicos e a influência indígena sempre tornaram os banhos mais frequentes. Entretanto, apesar do país ser geralmente conhecido por ter uma população cujos hábitos de higiene pessoal sempre foram regulares, conforme estudou Denise Bernuzzi de Sant’Anna, a prática dos banhos dependia da quantidade de água disponível ou das distâncias necessárias a serem percorridas para se obter o líquido. Dependendo da região ou da estação do ano, os banhos em banheiras ou tinas poderiam ser mais frequentes ou, ao contrário, raros. Desse modo, a autora explica que durante o Império e a República existiam diferentes formas de se fazer a higiene corporal, algumas inclusive utilizando pouca quantidade de água¹⁹. Mas, a partir da segunda metade do século XIX, os banhos se tornaram cada vez mais corriqueiros entre os brasileiros nos principais centros urbanos, causando espanto nos europeus o apreço que muitas pessoas tinham por esse costume²⁰. Em 1882, a alemã Ina von Binzer escrevia à amiga Glete a esse propósito: “em questões de asseio e

KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 18-19; LAR FELIZ, *op. cit.*, p. 11; LUNEL, B. *Guide pratique d'économie domestique*. Paris: Hetzel, s.d., p. 139-140; PEIXOTO, Afrânio, *op. cit.*, 1921, p. 7-10.

¹⁷ PEIXOTO, Afrânio, *op. cit.*, 1921, p. 420-425.

¹⁸ VIGARELLO, Georges. *op. cit.*, 1996; _____. “Higiene do corpo e trabalho das aparências”. In: CORBIN, Alain; COUTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo: da revolução à grande guerra*. 2.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 375-392.

¹⁹ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *op. cit.*, 2011, p. 284.

²⁰ LIMA, Tania Andrade. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *Manguinhos: História, Ciências, Saúde*. v. II, n.3, 1996, p. 78.

ordem, estes brasileiros possuem ideias bem extravagantes... Tomam banho constantemente, a maioria todos os dias [...]”²¹.

Sabe-se que, ainda no início do século XX, somente as habitações mais abastadas tinham acesso à água encanada, desse modo, eram poucas as pessoas que contavam com instalações sanitárias e salas de banho tal como prescreviam higienistas e autores de manuais femininos de conduta. Na obra *O lar domestico*, Vera Cleser afirmava que “em nenhuma casa devia faltar a instalação para os banhos quente e frio”. Considerando que nem todas as famílias podiam ter um banheiro luxuoso e higiênico feito de mármore, localizado “num quarto cujo soalho e paredes” fossem “revestidos de ladrilhos e azulejos”, a autora aconselhava substituir a banheira por “uma grande bacia de agatha ou um ‘tub’ de madeira branca”; o espaço se tornava igualmente higiênico se o chão fosse revestido de cimento e as paredes caiadas de cimento líquido. Sobre as demais peças sanitárias, a autora ainda indicava “um ou dois tapetes de linoleo, bem arejados e limpos” para resguardar “os pés do contacto frio do cimento ou dos ladrilhos”; “grandes ganchos esmaltados á parede, uma saboneteira ao lado da torneira e uma banquetta proximo á banheira”, completando “a guarnição da sala de banho”. Para adornar o ambiente, “a vidraça” poderia ser revestida com “gelatina multicolor” e “um grande pote ou uma tina com plantas odoríferas” poderia ser colocado sobre o peitoril ou do lado externo. De maneira muito semelhante Júlia Lopes de Almeida, no *Livro das donas e donzelas*, orientava suas leitoras sobre a disposição do quarto de banho:

Eu aconselharia a todas as moças ricas luxo de mármore e de metais nos seus quartos de banho. Uma mulher moça e formosa (qual é delas que não se julga assim?) ao escorregar na água quente, que todo o corpo enlaça, lambe e amolenta, que doces sonhos teceria, vendo por entre as pestanas cerradas as cores eternamente fugitivas dos mármore e os reflexos dos vidros e dos metais! Para a burguesa apressada ou fraca o caso é outro – o quarto de banho deverá ser simples, amplo e risonho. Um oleado rodeará aí a banheira, para que a água não apodreça o assoalho, se não houver ladrilho; bastará mais um tapete para os pés, uma larga cadeira de encosto, cabides, um porta-toalhas, e, fixadas na parede, perto da banheira, e ao alcance da mão, a cesta da esponja e a concha do sabonete. Além disso, uma sólida cantoneira de mármore, as escovas e o pulverizador, o porta-grampos, etc.²²

Para que o conselho fosse amplo o suficiente para alcançar diferentes bolsos, o luxo não era pré-requisito. Assim, independente das condições materiais do banheiro, o mais importante era que o espaço para o banho fosse conservado “irrepreensivelmente limpo e desinfectado”²³. Além das banheiras feitas de mármore, em folha-de-flandres, louça ou madeira revestida de chumbo, bacias e tinas permaneceram sendo utilizadas para se fazer o

²¹ BINZER, Ina von. *op. cit.*, p. 82.

²² ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 52.

²³ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 68-69.

asseio corporal. Já os chuveiros, que nos Estados Unidos, no início do século XX, se popularizaram a partir de sua mecanização e da fixação do banheiro como um espaço permanente na casa, tardaram alguns anos para serem instalados nas habitações brasileiras²⁴; os primeiros, chamados de “banhos de chuva”, nada mais eram do que regadores onde se colocava a água para ser derrabada sobre o corpo²⁵. Sendo assim, conforme destacou Sant’Anna, o simples gesto de abrir e fechar uma torneira, que no presente parece ser algo tão banal, não o era nesse período²⁶.

A quantidade de textos produzidos a partir desse momento apresentando as práticas de limpeza demonstra o aumento da preocupação com a higienização do corpo. Nos manuais prescritivos que circulavam nos principais centros urbanos, entre eles na cidade de São Paulo, era possível conseguir informações sobre as diferentes modalidades de banhos: frios, mornos, quentes, sulfurosos, saponáceos, romanos, russos, de mar, de ar (frio e quente), de vapor, de chuva, lavagens (parciais ou totais), abluções do rosto, mãos e pés, etc.; cada um apresentando um efeito e uma indicação específica. Por exemplo, o banho frio, com temperaturas entre 12° e 18° C, era considerado um tônico, pois teria a capacidade de estimular e enrijecer o “systema” das pessoas “naturalmente fortes”. Indicava-se o uso diário, preferencialmente no período da manhã. Aqueles que não estivessem acostumados com a água fria poderiam começar com um banho morno e gradualmente reduzir a temperatura para se obter os “resultados benéficos”. Segundo Kehl, não deveria durar muito tempo, pois causava calafrios, palidez da pele, perda excessiva de calor do corpo e problemas de circulação e respiração. Por isso, era contra indicado “aos velhos, cardíacos, nevropathas, pletóricos, aos convalescentes e enfraquecidos”; a eles recomendava-se o banho morno. O banho “tépido” ou morno para alguns autores era aquele cujas temperaturas variavam entre 18° e 25° C, mas para outros entre 26° e 30° C; considerados calmantes, eram indicados a crianças, pessoas nervosas e mais velhas. Recomendava-se tomá-lo uma vez durante a semana, geralmente aos sábados. Já o banho quente, com temperaturas acima dos 30°C, era o menos indicado, pois se acreditava que deprimia as pessoas e poderia levá-las a ter problemas de “congestão no cérebro”; por

²⁴ GIEDION, Siegfried. *op. cit.*, p. 671-680.

²⁵ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1996, p. 78; SOUZA, Eline Pereira de. *Cuidados de si: higiene e estética em tempos republicanos (1889-1930)*. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2011, p. 48-49.

²⁶ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *op. cit.*, 2011, p. 285.

isso, era recomendado apenas por um médico e, quando realizado, indicava-se um “choque de água fria depois desta lavagem á água quente”²⁷.

Mas, independente do tipo de banho escolhido para fazer o asseio do corpo, o importante era o uso suficiente de água e sabão:

Sem pêlo, sem escamas e sem penas, somos os animais mais bem fadados para a volúpia da água. Ela, que no batismo nos lava do pecado original, é a primeira condição da vida. Fria ou quente, enrijando-nos a carne ou quebrantando-nos os nervos, é sempre a ela que devemos o melhor dos regalos - a limpeza²⁸.

O sabão atua higienicamente pela triplice acção antiseptica, mecanica e chimica. Como antiseptico, embora fraco, destróe parte dos germens ou prejudica a sua multiplicação; como agente physico, facilita a desintegração da sujeira depositada sobre a pelle; pela acção chimica emulsiona as gorduras, dissolve o enduto sebaceo, facilitando a remoção dos residuos nella incorporados²⁹.

A agua e o sabão entraram, de vez, no uso e gosto da maior parte da gente civilizada. Essa esplendida medida concorreu para o mundo livrar-se de muitos males, resultantes da falta de asseio corporal. Para a defesa da saude a agua e o sabão representam, pois, papel importante de ordem prophylactica. Limpam o corpo do suor, que se elimina diariamente na média de um litro; este, de mistura com substancias organicas, é susceptivel de fermentar-se, irritando o tegumento e desprendendo máus odores. Além disso, a agua e o sabão removem os detritos da descamação epithelial e as gorduras, prestando o valioso serviço de destacar e de destruir os germes assestados na superfície da pelle³⁰.

Como se observa nos excertos acima, enquanto a água, um elemento essencial à vida, teria a capacidade de estimular, tonificar ou até mesmo acalmar o organismo, o sabão era o produto responsável por remover as sujeiras, emulsionar as gorduras e fazer a assepsia da pele, eliminando todos os males prejudiciais ao corpo³¹. Além disso, como apontava Kehl, o banho feito com água e sabão poderia ser mais do que uma forma de higienizar o corpo e preservar a saúde; era considerado um tratamento para doenças de pele. Ao descobrir o caso de um estrangeiro que sofria há tempos de “uma dermatose crostosa disseminada”, o médico questionou os hábitos de higiene do paciente; informado que costumava tomar apenas dois banhos por ano, “um no dia de S. João e outro no dia de Natal”, Kehl receitou como tratamento a lavagem do corpo com água e sabão: “O remédio, já se sabe, foi simples e efficaz: agua morna e lixivia, pois o sabão era *fraco* para descolar as numerosas placas immundas e purulentas!”³².

²⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 67-71; GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 130 -132; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 287-293; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 305-311; LUNEL, B. *op. cit.*, p. 34-35; MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 50; PEIXOTO, Afrânio, *op. cit.*, 1921, p. 420-421.

²⁸ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 47.

²⁹ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 291.

³⁰ *Ibidem*, p. 283-284.

³¹ *Ibidem*, p. 237; ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 47.

³² KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 288.

O asseio do corpo é essencial para a saúde. A pele, dupla porta, de saída para as toxinas e de entrada (quando desprotegida) para os germens, precisa de ser cuidadosamente tratada, removendo-se da sua superfície as imundices, os resíduos da descamação epitelial, as gorduras, o suor e a poeira, que representam ótimo meio de cultura para germens saprophytas e pathogenicos. Quando não afastados pela água e sabão fermentam, apodrecem, dão mau cheiro ao corpo e, além de irritar a pele, abrem nella portas para incursões morbidas³³.

Notando tal preocupação com a higiene e a saúde, os fabricantes de sabões – e posteriormente de sabonetes – procuravam ressaltar por meio da publicidade que seus produtos possuíam propriedades medicinais³⁴. O sabão *Aristolino*, por exemplo, era anunciado como um excelente tratamento de pele. Além de promover a limpeza, pois era considerado um “anti-septico”, “anti-parasitario”, “anti-eczema”, o produto era vendido como cicatrizante da cutis, remédio contra moléstias epiteliais, combatia problemas capilares como a caspa, evitava o aparecimento de manchas, rugas, espinhas, cravos, etc., ou seja, um “verdadeiro remédio das doenças de pele” (figuras 57 e 58). De acordo com Tânia Andrade Lima, sabões para asseio corporal, águas de *toilette*, óleos para o cabelo, perfumes, elixires, extratos, essências, dentrífcios, águas para a caspa, tônicos capilares, entre outros produtos utilizados para o cuidado com o corpo penetraram nos mercados dos principais centros urbanos brasileiros com impressionante intensidade no século XIX. A partir de trabalhos de escavação em sítios arqueológicos no Rio de Janeiro, a autora constata que muitos desses produtos tinham notável aceitação e difusão, principalmente os de origem inglesa, francesa e norte-americana. Assim como o sabão *Aristolino*, atribuíam-se propriedades medicinais, curativas e antissépticas a muitos desses produtos³⁵. Embora fossem de grande aceitação, como eram majoritariamente importados, sabe-se que a maioria das pessoas não tinha acesso a esses produtos devido aos altos custos. Sendo assim, os sabões feitos a partir de cinzas³⁶ – os mesmos utilizados na lavagem de roupas e de louças – e as receitas de misturas indicadas em manuais prescritivos eram os produtos utilizados no asseio do corpo pela maioria das pessoas³⁷. Com relação às receitas divulgadas em manuais, por exemplo, na obra *O lar e a saúde da família*, as leitoras aprendiam a fazer um “Um pó delicioso para banho e proprio para corrigir o defeito da transpiração excessiva”; já em *O lar domestico*, Cleser indicava

³³ *Ibidem*, p. 288-289.

³⁴ SOUZA, Eline Pereira de. *op. cit.*, p. 56-61.

³⁵ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1996, p. 76-79.

³⁶ As cinzas, especialmente as de madeira, teriam a função de tornar a água alcalinizada no processo de saponificação. Para a produção de um sabão (um sal de ácido carboxílico), é necessário misturar um triglicérideo (óleos vegetais ou gorduras animais) com uma base forte (as cinzas de madeira são compostas por uma grande quantidade de carbonato de sódio e carbonato de potássio).

³⁷ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *op. cit.*, 2011, p. 284-285; _____. “Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil”. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 122-128.

lavar o rosto com “água á qual se addiciona um pouco de glycerina pura” ou empregar a seguinte mistura:

E’ incontestavel que o sabão póde provocar sobre certas pelles muito delicadas uma ressecção desagradavel que se manifesta em pequenas manchas farinhosas sobre o rosto e as orelhas. Obvir-se-á a este inconveniente lavando o rosto em agua á qual se addiciona um pouco de glycerina pura ou empregando todas as noites a preparação seguinte. Não é preciso conserval-a sobre o rosto e pescoço por toda a noite; póde-se, depois de passal-a sobre estas partes do corpo, banhal-as em agua morna ou fria, mas sem sabão.

Eis a receita:

Glycerina neutra..... 225 grammas
Polvilho coado em uma escossia 12 grammas

Aqueçam em uma tijella de porcelana e a fogo lento, mexendo sempre com uma espátula até a preparação tomar a consistencia de geléa; perfumem com algumas gottas da essencia predilecta e guardem em um pequeno pote de porcelana³⁸.

UM EXCELLENTE PÓ PARA BANHO

Um pó delicioso para banho e proprio para corrigir o defeito da transpiração excessiva, prepara-se do seguinte modo:

Amidon em pó 200 grammas.
Raiz de lyrio 50 grammas.
Camphora..... 1,8 grammas.
Mistura-se e reduz-se a pó bem fino, envolvendo-o num pedaço de gaze³⁹.

³⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 69-70.

³⁹ LAR e saude da familia, *op. cit.*, p. 311.

A Cigarra

SABÃO ARISTOLINO

“ARISTOLINO,,

Sabão em forma líquida

Anti-septico. cicatrizante, anti-eczematoso, anti-parasitario.

NOS BANHOS GERAES OU PARCIAES

forlifica os tecidos, preservando a pelle das excrescencias, rugas, manchas, vermelhidões, irritações e ao mau cheiro de certos suores locais, tão incommodos como desagradaveis; combate a caspa, manchas do rosto, espinhas, cravos, pannos, irritações, comichões, golpes, feridas, queimaduras, mau cheiro dos sovacos e dos pés e qualquer molestia da pelle, dialthesica ou não. Poderoso antiseptico cicatrizante para a cutis. Anti-eczematoso, anti-parasitario — para o banho. Sendo de fôrma líquida e de uso commodo.

Figura 57. Propaganda do sabão “Aristolino”. *A Cigarra*, n. 87, mar. 1918, p. 34. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

SABÃO

ARISTOLINO

O verdadeiro remedio das doenças da Pelle.
 — O verdadeiro remedio das Familias. —

O ARISTOLINO É O SABÃO PREFERIDO PELO SEU PERFUME
 SUAVE E PELAS SUAS EXTRAORDINARIAS VIR-
 TUDES CURATIVAS.—É O MELHOR SABÃO PARA

os banhos geraes ou parciaes.

O ARISTOLINO

sendo em forma liquida, é de uso commodo e asseiado
 serve para a barba, para os dentes e para combater as

Manchas	Cravos	Frieiras	Dores	Contusões
Sardas	Vermelhidões	Feridas	Eczemas	Queimaduras
Espinhas	Comichões	Caspa	Dartros	Erysipelas
Rugosidades	Irritações	Perda do cabello	Golpes	Inflamações

A' venda em qualquer pharmacia e drogaria, perfumaria,
 barbearia e armarinho.

Figura 58. Propaganda do sabão “Aristolino”. *A Cigarra*, n. 187, jul. 1922, p. 25. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

No que concerne ao método, os manuais descreviam não apenas os produtos básicos – água, sabão, esponjas, escovas, banheiras, bacias, etc. –, mas os gestos imprescindíveis para o banho (figuras 59, 60, 61 e 62). Em uma banheira, bacia, tina de madeira ou com regadores, a prática deveria se iniciar com a pessoa molhando todo o corpo com um pouco de água fria ou morna misturada ao sabão. Em seguida, indicava-se friccionar a pele com uma esponja, escova, toalha grossa ou mesmo as mãos para eliminar as sujeiras. Por fim, outra quantidade de água deveria ser despejada sobre o corpo. Segundo o autor da obra *O lar e a saúde da família*, não se podendo obter água bastava “uma fricção a secco com a mão limpa ou com uma toalha grossa para estimular a pelle e refrigerar e fortalecer o organismo”. Finalizado o

asseio, a pessoa deveria secar-se com uma toalha macia ou um “*peignoir* felpudo” e aromatizar o corpo com “algumas gotas de água de Colonia”⁴⁰.

Figuras 59, 60, 61 e 62. Na obra *Notions elementaire de hygiene pratique*, além de ler sobre os diferentes tipos de banhos, os leitos aprendiam como realizá-los por meio de descrições detalhadas dos processos. Cf. GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 131.

As descrições do processo de limpeza corporal somadas às imagens ilustrando cenas de pessoas tomando banho sugerem duas questões.

Em primeiro lugar, pode-se considerar que talvez muitos brasileiros desconhecessem ou ignorassem o método indicado pelos manuais e, dessa forma, fizessem o asseio de maneiras distintas. Como Sant’Anna explica, até o final do período imperial, as pessoas cultivavam certos receios quando se tratava da higiene pessoal. Alguns acreditavam que os banhos completos e a lavagem diária das partes íntimas poderiam despertar sentimentos imperdoáveis, sem contar o risco de amolecer a vontade ou fragilizar os órgãos vitais devido ao uso de água morna ou quente. Outros associavam a banheira cheia de água à imagem de um caixão com um cadáver. No caso das mulheres, além de provocar problemas uterinos ou interrupção da menstruação, os banhos poderiam abalar a virtude e a honra⁴¹ – “Os banhos de todo o corpo fazem uma parte do asseio, porém, a não te serem ordenados por facultativo, basta que tomes um cada mez, e que não sejam longos. Fica mal a uma menina o gosto de se estabelecer no fundo d’uma banheira horas esquecidas: esta molleza e ociosidade nem quadra aos seus verdes annos, nem é propicia á sua saude”⁴². Até ser atestada a ilegitimidade de tais crenças, muitos medos sobreviveram no imaginário popular. Esse é o caso, por exemplo, do

⁴⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 52; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 69; GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 131; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 308-310; MULON, Dr. Clotilde. *op. cit.*, p. 50.

⁴¹ Denise Bernuzzi Sant’Anna explica que eram empregadas várias formas de asseio corporal e que no início do século XX muitas talvez tenham permanecido sendo praticadas. Cf. SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. *op. cit.*, 2011.

⁴² ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1875, p. 288.

mito que considerava arriscado banhar-se logo após uma refeição; indicava-se aguardar duas ou três horas para que a pessoa não sofresse congestões ou até “acidentes fatais”⁴³.

O segundo ponto que chama a atenção a partir das descrições da prática do banho é que, mais do que ausência de mau cheiro, um corpo limpo também poderia significar cheirar bem⁴⁴. Para isso, existiam os luxuosos e raros perfumes, considerados como verdadeiras joias que embelezavam o corpo, ou as mais acessíveis “águas de Colônia” ou “águas de *toilette*”⁴⁵ (figura 63). Na impossibilidade de adquirir tais produtos, cada vez mais acessíveis no mercado brasileiro, as leitoras poderiam seguir as receitas disponíveis em manuais e fabricar suas próprias “águas de Colônia”.

Agua de Colonia

Alcool a 90°	1 litro
Essencia de bergamota	10 grammas
Essencia de laranja	10 grammas
Essencia de alecrim	1 gramma
Essencia de cidreira	3 grammas
Essencia de cidrão	5 grammas
Tintura de benjoim	5 grammas
Tintura de ambar	5 grammas

⁴³ GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 132; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 292; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 310.

⁴⁴ Em vários textos da *Revista Feminina* ou dos manuais prescritivos ressaltava-se a necessidade de tomar banhos para eliminar os maus cheiros e se tornar uma pessoa saudável. Como exemplo, ver: *Revista Feminina*, n. 33, fev. 1917, p. 22. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁴⁵ SOUZA, Eline Pereira de. *op. cit.*, p. 66-67.

Figura 63. Propaganda do perfume “Fé”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 dez. 1927, p. 15.

Desse modo, observa-se que, mais do que higienizar o corpo, os banhos feitos com água e sabão poderiam proporcionar proteção ao organismo, evitar o desenvolvimento de doenças e ainda funcionar como embelezadores da pele, pois também eram considerados remédios para problemas como manchas, rugas, vermelhidões, irritações, espinhas, cravos, feridas, etc.

É grande também o número de prescrições encontradas nos manuais femininos e de produtos anunciados nos periódicos que se voltavam diretamente para a área do rosto. Por ser a parte mais visualizada do corpo, a face atestava o estado de saúde de uma pessoa – “Tanto a saúde como a doença se inscrevem em caracteres indeléveis nas linhas do rosto. Nellas a saúde se ostenta e sorri, como também a fraqueza e a doença por ellas assignalam os seus progressos”⁴⁶. Além de lavá-la regularmente com água e sabão – Kehl indicava: todas as

⁴⁶ *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 316.

vezes “ao entrar em casa, de volta da rua, antes das refeições e ao deitar-se”⁴⁷ –, devia-se recorrer ao uso de óleos, loções, cremes, “leites”, extratos e massagens.

Para prevenir ou tratar as manchas da pele, o manual *O lar e a saude da familia* indicava uma série de regras e uma loção produzida com pepino:

Para remover manchas

1. Meio litro de agua quente, tomada antes de cada refeição, contribue muito para regenerar a tez, sendo ao mesmo tempo um excellente abstergente para o corpo.
2. Quando o pescoço e a cara estão muito queimados em virtude da acção do vento ou do sol, contem-se algumas rodela de pepino e appliquem-se sobre as manchas durante a noite, lavando-as e esfregando-as pela manhã com nata fria.
3. As sardas removem-se com uma mistura de vinte e cinco grammas de agua de cal, outro tanto de oleo de amendoas doce e tres grammas de borax em pó. Applica-se sobre o rosto durante a noite.
4. Um dos melhores tonicos e restauradores da côr natural da pelle, se preparar misturando duzentas grammas de agua de rosas com seis grammas de tinctura de benjoim.
5. Ao voltar de uma excursão ao campo em dia de verão com a pelle completamente tostada, procure obter-se uma porção de sôro de manteiga, banhando nellas as partes queimadas duas ou três vezes ao dia e deixando o sôro seccar sobre a pelle: esse processo tornará a pelle perfeitamente alva.
6. Uma excellente loção para attenuar a vermelhidão do rosto e communicar frescura á tez é cozimento de farello a que convem adicionar algumas gottas de ammoniac⁴⁸.

Loção de pepino

A loção de pepino se recommenda, não só pelas suas propriedades alvejantes, como tambem pelas suas qualidades adstringentes. Extrae-se o succo ao pepino e deita-se em um frasco de capacidade de um litro, adicionando-lhes seis grammas de agua de Cologne e cento e cincoenta grammas de agua de rosas; agita-se bem e mistura-se-lhe ao depois ainda seis grammas de tinctura de benjoim, que deve ser deitada no frasco ás gottas. Esse preparado é muito delicioso e constitue um excelente tonico⁴⁹.

A preocupação com as manchas e a disponibilização de produtos que prometiam fazer clareamento demonstram que ter uma pele alva era um importante ideal a ser conquistado (ou mantido). Em um país onde grande parte da população era descendente de ex-escravos negros, ter uma pele clara atestava a origem social e, obviamente, tratava-se de uma forma de distinção. Desse modo, inúmeros sabões, cremes e loções anunciados em periódicos da época ressaltavam sua ação como clareadores da pele (figuras 64, 65 e 66). As moças que não conseguiam eliminar os “defeitos” de sua aparência por meio de “remédios para a beleza” poderiam ainda recorrer aos cosméticos cada vez mais disponíveis nos mercados brasileiros, embora fossem condenados por médicos, pois acreditavam ser prejudiciais à saúde, e por conservadores, que consideravam o excesso de embelezamento feminino hábitos de mulheres

⁴⁷ GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 130; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 284-287.

⁴⁸ *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 316-317.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 317.

de moral duvidosa⁵⁰ – “O refinamento no luxo e vaidade das mulheres é um signal infallivel da decadencia dos costumes, e quasi sempre de grandes desastres na ordem social”⁵¹.

Fards et cosmétiques, leurs dangers. – Il est, à la rigueur, admissible pour une femme, de faire usage, après s'être lavée, d'un peu de poudre dite de riz.

Employée à petite dose, cette poudre protège la peau pendant les grandes chaleurs, masque les rougeurs et calme les éruptions légères.

Mais il en est tout autrement des fards et des cosmétiques, qu'on emploie sous forme de poudres, de pâtes, de crèmes adhérentes, de crayons colorés, de lait à base d'extrait soi-disant végétal et dont les titres ronflants sont accompagnés de promesses illusoires.

*En obturant les orifices des glandes de la sueur, ces fards dessèchent la peau à l'excès et lui donnent une apparence parcheminée. L'odeur très forte qu'exhalent certains d'entre eux produit fréquemment des migraines. Enfin, à ces inconvénients qui vont à l'encontre du but poursuivi, s'ajoute un véritable danger. Les cosmétiques blancs peuvent contenir de la céruse ou d'autres sels de plomb, les rouges des sels de mercure et d'arsenic, c'est-à-dire des poisons très dangereux à petite dose. N'usez donc que du seul cosmétique qui ne nuit jamais, le savon et de préférence le savon blanc*⁵².

COSMETICOS

E' a saude que origina uma tez perfeita. Geralmente nenhum empenho é feito para melhorar a tez, até que a idade e a doença lhe roubem a frescura; é então que muita gente commete a imprudencia, sem dúvida por ignorar os seus perniciosos effeitos, de recorrer aos cosmeticos, aos cremes e ás loções. Uma grande parte desses preparados que se anunciam e vendem em grande escala, contem venenos fortes. Manufactureiros sem escrupulo tiram partido da vaidade e do orgulho de milhares de pessoas, que dão mais importancia á apparencia exterior do que á saude, desenvolvendo um negocio muitissimo lucrativo com a venda de taes drogas⁵³.

⁵⁰ SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *op. cit.*, 2011, p. 125-126; SOUZA, Eline Pereira de. *op. cit.*, p. 86-92.

⁵¹ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1875, p. 294.

⁵² GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 132.

⁵³ LAR e saude da familia, *op. cit.*, p. 316.

INSTITUTO LUDOVIG
TRATAMENTO DA CUTIS

O Creme Ludovig é o mais perfeito creme de toilette. Branqueia, perfuma e amacia a *pelle*.
Tira cravos, pontos pretos, manchas, panos, espinhas e sardas.
Os preparados do Instituto Ludovig curam e impedem toda e qualquer molestia da *cutis*.
Para a *pelle* e cabelo usem os productos de Mme. Ludovig.

Os Institutos Ludovig do Rio de Janeiro e S. Paulo mantem uma secção especial para attender (gratuitamente) a todas as consultas que lhe sejam dirigidas sobre *pelle* ou *cabello*.

Unico Instituto em S. Paulo que garante uma cura radical em todos os defeitos da *cutis*!

Rua Direita, 55-B : ☞ : S. PAULO

ENVIAMOS CATALOGOS GRATIS

Figura 64. Propaganda de creme de tratamento facial que prometia branquear, perfumar e amaciar a pele. "Crème de Ludovig". *Revista Feminina*, n. 20, jan. 1916, p. 34. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

CASA EDISON	Rua 15 de Novembro, 55 SÃO PAULO	Gustavo Figner
— A ARTE DE SER BELLA —		
<p>O MAIOR predicado da mulher é ser bella. Nada ha comparavel a um lindo rosto de cutis homogenea, levemente rosada, emoldurado por sedosos e ondulantes cabellos; nada ha comparavel a uns olhos, sejam de que cor e tamanho forem, desde que sejam sombreados por bem traçadas sobranceiras e pestanas, dos quaes realçam o brilho e a ternura e dão expressão ao olhar; nada ha comparavel a uma bocca bem tratada, os dentes como o jaspe, os labios finos e rosados como o coral e o halito das rosas; nada ha comparavel, enfim, a umas mãos fidalgas, de unhas bem desenhadas, rosadas e luzidas.</p> <p><i>Excmas. Senhoras e Senhoritas:</i> Foi para attendel-as e facilitar-lhes estes grandes requisitos, que ora lhes apresento os «PRODUCTOS DE BELLEZA ORIENTAL». (Todos os pedidos de productos abaixo devem ser dirigidos á Secção de Perfumarias da CASA EDISON, rua 15 de Novembro, 55 — S. Paulo: Toda correspondencia é tratada confidencialmente).</p>		
<p style="text-align: center;">Lait de Beauté Oriental (Leite de Belleza Oriental)</p> <p>Attingiu a perfeição este maravilhoso leite, de uso agradável. Constitue o mais perfeito ornamento do rosto. Extingue manchas, as sardas, as espinhas, cravos, etc.</p> <p>Preço 3\$500 Pelo correio 4\$000</p>	<p style="text-align: center;">Crème de Beauté Oriental</p> <p>Pelas suas qualidades emoliente e refrigerante embranquece, amacia e assetina a cutis, dando-lhe a transparencia natural da juventude.</p> <p>Preço 3\$000 Pelo correio 4\$000</p>	<p style="text-align: center;">Poudre de Beauté Oriental (Branco, Rosa e Creme)</p> <p>Fino e impalpavel, de perfume delicioso e penetrante, composto de pura fecula de arroz, adhece á cutis, avelludando-a e imprimindo-lhe o seu delicioso perfume.</p> <p>Preço 5\$000 Pelo correio 6\$000</p>
<p style="text-align: center;">Rouge Oriental Illusion NÃO ESTRAGA A PELLE</p> <p>E' o de effeito mais natural e persistente e de facil applicação.</p> <p>USA-SE: depois do LEITE ou do CREME ORIENTAL, com um paninho fino esticado na ponta do dedo, ou só com o dedo indicador toca-se ligeiramente no ROUGE e applica-se friccionando-se ligeiramente, até que se espalhe e adhira completamente.</p> <p>Preço 2\$000 Pelo correio 2\$500</p>	<p style="text-align: center;">Rouge Oriental des Lèvres (DOS LABIOS)</p> <p>Adhere nos labios, tornando-os macios e frescos. Applica-se do mesmo modo que o «ROUGE ILLUSION».</p> <p>Preço 2\$000 Pelo correio 2\$500</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Kholi Oriental pour les Yeux (PARA OS OLHOS)</p> <p>Para sombrear as orbitas, avigora, dá vida e expressão ás pestanas e ás sobranceiras. (Instruções em cada tubo)</p> <p>Preço 2\$000 Pelo correio 2\$500</p> <hr/> <p style="text-align: center;">Email Oriental (Brilhante das unhas)</p> <p>Para acção mechanica sobre as unhas, quer usando com polidor ou com o dedo, produz um brilho viçoso e duradouro tornando as unhas transparentes</p> <p>Preço 1\$500 Pelo correio 2\$000</p>	<p style="text-align: center;">Depilatorio Oriental (Garantido inoffensivo)</p> <p>MODO DE USAR: Em um pires coloca-se em um pouco de pó DEPI-LATORIO e uma pequena quantidade de agua, sufficiente para fazer uma massa homogenea da consistencia da pomada, applicando-se a quantidade necessaria para cobrir a parte em que se quizer eliminar o cabelo, o buço ou rudimentos de barba.</p> <p>A applicação deve ser feita com o dedo para que o DEPI-LATORIO fique bem distribuido. Passados 5 minutos depois da applicação, lava-se bem, com agua pura.</p> <p>Preço 6\$000 Pelo correio 7\$000</p>
<div style="display: flex; justify-content: space-between;"> <div style="width: 30%;"> <p style="text-align: center;">“LADY”</p> <p>Pó de arroz compacto e adherente. Este pó é pratico e economico. Dá á cutis maciez e frescura impregnando-a com o seu fino perfume de flores.</p> </div> <div style="width: 65%;"> <p>Cada pedido de 10\$000 das especialidades acima dá direito a uma caixa de pó de arroz LADY. Desejamos introduzir esta especialidade de real merecimento; fazemos por isso esta offerta ás gentis leitoras desta Revista. As leitoras ou leitores que fizerem um pedido de 10\$000 e nos enviarem 10 endereços de suas relações, a quem possam interessar estas e outras especialidades da nossa casa, enviamos gratis, além da caixa de «Pó de arroz Lady» uma ou outra lembrança da nossa casa.</p> </div> </div>		

Figura 65. Além dos produtos, anúncios de tratamento de “beleza” eram cada vez mais frequentes nos periódicos, sobretudo aqueles voltados para o público feminino. “A arte de ser bella”. *Revista Feminina*, n. 20, jan. 1916, p. 39. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A Odeon 153/154

"E' O MELHOR DE TODOS" eis a phrase repetida entre as senhoras quando querem exprimir a opinião comparativa sobre a classe e propriedade do **PÓ DE ARROZ MENDEL**. Com efeito: os delicados matizes da côr, a impalpabilidade e adherencia resistente á acção do ar e os exquisitos e verdadeiros perfumes naturais que caracterizam este insuperavel artigo do toucador, unido á sua comprovada efficacia para suavisar a cutis e mantel-a fresca e juvenil, apesar do tempo, justifica plenamente o encanto conseguido e a unanime preferencia de que goza entre o mundo feminino que cultiva a elegancia.

Nota importante: O Pó de Arroz Mendel possui uma notavel qualidade adherente, que resiste á acção do ar e, por conseguinte, não se deve usar nenhum creme para ser applicado.

Vende-se nas côres: branca, rosa, para as claras de pouca côr, "Chair,, (carne) indicado para as louras e "Rachel,, (creme) especial para as morenas.

Estes dois ultimos matizes estão muito em moda

Preço da caixa 4\$500. Vende-se em todas as perfumarias. Agencia do Pó de Arroz Mendel: Rua 7 de Setembro, 107, 1.º andar. Telephone C. 2741 — Rio de Janeiro.

Figura 66. Produto da categoria dos cosméticos ou “remédios para a beleza”, o pó de arroz, ou *poudre riz* em francês, era utilizado para tornar a pele branca, atenuar manchas, cicatrizes, espinhas e demais problemas de pele. Inicialmente fabricado apenas na cor branca, a partir da década de 1920 começou a ser vendido com outros matizes: “branco, creme e rosa”. Segundo a autora Júlia Lopes de Almeida, além de atenuar “o luzidio da pele, afogueada por uma temperatura quase sempre alta”, também suavizava, refrescava e aromatizava a pele, por isso

se tratava de “um complemento de toilette, que o uso torna indispensável, que mesmo como um elemento de garridice”⁵⁴.

“Pó de arroz Mendel”. *A Cigarra*, n. 175, jan. 1922, p. 41. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A crescente atenção dada à aparência fez com que o envelhecimento se tornasse um problema de saúde e de beleza para muitas pessoas. No capítulo “A arte de envelhecer” da obra *Livro das Donas e donzellas*, Júlia Lopes de Almeida escrevia sobre a questão, afirmando que o medo de se tornar mais velho, era na verdade, o de perder a beleza da juventude; segundo a autora, homens e mulheres se surpreendiam ao notar os primeiros fios de cabelos brancos e procuravam “disfarçar os estragos impiedosos do tempo”⁵⁵. Por isso, além da eliminação (ou atenuação) de manchas, sardas, espinhas, cravos, etc., os tratamentos para as rugas apareciam entre as prescrições nos manuais. Em *Méthode pratique de développement du charme personnel*, dentre todos os procedimentos estéticos que uma pessoa poderia recorrer para amenizar as marcas da passagem do tempo, destacava-se a massagem feita com as mãos ou com pequenos aparelhos massageadores, os quais eram anunciados nos principais periódicos femininos da época (figura 67) – “*Il est cependant certains procédés qui peuvent être simplifiés de façon à ce que chacun puisse les pratiquer sur soi-même*”⁵⁶. Na obra *O lar e a saúde da família* e em artigos da *Revista Feminina*, as leitoras conheciam técnicas de como se auto aplicar massagens e eliminar as rugas (figura 68).

Sulcos ou rugas

As rugas fazem-se desaparecer com a aplicação de massagem, ou, se foram ocasionadas por acabrunhamentos ou por aplicações muito forte de espirito, pela simples força de vontade.

Para conseguir a sua extinção definitiva, os sulcos e rugas da cara devem ser massageados todas as noites. Si são massageados uma noite e se deixam ficar por uma semana ou mais, os sulcos não só tornam aparecer como até se profundam. E’ preciso muito cuidado e vigilancia afim de affastar definitivamente as rugas, a menos que a gente consiga habituar-se logo e logo a conservar em repouso os musculos da cara. A massagem deve ser feita em sentido transversal á linha dos sulcos. O excessivo cuidado que porventura inspirem os sulcos só pode favorecer o seu desenvolvimento⁵⁷.

⁵⁴ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 33; SOUZA, Eline Pereira de. *op. cit.*, p. 88.

⁵⁵ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1906, p. 34.

⁵⁶ OUDINOT, Dr. P. C., JAGOT, Paul-Clément. *Méthode Pratique de Développement du Charme Personnel*, Paris: Édition Drouin, 1928, p. 146.

⁵⁷ *LAR e saúde da família*, *op. cit.*, p. 318.

UM SALÃO PARA SENHORAS

Grande entusiasmo continua a despertar a idéia aventada pelas nossas columnas da erecção de uma sala de chá, somente para as senhoras associadas, numa das ruas centrais da Cidade.

Por carencia absoluta de espaço deixamos de publicar no presente numero a lista já numerosa de adhesões que temos recebido de senhoras da nossa mais alta sociedade, assim como de diversos artistas que se oferecem para abrilhantar o programma de matinees e pequenas festas intimas que terão lugar no salão feminino. As socias fundadoras deverão subscrever uma joia de cem mil réis, que só serão chamadas a pagar quando for convocada a assembléa de fundadoras para a eleição da directoria. As nossas leitoras que quizerem adhirir a tão sympathica idéa deverão enviar-nos logo as suas adhesões.

A BELEZA DO ROSTO

II

A mulher póda prolongar a sua mocidade não se descuidando da sua pelle. No numero anterior da REVISTA FEMININA publicamos os conselhos de um notavel especialista sobre os cuidados que se devem dar ao rosto, para evitar as espinhas, as manchas e o envelhecimento da pelle. Vamos completar neste numero o assumpto, com alguns conselhos sobre a massagem.

Para a conservação da frescura da pelle a *massagem* é excellente; ella deve porém obedecer a certas regras para ser proveitosa. As duas principaes operações da massagem do rosto são o *alisamento* e o *amassamento*. São duas operações que as nossas leitoras poderão fazer em casa, com o auxilio de uma amiga ou de uma creada e que deverão ser feitas todas as manhãs nos primeiros dias e duas vezes por semana em seguida. As nossas gravuras são tão claras que as duas operações poderão ser feitas por qualquer pessoa. A massagem nunca deve ser feita a secco. O rosto deverá ser previamente lavado com agua morna, addicionada de um pouco de agua de colonia e sabão.

Para as pessoas de pelle gordurosa a massagem deverá ser feita com pó de talco; para as

pelles seccas com um pouco de vaselina neutra ou azeite doce.

A pessoa que fizer a massagem deve collocar-se por traz da cadeira onde se deverá sentar a paciente e apoiará a cabeça da paciente sobre o seu peito, inclinando-a para traz.

A operação do *alisamento* consiste em alisar a pelle com os dedos, de cima para baixo na testa e do nariz para as orelhas, nas faces,

Fig. N. 1.

A mão esquerda deve fixar a pelle na sua extremidade e os dedos da mão direita farão o *alisamento*, durante dez minutos em cada região, testa, face, queixo e canto dos olhos.

Procede-se em seguida ao *amassamento*. A figura seguinte indica o modo de fazer o *amassamento* para evitar os *pés de gallinha*.

Fig. N. 2.

A mão direita sustenta e suspende os musculos frontaes.

Os quatro dedos da mão direita fixam-se no queixo e o polegar executa movimentos em zig-zag ao redor da orbita e distende as rugas indo das temporais ao angulo externo dos olhos.

A figura numero 3 mostra o modo de fazer o *amassamento* da face.

Fig. N. 3.

O polegar e o indicador fazem o *amassamento* no sentido transversal da linha media, espremendo sem violencia a pelle.

Para desmanchar o *doublementon*, a frouxidão de pelle sob o queixo (*papada*) opera-se como na

Fig. N. 4.

As mãos collocadas em cheio sob o queixo os dedos unidos deslizam no sentido das orelhas, levantando fortemente os masseteis e os temporaes.

Terminada a sessão de massagem deve-se lavar novamente a pelle com agua bem quente e applicar em seguida um creme

Novidade! Apparelho de massagens "FLORENCE"

É um aparelho para massagens que opera por meio de vácuo (destinado-se especialmente ao embelezamento das senhoras).

Se V. Excia. deseja conservar a formosura de sua juventude, tanto no rosto como no corpo, se V. Excia. deseja que as suas maçãs do rosto

resplandeçam rosadas e os seus olhos brilhem com a vitalidade que a natureza lhe deu, experimente este aparelho.

Póde V. Excia. possuir e reter todos os encantos da juventude póde desenvolver os lugares fracos da cara e do collo e póde aformosear as mãos e os braços, assim como ter o busto firme e arredondado, o que tanto desejam todas as damas.

Veja-se a maneira como se applica nos braços, e observa-se como é facil usal-o. É um aparelho em miniatura que se move facilmente, e é agradável o seu emprego.

Fricciona-se primeiramente o creme para massagem de modo que penetre bem nos poros da pelle e applica-se depois o aparelho suavemente nos braços. O effeito é delicioso.

Não ha melhor maneira para fazer desaparecer os lugares afundados nas maçãs do rosto e no collo, do que usar o aparelho FLO-

RENCE. Empregue-se o creme como já se explicou e applicue-se o aparelho FLORENCE ligeiramente sem o apertar demasiado, apenas o sufficiente para que a epiderme, sinta, por assim dizer, as cócegas da vitalidade e da saúde.

Para desenvolver o busto não ha nada que se lhe compare. Não existe no mundo uma unica dama que não deseje ter um busto formoso que é o maior encanto da belleza feminina.

Empregue-se o aparelho FLORENCE da mesma fórma que para a cara, mui suavemente, e o effeito será surpreendente.

Antes de se ir para o theatro ou baile, use-se o creme para massagem e o aparelho FLORENCE, na cara no collo e braços, applicue-se em seguida o pó de toucador Camélia. Isto deleita a pessoa que a usar, e torna o seu aspecto encantador para quantos a veem.

É este o aparelho que mais necessitam os jogadores de pelota, football, etc. assim como todos os atletas que se adestram para contendas de velocidade e resistencia.

Renova a elasticidade e a resistencia da pelle, e faz com que os musculos se firmem e se tornem flexiveis.

O Apparelho de massagem FLORENCE vende-se acompanhado de uma caixa de aluminium contendo o creme para massagens e uma caixa de finissimo pó de toucador CAMELIA, tudo dentro de um bonito estojo para toilette forrado de setineta.

Preço do estojo completo é 32\$000
Pelo correio, sob registro e seguramente acondicionado enviamos aparelho e estojo por 34\$000.

Figura 68. Propaganda do aparelho de massagem "Florence". *Revista Feminina*, n. 18, nov. 1915, p. 3. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Sobre os cuidados com os cabelos, os manuais indicavam que eles fossem lavados, secos, escovados e o couro cabeludo frequentemente massageado. Como eram raros os produtos específicos para a limpeza da cabeça, aconselhava-se friccionar os cabelos com sabão e água acrescida de amoníaco, bórax ou bicabornato de sódio. Depois de bem esfregada, a cabeça deveria ser enxaguada diversas vezes com boas doses de água limpa⁵⁸. No caso de não haver tais produtos disponíveis, n' *O lar e a saúde da família* indicava-se limpar os cabelos e o couro cabeludo fazendo uma fricção com "sal secco"⁵⁹. Finalizada a

⁵⁸ *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 324.

⁵⁹ *Ibidem*.

higienização, os cabelos deveriam ser cuidadosamente enxugados com uma toalha macia. Havendo a possibilidade, aconselhava-se secá-los ao sol, pois se tornariam ainda mais bonitos, macios e brilhantes⁶⁰. Uma boa higienização evitava, então, o aparecimento de “doenças” no couro cabeludo, como a caspa, a calvície, a queda e o ressecamento dos cabelos – “Limpeza, areação, e fricção com uma escova propria ou com as pontas dos dedos: eis tudo o que os cabellos requerem. Tende o cuidado de lavar regularmente a cabeça e de conserval-a convenientemente limpa: isto contribuirá muito para combater as caspas”⁶¹. Com relação à frequência, enquanto n’*O lar domestico* Cleser indicava lavar os cabelos apenas duas vezes ao mês “com uma decocção de cascas de Panamá”, n’*O lar e a saude da familia* aconselhava-se fazer a higienização quantas vezes fossem necessárias; segundo o autor, era “difficil estabelecer uma regra a tal respeito. Neste negocio cada qual deve ser o seu proprio arbitrio. Em todo o caso, si se ha de praticar algum erro, é preferivel que elle se verifique a favor da limpeza”⁶².

Além da lavagem, os textos sobre como cuidar dos cabelos orientavam a escovar e pentear os cabelos diariamente ao se levantar, mas principalmente antes de dormir:

Para manter o cabelo em bom estado e para que conserve um bonito brilho natural, deveis ter bons pentes (aos quaes não falem dentes!) e uma escova rija. Servi-vos destes instrumentos com assiduidade. Cada membro da familia deve ter pentes e escovas para seu uso exclusivo; a bôa ordem e a hygiene o exigem. Nunca vos sirvais de pentes e escovas alheias, elles podem transmittir rebeldes moléstias do couro cabeludo.

Deveis todas as noites desembaraçar o cabelo e escoval-o até a pelle tomar uma côr rubra. Trançai-o bambo e não o amarreis com um fio de linha ou de lã, pois isso arrebertaria o cabelo; uma fita, porém, não o prejudicará⁶³.

Além de garantir a higiene dos cabelos, os penteados faziam parte da construção da aparência, como uma peça de adorno do vestuário feminino indicada em manuais de higiene. Símbolo de beleza, sedução e elegância, segundo Perrot, uma mulher “de respeito” jamais poderia ser vista com os cabelos soltos em público. Os coques e as tranças só poderiam ser desfeitos na intimidade do lar ou mesmo no quarto de dormir, assim, cabelos sujos, despenteados e desarrumados eram normalmente associados às figuras populares⁶⁴. Em um artigo publicado em 1919, na *Revista Feminina* afirmava-se: “Saber pentear-se e com arte é um raro attributo que concorre extraordinariamente para a belleza do conjuncto de uma

⁶⁰ *Ibidem*, p. 321-325.

⁶¹ *Ibidem*, p. 326.

⁶² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 74-75; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 321.

⁶³ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 74-75.

⁶⁴ PERROT, Michelle. *op. cit.*, 2007, p. 58-59.

toilette, pondo nella uma nota de delicadíssima distinção”⁶⁵. Além de versar sobre a importância e os significados dos penteados na sociedade do início do século XX, a revista indicava maneiras de como uma senhora poderia pentear seus cabelos com elegância (figura 69).

Figura 69. “Os penteados”. *Revista Feminina*, n. 22, mar. 1916, p. 20. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁶⁵ “Penteados elegantes”. *Revista Feminina*, n. 65, out. 1919, p. 42. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Outra importante parte do corpo que merecia destaque nos textos prescritivos era a boca. Como apontava Cleser, não havia nada mais encantador do que uma “bocca fresca” com dentes “alvos e pequeninos”⁶⁶. Segundo Khel, “dentes perfeitos, alvos, brilhantes, tratados e bem dispostos realçam a belleza e compõem a feição das pessoas, mesmo das feias, dando-lhes agradável aspecto physionomico”⁶⁷. Porém, além de garantir uma boa aparência, a manutenção dos dentes era considerada determinante para a saúde. Em *O lar e a saude da familia*, lia-se: “Do conveniente tratamento dos dentes depende a saude de todo o corpo. Os dentes não nos foram dados sómente para servir de adorno, elles são tambem um factor importante no processo de digestão”⁶⁸. Sendo assim, uma má higienização da boca poderia causar problemas nos dentes e, num quadro mais grave, a perda da dentição; essa, por sua vez, não permitia uma boa mastigação dos alimentos e, consequentemente, provocava uma má absorção dos nutrientes e a possibilidade do desenvolvimento de doenças.

O cuidado dos dentes deve ser a principal preocupação de todos que se interessam pela sua saude. Sem bons dentes, não póde haver saude perfeita. A má trituração do alimento torna difficeis as digestões, e, portanto, imperfeita a assimilação. O que importa dizer que um individuo cujos dentes se tornaram friaveis pela invasão da carie e que, porisso, se vê forçado a mastigar com cautela, no receio de pôr á prova a débil resistencia dos seus dentes, é um individuo mal nutrido. E’ obvio que a má nutrição, acarretando inumeras e complexas perturbações, acaba por enfraquecer a cellula, que é defeza do organismo⁶⁹.

Para uma melhor conservação dos dentes, aconselhava-se escová-los todos os dias, ao se levantar, antes de se deitar e após as refeições, com uma escova nem muito macia e nem muito dura (figuras 70, 71 e 72)⁷⁰. Indicava-se o uso de sabões, elixires, dentríficos ou cremes dentais, conforme atestava Cleser e outros autores dos manuais prescritivos: “Deve-se areiar os dentes com agua quasi fria á qual se ajunte algumas gotas de um bom elixir dentrificio [...]. A escova não deve ser demasiadamente macia, nem muito rija”. Sobre a maneira de fazer a escovação, aconselhava-se seguir o sentido dos dentes,

isto é, escovar os superiores de cima para baixo e os inferiores de baixo para cima. Desta maneira as sedas da escova penetram nos intervallos dos dentes e conseguem melhor asseio. E’ preciso tambem escovar os dentes na parte interna da bocca bem como a superficie dos queixaes⁷¹.

⁶⁶ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 71.

⁶⁷ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 295-296.

⁶⁸ *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 342.

⁶⁹ “A saude e os dentes (conselhos indispensaveis)”. *Revista Feminina*, n. 44, jan. 1918, p. 45.

⁷⁰ ALMEIDA, Júlia Lopes de. *op. cit.*, 1905, p. 128; CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 72; GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 53; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 297; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 342.

⁷¹ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 72.

Figura 70. Como escovar os dentes Cf. GALTIER-BOISSIERÈ, Le Dr., *op. cit.*, p. 53.

Figuras 71 e 72. Como utilizar o fio dental. Cf. LAR e saúde da família, *op. cit.*, p. 342.

Ao mesmo tempo que a orientação de tratamento dos dentes era realista ao sugerir o uso do copo de água para a escovação dos dentes, pressupondo que muitos não teriam acesso a água corrente, o uso de fio dental demonstra o quão distante da realidade os ensinamentos dos manuais poderiam estar. Apesar de ter sido produzido industrialmente a partir do final do século XIX, até hoje grande parte da população ainda é adepta do palito dental. Lendo os comentários condenatórios de manuais, a impressão que se tem é de que a prática teria sido banida mais cedo⁷².

Além da escovação, alguns autores indicavam também o uso de uma “linha esterilizada” para remover os restos de alimentos que ficavam depositados entre os dentes: “Qualquer alimento que se alojar entre os dentes e que não ceder ao palito não se deve retirar com o auxílio de uma agulha ou de um alfinete: um fio de seda branca é o único *instrumento* apropriado para arredar qualquer coisa entre dentes muito unidos”⁷³. Embora fosse considerado grosseiro, anti-higiênico, perigoso para a saúde bucal e totalmente deselegante, muitas pessoas faziam uso de palitos no lugar dos fios para os dentes.

Há muita gente que, ‘por não ter tomado chá em criança’, ignora ser grosseiro e anti-higienico, o habito de sahir da meza palitando os dentes, de conservar o palito na boca ou de mascal-o. A rigor, os codigos de civilidade e de hygiene condemnam, sem restricções, o emprego desse instrumento esgaravatador, banido do uso corrente pelas pessoas educadas e cautelosas. Assim como desapareceu das mezas de cerimonia, deve, igualmente, ser abolido das modestas.

Os palitos são, geralmente, preparados á mão, por gente, (quem sabe?) descuidada e doente, talvez por tuberculosos a espargirem sobre elles perdigotos carregados de microbios. Efeixados e encaixados, são vendidos, quasi sempre, sem prévia desinfecção.

Embora após esse cuidado, ainda assim, não deixariam de ser perigosos. Collocados no paliteiro, expostos á poeira e ás moscas, ou sujeitos á contaminação por dedos sujos, não é, innocentemente, que se os leva á boca. Mesmo livres de toda sorte de germes pathogenicos, resultando inflamações ou abcessos [...].

⁷² *Centre Dentaire*: Dental centre. Disponível em <<http://visitourdentalfamily.ca/facts--trivia/dental-floss/>>. Acesso em 30 abril 2015; ZANATTA, Fabrício Batistin et al. Palito dental: razões para sua utilização e perfil cultural de usuários. *R. Periodontia*, Vol. 18, N. 03, set. 2008, p. 90-96.

⁷³ *Ibidem*, p. 73.

O melhor processo de destacar os resíduos alimentares presos aos dentes, medida essa a se fazer discretamente, é por meio de um fio esterelizado⁷⁴.

Observando os anúncios publicados em periódicos da época, era cada mais frequente a possibilidade de adquirir produtos próprios para fazer o asseio da boca. Contudo, alguns autores consideravam extremamente abrasivos os pós disponíveis no mercado – "Para a limpeza e conservação dos dentes são dispensáveis e mesmo nocivos certos dentrificios, de acção antiseptica energica, porque não atacam apenas os dentes, mas a mucosa da bocca. Do mesmo modo, a maioria dos pós e pastas só servem para destruir o esmalte dentário, quando immoderadamente usados"⁷⁵ –, por isso faziam questão de indicar receitas para que as leitoras pudessem fabricar seus próprios produtos para o asseio da boca. Em *O lar e a saúde da família* receitava-se: "Um excellent pó para dentes prepara-se misturando partes eguaes de sabão de castilha, precipitado de greta, e raiz de lyrio em pó"⁷⁶; já Cleser apresentava:

Elixir dentrificio

Cravo giroffle pilado	8 grammas
Canella	8 grammas
Herva doce	30 grammas
Cochonilha	10 grammas
Alcool 36º	875 grammas

Deixem macerar por espaço de 15 dias. Filtrem e ajuntem:
Espírito de hortelã 5 grammas⁷⁷.

Desse modo, seguindo todas as orientações dadas nos manuais de higiene, evitava-se problemas dentários como cáries, dores, mau hálito e, em casos extremos, perda dos dentes. Mais do que garantir dentes brancos e bonitos, os cuidados higiênicos com a boca permitiam a conservação de uma vida saudável.

O último conjunto de lições sobre a higiene corporal que interessa ressaltar é aquele que se direcionava aos cuidados das mãos. Além de lavá-las cuidadosamente com água e sabão, pois através delas seria possível contaminar-se com uma série de doenças – "O nosso fim é aconselhar a lavagem oportuna das mãos, principalmente quando julgadas poluídas" por "germes traiçoeiros" como os da "lepra ulcerada", "tuberculose aberta" ou "syphilis em periodo contaminante"⁷⁸ –, os textos sobre saúde e beleza ressaltavam a necessidade de mantê-las sempre macias. Em um artigo da *Revista Feminina* publicado em 1920 (figuras 73 e 74),

⁷⁴ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 175-176.

⁷⁵ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 297.

⁷⁶ *LAR e saúde da família*, *op. cit.*, p. 344.

⁷⁷ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 327.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 167.

uma mão perfeita era caracterizada como aquela que era branca, fina, com dedos “bellos e bem feitos” e sem qualquer marca que denunciasse a realização de trabalho manual:

Uma mão bem formada deve ser um tanto ou quanto alongada, tendo o dorso de maneira que se percebam as veias que correm, azuladas, debaixo da epiderme. Não ha de ser larga nem estreita, grossa nem delgada, e deve distinguir-se pela pelle branca e fina. Os dedos, para que sejam bellos e bem feitos, deverão descrever uma curva no dorso; hão de ser levemente planos pela parte interior, e as articulações, pouco salientes, não apresentarão nenhuma nodosidade desagradavel. As unhas terão a fôrma abobadada; serão rosadas, com um pequeno segmento esbranquiçado na raiz. O mais lindo corte das unhas é o oval, e não se devem cortar demasiado compridas, nem demasiado curtas. [...]. A finura das mãos e a brancura da pelle que as cobre, são pelo geral um privilegio das pessoas de alto tom, e as veias mais ou menos pronunciadas, as protuberancias tendenciosas, a grossura dos dedos e as calosidades dão a conhecer o individuo que se entrega a trabalhos physicos. Com effeito, pela mão distingue-se o ferreiro, o sapateiro, o lavrador, o artista, o homem de letras, o que levou alguém a dizer que o homem traz nas mãos o sello da sua condição social [...]. Sendo a mão o órgão do corpo de que se faz mais frequente uso, devem evitar-se as variadas influencias que podem ou poderiam interessar os diversos tecidos de que ella é composta. Os cortes, os golpes, contusões, queimaduras, etc, são sempre prejudiciaes á belleza da pelle, e algumas vezes alteram, mais do que se suppõe, a intelligencia do gesto, a facilidade dos movimentos e a finura do tacto⁷⁹.

Por esse motivo, Cleser afirmava que, mesmo as mulheres que trabalhavam “na cozinha ou no jardim”, ou seja, realizando algum tipo de atividade manual, deveriam cuidar para que suas mãos fossem macias e delicadas: “Toda mulher deve ter mãos macias e unhas nacarianas e brilhantes; isto é indici certo de distincção, de bom gosto, de delicadeza natural”⁸⁰. Em *O lar e a saude da familia*, as leitoras aprendiam a preparar uma loção, misturando “bay-rum, hamamelis virginica, agua de rosas e glycerina”, que, aplicada à noite antes de dormir, tornava as mãos macias e sem fissuras⁸¹. Com relação às unhas, o formato redondo era considerado o mais elegante. Os estojos chamados de *onglières*, anunciados frequentemente nos periódicos da época, continham todos os instrumentos necessários para cortá-las, lixá-las, lustrá-las e escová-las tal qual o ideal de beleza e higiene divulgado nos manuais⁸² (figura 75).

⁷⁹ “A arte da belleza”. *Revista Feminina*, n. 74, jul. 1920, p. 49-50. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 73.

⁸¹ *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 327.

⁸² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 74.

ARTE DA BELLEZA

II

CURSO COMPLETO DE
CONSERVAÇÃO E CULTURA
DA BELLEZA.AS MÃOS E
OS BRAÇOS

O cérebro e a mão são os órgãos que constituem a superioridade do ser humano sobre todos os animais.

Quando se examina attentamente a conformação da mão, descobrem-se nela todas as condições de perfeição no grau mais admirável. Armada de dedos flexíveis e bem articulados, apresenta o polegar, cuja fácil opposição aos demais dedos era necessária à completa execução dos seus movimentos, e o dedos estão pro-

tegidos na extremidade livre pela unha e guardados de uma espécie de almofada, que tem um grande número de pupillas nervosas, dispostas em forma de parábolas, as quaes são a rede do tacto. Um systema muscular tão simples como variado faz mover seus dedos de tal modo, que possa segurar todos os corpos cujo volume, forma, consistencia, peso e aspereza são apreciados com tanta exactidão, que até já houve quem affirmasse que a finura do tacto em alguns cegos chegava ao ponto de elles distinguirem as cores.

O braço torneado e bem proporcionado, assim como uma linda mão, são dois attractivos que realçam a belleza, e por esse motivo as mulheres prodigaliam a esta parte do corpo os mais solícitos cuidados.

Uma mão bem formada deve ser um tanto ou quanto alongada, tendo o dorso de maneira que se percebam as veias que correm, azuladas, de baixo da epiderme. Não ha de ser larga nem estreita, grossa nem delgada, e deve distinguir-se pela pelle branca e fina. Os dedos, para que sejam bellos e bem feitos, deverão descrever uma curva no dorso; não de ser levemente planos pela parte

interior, e as articulações, pouco salientes, não apresentarão nenhuma nodosidade desagradavel. As unhas terão a forma abobadada; serão rasadas, com um pequeno segmento esbranquiçado na raiz. O mais lindo corte das unhas é o oval, e não se devem cortar demasiado compridas, nem demasiado curtas.

A moda das unhas longas, á chineza, que se introduziu ha alguns annos, não constitue nenhum attributo da belleza. As Venus gregas, as Helenas, Laís e outras mulheres celebres da antiguidade classica, typos perfectos da belleza physica, nunca tiveram a maldadada idéa de deixar crescer as unhas, como algumas das nossas elegantes de mão gosto, pois pensavam ellas, e com sobejas razões, que as delicadas mãos da mulher foram creadas, não para arranhar, mas para prodi-

galisar carinhos e suaves delicadezas. A finura das mãos e a brancura da pelle que as cobre, são pelo geral um privilegio das pessoas de alto tom, e as veias mais ou menos pronunciadas, as protuberancias tendenciosas, a grossura dos dedos e as calosidades dão a conhecer o individuo que se entrega a trabalhos physicos. Com effeito, pela mão distingue-se o ferreiro, o sapateiro, o lavrador, o artista, o homem de letras, o que levou alguém a dizer que o homem traz nas mãos o selo da sua condição social.

As mãos grossas, ornadas de dedos curtos, torcidos e mal conformados, revelam, ora sentimentos baixos ou faltos de nobreza, ora grosseira e ferocidade.

As mãos compridas, cujos dedos são bem conformados, encontram-se communmente nas pessoas de habitos finos, notaveis pela sua amabilidade e cortezia.

Sendo a mão o órgão do corpo de que se faz mais fre-

Figura 73. "Curso completo de conservação e cultura da belleza. As mãos e os braços". "A arte da belleza". Revista Feminina, n. 74, jul. 1920, p. 49. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

quente uso, devem evitar-se as variadas influencias que podem ou poderiam interessar os diversos tecidos de que ella é composta. Os côrtes, os golpes, contusões, queimaduras, etc., são sempre prejudiciaes á belleza da

pelle, e algumas vezes alteram, mais do que se supõe, a intelligencia do gesto, a facilidade dos movimentos e a finura do tacto. Deve-se evitar o manejo de corpos duros e angulosos, assim como as substancias acidas, irritantes e causticas; mas no caso de ter que tocar estas substancias, deve-se, antes unctar as mãos com gordura, azeite, ceroto, ou qualquer outra preparação oleaginosa, como a pomada de pepinos ou o creme de neve.

Depois de lavadas as mãos com agua quente, deve-se ter o cuidado de não as exfor immediatamente ao contacto da agua fria, assim como depois de as aquecer ao fogo em tempo de inverno, não devem ser expostas ao frio humido da rua. A passagem repentina do frio ao calor ou do calor ao frio, altera o tecido cutaneo, endurece-o, gretta-o e ennegrece-o. As luvas são necessarias no inverno para resguardar a mão contra o frio, e no verão para evitar a acção dos raios do sol.

Eis aqui algumas formulas para aformosar e suavisar a pelle das mãos e do resto do corpo:

Pasta callideranica

Creme de sabão	500 grammas
Mel	450 "
Óleo de amendoas doces	400 "
Farinha branca de amendoas	150 "
Glicerina	100 "
Água de rosas	100 "
Silício em gelatina	100 "

Pós leucodermicos

Farinha de amendoas doces	500 grammas
Farinha de arroz	125 "
Pós de lyrio de Florença	50 "
Pós brancos de sabão	100 "

Misturam-se estas substancias, aromatizando-as com algumas gottas de essencia de geranio ou rosa.

Pasta de amendoas com mel

Farinha de amendoas amargas	500 grammas
Óleo de amendoas doces	1000 "
Mel	1000 "
Gemma de ovos	12 "

Derrete-se o mel, lance-se nelle a farinha das amendoas e junteu-se á mistura as gemmas de ovos. Accrescente-se então o óleo e torne-se a amassar até estar formada a pasta.

O meio mais efficaz de suavisar a pelle das mãos e dar-lhe a finura que tanto realça a belleza, é o seguinte:

Toma-se um pedacinho, do tamanho de uma amendoa, de creme de neve, e, á noite, antes de deitar, friccionar-se as mãos em todas as direcções durante um minuto. Quando a pelle estiver bem impregnada deste perfume, cubram-se as mãos com luvas de pelica. Na manhã seguinte lavam-se com a pasta callidermica, que

é a preparação mais recommendavel, e ellas adquirirão a brancura da neve e a suavidade do setim.

As mãos vermelhas, da mesma sorte que as que têm as veias demasiado apparentes constituem uma fealdade na mulher.

Recommenda-se ás jovens que padeçam de tal defeito, que não lavem as mãos em agua quente, não usem collete ou vestido muito apertado na zona das axillas, porque a pressão exercida nesta parte do corpo origina a parada do sangue nas veias dos braços e das mãos.

Rejeitem-se da mesma maneira os punhos muito estreitos; mas, em troca, aconselham-se as luvas muito justas. Finalmente recommenda-se como meio chimico para fazer desaparecer as veias as loções com um liquido composto de 125 grammas de cyanureto de potassa.

Luvas. — O uso das luvas é indispensavel. Na sua fabricação empregam-se as pelles, a lã, o algodão, o linho e a seda. São preferiveis a todas, as luvas de pelle macia e elastica, pois não cançam as mãos, antes a suavizam.

As luvas variam tambem segundo as estações. As da pelle de gammo e de castor convêm para o inverno, assim como para o verão são as mais proprias as de pelle de cabrito, linho, seda, etc. Recommenda-se especialmente que se não tragam luvas muito apertadas no punho, porque, além de rasgar-se depressa, têm o inconveniente de maguar as mãos delicadas, impedindo a circulação e ocasionando a dilatação das veias.

Fabricam-se luvas perfumadas, cujo uso não aconselhamos, porque podem causar, com o cheiro que exhalam, desmaios ou syncopes nas senhoras nervosas. Contudo, para as pessoas que desejam possuir a pomada de alguma agua destinada a perfumar as luvas, publicamos a seguinte:

Lyrio de Florença	160 grammas
Estoraque	60 "
Cálamo aromatico	60 "
Lenho de oleos	30 "
Canela	5 "
Cravo de especie	5 "

Reduzem-se estas substancias a pé fino, vertendo-o depois em duas libras de agua. Deixem-se em maceração durante tres dias em temperatura suave e junte-se:

Água de rosas	95 grammas
Água de flôr de laranja	95 "

Distille-se a mistura em banho-maria.

Molham-se as luvas nesta agua e seccam-se á sombra. As luvas preparadas deste modo conservam durante muito tempo o perfume que a agua lhes communicou. As leitoras elegantes agradecer-nos-ão, sem duvida, que lhes indiquemos um meio facil e simples para limpar as luvas.

A composição mais segura é a seguinte, a qual se deu o nome de "guanteina":

Sabão branco em pó	250 grammas
Água de gavela, ou dissolução de chlorureto de potassa em agua	105 "
Amoníaco liquido	10 "
Água	155 "

Misture-se tudo e faça-se uma pasta, que se conservará numa vasilha tapada.

Estende-se sobre um pedaço de flanela quantidade sufficiente desta pasta e esfregam-se as luvas com ella até que fiquem limpas. Tornam-se então a esfregar com um panno secco, sopram-se para que ellas se alarguem, e deixem-se seccar á sombra.

Evitem-se as luvas perfumadas.

Figura 74. "Curso completo de conservação e cultura da belleza. As mãos e os braços". "A arte da belleza". Revista Feminina, n. 74, jul. 1920, p. 50. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

QUE LINDO PRESENTE DE NATAL!

ESTOJOS CUTEX

As suas capas encantadoras, cheias de variadas cores, transmitem o bello espirito do dia. Cada estojo contém o afamado Removedor da Cuticula, que torna a cuticula lisa e esmerada; dois dos esplendidos polidores, que dão ás unhas o lindo e moderno tom côr de rosa; as magnificas lixas Cutex; paus de verdadeira laranjeira, e outros agradaveis requisitos para o perfeito tratamento de lindas unhas.

Para uma lembrança mais individual, que o cartão — o estojo Compacto, que está em plena voga para visitas de fim de semana. Ou — para as senhoras e senhorinhas muito preocupadas — o estojo Five Minute (Cinco Minutos). Este contém o novo Esmalte e o Pó Cutex tão em moda e muito procurados pelas senhoras caprichosas.

O Estojo Travelling (de viagem) servirá ao seu amigo que viaja.

E finalmente — para a-toilette chic — o lindo estojo Boudoir, uma lembrança elegante e de merito. Realmente um presente duradouro. Contém o Cuticle Remover (Removedor); tres artigos para polir — Tijolo, Pasta e Esmalte; Nail White (Pasta para branquear); Cuticle Cream (Creme de conforto) etc., etc.

Nestas lindas capas de Festa mostram estes estojos uma apparencia allrahente.

Cutex Compact Set

V. Ex. pode obter estes estojos de Natal, em todas as perfumarias, pharmacias e armarinhos, assim como pelo correto, de HES. RINDER.

Caixa 2014 — Rio

Cutex Travelling Set

Cutex Five Minute Set

Cutex Boudoir Set

CIG - P

Figura 75. "Estojos cutex". A Cigarra, n. 242, dez. 1924, p. 2. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Aqueles que seguiam as orientações de higiene presentes nas revistas e manuais femininos eram, então, consideradas não apenas pessoas saudáveis e belas, mas civilizadas e educadas de acordo com a modernização dos costumes – “E’ justa a idéa de avaliar o gráo de civilisação dos povos pela agua e sabão que consomem; mais os gastam os mais asseitados, constituídos de individuos, certamente sadios, que por dignidade, educação e hygiene respeitam o proprio corpo, dando-lhes o trato que merece”⁸³. Sendo assim, talvez por esse motivo alguns autores consideravam que a manutenção de hábitos de higiene demonstrava a índole de uma pessoa, é o que se lê no seguinte excerto da obra *O lar e a saude da familia*: “O modo de fazer a toilette fornece um dos mais seguros indícios do character de uma pessoa. Dentes brancos, areados; unhas limpas, bem aparadas e cabellos bem tratados, são signaes de uma boa educação e de um fino trato”⁸⁴.

Se os cuidados com a higiene pessoal e a aparência física demonstravam o quanto uma pessoa era “civilizada”, educada e moderna, eles também serviam para reforçar as distâncias entre patroas e empregadas domésticas. Como já assinalado anteriormente, associadas a maus hábitos de higiene, “promiscuidade”, doenças contagiosas e epidemias, as criadas eram consideradas uma verdadeira ameaça às famílias que as contratavam. Retratadas como ignorantes, sujas, despenteadas e desarrumadas, algumas senhoras afirmavam sentir repulsa diante do desmazelo de suas criadas. Em *O lar domestico*, Cleser afirmava: “Causam-me arrepios de repugnancia estas borralheiras rotas e sujas, que nunca lavam o corpo com sabão e sómente penteiam o cabelo quando vão á missa, isto é, uma unica vez por semana”⁸⁵; “Tenho uma repugnancia extrema de certas cosinheiras que com cara e pescoço sujos, mãos e braços lambusados, cabelo desgrenhado e empoeirado, roupa esfarrapada e imunda, são figuras tão nojentas que me fazem perder todo appetite”⁸⁶. Se a dona de casa era que deveria fiscalizar os serviços da empregada, ela também precisava fazer a vigilância de seus corpos. Sendo assim, como se nota no capítulo “Movimento diario” da obra de Cleser, cabia às senhoras ensinar a suas empregadas as modernas práticas de higiene pessoal:

A criada deve levantar-se no inverno ás 6 horas, no verão ás 5 1/2. Accenda o fogo, passe o panno de aniagem sobre o fogão, ponha a chaleira com agua limpa no seu logar e volte ao quarto para banhar o rosto e pentear-se [...]. Uma criada vestida de riscado, com paletot meio justo e mangas curtas (ao qual não falem botões!) com avental de riscado escuro, com cabelo penteado, o rosto, o pescoço e os braços limpos, é uma figura que denota bôa direcção domestica. Muitas criadas, por

⁸³ KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 287.

⁸⁴ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 68; KEHL, Renato. *op. cit.*, p. 287; *LAR e saude da familia*, *op. cit.*, p. 314; PEIXOTO, Afrânio, *op. cit.*, 1921, p. 24-425.

⁸⁵ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 18.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 32-33.

commodidade, penteiam-se vestidas com a roupa de serviço e sahem do quarto cheias de cabellos e de caspas. A dona de casa mostrar-lhes-á a inconveniencia disso e saberá remediar por meio de conselhos e de uma bôa inspecção⁸⁷.

Como a boa administração da habitação se refletia também na aparência das empregadas, as leitoras eram também aconselhadas a exigir, desde o primeiro dia de trabalho, que as criadas estivessem sempre asseadas e arrumadas: “Estando á noite concluido o serviço da criada anime-a a concertar ou a limpar a sua roupa para que nunca appareça mal arranjada”⁸⁸.

Para adquirir esta bela virtude domestica é mister começar pelo asseio do proprio corpo. Uma bôa dona de casa estará sempre asseada e arranjada e nunca terá de receiar o olhar de estranhos. Ella exige egualmente que a sua criada esteja sempre com decencia e que todos os sabbados tome um banho geral em que não poupe o sabão⁸⁹.

Desde o primeiro dia, exigi que ela levante cedo e se vista com asseio [...]. Todas as vezes que a mandais à rua, exigi que lave o rosto, as mãos e os braços [as partes visíveis do corpo]; ponha um avental limpo e leve uma cesta asseada, que forre de papel para ir ao talho. Acostumai-a a usar de calçado leve e de um collete mui pouco apertado, para dar ao busto a decencia e a dignidade perfeitamente compativel com um vestido de riscado [...]. Estando á noite terminado o serviço da criada, animai-a a consertar sua roupa, a escovar seus vestidos e sapatos e a dirigi na costura para que ella não gaste sinão o dinheiro indispensavel. [...]. Exigi que aos sabados proceda ao minucioso asseio do corpo, que mude a roupa duas vezes por semana e os aventaes todas as vezes que fôr necessario⁹⁰.

Portanto, mais do que garantir a boa saúde, informar o que era uma pessoa bela, educada, elegante e civilizada, os hábitos de higiene pessoal divulgados em artigos de revistas e manuais femininos serviram para marcar as distâncias entre patroas e empregadas domésticas. Associadas aos costumes “rudimentares” e “atrasados” da época colonial, tal qual a personagem Jeca Tatu, as criadas traziam para dentro da casa de suas patroas os incômodos vestígios da recém-extinta escravidão, os hábitos da vida rural e de outras culturas agora adaptados a situações de pobreza na cidade. Por esse motivo, as senhoras teriam o papel de instruí-las a se adequar aos modernos preceitos de comportamento.

5.2. Etiqueta: a arte de ser bem educado

No capítulo introdutório da obra *Tratado de civilidade e de etiqueta*, da Condessa de Gencé –, “etiqueta”, “civilidade” e “cortesia” foram definidas como a “a arte de ser bem educado”. A autora explica que, ao contrário do senso comum, não se trata de um conjunto de

⁸⁷ *Ibidem*, p. 16- 18.

⁸⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 28.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 32-33.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 243-245.

regras convencionais destinadas a assegurar *artificialmente* “um mais fácil funcionamento das relações sociais” – em outras palavras, de estabelecer uma melhor convivência entre as pessoas em sociedade –, ser “bem educado” era considerado uma atitude “natural” e espontânea que deveria fazer parte do caráter daqueles que tinham respeito, cuidado e apreço por seus semelhantes. Embora a noção de polidez fosse difundida como sendo uma postura natural, ou seja, uma marca de nascença dos grupos mais distintos da sociedade, conforme demonstrou Mimi Hellmann em seu estudo sobre a aristocracia francesa do século XVIII, essa “naturalização” nada mais era do que uma habitualidade construída e que fazia parte do trabalho de ócio⁹¹. Os manuais de etiqueta provavelmente se basearam nessas referências de comportamento e valores de civilização e continuaram reproduzindo essas ideias. Talvez por esse motivo é que Gencé afirma: “Não se deve *parecer ser* educado – deve-se *ser* bem educado”. Para se ter uma boa educação, “boas maneiras” ou “polidez” era necessário o domínio completo de si mesmo, dos chamados “hábitos não-civilizados” nas mais diversas circunstâncias. Desse modo, a obra de Gencé, assim como outros manuais de etiqueta e civilidade publicados no mesmo período, difundia uma série de normas de comportamento cujo objetivo era a construção, por meio de coreografias determinadas, do que se entendia por um corpo elegante, disciplinado e educado⁹².

Como já assinalado, no Brasil, até meados do século XIX, os hábitos de sociabilidade da família antiga restringiam-se ao comparecimento a festejos públicos, em especial aos religiosos, e a raras visitas onde somente os mais próximos e que com ela se identificavam do ponto de vista dos costumes eram recebidos. Como a mobilidade na hierarquia social era baixa, dispensavam-se certos instrumentos de afirmação de poder; os modelos de convivência eram sempre os mesmos e a “festa privada” era um item da conduta social desvalorizado e pouco exercitado. Com relação aos hábitos corporais, as maneiras de portar-se eram bastante rudimentares. Utilizando relatos de viajantes estrangeiros, Costa explica que durante as refeições o uso de talheres não era usual; comia-se com as mãos ou, quando muito, utilizando garfos e facas sem a menor destreza. Sentados no chão, em uma esteira ou em bancos rústicos de madeira, pois as cadeiras eram raras, os membros da família comiam em demasia e com grande avidez⁹³.

É ali (na varanda) que tomam suas refeições usando de uma velha tábua colocada sobre cavaletes, um par de tamboretos de pau para completar e quando existem

⁹¹ HELLMAN, Mimi. *op. cit.*

⁹² GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 5-7.

⁹³ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 87-91.

dessas coisas, uma ou duas cadeiras. A refeição principal consta de um jantar ao meio-dia, por ocasião da qual o chefe da casa, sua esposa e filhos às vezes se reúnem ao redor da mesa; é mais comum que a tomem no chão, caso em que a esteira da dona da casa é sagrada, ninguém se aproximando dela senão os favoritos reconhecidos... Somente os homens usam facas; mulheres e crianças se servem dos dedos. As escravas comem ao mesmo tempo, em pontos diversos da sala, sendo que por vezes suas senhoras lhes dão um bocado com as próprias mãos [...]. Comem muito e com grande avidez e, apesar de embebidos em sua tarefa, ainda acham tempo para fazer grande bulha. A altura da mesa faz com que o prato chegue ao nível do queixo; cada qual espalha seus cotovelos ao redor e, colocando o pulso junto à beirada do prato, faz com que por meio de um pequeno movimento hábil, o conteúdo todo se lhe despeje na boca. Por outros motivos além deste, não há limpeza nem boas-maneiras durante a refeição; os pratos não são trocados, sendo entregues ao copeiro segurando-se o garfo e a faca numa mesma mão; por outro lado, os dedos são usados com tanta frequência quanto o próprio garfo. Considera-se como prova incontestável de amizade alguém comer do prato de seu vizinho, e assim, não é raro que os dedos de ambos se vejam simultaneamente mergulhados num só prato... Quando facas e garfos se acham em repouso, fica cada um numa das mãos, vertical e descansado sobre o cabo, e, quando deles não se têm mais necessidade, limpa-se ostensivamente a faca na toalha da mesa⁹⁴.

Passando-se ao humilde jantar do pequeno negociante e sua família, vê-se com espanto, que se compõem apenas de um miserável pedaço de carne seca, de três a quatro polegadas quadradas e somente meio dedo de espessura [...]. Essa refeição simples, repetida invariavelmente todos os dias e cuidadosamente escondida dos transeuntes, é feita nos fundos da loja, numa sala que serve igualmente de quarto de dormir. O dono da casa come com os cotovelos fincados na mesa, a mulher com o prato sobre os joelhos, sentada à moda asiática na sua marquesa, e as crianças deitadas ou de cócoras nas esteiras, se enlambuzam à vontade com a pasta comida nas mãos [...]. Bebe-se água unicamente. As mulheres e crianças não usam colheres nem garfos; comem todos com os dedos⁹⁵.

Logo, além de mostrar o desconforto das habitações e a carência de utensílios de mesa, o ritual da alimentação evidenciava a inexistência dos chamados padrões de civilidade que posteriormente passaram a caracterizar a família urbanizada e aburguesada das elites⁹⁶. A refeição visava quase exclusivamente a satisfação das necessidades nutricionais, portanto, não tinha a função de promover o estreitamento dos laços afetivos entre os membros familiares e nem o controle educativo e regulador das condutas – “Implicitamente, todo o modo de viver burguês é transmitido neste momento de encontro, onde o ideal do *gentleman*, do *petit bourgeois* contido, disciplinado, higiênico e polido, funciona como norma do bem conduzir-se na casa e na vida”⁹⁷.

No entanto, com a abolição da escravidão, o crescimento populacional, a diversificação das atividades econômicas e a consequente dinamização da vida urbana, os hábitos de convívio social da família antiga foram modificados. Diante de uma estrutura

⁹⁴ LUCCOCK, John, 1808 apud COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 88-89.

⁹⁵ DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil* (1816-1831). t. I, vol. I e II, São Paulo, Martins Editora, 1940. p. 139 em MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Equipamentos da Casa Brasileira – Arquivo Ernani Silva Bruno. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/ernMain.asp>>. Acesso em fev. 2015.

⁹⁶ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 87-91.

⁹⁷ *Ibidem*, p. 88.

social menos rígida, ou seja, que permitia, ainda que de forma restrita, uma maior mobilidade social, o número dos representantes das classes dominantes expandiu-se, exigindo formas de distinção social cada vez mais explícitas. Além da aquisição de artigos supérfluos e da exposição de si mesmo em lugares “chics” da cidade, a adoção de atitudes corporais elegantes passou a fazer parte das maneiras pelas quais se demonstrava o prestígio social. O dinamismo econômico passou a exigir novas formas de contato social, tornando as festas privadas uma necessidade. Nessas ocasiões, condições de relacionamento favoráveis aos interesses políticos e econômicos eram criadas. As casas, que até então eram desconfortáveis e praticamente fechadas à recepção de “estranhos” foram higienizadas, modernizadas e ricamente ornamentadas, tornando-se espaços de ampla sociabilidade. Nesse contexto, as mulheres de famílias ricas assumiram então o papel de expressar, por meio de suas vestes e condutas elegantes, o *status* social do marido. Como bem colocou Costa, “Da maneira como as mulheres se comportavam, recebiam, hospedavam ou se insinuavam junto a personagens prestigiados, dependia, às vezes, o bom encaminhamento da carreira política ou econômica do homem”⁹⁸. Para participar das festas, bailes, concertos, jantares, casamentos, batizados e inúmeros outros eventos sociais que passaram a acontecer na cidade, era necessário o conhecimento de novas práticas, comportamentos e hábitos sociais. Desse modo, os manuais prescritivos de conduta, publicados em diferentes idiomas, traduzidos para o português e condensados em artigos de periódicos, teriam contribuído para o aprendizado do controle de gestos e sentimentos entendidos como pouco polidos e a introjeção de hábitos considerados elegantes e requintados.

De maneira geral, as obras de etiqueta e civilidade explicavam detalhadamente aos leitores como se comportar seja como convidado ou anfitrião nas mais diversas situações. Por exemplo, com relação às visitas, informava-se que elas poderiam ser motivadas por variadas situações. “Uma visita é sempre uma prova de cortesia, de que só o pretexto varia”, afirmava Gencé⁹⁹. Segundo a autora, tais recepções poderiam ser divididas em quatro categorias:

- 1.º As visitas oficiais, visitas de cerimônia, visitas de despedida, de oferecimento de nova casa, visitas de núpcias, visitas a doentes, visitas de pêsames, est.
- 2.º As visitas de agradecimento por um favor, um presente ou um serviço, as visitas depois dum baile, de uma “soirée” ou casamento, etc.
- 3.º As visitas íntimas, que têm como pretexto principal a simpatia. Fazem-se entre pessoas amigas, desejosas de manter relações seguidas e de passar, de tempos a tempos, alguns momentos agradáveis em casa uma das outras. São as visitas mais frequentes.

⁹⁸ COSTA, Jurandir Freire. *op. cit.*, p. 108.

⁹⁹ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 86.

4.º Visitas de conveniência, ou de negócios¹⁰⁰.

Dependendo da motivação, o horário e o tempo de duração da visita variavam. No *Codigo de Bom Tom*, Roquette dizia: “Não é fácil fixar a hora às visitas, mas é coisa sabida que nunca se devem fazer antes de uma hora da tarde, nem das cinco às oito, nem depois das dez da noite”. Quando não se sabia os costumes da família que iria visitar, o autor recomendava o período da noite, pois “de dia os homens estão ocupados com os seus negócios, as senhoras com o governo da casa, com a educação de seus filhos; umas cultivam em liberdade seus talentos, tocando, desenhando, pintando, etc.; outras fazem e desfazem seus vestidos para parecerem novos de trinque vindos do armazém que está em voga. É mister respeitar estes segredos domésticos”¹⁰¹. Sobre a duração da visita, Roquette afirmava: “Não é fácil determinar quanto tempo deve durar uma visita”¹⁰². Segundo Gencé, ela deveria durar de acordo com “o grau de intimidade, o número de visitantes, e as circunstancias em que se faz a visita”. Quando mais amiga dos donos da casa, mais tempo uma pessoa poderia permanecer em visita¹⁰³.

Nas “visitas íntimas”, ou seja, aquela em que se reuniam amigos e pessoas conhecidas do mesmo núcleo social com o objetivo de conversar e se divertir, o manual *Regras de civilidade e etiqueta* explicava que o papel principal era o da dona de casa: “È a senhora quem recebe; è a ella que procuram e è ella quem preside”¹⁰⁴. Por isso, algumas mulheres chegavam a adotar, conforme se recomendava nos manuais de etiqueta estrangeiros, o costume de reservar um dia da semana ou do mês para receber em casa seus convidados; era o chamado “*jour de mandame*”: “*En général, toute maîtresse de maison prend un jour de la semaine pour ‘recevoir’*”¹⁰⁵; “[...] *c’est-à-dire de fixer verbalement ou sur une carte de visite le jour du mois où ella sera chez elle*”¹⁰⁶. Agindo dessa maneira, a senhora evitaria que suas visitas sofressem “incomodos inúteis, por a não encontrarem em casa” e, assim, ela conservaria uma “maior liberdade de acção nos restantes dias”¹⁰⁷. Então, na data escolhida para o “dia de

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 86-87.

¹⁰¹ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 242-243.

¹⁰² *Ibidem*, p. 247.

¹⁰³ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 95.

¹⁰⁴ FIGUEIREIDO, Jose’ Sandoval de (Coronel). *Regras de civilidade e etiqueta*: organizadas para os alumnos do curso especial militar da Força Publica, São Paulo: Typographia da Força, 1926, p. 47.

¹⁰⁵ STAFFE, La Baonne. *op. cit.*, p. 133.

¹⁰⁶ FOURQUIER, Marcel (Baron). *op. cit.*, p. 17.

¹⁰⁷ “Deveres de uma senhora”. *Revista Feminina*, n. 43, mar. 1917, p. 27.

receber”, a dona de casa deveria estar vestida adequadamente: “trazer uma bonita *toilette*, ainda que sem luxo, para bem patentear a quem a visita a sua consideração”¹⁰⁸.

*La maîtresse de maison porte une jolie toilette d'intérieur, - dite robe de réception, - pour montrer à ses visiteurs qu'elle tient à leur plaisir. Mais cette toilette, d'une extrême fraîcheur, doit être combinée de façon à ne pouvoir écraser celle des femmes qui se présentent*¹⁰⁹.

Vestida com elegância e bom gosto, mas “sempre conforme às suas posses”¹¹⁰, e chegada a hora do “acolhimento” dos convidados, a dona de casa se dirigia à sala. Nesse espaço da habitação, conforme apontam os manuais, as cadeiras deveriam ser dispostas de modo que acomodasse o maior número de pessoas sentadas e ao “alcance do olhar e da voz da dona de casa”: “Esta disposição impõe, portanto, geralmente, uma espécie de symetria que não deverá, todavia, torna-se desagradável á visita. Poltronas, cadeiras, sofás e todos os outros assentos são, na maior parte das vezes, dispostos circularmente. Formar-se-á uma certa variedade no circulo, que não deve parecer ter sido preparado para pessoas ligadas entre si por classes ou graus hierarchicos”¹¹¹. Conduzidos pelos criados até o local de recepção, os visitantes eram recebidos pela senhora, que procurava deixá-los confortavelmente à vontade. De acordo com as regras prescritivas, o dever da mulher nessas ocasiões era o de mediadora social: sorrir, ser gentil, agradar, ter graça e elegância e saber conduzir uma conversa estavam entre os predicados de uma senhora que dominava a verdadeira “arte de receber”¹¹²: “A dona de casa não deve poupar a sua cortezia nem as suas atenções”¹¹³, lia-se repetida vezes nas obras prescritivas de etiqueta. Ela deveria dispensar aos seus amigos e familiares “todo sorriso e amabilidade afim de lhes attrahir a sympathia”, por isso, sua preocupação era fazer “brilhar o espírito dos seus convidados”¹¹⁴.

Descrevendo algumas recepções que aconteciam com ampla frequência entre as abastadas famílias paulistanas no início do século XX, Jorge Americano demonstrou o papel de destaque que as mulheres recebiam nessas ocasiões:

São cinco horas da tarde. É dia de recepção de S. Constancinha Vieira de Carvalho [...]. Servem chá com bolo e sanduíches no terraço dos fundos, de onde se assiste ao tênis. Servem sorvetes.

Uma das moças que joga veste saia pragueada de flanela branca, até o tornozelo, blusa branca de renda, com colarinho e pinhos, mangas estofadas. Usa, preso com

¹⁰⁸ *Ibidem*.

¹⁰⁹ STAFFE, La Baonne. *op. cit.*, p. 133.

¹¹⁰ FIGUEIREIDO, Jose' Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 34.

¹¹¹ *Ibidem*, p. 45-46.

¹¹² STAFFE, La Baonne. *op. cit.*, p. 170-171.

¹¹³ FIGUEIREIDO, Jose' Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 47.

¹¹⁴ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 124.

alfinetes, ao cabelo alto, um chapéu de palha (com palheta de homem) com laço de fita e buquê de “paraqueterettes” [...]. Os dois rapazes que jogam usam calças compridas, de flanela, camisas brancas com punhos, colarinho e gravata. Ao terminar, vestem os casacos azul-marinho [...].

São cinco horas da tarde. É dia de recepção na casa dos Nobres [...]. Servem-se chá com bolos e sanduíches, e refresco de abacaxi, comenta-se o Teatro Municipal, fala-se sobre poesia e recitam-se [...]

São cinco horas da tarde. É dia de recepção na casa de Maria Amélia, à Rua Barão de Itapetininga.

Há um grupo de senhoras em torno da mãe de Maria Amélia. D. Belinda Paranaguá, D. Brasília de Barros, minha tia Helena.

Os visitantes moços são os Nobre, Vera Paranaguá, Lenita Meneses, Ciro Freitas Vale, Cornélio França, Luís Paranaguá, Elsa e Vilma de Pádua Sales, Gabriela e Mariazinha França.

Servem chá com bolos, sanduíches, e sorvete de creme.

Há jogos de prendas.

Ao sair, Luís Paranaguá pergunta a Ciro Freitas Vale se irá à sua casa no dia seguinte. Irá¹¹⁵.

Conhecida como “chás das cinco”, “*five o'clock tea*”, “*afternoon tea*” ou “*at home*”, a cerimônia do chá – como essa que parece ser descrita por Americano nos excertos acima – era um tipo de reunião que acontecia à tarde, destinada a receber visitas (mulheres em sua maioria) e onde costumava-se jogar, dançar, cantar, tocar músicas e declamar poesias. Como o próprio nome do ritual denota, servia-se um chá acompanhado de bolos, sorvetes, pães, doces, frutas, biscoitos e sanduíches¹¹⁶. Conforme aponta Tânia Andrade Lima e é possível ler nas obras prescritivas, esse era um poderoso instrumento feminino de sociabilidade amplamente difundido na Inglaterra e que, a partir do final do século XIX, foi incorporado no Brasil¹¹⁷ – “Por isso aí, nessas reuniões, em que o elemento feminino predomina forçosamente, é natural que as senhoras se demorem a conversar umas com as outras”¹¹⁸. Além de regras quanto ao uso de vestimentas, talheres, tipo de alimentos que deveriam ser servidos e à forma de ingeri-los, os manuais de etiqueta e civilidade prescreviam normas quanto à *performance* corporal apropriada.

Conhecido sob o nome de “chá das cinco”, porque é pelas cinco horas da tarde, geralmente, que a dona de casa, oferece às suas visitas, uma dona de casa pode servi-lo de duas maneiras diferentes, segundo o número de visitas ou a importância do local:

¹¹⁵ AMERICANO, *op. cit.*, 2004, p. 287-290.

¹¹⁶ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 133-154; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 69-78; FOURQUIER, Marcel (Baron). *op. cit.*, p. 17-18; 35-41; GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 127-129; GRISELIN, *op. cit.*; p. 87-101; *MANNERS and Rules of good society or solecisms to be avoided*: By a member of the aristocracy. 46.^a ed. London: Frederick Warne and Co. Ltd. and New York, 1926, p. 151-158; MENEZES, Antonio de. *Educação: Breve compêndio de civilidade*. 2.^a Ed. Melhoramentos: São Paulo, 1924, p. 99-100; FIGUEIREDO, José Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 22; STERN, Renés Bernd. *Standard book of etiquette: social forms and good manners for all occasions*. Chicago: Laird & Lee, Inc., 1924, p. 84-91.

¹¹⁷ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1997.

¹¹⁸ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 137.

1.º O serviço pode ser feito mesmo na sala onde a dona de casa terá mandado colocar a mesa para o chá, já posta.

Fará ela mesmo as honras do chá, coadjuvada por uma ou duas amigas. Sobre a mesa do chá, com ou sem prateleiras, estão colocadas chávenas, pequenos guardanapos, e pratos com bolos. Uma criada, ou um criado, renova o que for preciso.

Servem-se então todos os convidados e, à chegada de uma nova visita, oferecem-se chá e bolos ao recém-vindo [...].

Nas casas mais modestas, pode-se limitar a servir uma chávena de chá acompanhada de pasteis, bolos secos ou mesmo de fatias de pão com manteiga. O que é indispensável é que o serviço seja cuidadosamente feito, e sobretudo com a maior elegância possível [...].

2.º Se o chá é servido na sala de jantar, a dona de casa pode livremente expor à admiração das suas visitas, ricas toalhas e guardanapos lindamente bordados, porcelanas preciosas e pratos [...].

Colocam-se ao redor da mesa pratos de sobremesa com um pequeno garfo para os bolos, pequenos guardanapos, e chávenas de chá. Em cada pires uma colher. No centro da mesa, diante da dona da casa, colocam-se o bule, ou mesmo o *samovar*, a leiteira e o açucareiro. Sobre a mesa, bolos de frutas, pães de ló, pequenas [*sic*] sanduíches ou simples fatias de pão com manteiga, fiambre ou *foie-gras*, pasteis, etc. [...]. Passa-se da sala para a sala de jantar, para tomar o chá, a convite da dona da casa. As senhoras sentam-se ao acaso, ou ficam de pé, sem cerimônia, para comerem livremente enquanto conversam [...] ¹¹⁹.

Além das visitas orientadas por diversas motivações e da cerimônia do chá, outro tipo de recepção que passou a acontecer frequentemente nas casas de famílias endinheiras da cidade de São Paulo eram os jantares. A ingestão de alimentos é uma necessidade vital para a manutenção do organismo; pelo seu caráter cíclico e repetitivo, ela foi ritualizada por segmentos desejosos de ordenar e balizar as relações sociais em seus diferentes níveis; o destaque ficou com a refeição feita no final do dia, ao término da jornada de trabalho, quando o convívio social, o relaxamento e a diversão são possíveis. Sendo assim, desde o momento em que se passou a proibir o uso das mãos para levar alimentos à boca, sobretudo o jantar passou a ser regido por um conjunto de regras rigorosas e detalhas, as quais foram utilizadas para reafirmar o *status* da família, estabelecer alianças políticas e econômicas, legitimar valores de classe e marcar diferenças sociais¹²⁰. Segundo Lima, os modelos de rituais de alimentação disseminados na Europa teriam sido incorporados ao contexto brasileiro misturados aos hábitos tradicionais portugueses¹²¹.

¹¹⁹ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 127-130. Conforme observou Tânia, embora na Inglaterra a cerimônia do chá fosse um ritual feminino, contendo grande número de objetos especializados (bules, xicaras, colheres, pires, açucareiros, pratinhos, bandejas, etc.) e realizada obrigatoriamente na sala de visitas das habitações das famílias de prestígio social, no Brasil, o ritual foi consideravelmente reduzido e sendo realizado nas salas de jantar, que era um espaço na casa masculino por excelência. Cf. LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1997, p. 106-107; 116-118.

¹²⁰ CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 180; LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995, p. 137-138; PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. *A arte de receber: Distinção e poder à boa mesa - 1900-1970*. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004, p. 21-22.

¹²¹ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995, p. 149-157.

De acordo com as obras prescritivas, o convite para um jantar deveria ser feito (verbalmente ou por escrito) com oito dias de antecedência e respondido prontamente. Se fosse aceito, os preparativos para a recepção deveriam ser iniciados. A dona de casa era principal responsável pela organização; além de ordenar a limpeza e a organização das salas de visita e de jantar, cabia a ela providenciar o cardápio, decorar os ambientes, montar a mesa seguindo as normas de etiqueta que determinavam que cada objeto tinha um lugar específico, instruir a cozinheira, os copeiros e os demais criados: “Qualquer que seja o numero de convidados, é preciso cuidar com antecedencia de todos os preparativos para que na chegada dos hospedes a dona de casa se possa dedicar a elles e não se veja forçada a deixal-os para ocupar-se com pormenores de que não cuidou a tempo”¹²². Conforme se lê na obra de Cleser e de outros autores de manuais prescritivos, nada mais desagradável do que “vêr-se uma dona de casa azafamada e atordoada chamar por um criado ou levantar-se da mesa para dar instruções, procurar chaves, mexer em gavetas, correr á cozinha”, ou seja, “ocupar-se diante de seus amigos de arranjos que deviam estar concluidos antes da chegada delles”¹²³.

Chegado o dia e a hora do evento, os donos da casa deveriam estar vestidos “conforme a circumstancia” para receber os convidados. Recomendava-se uma rigorosa pontualidade como sinal de boa educação e polidez: “A hora de jantar é sempre fixada na carta do convite [...]. Chegar mais cedo desarranja muitas vezes os donos da casa; mais tarde é incivilidade para com elles, e motivo de descontentamento para os que estão à espera”¹²⁴. Algumas obras prescritivas mencionavam que era o criado que deveria conduzir os convidados até a área de recepção onde se encontrariam reunidos os anfitriões e todos os participantes da festa. Quando todos estivessem reunidos na sala, um criado deveria anunciar que o jantar estava servido: “A expressão franceza de que se serve o criado é esta: *Madame est servie* ou *le dîner est servi*, e não se dirá: *La soupe est sur la table*”¹²⁵. Como é possível observar nas obras de Roquette e de D’Ávila, em jantares de cerimônia indicava-se empregar somente criados homens “vestidos de casaca ou de libré, luvas brancas calçadas, guardanapo no braço”; as criadas normalmente podiam servir à mesa em refeições feitas em família ou na presença de amigos íntimos¹²⁶. O cortejo iniciava-se com o dono de casa conduzindo pelo braço a senhora da mais alta hierarquia.

¹²² CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 208.

¹²³ *Ibidem*, p. 210.

¹²⁴ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 216.

¹²⁵ Idem, 1875, p. 118; 1997, p. 216.

¹²⁶ D’ÁVILA, Carmen. *op. cit.*, p. 148; ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1875, p. 121.

Até meados do século XIX, sobretudo nas mais refinadas famílias europeias, utilizava-se o serviço *à la française*. Fortemente regrado no uso de talheres, na disposição dos convidados à mesa, na sequência de pratos e na cobertura das mesas, o serviço polarizava-se na figura do dono da casa. Com a introdução do serviço *à la russe*, o ritual sofreu algumas modificações, por exemplo, liberando o anfitrião das tarefas de servir, as quais foram assumidas por criados que se encarregavam de levar os pratos de comida até os convidados¹²⁷. Independente do serviço adotado, o ritual do jantar era fortemente normatizado: os criados deveriam servir em silêncio os pratos que seguiam uma ordem que se iniciava com uma entrada e finalizava-se com as sobremesas; cada convidado tinha um lugar determinado de acordo com a hierarquia social e o grau de intimidade estabelecido com os donos da casa; os talheres, os pratos, as taças e os guardanapos eram dispostos sobre a mesa segundo uma ordem estabelecida; a distância entre as cadeiras deveria ser milimetricamente medida; para cada prato, indicava-se um tipo de vinho específico: “Os vinhos devem ser de primeira qualidade. Servir vinhos *finos* que nada têm de pomposo além do nome impresso sobre os rótulos não é admissível em casa de uma família distinta”, aponta Cleser¹²⁸.

Em principio, serve-se o vinho da seguinte ordem:
Com a sopa, Xerez ou Madeira.
Com o peixe, um vinho branco.
Com a carne, um vinho tinto.
Com a sobremesa, um Porto e Champanhe¹²⁹.

Finalizado o jantar, a dona de casa deveria sinalizar com a cabeça para a senhora da mais alta hierarquia e se levantar para que todos pudessem retornar à sala de visitas. Reunidos nesse espaço para dar continuidade à conversação, jogos, danças, etc., o café, o chá e os licores eram servidos:

A etiqueta moderna leva as bebidas para onde quer que se esteja, e ensina a servir sempre o café no salão, após as refeições [...].
Café no salão – O criado coloca sobre a mesa uma pequena badeja, com o serviço de café, garrafas e calices para o licor, e desaparece [...]. A dona de casa, geralmente ajudada por sua filha ou uma amiga jovem, faz o serviço. Prepara as chicaras mal cheias e com a chicara na mão esquerda o açucareiro na mão direita, as oferece, uma a uma aos convivas¹³⁰.

Os manuais de etiqueta ainda aconselhavam que as pessoas convidadas para o jantar, após uma semana ou no máximo dez dias, fizessem uma “visita de digestão” aos anfitriões da

¹²⁷ Enquanto a cerimônia do chá era identificada com a figura feminina, o ritual do jantar era associado às masculina. Nessas ocasiões, a mulher assumia a posição de colaboradora do marido. Cf. CARVALHO, Vânia Carneiro de. *op. cit.*, 2008, p. 189-191; LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1997.

¹²⁸ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 214.

¹²⁹ D'ÁVILA, Carmen. *op. cit.*, p. 191;

¹³⁰ *Ibidem*, p. 196.

festa. Essa era uma forma de agradecer a recepção e uma oportunidade de fazer também um convite. Sendo assim, observa-se que tanto as visitas, a cerimônia do chá, quanto os jantares formais tornaram-se espaços por excelência de sociabilidade e exibição de *status* socioeconômico da família. Desse modo, nessas ocasiões exigia-se o controle dos gestos pouco polidos e a condução de atitudes elegantes.

Com relação às posturas que as pessoas, sobretudo as mulheres, deveriam seguir em tais eventos sociais, os autores das obras prescritivas explicavam a maneira “correta” de andar, cumprimentar, conversar ou comer à mesa. Começando com a habilidade de ter um “porte elegante”, n’*O lar e a saúde da família*, dizia-se que, por mais que uma mulher tivesse um corpo “bem proporcionado”, se ela não tivesse uma postura ereta, “conveniente” e “graciosa”, todo “garbo e elegancia” desapareceriam, condenando sua “belleza da forma”. Então, aconselhava-se “Não tolereis que os hombros descaiam mollemente para frente, mas conservae-os sempre elasticos e desviados para traz”¹³¹. As posturas sofisticadas eram ensinadas de forma didática e deveriam ser repetidas e praticadas como um exercício físico. Somente quando os gestos eram automatizados é que poderiam parecer naturais e expressar as qualidades pessoais dos indivíduos.

Sobre a chamada “arte de andar”, os manuais *Bôas maneiras* e *Educação*, afirmavam que andar saltitando, balançando os braços, mexendo a cabeça ou sem uma velocidade controlada demonstrava que a pessoa não era bem educada. De fato, a mobilidade acentuada do corpo não era certamente um mal em si, mas tinha como alvo aqueles que não dominavam os códigos de etiqueta.

Não se caminha balançando o corpo como um velho piloto, nem com passo saltitante como o Pisa-flôres do século XVI. Não se balançam os braços ao se andar. Basta para firmar o polegar sobre a palma da mão para conservá-los em perfeita imobilidade. Não se volta a cabeça para todos os lados; não se acompanha alguém com um olhar insistente; não se chama por acenos uma pessoa que passa; não se fala e não se ri alto; não se fazem gestos e não se anda de mão no bolso¹³².

Andar com desleixo, muito devagar ou muito depressa (se a necessidade não forçasse), aos pulinhos, como quem dança, nas pontas dos pés (a não ser em casos especiaes para evitar ruido) ou arrastando-os, com trejeitos ou requebros do corpo: isto tudo é improprio da pessoa bem educada. A cabeça não ande erguida com soberba, nem se maneie com affectação: conserve-se airosa e dignamente, nem muito alta, nem muito baixa. Os braços não hão de baloiçar-se, mas acompanhar com moderação os movimentos do corpo; as mãos nem penduradas com desmazelo,

¹³¹ *LAR e saúde da família*, op. cit., p. 293.

¹³² D’ÁVILA, Carmen. op. cit., p. 24.

nem cerradas com força, nem mettidas nos bolsos [...]. Metter os pollegares nos bolsos ou nas cavas do collete é posição de pessoa ordinária¹³³.

Para aqueles que não sabiam o que e como fazer para caminhar de maneira “correta”, um artigo publicado na *Revista Feminina*, “A arte de andar”, tornava-se muitíssimo útil (figura 76). Como numa coreografia descrita detalhadamente, aprendia-se a posição das mãos, braços, pernas, quadril, cabeça, etc. e todas as etapas do processo:

Durante a marcha o corpo deve estar a prumo sobre a bacia, as ancas immoveis enquanto a cinta se conserva ligeira e flexivel, seguindo sem affectação o movimento impresso ao corpo. O ventre deve entrar para dentro ligeiramente. O corpo inteiro, sem violencia, não deve nunca imprimir movimentos bruscos á cabeça nem esta se deve inclinar muito para diante ou para traz. Podemos ás vezes inclinal-a docemente para um dos lados, o que dá á physionomia uma expressão de languidez que encanta.

Ao contrario do que se dá com o homem, o uso requer que os braços da mulher se balancem durante a marcha. Assim ella deve fixar um dos seus braços ao nivel da cinta, o pulso bem liberto, mas o outro braço cahirá molemento ao longo do corpo. Durante a marcha lenta, as mãos podem-se cruzar por vezes, mas nunca atraz das costas, porque esta attitude é boa para os homens. E’ preciso tambem não deitar os cotovellos para traz quando estão lassos e de os apertar muito de encontro ao corpo [...]. A marcha calma e sem ar *morose*, rapida e sem precipitação deve dar a doce impressão d’uma alma calma, repousada e serena, n’um corpo agil. Essa reunião harmoniosa de compôr não é facil mas é o ideal e é necessario obtel-o. A arte na maneira de marchar firma-se no natural encanto que tanto se afasta da pretenção e do abandono, com a doce graça que se ignora!...

Ha muitas damas que são feias, que não são bem feitas, mas que nos encantam. E porque? procura a causa da attracção que parece não justificar-se. E’ porque são harmoniosas nos seus gestos, nas suas attitudes e porque teem movimentos graciosos.

Muitos julgando que isso é elegante e interessante adoptam uma oscilação d’ancas, o meneio delicioso e celebre das hespanholas. Mas é horrivel com as saias entravadas das nossas elegantes.

Ha damas que marcham, avançando os pés um sobre o outro. O vestido torce-se. São desequilibradas.

Ainda ha outra variedade: a que tem tendencia em se inclinar para a direita e a que se inclina para esquerda [...]. A mulher consciente marcha sempre direita.

Vejam as raparigas novas que marcham aos saltinhos como os pardaes. E’ porque dobram muito o joelho e o vestido resalta d’alto abaixo, horizontalmente, formando dobras horriveis.

O movimento de levantar o vestido reclama igualmente uma graça particular. As pregas devem ser apanhadas n’uma só mão, o forro da saia não deve apparecer e deve-se ter o cuidado de não apertar muito o vestido de lado para não salientar desgraciosamente a anca.

Uma mulher elegante deve estudar no espelho, antes de sahir, a attitude necessaria para arrepanhar com graça o vestido.

Como toda a arte de andar depende mais do artista do que de toda theoria¹³⁴.

Desejando seguir os preceitos de etiqueta em situações sociais, a próxima lição que uma senhora deveria aprender era a “arte de cumprimentar”. Existiam diversas maneiras de saudar uma pessoa, não importando se ela fosse ou não conhecida. De acordo com Gencé, não era educado evitar um cumprimento ou deixar de corresponder a uma saudação, aqueles que

¹³³ MENEZES, Antonio de. *op. cit.*, p. 60.

¹³⁴ “A arte de andar”. *Revista Feminina*, n. 20, jul. 1915, p. 20.

agiam dessa forma eram considerados “grosseiros”, “indelicados” e “mal educados”¹³⁵. Geralmente, indicava-se cumprimentar uma pessoa desconhecida apenas com um aceno com a cabeça. No artigo “A arte de cumprimentar”, da *Revista Feminina*, recomendava-se “inclinando o busto um pouco e com ar gracioso e com um pequeno sorriso. Se não é bonito fixar nos olhos as pessoas, também não é agradável affectar um certo ar excessivamente serio e carrancudo”¹³⁶ (figura 77). Segundo Gencé, essa “inclinação do busto” deveria ser acentuada e natural, porém sem rigidez e pretensão¹³⁷. Quando suas pessoas já eram conhecidas, a saudação se fazia normalmente com um aperto de mão, que deveria ser franco, natural e pouco prolongado – “Os cumprimentos também é cousa muito delicada [...]. O trato do mundo desaprova tudo quanto é exagero. Os cumprimentos excessivos parecem-se com sarcasmos”¹³⁸. Ainda com relação à atitude de estender a mão, os manuais de etiqueta afirmavam que existiam regras estabelecidas de acordo com as hierarquias sociais: a pessoa mais velha deveria oferecer a mão a mais nova, o “superior” ao “inferior”, a mulher ao homem¹³⁹.

¹³⁵ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 78.

¹³⁶ “A arte de cumprimentar”. *Revista Feminina*, n. 28, set. 1916, p. 17-18.

¹³⁷ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 80.

¹³⁸ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 108-109.

¹³⁹ “A arte de cumprimentar”. *Revista Feminina*, n. 28, set. 1916, p. 17-18; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 108-110; FIGUEIREIDO, Jose’ Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 25; GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1925, p. 1-19; 1930, p. 78-83; GRISELINE, *op. cit.*; p. 96-97; MENEZES, Antonio de. *op. cit.*, p. 83-84; STAFFE, La Baonne. *op. cit.*, p. 154-161.

A ARTE DE ANDAR

A excelente chronica de Mand Grissys para as Elegancias, é digna de ser divulgada entre as nossas leitoras que muitas vezes não se apercebem dos mil effeitos que uma mulher pôde tirar da arte graciosa do pisar. São de Mand Grissys as seguintes phrases:

«Toda a gamma das pretensões femininas se manifesta na *allure*. Aquellas que querem ter um grande ar, adoptam a marcha solenne d'un dignitario em representação. Para indicar um coração sensível toma-se a marcha d'uma desilludida, isto é a marcha lenta, que se arrasta no chão, como a da ave ferida. Para simular a vivacidade d'espírito que nos prende, são precisos uns pésinhos saltitantes que avançam e recuam, com rapidez e maneira airosa. Para a resolução e a energia, utilizam-se os tacões altos que ferem a calçada com pancadas seguras e francas e que lembram a fanfarra triumphal, dando um ar vencedor que não admite contradicção; é o passo de conquistadoras

que partem para vencer e se tal conseguem tem razão; mas são ellas sufficientemente graciosas? Duvido... Para parecer immaterial, uma senhora desliza no chão com um passo tão rápido como insensível. Para parecer activa, anda com passadas miudas e precipitadas. Mas que ella não se queira parecer com a aprendiz de costureira, correndo á casa da cliente!

Testemunhamos a delicadeza um pouco espantadiça quando procuramos evitar as outras pessoas que passam, saltando por cima das poças de chuva, afim de nos abrigarmos do contacto da multidão, d'uma maneira bem evidente.

Para ter ar d'uma personalidade importante, segura d'ella mesmo, marchamos d'um passo firme, olhamos para toda a gente, falamos d'alto para que todos nos avistem, se voltem para traz para nos admirar.

Ha tambem a presença bellica, o ar aguerrido das feministas; a cada passo que dão, esmagam um preconceito e affirmam uma reivindicação.

Enfim ha a mulher que quer ser mysteriosa para evitar as observações e toma por vezes os ares diversos, sem adoptar aquelle que a faria catalogar definitivamente.

Durante a marcha o corpo deve estar a prumo sobre a bacia, as ancas immoveis enquanto a cinta se conserva ligeira e flexivel, seguindo sem affectação o movimento impresso ao corpo. O ventre deve entrar para dentro ligeiramente. O corpo direito, sem violencia, não deve nunca imprimir movimentos bruscos á cabeça nem esta se deve inclinar muito para diante ou para traz. Podemos ás vezes inclina-la docemente para um dos lados, o que dá á physionomia uma expressão de languidez que encanta.

Ao contrario do que se dá com o homem, o uso requer que os braços da mulher se balancem durante a marcha. Assim ella deve fixar um dos seus braços ao nível da cinta, o pulso bem liberto, mas o outro braço cairá molemente ao longo do corpo. Durante a marcha lenta, as mãos podem-se cruzar por vezes, mas nunca atraz das costas, porque esta attitude é boa para os homens. E' preciso tambem não deixar os cotovellos para traz quando estão lassos e de os apertar muito de encontro ao corpo.

Ao subir uma escada, devemos ir de degrau em degrau com o pé bem pousado e chegamos assim ao cimo da escadaria, sem nos fatigarmos e sem a attitude grotesca e ridicula que a nossa gravura representa.

A tentação é sempre bem viva em querer representar, por meios facéis, um sonhado personagem. No entanto uma senhora de bom gosto nunca usará taes maneiras, abstando-se de manifestações, não para parecer enigmatica mas para ser reservada... e distincta. A marcha calma e sem ar *morose*, rapida e sem precipitação deve dar a doce impressão d'uma alma calma, repousada e serena, n'um corpo agil. Essa reunião harmoniosa de compôr não é facil mas é o ideal e é necessario obtel-o. A arte na maneira de marchar firma-se no natural encanto que tanto se afasta da pretensão e do abandono, com a doce graça que se ignora!

Ha muitas damas que são feias, que não são bem feitas, mas que nos encantam. E porque? procurae a causa da attracção que parece não justificar-se.

E' porque são harmoniosas nos seus gestos, nas suas attitudes e porque tem movimentos graciosos.

Muitos julgando que isso é elegante e interessante adoptam uma oscilação d'ancas, o meneio delicioso e celebre das hespanholas. Mas é horrivel com as saias entravadas das nossas elegantes.

Ha damas que marcham, avançando os pés um sobre o outro. O vestido torce-se. São as desequilibradas.

Ainda ha outra variedade: a que tem tendencia em se inclinar para a direita e a que se inclina para esquerda. As razões são d'ordem psychica: a primeira é mais pratica que idealista e a segunda é o contrario. A mulher consciente marcha sempre direita.

Vejam as raparigas novas que marcham aos saltinhos como os pardaes. E' porque dobram muito o joelho e o vestido resalta d'alto abaixo, horizontalmente, formando dobras horriveis.

O movimento de levantar o vestido reclama igualmente uma graça particular. As pregas devem ser apanhadas n'uma só mão, o forro da saia não deve apparecer e deve-se ter o cuidado de não apertar muito o vestido de lado para não salientar desgraciosamente a anca.

Uma mulher elegante deve estudar no espelho, antes de sair, a attitude necessaria para arrepanhar com graça o vestido.

Como toda a arte de andar depende mais do artista do que de toda theoria.

(PARA A REVISTA FEMININA).

Figura 76. "A arte de andar". Revista Feminina, n. 14, jul. 1915, p. 20. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

A ARTE DE CUMPRIMENTAR

MUITAS damas não sabem quanto melhor não seria para todas elas se por acaso se mostrassem mais amáveis, mais graciosas e mais polidas, nas relações mundanas. E sobretudo para com os humildes. Não há nada de mais odioso e de mais feio do que ver nos grandes armazéns de modas, nos dias de grande concorrência, damas com um ar zangado, os lábios contrafeitos e acotovelando toda a gente, como as vendedoras do mercado, aos empurrões.

Outras damas acham que é de bom tom affectar um certo ar desdenhoso, deixando cair enfatuadamente as palavras como se fossem preciosas esmolas a indigentes que as não merecem.

A verdadeira graça, a real distincção é pelo contrario ter boas maneiras, ser simples na conversa e ser polida para com todos.

Nas épocas passadas, quanto mais recuamos na historia das velhas côrtes, a polidez era o principal attributo das damas que se distinguiam.

Conheciamos a alta distincção pelo gracioso cumprimento requintado d'uma dama d'origem aristocratica. Oh, como os simples *bons-dias* de hoje, com uma rapida inclinação de cabeça estão bem distantes da linda curva reverenciosa das nossas avós! Reverencia quando se dirigia a um personagem de marca, meia reverencia quando se tratava d'uma pessoa um pouco mais idosa e leve reverencia e graciosa inclinação de cabeça e de busto entre pessoas da mesma sociedade.

Se as amáveis leitoras me permitem vou aqui transcrever uma das pequenas regras da arte d'agradar e das regras da civilidade que não devemos ignorar. Oh, não as reproduzo aqui com o unico fim de dar uma lição ás leitoras que são todas, cremos bem, damas do melhor mundo. E o que vamos dizer aqui, todas, eu e vós leitor, o sabemos de na muito. Mas como ás vezes, me tem succedido a mim mesmo, pode-se praticar uma falta sem o saber e é difficil fazer uma observação áquella que a pratica com receio de receber um remoque qualquer, sobretudo quando tratamos com gente pouco educada.

São notas, ao de leve... Podem no entanto indirectamente prestar um grande serviço a muita gente que d'ellas tirarão immediato aproveitamento.

Eis, antes de tudo, sobre o aperto de mão.

A mulher deve ser sempre a primeira a estender a mão. Um homem que pelo contrario fosse o primeiro a dar-nos a mão seria um individuo grosseiro e sem educação.

Falo necessariamente da primeira vez em que nos encontramos em relações mundanas.

Se temos apenas relações d'amizade, seria estúpido observar certas regras de civilidade excessivamente rigorosas. No entretanto uma grande negligencia em materia de correcção é uma grande falta tanto no homem como na mulher.

Quando elogio a polidez d'outrora não é para vos aconselhar, gentilissimas leitoras! tudo o que se fazia n'essa época distante. Porque eis o que encontrei n'um manual de civilidade, do seculo XVIII e escripto com toda a seriedade reclamada pelo grande seculo:

« Quando temos necessidade d'esgravetar o nariz, devemos voltar as costas, por que seria de mau gosto limpar os buracos do nariz diante de gente estranha. »

E um pouco mais alem, no mesmo manual encontro ainda um outro conselho a que decididamente nos não podemos referir...

Voltemos porem ao assumpto que mais nos interessa.

Muitas vezes, não andamos bem quando occultamos ás meninas e ás damas que de repente se encontram n'um outro meio, a maneira como ellas deverão saudar as pessoas que ali vão encontrar e que são d'uma idade e d'uma situação social differente.

As meninas não devem falar de mais, como se diz vulgarmente. Por exemplo, a mamã, ou um parente, ou uma amiga diz:

— Apresento-lhe a minha filha!

A outra pessoa ordinariamente responde:

— Oh que encantadora criança! como é linda!

E não lhe dirige perguntas ociosas á *linda menina* para não a intimidar.

E se por acaso lhe faz varias perguntas serão estas, pouco mais ou menos.

— Gosta de estudar? Muito bem. Continue assim...

E a menina responde:

— Sim, minha senhora.

— Ou com ingenuidade.

— Oh não tanto como devia estudar...

Figura 77. "A arte de cumprimentar". Revista Feminina, n. 28, set. 1916, p. 17. Acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

Quanto às regras de conversação, os manuais de etiqueta e civilidade aconselhavam, em primeiro lugar, a tomar cuidado para não se cometer erros gramaticais. O uso de neologismos, palavras grosseiras ou gírias também era considerado inapropriado. Aconselhava-se a não mentir, não fazer fofocas, não falar mal de outras pessoas e não agir com exageros¹⁴⁰. No manual *A arte de viver em sociedade*, Maria Amália Vaz de Carvalho explicava que a maneira como uma pessoa se exprimia dava indícios de sua boa ou má educação:

A trivialidade não é o escolho único que deve evitar-se na conversação e nas maneiras. É tão ridículo o emprego de frases grosseiras como a ênfase, a escolha de termos desusados. Ser bem-falante, no sentido um tanto cósmico, que a palavra tem adquirido entre nós, é muito pior ainda do que ser levemente *populacière*. Infelizmente, o calão, o *argot*, tem-se introduzido no alto mundo moderno, pela porta falsa dos *clubs*, dos pequenos teatros, das companhias equivocadas, etc. [...]. A pompa, os adjectivos bombásticos, a exageração nas expressões, a grosseria de termos, a correcção gramatical levada aos extremos da pretensão – tudo isto é igualmente denunciador do pouco habito da sociedade, ou de frequentações pouco elegantes¹⁴¹.

NÃO fale violando as regras da grammatica; estude esta e leia bons autores [...]. [NÃO] ...gesticule na conversação, não pisque os olhos, não franza o nariz, emfim, não faça “caretas” quando estiver falando. A voz foi dada ao homem para exprimir os sentimentos, e é ella bastante para uma pessoa educada¹⁴².

Segundo Antonio Menezes, autor da obra *Educação: Breve compêndio de civilidade*, a linguagem numa conversa deveria ser “natural, correcta, pura, sem affectações, nem exaggeros” que pudessem incomodar a pessoa com quem se dialogava. Para o autor, uma pessoa de “boa educação”,

não mente, não diz palavras inconvenientes, baixas, injuriosas, suspeitas ou ambiguas, nem trata, sobretudo em presença de pessoas graves e de saber, de coisas frívolas; não cita a cada passo adágios e proverbios, nem traz anectodas ou contos sem lhes ponderar muito a graça e a oportunidade: não fala de coisas tristes quando a companhia é alegre, ou de coisas que movam a riso quando a ocasião é de dôr e tristeza, nem trata negocios serios e graves com zombaria e gracejos; não diz mal de ninguém, ainda que seja de seu inimigo, e, se alguém o faz em sua presença, nunca o approva, antes procura defender e desculpar a pessoa accusada, ou se cala; não fala de si proprio, nem se louva ou a cousas suas; não descobre defeitos physicos nem moraes de outrem; emfim não diz graças picantes, nem palavras que possam maguar alguém¹⁴³.

¹⁴⁰ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 207-217; DON'T. *op. cit.*, p. 30-57; DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 93-113; FIGUEIREIDO, Jose' Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 57-69; FOURQUIER, Marcel (Baron). *op. cit.*, p. 38-39; GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1925, p. 442-455; GRISELINE, *op. cit.*; p. 103-109; MENEZES, Antonio de. *op. cit.*, p. 75-79; OUDINOT, Dr. P. C., JAGOT, Paul-Clément. *op. cit.*, p. 67-80; ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1875, p. 148-165.

¹⁴¹ CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 224.

¹⁴² DON'T. *op. cit.*, p. 43.

¹⁴³ MENEZES, Antonio de. *op. cit.*, p. 75-76.

Assim como em todas as outras situações da vida em sociedade, o objetivo numa conversação deveria ser a manutenção do respeito, cuidado e apreço pelos semelhantes. Gesticular, tocar o interlocutor, utilizar uma voz muito alta ou muito baixa, falar sobre si mesmo, interromper a pessoa com quem se conversava, mostrar-se desatento ou monopolizar a fala eram atitudes totalmente condenáveis durante a “arte de conversar”.

[Não] ...seja reservado, frio e distraído. Por outro lado, não se mostre atirado e demasiado expansivo. As maneiras affaveis e calmas são sempre as melhores [...]. [Não] ...toque na pessoa com quem estiver conversando, não fale muito proximo ao rosto da mesma; não gesticule, não se exalte: converse calmo [...]. [Não] ...fale em voz alta, aguda e estridente: fale em tom sufficiente para ser ouvido pelas pessoas com quem estiver conversando. Cultive voz do peito clara; procure moderar as notas altas; mas tambem não fale demasiado baixo [...]. [Não] ...gesticule na conversação, não pisque os olhos, não franza o nariz, emfim, não faça “caretas” quando estiver falando. A voz foi dada ao homem para exprimir os sentimentos, e é ella bastante para uma pessoa educada¹⁴⁴.

Devemos falar correctamente, mas sem affectação, a nossa lingua. A linguagem não deve ser muito elevada, ou muito terra a terra; deve ser proporcionada á cultura da pessoa com quem falamos [...]. Devemos ter sempre cuidado em que a nossa conversação seja moderada, modesta, discreta, sem austeridade nem lisonja. O toma da voz não deve ser alto ou baixo de mais, apressado, grosseiro ou effeminado. Observaremos sempre decencia e moderação nas palavras graciosas que dissermos para recreio do espirito, para não cairmos no absurdo em que caem certas pessoas que nunca se conservam serias na conversação e para as quaes tudo é motivo de riso, de galhofa, divertindo os circumstantes como truões, com loucuras e discursos impertinentes ou com ações ridículas, ás vezes, indecentes ou, o que é ainda peor, com zombarias ás cousas sagradas ou aos defeitos naturaes do proximo¹⁴⁵.

Não se deve gesticular fallando; quando muito a mão acompanha a voz com alguns movimentos discretos, justo o que fôr preciso para não parecer com um ventriloquo que está fallando. Que por curiosidade a gente se ponha n’um canto e siga com os olhos os gestos d’um orador de quem não se ouve a voz: hão de ver o quão parece ridicula mimica mais comedida [...]. Não se deve falar muito alto; entretanto deve-se fallar distinctamente para que todos possam ouvil-o sem estar a cabeça [...]. Os bocejos, qualquer mostra de aborrecimento é interdicto mesmo no correr das mais fastidiosas narrativas¹⁴⁶.

*Une femme qui reçoit des visiteurs doit s'effacer devant eux et, comme c'est elle cependant qui la charge de diriger la conversation, elle aura soin d'aborder des sujets ayant un rapport quelconque avec les goûts ou la profession des personnes présentes*¹⁴⁷.

Sobre os temas que poderiam ser abordados, os autores das obras prescritivas indicavam evitar os assuntos indelicados, inapropriados ou polêmicos, como política e religião. O ideal era escolher uma temática prazerosa, agradável e comum a todos os presentes – “Por assumpto de conversa nunca tomemos cousas triviaes e frívolas ou demasiado conhecidas, nem tão pouco sublimes e pindaricas ou melancolicas e tristes”, lia-se na obra

¹⁴⁴ DON'T. *op. cit.*, p. 30-43.

¹⁴⁵ FIGUEIREIDO, José Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 57- 69.

¹⁴⁶ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 95-98.

¹⁴⁷ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1925, p. 448.

*Regras de civilidade e etiqueta*¹⁴⁸; na obra *Des usages de elegance*, de Marcel Fourquier, a orientava-se: “*Le role de la maîtresse de maison consiste aussi à diriger la conversation selon les particularités pouvant intéresser chacun des visiteurs*”¹⁴⁹. Se uma senhora estivesse no papel de anfitriã, ela seria a responsável pela condução da conversação; para evitar constrangimentos, indicava-se falar sobre arte, literatura, concertos, exposições, viagens e teatros¹⁵⁰, ou seja, temas que pudessem interessar seus convidados: “O trato do mundo manda que se busque os assumptos de conversa que possam interessar seus interlocutores. Evitem de fallar em si, a gente deve se occupar dos outros, se são pessoas bem educadas ellas farão o mesmo a seu respeito”¹⁵¹. Segundo Carvalho, se um determinado assunto indelicado surgisse numa conversa, ela tinha o papel de mudar de temática, evitando o surgimento de qualquer problema: “A dona de casa, que está presidindo a sua recepção mais ou menos íntima, e que tem a má fortuna de deparar com um destes importunos [...], tem toda a desculpa e quase que o dever moral de cortar abruptamente a conversa e de a fazer desviar para outro caminho, que seja inofensivo e de interesse geral”¹⁵².

Sendo assim, pode-se dizer que, por mais que os autores afirmassem que a “arte de conversar” era uma habilidade de fácil condução, percebe-se que ela era regida por uma série de regras de comportamentos que exigiam das senhoras um rígido controle das atitudes corporais.

No que diz respeito aos modos de se portar à mesa, os manuais prescritivos apresentavam uma série de regras que explicavam desde as condutas corporais controladas até a maneira correta de manusear os utensílios apropriados numa refeição¹⁵³. O seguinte excerto, retirado da obra de Antonio Meneses, abrevia perfeitamente tais informações:

Boa educação é tambem não pôr os cotovellos na mesa, mas apoiar sómente os pulsos e pouco mais; não se repimpar na cadeira; não cruzar as pernas, nem as estender ou alargar de modo que toquem nos vizinhos; não mexer com os dedos na comida; não ter os labios sujos, nem beber sem os limpar antes e depois; não comer com pachorra, nem com precipitação; não encher demasiado a bocca, nem falar e beber tendo nella comida; não reparar no que os outros comem ou bebem; não se coçar; não sorver a comida, especialmente a sopa, com ruído; não limpar como guardanapo o prato, os dentes, o nariz, o rosto ou o suor; não metter os dedos na bocca ou no copo; não manchar a toalha com vinho, molho...; não tocar nos ossos

¹⁴⁸ FIGUEIREIDO, Jose’ Sandoval de (Coronel). *op. cit.*, p. 66.

¹⁴⁹ FOURQUIER, Marcel (Baron). *op. cit.*, p. 16.

¹⁵⁰ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 218.

¹⁵¹ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 110.

¹⁵² CARVALHO, Maria Amália Vaz de. *op. cit.*, 1909, p. 144.

¹⁵³ CLESER, Vera. *op. cit.*, p. 263-265; *DONT*. *op. cit.*; GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 119-123; *MANNERS and Rules of good society or solecisms to be avoided*. *op. cit.*, 116-121; ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 191-206; STERN, Renés Bernd. *op. cit.*, 116-121.

com a mão, mas servir-se para isso do garfo e da faca, e deixar a carne, que não possa com elles separar; não cheirar as iguarias; não tomar rapé, nem fumar; não tratar os creados por *tu*, nem os reprehender; não desapertar collete; abocanhar o pão; não voltar as costas ao vizinho para conversar com outro; etc.¹⁵⁴

Assim como é possível notar nessa e em outros manuais, tomado o lugar à mesa, a primeira coisa com que uma pessoa deveria se preocupar era com o gesto de sentar-se. Posicionada no meio da cadeira, a pessoa deveria se manter ereta e sem curvar os ombros. Especial atenção deveria ser dada à cabeça: era o garfo que precisava ser conduzido em direção à boca e não o contrário, a cabeça ser conduzida em direção aos talheres e ao prato. Embora se indicasse manter as mãos posicionadas sobre a mesa, os braços e os cotovelos jamais poderiam permanecer apoiados. Desse modo, recomendava-se tomar cuidado com os movimentos corporais rudes para, sobretudo, não incomodar aqueles que estivessem sentados ao lado; por isso, mexer-se a todo mundo, batucar com as mãos e os pés, virar-se bruscamente, etc. eram ações que deveriam ser controladas para se tornarem atitudes moderadas.

[Não] ...se incline sobre o prato, nem abaixe a cabeça para tomar o bocado. Conserve, tanto quanto possível, attitude perpendicular, mas sem mostrar-se teso [...]. [Não] ...se debruce ou alongue-se pela frente do seu vizinho, afim de alcançar objecto algum. Também não peça á pessoa da mesa que lhe passe cousa alguma, desde que haja criado próximo [...]. [Não] ...se recoste na cadeira, nem se incline ou ponha os cotovellos sobre a mesa [...]. [Não] ...fale com uma senhora quando o seu halito estiver saturado de vinho ou de espirito [...]. [NÃO] ...toque tambôr com os pés no assoalho, com os dedos na cadeira, mesa ou outro objecto, e... não esquite com a perna. A disposição para fazer barulho é signal de selvageria¹⁵⁵.

À mesa deve-se estar naturalmente direito. O corpo não deve tocar na mesa e sobretudo é necessário evitar pôr os cotovelos sobre a toalha.

Sob o pretexto de que se não deve tomar muito lugar, e que cada qual tem o dever, para comodidade de todos, de restringir o mais que possa a sua instalação, não é útil unir os cotovelos ao corpo nem fazer esforços para ocupar o menos espaço possível. Se é interdito incomodar os outros, é ridículo impor-se a si próprio um incómodo voluntário que prejudicará o aspecto geral da pessoa, deixando supor da sua parte perturbação ou timidez.

Em resumo, não usurpa o espaço reservado ao conviva que ser de vizinho, mas também não se deve contrafazer, o que incomodaria aqueles que o notassem, quase tanto como se sofressem materialmente¹⁵⁶.

[...] não mexais com os pés e com os braços de modo que toqueis em vossos vizinhos¹⁵⁷.

[A arte de comer] requer á mesa uma attitude correcta: que não voltemos as costas aos vizinhos, nem nos apoiemos no espaldar das cadeiras, nem nos debrucemos sobre os pratos [...]. Mantenham-se sempre as duas mãos sobre a mesa, numa quietude mansa, sem tocar os objetos, sem uma gesticulação incommoda para os vizinhos,

¹⁵⁴ MENEZES, Antonio de. *op. cit.*, p. 91-92.

¹⁵⁵ DONT. *op. cit.*, p. 10-25.

¹⁵⁶ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 119-120.

¹⁵⁷ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 198.

sem riscar a toalha [...]. [que] os pés estejam tranquilos por baixo da mesa; evitemos passeá-los, cruza-los, encarapitá-los nas travessas das cadeiras¹⁵⁸.

Sobre a forma correta de comer, os manuais de etiqueta recomendavam não mastigar de boca aberta, não falar com a boca cheia, não comer com “voracidade inquieta e precipitada” e nem tão pouco “chupar ruidosamente algum alimento” alojado entre os dentes. Especialmente com relação aos ruídos, era terminantemente proibido gritar, rir alto, estalar os lábios, fazer barulhos com a garganta ou as narinas, etc.; o silêncio durante a refeição só deveria ser quebrado pelas conversas estabelecidas entre os presentes à mesa. Com relação a essa questão, vale acrescentar que inclusive o serviço feito pelos criados também deveria ser feito em profundo silêncio: “O serviço será sempre feito sem o menor ruído; para isso os criados devem usar calçados leves e silenciosos”¹⁵⁹; “Qualquer cousa que o criado tenha de fazer, fal-o sem ruído, não deve prestar atenção ao que se diz diante d’elle; seria inconveniente da parte d’elle rir-se de qualquer pilheria, mesmo dita a elle por uma visita mal educada. O criado deve tomar esses ares de compostura e gravidade que constituem a distincção d’um criado de casa respeitável”¹⁶⁰; “Deve-se falar aos serventes da mesa o menos possível, e mais por gestos que por palavras”¹⁶¹. Indicava-se também adotar a moderação, pois comer e beber em demasiada quantidade era considerada uma atitude deselegante.

[Não] ...assopre a sopa, não a tome fazendo ruído, seja sorvendo, seja engulindo, nem peça para ser servido segunda vez [...]. NÃO coma depressa, nem fazendo ruído com a boca. A pressa á mesa é proprio da gente plebéa. [...]. [Não] ...fale com a boca cheia. E’ mais saudavel e de melhor gosto comer a pequenos bocados [...]. NÃO beba muito vinho: a sobriedade nas bebidas é virtude [...]. [Não] ...beba cerveja, vinho ou espirito de manhã ou no correr do dia: o jantar é a unica ocasião propria para uma pessoa sobria beber¹⁶².

Enquanto se mastiga evita-se falar [...]. Não se come muito depressa, nem se fala com a boca cheia. Também não se deve comer demasiadamente devagar. Deve-se fazer por acabar ao mesmo tempo que os demais convivas [...]. Bebe-se como se como, com sobriedade e sem ruído. Não se deve beber todo o conteúdo de um copo de um só trago, e convem não esquecer passar o guardanapo pela boca antes de beber¹⁶³.

[...] não engulais com precipitação, [...] não assopreis a sopa quando está muito quente, [...] não metais grandes bocados na boca, [...] não mastigueis de maneira que se ouça duma ponta da mesa à outra, [...] não se sirva nenhuma pessoa com a colher de que vos tiverdes servido¹⁶⁴.

¹⁵⁸ D’ÁVILA, Carmen. *op. cit.*, p. 140.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 148.

¹⁶⁰ DUFAUX, Ermance. *op. cit.*, p. 69.

¹⁶¹ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 220.

¹⁶² *DON’T. op. cit.*, p. 10-25.

¹⁶³ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 121-123.

¹⁶⁴ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 198.

Assim, bebe-se e come-se moderadamente, de forma a conservar o espírito leve, a face não congestionada e o corpo livre¹⁶⁵.

Como relação ao uso dos utensílios de mesa, os manuais procuravam descrever a maneira correta de manusear guardanapos, talheres e taças. De acordo com Lima, uma das mais sofisticadas e requintadas formas de uso de talheres foi introduzida pelos ingleses e teria chegado ao Brasil por meio das orientações prescritivas dos manuais de etiqueta¹⁶⁶. Segundo essa tradição, a faca deve ser mantida na mão direita e o garfo na esquerda. Para se cortar um alimento, segura-se o garfo com a parte côncava voltada para baixo e a faca, de forma firme, com o dedo indicador apoiado sobre ela. Com bastante destreza, a comida é acumulada no garfo e levada à boca, tomando cuidado para manter o equilíbrio. Os talheres só permanecem nas mãos enquanto em atividade, devendo ficar pousados sobre o prato quando cessada sua utilidade. Até hoje em voga, essa forma de manuseio dos talheres é bastante conhecida. Embora seja considerada por algumas pessoas como bastante simples, não se pode deixar de apontar que a prática requer considerável treinamento e destreza. Devido a sua complexidade, até a popularização dos talheres individuais, ela servia para estabelecer distinções sociais.

Durante grande parte da história ocidental, a maioria das pessoas usava os dedos para levar os alimentos à boca. O primeiro utensílio que foi empregado em refeições foi a faca, pois existem desde os tempos imemoriais para caçar, cortar, partir, se defender. Inicialmente, a faca era de uso coletivo e destinada basicamente ao corte de carnes. A colher, seguindo o protótipo da própria mão humana, era pouco usada à mesa; servia muito mais para mexer alimentos durante o preparo. Já o garfo, teria surgido na Itália, no final do período medieval, contendo inicialmente dois dentes, para atender à função específica de espetar alimentos; assim como a faca, também era de uso coletivo. A partir do século XVI, os talheres foram se tornando de uso individual à medida que aumentou a necessidade de distanciamento entre as pessoas. Segundo Norbert Elias, a partir do século XVIII os apetrechos de mesa teriam se especializado, dando origem a diversos tipos de colheres (para sopas, sobremesas, chá e café), garfos e facas (para saladas, peixes, carnes, frutas e sobremesas) e copos (para água, vinhos, licores, conhaques e outras bebidas alcoólicas)¹⁶⁷. Sendo assim, os manuais prescritivos informavam que, enquanto a faca era o instrumento utilizado para cortar os alimentos, o garfo deveria ser empregado para levá-los à boca. Fazer uso das mãos para conduzir um alimento à boca, exceto em ocasiões excepcionais como cortar o pão ou comer

¹⁶⁵ D'ÁVILA, Carmen. *op. cit.*, p. 128.

¹⁶⁶ LIMA, Tania Andrade. *op. cit.*, 1995, p. 148.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 139; ELIAS, Norbert. *op. cit.*

alguns tipos de secos, era considerado cada vez mais uma atitude não-civilizada, deselegante e ao mesmo tempo anti-higiênica. Os guardanapos, que deveriam ficar posicionados sobre as pernas, eram utilizados para limpar os lábios após cada garfada e antes da pessoa se servir de uma bebida – jamais se poderia utilizar a toalha ou as mangas da camisa.

[NÃO] ...leve o garfo a boca horizontalmente, como quem dando estocadas: eleve-o em linha perpendicular, fazendo apenas ligeira curva na altura de tomar o bocado [...]. [NÃO] ...atire a cabeça para traz quando bebendo, nem livre o corpo como se quizesse collocar-o invertidamente sobre o nariz. Leve-o perpendicularmente aos labios, fazendo pequeno angulo ao beber. Tambem não pegue no corpo do calice: segure-o pela haste que liga aquella parte ao pé¹⁶⁸.

O guardanapo deve permanecer sobre os joelhos, meio dobrado [...]. O garfo conserva-se na mão esquerda, a não ser para comer os alimentos que não se cortam com faca [...]. Cada vez que se interrompe de comer, põe-se sobre o prato, a faca e o garfo, nunca se descansando o cabo da faca fora do prato. Não devemos nunca servir da faca para levar os alimentos à boca [...]. Não é delicado brincar com a faca ou o garfo nem tão pouco bater com a colher de chá no pires [...]. Para comer uma fruta empregam-se a faca e o garfo. Corta-se primeiro o fruto em quatro bocados, depois descasca-se; em seguida tiram-se as pevides do meio e servimo-nos do garfo para o levar à boca¹⁶⁹.

Entre nós [portugueses], como entre ingleses, para comer as viandas tem-se sempre a faca na mão direita e o garfo na esquerda, e vai-se cortando em pequenos bocados, que se metem duma vez na boca, á proporção que se engolem [...]. E em França, pega-se na faca com a mão direita e na esquerda com o garfo, e parte logo duma vem em bocadinhos a vianda que está no prato, larga-se então a faca, muda-se o garfo para a mão direita, e come-se com ele tomando na mão esquerda o pão, como faz entre nós a gente ordinária¹⁷⁰.

Por fim, além das numerosas regras de portar-se à mesa mencionadas acima, nota-se que algumas delas confundiam-se também com normas de higiene. Por exemplo, espirrar, arrotar, tossir, coçar a cabeça, alisar os cabelos, assoar o nariz ou cutucar os restos de comida presos entre os dentes com palitos, garfos ou facas eram consideradas verdadeiras condutas indelicadas:

Um manual de “bom tom” devia ser iniciado por um capítulo sobre a higiene; mas falar de higiene é sempre contra as boas maneiras [...]. Aqui ficam, pois, apenas alguns preceitos sobre as três maiores catastrofes dos meios elegantes. Não devemos espirrar, bocejar, ou servir-nos do lenço em sociedade [...]. Sobre o espirro e o bocejo, o nosso “contrôle” pode ser perfeito: basta machucar com a unha a extremidade de um dedo, para fazer cessar qualquer dessas manifestações abruptas [...]. Sobre os espirros imprevistos, desses que não dão tempo de nos prevenirmos contra a sua impetuosidade, pode-se ainda, colhendo-os no ar com o lenço usado com presteza, torná-los discretos¹⁷¹.

NÃO coce a cabeça, não metta a mão nos cabellos para alisar-os, quando á mesa, porque isso é improprio [...]. [NÃO] ...deixe de lavar as mãos e o rosto antes de sentar-se á mesa, porque todo o asseio é frescura não são demasiados para tornar a

¹⁶⁸ *DON'T. op. cit.*, p. 11-12.

¹⁶⁹ GENCÉ, Condessa de. *op. cit.*, 1930, p. 119-122.

¹⁷⁰ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 195.

¹⁷¹ D'ÁVILA, Carmen. *op. cit.*, p. 107.

operação da comida menos animal. E' de bom tom mudar de roupa para jantar [...]. [NÃO] ...dê estalos com a boca chupando os denticlos que ficaram nos dentes, nem limpe estes com os dedos¹⁷².

Na França é grande incivilidade servir-se de palito à mesa, nem é coisa que se veja em nenhuma casa, a não ser em casa de pasto; mas entre nós era uso geralmente recebido, e até se punham sobre a mesa, ou se serviam em roda; e agora se põem dois palitos sobre a mesa, à direita de casa conviva. Onde o costume estiver em vigor podeis servir-vos de palito sem reparo; porém, nunca o deixareis ficar na boca, nem o poreis no cabelo, atrás da orelha, na casaca etc., e muito menos falareis tendo-o na boca¹⁷³.

Lendo as normas de comportamento em sociedade prescritas nas obras de etiqueta que passaram a circular por São Paulo com maior intensidade após o aprofundamento da urbanização, percebe-se o que as senhoras das famílias mais abastadas e dos segmentos médios aprendiam a participar, como convidada ou anfitriã, de diversos eventos sociais (visitas formais, chás, jantares, bailes, etc.) e a agir de acordo com os hábitos considerados requintados e elegantes. Conforme se observa nas descrições retiradas dos manuais, a “arte de ser educado” exigia um verdadeiro domínio de si mesmo, ou seja, das atitudes consideradas pouco polidas, por exemplo, no andar, cumprimentar, conversar ou comer à mesa. De acordo com a socióloga Claudine Haroche, o controle de si, ou seja, a moderação de gestos e de atitudes descontroladas, representa um componente essencial do poder e é importante para a manutenção de uma posição de superioridade, ao passo que o “descontrole”, a “excitação” e o “rebuliço” são entendidos como elementos característicos de uma condição de inferioridade; nas palavras da autora: “A mobilidade descontrolada, a excitação, o rebuliço aparecem, então, como signos de uma despossessão, de uma posição de inferioridade, ao passo que o domínio de si representa a posição de uma superioridade, um elemento central da dominação”¹⁷⁴. Desse modo, pode-se dizer que aqueles que não conheciam as regras de comportamento disseminadas pelos manuais prescritivos do início do século XX, tais como as criadas domésticas que trabalhavam nas casas de família paulistanas, eram considerados indivíduos que estavam em uma escala inferior na hierarquia social. Portanto, considera-se que o domínio das normas de etiqueta e civilidade, além de ser um instrumento de integração social¹⁷⁵, servia para diferenciar e distanciar aqueles que dominavam os códigos dos que não dominavam.

¹⁷² DON'T. *op. cit.*, p. 15-16.

¹⁷³ ROQUETTE, José Ignácio. *op. cit.*, 1997, p. 205.

¹⁷⁴ HAROCHE, Claudine. *op. cit.* 36.

¹⁷⁵ Segundo Maria Cecília B. A. Pilla, autora que estuda o ritual de receber convidados para o jantar a partir de manuais de etiqueta e de administração doméstica, o domínio hábil das boas maneiras à mesa podia ser considerado como um instrumento de obtenção de prestígio e consequente fornecedor de símbolos de distinção,

Muitas criadas domésticas, mulheres simples e pobres, vinham de regiões rurais em busca de emprego na capital paulista. Guardando hábitos tradicionais associados à escravidão e à vida no campo, como acocorar-se, sentar-se no chão ou deitar-se sobre esteiras, elas eram estigmatizadas como “desleixadas”, “descuidadas” e “indolentes”. Em um artigo da *Revista Feminina*, em que o texto de uma peça de teatro infantil era reproduzido, a personagem Rufina, uma “creada” desalinhada e preguiçosa, era ridicularizada por seus hábitos e condutas corporais rústicos:

Approximam-se as festas escolares de fim de anno. A Revista que se não esquece de suas amiguinhas publicará pequenas scenas para serem recitadas naquellas festas.
[...].

Rufina é nossa creada. Pre...gu...i...ço...sa... até alli! [...] Quando mamãe a chama ella custa a vir e mamãe grita:

- Oh, lerda!

Rufina já sabe que é com ella, mas vem de vagarzinho, com os chinellos que foram de papai... toc... toc... toc... (imita o andar da creada). A saia anda sempre assim, cahindo... (gesto) o cabelo, assim (erica os cabellos) sem pentear... Para tomar banho precisa mamãe mandar... e quando ella pede sabão mamãe diz que é melhor caco de telha... Eu rio muito della quando ella tem de bater ovos para fazer pão-de-ló. Papai gosta delle bem macio, muito fofinho... E mamãe põe-se a gritar:

- Bate, Rufina, bate mais!

A coitada da Rufina, suando, vae batendo, batendo assim (gesto). De repente ella cança e para. Mamãe grita-lhe:

- Você é pr...i...gui...ço...sa Rufina! [...] ¹⁷⁶.

Sendo assim, pode-se dizer que as posturas chiques que eram ensinadas nos manuais de etiqueta e civilidade, ao serem colocadas em oposição aos padrões corporais tradicionais, também serviam para diferenciar patroas e empregadas domésticas, reforçando dentro de casa as distâncias sociais que existiam entre elas. Comer com as mãos, acocorar-se, sentar-se no chão, deitar-se em esteiras, andar vagarosamente, expressar-se com o uso do corpo e das mãos, atitudes comuns de muitas criadas oriundas do campo e imigrantes, eram entendidos como hábitos rudes e “não-civilizados”. D. Risoleta relatou que se sentava no chão para consolar suas patroas em momentos de tristeza: “Eu que tivesse vontade de trabalhar, que serviço não faltava e eu não era preguiçosa; então conquistei as patroas, elas gostavam de mim, eu gostava delas. Se tinham tristezas, eu sentava no chão e ficava fazendo um carinho pra elas”¹⁷⁷. Tendo a hierarquia entre patroas e empregadas ameaçada pelos laços de amizade e de solidariedade que se estabeleciam entre essas mulheres, as atitudes elegantes das patroas ajudavam a marcar as distâncias sociais.

diferenciação e integração social, relacionado a questões à cultura e ao poder. Cf. PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. *op. cit.*, 2004.

¹⁷⁶ “Theatro da Revista Feminina. O Lorgnon (monologo para creanças)”. *Revista Feminina*, n. 42, nov. 1917, p. 31.

¹⁷⁷ Depoimento de D. Risoleta. In: BOSI, Ecléa. *op. cit.*, p. 382.

Portanto, mais do que uma forma de demonstrar, em recepções, jantares, festas e bailes, o prestígio social das famílias paulistanas, a etiqueta, definida como a “arte de ser bem educado”, serviu para reforçar as distâncias que existiam entre patroas e empregadas domésticas. Sendo necessário o domínio completo de si mesmo para a construção de posturas elegantes e requintadas, as “boas maneiras” foram entendidas como componentes do poder importantes para a manutenção de uma posição de superioridade. Como as relações entre patroas e empregadas implicavam uma aproximação, que poderia inclusive gerar uma identificação entre essas mulheres, estratégias de discriminação se faziam necessárias para a manutenção das hierarquias sociais. Sendo assim, nesse jogo de aproximações e distanciamentos, as representações, o repertório de objetos, as práticas domésticas, os hábitos de higiene e as atitudes corporais diferenciados teriam contribuído para a conformação das identidades diferenciadas dessas mulheres.

Considerações finais

Em janeiro de 2013, a *Organização Internacional do Trabalho* (OIT) divulgou um estudo apontando o Brasil como o país com o maior número de empregados domésticos no mundo – na época, estimava-se 7,2 milhões de profissionais, sendo 6,7 milhões mulheres e 504 mil homens⁹⁶¹. Embora tais dados tenham sofrido alterações nos últimos anos – recentemente (mais precisamente em abril de 2015), um estudo da *Fundação Seade* e do *Dieese*, com base em informações da *Pesquisa de Emprego e Desemprego* (PED)⁹⁶², informou a diminuição da parcela de mulheres que trabalham como empregadas domésticas na região metropolitana de São Paulo –, pode-se dizer que ainda é alto o número de brasileiras empregadas no serviço doméstico. Ambas as pesquisas também apontam para o número de mulheres negras contratadas como empregadas domésticas: mais de 50% das profissionais. Supõe-se que as alterações nos índices de São Paulo tenham relação com o aumento do nível de escolaridade da população jovem, que estaria buscando outras alternativas de ocupação.

Outro dado importante apontado pelo estudo da *Fundação Seade* e do *Dieese* diz respeito ao número de trabalhadores domésticos formais: em 2014, a parcela de mensalistas com carteira assinada cresceu para 40,9% do total, contra 38,6% em 2013, enquanto o contingente sem carteira assinada caiu de 23,3% para 20,3% no período. Considera-se que essa mudança se deve à aprovação da Proposta da *Emenda Constitucional n.º 72*⁹⁶³ – embora alguns pesquisadores ainda considerem muito cedo para se observar os impactos gerados por sua provação. Conhecida como “PEC das Domésticas”, a proposta aprovada em 2013 tem o objetivo de estender à categoria os direitos básicos garantidos aos demais trabalhadores urbanos e rurais, como jornada de trabalho de oito horas diárias e 44 horas semanais, férias remuneradas, 13º salário, hora extra, adicional noturno, licença-maternidade e licença-

⁹⁶¹ Brasil tem o maior número de domésticas do mundo, diz OIT. Disponível em <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/01/brasil-tem-o-maior-numero-de-domesticas-do-mundo-diz-oit.html>>. Acesso em maio 2015; Domestic Workers Across the World: Global and regional statistics and the extent of legal protection. Disponível em <http://www.ilo.org/travail/Whatsnew/WCMS_173363/lang--en/index.htm>. Acesso em maio 2015; Quase 20 milhões de pessoas realizam trabalho doméstico remunerado na América Latina. Disponível em <<http://www.oit.org.br/content/quase-20-milhoes-de-pessoas-realizam-trabalho-domestico-remunerado-na-america-latina>>. Acesso em maio 2015; Sonho suspenso. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/colunas/andresinger/2015/05/1629824-sonho-suspenso.shtml>>. Acesso em maio 2015.

⁹⁶² Proporção de domésticas cai e formalidade cresce em SP, diz Dieese. Disponível em <<http://atarde.uol.com.br/economia/noticias/1675720-proporcao-de-domesticas-cai-e-formalidade-cresce-em-sp-diz-dieese>>. Acesso em maio 2015.

⁹⁶³ EMENDA CONSTITUCIONAL Nº 72, DE 2 DE ABRIL DE 2013. Disponível em <http://portal.mte.gov.br/trab_domestico/emenda-constitucional-n-72/>. Acesso em maio 2015.

paternidade, entre outros. Outros benefícios como FGTS, seguro contra acidentes de trabalho, indenização em caso de demissão sem justa causa, salário-família e seguro-desemprego ficaram em negociação e foram votados recentemente, encerrado o processo de regulamentação da PEC em maio de 2015. Conforme apontam notícias, a aprovação do projeto no Senado foi avaliada de forma positiva por muitos empregados domésticos, considerando que a entrada em vigor das novas regras, além de aumentar o número de trabalhadores formais na categoria, poderá também valorizar a profissão⁹⁶⁴. Lembrando que uma das primeiras tentativas de regulamentação do serviço doméstico data do final do século XIX, a aprovação da *Emenda Constitucional n.º 72* pode ser encarada também como uma vitória para aqueles que buscavam igualdade de direitos⁹⁶⁵.

Assim como a aprovação da “PEC das Domésticas” procura reverter o grau de exclusão dos trabalhadores domésticos, pesquisas acadêmicas desenvolvidas em diferentes áreas, como a Antropologia, Psicologia, Geografia, Sociologia, Direito e História, vêm tentando corrigir nos últimos anos a falta de atenção dada ao tema. Como foi discutido no capítulo introdutório, desde as décadas de 1970 e 1980 têm surgido importantes pesquisas cujo foco principal é o trabalho doméstico (remunerado ou não). Tendo em vista o muito que ainda é preciso para que o tema se estabeleça como relevante no âmbito acadêmico, esta pesquisa pretendeu ser uma contribuição para os estudos do trabalho doméstico no Brasil.

O foco foi mantido na cidade de São Paulo, entre o final do século XIX e o início do século XX. Concentrada a atenção sobre as relações entre patroas e empregadas, o objetivo era analisar a construção de suas identidades no espaço doméstico a partir das diferenças étnicas, sociais e de gênero, sob a perspectiva da cultura material. A hipótese desenvolvida foi a de que os objetos e os espaços da habitação atuavam como indutores de comportamentos e hábitos corporais; ela baseou-se no papel ativo que as práticas domésticas diferenciadas entre patroas e empregadas teriam na conformação de identidades igualmente diferenciadas. Constatou-se que as relações se davam a partir de um jogo de práticas de aproximações e distanciamentos, indicando que as identidades dessas mulheres se formaram também por meio da mobilização de artefatos que agiam de modo semelhante. Em outras palavras, embora a

⁹⁶⁴ Patrão vai pagar alíquota menor de INSS de domésticas. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/noticia/economia/2015-05-07/patrao-vai-pagar-aliquota-menor-de-inss-de-domesticas.html>>. Acesso em maio 2015; Trabalhadoras domésticas comemoram novas regras da profissão. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2015-05/domesticas-comemoram-novas-regras-de-sua-profissao>>. Acesso em maio 2015.

⁹⁶⁵ Em 1943, a *Consolidação das Leis do Trabalho* (CLT) ignorou a categoria, sob a alegação de que as trabalhadoras domésticas desempenhavam atividades de caráter não econômico. Novamente em 1988, a *Constituição Federal* limitou o acesso delas a somente nove dos 34 direitos garantidos aos demais trabalhadores.

condição de seres do mesmo gênero supostamente as identificasse, as práticas individuais as distanciavam; dimensões materiais e simbólicas atuavam de modo indissociável, em um jogo de aproximações e distanciamentos, em que se construíam concretamente, de fato, as fronteiras entre estes dois tipos de mulheres.

Para a pesquisa foram consultadas diversas fontes textuais e iconográficas, como matérias publicitárias, textos de memorialistas, relatos de viajantes, periódicos da época, legislação sanitária e de saúde, legislação sobre o serviço doméstico e dados censitários da cidade de São Paulo, mas o foco principal foi mantido em um conjunto de 42 manuais prescritivos de comportamento, organizados em quatro categorias: manuais de etiqueta, manuais de economia doméstica, manuais de puericultura e manuais de higiene e saúde. Essa documentação se mostrou especial, pois, além de ser farta e de ter sido muito pouco explorada, apresenta descrições de ambientes, procedimentos relativos ao trabalho doméstico, à higiene pessoal e da casa, orientações sobre o relacionamento entre patrões e empregados. Ademais, como hoje existem poucas fontes que permitem ao historiador compreender a vida dessas mulheres no contexto estudado, os manuais prescritivos permitiram perceber, nas entrelinhas, um pouco a que situações as empregadas domésticas estavam submetidas. Contudo, como se trata de obras que descrevem ações idealizadas, a documentação não permite que o pesquisador entenda as condições psico-sociais desses atores sociais. Desse modo, a cultura material se torna um meio de entrada para se pensar essas questões. Se aos historiadores é impossível observar sociedades do passado em funcionamento, diferente do que faz, por exemplo, um antropólogo ou etnólogo, pode-se inferir, a partir dos vestígios preservados no presente (imagens, relatos de viajantes e de memorialistas, artefatos e, no caso deste trabalho, obras como os manuais femininos), os objetos em ação e, assim, relações interpessoais.

Bibliografia e fontes documentais

Manuais femininos¹

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das Noivas*. 2a. edição. Rio de Janeiro/São Paulo/ Minas: Francisco Alves & Cia., 1905. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade e Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- _____. *Livro das Donas e Donzellas*. Desenhos de Jeanne Mahieu. Rio de Janeiro/ São Paulo/ Belo Horizonte: Francisco Alves & C.a., 1906. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**
- ALMEIDA JUNIOR, A. de; MURSA, Mario. *O livro das mães: noções de puericultura*. 2.^a ed. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1922. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade e Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- _____. *Noções de puericultura: Higiene infantil, amamentação, regimes alimentares, educação, a criança doente*. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1927. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- BASSANVILLE, Mme la Comtesse de. *L'art de Bien Tenir une Maison*. Paris: Librairie H. Anière A. Broussois, Librairie – Éditeur, 1888. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- BRUCH, A. (Le Docteur). *Cours de puériculture en dix leçons*. Paris: A. Maloine, 1912. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**
- BURGGRAEVE, Le Dr. *Manuel des maladies des enfants avec leur traitement dosimétrique dédié aux jeunes mères*. [S.l.]: Grand Chez L'auteur, 1888. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. *Mulheres e crianças: Notas sobre a educação*. 2.^a ed. Porto: Empresa Litteraria e Typographica – Editora, 1887. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- _____. *A arte de viver na sociedade*. 4.^a ed. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira. 4.^a ed., [S.l.]: 1909. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**
- CLESER, Vera A. *O lar domestico: conselhos praticos sobre a boa direcção de uma casa*. Sabará/MG: Unico agente vendedor A. Dilli/ S.Paulo Typographia de Oscar Monteiro, 1913. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade, Biblioteca do IEB-USP, Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP, Biblioteca da Unicamp)**
- D'ÁVILA, Carmen. *Bôas Maneias: Manual de Civilidade*, Rio de Janeiro: Editora Companhia Nacional S/A, s.d. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade, Colégio de Santa Inês e Colégio Rio Branco)**
- DE BREST, Dr. G. Anner. *Guia das mães e das amas: Biblioteca Malheiro*. Tradusida do original francez por Antonio Vieira Lopes. Porto: Livraria Portuense, 1877. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**
- DELORME, Marie. *Les petits cahiers de Mme Brunet: gouvernement de la famille, hygiène et médecine usuelles, recettes de ménage, économie domestique, calendrier de la bonne ménagère: dialogues*, 11^a ed., Paris : Armand Colin, 1904. **(Biblioteca da Unicamp)**
- DON'T, *Manual de erros e impropriedades mais ou menos usuas na conversação e nas maneiras*. Traduzido livremente do inglez. Rio de Janeiro, 1926. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade, Colégio Rio Branco, Biblioteca Museu Paulista da USP)**
- DONNADIEU, Joseph Alexandre Thomas. *Pour lire en attendant bébé: Conseils aux jeunes mères*. 10^a ed., 1921. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**
- DUFAUX, Ermance. *O trato do mundo na vida ordinária e nas cerimônias civis e religiosas*. Trad. e Adap. de Simões da Fonseca, Rio de Janeiro/Pariz: H. Garnier, Livreiro-Editor, S.d. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

¹ Ao lado das referências dos manuais, o leitor pode verificar o acervo onde foi localizada cada obra.

FIGUEIREIDO, Jose' Sandoval de (Coronel). *Regras de civilidade e etiqueta*: organizadas para os alumnos do curso especial militar da Força Publica, São Paulo: Typographia da Força, 1926. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

FOURQUIER, Marcel (Baron). *Des usages et de l'élégance*, 3eme édition, Paris: Émile Paul, 1925. **(Biblioteca da PUC-SP, Biblioteca do IEB-USP)**

GALTIER-BOISSIERÈ. *Notions élémentaires d'hygiène pratique suivies d'un appendice contenant tous les renseignements utiles à consulter par les familles*. Paris: Armand Colin, 1913. **(Biblioteca do IEB-USP)**

GENCÉ, Condessa de. *Tratado de Civilidade e Etiqueta*. 14ª ed. Lisboa: Guimarães, [1930]. **(Colégio de Santa Inêz e Biblioteca da PUC-SP)**

_____. *Savoir-Vivre et Usages Mondains*. Paris, Albin Michel, Éditeur, 1925. **(Biblioteca da PUC-SP)**

GRISELENE, Pseud. *Manuel du savoir-vivre, Bibliothèque de la femme chez elle*. Paris: Librairie de "La Femme Chez Elle"/François TEDESCO, 1903. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

KEHL, Renato. *Bíblia da Saude: Hygiene*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**

KNEIPP, Sebastian. *O cuidado das creanças quando sans e quando doentes; ou Avisos e conselhos a respeito da hygiene e medicina de infancia*. 3ª. ed. Porto Alegre: Mayer, 1897. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

[O] *LAR e saude da familia: Manual domestico*. 5.ª ed. São Paulo, Sociedade Promotora da Saude no Brasil: Estação de São Bernardo, [1922]. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP e Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

LAR FELIZ: Manual de Economia Domestica, de Jardinagem, de Avicultura, etc. para uso das jovens mães e de todos quantos amam se lar. São Paulo: Livraria Agricola da "Chacara e Quintaes", 1916. **(Biblioteca Museu Paulista da USP)**

LEARNED, Ellin Craven. *Good manners for boys and girls*. New York: Frederick A. Stokes company, 1923. **(Biblioteca do IP-USP)**

LUNEL, B. *Guide pratique d'économie domestique*. Paris: Hetzel, s.d. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

MAGALHAES, J. A. de. *Lições de hygiene*. Porto: Empresa Literária e Typográfica, 1921. **(Biblioteca do IEB-USP)**

MANNERS and Rules of good society or solecisms to be avoided: By a member of the aristocracy. 46.ª ed. London: Frederick Warne and Co. Ltd. and New York, 1926. **(Biblioteca da PUC-SP)**

MENEZES, Antonio de. *Educação: Breve compêndio de civilidade*. 2.ª Ed. Melhoramentos: São Paulo, 1924. **(Biblioteca Municipal Mario de Andrade)**

MONCORVO FILHO, Artur. *Hygiene infantil*. Rio de Janeiro: Nacional, 1917. **(Biblioteca do IEB-USP)**

MULON, Dr. Clotilde. *Manuel élémentaire de Puericulture à l'usage des merès, des infirmières visiteuses, du personnel des creches, pouponnières, chambres d'allaitement, garderies, consultations de nourrissons et des diverses ouvres d'assistance a la maternité*. 12ª ed. Paris: Masson et Cie, 1925. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**

OUDINOT, Dr. P. C., JAGOT, Paul-Clément. *Méthode Pratique de Développement du Charme Personnel*, Paris: Édition Drouin, 1928. **(Biblioteca da PUC-SP)**

PEIXOTO, Afranio. *Noções de Higiene*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1921. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP, Biblioteca Municipal Mário de Andrade)**

PÉREZ, Dr. Juan Fernán. *Cartas a una novia: Consejos de Puericultura*. Madrid: Centro Editorial Minerva, Madrid, 1929. **(Biblioteca da PUC-SP)**

ROQUETTE, José Ignacio. *Código do bom tom; ou, Regras da civilidade e de bem viver no XIX século. Nova edição corrigida e consideravelmente aumentada*. Paris: Aillaud, 1875. **(Biblioteca Municipal Mário de Andrade)**

ROQUETTE, José Ignácio. *Código do bom tom; ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Organização Lilia Moritz Schwarcz). **(Biblioteca Municipal Mário de Andrade, Biblioteca da FFLCH-USP)**

RUDAX, P.; MONTET, Ch. *Guide pratique de la mère: les deux premières années de l'enfant. Notions élémentaires de puericulture*. Paris: Masson et Cie, 1927. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**

SOUZA, Bento Jordão. *Manual da dona-de-casa: industria de domicilio, receitas e processos caseiros, arte culinaria, etc.* São Paulo: Hennies, 1916. **(Biblioteca Municipal Mário de Andrade)**

STAFFE, La Baronne. *Usages du Monde: règles du savoir-vivre dans la société moderne*. Paris: Ernest Flammarion, s.d. **(Biblioteca de Livros Didáticos FEUSP)**

STERN, Renés Bernd. *Standard book of etiquette: social forms and good manners for all occasions*. Chicago: Laird & Lee, Inc., 1924. **(Biblioteca Municipal Mário de Andrade)**

Publicações

AMERICANO, Jorge. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Saraiva, 1957.

_____. *São Paulo naquele tempo (1895-1915)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *São Paulo nesse tempo (1915-1935)*. São Paulo: Saraiva, 1962.

BARROS, Maria Paes de. “No tempo de dantes”. In: MOURA, Carlos Eugênio de (org.). *Vida Cotidiana em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial; Editora Unesp; Imprensa Oficial, Sec. Estado da Cultura, 1998, p. 77-140.

BINZER, Ina von. *Os Meus Romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BRUNO, Ernani Silva. *Depoimentos de Moradores e Visitantes: 1553-1958*. São Paulo: SMC, 1981.

_____. *História e Tradições da cidade de São Paulo*, 4.^a edição. São Paulo: Editora Hucitec, 1983.

Legislação

Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo.

Anais da Câmara Municipal de São Paulo, 1890 a 1930.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 72, de 2 de Abril de 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc72.htm>. Acesso em maio 2015.

Coleção de Leis e Posturas Municipais Promulgadas pela Assembleia Legislativa Provincial de São Paulo de 1886. Resolução 62, 1886, p. 52-53, Arquivo Municipal Washington Luís.
Leis e Resoluções da Câmara Municipal de São Paulo, 1894 a 1930.

Periódicos

A Cigarra, 1914-1930.

Anuários do Ensino do Estado de São Paulo. São Paulo: *Directoria Geral da Instrução Publica*, 1907-1930.

Boletim do Departamento Estadual do Trabalho, 1911-1927.

Revista Feminina, 1915-1926.

O Estado de São Paulo, 1875-1930.

Páginas na internet

Acervo Estadão. Acervo digital d'O Estado de São Paulo. Disponível em <<http://acervo.estadao.com.br/?>>.

BRASIL DE FATO. PEC das Domésticas corrige omissão da Constituição. 01/04/2013. Disponível em <<http://www.brasildefato.com.br/node/12504>>. Acesso em 02 ago. 2013.

Brasil tem o maior número de domésticas do mundo, diz OIT. Disponível em <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/01/brasil-tem-o-maior-numero-de-domesticas-do-mundo-diz-oit.html>>. Acesso em maio 2015.

Câmara aprova regulamentação de direitos trabalhistas das domésticas. Disponível em <<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2015/03/camara-aprova-regulamentacao-de-direitos-trabalhistas-das-domesticas.html>>. Acesso em 30 mar. 2015.

Centre Dentaire: Dental centre. Disponível em <<http://visitourdentalfamily.ca/facts--trivia/dental-floss/>>. Acesso em 30 abril 2015.

“Conselho de Administração da OIT analisa situação dos trabalhadores domésticos no mundo”. Disponível em <<http://www.oitbrasil.org.br/content/conselho-de-administracao-da-oit-analisa-situacao-dos-trabalhadores-domesticos-no-mundo>>. Acesso em 9 jul. 2014.

Domestic Workers Across the World: Global and regional statistics and the extent of legal protection. Disponível em <http://www.ilo.org/travail/Whatsnew/WCMS_173363/lang--en/index.htm>. Acesso em maio 2015.

ETEC CARLOS DE CAMPOS. Centro de Memória DA ETEC CARLOS DE CAMPOS. Disponível em <http://www.etecarlosdecampos.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=120&Itemid=142>. Acesso em 07 jul. 2013.

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP. Biblioteca do Livro Didático. Disponível em <<http://www4.fe.usp.br/biblioteca/acervos/biblioteca-do-livro-didatico>>. Acesso em 07 jul. 2013.

“Mappin faria 100 anos; relembre a história da loja de departamentos”. Disponível em <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/12/10/mappin-faz-100-anos-relembre-a-historia-da-loja-de-departamentos.htm>>. Acesso em 28 abr. 2015.

MUSEU DA CASA BRASILEIRA. Disponível em <<http://www.mcb.org.br/>>. Acesso em mar. 2015.

MUSEU PAULISTA DA USP. Museu Paulista recebe coleção de peças publicitárias da famosa loja Mappin. Disponível em <<http://www.mp.usp.br/>>. Acesso em 08 ago. 2013.

OLD & INTERESTING. Disponível em <<http://www.oldandinteresting.com/history-of-washing-clothes.aspx>>. Acesso em 10 dez. 2014.

Patrão vai pagar alíquota menor de INSS de domésticas. Disponível em <<http://odia.ig.com.br/noticia/economia/2015-05-07/patrao-vai-pagar-aliquota-menor-de-inss-de-domesticas.html>>. Acesso em maio 2015.

Proporção de domésticas cai e formalidade cresce em SP, diz Dieese. Disponível em <<http://atarde.uol.com.br/economia/noticias/1675720-proporcao-de-domesticas-cai-e-formalidade-cresce-em-sp-diz-dieese>>. Acesso em maio 2015.

Quase 20 milhões de pessoas realizam trabalho doméstico remunerado na América Latina. Disponível em <<http://www.oit.org.br/content/quase-20-milhoes-de-pessoas-realizam-trabalho-domestico-remunerado-na-america-latina>>. Acesso em maio 2015.

Sonho suspenso. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/login-colunista.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/colunas/andresinger/2015/05/1629824-sonho-suspenso.shtml>>. Acesso em maio 2015.

Trabalhadoras domésticas comemoram novas regras da profissão. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2015-05/domesticas-comemoram-novas-regras-de-sua-profissao>>. Acesso em maio 2015.

Acervos Institucionais

Acervo Estadão. Acervo digital d'O Estado de São Paulo.

Biblioteca do Livro Didático (BLD) da Faculdade de Educação da USP. Coleção Macedo Soares e Coleção Paulo Bourroul. São Paulo.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Coleção Geral e Setor de Obras Raras. São Paulo.

*Biblioteca Nadir Gouvêa Kfour*i da PUC-SP. São Paulo.

Biblioteca do IEB-USP. São Paulo.

Biblioteca do Colégio de Santa Inês. São Paulo.

Centro de Memória da Saúde Pública. Faculdade de Saúde Pública/USP.

Centro de Memória e acervo Histórico do CRE Mario Covas. Centro de Referência em Educação. São Paulo.

Museu da Casa Brasileira. Acervo Equipamentos da Casa Brasileira, Usos e Costumes – Arquivo Ernani Silva Bruno, séculos XV – XIX.

Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Arquivo do Mappin. São Paulo.

Bibliografia

ABRAHÃO, Eliane Morelli. *Morar e Viver na Cidade. Campinas (1850-1900): mobiliário e utensílios domésticos*. São Paulo: Alameda, 2010.

ACAYABA, Marlene Milan (coord.); GUERRA, José Wilton; SIMÕES, Renata da Silva; ZERON, Carlos Alberto (orgs.). *Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira*. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, Imesp, Edusp, 2001, 4 vols.

ALMEIDA, Jane Soares de. Currículos da Escola Normal Paulista (1846-1920): Revendo uma Trajetória. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Brasília, v. 76, n. 184, p. 665-689, set./dez. 1995. Disponível em <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/276/278>>. Acesso em 26 abr. 2014.

ALVIN, Zuleika; PEIRÃO, Solange. *Mappin: Setenta Anos*. São Paulo: Ex-Libris, 1985.

ARAÚJO, Maria Lucília Viveiros de. Os interiores domésticos após a expansão da economia exportadora paulista. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. Nova Série. v.12. p. 129-160. jan./dez. 2004.

ARNOLD, Erik; BURR, Lesley. "Housework and the Appliance of Science". In: ARNOLD, Erik et alii. *Smothered by Invention: Technology in Women's Live*. Londres, Pluto, 1985, p.145-161.

ARRUDA, Márcia Bomfim. *Objetos Turbulentos, Territórios Instáveis: Uma História das Representações dos Aparelhos Elétricos no Espaço Doméstico (1940-60)*. 2010. 250 f. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2010.

AYNSLEY, Jeremy; GRANT, Charlotte. *Imagined Interiors: Representing the Domestic Interior since the Renaissance*. London: V&A Publications, 2006, p. 32-33.

BARBUY, Heloisa, *A Cidade-exposição: Comércio e Cosmopolitismo em São Paulo, 1860-1914*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. "O bello sexo: imprensa e identidade feminina no Rio de Janeiro em fins do século XIX e início do século XX". In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Rebeldia e submissão: estudos sobre a condição feminina*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1989, p. 79-99.

BLAY, Eva Alterman. *Eu não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

BOARINI, Maria Lúcia. "Higienismo, Eugenia e a Naturalização do Social". In: _____ (Org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003, p. 20-43.

BOCK, Gisela. "Challenging Dichotomies: Perspectives on Women's History". In: OFFEN, Karen; PIERSON, Ruth Roach; RENDALL, Jane (Eds.). *Writing Women's History: International Perspectives*. London and Bloomington: Indiana University Press, 1991, pp. 1-24.

BOIVIN, Nicole. *Material cultures, Material minds: The impact of things on human thought, society, and evolution*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2008.

BONADIO, Maria Claudia. *Moda: costurando mulher e espaço público. Estudo sobre a sociabilidade feminina na cidade de São Paulo 1913-1929*. 2000. 184 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

BONDUKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: Arquitetura Moderna, Lei do Inquilinato e Difusão da Casa Própria*. 4.^a ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

BORREGO, Maria Aparecida de Menezes. *A Teia Mercantil: Negócios e poderes em São Paulo colonial (1711-1765)*. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2010.

_____. Laços familiares e aspectos materiais da dinâmica mercantil na cidade de São Paulo (séculos XVIII e XIX). *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.18. n.1. p. 11-41. jan.- jun. 2010.

BOXSHALL, Jan. *Good housekeeping: Every Home Should Have One*. London: Ebury Press Random House, 1997, p. 16-19.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond; BRAGA, Paulo Drumond. “Civildades. Porquê? Para quê? Para quem?”. In: _____. *A arte de viver em sociedade: Estudo e actualização do texto*. Lisboa: Colares editora, 2003, p. 9-42.

CAMPOS, Cristina. A promoção e a produção das redes de águas e esgotos na cidade de São Paulo, 1875 -1892. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N.2, v.13. p. 189-232. jul./dez. 2005.

CARVALHO, Maria Cristina Wolff de. Bem-morar em São Paulo, 1880-1910: Ramos de Azevedo e os modelos europeus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 4, p. 165-200, jan./dez. 1996.

_____. *Ramos de Azevedo*. São Paulo: Edusp, 2000.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica. *Anais do Museu Paulista*, vol.8-9, no.1, p. 293-324, 2003.

_____. *Gênero e Artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material - São Paulo, 1870 - 1920*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2008.

_____. Cultura material, espaço doméstico e musealização. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.443-469, jul.-dez., 2011.

CECCHIN, Cristiane; CUNHA, Maria Teresa Santos. “Tenha Modos!” Educação e Sociabilidades em Manuais de Civilidade e Etiqueta (1900-1960). In: *X Simpósio Internacional: Processo Civilizador*, Campinas, SP, 2007.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. “Distinção e divulgação: a civilidade e seus livros”. In: *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2004, p. 45-90.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

COWAN, Ruth Schwartz. The ‘Industrial Revolution’ in the Home. Household Technology and Social Changes in 20th-century. In: *Technology and Culture*, Chicago, v. 17, n. 1, p.1-23, 1979.

_____. *More Work for Mother*. New York: Basic Books, 1983.

CRUZ, Heloisa de Faria (org.). *São Paulo em Revista: Catálogo de Publicações da Imprensa Cultural e de Variedades Paulistana 1870-1930*. São Paulo: Contexto, 1989.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Os dizeres das regras: um estudo sobre manuais de civilidade e etiqueta. In: III Congresso Brasileiro de História da Educação, 2004, Curitiba/PR. CD Rom/ III Congresso Brasileiro de História da Educação. Curitiba: PUC/PR e SBHE, 2004. v. 1. p. 60-75. Disponível em <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo4/488.pdf>>. Acesso em 06 jun. 2013.

DEAECTO, Marisa Midori. *Comércio e Vida Urbana na Cidade de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Senac, 2002.

DE LAURETIS, Teresa. "A Tecnologia do Gênero". In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-241.

DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Brasília: Edunb; Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1993,

- _____. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. “Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea”. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*. São Paulo: EDUC, 1998, n.º 17 (Trabalhos da memória), p. 223-258.
- DIBIE, Pascal. *O quarto de dormir: um estudo etnológico*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- D’INCAO, Maria Ângela. *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. “A mulher e família burguesa”. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7.ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 223-240.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Orgs.). *História das Mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBRADIL, 1991.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FERLA, Luis Antonio Coelho. *Corpos estranhos na intimidade do lar: as empregadas domésticas no Brasil da primeira metade do século XX*. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho, 2011. Disponível em <<http://www.snh2011.anpuh.org/site/anaiscomplementares>>. Acesso em 20 abr. 2013.
- FERREIRA, Jorgetânia da Silva. Gênero, Trabalho doméstico e Identidades: O necessário diálogo. *Revista Fato & Versões*, n. 2, v. 1, p. 17-32, 2009. Disponível em <200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/fatoeversoes/article/viewPDFInterstitial/17/10>. Acesso em 29 set. 2013.
- FINOCHIO, Carlos Eduardo de Carvalho. *Elites santistas: cotidiano, moradia e suas relações (1920-1940)*. 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.
- FREHSE, Fraya. *Ô da Rua! O Transeunte e o Advento da Modernidade em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2011.
- FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- GIEDION, Siegfried. *Mechanization takes command: a contribution to anonymous history*. New York: W.W. Norton, 1948.
- GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. “Teorias Antropológicas e Objetos Materiais”. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910*. Trad. Viviana Bosi. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- HAROCHE, Claudine. “Governo de si, governo dos outros: uma questão política e antropológica”. In: _____. *Da palavra ao gesto*. Campinas, SP: Papius, 1998, p. 35-49.
- HAYDEN, Dolores. *The Grand Domestic Revolution: A history of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods, and Cities*. Cambridge: MIT Press, 1981.
- HEILBORN, Maria Luiza e SORJ, Bila. “Estudos de gênero no Brasil”, in: MICELI, Sérgio (Org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*, ANPOCS/CAPES. São Paulo: Editora Sumaré, 1999, p. 183-221.
- HELLMAN, Mimi. Furniture, Sociability, and the Work of Leisure in Eighteenth-Century France. *Eighteenth-Century Studies*, vol. 32, n. 4 (1999), p. 415-445.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. Mudanças espaciais na casa republicana. A higiene pública e outras novidades. *Pós-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*. São Paulo, FAUUSP, n. 3, p. 6, jun. 1993, p. 5-18.

_____. *O Palacete Paulistano e Outros Formas de Morar da Elite Cafeeira (1867-1918)*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. O princípio da racionalidade e a gênese da cozinha moderna. *Pós-Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP*, n. 13, jun. 2003, p. 124-154.

KOFES, Maria Suely. *Mulher, Mulheres: identidade, diferença e desigualdade na relação entre patroas e empregadas domésticas*. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

LAERMANS, Rudi; MEULDERS, Carine. “The Domestication of Laundering”. In: CIERAAD, Irene (ed.). *At Home: an anthropology of domestic space*. New York: Syracuse, 2006, p. 118-129.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec/Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

LEMOES, Carlos A. C. *Cozinhas, etc.: um estudo sobre as zonas de serviço da Casa Paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *Alvenaria Burguesa: breve histórico da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café*. 2.^a ed. rev. ampl. São Paulo: Nobel, 1989.

_____. *Casa paulista: história das moradias anteriores ao ecletismo trazido pelo café*. São Paulo: Edusp, 1999.

LIMA, Ana Laura Godinho. Maternidade higiênica: natureza e ciência nos manuais de puericultura publicados no Brasil. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 47, p. 95-122, 2007. Editora UFPR.

_____. A recepção higiênica do bebê: um estudo a partir de manuais de puericultura publicados no Brasil entre 1918 e 1968. *Anais do VII Colóquio do LEPSI: Formação de Profissionais e a criança sujeito*, 2009, São Paulo: IP/FE-USP. Formação de Profissionais e a criança sujeito, 2008.

LIMA, Solange Ferraz de. *Ornamento e cidade: ferro, estuque e pintura mural em São Paulo (1870-1930)*. 2001. 136f. + anexos, Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos. Louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no RJ, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, Nova Série, vol. 3, jan. - dez. 1995, p. 128-191.

_____. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *Manguinhos: História, Ciências, Saúde*. v. II, n.3, p. 44-96, 1996.

_____. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, Nova Série. São Paulo, v. 3, jan. - dez. 1997, p.93-127.

MACHADO, Maria Helena P. T. “Entre Dois Beneditos: Histórias de amas de leite no Ocaso da Escravidão”. In: Giovana Xavier; Juliana Barreto de Farias; Flávio Gomes. (Org.). *Mulheres Negras no Brasil Escravista e do Pós-Emancipação*. São Paulo: Summus/Selo Negro, 2012, v. 1, p. 199-213.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil*, Belo Horizonte, Argumentvm, 2007.

MAIO, Marcos Chor. Afrânio Peixoto: notas sobre uma trajetória médica. *Revista da SBPC*, n. 11, p. 75-81, 1994.

MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2011.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do Mundo Feminino”. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 367-421.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp/Imesp, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. “Porta adentro: Criados de servir em São Paulo de 1890 a 1930”. In: BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila. *Novos Olhares: Mulheres e Relações de Gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994, p. 193 – 212.

_____. Estudos de Gênero: Percursos e Possibilidades na Historiografia Contemporânea. *Cadernos Pagu*. V. 11, 1998, p.67-75.

_____. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru: Edusc, 2002.

_____. *Portugueses: deslocamentos, experiências e cotidiano*. São Paulo séculos XIX e XX. Bauru: EDUSC, 2012.

MAUSS, Marcel. “As técnicas corporais”. In: *Sociologia e antropologia*, São Paulo, EDUSP/EPU, 1974, 2 vols., pp. 209-233.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. *Revista de História*, São Paulo, n.115 (Nova Série), jul.-dez. 1983, p.103-117.

_____. “O fogão da *Société Anonyme Du Gaz*: sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária”. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 21, p. 105-119, nov. 2000.

_____. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MENEZES, Raimundo. *Dicionário Literário Brasileiro ilustrado; sob o patrocínio do Instituto Nacional do Livro*. São Paulo: Saraiva, 1969.

MILLER, Daniel. Consumo como cultura material. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 33-63, jul./dez. 2007.

MONTGOMERY, Maureen E. *Displaying Women: spectacles of leisure in Edith Wharton’s New York*. New York: Routledge, 1988.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; ALVES, Júlia Falivene. (Orgs.). *Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo: uma História em Imagens (álbum fotográfico)*. São Paulo: Centro Paula Souza, Governo do Estado de São Paulo, 2002.

NALLI, Marcos Alexandre Gomes. “Antropologia e Segregação Eugênica: uma leitura das lições de eugenia de Renato Kehl”. In: BOARINI, Maria Lúcia (Org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003, p. 165-183.

NEEDELL, Jeffrey. *Belle époque tropical: Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- NOBRE, Miriam. "Trabalho doméstico e emprego doméstico". In: COSTA, Ana Alice et al (Orgs.). Reconfiguração das relações de gênero no trabalho. São Paulo: CUT Brasil, 2004, p. 61-69.
- OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Em casas térreas com alcovas. Formas de morar entre os setores médios em São Paulo, 1875 e 1900. *Anais do Museu Paulista*. Vol. 8/9. 2000-2001. pp. 55-75.
- _____. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*, São Paulo, 1850 – 1900. São Paulo: Alameda, 2005.
- OLIVEIRA, Sueli Teresa de. *Uma colméia gigantesca: escola profissional feminina de São Paulo – 1910/20/30*. 1992. 210 f. Dissertação (mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1992.
- PADILHA, Márcia. *A cidade como espetáculo: publicidade e vida urbana na São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2001.
- PEDRO, Joana Maria. "Historicizando o Gênero". In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; DE LUCA, Tania Regina (Orgs.). *O Historiador e seu tempo: encontros com a História*. São Paulo: Editora UNESP/ANPUH, 2008, p. 163-188.
- PÉREZ, Inés. "Historias del servicio domestico". *Nuevo Mundo Mundo Nuevos* [Online], Questões do tempo presente, mar. 2013, Disponível em <<http://nuevomundo.revues.org/65165>>. Acesso em 18 ago. 2014.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- _____. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. *História dos Quartos*. Trad. Alcilda Brant. São Paulo: Paz e Terra, 2011
- PICCINI, Andrea. *Cortiços na cidade: Conceito e Preconceito na Reestruturação do Centro Urbano de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 1999.
- PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Manuais de Civilidade, Modelos de Civilização. *História em Revista*, Pelotas, v. 9, p.1-16, Dez. 2003. Núcleo de Documentação Histórica. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/ich/ndh/downloads/historia_em_revista_09_maria_pilla.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.
- _____. *A arte de receber: Distinção e poder à boa mesa - 1900-1970*. 2004. 259 f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- _____. Labores, quitutes e panelas: em busca do lar ideal. *Cadernos Pagu*. N. 30, jan.-jun. 2008, pp. 329-343.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e Sobrevivência: A Vida do Trabalhador Pobre na cidade de São Paulo, 1890-1914*. São Paulo: Edusp, 1994.
- PISCITELLI, Adriana. "Recriando a (categoria) mulher?" In: ALGRANTI, Leila (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH-Unicamp, 2002. (Textos Didáticos, n. 48).
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil: ensaios*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.
- QUINTANEIRO, Tania. *Retratos de Mulher: O cotidiano feminino no Brasil sob o olhar de viajantes do século XIX*. Petrópolis, Vozes, 1996.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp. n.11. 1998. pp. 89-98.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A distinção e suas normas: leituras e leitores de manuais/de civilidade - Rio de Janeiro, século XIX. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 01/02, p. 139-152, Jan./Dez. 1995.

REDE, Marcelo. História a partir das Coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 4, pp. 265-282, jan.-dez. 1996.

_____. Estudos de cultura material: uma vertente francesa. In: *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 8-9, n. 9, p. 281-292, 2003.

_____. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 133-150.

REVEL, Jacques. “Os usos da civilidade”. In: *História da Vida Privada*. Da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 169-210.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa, *História sem fim*: inventário de saúde pública. São Paulo: Unesp, 1993.

RICE, Charles. *The emergence of the interior: architecture, modernity, domesticity*. London and New York: Routledge, 2007.

ROLNIK, Raquel. *Cada um no seu lugar!* São Paulo início da industrialização, geografia do poder. 1981. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.

_____. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

RONCADOR, Sônia. O demônio familiar: Lavadeiras, amas-de-leite e criadas na narrativa de Júlia Lopes de Almeida. In: *Luso-Brazilian Review*, Volume 44, N. 1, 2007a, p. 94-119.

_____. Histórias paranóicas, criados perversos no imaginário literário da *Belle Époque* tropical. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007b, pp. 127-140.

SAIA, Luís. *Morada paulista*. São Paulo: Perspectiva, 1972. (Col. debates).

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. *As mulheres, o poder e a família (São Paulo, século XIX)*. São Paulo: Marco Zero/Secretaria Estadual de Cultura, 1989.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. “Higiene e higienismo entre o Império e a República”. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (orgs.). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 283-312.

_____. “Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil”. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 122-128.

SANTI, Maria Angélica. *Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização*. São Paulo: Editora Senac, 2013.

SARTI, Raffaella. “Who are servants? Defining Domestic Service in Western Europe (16 th - 21 st Centuries)”, in S. Pasleau and I. Schopp (eds.). with R. Sarti, *Proceedings of the “Servant Project”*, 5 vols., vol. 2, Liege: Éditions de l’Université de Liège, 2005 (but 2006), p. 3-59.

SCHWARCZ, Lília Moritz. “Introdução”. In: ROQUETTE, José Ignácio. *Código do bom tom; ou, Regras da civilidade e de bem viver no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 07-39.

- _____. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SCOTT, Joan W. “História das mulheres”. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, p. 63-96.
- _____. Prefácio de “A Gender and Politics of History”. *Cadernos Pagu*. São Paulo: Unicamp. n.3. 1994: pp. 11-27.
- _____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
- SENA, Fabiana. A conversação como modo de distinção no Império: Tesouro de Meninos e Código de Bom-Tom nas escolas brasileiras. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n.37, p. 253-265, mar.2010. Disponível em <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/37/editorial.html>>. Acesso em 26 abr. 2014.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3, p. 7-48. (Introdução).
- SHIEH, Cynthia Lushien. *O que ensinar nas diferentes escolas públicas primárias paulistas: um estudo sobre os programas de ensino (1887-1929)*. 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em História da Educação e Historiografia). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SILVA, João Luiz Máximo da. *Cozinha Modelo: O Impacto do Gás e da Eletricidade na Casa Paulistana (1870-1930)*. São Paulo: Edusp, 2008.
- SILVA JÚNIOR, Nelson Gomes de Sant’Ana; GARCIA, Renata Monteiro. Moncorvo Filho e algumas histórias do Instituto de Proteção e Assistência à Infância. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, Ano 10, n.º 2, p. 613-632, 2.º quadrimestre de 2010. Disponível em <<http://www.revispsi.uerj.br/v10n2/artigos/pdf/v10n2a19.pdf>>. Acesso em 02 out. 2013.
- SOUZA, Eline Pereira de. *Cuidados de si: higiene e estética em tempos republicanos (1889-1930)*. 2011. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2011.
- SOUZA, Flavia Fernandes de. *Para casa de família e mais serviços: O trabalho doméstico na cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX*. 2009. 255 f. Dissertação (Mestrado em História Social do Território). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo, RJ, 2009.
- SOUZA, Rosângela Ferreira de. *Vínculos do Feminino: Puericultura e Relações de Gênero (1920-1940)*. 2004. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- STOREY, John Storey; TURNER, Graeme. *Cultural Consumption and Everyday Life*. New York: Oxford University Press, 1999.
- TAIRA Lincoln. *As Escolas Masculina e Feminina e o ensino profissional em São Paulo – 1911 a 1942*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2000.

- TELLES, Lorena Féres da Silva. *Libertas em sobrados: Contratos de trabalho doméstico em São Paulo na derrocada da escravidão*. 2011. 197 f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2011.
- TOMÉ, Dyeinne Cristina. *Modas e modos domésticos: os manuais de instrução femininos e a educação da mulher – décadas de 1950 e 1960*. 2013. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR, 2013.
- VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa; RODRIGUES, Jaime. A fotografia como instrumento do trabalho do higienista (São Paulo, primeira metade do século XX). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 477-491, jun. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702006000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 maio 2015.
- VEBLEN, Thorstein. *A Teoria da Classe Ociosa: um estudo econômico das instituições*. São Paulo: Abril Cultura, 1983.
- VIGARELLO, Georges. *O sujo e o limpo: uma história da higiene corporal*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. “Higiene do corpo e trabalho das aparências”. In: CORBIN, Alain; COUTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo: da revolução à grande guerra*. 2.^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 375-392.
- WARNIER, Jean-Pierre. *Construire la culture matérielle. L’homme qui pensait avec ses doigts*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- ZANATTA, Fabrício Batistin et al. Palito dental: razões para sua utilização e perfil cultural de usuários. *R. Periodontia*, Vol. 18, N. 03, set. 2008, p. 90-96.